STEPHEN E. AMBROSE

Autor do Sucesso O Dia D

BAND OF BROTHERS

(COMPANHIA DE HERÓIS)



BERTRAND BRASIL



“Um caminho incrível, e Ambrose ilumina brilhantemente cada quilômetro dele.”

— The Tampa Tribune

“Uma abordagem primorosa sobre as características dos soldados de infantaria de elite. . Os aficionados por história militar se deliciarão com a riqueza de detalhes da obra. . A pesquisa minuciosa e o senso de organização de idéias de Stephen Ambrose produziram um relato profundamente empolgante do serviço

heróico desse ‘grupo de irmãos’ que ele tanto admira.”

— San Francisco Chronicle

“Como membro dessa unidade. . estou impressionado com a eficiência com que o Sr. Ambrose captou a verdadeira essência de uma companhia de fuzileiros.”

— The New York Times

“Uma obra valiosa e fascinante. . O leitor avança comovido por suas páginas junto com os membros da Companhia E, sofre e ri com eles.”

— The Times-Picayune

“Leitura fascinante para todos os interessados nos combates da Segunda Guerra Mundial.”

— Publishers Weekly

A Easy Company, 506° Regimento de Infantaria Pára-quedista do exército norte-americano, foi uma das melhores companhias de fuzileiros do mundo. De seu rigoroso treinamento na Geórgia, em 1942 ao Dia D e à vitória dos Aliados, Ambrose nos conta a história dessa notável companhia, que sempre recebia as missões mais difíceis. A Easy Company foi responsável por tudo, do salto de pára-quedas na França nas primeiras horas da manhã do Dia D à captura do Ninho da Águia, a fortaleza de Hitler em Berchtesgaden. Band of Brothers é o relato dos homens dessa admirável unidade que combateram, passaram fome, sofreram com o frio e morreram, uma companhia que teve 150% de baixas e considerava a medalha Purple Heart um distintivo. Lançando mão de horas de entrevistas com sobreviventes, bem como dos diários e das cartas dos soldados, Stephen Ambrose conta as histórias, geralmente com as próprias palavras dos combatentes, desses heróis americanos.

STEPHEN E. AMBROSE, historiador, escreveu diversos livros sobre a história norte-americana: a expedição de Lewis & Clark e a conquista do Oeste, a construção da estrada de ferro transcontinental e a Guerra de Secessão, mas foram os livros sobre a Segunda Guerra Mundial, especialmente O Dia D e Soldados Cidadãos (ambos publicados pela Bertrand Brasil), que o transformaram num dos maiores nomes da historiografia contemporânea.

Nasceu em 10 de janeiro de 1936, em Illinois. Formou-se pela Universidade de Wisconsin em 1957 e concluiu o mestrado na Universidade Estadual de Louisiana para então retornar a Wisconsin e se tornar Ph.D. em 1963.

Ao longo da sua carreira lecionou história em inúmeras universidades e publicou mais de 20 livros. Foi diretor emérito do Eisenhower Center, em Nova Orleans, onde fundou o Museu Nacional do Dia D. Faleceu em 13 de outubro de 2002, no Mississipi, aos 66 anos.



Do Autor:

O DIA D — 6 DE JUNHO DE 1944

A Batalha Culminante da Segunda Grande Guerra

SOLDADOS CIDADÃOS

Do Desembarque do Exército Americano nas Praias da Normandia à Batalha de Ardenas e à Rendição da Alemanha (7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945)



BAND OF BROTHERS

(Companhia de Heróis)

Companhia E, 506°.

RIP, 101ª. DIA Da Normandia ao Ninho da Águia de Hitler Stephen E. Ambrose

Tradução MILTON CHAVES DE ALMEIDA

1992 by Stephen E. Ambrose

Título original: Band of Brothers

Capa: Raul Fernandes Editoração: DFL

2004

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

A todos os membros da Infantaria Pára-quedista

do Exército dos Estados Unidos de 1941 a 1945,

que usaram a Purple Heart não como

condecoração, mas como distintivo.

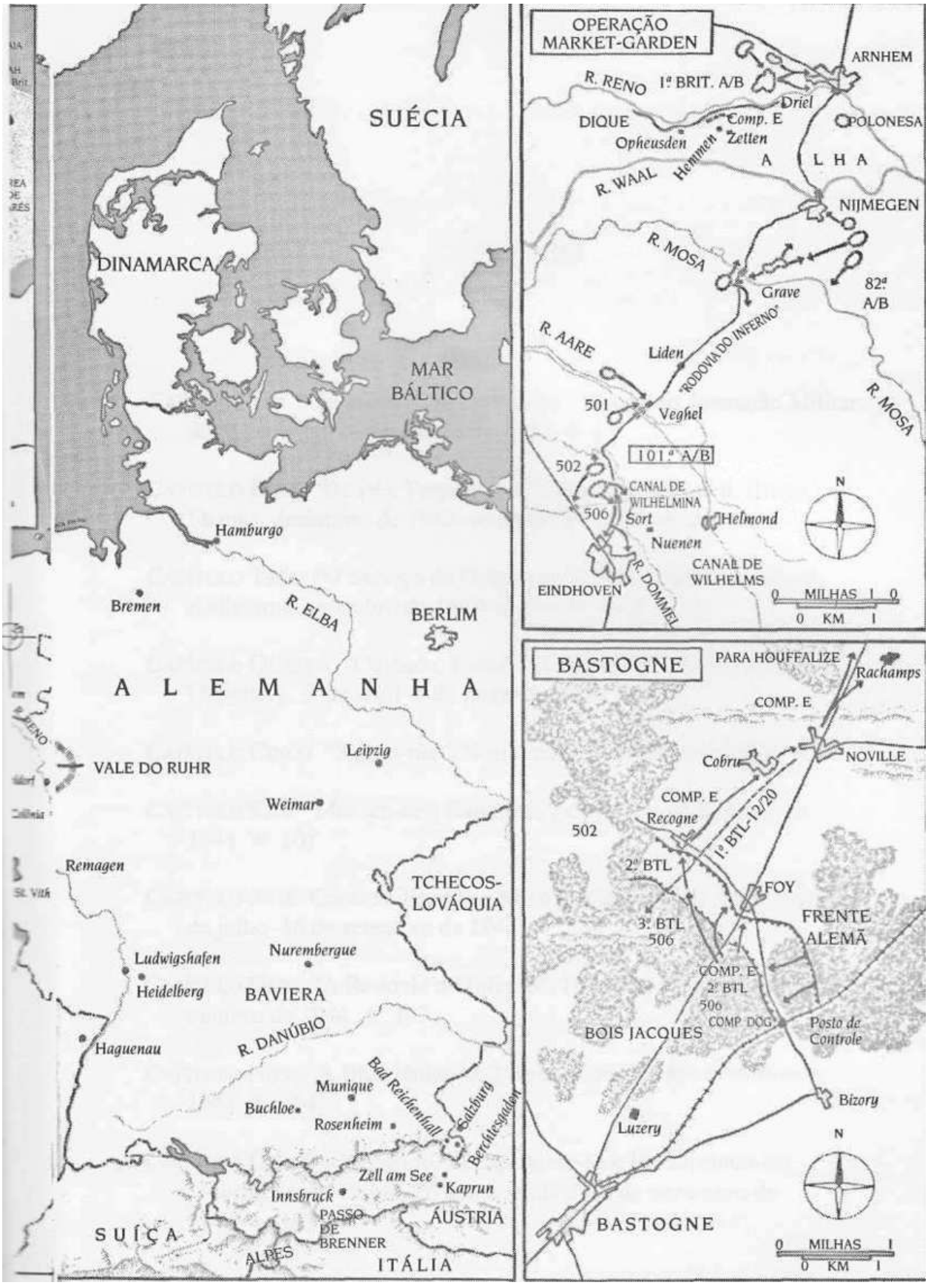
“From this day to the ending of the World,

. . we in it shall be remembered . . we band of brothers”

Henrique V

Wil iam Shakespeare


PRAIA DE UTAH
ATERRISSAGENS DA 101ª A/B
SAÍDA 4
SAÍDA 3
SAÍDA 2
SAÍDA 1
1º BTL
2º BTL
3º BTL
506
La Madeleine
Ste. Mère - Eglise
Les Forges
Brécourt
Ste. Marie-du-Mont
Culoville
Vierville
St. Côme-du-Mont
R. DOUVE
PARA ISIGNY
Carentan
ESTRADAS
MILHAS
KM
PRAIA DE UTAH Inf. Brit
ÁREA DE MARÉS
ESCÓCIA
MAR DO NORTE
Edimburgo
Belfast
MAR DA IRLANDA
Dublin
IRLANDA
Liverpool
INGLATERRA
Birmingham
Oxford
LONDRES
Swindon
Aldbourne
Lippottery
Membury
Southampton
Dover
Torquay
Slapton Sands
CANAL DA MANCHA
PASSO DE CALAIS
Calais
Amsterdã
PAÍSES BAIXOS
Arnhem
R. RENO
Nijmegen
Eindhoven
Antuérpia
Düsseldorf
Colônia
BÉLGICA
OFENSIVA ALEMÃ (CUNHA)
Lille
Tournai
ARDENAS
St. Vith
Bastogne
R. OISE
R. MOSA
Luxemburgo
Reims
Cherbourg
PEN. DE CONTENTIN
PRAIA DE UTAH
PRAIA DE OMAHA
Le Havre
Ste. Mère-Eglise
Carentan
Isigny
Carn
St. Lô
NORMANDIA
R. SENA
PARIS
R. MARNE
Mourmelon
Brest
Chartres
Joigny
Nancy
F R A N Ç A
Orleans
R. LOIRA
BAÍA DE BISCAIA
Nantes
EUROPA
TEATRO DE OPERAÇÕES EUROPEU - 101ª DIVISÃO A/B
MILHAS
KM
map by palacios


SUÉCIA
DINAMARCA
MAR BÁLTICO
Hamburgo
Bremen
R. ELBA
BERLIM
A L E M A N H A
VALE DO RUHR
Leipzig
Weimar
Remagen
TCHECOS-LOVÁQUIA
Ludwigshafen
Nuremberg
Heidelberg
BAVIERA
Haguenau
R. DANÚBIO
Munique
Bad Reichenhall
Salzburg
Berchtesgaden
Buchloe
Rosenheim
Zell am See
Kaprun
Innsbruck
PASSO DE BRENNER
ÁUSTRIA
SUÍÇA
ALPES
ITÁLIA
OPERAÇÃO MARKET-GARDEN
ARNHEM
R. RENO
1º BRIT. A/B
Driel
DIQUE
Comp. E
POLONESA
Opheusden
Zetten
Heminen
A
L H A
R. WAAL
NIJMEGEN
R. MOSA
Grave
82ª A/B
R. AARE
Liden
"RODOVIA DO INFERNO"
501
Veghel
101ª A/B
502
CANAL DE WILHELMINA
506
Sort
Helmond
Nuenen
CANAL DE WILHELMS
R. DOMMEL
EINDHOVEN
N
0 MILHAS 1 0
0 KM 1
BASTOGNE
PARA HOUFFALIZE
Rachamps
COMP. E
Cobru
NOVILLE
COMP. E
Recogne
502
1º BTL-12/20
2º BTL
FOY
3º BTL
506
FRENTE ALEMÃ
COMP. E
2º BTL
506
COMP. DOG
BOIS JACQUES
Posto de Controle
Bizory
Luzery
N
BASTOGNE
0 MILHAS 1
0 KM 1



1

“Queríamos Aquelas Asas”

CENTRO DE INSTRUÇÃO

MILITAR DE TOCCOA1

Julho-dezembro de 1942

Oriundos de várias partes dos Estados Unidos, os membros da Companhia E, 506º Regimento de Infantaria Pára-quedista (RIP), 101ª Divisão Aerotransportada do Exército Americano (DIA), caracterizavam-se por um passado de diferenças extremas. Uns haviam sido fazendeiros e mineradores, habitantes das montanhas e filhos do chamado Deep South 2 . Alguns eram extremamente pobres, outros provenientes da classe média. Um deles vinha de 1 Era um simples acampamento militar pouco antes do início da 2’ Guerra Mundial, quando o Ministério da Guerra dos Estados Unidos resolveu transformá-lo num centro de treinamento de pára-quedistas. (N.T.)

2 “Extremo Sul”, parte da região sudeste americana situada mais ao sul, compreendida, principalmente, pelos estados do Alabama, da Geórgia, da Louisiana e do Mississipi.

Região em que o racismo parece mais intenso que em outras partes dos EUA, já que a economia dos estados do Sul era baseada na escravidão. Esses estados ainda têm grandes populações de negros. Além disso, as pessoas do Deep South são tidas pelos americanos como mais conservadoras, e as igrejas fundamentalistas têm grande força ali. Às vezes, os americanos usam a expressão Deep South para demonstrar desdém pelas coisas de lá.

(Fonte: Longman Dictionary of English Language and Culture.) Harvard, outros de Yale, alguns da UCLA3. Apenas um servira no Old Army4, somente uns poucos vinham da Guarda Nacional ou da reserva. Eles eram soldados cidadãos.

Eles foram reunidos no verão de 1942, época em que os europeus estavam em guerra havia três anos. No fim da primavera de 1944, haviam se tornado membros de elite de uma companhia de infantaria aerotransportada leve.

Nas primeiras horas da manhã do Dia D 5 , em seu primeiro combate, a Companhia E capturou e tirou de ação uma bateria alemã de canhões de 105

milímetros que defendia um trecho da Praia de Utah6. A companhia encabeçou o avanço para Carentan, combateu na Holanda, controlou as cercanias de Bastogne, liderou a contra-ofensiva na Batalha das Ardenas, participou da campanha da Renânia e tomou o Ninho da Águia, a fortaleza de Hitler em Berchtesgaden. Ela sofreu quase 150% de baixas. No auge de suas atividades, na Holanda em outubro de 1944 e nas Ardenas em janeiro de 1945, foi uma das melhores companhias de fuzileiros do mundo.

Depois, com o dever cumprido, a companhia foi desfeita, e seus membros voltaram para casa.

Cada um dos 140 combatentes e 7 oficiais que formavam a companhia original trilhou caminhos diferentes na volta para o local em que ela nascera, Centro de Instrução Militar de Toccoa, na Geórgia, mas eles tinham algumas 3 University of California at Los Angeles. (N.T.) 4 “Exército Antigo”, alusão ao exército regular americano do século XIX, modernizado no século seguinte. (N.T.)

5 Dia 6 de junho de 1944. Na 2’ Guerra Mundial, dia em que os Aliados desembarcaram na França, para dar início à distribuição de suas forças de combate pela Europa, sob o comando do general Eisenhower. É lembrado pela organização militar, pela vontade dos envolvidos em trabalhar eficientemente em equipe e pelo sucesso que caracterizaram a operação. (N.T.)

6 Codinome de extensão de praia e da respectiva região litorânea da Normandia em que as tropas dos Aliados desembarcaram. (N.T.)

coisas em comum. Eram jovens, nascidos nos anos da 1ª Guerra Mundial e nos que os sucederam. E eram brancos, pois o exército americano, na 2ª Guerra Mundial, tinha uma política de segregação racial. Com três exceções, todos eram solteiros. Quando estudantes, tinham sido caçadores e atletas, em sua maioria.

Eles eram especiais em seus valores. Valorizavam muito o bem-estar físico, a

hierarquia e o fato de fazerem parte de uma unidade de elite. Eram idealistas, prontos e ávidos por incorporar-se a um grupo em luta por uma causa e procuravam ativamente uma unidade com a qual pudessem identificar-se, juntar-se a ela e cooperar com seus membros como se numa família.

Ofereceram-se como voluntários para compor o corpo de pára-quedistas, disseram, por causa da emoção e da honra que isso proporcionava e pelos 50

dólares mensais (para os alistados) ou 100 dólares (para os oficiais) como adicional que os pára-quedistas recebiam. Mas, em verdade, eles se ofereceram para saltar de aviões por duas razões sérias e pessoais. Primeiro, nas palavras de Robert Rader, “o desejo de ser melhor que o colega foi um ponto decisivo”.

Cada um deles, a seu modo, havia tido a mesma experiência de Richard Winters: a de acabar percebendo que, em sua passagem pelo exército, o melhor era dar o máximo de si, em vez de justificar a ociosidade com desculpas lamentáveis, tal como o faziam os soldados que conheceram nos postos de recrutamento ou nos centros de instrução básica. Eles queriam aproveitar bem o tempo gasto no exército, fazer dele uma experiência de aprendizado, amadurecimento e emoção.

Segundo, eles sabiam que entrariam em combate e não queriam fazer isso com recrutas maltreinados, fora de forma e pouco motivados ao lado deles.

Entre a opção de ser um pára-quedista encabeçando uma ofensiva e a de ser um simples soldado de infantaria que não pudesse confiar no sujeito ao lado, chegaram à conclusão de que o risco maior estava na de fazer parte da infantaria.

Quando o tiroteio começasse, queriam alçar os olhos para o colega ao lado, em vez de olhar para baixo.

Eles haviam sido castigados pela Depressão de 29 e tinham cicatrizes para exibir como conseqüência disso. Tinham crescido, muitos deles, sem o suficiente para comer, com sapatos furados, com suéteres esfarrapadas e sem o conforto do carro e do rádio. O estudo tinha sido interrompido, quando não pela Depressão, pela guerra.

— Apesar disso, de um passado como esse, eu amava muito, e ainda amo, o meu país — declarou Harry Welsh 48 anos depois. Independentemente de quanto tenham podido queixar-se legitimamente da forma pela qual a vida os havia tratado, não se amarguraram com isso nem com o seu país.

Saíram da Depressão com muitas outras qualidades positivas. Eram independentes, acostumados a trabalho árduo e a obedecer a ordens. Quer por meio da prática de esportes, quer da caça, quer de ambos, tinham adquirido a consciência do próprio valor e confiança em si mesmos.

Sabiam que estavam indo de encontro a grande perigo. Sabiam que fariam mais do que o próprio papel, individualmente considerado. Ressentiam-se do fato de ter de sacrificar anos de sua juventude em favor de uma guerra que não provocaram. Queriam arremessar bolas de beisebol, e não granadas, disparar espingardas, e não fuzis M-1. Mas, já que tinham sido surpreendidos pela necessidade de lutar, resolveram ser tão corretos quanto possível em sua carreira no exército.

Não que soubessem muito sobre unidades aerotransportadas, exceto que era algo novo e que tornar-se um de seus membros dependia apenas de uma decisão totalmente voluntária. Haviam dito a eles que o treinamento físico era mais rigoroso que tudo que tinham visto até então, ou ao que todas as outras unidades do exército seriam submetidas, mas esses jovens leões estavam ansiosos por isso. Tinham como certo que, quando terminassem o treinamento, seriam mais corpulentos, mais fortes e mais resistentes do que antes, quando tudo começou, e que passariam pelo treinamento com os colegas que lutariam ao lado deles.

— A Depressão passou — diz Carwood Lipton, lembrando-se do verão de 1942 —, e eu estava começando uma vida nova, que me faria mudar profundamente. — Todos eles mudariam.

O primeiro-tenente Herbert Sobel, de Chicago, foi um dos primeiros membros da Easy Company (Companhia E), e seu comandante. Seu sub-comandante era o segundo-tenente Clarence Hester, do Norte da Califórnia.

Sobel era judeu, sujeito refinado, ex-oficial da Guarda Nacional. Hester tinha começado como soldado e depois se tornou oficial pela Escola de Aspirantes-a-Oficial (EAO). A maioria dos líderes e assistentes de líderes de pelotão eram alunos recém-graduados pela EAO, e tal foi o caso dos segundos-tenentes Dick Winters, da Pensilvânia, Walter Moore, das pistas de corrida da Califórnia, e Lewis Nixon, da Cidade de Nova York e de Yale. S. L.

Matheson formou-se pelo Corpo de Instrução dos Oficias da Reserva7 na UCLA.

Aos 28 anos de idade, Sobel era o “coroa” do grupo; os outros tinham 24 anos ou menos.

A companhia, juntamente com as Companhias Dog, Fox e a Companhia do QG do 2º Batalhão, formavam o 2º Batalhão do 506° RIP. O comandante do batalhão era o major Robert Strayer, oficial da reserva de 30 anos de idade. O

comandante do regimento era o coronel Robert Sink, formado pela West Point em 1927. O 506° era uma unidade experimental, o primeiro regimento de infantaria pára-quedista cujos membros fariam seu treinamento básico e de salto 7 Em inglês, Reserve Officers’ Training Corps (ROTC). Programa patrocinado pelo exército americano para a instrução de jovens em universidades no que respeita a gerenciamento e assuntos e liderança militares. Normalmente, o exército americano paga os custos de educação do estudante em troca de entre dois e quatro anos de serviços seus no exército depois de formado. (N.T.)

juntos, como unidade. Um ano depois, ela seria incorporada à 101ª Divisão de Infantaria Aerotransportada (DIA), unidade conhecida como Screaming Eagles.

Os oficiais eram tão novatos nessa coisa de pára-quedismo quanto os soldados; eram professores que, em alguns casos, não estavam mais que um dia à frente da turma no conhecimento do assunto.

Os primeiros graduados da unidade tinham passado pelo Velho Exército.

— Nós os víamos — comenta o praça Walter Gordon, de Mississipi — quase como deuses, já que tinham experiência, eram pára-quedistas qualificados. Pois, ora, se sabiam fazer meia-volta, estavam mais adiantados que nós; nós éramos recrutas. Depois, quando considerávamos o passado, passávamos a vê-los com desprezo. Não podiam comparar-se com o nosso pessoal que chegava a cabo e a sargento.

Os primeiros praças da Easy foram Frank Perconte, Herman Hansen, Wayne Sisk e Carwood Lipton. Poucos dias depois de sua formação, a Easy estava completa, com 132 combatentes e 8 oficiais. Ela foi dividida em três pelotões e um quartel-general. Havia três esquadrões de fuzileiros, com 12

homens cada um, mais um esquadrão de morteiro, com seis homens em cada pelotão. Unidade de infantaria leve, a Easy tinha uma metralhadora e um

morteiro de 60 milímetros em cada um dos esquadrões de fuzileiros.

Poucos dos membros originais da Easy conseguiram passar por Toccoa.

— Os oficiais chegavam e partiam — observa Winters. — Bastava olhar para eles para ver que não conseguiriam sair-se bem. Alguns desses caras eram apenas sacos de banha. Eram tão desajeitados que não sabiam nem cair. — Isso foi típico dos homens que se submeteram a testes para uma vaga no 506° RIP; foram necessários 500 oficiais voluntários para obter 148 capazes de passar por treinamentos em Toccoa, e 5.300 alistados voluntariamente para obter 1.800

oficiais.

Tal como mostram os números, Toccoa era um desafio. A tarefa do coronel Sink era fazer esses homens passar por um treinamento básico, torná-los resistentes e robustos, ensinar-lhes os rudimentos de táticas de infantaria, prepará-los para a escola de pára-quedismo e montar um regimento que ele comandaria nos combates. — Fizemos a triagem desses homens — lembra-se o tenente Hester — e eliminamos os gordos e medrosos e ficamos com os magros.

O praça Ed Tipper nos fala de seu primeiro dia na Easy.

— Levantei o olhar em direção ao Monte Currahee e disse a alguém:

“Aposto que, quando terminarmos o programa de treinamento aqui, a última coisa que nos farão fazer será escalar aquela montanha até o topo.” [Currahee era mais morro do que montanha, mas erguia-se a uns 300 metros do solo e dominava a paisagem.] Alguns minutos depois, alguém tocou um apito.

Entramos em forma, recebemos ordens para trocar as botas e pôr calções de atleta. Fizemos isso e entramos em forma de novo — e depois cobrimos os pouco mais de 5 mil metros até o topo correndo e voltamos do mesmo jeito. —

Eles perderam alguns homens nesse primeiro dia. Uma semana depois, estavam fazendo, em ritmo de corrida — ou, pelo menos, em marcha acelerada —, o caminho inteiro até o topo e voltando.

No fim da segunda semana, prossegue Tipper:

— Disseram-nos: “Relaxem. Nada de corrida hoje.” Fomos levados ao refeitório na hora do almoço para comer um baita prato de espaguete. Quando saímos do refeitório, ouvimos o apito tocar, e nos disseram: “Mudança de ordens.

Vamos correr.” Fomos até o topo do Currahee e voltamos, com algumas ambulâncias nos acompanhando e homens vomitando espaguete pelo caminho inteiro. Os que desistiram e aceitaram o convite dos socorristas para voltar de ambulância foram dispensados e despachados no mesmo dia.

Disseram à tropa que Currahee era uma palavra indígena que significava

“Resistimos sem ajuda”, modo pelo qual se esperava que os pára-quedistas combatessem. A expressão tornou-se o grito de guerra do 506°.

Os oficiais e os soldados subiam e desciam o Currahee correndo três ou quatro vezes por semana. Faziam isso para que pudessem tornar-se capazes de cobrir o percurso de ida e volta, pouco mais de 10 mil metros, em 50 minutos.

Além disso, passavam por uma cansativa série de superação de obstáculos diariamente e faziam flexões de braço e pernas, suspensão em barras e outros exercícios físicos.

Quando não estavam exercitando-se, a tropa aprendia os rudimentos da vida de soldado. Começava por exercícios militares, formação compacta, e depois fazia marcha noturna carregando equipamento de campanha completo. A primeira noite de marcha era de 18 quilômetros; a cada nova marcha, acrescentavam-se dois ou três quilômetros. Eram feitas sem pausa para descanso, cigarro ou água. — Ficávamos em péssimo estado, exaustos, e tínhamos a impressão de que, se não conseguíssemos tomar um gole d’água, cairíamos com certeza — relata o praça “Pat” Christenson. No fim da marcha, Sobel examinava o cantil de cada um dos homens para ver se ainda estava cheio.

Os que conseguiam resistir chegavam lá por causa de uma força de vontade férrea e do desejo de reconhecimento público, para que vissem que eram especiais. Como todas as unidades de elite do mundo, a unidade de pára-quedistas tinha suas insígnias e seus símbolos. Assim que esses homens passavam pela escola de pára-quedismo, recebiam distintivos em forma de asas de prata para usar no bolso esquerdo da jaqueta, uma insígnia para o ombro esquerdo e uma para a boina e o direito de usar botas de pára-quedista com as

calças enfiadas nelas. Gordon disse que “isso não faz muito sentido agora [1990], mas, na época, estávamos dispostos a negociar a própria vida para usar esses objetos da Aerotransportada”.

O único descanso que tinham era quando assistiam a preleções sobre armas, mapas e leitura de bússola, táticas de infantaria, códigos, sinalização, telefonia de campanha, equipamentos de rádio, mesas telefônicas e instalação elétrica, demolições. Nas simulações de combate sem armas e à baioneta, voltavam a pôr os músculos trêmulos para trabalhar.

Quando lhes deram o fuzil, disseram a eles que cuidassem da arma como se estivessem tratando a própria esposa, com gentileza. Era deles e com eles deveria ficar, para dormir com ele no campo e conhecê-lo intimamente. Eles chegavam ao ponto de conseguir desmontá-lo e tornar a montá-lo de olhos vendados.

Para preparar a tropa para a escola de pára-quedismo, Toccoa tinha uma torre de cerca de 10 metros de altura. O sujeito era preso ao arnês de um pára-quedas fixado a ascensores de 5 metros de altura, que, por sua vez, eram presos a uma roldana, por cuja canelura passava um cabo. O ato de saltar da torre preso ao arnês e deslizar pelo cabo em direção ao solo dava a sensação de um salto de pára-quedas e de uma aterrissagem reais.

Todas essas atividades eram acompanhadas por aclamações uníssonas e coros, cantorias ou reprovações. A linguagem era chula. Esses alistados, com 19

ou 20 anos de idade, livres das limitações do lar e das convenções sociais, reunidos numa comunidade só de homens, oriundos de todas as partes dos Estados Unidos, usavam palavras como forma de pertinência grupai. A mais comumente usada era, de longe, a que começava por “ f ” 8. Ela substituía verbos e adjetivos. Era usada, por exemplo, para se queixarem dos cozinheiros: “esses fu—dos”, ou “cozinheiros fu—dos”; ou do que eles faziam: “fu—ram tudo outra vez”. David Kenyon Webster, estudante de língua inglesa em Harvard, admitiu que achava difícil adaptar-se à “linguagem vil, monótona e sem 8 Em inglês: “fuck, fucking, fucker, fuck[ed] it up [again]” *etc.* (N.T.) imaginação” do centro. A linguagem fazia esses garotos que estavam transformando-se em homens sentirem-se durões e, sobretudo, membros de um grupo. Até mesmo Webster acostumou-se com esse linguajar, embora jamais

tivesse gostado dele.

Esses homens estavam aprendendo mais do que apenas xingar, mais do que disparar fuzis, mais do que o fato de que os limites de sua resistência física eram muito maiores do que tinham imaginado. Estavam aprendendo a obedecer instantaneamente, sem contestação. Pequenas infrações eram punidas no local mesmo em que eram praticadas, geralmente exigindo-se do infrator que fizesse exercícios de flexão. Infrações mais sérias custavam ao jovem sua licença de fim de semana ou várias horas de marcha com todo o equipamento de campanha na praça de armas. O exército tinha uma máxima, conta-nos Gordon: — Não podemos obrigá-lo a fazer nada, mas podemos fazê-lo arrepender-se de não o ter feito. — Reunidos pela própria indigência, mantidos junto pela marcação das cadências, cantando, e por suas experiências em comum, estavam tornando-se uma família.

A companhia aprendeu a agir como unidade. Poucos dias depois de sua formação, seus 140 membros conseguiam realizar movimentos de direção e conversão, ou de meia-volta, como se fossem um só corpo. Ou iniciar movimento em marcha acelerada, ou de corrida. Ou ainda pôr-se ao chão para fazer flexões. Ou dizer em voz alta: — Sim, senhor! — Ou: — Não, senhor — unissonamente.

Tudo isso era parte dos ritos de iniciação comuns a todos os exércitos. E

também aprender a beber. Cerveja, quase que exclusivamente, na cooperativa militar, já que não havia nenhuma cidade nas proximidades. E muita cerveja.

Entoavam canções de soldados e, invariavelmente, lá pelas últimas horas da noite, um deles insultava o outro com uma alusão à mãe, à namorada, à terra natal ou à região dele. Depois, brigavam, tal como jovens soldados costumam fazer, ensangüentando narizes ou enegrecendo olhos, antes de seguir cambaleantes para os alojamentos, bradando palavras de guerra, sustentando uns aos outros, criando laços de camaradagem.

O resultado desse compartilhamento de experiências era uma união desconhecida pelos de fora. Camaradas são mais que amigos, mais que irmãos.

Sua amizade é diferente da que une amantes. Eles se conheciam e confiavam uns nos outros plenamente. Chegavam a conhecer as histórias de suas vidas, o que faziam antes de entrar para o exército, onde e quando se apresentaram como

voluntários, o que gostavam de comer e beber e quais eram suas aptidões. Nas marchas noturnas, ouviam alguém tossir e sabiam quem era; nas manobras noturnas, viam alguém se movendo sorrateiramente através da floresta e, pela silhueta, sabiam quem era.

A identificação entre eles obedecia a uma ordem decrescente: do exército à Aerotransportada, ao 506°, ao 2º Batalhão, à Companhia E, ao pelotão, ao esquadrão. O praça Kurt Gabei parece falar em nome de todos os membros da Companhia E na descrição que faz de sua experiência.

— Três de nós, Jake, Joe e eu, nos tornamos. . uma “subunidade independente”. Havia muitas dessas unidades em nossas organizações. Grupos de três e quatro, geralmente do mesmo esquadrão ou setor, elementos chave dentro das famílias que eram as pequenas unidades, eram prontamente reconhecidos como subunidades. . Essa amizade. . cresceu a tal ponto que jamais se desfez, jamais foi igualada. Muitas foram as ocasiões em que três subunidades dessas formaram um esquadrão, com resultados incríveis nos combates. Seus membros insistiam em passar fome em favor de outros, em sentir frio em benefício de outros, em morrer uns pelos outros. E o esquadrão tentava protegê-las ou resgatá-las de apuros sem a mínima avaliação das conseqüências, xingando seus membros ao longo do caminho inteiro por haverem tornado o resgate necessário. Um esquadrão de fuzileiros dessa espécie, um grupo de operadores de metralhadora, um grupo de observação e exploração avançada, um grupo de batedores de campanha eram uma combinação mística9.

O filósofo J. Glenn Gray, em seu clássico The Warriors, fala da amizade dessas unidades com muita propriedade: “A organização para o alcance de um objetivo comum e concreto em tempos de paz nas instituições comuns não lembra em nada o grau de amizade que se conhece tão comumente na guerra. .

No auge de sua floração, esse sentimento de amizade é como um êxtase. . Os soldados se revelam verdadeiros amigos entre si somente quando cada um deles está pronto para dar a própria vida em benefício de outro, sem refletir e sem pensar em perdas pessoais10.”

A amizade surgida nos treinamentos e reforçada nos combates durava a vida inteira. Quarenta e nove anos depois de Toccoa, o praça Don Malarkey, do Oregon, escreveu a respeito do verão de 1942: “Portanto, esse foi o início da experiência mais importante de minha vida, como membro da Companhia E.

Não houve dia, desde então, que deixei de agradecer a Adolf Hitler por ajudar-me a conviver com o grupo de homens mais talentoso e inspirador que conheci até hoje." Todos os membros da Easy entrevistados por mim para a criação deste livro disse algo semelhante a isso.

Os graduados vinham das fileiras, em substituição paulatina dos cadetes oriundos do Antigo Exército que desistiam à medida que o treinamento ia ficando mais rigoroso. Em um ano, todos os 13 sargentos da Easy eram do grupo original de praças, inclusive o primeiro-sargento William Evans, os 9 Kurt Gabei, The Making of a Paratrooper: Airborne Training and Combat in World War II. (Lawrence, Kan.: University Press of Kansas, 1990), p. 142

10 J. Glenn Gray, The Warriors: Reflections on Men in Battle (New York: Harper & Row, 1959), pp. 43,45 e 46.

segundos-sargentos James Diel, Salty Harris e Myron Ranney, e os sargentos Leo Boyle, Bill Guarnere, Carwood Lipton, John Martin, Robert Rader e Amos Taylor. — Esses homens — disse um praça — eram líderes que nós respeitávamos e com os quais iríamos aonde fosse necessário.

Os oficiais eram especiais também e, com exceção de Sobel, comandante da companhia, universalmente respeitados. — Não conseguíamos acreditar que pessoas como Winters, Matheson, Nixon e outras existiam mesmo — lembra-se o soldado Rader. — Eram pessoas de primeira classe, e achar que esses homens se importariam e dividiriam seu tempo conosco era como acreditar em milagres.

[Mas] eles nos ensinaram a ser confiantes.

Winters, prosseguiu Rader, "causou uma reviravolta em nossas vidas. Ele era sincero e amigo, profundamente interessado em nós e em nosso treinamento físico. Era quase tímido — não dizia 'merda' se pisasse nela". Gordon observou que, se um dos homens gritasse: "Ei, tenente, tem um encontro à noite?", Winters ficava vermelho como um tomate.

Matheson, que logo foi transferido para o estado-maior do batalhão como ajudante e que, posteriormente, chegou a general-de-divisão do exército, era a maior vocação militar dos jovens oficiais. Hester era "paternal"; Nixon, altivo. Winters era totalmente diferente dos dois, e também não era espirituoso nem obstinado. — Nem, em nenhum momento, Dick Winters tentou passar-se por

Deus; tampouco, em nenhuma ocasião, deixou de agir como homem! — diz Rader. Ele era um oficial que fazia os homens exercitar-se porque esperava somente o melhor deles, e “você gostava tanto dele que simplesmente odiava decepcioná-lo”. Ele era, e ainda é, idolatrado pelos que foram membros da Companhia E.

O segundo-tenente Winters tinha um problema grave e sempre presente: o primeiro-tenente (logo promovido a capitão) Sobel.

O comandante era relativamente alto, esguio, cabelos cheios e negros.

Tinha olhos rasgados, nariz grande e adunco. Seu rosto era alongado, e o queixo, recuado. Ele tinha sido vendedor de roupas e não sabia nada sobre o mundo lá fora. Era deselegante, desengonçado e nem um pouco atlético. Todos os membros da companhia tinham condicionamento físico melhor que o dele. Seus maneirismos eram “engraçados”; ele “falava de modo diferente”. Transpirava arrogância.

Sobel era um tirano mesquinho posto numa posição na qual tinha plenos poderes. Quando não gostava de um soldado, por uma razão qualquer, censurava-o pela menor infração, real ou imaginária.

Havia um quê de crueldade no homem. Nas inspeções matinais de sábado, ele seguia ao longo da formação, parava na frente do combatente que lhe houvesse desagradado de algum modo e o marcava para servir-lhe de “ouvido expiatório”. Depois de negar a três ou quatro soldados a licença de fim de semana, aumentava-lhes a punição para “ensarilhamento de armas” e mantinha outra meia dúzia ou mais deles no quartel para isso. Quando, no domingo à noite, alguém chegava atrasado, Sobel ordenava, na noite seguinte, depois de um dia inteiro de treinamento, que ele abrisse uma trincheira medindo 6 metros de comprimento, 6 de largura e 6 de profundidade com suas ferramentas de campanha. Quando o soldado terminava de cavar a trincheira, Sobel mandava-o

“fechá-la”.

Sobel estava determinado a fazer de sua companhia a melhor do regimento. Seu meio de garantir esse resultado era exigir mais dos membros da Companhia E. Seus exercícios eram mais longos e seus membros corriam mais rapidamente e treinavam mais duramente.

Na corrida até o topo do Currahee, Sobel seguia na frente da companhia, cabeça balouçante, braços agitados, olhando para trás por sobre os ombros para ver se via alguém desistindo. Com os pés grandes e chatos, corria como um pato aflito. E gritava: — Os japas vão pegá-los! — Ou: — Eia, Silver!

— Lembro-me de muitas situações após o término de uma longa corrida

— conta Tipper. — Todos à beira da exaustão e aguardando o comando em forma: "Fora de forma!" Sobel ficava correndo de um lado para o outro na frente da tropa gritando: — Não se movam, não se movam! — Não nos dispensava até se convencer de que tínhamos demonstrado disciplina o bastante para assumirmos a aparência de estátuas ao seu comando. Algo impossível, logicamente. Mas fazíamos o que ele queria, quando ele queria. Pois queríamos aquelas asas.

Gordon adquiriu um ódio eterno por Sobel. — Até eu aterrissar na França nas primeiras horas do Dia D — Gordon disse em 1990 —, minha guerra era com esse homem. — Juntamente com outros alistados, Gordon jurou que Sobel não travaria cinco minutos de combate, não quando os homens dele tivessem munição de verdade. Se o inimigo não o pegasse, havia uma dúzia ou mais de membros da Easy que juraram que o pegariam. Pelas costas, a tropa o amaldiçoava: "Judeu maldito" era o xingamento mais comum.

Sobel era tão severo com seus oficiais quanto com seus soldados. O

treinamento físico deles era o mesmo, mas, quando os soldados ouviam a última

"fora de forma" do dia, ficavam livres para ir para o beliche, enquanto os oficiais tinham de estudar os manuais de campanha e depois fazer um teste que Sobel lhes passara. Quando fazia reuniões com os oficiais, conta-nos Winters, "ele era muito arrogante. Não havia troca de idéias. Sua voz era aguda, irritante. Ele gritava, em vez de falar normalmente. Isso servia apenas para nos irritar". Seus oficiais apelidaram seu capitão de "Cisne Negro".

Sobel não tinha amigos. Os oficiais o evitavam no clube de oficiais.

Ninguém saía de licença junto com ele, nem procurava sua companhia. Ninguém na companhia sabia nada sobre a fase anterior da vida dele, nem tinha interesse em saber. Ele tinha seus favoritos, dos quais o mais prezado era o primeiro-sargento Wil iam Evans. Mancomunadamente, Sobel e Evans punham uns

homens contra os outros, para garantir um privilégio aqui, negar outro ali.

Qualquer um que tenha estado no exército conhece a figura. Sobel era o clássico "cocô de galinha". Ele criava o máximo de ansiedade em torno de assuntos de significância mínima. Paul Fussel , em seu livro Wartime, tem a melhor definição para a expressão: "A expressão servia para fazer referência a comportamentos que tornavam a vida militar pior do que precisava ser: a importunação mesquinha dos fracos pelos mais fortes; a disputa franca pelo poder, autoridade e prestígio; sadismo maldisfarçado como disciplina necessária;

'acerto de contas' constantes; o apego à letra, em vez do discernimento do espírito das ordens. Os 'cocôs de galinha' eram assim chamados — em vez de cocôs de cavalo, de boi ou de elefante — porque eram mesquinhos e ignóbeis e tomavam seriamente o que era mera futilidade.11"

Sobel tinha autoridade sobre a tropa. O tenente Winters tinha o respeito dela. Os dois estavam fadados a entrar em conflito. Ninguém disse isso diretamente, e nem todos na Easy percebiam o que estava acontecendo. Winters não queria que as coisas fossem assim, mas eles estavam competindo para ser o líder.

O ressentimento de Sobel por Winters começou na primeira semana em Toccoa. Winters estava à frente da companhia na sessão de ginástica. Ele se encontrava num tablado, fazendo a demonstração dos exercícios, "ajudando os companheiros a fazer a seqüência. Esses garotos, eles eram espertos. E eu tinha a atenção total deles". Em dado momento, o coronel Sink passou na frente deles.

11 Paul Fussell, Wartime: Understanding and Behavior in the Second World War (New York: Oxford University Press, 1989), p. 80.

E parou para observá-los. Quando Winters terminou, Sink foi até ele.

— Tenente — ele perguntou —, quantas sessões de ginástica esta companhia teve?

— Três, senhor — respondeu Winters.

— Muito obrigado — tornou Sink. Alguns dias depois, sem consultar Sobel, ele promoveu Winters a primeiro-tenente. Para Sobel, Winters tornou-se um homem marcado daquele dia em diante. O comandante passou a dar ao líder de pelotão

todo tipo de trabalho desagradável em que conseguisse pensar, tal como inspeção de latrinas ou a função de oficial encarregado do rancho.

“O cocô de galinha ou a atitude que o caracteriza podem ser reconhecidos prontamente, pois não têm nada a ver com o vencimento da guerra 12 ”, escreveu Paul Fussell. Winters não achava os trabalhos ruins.

Acreditava que pelo menos parte do que Sobel estava fazendo — quando não a forma pela qual ele estava fazendo isso — era necessário. Se a Easy fizesse percursos mais longos e corresse mais rapidamente que as outras companhias, se ficasse na praça de armas por mais tempo, se seus treinamentos de combate à baioneta fossem entremeados com “os japas vão pegá-los!” e outros tipos de exortações ou advertências, ora, ela acabaria sendo uma companhia melhor do que as outras.

O que irritava e contrariava Winters, sem levar em conta a mesquinhez e os métodos arbitrários, era a falta de discernimento de Sobel. O sujeito não tinha bom senso nem experiência militar. Não sabia ler um mapa. Nos exercícios de campanha, ele se voltava para o subcomandante e perguntava: — Onde estamos?

— Hester procurava localizar a posição deles para ele sem constrangê-lo, “mas todos sabiam o que estava acontecendo”.

Sobel tomava decisões sem pensar e sem fazer consultas, e, geralmente, 12 Ibid

suas decisões súbitas eram equivocadas. Certa noite em Toccoa, a companhia estava num bosque fazendo exercícios. Seu papel deveria ser o de assumir uma atitude defensiva, permanecer na posição, em quietude, e deixar que o inimigo entrasse na zona de morte. — Sem problema — contou Winters, lembrando-se da ocasião —, tarefa fácil. Basta espalharmos os homens, fazê-los tomar posições, e que “todos fiquem quietos”. Ficamos esperando, esperando, esperando. De repente, uma brisa começa a soprar pela floresta, e as folhas começam a farfalhar.

Sobel põe-se em pé de um pulo. — Lá vêm eles! Lá vêm eles! — Meu Deus! Se estivéssemos em combate, a companhia inteira seria varrida do mapa. E pensei:

“Não posso entrar em combate junto com esse homem! Ele não tem noção de nada!”

Winters percebeu, porém, que Sobel era um “disciplinador e que estava criando uma tremenda companhia. Toda vez que se observava a Easy, nossa, via-se que seus homens estavam muito bem preparados. Tudo que fazíamos era feito com qualidade”.

— Ele acabava com seu jeito civil de fazer as coisas e com sua dignidade, mas você se tornava um dos melhores soldados do exército — comentou o sargento Rader a respeito dele.

Na opinião de Winters, o problema era que Sobel não conseguia ver “a insatisfação e a repulsa cada vez maior da tropa. Você obedecia por medo ou pelo exemplo. Estávamos obedecendo por medo”.

Perguntei a todos os membros da Easy que entrevistei para a criação deste livro se a intimidade extraordinária, se a união impressionante, se a notável e duradoura capacidade de identificação com a Easy surgiu por causa de Sobel ou apesar da existência dele. Os que não deram como resposta “ambas as coisas”

disseram que foi por causa de Sobel. Rod Strohl fitou-me os olhos e disse francamente:

— Herbert Sobel fez a Companhia E. — Outros disseram algo parecido.

Mas quase todos o odiavam.

Esse sentimento ajudou a unir a companhia. — Quanto a isso, não há dúvida — afirmou Winters. — Era o sentimento de todos. Suboficiais, soldados, todos nós tínhamos esse mesmo sentimento. Mas — ele acrescentou — isso fez que nos uníssemos. Tínhamos que sobreviver a Sobel.

Eles o odiavam tanto que, mesmo quando deveria ter lhes conquistado o respeito, ele fracassou. Enquanto ainda estavam em Toccoa, todos, alistados e oficiais, tiveram de se submeter a um teste físico eliminatório. A essa altura, estavam em tão boa forma que ninguém ficou de fato preocupado com ele.

Quase todos conseguiam fazer de 35 a 40 flexões, por exemplo, e o exigido era que fossem feitas 30. Mas estavam todos muito excitados, disse Tipper, pois

“sabíamos que Sobel mal conseguia fazer 20 flexões. Ele sempre parava lá pela

vigésima quando se punha à frente da companhia nas sessões de ginástica. Se o teste fosse justo, Sobel fracassaria e seria dispensado".

— O teste de Sobel foi público e justo. Eu fazia parte de uma platéia não muito indiferente ao que estava acontecendo, posicionada a uns 15 metros de distância. Na vigésima flexão, ele estava visivelmente cansado, mas prosseguiu.

Na vigésima quarta, vigésima quinta, seus braços tremiam, e ele estava ficando vermelho, mas continuou lentamente. Como ele conseguiu completar as 30

flexões, eu não sei, mas conseguiu. Ficamos em silêncio, balançamos a cabeça; porém, não sorrimos. Não faltava determinação a Sobel. Nós nos consolamos com a idéia de que ele ainda era uma piada, independentemente de qualquer coisa.

Os pára-quedistas eram voluntários. Qualquer soldado ou oficial tinha a liberdade de fazer uma caminhada quando quisesse. Muitos a faziam. Sobel não.

Ele poderia ter desistido do desafio de tornar-se oficial da Aerotransportada e ter conseguido um posto administrativo com uma companhia de Intendência, mas sua determinação para sair-se bem era tão grande quanto a de qualquer membro da unidade.

Exigir mais da Easy do que se exigia da Dog e da Fox era difícil, pois o comandante do 2º Batalhão, major Strayer, era quase tão fanático quanto Sobel.

No Dia de Ação de Graças, Sink deixou que seu regimento ficasse à vontade e relaxasse, mas o major Strayer decidiu que a ocasião era boa para um exercício de campanha de dois dias para o 2ª Batalhão. O exercício envolveu longas marchas, um ataque contra uma posição de defesa, um alarme de ataque fictício com o uso de gás no meio da noite e a primeira experiência da tropa com rações K (latas com uma espécie de ensopado, biscoitos, chocolate e suco desidratado).

Strayer tornou esse Dia de Ação de Graças ainda mais memorável fazendo os soldados enfrentarem a Prova das Vísceras de Porco. Ele estendeu arame farpado pelo campo, a cerca de 45 centímetros do solo. Operadores de metralhadora atiravam por sobre o arame farpado. Abaixo dele, Strayer espalhou pelo chão vísceras de porcos que tinham acabado de ser abatidos — corações, pulmões, intestinos, fígados e tudo mais. A tropa teve de rastejar pelo solo através dessa porcaria. Lipton lembra-se de que, "para o exército, a diferença entre 'rastejar' e

‘engatinhar’ é que o bebê engatinha, e a cobra rasteja. Nós rastejamos”. Nenhum deles se esqueceu da ocasião.

Lá pelo fim de novembro, a instrução básica havia terminado. Todos os membros da companhia tinham conseguido especializar-se, tanto no manuseio de morteiros, metralhadoras, fuzis, aparelhos de comunicação, socorro médico de campanha quanto no de outras mais. Todos eles eram capazes de realizar qualquer serviço no pelotão, pelo menos rudimentarmente. Todos os praças conheciam os deveres do cabo e do sargento e estavam preparados para assumi-los se necessário. Todos que conseguiram triunfar em Toccoa tinham sido provados a ponto de quase explodirem em rebeldia. — Todos achávamos

— disse Christenson — que, depois disso, podíamos suportar qualquer coisa que atirassem em nós.

Um ou dois dias antes de deixar Toccoa, o coronel Sink leu um artigo na Reader’s Digest que dizia que um batalhão do exército japonês tinha batido o recorde mundial de marcha cobrindo 160 quilômetros ao longo da península da Malásia em 72 horas. — Meus homens podem fazer melhor do que isso — declarou Sink. Uma vez que o 2º Batalhão, comandado por Strayer, tinha treinado mais intensamente, Sink o escolheu para provar seu ponto de vista. O 1º

Batalhão pegou o trem para o Forte Benning, o 3º tomou o trem para Atlanta, mas o 2º seguiu para o seu destino marchando. Às 7 horas do dia 1º de dezembro, as Companhias Dog, Easy, Fox e a Companhia do QG do 2º Batalhão partiram, com cada um de seus membros levando seu equipamento inteiro e carregando sua arma. Isso foi muito ruim para os fuzileiros e terrível para aqueles como Malarkey, do esquadrão de morteiros, ou para Gordon, que teve de carregar sua metralhadora. O percurso que Strayer escolheu tinha quase 190 quilômetros, 160

deles em terreno selvagem, sem estradas pavimentadas. O tempo estava péssimo, com uma chuva congelante, um pouco de neve e, portanto, com o solo escorregadio, estradas lamacentas. — No primeiro dia, chapinhávamos e caíamos em lamaçais avermelhados, xingando, maldizendo isso e aquilo, contando os minutos até a primeira parada — conta-nos Webster. — Marcharam o dia inteiro, até o anoitecer e por algumas horas mais. A chuva e a neve pararam. Mas um vento frio, cortante, começou a soprar.

Por volta das 23 horas, o batalhão tinha percorrido quase 65 quilômetros.

Strayer escolheu o local do acampamento, uma colina lambida pelo vento, sem árvores, arbustos ou qualquer anteparo de qualquer espécie. A temperatura caiu para 6 graus abaixo de zero. A tropa recebeu pão com manteiga e geléia para o lanche, já que não conseguiu usar os fogões de campanha. Quando, às 6 horas, os soldados acordaram, tudo estava coberto por uma grossa camada de gelo. Botas e meias tinham congelado. Os oficiais e os soldados tiveram de tirar os cadarços das botas para pô-las nos pés inchados. Fuzis, morteiros e metralhadoras estavam presos ao solo, congelados. Suas barracas de campanha ficaram rígidas e quebradiças, como frágeis cascas de amendoim.

No segundo dia, precisaram de alguns quilômetros de marcha, até que seus enrijecidos e doridos músculos aquecessem, mas o terceiro foi o pior. Com perto de 130 quilômetros cobertos, havia ainda uns 60 a vencer, com os últimos 20 ou mais quilômetros na auto-estrada que levava a Atlanta. A marcha através da lama tinha sido uma experiência ruim, mas o concreto era muito pior para os pés. O batalhão acampou à noite no terreno da Oglethorpe University, nos arrabaldes de Atlanta.

Malarkey e seu amigo Warren “Skip” armaram sua barraca de campanha e deitaram-se para descansar. Algum tempo depois, veio-lhes a notícia de que o rancho estava pronto. Malarkey não conseguiu levantar-se. Assim, ele foi para a fila do rancho engatinhando. Quando chegou lá, Winters, o líder de seu pelotão, viu o estado dele e disse-lhe que, na manhã do dia seguinte, ele poderia seguir de ambulância para o destino final, Five Points, no centro de Atlanta.

Mas Malarkey estava certo de que conseguiria realizar a façanha. E

também quase todos os outros soldados. Demais, a essa altura, a marcha tinha gerado publicidade em toda a Geórgia, no rádio e nos jornais. Multidões entusiasmadas alinhavam-se em ambos os lados do caminho da marcha. Strayer tinha providenciado a presença de uma banda de música. Ela os recebeu a uns 2

quilômetros de Five Points. Malarkey, que vinha se arrastando, tomado de fortes dores, sentiu uma coisa estranha acontecer com ele quando a banda começou a tocar. A dor passou, e ele conseguiu endireitar a postura e terminou a marcha como se estivesse desfilando em revista em Toccoa.

Eles tinham percorrido quase 190 quilômetros em 75 horas. O tempo real de

marcha foi de 33 horas e 30 minutos, ou 6,5 quilômetros por hora, em média. Dos 586 combatentes e oficiais do batalhão, apenas 12 não conseguiram completar a marcha, embora alguns deles tivessem tido de prosseguir com a ajuda dos companheiros no último dia. O coronel Sink ficou justificavelmente orgulhoso. “Nenhum homem quis desistir”, disse à imprensa, “mas, quando desistiu, o fez com a cabeça erguida.” O terceiro pelotão da Easy, do tenente Moore, foi o único do batalhão no qual todos os homens percorreram cada metro do caminho com as próprias pernas. Como prêmio, encabeçaram a parada pelas ruas de Atlanta.



2

“De Pé e Preparem-se”

BENNING, MACKALL, BRAGG, SHANKS

Dezembro de 1942-setembro de 1943

Benning era, quanto possível, mais penoso do que Toccoa, principalmente um lugar conhecido como “Frigideira”, onde era feito o treinamento de saltos. O local era a área de estacionamento do regimento, no qual havia pequenas cabanas de madeira assentadas sobre solo arenoso, sem preparo. Mas Benning era um alívio bem-vindo para os membros da Companhia E, no sentido de que estavam recebendo treinamento realista para tornarem-se pára-quedistas, em vez de gastarem seu tempo de vigília fazendo exercícios físicos.

O curso de pára-quedismo começava com treinamento físico (estágio A), que era seguido pelos estágios B, C e D, cada um deles com duração de uma semana, mas o 506° pulou o estágio A. Isso aconteceu porque o 1º Batalhão chegou antes dos outros, passou pelo estágio A e causou constrangimento aos sargentos da escola de pára-quedismo que foram designados para liderar as sessões de ginástica e corridas. Os graduados de Toccoa riam dos sargentos. Nas corridas, começavam a correr de trás para a frente, desafiavam os sargentos a aceitar disputas e perguntavam a eles — depois de algumas horas de exercícios, que deixavam os sargentos ofegantes — quando terminariam o aquecimento e começariam a fazer exercícios de verdade. Depois de dois dias de abusos como

esses, os sargentos disseram ao comandante que o pessoal do 506° estava em condições físicas muito melhores do que eles. Com isso, todas as companhias do 506° foram logo para o estágio B.

Durante uma semana, a companhia seguiu em marcha acelerada todas as manhãs para os galpões de dobragem de pára-quedas, no qual a tropa aprendia a dobrar e embalar seus pára-quedas. Os pára-quedistas voltavam correndo para almoçar na Frigideira e depois passavam a tarde saltando sobre pilhas a partir das portas de simulacros de fuselagem de avião situados a 1,20 metro do solo, adestrando-se no controle do pára-quedas com o arnês suspenso a certa altura ou saltando de torres de 10 metros de altura presos ao pára-quedas suspenso por um cabo de aço.

Na semana seguinte, no estágio C, os soldados fizeram saltos livres e controlados de torres de quase 80 metros de altura. Uma dessas torres tinha assentos, amortecedores de choque e cabos-guia de pára-quedas; as outras tinham quatro pára-quedas que se soltavam do dispositivo que os prendia quando eles alcançavam o leque de suspensão. A partir daí, todos passaram a fazer vários saltos durante o dia e um à noite.

O estágio C tinha também, como principal componente do treinamento, uma máquina de ventilação potente, que criava um vendaval artificial ao nível do solo para forçar o deslocamento tanto do pára-quedas quanto do pára-quedista, de modo que o ensinasse a controlar e recolher o velame depois de aterrissar.

Após uma semana nas torres, os alistados estavam prontos para o estágio D, de exercícios práticos, consistentes de cinco saltos de um C-47, que daria as asas de pára-quedista aos que completassem o processo de formação. Os soldados embalavam seus pára-quedas na noite anterior, examinavam-nos e tornavam a embalá-los; examinavam-nos novamente e os embalavam, isso até depois das 23 horas. O toque de alvorada era às 5h30. Eles seguiam marchando para os hangares em Lawson Field, cantando e clamando, tomados de ansiedade e emoção. Punham os pára-quedas e depois sentavam-se em fileiras de bancos para aguardar a chamada e seguirem para os C-47s. Na ocasião, caçoavam uns dos outros, contavam piadas, fumavam muito, riam nervosamente, faziam visitas freqüentes à latrina e checavam várias vezes o pára-quedas principal e o de reserva, preso ao tórax.

O embarque era de 24 deles por aeronave. Com apenas uma ou duas exceções,

era a primeira vez que subiam num avião. Quando o C-47 atingia 1.500

pés de altitude, começava a voar em círculos. A luz vermelha se acendia; o mestre de saltos, um sargento instrutor, clamava: — De pé e preparem-se. — Todos os homens prendiam o cordão que sai da capa do pára-quedas principal ao que se estende pelo meio do teto da fuselagem.

— Chamada para a checagem do equipamento! — gritava o mestre de saltos.

— Número 12 OK!

— Número 11 OK! — E assim por diante.

— Aproxime-se da porta e fique lá!

O primeiro homem aproximava-se da porta aberta. Antes do salto, todos recebiam ordens para fixar o olhar no horizonte, em vez de no solo, por motivos psicológicos óbvios. Eram ensinados também a pôr as mãos na borda externa da porta, nunca na do lado interno. Com as mãos segurando a parte externa da porta, não havia nada que prendesse o sujeito ao avião, e o menor contato, ou mesmo a sensação de que o pára-quedista do salto seguinte o estivesse pressionando a saltar, era suficiente para fazê-lo sair do avião. Nas palavras de Gordon, se porventura ele empacasse, pondo as mãos no lado interno da porta,

“12 homens atrás dele não conseguiriam empurrá-lo para fora do avião se ele não quisesse mesmo ir. Era o poder do medo”. Quando o mestre de saltos via um pára-quedista pôr as mãos do lado de dentro, ele o puxava para trás e deixava os outros saltarem.

A maioria deles, de acordo com Gordon, “estava tão preparada e envolvida nisso que quase teria saltado do avião sem pára-quedas. A situação era mais ou menos essa”. De um modo geral, 94% dos membros do 506° foram aprovados, o que estabeleceu um recorde que ainda vigora.

No primeiro salto, os pára-quedistas saltaram um de cada vez. Assim que chegava à porta, o mestre de saltos dava-lhe um tapinha na perna. E lá ia ele.

— Eu me aproximava da porta e saltava num vácuo enorme, de tirar o fôlego — descreve Webster. — Meu coração me vinha à boca; na mente, um branco total. — O cordão de abertura semi-automática preso ao gancho do cabo de ancoragem

tirou a capa traseira do pára-quedas principal; o cadarço de abertura, preso ao ápice do velame, puxou este para fora e depois rompeu-se. A rajada de vento provocada pela queda livre inflou o pára-quedas, e ele sentiu o impacto terrível da abertura.

— Dali em diante, os saltos foram divertidos. Eu descia suavemente, oscilando, ou, como diriam os civis, balançando de um lado para o outro e olhando em volta, cheio de contentamento. O céu estava tomado de pára-quedistas muito bem-humorados, gritando uns para os outros.

*

Ficar de pé, parado naquela porta, era um momento de pura e ostensiva verdade. Homens que se haviam destacado no treinamento, homens que, depois, ganharam medalhas por bravura em combate como simples soldados de infantaria, congelaram. Às vezes, era-lhes concedida uma segunda chance, ou no mesmo vôo, depois que os outros tivessem saltado, ou no dia seguinte. Porém, geralmente, quando o pára-quedista congelava diante da porta uma vez, ele jamais saltava.

Dois membros da Companhia E congelaram. Recusaram-se a saltar. Um deles, o praça Joe Ramirez, foi empurrado para a parte traseira do avião, mas, depois que todos tinham saltado, ele disse ao mestre de saltos que queria saltar.

O avião circundou o campo. Na segunda volta, ele saltou. — Fazer isso requeria mais coragem do que saltar logo na primeira vez — observou o praça Rod Strohl.

A Easy fez seu segundo salto à tarde, com os pára-quedistas saltando novamente um de cada vez. O salto seguinte foi uma seqüência rápida de tropas deixando o avião em massa, com o mestre de saltos gritando “Vai, vai, vai!” à medida que os 12 pára-quedistas do grupo de salto da vez se aproximavam da porta. Os grupos deixaram o avião vazio em 6 segundos, para o assombro do mestre de salto. Carson escreveu em seu diário: “Acho que estou ficando obcecado por saltos, pois, quando estou em terra, penso na emoção de saltar e sinto vontade de fazer isso outra vez. Quando sinto aquele impacto da abertura, grito com todas as minhas forças.”

O quarto salto foi na véspera do Natal. Nesse dia, a companhia obteve dispensa e

teve um belo banquete com peru. Foi o primeiro Natal longe de casa para praticamente todos os membros da companhia. Carson escreveu: “Não parece ser dia de Natal; sem neve, sem árvore, sem presentes, sem pais e mães.”

Em 26 de dezembro, dia do último salto, todos os soldados receberam um certificado declarando que estavam “aptos a serem considerados, deste dia em diante, pára-quedistas qualificados”. Em seguida, veio o momento de maior orgulho para eles: o recebimento das asas de prata. Desse momento em diante, que jamais seria esquecido, cada um dos membros da Easy, cada membro do 506°, seria especial para sempre.

*

O coronel Sink organizou uma parada para o regimento e depois reuniu a tropa em torno dele. De pé numa plataforma, leu a ordem do dia (depois, os soldados receberam cópias impressas dela). “Vocês são membros de um dos melhores regimentos do Exército dos Estados Unidos”, declarou Sink, “e, conseqüentemente, do mundo.” Ele disse que os estava enviando a seus lares para uma licença de dez dias e os lembrou que “do soldado se esperam certas coisas — não apenas durante a licença —, e também a crença nos princípios pelos quais vocês governem suas vidas”. Eles deveriam caminhar com orgulho e porte militar, cuidar da aparência pessoal e “lembrar-se de nosso grito de guerra e mote: ‘Currahee’, e seu significado: ‘Resistir sem ajuda.’ Nós Resistimos sem Ajuda Juntos”.

Ele ordenou que os combatentes ficassem “longe da prisão” e os dispensou. Com suas asas de prata, botas polidas e as calças enfiadas nelas, lá foram eles. Quando chegaram em casa, foram alvo de admiração dos pais e dos amigos, obviamente por causa de sua boa forma física, mas ainda mais por conta da autoconfiança que haviam adquirido nos últimos seis meses. Tinham passado por um treinamento que três em cada cinco voluntários não conseguiram completar; tinham sobrevivido ao ódio e à hostilidade de Sobel; tinham saltado de um avião em vôo. Eram homens de escol.

E não tão de escol, porém, de modo que estivessem livres para ignorar as normas e os regulamentos do exército. O coronel Sink lhes havia ordenado que voltassem para Benning quando a licença terminasse, mas, com a deficiência dos sistemas de transporte aéreo, ferroviário e rodoviário nos Estados Unidos em

janeiro de 1943, um número alarmante de membros do 506° se atrasou na reapresentação para o serviço.

O coronel Sink organizou outra parada para o regimento. Os pára-quedistas se apresentaram em seu uniforme classe A, ou de gala. Foram conduzidos, em marcha, por uma rua de terra, a um lote vazio atrás dos alojamentos dos cozinheiros. Sink bateu continência e em seguida deu o comando de "descansar". Escutaram e observaram atentamente, em silêncio, enquanto o tenente lia uma lista de nomes, um de cada companhia, dos soldados que haviam sido os últimos a se apresentar.

— Soldado John Doe, Companhia E — disse o tenente, em voz alta. Um tambor, de pé ao lado do tenente, fez que seu instrumento rufasse suave e melancolicamente. Dois sargentos, portando submetralhadoras, aproximaram-se do praça Doe. Ele saiu da formação. Seu rosto estava pálido. Os sargentos, um de cada lado, escoltaram-no adiante. O tambor continuava a rufar. Pararam na frente do tenente. Este leu as ordens. O praça Doe estava sendo dispensado da unidade de pára-quedistas e seria transferido para uma unidade de infantaria.

O tenente tirou o distintivo do 506° do braço do praça, as asas de prata de seu peito, a insígnia de pára-quedista do quepe, e jogou tudo ao chão. Foi tão humilhante que os oficiais e a tropa ficaram xingando por entre os dentes. "Uma coisa mexeu conosco quase a ponto de explodirmos em louca rebeldia; um tenente desprezível, sem nenhum senso de decência ou bom gosto, ficou de pé ao lado do tambor, tirando fotografias de todos os companheiros que chegavam.

Muito ruim ser humilhado diante dos amigos, mas ser fotografado em seu momento de desgraça — esse tenente tinha que ter sido fuzilado", disse Webster na carta enviada à mãe.

Mas as coisas não pararam aí. Um jipe chegou, e um soldado jogou para fora as mochilas de campanha de Doe. Ele teve de tirar as botas, calçar sapatos comuns e passar a usar as calças como um membro de infantaria comum ("pernas certinhas", nas palavras dos pára-quedistas). Ele pegou as mochilas e, seguido pelos soldados portando submetralhadoras, retirou-se marchando, tristemente, com o tambor rufando continuamente, num quadro de puro desconsolo. Isso se repetiu nove vezes.

Depois disso, o 506° quase não teve problemas com soldados voltando atrasados

da licença.

No fim de janeiro, a Easy e o restante do 506° cruzaram o rio Chattahoochee em demanda da parte do Forte Benning situada no Alabama. Foi como ir da prisão para a liberdade. Os alojamentos eram confortáveis, e a comida, boa. Havia uma excelente cooperativa militar e um cinema. O treinamento concentrou-se em questões atinentes às atividades dos esquadrões, principalmente combates de porta em porta, o que era divertido, com muitas explosões, e nos quais faziam disparos de festim uns contra os outros, lançando granadas de fumaça. Os pára-quedistas fizeram seu sexto salto, o primeiro com fuzis.

As anotações no diário de Carson dão bem a idéia desses dias de inverno.

Oito de fevereiro: “Ontem à noite, estávamos com os ânimos exaltados. Por isso, quase destruímos os alojamentos numa briga com travesseiros. Depois de 3 horas de luta, ficamos cansados e fomos dormir.” Onze de fevereiro: “[O cabo Joe]

Toye, [o sargento George] Luz e eu [fomos] para Columbus. Telefonei para as garotas e fizemos uma festa, diversão e mais diversão. A certa altura da festa, deparei Betty, a chave do meu sucesso em Columbus. Por fim, tivemos que voltar para o alojamento, e cheguei aqui às 4h45.” Doze de fevereiro: “De volta a Chickasaw Gardens, em Columbus, e outra noite adorável. Betty e eu nos divertimos muito. Nos divertimos mesmo. Cheguei ao alojamento às 4h45 e entrei em serviço às 5h30 com apenas um olho aberto.”

Em março, “preparem-se; estamos partindo”. Camp Mackall, na Carolina do Norte, era um centro de instrução militar maravilhoso. Em 7 de novembro de 1942, ele tinha 62 mil acres de terreno baldio. Quatro meses depois, tinha 104

quilômetros de estradas pavimentadas, um hospital com 1.200 leitos, cinco cinemas, seis cervejarias gigantescas, um campo de aviação para todo tipo de tempo, com pistas de pouco mais de 1.500 metros de extensão e 1.750 edifícios.

Os alojamentos tinham sistema de aquecimento; os beliches tinham colchões. O

nome do centro era uma homenagem ao praça John T. Mackall, da 82ª Divisão de Infantaria Aerotransportada, o primeiro pára-quedista americano morto em combate na 2ª Guerra Mundial. Ele morreu em 8 de novembro, no dia do início das obras de construção, no norte da África. Camp Mackal era a casa do

Comando Aéreo.

O treinamento foi intensificado e ficou mais complexo. Agora, os saltos incluíam não apenas fuzis, mas também outras armas pequenas. O pára-quedista tinha de saltar com a bazuca numa única peça; tal era o caso também das metralhadoras leves (embora o tripé podia ser separado e levado por um segundo homem). Dois homens dividiam a tarefa de levar o morteiro de 60 milímetros e seu pedestal. Alimentos, munição, mapas, granadas de mão, explosivos de grande potência e outras coisas mais iam junto com os pára-quedistas. Alguns pára-quedistas estavam saltando com cerca de 45 quilos adicionais.

Depois dos saltos, havia dois ou três dias de exercícios na floresta, com ênfase na rápida movimentação das tropas, operando atrás das linhas inimigas como forças de grande magnitude. Ao anoitecer, mostrava-se aos líderes de pelotão sua localização no mapa e dizia-se a eles que estivessem em tal e tal lugar de manhã.

O capitão Sobel tomou o praça Robert “Popeye” Wynn seu mensageiro.

Num desses exercícios, ele enviou Wynn pelo campo para localizar seus pelotões.

Wynn conseguiu “perder-se” e passou a noite recuperando o sono perdido. De manhã, Sobel exigiu que Wynn lhe dissesse por que havia se perdido.

— Porque não enxergo no escuro — respondeu Wynn.

— É melhor que você aprenda a enxergar no escuro — devolveu Sobel, e enviou Wynn de volta para o esquadrão e o substituiu por Ed Tipper como mensageiro.

— Com minha ajuda — disse Tipper —, Sobel podia dar-se ao luxo de perder os mapas, a bússola e outros itens quando mais precisava deles. Ele estava recebendo “assistência” semelhante de outros e ficou ainda mais desorientado e perdido do que costumava ficar. Nossa esperança era que ele ficasse tão confuso que acabasse sendo substituído e que não tivéssemos de entrar em combate sob o comando dele.

“Seu fuzil é seu braço direito!”, Sobel costumava dizer a seus homens.

“Deveria estar a seu alcance o tempo todo.” Numa noite de exercícios, ele

resolveu ensinar uma lição a seus homens. Ele e o sargento Evans penetraram sorrateiramente na posição da companhia para roubar os fuzis dos soldados adormecidos. A missão foi bem-sucedida; pela manhã, Sobel e Evans tinham quase 50 fuzis. Com grande estardalhaço, Evans reuniu a companhia, e Sobel começou a dizer aos fuzileiros quanto eles eram uns combatentes de merda.

Enquanto ele vociferava, o comandante da Companhia Fox chegou, acompanhado de 45 de seus homens. Para grande constrangimento de Sobel, ficaram sabendo que ele e Evans haviam se perdido, entrado por engano na área de bivaque da Companhia Fox e roubado os fuzis deles.

Algumas semanas depois, Sobel feriu o pé num salto. Ele e o sargento Evans voltaram para o quartel, enquanto a companhia permaneceu no campo. O

capitão e o primeiro-sargento procederam a uma diligência particular. Revistaram todos os armários, roupas e pertences pessoais dos membros da Companhia E.

Examinaram bolsos, caixas abertas, folhearam cartas das namoradas e de familiares deles e confiscaram todos os itens que consideraram contrabando. —

Não sei o que eles estavam procurando — comentou Gordon Carson. — Nessa época, não havia drogas.

Sobel divulgou em cartazes uma lista de identificação do contrabando, com o nome do infrator e a punição. Os fuzileiros voltaram do campo de exercícios, sujos e exaustos, e viram que tudo que consideravam pertences seus estava bagunçado, peças íntimas, meias, pastas e escovas de dente, tudo amontoado em cima dos beliches. Muitos objetos haviam desaparecido.

Quase todos os soldados tiveram algo confiscado. De um modo geral, eram munição obtida sem permissão, roupas fora do regulamento ou pornografia.

Latas de coquetel de frutas e pêssego em fatias, roubadas da cozinha, tinham sumido, juntamente com camisas caras, nenhuma delas jamais devolvidas. Um dos soldados estivera colecionando kits de higiene. Alguns preservativos eram aceitáveis, logicamente, mas 200 deles constituíam contrabando; eles foram incluídos na lista de Sobel como itens confiscados.

— Isso foi um ponto de mudança de opinião decisivo para mim —lembra-se Tipper. — Antes dessa investida de Sobel, eu tinha antipatia por ele, mas não odiava de fato o sujeito. Depois disso, passei a considerar Sobel meu inimigo pessoal e decidi que não lhe devia mais lealdade ou qualquer outra coisa.

Todo mundo ficou fulo de raiva.

Diante do que aconteceu, passaram a correr comentários especulativos de quem mataria Sobel quando a companhia entrasse em combate. Tipper achou que tudo não passava de conversa, mas, "por outro lado, eu sabia que havia outros caras da Companhia E que falavam pouco, mas que, a meu ver, eram perfeitamente capazes de matar Sobel se tivessem oportunidade".

No exercício de campanha seguinte, a Companhia E foi informada de que alguns de seus membros seriam designados para atuar como baixas simuladas, de modo que os socorristas pudessem praticar aplicação de bandagem em ferimentos, improvisação de engessamento e colocação de talas, evacuação de soldados em padiolas e assim por diante. Disseram a Sobel que ele deveria atuar como uma dessas baixas simuladas. Os socorristas aplicaram nele um anestésico real, abaixaram-lhe as calças e fizeram nele uma incisão de verdade, simulando uma apendicectomia. Costuraram a incisão e cobriram-lhe com bandagem e esparadrapo. Em seguida, desapareceram.

Sobel ficou furioso, muito naturalmente, claro, mas não conseguiu chegar a lugar nenhum em sua pressão por uma investigação. Ele não pôde contar com nenhum membro da Companhia E que conseguisse identificar os socorristas culpados.

*

A qualidade da forma física dos membros da Companhia E ficou evidente em Mackall quando o Ministério do Exército ordenou que Strayer, comandante do 2º Batalhão — já famoso pela marcha até Atlanta —, providenciasse uma demonstração do grau de seu condicionamento físico. O

batalhão obteve nota 97. Uma vez que essa era a nota mais alta para um batalhão do exército, o coronel Jablonski, de Washington, achou que Strayer tinha forjado a nota. — Eles nos fizeram correr uma segunda vez, oficiais, soldados, o pessoal da intendência, cozinheiros, todos — e obtivemos nota 98 — conta Winters.

As

promoções estavam chegando

à Easy. Todos os três

segundos-sargentos, James Diel, Salty Harris e Mike Ranney, eram membros originais da companhia que tinham começado como praças. Tal era o caso também dos terceiros-sargentos, Leo Boyle, Bil Guarnere, Carwood Lipton, John Martin, Elmer Murray, Bob Rader, Bob Smith, Buck Taylor e Murray Roberts. Carson passou a cabo. O tenente Matheson foi promovido a oficial do estado-maior do regimento, enquanto os tenentes Nixon, Hester e George Lavenson passaram ao estado-maior do batalhão. (Até o fim da guerra, todos os postos vagos no estado-maior do 2º Batalhão foram preenchidos por um oficial da Easy. As Companhias D, F e CQG não tiveram nenhum de seus oficiais transferidos para o batalhão. — Foi por isso que as comunicações entre o batalhão, o QG do regimento e a Companhia E eram sempre excelentes. Foi por isso também que a Companhia E parecia ser sempre convocada para missões decisivas — avalia Winters.)

No início de maio, o 1º Pelotão, de Winters, recebeu um novo segundo-tenente, Harry Welsh. O sujeito era um graduado indeciso. Em abril de 1942, ele se havia apresentado como voluntário ao posto de alistamento de pára-quedistas e tinha sido lotado no 504° RIP da 82ª DIA. Depois da escola de pára-quedismo, ele se tornou sargento. Três vezes. Era constantemente rebaixado a praça por causa de brigas. Mas era um sujeitinho durão, com óbvio potencial de liderança. Seu comandante de companhia percebeu isso e indicou Welsh como aluno da Escola de Aspirantes-a-Oficial (EAO).

Welsh foi lotado na Companhia E, 2º Batalhão, 506° RIP. Antes disso, ele quis voltar para o 504° RIP, mas a política do exército era enviar oficiais formados pela EAO para novas unidades, pois receavam que, se voltassem para sua unidade antiga, teriam um relacionamento muito familiar com seus colegas alistados. Sobel pôs Welsh no pelotão de Winters. Eles se tornaram grandes amigos em muito pouco tempo. Sua amizade se baseava em respeito mútuo resultante de uma mesma visão de liderança. Mas não perdiam de vista o fato de que eram “oficiais acima de tudo”, segundo as palavras de Welsh.

No fim de maio, os membros da Easy recolheram suas barracas e juntaram-se a

outras companhias do 506° para pegar um trem parador com destino a Sturgis, Kentucky. No posto de recrutamento, garotas da Cruz Vermelha lhes deram café e rosquinhas, a última migalha de conforto que teriam durante um mês. E partiram em marcha para o interior, onde armaram pequenas barracas de campanha, abriram valas para servir de latrina e comeram o rancho favorito do exército para soldados em campanha: torradas com carne moída e creme de maionese, universalmente conhecidas como SOS13.

A situação não era de combate real, mas o mais próximo disso a que o exército conseguiu chegar. As manobras realizadas no Kentucky, no Tennessee e em Indiana, de 5 de junho a 15 de julho de 1943, combinaram a participação de soldados transportados por aviões e aeroplanadores no maior exercício de movimentação aérea de tropas feito até hoje.

Em 10 de junho, o 506° RIP foi oficialmente incorporado à 101ª DIA, fato que fez desse dia a data mais importante de toda a história da 101ª. O

reforço do 506° aumentou perceptivelmente o moral da 101ª, pelo menos de acordo com os membros da Companhia E.

As manobras, nas quais o Exército Vermelho enfrentaria o Exército Azul, abrangiam uma vasta área de colinas e montanhas numa região silvestre. A Easy fez três saltos. Christenson lembrava-se vivamente de um deles. Estava quente, sufocante, dentro do C-47, e as correntes de ar quente que subiam das colinas provocavam turbulência nos aviões. O cabo Denver “Bul ” Randleman, posicionado atrás do grupo de salto e, portanto, longe da porta aberta da aeronave, começou a vomitar no capacete. O soldado que estava na frente dele resolveu dar uma espiadela e acabou perdendo o almoço também. O efeito correu pela fila inteira. Nem todos conseguiram vomitar no capacete; o piso ficou encharcado de vômito, e o avião começou a feder. Christenson, lá na frente, estava conseguindo evitar o vômito, mas por muito pouco. — Meu estômago 13 Iniciais de “Shit on a Shingle” (“Merda na chapa”), associação jocosa com as da expressão “Save our Souls” (“Socorro!”). (N.T.)

estava a ponto de entrar em erupção. . “Por que eles não acendem a luz verde?

Até que enfim!” Lá atrás, gritos de — vai, vai! Merda, vai logo! —, e lá fui eu, lançando o corpo ao ar fresco e puro. Senti-me como se alguém tivesse passado uma varinha mágica pela minha cabeça e houvesse dito: “Christenson, você está

ótimo.” E estava mesmo.

As manobras envolviam longas marchas noturnas, dificultosa travessia de rios, com uma verdadeira escalada da margem oposta, em que os soldados venciam dois metros e escorregavam um, superação de obstáculos na forma de rochas, cepos e raízes, abertura de caminhos a golpes de foice através de vegetação rasteira e cerrada. Ocasionalmente, tiveram também o prazer de saborear frango frito oferecido pelos habitantes das montanhas do Tennessee.

Ao fim da sessão de instrução, terminavam cansados, sujos, cheios de coceiras pelo corpo.

No fim de julho, com o término das manobras, o 2º Batalhão do 506°

recebeu uma condecoração do general-de-divisão William C. Lee, comandante da 101ª DIA, por “combate esplêndido e agressivo, tática inteligente e soldados obviamente bem-treinados”. O general Lee se disse ainda confiante em que

“futuros testes darão mais provas de excelência nos treinamentos e em liderança”.

Então, a Easy transferiu-se de Sturgis para Camp Breckinridge, no Kentucky, onde havia alojamentos, ducha quente e outros luxos. Mas esse centro de instrução estava lotado, e, mais uma vez, as pequenas barracas de campanha foram usadas como dormitórios e o solo como travesseiro. Essa situação não durou muito, já que a maioria da tropa obteve licença de dez dias, e, logo depois que se reapresentou, a divisão inteira embarcou de trem para o Forte Bragg, na Carolina do Norte.

Ficou prontamente claro que Bragg era uma área de transição, já que a divisão se preparava com o intuito de seguir para além-mar. A comida era melhor; havia camas nos alojamentos, com duchas quentes e outras comodidades.

Mas o bom mesmo foi a reaparelhamento total da tropa. Os soldados receberam novos trajes, novas armas, novos equipamentos. Passaram seus dias no campo de tiro, treinando em alvos com seus fuzis e metralhadoras.

Para onde estavam indo, leste ou oeste, para o teatro europeu, do Mediterrâneo ou do Pacífico? Ninguém sabia; corriam rumores de pelotão para pelotão; faziam-se apostas.

Nos fins de semana, os combatentes iam a Fayetteville para “tomar uns tragos”, no Town Pump, um dos bares locais. As brigas eram freqüentes. A maioria era iniciada pelos pára-quedistas, que agrediam violentamente os praças lotados em Bragg. Além disso, provocavam os soldados das unidades de planadores.

Os membros das unidades de planadores eram recrutas lotados no regimento transportado por planadores. Embora fossem pára-quedistas, não eram voluntários e recebiam tratamento do exército como soldados de segunda classe. Não recebiam os 50 dólares adicionais mensais, não tinham distintivos especiais, não usavam botas nem, logicamente, as dispunham como pára-quedistas voluntários. Alguns deles chegaram a criar cartazes com fotografias de planadores acidentados e incendiados, com o seguinte título:

“Junte-se às unidades de planadores! Nada de adicional de vôo. Nada de adicional de salto. Mas nem um pouco de tédio!”

Alguns membros da Easy chegaram a ir ao campo de aviação de Bragg para fazer um vôo num planador. A experiência de aterrissar num daqueles caixotes de compensado serviu para convencê-los de que saltar de pára-quedas era um meio mais seguro de chegar ao solo. Quando o general Lee fez um vôo num planador, a aterrissagem acidentada causou-lhe a fratura de várias costelas.

— Da próxima vez, uso um pára-quedas — avisou. — Nós lhe dissemos que fizesse isso! — clamaram os membros da unidade de planadores. (Em julho de 1944, esses homens finalmente passaram a ganhar os 50 dólares mensais, como adicional por risco de vida, e a usar uma insígnia especial.) Em meados de agosto, a divisão se reuniu em formação de regimento.

Uma banda tocou Over There, e garotas da Cruz Vermelha choraram quando os soldados seguiram para as 20 composições de trens que aguardavam para levá-los à guerra. Uma vez a bordo e algo acomodados, começaram as apostas no destino para o qual os trens seguiriam: se para o norte, em demanda de Nova York, e depois para a Europa ou para o Mediterrâneo, ou se para o Oeste, rumo à Califórnia, e depois para o Pacífico. Os trens seguiram para o norte, com destino a Camp Shanks, cerca de , 48 quilômetros rio Hudson acima, em relação a Nova York. Os soldados receberam promessas de ganhar licença para visitar a cidade, mas elas não foram cumpridas. Ao contrário disso, houve mais inspeções médicas, seguidas de aplicação de injeções. — Uma injeção atrás da outra —

relata Christenson —, até que nossos braços pendessem do corpo como se fossem corda. — Oficiais e combatentes chegaram a saber de cor o manual Preparação para Mobilização Além-Mar.

Sobel criou um modelo de carta impressa para enviar às mães de seus soldados. “Cara Senhora”, era a abertura da carta. “Logo, seu filho, o praça Paul C. Rogers [o nome era preenchido à máquina] saltará do céu para entrar em combate e derrotar o inimigo. Ele terá as melhores armas e os melhores equipamentos. Ele passou por meses de treinamento rigoroso e cansativo para estar apto a triunfar nos campos de batalha.

Suas cartas freqüentes, cheias de amor e encorajamento, servirão para muni-lo com ânimo de luta. Com isso, ele não tem como fracassar, mas, sim, conquistar glória para si mesmo e fazê-la orgulhar-se dele e de seu país, sempre grato pelo serviço dele, nesta hora de necessidade.” Ele assinou todas as cartas com muito floreio: “Herbert M. Sobel, capitão, comandante.”

Os alistados conseguiram arranjar um pouco de uísque. Uma vez que estavam acostumados com cerveja, o efeito da bebida foi grande. Christenson ficou tão bêbado que “se apaixonou pela privada”, fato comum entre os jovens que tinham acabado de conhecer o uísque. O cabo Randleman o achou e o levou gentilmente para a cama. Na manhã seguinte, o ambiente tomado pelos gemidos e pelas queixas dos homens de ressaca, a companhia marchou para o cais do porto. Uma barca levou os soldados para um embarcadouro, onde café e rosquinhas servidos pelas jovens da Cruz Vermelha ajudaram a reanimar os que pareciam quase “mortos”.

Houve muito xingamento, em parte porque a tropa tinha esperança de que fosse passar por Nova York marchando, com destino aos campos de batalha, e isso não aconteceu, mas também porque não teve permissão para usar botas de pára-quedista. O motivo: espiões inimigos poderiam ver isso e ficariam sabendo que uma divisão aerotransportada estava de partida. A tropa teve de tirar o distintivo da 101ª, a Screaming Eagles, dos ombros.

Até onde Winters pôde lembrar-se, houve apenas um caso de “febre de embarque14 ”. Um oficial médico “usou de esperteza, já que sabia o que era necessário para ser incumbido de atender a casos de enjôo e deixar de embarcar”.

Todos os outros formaram uma fila única para embarcar pela prancha, carregando suas barracas de campanha e suas armas. Quando chegavam a bordo do navio de passageiros transformado em navio de transporte de tropas e respondiam à chamada, o encarregado de fazê-la marcava-lhes a presença. Foi necessário quase um dia inteiro para fazer com que os 5 mil soldados embarcassem num navio construído para transportar mil passageiros. Por fim, 14 Simulação de doença para evitar o embarque. (N.T.) rebocadores tiraram o navio do ancoradouro, e lá foi ele, movido a vapor, mar adentro. Os membros da Companhia E debruçaram-se na amurada do navio, de modo que pudessem ver a Estátua da Liberdade ficar para trás. Para quase todos eles, era a primeira viagem para fora dos Estados Unidos. Certa saudade do lar começou a impregnar o ambiente, acompanhada da percepção de “quão maravilhoso o último ano tinha sido”, tal como registrado no livro de memórias do regimento, o Currahee.



3

“O Serviço da Ordenança

Encarregada da Latrina”

ALDBOURNE

Setembro de 1943-março de 1944

O Samaria era um antigo navio hindu usado no transporte de correspondência e passageiros transformado em navio de transporte de tropas.

Originalmente construído para transportar mil passageiros, ele transportou 5 mil membros do 506°. O excesso de passageiros gerou um ambiente de péssimas condições de acomodação e conforto. A água fresca foi muito racionada; a tropa podia beber, conforme estipulado, a intervalos de 15 minutos, de um total de uma hora e meia por dia. Nos chuveiros, a água era salgada e fria. A tropa tinha de usar as jaquetas salva-vidas o tempo todo, e suas cartucheiras com os cantis presos a elas, o que fazia que os soldados trombassem um no outro constantemente. Dormiam sem tirar as roupas. Havia uma cama para cada dois homens, o que os obrigava a alternarem-se no uso dela, com noites de sono

passadas ou no convés, ou num corredor, ou em qualquer espaço que conseguissem achar e pudessem deitar-se. A fedentina era simplesmente insuportável.

Havia duas refeições por dia. Christenson nos fala de seu primeiro café da manhã.

— Acho que não conseguiríamos parar na descida das escadas para o salão do rancho, situado no convés inferior, escadas que eram escorregadias, sujas de graxa, e, quando finalmente chegávamos lá embaixo, o fedor era quase insuportável. Eles nos serviam a comida tirando-a de grandes panelas, cheia de peixe cozido e tomate. Os cozinheiros trajavam roupas brancas, mas sujas, com mancha sobre mancha, indicando que não as trocavam havia dias. — A tropa comia essa lavagem porque a fome apertava; para Webster, o salão do rancho tinha “os ares de um hospício flutuante”.

As refeições serviam, pelo menos, para quebrar a rotina, que consistia em andar pelos deques, passar algum tempo debruçado na amurada, observando o comboio, ou jogar a valer. O jogo era prática constante: pôquer, vinte-e-um e dados. Grandes quantias mudavam constantemente de mãos. Carson ganhou 125

dólares numa noite e perdeu tudo no dia seguinte. Os soldados tentavam ler, mas tinham poucos livros bons. O capitão Sobel tentou iniciar e dirigir uma sessão de ginástica, mas o espaço era insuficiente, e a ocasião se tornou mais uma piada produzida pelo oficial.

Em 15 de setembro, o Samaria atracou no cais de Liverpool. No dia seguinte, um trem levou a tropa para o sul. Caminhões pegaram os soldados na estação de Osbourne St. George e os levaram para o seu novo lar. Eles cobriram os últimos 2 quilômetros marchando, quando já havia anoitecido, com simples lanternas para enxergarem o caminho; o blecaute de guerra deu aos combatentes a impressão de que estavam em zona de combate. Eles foram para os seus alojamentos Nissen15, que eram aquecidos com fogões bojudos, de duas bocas, e, depois de receberem fronhas, além de cobertores de lã grossos e pesados, 15 Abrigo feito de metal, com forma de semicilindro emborcado e com uma das extremidades e a entrada em madeira. (N.T.)

mostraram-lhes a palha que poderiam usar para transformar em travesseiros. Em seguida, foram dormir.

Webster disse em seus escritos que, quando acordou na manhã seguinte:

“Achei que tinha desmaiado num cenário cinematográfico de Hol ywood.

Em toda parte, havia casinhas de contos de fada com telhados de colmo e roseirais nas laterais. Cavalos robustos sacudindo crinas longas transitavam por vielas serpeantes e pavimentadas com pedras arredondadas. Uma praça com um gramado amplo estendia-se de um dos lados de uma igreja normanda antiga, cinzenta, marcada pela exposição ao tempo, e cujo relógio assinalava as horas como o Big Ben, e cinco estabelecimentos públicos antigos, com suas placas balouçando ao sabor da brisa, nos davam as boas-vindas à terra da cerveja suave e amarga.” Eles estavam em Aldbourne, Wiltshire, perto de Hungerford, não muito longe de Swindon, a uns 140 quilômetros a oeste de Londres. Seria o lar da Companhia E durante quase nove meses, de longe o lugar em que ela mais tempo ficou.

Aldbourne era diferente de Toccoa, Benning e Bragg em muitos aspectos.

Esses centros em que os membros da Easy tinham ficado eram instalações auto-suficientes, isoladas, totalmente militares. Em Aldbourne, eles ficaram no meio de um vilarejo inglês, onde as pessoas eram conservadoras, aferradas a tradições, e estavam apreensivas com todos esses jovens ianques em seu ambiente. O risco de conflitos era grande, mas o exército criou um excelente programa de orientação, que funcionou bem. No início dessa primeira manhã e durante a maior parte da semana, os soldados foram submetidos a preleções detalhadas sobre os costumes, os modos, os hábitos dos ingleses. Tão disciplinados como eram, assimilaram rapidamente a idéia básica de que deveriam poupar suas energias para Swindon, Birmingham ou Londres; em Aldbourne, deveriam tomar sua cerveja nos bares locais pacificamente, tal como os britânicos.

Aprenderam também a consumir o que os britânicos consumiam então: leite e ovos em pó, damasco e batata desidratados, carne de cavalo, couve-de-bruxelas, nabo e repolho. Os produtos da cooperativa militar eram racionados: quatro maços de cigarro por semana, além de três barras de chocolate, uma caixa de chicletes, um sabonete, uma caixa de fósforos, uma caixa de lâminas de barbear.

Sobel continuou o mesmo. No primeiro fim de semana, a tropa recebeu licença para ir a Swindon e participar de um baile sábado à noite lá. Sobel estabeleceu uma norma: nenhum soldado tiraria a camisa quando estivesse dançando. O

praça Tom Burgess, jovem de fazenda da região central de Illinois, começou a suar enquanto dançava trajando uma camiseta de algodão por baixo da camisa. Diante disso, ele tirou a camisa.

No domingo de manhã, Sobel chamou Burgess a seu escritório. —

Burgess, soube que você esteve dançando num baile na cidade, na noite de sábado, sem a camisa.

— É verdade, capitão Sobel — tornou Burgess —, mas examinei os regulamentos do exército e vi que está bem claro que você pode tirar a camisa se tiver por baixo uma camiseta de algodão e estiver movimentando-se ou dançando ou fazendo outra coisa qualquer.

Sobel o olhou de cima a baixo.

— Vou lhe dizer o que farei, Burgess. Você usará sua camisa por cima do uniforme de faxina durante a semana inteira; e dormirá com ela todas as noites.

Burgess usou a camisa durante o dia, mas achou que Sobel não procuraria saber se ele iria fazer isso à noite. Assim, em vez de usá-la, pendurou-a numa das extremidades da cama. No sábado seguinte, foi ao escritório de Sobel para tratar de obter licença e poder ir ao baile. Sobel olhou-o de cima a baixo outra vez.

— Burgess — ele disse —, essa camisa não me dá a impressão de que você dormiu com ela no corpo a noite inteira. — Ele não conseguiu a licença.

Eles estavam na Inglaterra para os preparativos da invasão da Europa, não para dançar, e o programa de treinamentos era intenso. Malarkey teve a impressão de que havia voltado para Toccoa. Seis dias por semana, de oito a dez horas por dia, eles ficavam no centro. Faziam excursões de 24,28,33 e 40

quilômetros, realizavam operações noturnas, passavam um hora, diariamente, fazendo exercícios de combate de luta corpo-a-corpo e recebiam instrução em interpretação de mapas, de primeiros socorros, de guerra química e de uso e características de armas alemãs. Empreenderam uma excursão de 40 quilômetros com equipamento de campanha completo em 24 horas e, alguns dias depois, outra excursão de 40 quilômetros, dessa vez com mochila de campanha, em 12

horas. Houve cursos especiais sobre armadilhas, remoção de minas, comunicações e assuntos correlatos.

Uma vez por semana mais ou menos, eles saíam para pôr em prática o que aprenderam num programa de exercícios com duração de dois a três dias. Os problemas eram criados não apenas para dar-lhes um conhecimento prático dos mecanismos de combate, mas também para ensinar-lhes a coisa mais simples que o infante tinha de saber: como amar o solo, como usá-lo em benefício próprio, como o tipo de terreno dita a tática a ser adotada e, sobretudo, como viver nele e dentro dele durante dias seguidos sem prejuízo para a eficiência do corpo. Os oficiais ressaltavam a importância de coisas como essas, que seriam a diferença entre viver e morrer, que a tropa deveria pô-las em prática correta e instintivamente na primeira vez em que isso fosse necessário, já que não haveria a segunda vez.

Assim, os membros da Companhia E chegaram a conhecer relativamente bem o interior da Inglaterra. Em operações de manobra de instrução, atacaram cidades, colinas e florestas. Abriram um número incontável de trincheiras individuais e dormiram nelas e aprenderam a fazer isso suportando chuva, frio e fome.

De volta ao campo no início de dezembro, a companhia se entrincheirou numa colina alta, escalvada e exposta a intempéries. Os líderes de pelotão disseram à tropa que fizesse trincheiras individuais profundas, tarefa difícil num solo rochoso. Logo depois, uma equipe de combate blindada composta de tanques Sherman atacou. “Subiram a montanha rugindo contra nós como um monstro primitivo”, Webster escreveu em seu diário, “pararam, viraram-se e lançaram toda a carga sobre nós. Um deles atacou minha posição. Minha trincheira não era funda o suficiente para uma das lagartas passar seguramente por cima de mim. Então, gritei desesperadamente: ‘Desvie, desvie!’ Foi o que ele fez. O tanque passou escarranchadamente pela trincheira.” Em seu diário, Carson descreveu o incidente com as seguintes palavras: “Foi a primeira vez que um tanque passou por cima de mim numa trincheira; pavoroso.”

Houve muito trabalho noturno, lembra-se Gordon. — Cruzávamos campos, escalávamos cercas, atravessávamos desfiladeiros, florestas e rios. —

Nisso, os membros dos esquadrões e dos pelotões, já familiarizados uns com os outros, passaram a conhecer-se profundamente. — Eu podia ver uma silhueta à noite — prosseguiu Gordon — e dizer quem era. Eu podia fazer isso observando

a maneira pela qual o sujeito usava o quepe, como o capacete lhe caía na cabeça, como ele levava o fuzil na bandoleira. — A maior parte do que eles aprenderam no treinamento mostrou-se valiosa nos combates, mas foi a intimidade, a confiança total, a camaradagem que desenvolveram naquelas noites longas e frias da Inglaterra que se mostraram inestimáveis.

A tropa fez saltos regulares, com equipamento completo, para aprender a usar os tirantes e ser levada para campos cultivados, abertos, em vez de aterrissar numa sebe, numa estrada, num poste telefônico, num muro de pedra ou numa floresta. Nos C-47s, no ar frio e úmido inglês, seus pés estavam dormentes quando a luz verde se acendeu. Com isso, quando chegaram ao solo, sentiram comichões e queimações nos pés, em razão do impacto da aterrissagem. Um dos principais objetivos dos saltos era fazer o combatente aprender a recolher o pára-quedas rapidamente depois de aterrissar, o que não foi muito fácil para o 2º

Pelotão da Easy no primeiro salto, considerando-se que ele aterrissara a 40

quilômetros da zona de salto (ZS).

Houve tensão. Membros da 82ª DIA, estacionada nas proximidades, ficaram de demonstrar aos pára-quedistas da 101ª como tinham sido os combates no Norte da África, na Sicília e na Itália. Os oficiais eram os que mais sentiam a pressão da proximidade dos combates, não mais, porém, do que Sobel. — Via-se isso na atitude dele. — observou Winters. — Ele estava se tornando mais amargo e sádico. Estava chegando a um ponto insuportável.

Em suas recordações do fenômeno, o sargento Earl Hale disse que

“corria uma aposta para se saber quem acertaria Sobel”. Este tinha pegado uma jaqueta de pele de carneiro da Força Aérea, da qual sentia orgulho e a qual ele vestia em campanha, o que o fazia atrair muita atenção. Tipper lembra-se de que, quando a companhia estava treinando no campo de provas com munição de verdade, atirando contra alvos fixos, “Sobel sentiu que alguns tiros passaram perto dele. Mais de um deles foi disparado de trás e dos lados, de modo que Sobel ouvisse o estampido bem próximo à cabeça. Ele se jogava abruptamente ao chão, fazia um arremedo de meia-volta rápida e breve, gritava algo e atirava-se ao solo outra vez. Havia muita risada e gesticulação entre os homens. Não consigo acreditar que Sobel achava que o que estava acontecendo era acidental, mas talvez ele sim. De todo modo, ele continuou a levantar-se de um salto,

atirar-se ao solo e correr de um lado para o outro, como se tudo aquilo fosse normal”.

A tropa continuava a pregar peças em Sobel. O praça George Luz conseguia imitar vozes. Certa noite, a Companhia E encabeçava o batalhão numa marcha pelo campo. As cercas de arame farpado continuavam a retardar o avanço deles. Sobel seguia na frente.

— Capitão Sobel — vibrou de súbito no ar a voz disfarçada do praça —, qual é o problema?

— Arame farpado — respondeu Sobel, achando que estava falando com o major Oliver Horton, o subcomandante do batalhão.

— Corte essa cerca — exclamou Luz, continuando a imitar a voz de Horton. — Sim, senhor — tornou Sobel, e ordenou que levassem cortadores de arame farpado para a linha de frente.

Na manhã seguinte, um grupo de fazendeiros de Wiltshire procurou o coronel Strayer. Queixaram-se veementemente do corte feito nas cercas. Suas vacas estavam pastando livremente pelo campo. Strayer mandou chamar Sobel.

— Por que você cortou as cercas?

— Recebi ordens para cortá-las, senhor!

— De quem?

— Do major Horton.

— Não é possível. Horton está de licença em Londres. — Sobel foi duramente repreendido, mas nunca conseguiu saber quem o tinha enganado e, portanto, não pôde retaliar.

Eram suas repreensões, seu tolo “Eia, Silver!”, seu trato desajeitado com problemas táticos que mais irritavam os oficiais, os graduados e os alistados da companhia do que sua mesquinhez. A insatisfação aumentava dia após dia, e, principalmente os sargentos Myron “Mike” Ranney, jovem de 21ªnos de idade, de Dakota do Norte, do 1º Pelotão, e “Salty” Harris, do 3º Pelotão, queixavam-se

do perigo potencialmente desastroso que havia no fato de Sobel liderá-los nos combates. Os graduados estavam perfeitamente conscientes de que estavam numa situação extremamente perigosa e desafiadora. Agir os tornaria passíveis de acusação de insubordinação ou motim em tempo de guerra; deixar de agir poderia levar a companhia inteira à morte.

Ranney, Harris e outros graduados tinham a esperança de que os líderes de pelotão levassem o problema ao coronel Sink ou que este tomasse conhecimento da situação por si mesmo e que, depois, afastasse Sobel discretamente. Mas isso parecia ingenuidade. Como jovens oficiais, cuja responsabilidade era apoiar seu comandante, poderiam procurar o coronel para queixarem-se do comandante? E de que se queixariam? A Companhia E

continuava a encabeçar as operações do regimento, nos campos, nos quartéis, nas competições atléticas. Como os graduados poderiam esperar que o coronel Sink fizesse outra coisa que não fosse apoiar seu comandante de companhia diante da dissensão e da pressão de um grupo de sargentos e cabos? Esses homens estavam preparando-se para travar combate com o mais temido exército do mundo, não para disputar uma partida de um jogo qualquer ou enfrentar um debate.

Assim, os resmungos continuaram, e Sobel e o primeiro-sargento Evans permaneceram isolados, mas ainda no comando.

*

Licenças de fim de semana e o excelente sistema ferroviário britânico serviram para quebrar um pouco a rotina tensa na tropa. A Inglaterra do fim de outono e início de inverno de 1943 foi um país das maravilhas para os jovens americanos. A maioria dos jovens britânicos da idade deles estava na Itália ou em centros de instrução longe dos lares. Com isso, havia mulheres jovens solitárias, entediadas e descompromissadas em toda parte. Os soldados americanos eram bem pagos, bem mais que os britânicos, e os pára-quedistas tinham os 50 dólares adicionais mensais. A cerveja era barata e abundante, e, uma vez fora de Aldbourne, todas as restrições deixavam de existir. E eles estavam preparando-se para matar ou morrer. Em sua maioria, tinham 20 ou 21ªnos de idade.

Webster nos fala disso no registro que fez no dia 23 de outubro em seu diário: “Não gosto do exército, mas a maioria dos membros desta unidade considera isto

aqui verdadeiras férias. Rapazes que haviam estado trabalhando em sua terra natal entram para o exército e se sentem libertos de todas aquelas responsabilidades. Todos eles admitem que nenhum deles jamais tomou drinques tão bons no lugar de onde vieram."

O ambiente emocionante da época, a multiplicidade de impressões que experimentavam constantemente, o desejo desesperado de fugir um pouco dos rigores dos treinamentos, a idéia da proximidade dos combates e a mesquinhez de Sobel combinaram para fazer desse um tempo inesquecível e levar a maioria da tropa a aproveitá-lo ao máximo. "Londres para mim era um tapete mágico", escreveu Carson. "Por quaisquer de suas ruas que transitássemos, víamos todos os uniformes do Mundo Livre. A juventude e o vigor deles vibravam e contagiavam o ambiente de todos os parques e bares: Piccadilly, Hyde Park, Leicester Square, Trafalgar Square, Victoria. O uniforme dos canadenses, dos sul-africanos, dos australianos, dos neozelandeses, dos franceses, dos poloneses, dos belgas, dos holandeses e, logicamente, dos ingleses e dos americanos estavam em toda parte.

Esses dias me marcaram, pois, mesmo com 21ªnos então, eu sabia que estava vendo algo que jamais ocorreria outra vez e que estava fazendo parte disso.

A Londres do tempo da guerra era um mundo à parte."

Houve bebedeiras, envolvimento com prostitutas, brigas. Alguns britânicos de mais idade e de índole observadora queixavam-se disso: "O

problema com vocês ianques é que ganham muito, fazem muito sexo e estão aqui conosco." (Ao que os ianques respondiam: "O problema com vocês britânicos é que ganham mal, gostam pouco de sexo e estão com Eisenhower.") A Companhia E estava ganhando mais oficiais, de modo que passasse a ter dois tenentes por pelotão, em razão da expectativa de sofrer baixas quando os combates começassem. Um desses então recém-chegados era o segundo-tenente Lynn "Buck" Compton. Nascido no último dia do ano de 1921, em Los Angeles, ele foi apanhador de elite da equipe de beisebol da UCLA e atuou como jogador de futebol americano por essa mesma universidade no jogo de 1º de janeiro de 1943, no Rose Bowl. Quando se formou pela EAO, foi para o Forte Benning.

Depois de terminar o curso na escola de pára-quedismo, juntou-se à Companhia E em Aldbourne, em dezembro. "Lembro-me de ter sentido um pouco de inveja

daqueles que haviam estado em Toccoa", escreveu anos depois, "e me senti como que 'deslocado' como novo membro da companhia."

Compton aprendeu rapidamente que o tenente Nixon, agora no serviço de inteligência do batalhão, tinha antipatia por "atletas". Nixon encarregou Compton do treinamento físico dos membros do batalhão, o que, na prática, significava que Compton tinha de encabeçar o batalhão em corridas de longa distância, o único oficial que tinha de fazer isso. Talvez como resultado de sua experiência, ou por causa de seu passado de atleta, ou talvez porque gostasse de apostar, Compton tinha um relacionamento próximo com os graduados e com alguns dos alistados. Próximo demais, achavam alguns oficiais. Ele foi pego jogando dados com alguns dos soldados e acabou sofrendo uma repreensão do subcomandante, tenente Winters.

Às 11 horas do dia 30 de outubro, o tenente-coronel Strayer faria uma inspeção na Companhia E. Sobel deu ordens ao tenente Winters para que inspecionasse a latrina às 10 horas. Alguns minutos depois, por volta das 9h30, Strayer disse a Winters que censurasse a correspondência dos alistados. Essa era uma tarefa que não podia ser feita no quartel. Desse modo, Winters pegou sua bicicleta e seguiu para os seus aposentos, um pequeno quarto numa casa particular em Aldbourne. Às 10 horas, ele estava de volta. Estacionou a bicicleta fora dos alojamentos e entrou para inspecionar a latrina. Para sua surpresa, Sobel estava lá, fazendo ele mesmo a inspeção.

Sobel passou por Winters, cabisbaixo, sem revelar nenhum sinal de que tinha visto o subcomandante. Atrás dele, vinha o praça Joachim Melo, sumamente contrariado, carregando um esfregão, totalmente ensopado, sujo, barba crescida, cabelos despenteados. Sobel saiu sem dizer uma palavra sequer.

Winters inspecionou a latrina e viu que Melo tinha feito um bom trabalho.

Às 10h45, Winters entrou na sala de ordens com o objetivo de preparar-se para a formação da companhia. Com uma ponta de sorriso nos lábios, o primeiro-sargento Evans lhe entregou um documento datilografado. O

documento dizia:

Companhia E, 506° RIP, 30 de out. de 1943

Assunto: Punição de acordo com o A[rtigo de] G[uerra]

Ao: Primeiro-Tenente R. D. Winters

1. Indique, por meio de aposição de assinatura abaixo, se prefere ser punido de acordo com o AG ou ser submetido a julgamento por uma Corte Marcial por ter deixado de inspecionar a latrina às 9h45 nesta data, conforme ordenado por mim.

[Assinado, com muito floreio] Herbert M. Sobel, capitão, comandante.

Winters foi procurar Sobel.

— Capitão — ele disse depois de bater continência e pedir permissão para falar —, a ordem recebida foi para inspecionar a latrina às 10 horas.

— Mudei o horário para as 9h45.

— Ninguém me disse isso.

— Eu telefonei e enviei um mensageiro. — Winters mordeu os beiços.

Não havia telefone em sua sala, e nenhum visitante tinha ido lá.

Era a hora da inspeção. Strayer passou pelas fileiras e pelos alojamentos.

Tudo, inclusive a latrina, pareceu satisfatório. Nesse ínterim, Winters tinha tomado uma decisão com respeito à resposta que daria a Sobel. Na parte inferior da folha datilografada, ele escreveu à mão:

Assunto: Punição de acordo com o AG 104 ou Julgamento por Corte Marcial.

Ao: Capitão H. M. Sobel

1. Solicito ser submetido à Corte Marcial por ter deixado de inspecionar a latrina às 9h45 nesta data. Tenente R. D. Winters, subcomandante, Comp. E

Sobel respondeu-lhe no dia seguinte:

1. Todas as licenças de 48 horas lhe serão negadas até 15 de dezembro de 1943.

2. De acordo com a norma delineada no Manual de Corte Marcial, você mesmo deverá tomar a inisiativa [iniciativa; é evidente que o sargento tinha dificuldade com datilografia ou ortografia] de criar seu próprio documento de apelação, com as razões para a objeção e também o requerimento [para ser submetido] a julgamento por corte marcial.

Winters ferveu de raiva durante três dias. Até onde sua capacidade de dedução pôde chegar, achou que talvez Sobel estivesse querendo dizer: “Olhe, não seja tolo. Aceite a punição e esqueça a corte marcial.” Sobel sabia que a

“punição” era indiferente para Winters, já que este passava os fins de semana no posto, lendo ou praticando esportes. Mas Winters estava farto. Ele queria forçar uma crise. A competição que nunca tivera, entre ele e Sobel, pela liderança da Companhia E, tinha de ser iniciada. A companhia não era grande o bastante para os dois.

Em 4 de novembro, Winters apresentou a apelação conforme o Artigo de Guerra 104. Sobel fez um “indosso” [erro de Evans] no dia seguinte: 1ª punição para a infração acima imposta pelo abaixo-assinado não será suspensa por ele.

2. Quando recebeu de um oficial superior a mim a incumbência de realizar uma tarefa [a ordem de Strayer de censura da correspondência dos alistados], você deveria ter delegado a outro oficial a tarefa de inspeção da latrina e não adiar isso a tal ponto que não houvesse tempo para a tomada de medidas corretivas, antes da chegada do general, ocorrida dez minutos depois.

E apôs no documento a assinatura floreada.

Enquanto isso, o requerimento de Winters para ser submetido a uma corte marcial estava causando um problema que não era tão engraçado quanto pareceu ao estado-maior do 2º Batalhão. Os oficiais pegaram o manual de corte marcial e o estudaram intensamente para tentar achar um meio de poupar-se essa situação constrangedora. Acabaram conseguindo isso, e Strayer suspendeu a punição e declarou o encerramento do caso — nada de corte marcial.

Mas Sobel não desistiu. No dia seguinte, 12 de novembro, Evans entregou a Winters outra ordem datilografada:

Assunto: Omissão na Orientação da Ordenança Encarregada da Latrina Para: Primeiro-Tenente R. D. Winters

1. Queira informar, por meio do endosso deste documento, a razão pela qual deixou de passar orientação ao praça J. Melo quanto aos deveres dele como encarregado de manutenção da latrina.

2. Queira informar também por que ele teve permissão de entrar em serviço, às 10h30, sem fazer a barba.

“Desisto”, disse Winters consigo mesmo. “Vá em frente e fuzile-me.”

Nesse estado de espírito, ele respondeu, endossando o documento.

1. Justificativa pela qual deixei de passar orientações ao praça J. Melo quanto aos deveres dele como ordenança da latrina: Nenhuma.

2. Justificativa pela qual ele teve permissão de entrar em serviço, às 10h30, sem fazer a barba: Nenhuma.

No dia seguinte, Strayer decidiu, para o bem da Companhia E (na qual, naturalmente, o confronto longamente aguardado entre Sobel e Winters era o assunto dominante das conversas nos alojamentos), transferir Winters da Easy.

Strayer tornou-o o oficial do rancho do batalhão.

Isso foi um insulto para Winters, na opinião dele: “Você dá um serviço desse a um sujeito que não consegue fazer nada direito.”

Com Winters fora da companhia, Sobel ainda no comando e os combates aproximando-se, os graduados ficaram alvoroçados. Os sargentos Ranney e Harris convocaram uma reunião. Com exceção de Evans e um ou dois mais, todos os graduados da Companhia E compareceram. Ranney e Harris propuseram que apresentassem um ultimato ao coronel Sink: ou Sobel era substituído, ou eles desertariam. Ressaltaram que todos teriam de agir conjuntamente, sem dissidência nem nenhum líder identificável.

Essa proposta extremada gerou muitos comentários, muitas perguntas, grande preocupação, mas, por fim, o grupo concluiu que entrar em combate sob o comando de Sobel era impensável. A única maneira pela qual acharam que poderiam fazer Strayer e Sink ver quanto estavam contrariados com essa idéia era entregar as divisas. Cada um desses oficiais redigiu seu próprio pedido de

exoneração. O de Lipton foi feito nestes termos: “Venho, por meio deste, informar que estou entregando minhas divisas. Não quero mais ser graduado da Companhia E.” Lipton era SO (sargento de ordenança, o sargento que dormia na sala da ordenança para resolver qualquer problema que surgisse à noite, para acordar a tropa de manhã etc.) nessa noite. Ele recolheu as exonerações e as pôs na cesta de chegada de circulares e outros documentos de Sobel.

Em seguida, os graduados trataram de passar a pensar no que fariam e acabaram decidindo consultar-se com Winters. Este foi convidado a comparecer à sala da ordenança, onde, ao chegar, Ranney disse a ele o que o grupo tinha feito.

— Não façam isso — disse Winters. — Nem pensem em fazer isso. Isso é motim.

Os oficiais protestaram. Enquanto a discussão prosseguia, Sobel chegou.

Todos emudeceram. Sobel não disse nada: apenas foi até sua mesa e pegou um livro. Quando ele se virava para sair, Ranney perguntou, calmamente: — Pois então, tenente Winters, o que faremos com relação à melhoria de nosso programa de atletismo? — Sobel não demonstrou nenhum sinal de preocupação.

Apenas saiu.

Winters achou que não havia como Sobel não ter sabido do que estava acontecendo. — Ora, isso não tinha segredo nenhum. — Ranney tinha convidado Evans para participar da reunião; era praticamente certo que Evans tinha falado sobre ela com Sobel.

De fato, a essa altura o batalhão inteiro estava comentando as disputas de Sobel, primeiro com Winters, agora com seus oficiais subalternos. Sink precisaria ter sido cego, surdo e mudo para não tomar conhecimento disso. Além do mais, deveria ter ficado grato pelo fato de Winters ter dissuadido os graduados de apresentar-lhe um ultimato. Alguns dias depois, Sink foi até a Companhia E, convocou e reuniu todos os graduados e, nas palavras de Lipton:

— Ele nos repreendeu duramente. Disse-nos que tínhamos desgraçado nossa companhia e que poderia pôr todos nós na prisão militar durante anos.

Mas, já que estávamos nos preparando para entrar em combate, disse que

poderia considerar isso motim resultante de uma situação especial envolvendo o inimigo, o que nos poderia levar à morte por fuzilamento.

Felizmente para Sink, a 101ª DIA tinha acabado de criar uma escola de pára-quedismo na vila de Chilton Foliat, para qualificar, como pára-quedistas, médicos, capelães, pessoal de comunicações, observadores de artilharia avançada e outros soldados que saltariam no Dia D. Quem melhor que Sobel para administrar um campo de treinamento?

Sink enviou Sobel para Chilton Foliat e trouxe o primeiro-tenente Patrick Sweeney da Able Company para ser o subcomandante da Easy. Ele tornou o primeiro-tenente Thomas Meehan, de Baker, o comandante da Easy. E trouxe Winters de volta, como líder do 1º Pelotão. O sargento Ranney foi rebaixado a praça, e Harris foi transferido. A era Sobel na Companhia E tinha chegado ao fim.

Meehan era totalmente diferente de Sobel. Esguio, relativamente alto, elegante, tinha bom senso e competência. Era rigoroso, mas justo. E tinha boa voz de comando.

— Sob o comando de Meehan — declarou Winters —, tornamo-nos uma companhia normal.

O treinamento intensificou-se. Em 13 de dezembro, a companhia fez um salto noturno e perdeu seu primeiro soldado, o praça Rudolph Dittrich, do 1º

Pelotão, devido a um defeito no pára-quedas. Pelotões e esquadrões estavam sendo despachados para o campo com o objetivo de realizar exercícios em que enfrentavam problemas durante três dias, com outros membros sendo postos em situação de comando, já que tenentes e sargentos foram considerados fora de condições de combate. “Imagine-me como líder de pelotão”, Carson escreveu em seu diário em 12 de dezembro. “Não, não pode ser.” Mas foi. Eles estavam aprendendo a ser criativos, o que envolvida a necessidade de aprender a viver dos frutos da terra. Era uma situação que envolvia “pesca” pelo arremesso de granadas de mão nos rios e a improvisação do almoço, que consistia na tentativa de achar cervos nas propriedades rurais que estivessem dispostos a “trombar”

com a cabeça numa bala.

O dia de Natal foi de folga, com toda a carne de peru que a tropa conseguisse

comer. A véspera de Ano-Novo transcorreu tranqüila. “Ficamos acordados, esperando o Ano-Novo”, escreveu Carson. “Pergunto-me o que ele nos trará, quantos de nós verão o ano de 1945.”

Em 18 de janeiro, o general Bernard Law Montgomery, comandante do 21° Grupo de Exércitos, ao qual a 101ª estava subordinada, foi a Chilton Foliat para uma inspeção. Ele passou o regimento em revista e depois disse à tropa para sair de forma e reunir-se em volta de seu jipe. Subiu no capô e disse aos soldados que eles eram muito bons. “Depois de ver o 506º”, observou, “sinto pena dos alemães.”

À medida que os dias foram tornando-se cada vez mais longos, o que significava a aproximação de boas condições de combate, em razão do clima, a tensão aumentava. Inevitavelmente, os jovens pensavam na morte. Poucos conseguiam expressar suas idéias e sentimentos a respeito disso, mas Webster lidava com o problema diretamente. Ele escrevia para a mãe, aconselhando-a a

“parar de preocupar-se comigo. Entrei para o corpo de pára-quedistas para lutar.

E pretendo lutar. Se necessário, morrerei lutando, mas não se preocupe com isso, pois nenhuma guerra pode ser vencida sem que jovens morram. As coisas valiosas são salvas apenas com sacrifício”.

Em fevereiro, os exercícios militares passaram a envolver grandes unidades, tal como a 101ª, e, aliás, a força de invasão inteira, de mais de sete divisões, iniciou ensaios para o ataque à Normandia.

Em 23 de março, o 2º e 3º Batalhões do 506° fizeram um salto combinado, de longe o maior do regimento até hoje. A ocasião serviu também como visita de inspeção do primeiro-ministro Winston Churchill, do Supremo Comandante das Forças Aliadas, Dwight D. Eisenhower, do comandante do I Exército Americano, Omar Bradley, do general Maxwel Taylor, comandante da 101ª (o general Lee sofreu um ataque do coração em fevereiro e foi forçado a voltar para os Estados Unidos) e de muitos outros figurões.

O salto foi um grande sucesso. Os C-47s vieram troando pelo céu em formação de Vs perfeitos. Churchill e os generais ficaram observando de uma tribuna de honra, construída especialmente para a ocasião. Os pára-quedistas começaram a saltar dos aviões, um grupo atrás do outro, mais de mil homens e seus pára-quedas enchendo o céu numa chuva de soldados aparentemente infindável.

Assim que atingiam o solo, os combatentes desvencilhavam-se do pára-quedas, seguiam correndo para a zona de reunião de tropas e montavam suas armas sem esmorecer na rapidez com que o faziam. Os visitantes ficaram impressionados com a velocidade do movimento. “Os rapazes de Currahee”

tinham causado grande impressão, alardeava o álbum de recortes do regimento.

Mais tarde, o regimento reuniu-se na frente da tribuna. Taylor convidou Churchill e Eisenhower para inspecionar a tropa. Eles o fizeram, parando ocasionalmente para fazer uma ou duas perguntas a um dos combatentes.

Eisenhower parou na frente de Malarkey. — Soldado, de onde você é?

(Eisenhower conversou com milhares de alistados em inspeções como essas antes do Dia D; invariavelmente, sua primeira pergunta era: “De onde você é?”)

— Astoria, Oregon — Malarkey respondeu.

— O que você fazia antes da guerra? — Malarkey disse que era aluno da University of Oregon. Ike16 quis saber quem havia ganhado o jogo de futebol americano do último outono entre o Oregon e a Oregon State University e se Malarkey pretendia voltar para a universidade depois da guerra. Em seguida, voltou-se para Churchill e sugeriu que o primeiro-ministro fizesse uma pergunta.

— Bem, filho, que achou da Inglaterra? — Malarkey assegurou-lhe que gostou muito do país, já que sempre apreciara a literatura e a história inglesas.

Churchill prometeu devolvê-lo aos Estados Unidos assim que possível.

— Essa foi — disse Malarkey — uma ocasião memorável. Manobras ainda maiores foram realizadas imediatamente após aquela à qual Churchil assistiu, com o propósito de entrosar os pára-quedistas, as unidades transportadas por planadores e as forças terrestres com as forças aéreas e os elementos navais.

Foram feitos também exercícios em toda a região sudoeste da Inglaterra, com o maciço lançamento aéreo de tropa e equipamentos e operações anfíbias.

Numa dessas manobras, Guarnere ordenou aos praças Warren Muck e Malarkey que lançassem um projétil de morteiro num alvo branco de pouco menos de 2 metros quadrados, numa duna a cerca de 550 metros à frente deles.

Malarkey fez um disparo, mas acertou um ponto muito distante do alvo. O

segundo disparo, bem perto.

Nesse instante, alguns oficiais do estado-maior aproximaram-se, acompanhados pelo general Taylor. Um deles disse a Guarnere que ordenasse a seu esquadrão de morteiros que atirasse contra o alvo para fazer uma demonstração ao general.

Guarnere ordenou que Malarkey e Muck fizessem três disparos. Em rápida sucessão, eles puserem três projéteis no cano. Cabuuumm. O primeiro atingiu o centro do alvo. Cabuuumm, cabuuumm. Os outros dois caíram em cima do alvo destruído.

16 Hipocorístico de Eisenhower. (N.T.)

— Sargento, seu esquadrão é sempre certeiro assim? — Taylor perguntou.

— Sim, senhor — respondeu Guarnere —, meus garotos nunca erram.

O pessoal da 101ª pegou o trem de volta para os quartéis em Wiltshire e Berkshire. O general Taylor e seu estado-maior estavam perfeitamente conscientes de que havia muitos problemas a solucionar. Os jovens de Currahee tinham aprendido bem as lições sobre tática de unidades pequenas; agora, cabia aos generais adaptá-los bem às táticas empregadas nas grandes unidades.



4

“Cuidado, Hitler! Lá Vamos Nós!”

SLAPTON SANDS, UPPOTTERY

1º de abril-5 de junho de 1944

A 101ª e a 82ª Divisões de Infantaria Aerotransportada e a 4ª Divisão de Infantaria formavam o VII Corpo de Exércitos. O V e VII Corpo de Exércitos (1ª

e 29ª Divisões de Infantaria) compunham o I Exército Americano, comandado pelo general Omar Bradley. Eisenhower tinha incumbido Bradley da tarefa de estabelecer uma cabeça-de-praia em cada um dos lados da desembocadura do rio Douve, onde o litoral francês forma um ângulo reto; estendendo-se para leste, está o litoral de Calvados; seguindo para o norte, fica a base da península de Cotentin. O V Corpo de Exércitos deveria tomar a costa de Calvados (codinome da área alvo, "Praia de Omaha"), ao passo que o VII Corpo de Exércitos deveria conquistar a base de Cotentin (codinominada "Praia de Utah"). Em Utah, o VII Corpo de Exércitos estaria na extremidade do flanco direito da área de invasão, a qual se estendia, da foz do rio Orne, à esquerda (leste), por algo entre 65 e 70 quilômetros até Cotentin.

Eisenhower precisava tornar disponível uma extensão de terreno suficientemente ampla para a invasão, de modo que pudessem levar divisões de infantaria suficientes, na primeira onda de ataque, para sobrepujar o inimigo, entrincheirado na "Muralha do Atlântico17" de Hitler. Em certo sentido, Utah era a mais fácil das praias para a realização de operações de assalto. Nas praias que os britânicos e canadenses estavam encarregados de atacar ("Sword, "Juno" e

"Gold", a leste de Omaha), as numerosas casas de veraneio, pequenas lojas e hotéis e cassinos que se espalhavam pela costa serviam como excelente proteção aos ninhos de metralhadoras dos alemães, enquanto, em Omaha, um penhasco que se elevava a uns 60 ou 90 metros da praia dava aos defensores alemães, entocados num sistema de trincheiras tão grande quanto os da 1ª Guerra Mundial, a capacidade para atirar contra o inimigo lá embaixo, que saía das barcaças de desembarque de tropa. Mas Utah não tinha nem escarpas nem casas. Havia ali algumas defesas fixas, feitas de concreto reforçado, munidas de peças de artilharia e metralhadoras. A maior delas ficava em La Madeleine, no meio de Utah (a fortificação recebeu esse nome de um santuário cuja história remonta aos dias dos viquingues). Mas o aclive gradual e as dunas de pouca altura de Utah significavam que atravessar a praia e superá-la não seria tão difícil quanto em Omaha.

O problema em Utah era o que ficava na sua parte interiorana. Além das dunas de areia, o terreno era baixo, usado por fazendeiros normandos como pasto de gado. Quatro estradas estreitas, precárias, estendiam-se da praia para o interior; essas estradas ficavam a um metro ou mais do solo. O

marechal-de-campo Erwin Rommel, o comandante alemão, tinha inundado os campos, com a idéia de forçar quaisquer tropas e veículos blindados que seguissem para o interior a usar as estradas (“estradas elevadas”, tal como as chamavam os estrategistas de Eisenhower). Rommel havia posto a maior parte de sua artilharia em posições camufladas ou casamatas reforçadas atrás da área 17 “Hitler cometeu apenas um erro quando construiu sua Muralha do Atlântico”, costumavam dizer os pára-quedistas. “Ele se esqueceu de pôr um telhado nela.”

inundada, de onde poderia bombardear as estradas; Rommel tinha providenciado também para que seus infantes estivessem preparados para assumir posições defensivas ao longo da extremidade oeste das estradas, de onde poderiam rechaçar qualquer um que se aproximasse deles.

A tarefa que Eisenhower deu à 101ª era tomar as saídas dessas estradas. A tática a ser usada consistiria num salto noturno. O objetivo era desorientar os alemães, causar surpresa e confusão, assumir o controle dessas saídas e destruir os grandes canhões antes que os alemães pudessem reagir.

Seria uma operação complexa, difícil e arriscada. Para que se tivesse alguma chance de sucesso, seria necessário exercitá-la. Para que o exercício fosse realista, eles precisariam achar uma faixa de praia no litoral inglês semelhante à da Praia de Utah.

Slapton Sands, em Devonshire, no sudoeste da Inglaterra, era parecida com Utah. Uma extensão de praia longa e estreita se mantinha separada de terreno seco por um lago raso e áreas alagadiças adjacentes. Duas pontes ligavam a faixa litorânea às terras mais altas. E foi em Slapton Sands que o VII Corpo de Exércitos fez seus ensaios para o papel que cumpriria no Dia D.

No fim de abril, o VII Corpo de Exércitos inteiro participou de exercícios na Operação Tigre. A Companhia E seguiu em caminhões para um hotel de veraneio no litoral, em Torquay, onde pernoitou confortavelmente. No dia seguinte, 26 de abril, voltou a embarcar nos caminhões para viajar com destino a uma área situada atrás da faixa litorânea de Slapton Sands, da qual todos os civis tinham sido evacuados. A companhia dormiu no campo até a meia-noite, quando os caminhões trouxeram soldados para uma zona de salto simulada.

Depois da reunião das tropas, a companhia seguiu em marcha, através da neblina, para um ponto elevado situado a uns 2 quilômetros da praia e

estabeleceu uma posição de defesa, para guardar a ponte.

Ao amanhecer, Webster escreveu: “Pudemos ver uma frota enorme de embarcações anfíbias aproximando-se lentamente da praia. Jamais vi tantos navios juntos de uma vez só; uma frota de invasão é a cena mais impressionante do mundo.” O que ele não tinha visto era o desastre da noite anterior.

Torpedeiros alemães se haviam misturado sorrateiramente com os LSTs 18 e outras grandes barcaças de assalto que estavam transportando a 4ª Divisão de Infantaria. Os alemães afundaram dois LSTs e danificaram outros; mais de 900

homens morreram afogados. O incidente foi abafado pelos Aliados, movidos pelo receio de que isso afetaria o moral das tropas escolhidas para partir com destino à França em LSTs (o incidente continuou ignorado por mais de 40 anos, logicamente, por conta do embaraço que causava).

Webster, observando os membros da 4ª DI virem da praia e passarem pelas posições dos membros da Companhia E, notou que eles estavam “suando, xingando, ofegantes”. Registrou também em seu diário que os oficiais disseram à tropa que “não podemos escrever sobre nossa excursão em Torquay”. À tarde, a companhia fez uma marcha de 40 quilômetros e depois acampou na floresta para passar a noite. Na manhã do dia 28 de abril, seguiu de caminhão de volta para Aldbourne.

No fim de semana, Malarkey, Chuck Grant, Skip Muck e Joe Toye obtiveram licença para ir a Londres, acompanhados pelo melhor amigo de Muck, de Tonawanda, Nova York, Fritz Niland, do 501° RIP. Lá, encontraram-se com o irmão de Niland, Bob, que era líder de pelotão na 82ª DIA e tinha combatido no norte da África e na Sicília. Eles passaram a noite num bar ouvindo Bob Niland falar sobre combate. Niland fez uma observação da qual Malarkey jamais se esqueceu: — Se quiser ser herói, os alemães o tornarão herói rapidamente —18 Sigla de “Landing Ship Tanks”. Navios-transportes, para transporte e desembarque de tropa e equipamento. Vaso de guerra blindado, de fundo achatado, usado por forças anfíbias. (N.T.)

morto! — No trem de volta para Aldbourne, Malarkey disse a Muck que tinha a impressão de que Bob Niland havia perdido a capacidade de lutar.

De volta a Aldbourne na primeira semana de maio, a Companhia E

enfrentou mais problemas, atacando posições de canhões, pontes, estradas e outros objetivos. Um dos ataques foi feito depois de um salto real; os outros, simulações de vôos e “saltos” de caminhões.

De 9 a 12 de maio, a 101ª fez seu ensaio geral para o Dia D, codinominado “Operação Águia”. A divisão inteira participou dele. A Easy usou o mesmo campo de aviação que usaria no Dia D, Uppottery. Tropa e equipamento foram embarcados no mesmo avião que a companhia usaria na operação real; a decolagem, o salto e a reunião foram realizados com o máximo de exatidão possível, inclusive com o mesmo gasto de tempo em vôo19.

O embarque nos C-47s era difícil, por causa da grande quantidade de equipamento que cada um dos combatentes carregava. Os soldados eram sobrecarregados, em seguimento da velha tendência de se considerar necessário que entrassem em combate preparados para enfrentar todo tipo de emergência imaginável. O colete e os longos calções eram impregnados de certa substância, como defesa contra possíveis ataques com produtos químicos; isso os tornava desajeitados e os fazia feder, coçar-se e conservar o calor corporal, o que provocava neles torrentes de suor. A jaqueta e as calças de combate eram submetidas a tratamento químico também. Os soldados levavam um canivete na lapela da camisa, de modo que pudesse ser usado para se livrarem do arnês do pára-quedas se aterrissassem numa árvore. Nas calças abalonadas, levavam uma colher, uma navalha, meias, guardanapos, uma lanterna, mapas, três dias de ração K, um pacote de ração de emergência (quatro barras de chocolate, um pacote de 19 Leonard Rapport e Arthur Northwood, Jr., Rendezvous with Destiny: A History of the 101st Airborne Division (Fort Campbell, Kentucky: 101st Airborne Division Association, 1948), pp. 68-9.

cereais Charms, pó de café, açúcar, uma bússola, duas granadas de fragmentação, uma mina antitanque, uma granada de fumaça, uma bomba Gammom (quase um quilo de explosivo plástico, para ser usado contra tanques) e cigarros, dois maços por homem. Traziam por cima do uniforme um cinto afivelado, uma pistola .45

(padrão para graduados e oficiais; os praças tinham de procurar obter a sua, e a maioria conseguia), um cantil, uma pá, um kit de primeiros socorros e uma

baioneta. Por cima disso, ia o arnês do pára-quedas, com o principal na mochila dorsal e o pára-quedas reserva preso na frente do pára-quedista. Uma máscara de gás ia presa à perna esquerda, e uma faca/baioneta de pára-quedista à direita. No tórax, o soldado levava seu bornal de provisões com peças íntimas e munição suplementares e, em alguns casos, bananas de dinamite, juntamente com seu fuzil ou metralhadora, ou morteiro desmontado e posicionado diagonalmente por baixo do pára-quedas reserva, e ficava com ambas as mãos livres para manusear os tirantes. Sobre tudo isso, vestia o colete salva-vida Mae West e, por fim, punha o capacete.

Alguns combatentes levavam uma terceira faca. Outros achavam lugar para levar mais munição. Gordon, carregando sua metralhadora, calculou que seu peso dobrou com todas as coisas que levava. Quase todos os soldados tinham de ser ajudados a embarcar no C-47. Uma vez a bordo, ficavam tão espremidos lá dentro que mal conseguiam mover-se.

O general Taylor tinha feito de tudo para conseguir um número suficiente de C-47s para a Operação Águia. Os aviões ficavam sob demanda constante para uso em apoio logístico em todo o Teatro de Operações de Guerra Europeu (TOGE), e o Comando de Operações Aéreas vinha sempre em último lugar na lista de prioridade. E foi iludido quanto à segurança do equipamento. Os tanques de combustível dos aviões não tinham blindagem contra fogo antiaéreo.

O pessoal da Easy recebeu instruções a respeito da Operação Águia no dias 10 e 11 de maio. Seu objetivo era uma bateria de canhões que defendia a praia. Ao anoitecer do dia 11 de maio, a Easy partiu. Os aviões demoraram-se nos céus da Inglaterra em vôos que duraram cerca de duas horas e meia. Logo depois da meia-noite, a companhia saltou. Para a Easy, o exercício transcorreu normalmente; para as outras companhias, houve problemas. A Companhia do QG do 2º Batalhão estava com um grupo que entrou na área de um ataque aéreo alemão lançado contra Londres. O fogo antiaéreo vinha lá debaixo também; a formação se desfez; os pilotos não conseguiram localizar a ZS. Oito dos noves aviões que transportavam a Companhia H do 502° despejaram seus homens na vila de Rambsbury, a 15 quilômetros da ZS. Vinte e oito aviões voltaram para seus campos de aviação com os pára-quedistas ainda a bordo. Houve os que saltaram a contragosto, o que resultou em muitos acidentes. Quase 500

pára-quedistas sofreram fraturas, torceduras ou outros ferimentos.

O único consolo que os comandantes da operação aérea conseguiram ter nessa confusão foi que, geralmente, um ensaio geral ruim resulta em grande noite de abertura.

No último dia de maio, a companhia saiu em marcha para embarcar em caminhões que se enfileiravam na Estrada Hungerford. Metade da população de Aldbourne e quase todas as jovens solteiras da vila estavam lá para se despedir da tropa. As lágrimas escorreram em profusão. A bagagem deixada para trás deixou alguma esperança de que os rapazes voltariam.

O treinamento tinha chegado ao fim. Ele se havia estendido por 22

meses, quase sem interrupção. A tropa estava fortalecida fisicamente ao máximo.

Nem mesmo boxeadores ou jogadores de futebol americano profissionais poderiam dizer-se em tão boa forma. Esses soldados eram disciplinados e estavam preparados para executar ordens imediata e incontestadamente. Eram especialistas no uso de suas armas, conhecedores do manejo de outras e familiarizados com a operação de armas alemãs. Sabiam operar rádios, conheciam uma série de sinais manuais e eram capazes de interpretar vários sinais de fumaça.

Eram hábeis em táticas de guerra, quer o problema envolvesse o ataque a uma bateria ou a fortins, ou a um sistema de trincheiras, ou a uma colina defendida por metralhadoras. Todos conheciam os deveres e as responsabilidades de um líder de esquadrão ou de pelotão e estavam preparados para assumir esses deveres se necessário. Sabiam destruir pontes, sabiam como tornar inoperáveis peças de artilharia. Eram capazes de estabelecer posições defensivas instantaneamente. Estavam capacitados a sobreviver no campo, dormir numa trincheira, marchar o dia e a noite inteira. Conheciam-se mutuamente e confiavam uns nos outros. Na Companhia E, tinham feito as melhores amizades de suas vidas. Eles estavam preparados para morrer uns pelos outros; e, mais importante do que isso, estavam preparados para matar uns pelos outros.

Eles estavam prontos. Mas, logicamente, entrar em combate pela primeira vez é uma experiência decisiva, para a qual ninguém pode ser considerado totalmente preparado. Ela é esperada com anos de antecedência; é um teste que causa ansiedade, avidez, tensão, medo de fracassar, expectativa. É

uma coisa envolta em certo mistério, tornado mais profundo pelo fato de que

aqueles que passaram por ela não conseguem descrevê-la com palavras, a sensação que ela produz, exceto o fato de que atirar e ser alvo de tiros provoca reações emotivas extraordinárias. Não importa quão arduamente o soldado treine, tampouco que o treinamento seja o mais realista possível: ninguém consegue preparar-se totalmente para a intensidade do combate em si mesmo.

E, assim, os membros da Companhia E partiram de Aldbourne cheios de autoconfiança e ansiedade.

A área de formação da Easy no sudoeste da Inglaterra, situada a cerca de 16 quilômetros do litoral, era um campo aberto ao lado da pista de pouso e decolagem do campo de aviação em Uppottery. A companhia acomodava-se em barracas

de

forma

piramidal.

“Nosso

padrão

de

vida

melhorou

consideravelmente”, escreveu Webster. “Empanturrávamo-nos no salão do rancho do hospital [um galpão de madeira] (‘Um pouco mais, amigos? Sirvam-se

— peguem tudo que quiserem.’) com luxos como frango frito, coquetel de frutas, pão branco com muita manteiga. Nem a sensação de que estávamos sendo engordados para o abate nos detinha de nos servirmos outra vez.”

Soldados trajando uniformes e portando armas alemãs atravessavam freqüentemente a área de formação, para familiarizar os soldados com a

aparência do inimigo e as armas que usavam.

Em 2 de junho, os oficiais da companhia receberam suas instruções de ex-oficiais da unidade, o primeiro-tenente Nixon (então no serviço de inteligência do 2º Batalhão) e o capitão Hester (S-3 — setor de operações e treinamento).

Em caixões de areia que mostravam características de terrenos, casas, estradas, dunas e outras coisas mais, e em mapas, Nixon e Hester explicaram que a Easy saltaria perto de Ste.-Marie-du-Mont, a cerca de 10 quilômetros ao sul de Ste.-Mère-Eglise, com o objetivo de matar uma guarnição alemã na vila e tomar a saída da estrada número 2ª que vinha do litoral, quase ao norte da cidadezinha de Pouppeville. O 3º Pelotão recebeu a incumbência de destruir uma linha de comunicação que seguia para o interior, procedente de La Madeleine.

As informações detalhadas passadas por Nixon e Hester, e as instruções dadas por outros oficiais do serviço de inteligência a outras companhias, foram espantosas. Na preleção, fizeram com que circulassem fotografias aéreas da ZS

que mostravam não apenas estradas, edificações e elementos correlates, mas até mesmo trincheiras. Um dos membros do 506° lembrou-se de que sua companhia fora informada de que o comandante alemão que liderava a tropa que mantinha o controle de seu objetivo, a cidade de St.-Côme-du-Mont, tinha um cavalo branco e estava acompanhado por um professor francês que morava numa rua vicinal, separada por apenas dois edifícios de um abrigo de canhão cujo alvo era a estrada número 1. Ele levava o cão para passear todas as noites, por volta das 20 horas20.

Todos os oficiais da companhia tinham de conhecer de cor a missão da unidade, saber em detalhes a sua missão e a de todos os outros pelotões, e ser capazes de desenhar de memória mapas de toda a área. Uma coisa ficou bem clara: o fato de que os alemães confiavam menos em seus pontos de defesa fixos no litoral do que em sua capacidade para contra-atacar. Unidades de reserva móveis começariam a disparar contra a 4ª DI assim que suas unidades ameaçassem tentar passar pelas estradas. Os instrutores procuraram incutir vigorosamente na mente dos oficiais, portanto, a idéia de que, independentemente de onde os pelotões estivessem ou quanto de seus homens eles pudessem reunir, se conseguissem deter unidades alemãs que estivessem aproximando-se das estradas, deveriam disparar contra os alemães tudo que tivessem. Mesmo um atraso de 5 minutos imposto dessa forma ao avanço dos alemães poderia

significar a diferença entre o sucesso e o fracasso na Praia de Utah. A importância de cada missão recebeu essa mesma ênfase, com o máximo de proveito. — Fiquei com a impressão de que iríamos lá e venceríamos tudo e todos. Era o nosso dever — disse Winters.

Em 3 de junho, Winters e os outros líderes de pelotão levaram seus homens à barraca de preleção, onde lhes mostraram os caixões de areia e mapas e lhes repassaram o que tinham aprendido.

O sargento Guarnere precisou usar a latrina. Ele pegou uma jaqueta e foi para lá. Sentado, enfiou a mão num dos bolsos e pegou uma carta. Ela estava endereçada ao sargento Martin — Guarnere tinha pegado a jaqueta de Martin por engano —, mas, mesmo assim, leu a carta. A esposa de Martin era a autora da 20 Donald R. Burgett, Currahee! (Boston: Houghton Mifflin, 1967), p. 67.

carta; eles se haviam casado na Geórgia em 1942, e a Sra. Martin conhecia a maioria dos membros da companhia. Ela dizia na carta: “Não conte ao Bil

[Guarnere], mas o seu irmão foi morto em Cas[s]ino, Itália.”

— Você não pode imaginar o ódio que senti — Guarnere disse mais tarde. — Jurei que, quando chegasse à Normandia, nenhum alemão ficaria vivo.

Fiquei parecendo um maníaco. Quando me enviaram para a França, puseram um matador à solta, um bárbaro.

Em 4 de junho, a Easy recebeu sua munição, o equivalente a 10 dólares em francos franceses que tinham acabado de ser impressos em Washington, um kit de fuga com um mapa de seda da França, uma bússola de latão diminuta e uma serra. Seus membros receberam também uma bandeira americana para ser costurada na manga direita da jaqueta de pára-quedista. Os oficiais tiraram a insígnia de seus uniformes e pintaram listras verticais na parte detrás de seus capacetes, ao passo que os graduados os pintaram com listras horizontais. Todos foram instruídos quanto ao pedido de senha: “Relâmpago”, senha “Trovão” e a resposta “Bem-vindo”. Como meio alternativo de identificação, deram-lhes também pequenos grilos de metal: uma espremida (clique-claque) deveria ser respondida com duas (clique-claque. . clique-claque).

A tropa passou o dia limpando armas, amolando facas, ajustando pára-quedas,

checando equipamentos repetidas vezes, fumando um cigarro atrás do outro. Muitos soldados rasparam a cabeça ou fizeram corte à la mohawk (cabeça raspada dos lados, com uma ou duas faixas de cabelos curtos estendendo-se da testa à base da cabeça). Os praças Forrest Guth e Joseph Liebgott fizeram os cortes, a 15 centavos de dólar por homem. O coronel Sink apareceu, viu os cortes sendo feitos, sorriu e disse:

— Esqueci de lhes dizer que, algumas semanas atrás, fomos informados oficialmente de que os alemães estão dizendo aos civis franceses que as forças de invasão dos Aliados seriam lideradas por pára-quedistas americanos, todos eles criminosos condenados e psicopatas, facilmente reconhecíveis pelo fato de que raspam a cabeça ou coisa parecida.

O primeiro-tenente Raymond Schmitz resolveu amenizar a tensão com alguma atividade física. Ele desafiou Winters a participar de uma luta de boxe. —

Vamos lá, Winters, vamos lá fora, atrás dos alojamentos, e lutemos.

— Não. Esqueça.

Schmitz insistiu. Por fim, Winters disse:

— OK, vamos lá. Merda, vocês me atiçaram tanto que eu vou. Winters tinha praticado luta romana no colégio. Ele derrubou Schmitz imediatamente, mas levou-o ao chão com certo exagero. Schmitz sofreu fratura em duas vértebras, foi levado para o hospital e não chegou a embarcar para a Normandia.

Seu assistente do líder do 3º Pelotão, o segundo-tenente Robert Mathews, assumiu o seu lugar, com o sargento Lipton como o segundo homem no comando. Durante o restante do dia e pela noite afora, até o momento em que os combatentes puseram o pára-quedas, Winters enfrentou uma insistente fila de pára-quedistas pedindo-lhe, com um sorriso no rosto, que lhes quebrasse os braços ou algumas vértebras.

O general Taylor circulou pela tropa e disse aos soldados:

— Quero que vocês se empenhem em três dias e três noites de combates árduos. Depois, serão rendidos. — Isso parecia bom. Três dias e três noites, pensou Winters consigo mesmo. Consigo agüentar isso. Taylor lhes disse também que, quando os C-47s cruzassem o litoral francês, ele queria que todos os soldados

ficassem de pé; se um pára-quedista fosse atingido por fogo antiaéreo, queria que ele estivesse de pé e suportasse isso como um homem.

Havia na ordem algo que ia além de fanfarrice; se o avião fosse atingido, os combatentes preparados para saltar teriam alguma chance de escapar. Taylor disse ao pelotão de Malarkey que combatesse com facas até o amanhecer, “e não façam prisioneiros”.

Nessa noite, dia 4 de junho, a companhia teve uma refeição admirável.

Bife, ervilhas, purê de batatas, pão branco, sorvete, café, em porções ilimitadas.

Foi a primeira porção de sorvete deles desde a chegada à Inglaterra, nove meses antes.

— Quando lhe derem sorvete no jantar, você sabe que essa é a noite —lembrou-se o sargento Martin de lhe haverem dito.

Mas um vento terrível soprava, e, no exato momento em que os fuzileiros estavam preparando-se para marchar em direção aos C-47s, disseram a eles que se sentassem. Eisenhower havia adiado a invasão por causa da adversidade do tempo.

A Easy foi para um balcão de madeira para assistir a um filme. Gordon lembra-se de que era Mr. Lucky, em que estrelavam Cary Grant e Laraine Day.

Os sargentos Lipton e Elmer Murray (o sargento de operações da companhia) dispensaram o filme. Preferiram passar a noite discutindo diferentes situações de combate que poderiam ocorrer e as formas pelas quais poderiam enfrentá-las.

Na tarde do dia 5 de junho, o vento diminuiu, e o céu desanuviou-se um pouco. Então, um dos combatentes achou latas de tinta branca e verde. Os soldados começaram a pintar o rosto para imitar os índios sioux, que participaram da famosa Batalha de Little Bighorn21, com listras no nariz e na testa.

Outros pegaram carvão e cobriram o rosto de negro.

Às 20h30, a tropa entrou em forma em proporção ao número de homens suportado pelo avião, com 18 deles em cada grupo, e seguiram marchando para os hangares. “Ninguém cantou, ninguém deu vivas”, escreveu Webster. “Foi 21

Nome do rio do estado de Montana, EUA, no qual o general americano George Custer e seus homens foram massacrados pelos nativos sioux, liderados pelos chefes indígenas Touro Sentado e Cavalo Doido. (N.T.)

como uma marcha fúnebre.” Winters lembrou-se de que passara por algumas unidades de fogo antiaéreo estacionadas no campo de aviação “e que essa foi a primeira vez que vi ingleses demonstrar emoção, já que tinham lágrimas nos olhos”.

Nos hangares, cada um dos mestres de salto recebeu duas pilhas de papel, folhas com uma ordem do dia de Eisenhower e uma mensagem do coronel Sink, para distribuir entre os soldados. “Hoje é a noite das noites”, dizia Sink na mensagem. “Que Deus esteja com cada um destes excelentes soldados.”

“Soldados, marinheiros e aeronautas da Força Expedicionária dos Aliados!”, abria Eisenhower a ordem do dia. “Vocês estão prestes a embarcar numa Grande Cruzada, para cujo cometimento nos esforçamos durante todos estes meses. Os olhos do mundo estão voltados para vocês. . Boa Sorte! E

roguemos todos nós a bênção do Todo-Poderoso para este empreendimento nobre e grandioso.”

Além das exortações, os mestres de salto distribuíram comprimidos para enjôo. Quem pensou nessas pílulas é um mistério; por que elas foram distribuídas é um mistério ainda maior, já que, raramente, enjôos haviam sido problema.

Houve outra novidade. Os aeronautas britânicos tinham aparecido com a idéia das “perneiras de suprimento”. Essas perneiras levavam munição extra, rádios, tripés de metralhadora, instrumentos médicos, explosivos de alta potência e outros equipamentos. Elas deveriam ser presas ao pára-quedista por um mecanismo de fixação e soltura prático e fixadas ao arnês por um cordão espiralado de um metro de comprimento. Quando o pára-quedas inflasse, o pára-quedista deveria sustentar o peso da perneira, puxar o mecanismo de soltura para separá-la da perna e deixá-la cair. Ela atingiria o solo antes de ele aterressisar.

Teoricamente, o pára-quedista cairia em cima da perneira e não teria de perder tempo procurando seu equipamento. Isso parecia razoável, mas nenhum aeronauta americano jamais tinha saltado com uma perneira de suprimento. Os ianques gostaram da idéia e as encheram com tudo que podiam — minas,

munição, fuzis-metralhadoras Thompson desmontadas e outras coisas mais.

A tropa jogou seus kits, pára-quedas e perneiras nos caminhões, subiu a bordo e foi levada para os aviões.

“Feito isso”, escreveu Winters em seu diário, “começamos a pôr o arnês.

É aqui que um bom mestre de salto pode fazer o máximo por seus homens. Pôr todo aquele equipamento, fixá-lo, torná-lo confortável e seguro e, depois disso tudo, acrescentar-lhe um pára-quedas exige muita habilidade e conversa de vendedor para convencer a tropa de que está tudo bem.”

Vestidos e equipados para a batalha, eles se sentavam debaixo das asas dos aviões e esperavam. O nervosismo aumentava. “Este é o salto em que seus problemas começam depois que você aterrissa”, diziam uns aos outros. Era o

“salto de 10 mil dólares” (os fuzileiros tinham um seguro de vida de 10 mil dólares). Eles se esforçavam para se levantar e ir até a beira da pista de pouso para aliviar suas necessidades, voltavam, sentavam-se e, dois minutos depois, repetiam o processo. — Nenhum prisioneiro. Não faremos nenhum prisioneiro

— disse Joe Toye lembrando-se das palavras do tenente Meehan, que fora até o avião deles para passar a instrução.

Às 22 horas, o embarque. Os mestres de salto empurravam seus homens pela escada acima, cada um deles carregando pelo menos 45 quilos, muitos deles quase 70. Um dos pára-quedistas da 101ª externou o ânimo de todos os 13.400

membros das duas divisões aerotransportadas quando chegou à porta de seu C-47, virou-se para o leste e exclamou: — Cuidado, Hitler! Lá vamos nós!

Às 23h10, os C-47s começaram a decolar. Quando alcançavam mil pés, começavam a voar em círculos, com três aviões fazendo formações em V.

Quando seguiram para a França, a maioria da tropa teve dificuldade em permanecer acordada. Foi o efeito produzido pelas pílulas. Mas, durante essa noite inteira e na seguinte, os pára-quedistas tiveram dificuldade em permanecer acordados. Joe Toye acabou dormindo durante o vôo.

— Jamais fiquei tão calmo em minha vida — lembra-se. — Deus, eu ficava mais

excitado durante os exercícios de salto.

No avião de Winters, o praça Joe Hogan tentou começar a cantar, mas logo suas notas se perderam em meio ao barulho dos motores. No avião de Gordon, tal como na maioria deles, os pára-quedistas ficaram absortos em seus pensamentos ou em preces. O praça Wayne Sisk, da Virgínia Ocidental, quebrou o silêncio com a seguinte oferta, em voz alta: — Alguém aqui gostaria de comprar um bom relógio? — A atitude dele provocou uma explosão de risadas e a diminuição da tensão.

Winters orou durante todo o percurso, orou para que conseguisse sobreviver à batalha, orou para que não fracassasse. — Acho que todo homem tinha isto em mente: “Como reagirei em meio aos tiroteios?”

Com o tenente Schmitz no hospital, o sargento Lipton foi o mestre de salto em seu avião. O piloto dava aos pára-quedistas uma opção; eles podiam seguir vôo com a porta aberta, o que lhes proporcionava ar fresco e a chance de saltar do avião se este fosse atingido, ou voar com a porta no lugar, o que lhes permitiria fumar. Eles optaram por seguir viagem com a porta aberta, o que possibilitou que Lipton se deitasse no piso com a cabeça parcialmente para fora.

A maioria dos soldados estava dormindo, ou quase todos, como conseqüência da ingestão dos comprimidos para enjôo.

Quando os C-47s cruzaram o canal, Lipton viu uma cena que ninguém tinha visto antes nem veria outra vez, uma cena da qual todos os fuzileiros que estavam voando nessa noite jamais se esqueceram: a da frota invasora, composta de 6 mil embarcações, seguindo para a Normandia.

Gordon Carson estava com o tenente Welsh. Quando o avião estava sobrevoando o canal, Welsh disse aos soldados na frente: — Olhem lá para baixo.

— Eles olharam, “e tudo que viram foram as esteiras deixadas pelas embarcações.

Ninguém jamais tinha visto tantos navios e barcos juntos”.

— Você não tinha como evitar de ficar um tanto assombrado com o fato de que isso era parte de uma coisa muito maior do que você — comentou Carson.

À 1 hora do dia 6 de junho, os aviões passaram entre as ilhas de Guernsey e Jersey. No avião de Winters, o piloto gritou para ele, lá atrás: —

Vinte minutos para o salto. — O chefe da tripulação removeu a porta do avião, proporcionando a Winters, o primeiro homem do grupo de salto, uma rajada de vento fresco e a visão do litoral. — Levantem-se e prendam o cordão de abertura ao cabo de ancoragem — ordenou, em voz alta. A luz vermelha acendeu-se.

À 1h10, os aviões alcançaram a faixa litorânea e entraram numa nuvem.

Isso provocou o desmancho da formação. Os aviões do V da vanguarda seguiram em frente, mas os Vs de cada um dos lados da formação abandonaram-na, com os da direita seguindo para esse lado e os da esquerda seguindo para o outro. Foi uma reação natural e inevitável dos pilotos, que receavam colisões em pleno vôo. Quando saíram da nuvem, que tinha apenas uns 2 ou 3 quilômetros de comprimento, cada piloto seguiu vôo por conta própria.

Somente os pilotos da vanguarda tinham o dispositivo que os guiaria até os sinais do Eureka emitidos pelos exploradores22; com a formação desfeita, nenhum dos outros pilotos sabia quando ou para onde seguir ao acender da luz verde. Tudo que podiam fazer era tentar adivinhar.

22 Exploradores eram soldados voluntários especialmente treinados que saltavam uma hora antes do corpo principal de pára-quedistas para montar um sinalizador de rádio na ZS, que guiasse o avião da vanguarda. Os exploradores da Easy eram o cabo Richard Wright e o praça Carl Fenstermaker.

Perdidos, confusos, assustados, os pilotos passaram a ter, de um momento para outro, outra preocupação. Fogo antiaéreo começou a vir na direção deles, com fumaça azul, verde e vermelha indicando o caminho dos projéteis. Eram de armamento leve, 20 ou 40 milímetros. Quando atingiam os aviões, faziam um ruído como o de pedras sendo sacudidas dentro de uma lata.

No avião de Harry Welsh, alguns projéteis atingiram justamente o lugar no qual ele estivera sentado um minuto antes.

Os pilotos estavam instruídos a reduzir a velocidade antes de acenderem a luz verde, mas, nas palavras de Gordon, “aqui eles tinham caído nas garras de toda essa ferocidade e jamais haviam tido um minuto sequer de experiência de

combate. Assim, ficaram completamente apavorados. E, em vez de reduzir a velocidade, passaram a comportar-se como um sujeito que pensasse com os pés, passaram a pensar com a válvula reguladora. E disseram: ‘Meu Deus, o bom senso me diz que, quanto mais cedo eu sair daqui, maior a minha chance de sobrevivência, e isso é ruim para os rapazes lá atrás, mas, seja lá como for, vou dar o fora daqui’”.

Portanto, aumentaram a velocidade, chegando a atingir 240 quilômetros por hora em muitos casos, e, embora não tivessem a menor idéia de onde estavam, exceto o fato de que era em algum lugar sobre a Normandia, acenderam a luz verde.

Os pára-quedistas começaram a gritar. — Vamos, vamos, vamos. —

Queriam sair dos aviões; jamais haviam imaginado que ficariam tão ansiosos por saltar. O avião de Lipton estava “trepidando e oscilando, e os pára-quedistas gritavam: ‘Vamos sair daqui!’” Eles estavam a apenas 180 metros do solo, e os projéteis traçantes de 40 milímetros passavam cada vez mais perto deles.

— Quando começamos a ouvir os estampidos dos projéteis perto da empenagem do avião — lembrou-se Lipton —, a luz verde foi acesa. — Ele saltou. O praça James Alley era o número 2º praça Paul Rogers o número 3.

Haviam dito a Alley que jogasse sua perneira de suprimento pela porta e a seguisse na escuridão da noite. Ele fez o que lhe ordenaram e acabou baqueando no piso do avião, com a cabeça e metade do corpo para fora e com a perneira pendurada e balouçando, sob o risco de ser partido ao meio. Rogers, que era

“forte como um touro”, conseguiu tirá-lo da porta, lançando-o para fora do avião, e saltou logo atrás.

Leo Boyle foi o último homem do grupo em seu avião. Havia uma

“turbulência tremenda” quando a luz verde se acendeu, e os soldados começaram a saltar na escuridão da noite. O avião deu uma guinada. Boyle foi lançado violentamente contra o piso. O avião estava voando inclinadamente. Boyle teve que esticar o braço para alcançar a parte inferior da porta e puxar o próprio corpo em direção a ela, de modo que pudesse rolar para fora do C-47 e, assim, realizar o “salto”.

Projéteis cortavam o céu em todas as direções. O avião da vanguarda, com o

grupo de salto 66, pilotado pelo tenente Harold Cappelluto, foi atingido por balas que lhe atravessaram o piso e o teto, produzindo faíscas. O avião manteve o curso e a velocidade durante alguns instantes, mas depois se inclinou para a direita. O piloto Frank DeFlita, do avião que vinha logo atrás, lembra-se de que "as luzes de aterrissagem do avião de Cappel uto se acenderam, e me pareceu que conseguiriam realizar a operação, mas o avião se chocou contra uma sebe e explodiu". Era o avião que levava o tenente Meehan, o primeiro-sargento Evans e o restante do estado-maior da companhia, inclusive o sargento Murray, que havia tido aquela longa conversa com Lipton sobre a forma pela qual se deve enfrentar diferentes situações de combate. Ele jamais chegou a experimentar alguma das possibilidades que ele e Lipton tinham tentado imaginar.

A Companhia E não tinha posto nenhum homem em combate ainda e já havia perdido o líder de pelotão Schmitz, Meehan, o comandante da companhia, e seu primeiro-sargento.

O praça Rod Strohl era um daqueles homens tão sobrecarregados que não conseguiu pôr o pára-quedas reserva. — Lembro-me de ter pensado que, ora, se você precisar dele, e ele não abrir, será o fim rapidamente, e, se você não precisar dele, não precisará dele. — O avião dele foi atingido e começou a cair.

Seu grupo saltou, e "o piloto e o co-piloto vieram conosco".

George Luz seguiu no avião de Welsh. Ele quase não conseguiu cumprir a primeira etapa da missão, já que, além de todo o equipamento costumeiro, estava levando um rádio e baterias, e ele somente conseguiu entrar no avião quando um grupo de aeronautas o ajudou a embarcar. Um vez a bordo, ele se voltou para Welsh e disse: — Tenente, se você me mantiver como o quinto homem do grupo, jamais conseguirei chegar à porta. Diante disso, Welsh disse a ele que trocasse de lugar com o praça Roy Cobb. Quando o fogo antiaéreo começou (de tão cerrado que era, "você conseguiria andar sobre ele", comentou Luz. — Foi inacreditável quanto ficamos desesperados para sair de lá — disse Carson.) Cobb gritou: — Fui atingido!

— Você consegue ficar em pé? — tornou Welsh, aos gritos. — Não.

— Desenganche-o — Welsh ordenou. Mike Ranney desprendeu Cobb do cabo de ancoragem. — Cobb ficou chateado. Ter treinado tão duramente durante dois anos e nem chegar a fazer o grande salto era ruim demais —recordou o praça

Rader. Logo em seguida, a luz vermelha se acendeu, reluziu um pouco e foi atingida pelo fogo antiaéreo.

— Não tive como dizer nada — lembra-se Welsh. — Portanto, eu disse

“Vá” e saltei. — Luz empurrou sua perneira de suprimento com o rádio e outros equipamentos pela porta afora e saltou na escuridão.

Foi assim que 13.400 jovens da nata americana, que haviam treinado para



esse momento durante dois anos, se lançaram contra a fortaleza de Hitler na Europa.

5

“Sigam-me”

NORMANDIA

6 de junho de 1944

Eles saltaram de muito pouca altura, de aeronaves que estavam voando muito velozmente. Estavam levando equipamentos demais e usando uma técnica que não tinha sido testada ainda e que acabou revelando-se um grande equívoco.

Quando saíam do avião, as perneiras de suprimento se soltavam e se precipitavam para o solo, em quase todos os casos, de tal modo que jamais eram vistas novamente. Além disso, o vento produzido pela hélice os lançava para esse ou aquele lado. Quando os pára-quedas se abriam, com o pára-quedista levando todo aquele peso extra e a velocidade acima do normal, o choque contra o solo era maior do que haviam experimentado. Saltando a 150 metros de altura, eles atingiam o solo segundos depois da abertura do pára-quedas. Portanto, o choque era intenso. Os pára-quedistas ficaram com manchas negras e roxas durante uma semana após o salto, como resultado disso.

Numa das anotações feitas em seu diário alguns dias depois, o tenente Winters tentou reproduzir os pensamentos que teve naqueles poucos segundos em que esteve no ar: “Estamos voando a 150 km/h. OK, vamos lá. Meu Deus, lá vai minha perneira de suprimentos e meu equipamento inteiro. Fique atento, cara! Atento! Deus do céu, eles estão tentando me acertar com aquelas metralhadoras. Desvie, desvie; tente manter-se próximo daquela perneira. Lá está ela; caiu naquela sebe. Caramba, a metralhadora. Uma estrada, árvores — espero não cair em cima de nenhum dos dois. Baque; bem, não foi tão ruim assim; agora, vamos sair do pára-quedas.” Burt Christenson saltou logo atrás de Winters:

— Acho que não fiz nada do que havia sido treinado para fazer, mas, de repente, sofri um tremendo abalo quando meu pára-quedas abriu. — Sua perneira soltou-se e “o resto é fácil de adivinhar”. Ele conseguiu ouvir os badalos de um sino em Ste.-Mère-Eglise e ver uma fogueira acesa na cidade. Balas de metralhadora “estão passando cada vez mais perto de mim. Puxo bem os tirantes para subir. Deus, estou indo para aquela fileira de árvores. Estou descendo rápido demais”. Quando passou por cima das árvores, ele encolheu as pernas para evitar bater nelas. “Fiquei tomado de pavor. A uns 21 metros abaixo de mim e a uns 6

metros à minha esquerda, um canhão antiaéreo de 20 milímetros alemão está sendo disparado contra os C-47s que passam lá em cima.” Para a sorte de Christenson, a linha de tiro dos alemães estava de costas para ele, e o barulho era tanto que não lhe ouviram o choque da aterrissagem, embora ele tivesse caído a apenas 35 metros ou mais deles.

Christenson cortou os cordões que o prendiam ao pára-quedas, sacou seu revólver de seis tiros e agachou-se atrás de uma macieira. E ficou quieto, movendo apenas os olhos.

— De repente, percebi movimentos a uns 10 metros de distância e vi a silhueta de um homem com capacete aproximando-se de quatro. Estiquei o braço para pegar meu grilo e fiz um sinal: clique-claque. Não houve resposta. O

vulto começou a mover-se em minha direção novamente.

Christenson apontou o revólver para o peito do sujeito e fez outro clique-claque. O sujeito pôs as mãos ao alto. — Pelo amor de Deus, não atire. —

Era o praça Woodrow Robbins, o assistente de operação de metralhadora de Christenson.

— Seu burro de merda. Que diabos há de errado com você? Por que não usou o grilo? — perguntou Christenson em tom de cochicho repassado de raiva.

— Perdi a parte do grilo que sinaliza.

Lentamente, a adrenalina foi saindo do cérebro de Christenson, e os dois começaram a afastar-se da posição alemã. E depararam Bull Randleman, que tinha um alemão morto aos pés. Randleman contou que, quando se livrou do pára-quedas, calou sua baioneta. De repente, um alemão lançou-se contra ele, com a baioneta calada. Com um golpe, Randleman arredou a arma do alemão e o traspassou com a baioneta. — Esse Kraut escolheu o cara errado para brincar de baionetas — ironizou Christenson.

O avião do tenente Welsh estava a 76 metros de altura, “no máximo”, quando ele saltou. Assim que saiu do C-47, outro avião logo abaixo do dele chocou-se contra um obstáculo. Ele conta que o deslocamento de ar provocado pela explosão o jogou para cima e para o lado, “e isso salvou minha vida”. Seu pára-quedas abriu rápido o bastante para que pudesse avaliar as condições de aterrissagem e tornar o “baque” doloroso, mas não fatal.

A maioria dos membros da Easy teve uma experiência semelhante.

Poucos deles ficaram no ar o tempo suficiente para se orientar com alguma precisão, embora pudessem ver, pela direção em que os aviões estavam voando, qual era o caminho para o litoral.

Eles aterrissaram a uma distância enorme da área colimada. O rigoroso padrão de aterrissagem, na ZS perto de Ste.-Marie-du-Mont, que tinham esperado alcançar — aliás, com o qual contavam para a pronta reunião dos membros da companhia — foi tão profundamente desfigurado, por conta da manobra de evasão que os pilotos tinham feito quando alcançaram aquela nuvem, que os membros da Companhia E ficaram espalhados entre Carentan e Ravenoville, uma distância de 20 quilômetros. Os exploradores, Richard Wright e Carl Fenstermaker, caíram no Canal da Mancha depois que o avião deles foi atingido (eles foram resgatados pelo navio britânico Tartar, transferidos para um navio de resgate americano e depois levados para a Inglaterra).

O praça Tom Burgess aterrissou perto de Ste.-Mère-Eglise. Assim como a maioria dos pára-quedistas nessa noite, ele não sabia onde estava. Aeronaves passavam voando a baixa altitude, com balas traçantes seguindo na direção

delas, o céu cheio de pára-quedistas americanos, figuras indistintas e inidentificáveis correndo ou rastejando pelos campos, rajadas de metralhadora em toda parte.

Depois de se desprender de seu pára-quedas com o canivete, ele usou o grilo, a fim de identificar-se para um tenente que não conhecia. Juntos, começaram a procurar o caminho em demanda da praia, buscando manter-se perto das sebes, presentes em toda parte. Outros pára-quedistas se juntaram a eles, alguns deles da 82ª (também muito dispersados no salto), outros de diferentes regimentos da 101ª. Travaram tiroteios breves e ocasionais com patrulhas alemãs.

O tenente fez de Burgess o explorador avançado. Nos primeiros clarões do dia, ele foi até a esquina da sebe que estava seguindo. Um soldado alemão escondido na quina das sebes se levantou. Burgess não o viu. O alemão atirou, com a arma voltada para baixo. A bala atingiu o osso zigomático esquerdo de Burgess, atravessou-o, rompeu a articulação das maxilas e saiu pelo lado posterior do pescoço. O sangue escorreu-lhe pela bochecha, da parte posterior do pescoço e do ouvido. Ele quase morreu sufocado.

— Eu queria viver — lembrou-se Burgess 45 anos depois. — Eles haviam incutido em nós a idéia de que a principal coisa a fazer quando você fosse atingido era não ficar nervoso, de que a pior coisa era você perder o controle. —

Com isso, ele fez o melhor que pôde para ficar calmo. Os colegas que o acompanhavam remendaram-no da melhor forma possível, fizeram curativos nos ferimentos e levaram-no para um estábulo situado nas proximidades, onde ele se deixou cair em cima do feno. E desmaiou.

À meia-noite, um fazendeiro francês “foi até o estábulo, sentou-se e segurou minha mão. Chegou mesmo a beijá-la”. O fazendeiro levou uma garrafa de vinho. Na manhã do dia 7 de junho, o fazendeiro foi buscar dois socorristas e emprestou-lhes uma carroça puxada a cavalo, que eles usaram para levar Burgess até a praia. Lá, ele foi evacuado para a Inglaterra e depois levado para os Estados Unidos. Ele chegou a Boston na véspera do Ano-Novo, em 1944. Ficou sob uma dieta rigorosamente líquida até março de 1945, quando pôde ter a primeira porção de alimento sólido desde sua última refeição, feita em Uppottery, em 5 de junho de 1944.

O praça Gordon teve uma aterrissagem difícil. Não tinha idéia de onde estava,

mas guardava plena consciência do que estava determinado a fazer primeiro — montar sua metralhadora. Ele se aninhou numa sebe e fez o trabalho.

Quando terminou, “notei uma figura se aproximando, e, pelo andar, vi que era John Eubanks”. Logo depois disso, Forrest Guth juntou-se a eles. Outra figura começou a surgir na escuridão. “Faça-lhe o sinal da senha”, Gordon sugeriu a Eubanks. Antes que Eubanks pudesse fazer isso, o homem exclamou:

“Relâmpago.” Eubanks esquecera a contra-senha (“Trovão”) e também que o grilo era uma alternativa de identificação e, em vez de usá-lo, disse: “Raio.” O

sujeito lançou uma granada nos membros da Companhia E. Eles se dispersaram, e a granada explodiu, mas, felizmente, ninguém se feriu. O soldado desapareceu, o que, talvez, tenha sido bom para o grupo, já que estava nervoso demais para que confiassem nele.

Gordon, Eubanks e Guth iniciaram a caminhada em direção à praia, seguindo rente a uma sebe. De repente, viram um pára-quedista americano atravessar o campo correndo, agachar-se e pular dentro de uma vala (era noite de lua em quarto crescente, com poucas nuvens no céu e, portanto, visibilidade razoável). Gordon disse aos outros que ficassem quietos, pois iria ver quem era.

Ele rastejou até a vala, onde “deparei um par de olhos voltados para cima, fixos em mim, e a ponta do cano de uma pistola bem na minha cara”.

— Gordon, é você? — Era o sargento Floyd Talbert. Agora, havia quatro deles. Continuaram a rastejar juntos, a andar de quatro, a mover-se na direção da praia. Meia hora ou mais antes dos primeiros albores do dia, Guth podia jurar que ouvira o rangido de um comboio de carretas de transporte de tropa de duas toneladas e meia passando perto dali. Como era possível? A invasão por mar não tinha nem começado, quanto mais o desembarque de carretas. Fortes sibilos e potentes estampidos troando pelo continente adentro responderam-lhe a pergunta: o barulho que Guth ouvira vinha dos projéteis que cortavam os ares, projéteis de 16 polegadas disparados dos canhões dos navios de guerra no litoral.

Os quatro membros da Companhia E juntaram-se a um grupo do 502°

que tinha acabado de capturar uma fortaleza alemã num grande complexo agrícola, cuja localização proporcionava uma visão das encruzilhadas ao norte da praia em Ravenoville. Eles passaram o dia defendendo a fortaleza de contra-

ataques. Um dia após o Dia D, partiram à procura de sua companhia.

Jim Alley caiu em cima de um muro nos fundos de uma casa, um daqueles muros franceses com cacos de vidro encravados no topo. Ele foi ferido e ficou sangrando em várias partes do corpo. Depois, recuou alguns passos e recolheu-se no canto de um jardim e estava prestes a livrar-se do arnês do pára-quedas quando alguém lhe segurou o braço. Era uma jovem, parada em pé entres os arbustos.

— Eu americano — disse Alley, sussurrando.

— Vá embora, vá embora. — Ela voltou para dentro da casa.

Alley achou sua perneira de suprimento, ajuntou seu equipamento (13

projéteis de um morteiro de 60 milímetros, quatro minas terrestres, munição para seu fuzil M-1, granadas de mão, comida, a base de metal do morteiro e outras coisas mais) e pôs-se em cima do muro. Ao fazer isso, atraiu tiros de metralhadora. O muro tinha por volta de 30 centímetros de altura. Ele ficou coberto de estuque antes que pudesse voltar a cair no jardim.

O combatente continuou deitado para pensar no que fazer. Comeu uma das barras de chocolate e resolveu sair pela frente. Antes que pudesse mover-se, a jovem saiu de casa, olhou para ele e saiu pelo portão da frente. “É isso”, pensou Alley. “Vou ficar aqui.” Logo depois, a mulher voltou. Um soldado passou pelo portão, atrás dela. “Apontei minha arma para ele, e ele apontou a dele para mim.”

Eles se reconheceram; o soldado era do 505° RIP.

— Onde estou, diabos? — Alley procurou saber. — Ste.-Mère-Eglise — disseram-lhe. Ele se juntou ao 505°. Pouco antes do amanhecer, deparou Paul Rogers e Earl McClung, da Easy. Eles passaram o dia, e a maior parte da semana seguinte, combatendo com o 505°.

Em toda a península, durante a noite inteira e à luz do Dia D, os pára-quedistas fizeram a mesma coisa — travaram escaramuças, formaram unidades improvisadas, defenderam posições, atormentaram os alemães com ataques sucessivos, tentaram unir-se às suas unidades. Foi exatamente isso que lhes disseram que fizessem. Desse modo, seu treinamento e sua confiança superaram

o que poderia ter se tornado um desastre e, portanto, transformaram as aterrissagens dispersas num fator positivo. Os alemães, ouvindo informes de combates aqui, ali, em toda parte, superestimaram grosseiramente o número de pára-quedistas que estavam enfrentando e, assim, reagiram confusa e hesitantemente.

Winters tinha descido nas cercanias de Ste.-Mère-Eglise. Ele pôde ver o grande incêndio perto da igreja e ouviu seus sinos convocando os cidadãos para combater o incêndio. Não conseguiu achar sua perneira de suprimentos. A única arma que tinha era sua baioneta, enfiada na bota. Seu primeiro pensamento foi afastar-se do fogo da metralhadora e das armas leves no pátio da igreja. Assim que fez menção de deixar o local, um pára-quedista aterrissou ao lado dele.

Winters o ajudou a livrar-se do pára-quedas, pegou uma granada para ele e disse:

— Vamos voltar e procurar minha perneira de suprimentos. — O pára-quedista hesitou. — Siga-me — ordenou Winters e começou a mover-se. Nisso, um alemão despejou neles o fogo de sua metralhadora. — Pro inferno com a perneira — disse Winters. E seguiu para o Norte, de modo que pudesse contornar Ste.-Mère-Eglise antes de voltar-se para o Leste e ir para o litoral.

Poucos minutos depois, avistou algumas figuras indistintas e usou o grilo. Ao fazê-lo, recebeu como resposta um confortante clique-claque duplo do sargento Lipton.

Lipton tinha aterrissado numa área murada, atrás da hôtel de vil e (prefeitura) de Ste.-Mère-Eglise, a um quarteirão de distância da igreja. Tal como Winters, ele tinha perdido sua arma juntamente com a perneira de suprimentos.

Em seu bornal de provisões, ele tinha duas granadas e um kit de demolição, além de sua faca de campanha. Ele escalou um portão e seguiu cautelosamente por uma rua, longe da igreja e do fogo. No limite urbano da cidade, havia um pesado poste de concreto com o nome da cidade nele. Lipton aproximou bem o rosto das letras e as leu uma por uma, até ter certeza de que a placa dizia

“Ste.-Mère-Eglise”.

Pára-quedistas aterrissavam em volta dele. Para evitar levar um tiro de um americano nervoso, quando via dois descendo perto um do outro, ele corria para

baixo da área de aterrissagem deles. Quando atingiam o solo e antes mesmo que pudessem pensar em atirar, Lipton já estava conversando com eles. Eles eram da 82ª DIA e aterrissaram a 10 quilômetros de distância do ponto objetivado. O

sargento Guarnere juntou-se a eles, acompanhado por Don Malarkey, Joe Toye e Popeye Wynn. Alguns minutos depois, Lipton deparou Winters.

— Vi uma placa na estrada lá por aquelas bandas — indicou Lipton. —

Ste.-Mère-Eglise.

— Bom — respondeu Winters. — Sei onde é isso. Posso levá-los daqui.

— E partiu à frente do grupo com destino a Ste.-Marie-du-Mont. No caminho, juntaram-se a outro grupo, do 502°. Por volta das 3 horas, avistaram uma patrulha alemã, quatro camionetes seguindo pela estrada. Armaram uma emboscada, e, ali, Guarnere vingou-se pela primeira vez do irmão, explodindo as camionetes que vinham na frente. As outras duas escaparam, mas a Companhia E fez alguns prisioneiros.

Uma metralhadora alemã abriu fogo contra o grupo. Quando isso aconteceu, os prisioneiros tentaram atacar os americanos de surpresa. Guarnere os matou com sua pistola. — Nenhum remorso — ele disse ao descrever o incidente 47 anos depois. — Nenhuma pena. Foi fácil como esmagar um inseto.

— Depois de uma pausa, acrescentou: — Somos pessoas diferentes agora.

Por volta das 6 horas, toparam com o capitão Jerre Gross, da Companhia D, e 40 de seus homens. Juntaram forças para prosseguir com destino a Ste.-Marie-du-Mont, distante deles 8 quilômetros, a Sudeste. Alguns minutos depois, depararam o estado-maior do 2º Batalhão, com mais ou menos outros 40

homens. Winters achou um M-1, depois um revólver, um cinturão, um cantil e muita munição. — Portanto, estava me sentindo pronto para combater —

principalmente depois que filei alguma comida dos rapazes. — Lipton achou um mosquetão. Os outros se armaram também.

Assim como os americanos, o comandante da unidade alemã que defendia a

região, coronel Frederick von der Heydte, do 6º Regimento Pára-quedista, avançava para Ste.-Marie-du-Mont. Ele era um soldado experiente, já estava no exército alemão desde meados de 1920 e tinha liderado soldados em combates na Polônia, na França, na União Soviética, em Creta e no norte da África. O coronel von der Heydte era o mais graduado oficial alemão presente, uma vez que os comandantes da divisão estavam em Rennes, no rio Sena, para participar de um jogo de guerra. Ele tinha um batalhão situado dentro de Ste.-Mère-Eglise e em volta dela, outro perto de Ste.-Marie-du-Mont, um terceiro em Carentan. Todos os pelotões dele estavam de prontidão também, alguns deles tentando travar combate com os americanos, mas a confusão causada por informes de aterrissagens aqui, ali, aparentemente em toda parte, tinha tornado impossível para os alemães a realização de contra-ataques combinados.

O coronel von der Heydte queria ver isso por si mesmo. Ele pegou a motocicleta e seguiu de Carentan para Ste.-Marie-du-Mont, onde subiu ao topo do campanário da igreja, que se erguia a uns 50 ou 60 metros acima do solo. Lá, tinha-se uma vista excelente da Praia de Utah.

Aquilo que viu quase lhe tirou o fôlego. “Ao longo de toda a praia”, relatou numa entrevista em 1991, “havia pequenos barcos, centenas deles, cada um despejando de 30 a 40 soldados armados [na praia]. Atrás, estavam os navios de guerra, atirando sem parar com seus canhões enormes; era uma frota com mais navios de guerra do que qualquer uma vista antes.”

Em torno da igreja, no vilarejo e além, nos verdes campos riscados por sebes em todas as direções, tudo caíra em completo silêncio. Os tiroteios individuais da noite se haviam extinguido com a chegada da luz do dia. Von der Heydte não conseguia avistar nenhuma unidade americana nem alemã.

Depois de descer do campanário, o coronel seguiu em sua motocicleta alguns quilômetros para o Norte, com destino a Brécourt Manor, onde a artilharia alemã tinha uma bateria de quatro canhões de 105 milímetros entrincheirados e camuflados. Não havia nenhum homem de artilharia por perto; obviamente, haviam se dispersado à noite, depois que a aterrissagem dos pára-quedistas começou. Von der Heydte voltou para Carentan, onde ordenou que seu 1º Batalhão ocupasse e defendesse Ste.-Marie-du-Mont e Brécourt e que encontrasse alguns soldados de artilharia para guarnecer aquela bateria. A posição dela era perfeita para lançar projéteis contra os veículos de desembarque na Praia de Utah e para repelir os navios de guerra no canal.

A essa altura, por volta das 7 horas, a Companhia E compunha-se de duas metralhadoras leves, uma bazuca (sem munição), um morteiro de 60

milímetros, nove fuzileiros e dois oficiais. Quando o 2º Batalhão aproximou-se de um grupo de casas numa vila minúscula chamada Le Grand-Chemin, situada a apenas 3 quilômetros ou mais de Ste.-Marie-du-Mont, foi alvo de fogo pesado procedente da área à frente. A coluna parou; Winters e seus homens sentaram-se para descansar. Dez ou quinze minutos depois, George Lavenson, o tenente do setor administrativo (S-1) do estado-maior do batalhão, antes pertencente à Companhia E, surgiu caminhando pela estrada. — Winters — informou —, eles o querem na vanguarda. O capitão Hester, do setor de operações e treinamento do estado-maior (S-3), e o tenente Nixon, do serviço de inteligência (S-2), ambos amigos íntimos de Winters, disseram a ele que havia uma bateria alemã de quatro canhões de 105 milímetros posicionada a algumas centenas de metros dali, para além de algumas sebes e campos abertos, em frente de uma grande fazenda francesa chamada Brécourt Manor. O serviço de inteligência não tinha visto o canhão, já que ele estava entrincheirado numa sebe, ligada a um sistema de trincheiras extenso, coberto por arbustos e árvores. Havia um pelotão de 50

soldados de infantaria defendendo a posição (parte deles do 1º Batalhão, do comandante von der Heydte); o canhão tinha acabado de ser posto em ação, com disparos feitos contra a Praia de Utah, a 4 ou 5 quilômetros a Nordeste.

O 2º Batalhão tinha menos de 100 homens a essa altura. O

tenente-coronel Strayer tinha responsabilidades em todos os sentidos em Le Grand-Chemin. Ele estava tentando aproximar seu batalhão de sua força total, uma unidade com 600 homens, e defender-se de contra-ataques. Ele podia enviar apenas uma companhia para atacar a bateria alemã. Hester disse a Winters que cuidasse de destruir essa bateria.

Eram 8h30. O capitão Sobel estava prestes a vingar-se um pouco de Hitler, o exército americano estava prestes a obter um grande retorno pelo investimento feito em treinamentos e equipamentos, o povo americano estava prestes a conseguir sua recompensa por ter criado homens tão bons como esses.

A companhia que Sobel, que o exército e que o país tinham criado e treinado para esse momento estava entrando em combate.

Winters começou a trabalhar instintiva e imediatamente. Ele disse aos membros

da Companhia E que abandonassem todo equipamento que estavam carregando, exceto armas, munição e granadas. Explicou que o ataque seria um assalto frontal e rápido, apoiado por uma base de fogo e lançado de diferentes posições, tão próximas dos canhões quanto possível. Ele assentou duas metralhadoras para que dessem fogo de cobertura enquanto ele avançasse com seus homens para as suas posições de assalto.

A área do campo em que o canhão estava localizado era irregular, com sete ângulos agudos na sebe que o circundava. Isso dava a Winters a oportunidade de atingir os alemães de diferentes posições.

Winters posicionou suas metralhadoras (uma delas operada pelos praças John Plesha e Walter Hendrix e a outra pelos praças Cleveland Petty e Joe Liebgott) ao longo do segmento da sebe que levava ao objetivo, com instruções aos soldados para que fornecessem fogo de cobertura. Enquanto Winters avançava de rastos para a posição de assalto, avistou um capacete alemão — o soldado inimigo estava movendo-se pela trincheira, agachado, com apenas a cabeça acima do nível do solo. Winters fez mira com seu M-1 e disparou dois tiros, matando o sujeito.

Winters disse ao tenente Compton que pegasse os sargentos Guarnere e Malarkey, avançasse para a esquerda, atravessasse de rojo o campo aberto, se aproximasse o mais possível do primeiro canhão da bateria e lançasse granadas na trincheira. Ele fez que os sargentos Lipton e Ranney avançassem para a direita, ao longo da sebe e de um arvoredo, com ordens para que lançassem fogo de flanco na posição inimiga.

Winters encabeçaria o ataque ao longo da sebe. Com ele, estavam os praças Gerald Lorraine (do QG do regimento; ele era o motorista do jipe do coronel Sink) e Popeye Wynn e o cabo Joe Toye.

Aqui, o treinamento apresentou resultados. — Lutamos como uma equipe, sem estrelismos — avaliou Lipton. — Éramos como uma máquina. Não tínhamos ninguém que desembestasse de encontro à posição de uma metralhadora inimiga e a atacasse. Nós a destruíamos ou fazíamos seus homens recuarem por meio de manobras e trabalho de equipe ou pelo de uso de fogo de morteiro. Éramos inteligentes; não houve muito dessa coisa de exibicionismo heróico. Tínhamos aprendido que heroísmo era uma forma de morrer sem fazer o trabalho que precisava ser feito, e fazê-lo era mais importante.

Quando Ranney e Lipton começaram a avançar ao longo da sebe, descobriram que não podiam ver as posições alemãs, por causa da vegetação arbustiva e de outra espécie vegetal que cobria o terreno. Lipton resolveu subir numa árvore, mas não havia nenhuma grande o bastante que lhe permitisse atirar por detrás do tronco. A que ele escolheu tinha muitos galhos pequenos; ele teve de se sentar precariamente, de frente para os alemães, equilibrando-se em vários galhos, e seria alvo fácil se eles voltassem os olhos para a direção dele. A cerca de 75 metros dali, ele pôde ver quase 15 soldados inimigos, alguns deles em trincheiras, outros deitados em campo aberto, atirando contra a Companhia E, muito atentos à atividade na frente deles para notar a presença de Lipton.

Lipton estava armado com um mosquetão que tinha pegado durante a noite. Ele disparou contra um homem posicionado no campo. O soldado inimigo pareceu safar-se. Lipton fez novo disparo. Seu alvo não se moveu. Ainda incerto se a mira do mosquetão tinha sido regulada ou não, Lipton mirou num ponto do solo logo abaixo da cabeça do sujeito e fez outro disparo. A terra voou pelos ares exatamente onde ele mirara; agora Lipton sabia que a mira do mosquetão estava regulada e que seu primeiro tiro tinha matado o soldado. Ele começou a mirar e atirar o mais rapidamente possível de sua insegura e frágil posição.

O tenente Compton estava armado com um fuzil-metralhadora Thompson que ele havia pegado à noite (ele o obtivera de um tenente da Companhia D que tinha quebrado a perna no salto). Usando toda a sua capacidade atlética, ele conseguiu atravessar o campo de rastos e alcançar a sebe, com Guarnere e Malarkey ao lado dele. Os alemães estavam recebendo fogo de uma metralhadora à esquerda deles, de Lipton e Ranney na retaguarda e do grupo de Winters pela frente. Não perceberam a aproximação de Compton.

Quando alcançou a sebe, Compton a escalou e atravessou parte dela. Ele chegou de forma totalmente surpreendente e matou a guarnição do canhão e os infantes alemães assim que o viram. Mas, quando puxou o gatilho do fuzil-metralhadora, nada aconteceu. A arma emperrou.

Nesse instante, Winters gritou: — Sigam-me — e o grupo de assalto avançou a toda pressa pela sebe em direção a Compton. Simultaneamente, Guarnere pulou dentro da trincheira ao lado de Compton. A guarnição alemã do primeiro canhão, sob ataque de todas as direções, fugiu. A infantaria se retirou com ela, afastando-se rapidamente de Compton, Guarnere e Malarkey ao longo da sebe. Os membros da Companhia E começaram a lançar granadas contra o inimigo em

retirada.

Compton tinha sido um apanhador de elite da equipe de beisebol da UCLA. A distância que o separava do inimigo em fuga era mais ou menos a mesma que medeia a base do batedor e a segunda base. Compton lançou sua granada em linha reta — sem que descrevesse um arco —, e ela atingiu o alemão na cabeça e explodiu. Ele, Malarkey e Guarnere começaram então a lançar granadas da trincheira.

Winters e seu grupo estavam com eles a essa altura, disparando seus fuzis, lançando granadas, gritando, excitados, com a adrenalina dando-lhes força de super-homens.

Wynn foi atingido nas nádegas, caiu na trincheira e clamou várias vezes:

— Desculpe, tenente. Eles me pegaram, me pegaram. Desculpe. — Uma granada de mão alemã caiu na trincheira; todos se jogaram ao chão.

— Joe, cuidado! — Winters gritou para Toye. A granada tinha caído entre as pernas de Toye, o qual estava deitado de bruços. Ao ouvir o aviso, ele se virou. A granada atingiu o fuzil e arrancou-lhe a coronha ao explodir, mas ele escapou incólume. — Se não fosse por Winters — Toye disse em 1990 —, eu estaria morto hoje.

Winters lançou algumas granadas pela trincheira e depois avançou impetuosamente contra os soldados em fuga. O praça Lorraine e o sargento Guarnere o acompanharam. Três dos infantes inimigos começaram a atravessar correndo os campos, afastando-se de Brécourt Manor.

— Pegue-os! — clamou Winters. Lorraine atingiu um deles com seu fuzil-metralhadora; Winters fez mira em seu M-1ªpertou o gatilho e matou seu alvo com um tiro na nuca. Guarnere errou o tiro no homem em que mirara, mas Winters meteu uma bala na cabeça dele. Nisso, Guarnere secundou-lhe o tiro certeiro crivando o soldado inimigo ferido com as balas de seu fuzil-metralhadora.

O alemão clamava: — Ajude-me! Ajude-me! — Winters ordenou que Malarkey desse um tiro na cabeça do inimigo.

Um quarto alemão saiu da trincheira, a cerca de 100 metros na outra extremidade da sebe. Winters o viu, deitou-se no chão, mirou bem e o matou.

Entre 15 e 20 segundos haviam transcorridos desde que ele liderara o ataque. A Easy tinha tomado o primeiro canhão.

A primeira coisa que ocorreu a Winters foi que havia muitos outros alemães mais além, nas trincheiras, e que eles contra-atacariam logo. Ele deixou-se cair pesadamente ao chão, avançou de rojo na trincheira, alcançou outra, ligada a ela, deu uma olhada ao longo do buraco “e, dito e feito, lá estavam dois deles montando uma metralhadora, preparando-se para atirar. Fiz um disparo e acertei o operador na cintura; o segundo atingiu o ombro do outro rapaz”.

Winters fez que Toye e Compton lançassem fogo contra o canhão seguinte, enviou outros três homens para examinar o local do canhão capturado e três para cobrir a linha de frente. A essa altura, Lipton tinha descido da árvore e estava pondo-se a caminho de Winters. Ao longo do caminho, ele parou para pôr sulfa em pó no ferimento de Wynn e fazer-lhe um curativo. Wynn continuava a desculpar-se por ter falhado. O subtenente Andrew Hil , do QG do regimento, aproximou-se de Lipton por trás.

— Onde está o QG do regimento? — perguntou em voz alta.

— Lá atrás, por ali — tornou Lipton, apontando para a retaguarda. Hil levantou a cabeça para ver. Uma bala atingiu-lhe a testa e saiu pelo ouvido, matando-o instantaneamente.

Depois disso, todo movimento passou a restringir-se ao sistema de trincheiras, e com os combatentes agachados, já que o fogo da metralhadora alemã era quase contínuo, com suas balas cruzando os ares acima da trincheira.

Mas Malarkey viu um dos alemães mortos por Winters, a cerca de 30 metros no campo, com um estojo preto preso ao cinto. Malarkey achou que era uma Luger23

e sentiu vontade de apossar-se dela. Com isso em mente, disparou em carreira pelo campo afora, apenas para descobrir que era um estojo de couro da mira do canhão de 105 milímetros. — Idiota, este lugar está cheio de alemães. Volte aqui!

— gritava Winters. Ficou claro que os alemães acharam que Malarkey era socorrista; em todo caso, os operadores de metralhadora somente se viraram para ele quando ele tratou de voltar correndo para a trincheira. Com balas cruzando-lhe o caminho em todas as direções, ele pulou para baixo do 105.

Winters estava no canhão, com a intenção de tirá-lo de ação, embora desprovido do kit de demolição. Lipton aproximou-se dele e disse que tinha um em seu bornal de provisões, que estava na área em que o ataque havia começado.

Winters ordenou que ele fosse buscá-lo.

Tempo para atacar o segundo canhão. Ele deixou três homens guardando o primeiro canhão capturado e em seguida liderou com os outros cinco um ataque à outra parte do sistema de trincheiras, lançando granadas enquanto avançavam, atirando com os fuzis. Eles alcançaram os dois alemães da metralhadora que tinham sido feridos por Winters e os fizeram prisioneiros. A guarnição do segundo canhão bateu em retirada; a Easy o tomou com apenas uma baixa.

Com a tomada do segundo canhão e ficando com pouca munição, 23 Pistola calibre 9 milímetros fabricada na Alemanha. (N.T.) Winters deu ordem para que os quatro operadores de metralhadora avançassem.

Nesse ínterim, seis soldados alemães resolveram entregar os pontos; e vieram marchando pela trincheira vicinal em direção ao segundo canhão, com as mãos na cabeça, clamando: — Não fazer morto! Não fazer morto!

O praça John D. Hall, da Companhia A, juntou-se ao grupo. Winters ordenou um ataque ao terceiro canhão. Hal liderou a operação e foi morto, mas o canhão foi tomado. Winters providenciou para que três de seus homens o defendessem. Com 11 homens, ele agora controlava três 105.

Na posição do segundo canhão, Winters achou um estojo com documentos e mapas mostrando as posições de todos os canhões e de todas as metralhadoras na península de Cotentin inteira. Ele enviou os mapas e os documentos para o batalhão, juntamente com os prisioneiros e uma solicitação de fornecimento de mais munição e alguns reforços, pois “já fomos muito além do que podíamos” ir. Com o uso de granadas, ele começou a destruir o rádio da guarnição do canhão, o telefone e os telêmetros.

O capitão Hester chegou, trazendo consigo três blocos de TNT e algumas

granadas incendiárias. Winters pôs um bloco e uma granada de mão alemã no cano de cada um dos três canhões. Essa combinação fez a culatra dos canhões ficar parecendo bananas descascadas pela metade. Lipton ficou desapontado quando voltou com seu kit de demolição e viu que ele não era necessário.

Os reforços chegaram, cinco homens chefiados pelo tenente Ronald Speirs, da Companhia D. Um deles, “Rusty” Houch, da Companhia F, levantou-se para lançar uma granada nas posições dos canhões e foi atingido várias vezes nas costas e nos ombros por uma rajada de metralhadora. Ele morreu instantaneamente.

Speirs liderou um ataque ao último canhão, que ele tomou e destruiu, com a baixa fatal de dois homens.

Então, Winters deu ordem de retirada, pois a companhia estava atraindo fogo pesado de metralhadoras das sebes perto de Brécourt Manor, e, com os canhões destruídos, não havia sentido em defender a posição. Os operadores de metralhadora se retiraram primeiro, seguidos pelos fuzileiros. Winters foi o último a se retirar. Enquanto estava afastando-se, deu uma última olhada pela extensão da trincheira. “Lá estava o alemão que estávamos deixando para trás, tentando disparar uma metralhadora contra nós outra vez. Diante disso, meti-lhe uma bala na cabeça.” Eram llh30. Winters precisou de quase três horas para cumprir a ordem de tomada e destruição daqueles canhões.

Com 12 homens, o que equivalia a um esquadrão (depois reforçado por Speirs e outros), a Companhia E tinha destruído a bateria alemã que estava voltada diretamente para a estrada número 2 e para a Praia de Utah. Essa bateria tinha uma linha telefônica que se estendia até um observador avançado posicionado numa casamata localizada na extremidade litorânea dessa estrada.

Ele solicitara via telefone lançamento de tiros contra a 4ª DI quando ela desembarcou. A importância do que a Companhia E tinha feito não pode ser avaliada com precisão, mas, certamente, o que ela fez salvou muitas vidas e tornou muito mais fácil — talvez, sobretudo, possível mesmo — a entrada de tanques no continente a partir do litoral. Embora seja exagero grosseiro dizer que a Companhia E foi a salvação do plano de invasão, seria razoável afirmar que a ação dela foi uma importante contribuição para o sucesso dessa operação.

As baixas de Winters foram quatro mortos e dois feridos. Ele e seus homens

tinham matado 15 alemães, ferido muitos mais e feito 12 prisioneiros; em suma, eles tinham varrido do mapa os pelotões de 50 pára-quedistas de elite alemães que defendiam os canhões e ainda fizeram que as guarnições dessas armas se dispersassem. Numa análise escrita em 1985, Lipton disse: “O ataque foi um exemplo singular de uma tropa de assalto pequena e bem-conduzida que venceu e indicou a localização de uma força de defesa muito maior e que ocupava posições previamente assentadas. Foi o alto moral dos membros da Companhia E, a rapidez e a ousadia do ataque frontal e o fogo lançado contra as posições inimigas de várias direções que desmoralizou as forças alemãs e as convenceu de que estavam sendo atacadas por uma força muito maior.”

Houve outros fatores, inclusive o excelente treinamento que a companhia tinha recebido e o fato de que esse foi seu batismo no enfrentamento direto do fogo inimigo. Os combatentes haviam corrido riscos que não correriam no futuro. Lipton disse que jamais teria subido naquela árvore e ficado tão exposto se fosse veterano então. — Mas estávamos muito excitados nesse dia.

— Você não tem consciência perfeita da realidade na primeira vez —observa Guarnere. — Eu jamais, jamais, faria outra vez aquilo que fiz naquela manhã.

Compton não teria irrompido através daquela sebe se fosse experiente.

— Eu tinha certeza de que não seria morto — disse Lipton. — Achava que, se uma bala fosse disparada contra mim, seria desviada por algum obstáculo ou eu mesmo me desviaria.

(Paul Fussell, em Wartime, diz que o soldado que trava combate pela primeira vez pensa consigo mesmo: “Isso não pode acontecer comigo. Sou esperto demais / ágil / bem-treinado *bem-apessoado* amado / uso as botas bem amarradas etc.” Em pouco tempo, esse sentimento dá lugar a “Isso pode acontecer comigo, e é melhor que eu seja mais cuidadoso. Posso evitar o perigo procurando ser mais prudente no que diz respeito a procurar abrigo /

entrincheirar-me / evitar expor minha posição com disparos de minha arma /

manter-me mais alerta o tempo todo etc.”)24

24 Fussell, Wartime, p. 282.

Em sua análise, Winters deu um ponto ao exército por tê-lo preparado tão bem para esse momento (“meu momento crítico”, nas palavras dele). Ele fizera tudo corretamente, da exploração da posição inimiga ao assentamento de uma base de fogo de cobertura, à indicação de seus melhores homens (Compton, Guarnere e Malarkey num grupo e Lipton e Ranney no outro) para o cumprimento das missões mais desafiadoras e à atitude de ter liderado ele mesmo o ataque, no momento certo.

Winters achou que, se Sobel houvesse estado no comando, teria encabeçado o grupo inteiro, de 13 homens, num ataque frontal e teria perdido a própria vida e levado a maioria dos outros a perder a sua também. Quem estaria apto a dizer que ele estava errado a esse respeito? Mas, então, quem poderia afirmar que os membros da Easy teriam tido disciplina, resistência (eles haviam estado marchando desde a primeira hora e meia do dia, depois de uma noite de pouco ou nenhum sono de fato; estavam abalados e machucados por conta do salto acidentado e da aterrissagem penosa) ou habilidades de manejo de armas para realizar essa façanha militar não tivesse sido por Sobel?

Sink indicou Winters para o recebimento da Medalha Congressual de Honra ao Mérito25. Somente um homem por divisão receberia a mais honrosa das medalhas pela participação na campanha da Normandia; na 101ª, ela foi concedida ao tenente-coronel Robert Cole, por haver liderado um ataque com baionetas; Winters recebeu a Cruz de Serviços Notáveis. Compton, Guarnere, Lorraine e Toye foram condecorados com a Estrela de Prata; Lipton, Malarkey, Ranney, Liebgott, Hendrix, Plesha, Petty e Wynn obtiveram Estrelas de Bronze.

Um mês ou mais depois, Winters foi chamado ao QG do regimento. Sink, 25 Em inglês, Confessional Medal of Honor. A mais alta condecoração por bravura em combate concedida a um soldado das forças armadas dos Estados Unidos. Geralmente, é entregue pelo presidente do país ao condecorado, em nome do Congresso norte-americano.

(N.T.)

Strayer e o estado-maior estavam numa barraca. À cabeceira de uma mesa, estava S. L. A. Marshall, o historiador oficial do exército. O clima em torno da mesa era de “excitação”, disse Winters. — Aqueles caras de West Point teriam “matado”

para ter a oportunidade que tive de sentar-me numa cadeira de frente para Marshal .

— OK, tenente — disse Marshall —, conte-me o que você fez lá no Dia D. Você tomou aqueles 105, não é?

— Sim, senhor, correto.

— Conte-me como fez isso.

— Bem, senhor, preparei uma base de tiro. Depois, avançamos com o apoio dessa base e tomamos o primeiro canhão. Em seguida, assentamos outra base de tiro e avançamos para o segundo, o terceiro e o quarto canhão.

— OK, algo mais?

— Não, senhor, foi isso, basicamente. — Como graduado encarando todas essas altas patentes, Winters achou que seria melhor não exagerar muito nos feitos. Assim, ele os fez parecer um problema rotineiro de treinamento.

Para o desgosto de Winters, quando Marshall escreveu seu livro, Night Drop, deixou a Companhia E de fora, com exceção do fato de ter dito que “o

[2º] batalhão havia mantido a bateria alemã sob fogo de longa distância. .”. Ele fez um relato da captura de uma bateria em Holdy, perto da estrada número 1, feita pelo 1º Batalhão do 506°. Marshal disse no livro que o batalhão empregou 195 homens para tomar a bateria. — Com tantos soldados assim na Companhia E, eu poderia ter tomado Berlim! — comentou Winters26.

26 S. L. A. Marshall, Night Drop: The American Airborne Invasion of Normandy (Boston: Little, Brown, 1962), pp. 281-6. Marshall foi consideravelmente criticado pelos erros em sua obra, principalmente por pára-quedistas que participaram da batalha. Tenho simpatia por ele; escrever precisamente sobre uma batalha para a qual você tem testemunhos conflitantes de testemunhas oculares e participantes dela é um desafio, e depois também alguns historiadores militares fazem o melhor que podem.

Por volta das 12hl5, o sargento Leo Boyle se juntou a eles. Ele tinha saltado na ZS da 82ª, havia se perdido, acabou conseguindo descobrir onde estava, marchou

com destino a Ste.-Marie-du-Mont e achou sua companhia. —

O primeiro soldado que encontrei foi Winters. Ele estava cansado.

Apresentei-me a ele. Ele resmungou algo, e isso foi a única coisa que obtive dele.

Achei que talvez ele ficasse um pouco mais feliz por me ver, mas ele havia estado sob muita tensão.

Os soldados estavam felicitando uns aos outros, conversando a respeito do que tinham feito, tentando organizar na mente a seqüência dos fatos e entender o que acontecera. Eles eram os vencedores; estavam felizes, orgulhosos, cheios de si. Um deles achou uma garrafa de sidra num porão. Ela passou de mão em mão. Quando a garrafa chegou a Winters, ele achou que um gole lhe faria bem, pois estava “com muita sede e precisava de algo estimulante”. Ele chocou a tropa com o gole generoso que tomou, já que era a primeira vez que experimentava álcool. — Achei que, então, a bebida me poderia tranqüilizar a mente e amenizar minhas reações, mas isso não aconteceu.

O tenente Welsh apresentou-se para o serviço. Ele havia estado em vários tiroteios na companhia de outros membros da 82ª. Na mochila, trazia o pára-quedas de reserva; ele o manteve consigo durante toda a campanha da Normandia. — Eu queria enviá-lo para casa, de modo que Kitty fizesse o vestido do nosso casamento depois da guerra. — Otimismo?

O fogo de metralhadoras alemãs procedente da sebe do outro lado da estrada que vinha de Brécourt Manor estava aumentando. Winters providenciou para que seus operadores de metralhadora respondessem com um pouco de tiro enervante. Malarkey achou o cano de seu morteiro, mas não o pedestal ou o tripé.

Assentando o cano no chão, fez um dúzia de disparos na direção de Manor.

Guarnere se juntou a ele, usando apenas também o cano de outro morteiro.

Souberam depois que todos os disparos atingiram o alvo. — Esse técnica especial não se ensina — comentou Winters. — É um dom de Deus. — Quando Malarkey ficou sem munição para os morteiros, seu cano estava quase completamente enterrado. Um velho fazendeiro francês pegou uma pá para ajudá-lo a desenterrá-lo.

Próximo ao meio-dia, infantes da 4ª Divisão começaram a passar por Le Grand-Chemin. Welsh lembrava-se bem "do semblante dos primeiros infantes procedentes da praia quando quase punham as vísceras para fora ao ver os corpos informes e crivados de bala dos pára-quedistas e alemães mortos".

A essa altura, a Companhia E tinha por volta de 50 homens reunidos.

Ninguém sabia o destino do tenente Meehan, mas Winters se havia tornado o comandante de fato da companhia.

O tenente Nixon chegou, com quatro tanques Sherman atrás. Ele disse a Winters que indicasse a posição do inimigo aos tanques e depois empregasse a Companhia E como unidade de apoio ao ataque. Winters escalou a traseira do primeiro tanque e disse ao comandante: — Quero que lance fogo contra aquela, aquela e aquela sebe e contra Manor. Limpe tudo que sobrar.

Os tanques avançaram. Para os operadores, era a primeira vez que combatiam, a primeira chance de dispararem suas armas contra o inimigo. Eles traziam uma carga completa de munição, para as metralhadoras calibre 30 e calibre 50 e para o canhão de 75 milímetros.

— Eles simplesmente destroçaram aquelas sebes — conta Welsh. —

Tinha-se a impressão de que nunca iriam parar de atirar.

Mais ou menos no meio da tarde, Brécourt Manor estava tomada. A família de Val aviel e saiu de casa, encabeçada pelo coronel de Vallavielle, veterano da 1ª Guerra Mundial, juntamente com a esposa e os dois filhos adolescentes, Louis e Michel. Este apareceu na área de acesso ao quintal com as mãos na cabeça, juntamente com alguns soldados alemães que tinham ficado para trás com a

intenção de render-se. Um pára-quedista americano disparou um tiro contra as costas de Michel, ou porque o confundira com um alemão, ou porque achara que ele era colaboracionista. Mas ele sobreviveu, embora sua recuperação no hospital (ele foi o primeiro francês evacuado da Praia de Utah para a Inglaterra) tivesse levado seis meses. Apesar do incidente infeliz, os irmãos tornaram-se grandes amigos de muitos membros da Companhia E. Michel tornou-se prefeito de Ste.-Marie-du-Mont e fundador e criador do museu da Praia de Utah.

No fim da tarde, os alemães tinham saído de Ste.-Marie-du-Mont, ao passo que a Easy e o restante do 2º Batalhão avançaram e depois marcharam alguns quilômetros, na direção sul-sudeste, até o vilarejo de Culovil e, formado por apenas seis casas, localidade em que Strayer manteve seu posto de comando.

Winters fez que a tropa se acomodasse para passar a noite, com o devido assentamento de postos avançados, e ela tratou de se alimentar com suas rações K. Então, o próprio Winters resolveu sair em patrulha. Fora do vilarejo, ouviu soldados em marcha numa estrada pavimentada. Pelo ruído das botas com cravos na sola, viu que eram alemães. Ele se jogou numa vala; o esquadrão alemão passou por Winters. Ele sentiu o cheiro característico dos alemães. Era uma combinação de couro impregnado de suor e tabaco. Perto demais para me sentir seguro, pensou Winters.

O tenente Welsh lembra-se de ter caminhado entre os soldados adormecidos e haver pensado consigo mesmo que “eles tinham visto a morte e sentido o cheiro dela em toda parte o dia inteiro, mas jamais pensaram na idéia de que o termo pudesse ser aplicado eventualmente a eles. A tropa não tinha ido lá para sentir medo. Não tinha ido lá para morrer. Tinha ido lá para vencer”.

Antes de Lipton ir dormir, repassou na mente a conversa que tivera com o sargento Murray, antes do salto, sobre como seria o combate e o que eles fariam em diferentes situações. Ele adormeceu sentindo-se “recompensado e grato com o fato de que o dia tinha sido muito bom”.

Quando Winters fez menção de espreguiçar-se, ouviu “alemães fazendo disparos com suas metralhadoras, para o ar, evidentemente, já que não causaram nenhum dano, e gritando como um bando de adolescentes bêbados fazendo festa”, o que talvez fosse mesmo o que estava acontecendo.

Depois, antes de deitar-se, Winters escreveu em seu diário: “Não me esqueci de

ajoelhar-me e agradecer a Deus por me ajudar a continuar vivo nesse dia e de pedir a ajuda dele para o dia seguinte ao Dia D.” E fez uma promessa a si mesmo: se sobrevivesse à guerra, procuraria recolher-se numa fazenda isolada e passaria o resto da vida em paz e tranqüilo.



6

“MOVAM-SE”

CARENTAN

7 de junho-12 de julho de 1944

No amanhecer do dia 7 de junho, o capitão Hester foi procurar Winters com uma mensagem. — Winters — ele disse —, detesto fazer isso com você depois daquilo por que você passou ontem, mas quero que a Companhia E

encabece um coluna com destino a Vierville.

O batalhão tinha alcançado seus objetivos do Dia D, a 4ª Divisão havia desembarcado bem, as estradas estavam seguras. Sua próxima tarefa era seguir para o Sul, em direção a Carentan, do outro lado do rio Douve, com o intuito de juntar-se às forças americanas procedentes da Praia de Omaha, a Oeste. A rota começava em Culoville, passava por Viervil e, ia até St.-Côme-du-Mont, cruzava um rio e findava em Carentan.

O 2° Batalhão conseguiu varrer o inimigo de Vierville e depois avançou para Angovil e-au-Plain, com a Easy agora na reserva. O restante do dia foi gasto em ações de rechaço de contra-ataques alemães empreendidos pelo 6º Regimento Pára-quedista, comandado pelo coronel von der Heydte. No dia seguinte, o 1º

Batalhão do 506° tomou St.-Côme-du-Mont, a cerca de 3 quilômetros ao norte de Carentan, na última região elevada que dava vista para Douve Valley e, mais além, Carentan. O coronel Sink estabeleceu seu posto de comando em Angoville-au-Plain, com a Companhia E tomando posição para defender o QG

do regimento. Essa continuou sendo a tarefa dela nos três dias seguintes.

A Easy aproveitou o tempo para tomar fôlego e recompor sua força.

Soldados chegavam num fluxo constante, procedentes de toda a península de Cotentin. O sono era ainda algo difícil de conciliar, por causa do fogo de atiradores de elite, da artilharia e de morteiros. Enterrar corpos, de homens e animais, era problemático, já que estavam começando a intumescer e feder.

E surgiu outro problema, um que perseguiria as forças aerotransportadas durante o ano seguinte inteiro. Toda cidade libertada na França, e depois na Bélgica, Holanda, Alemanha e Áustria, estava cheia de vinho, conhaque, uísque e outro tipo de bebida alcoólica fina, de uma qualidade e em quantidade tais que eram desconhecidas pelo soldado comum. O praça Shifty Powers e um amigo acharam uma loja de vinhos em St.-Côme-du-Mont. Eles a invadiram e começaram a provar o conteúdo de algumas garrafas, “para achar o tipo de que gostávamos”. Cada um pegou uma garrafa e voltou para tomar a bebida em paz.

— De vez em quando, um atirador de elite alemão tentava nos acertar. Ele ficava tentando nos alvejar pelo ricochete da bala, e a ouvíamos atingir um obstáculo e ricochetear. De certo modo, gostávamos disso.

O tenente Welsh achou um barril de conhaque, “e achei que ele estava tentando bebê-lo todo sozinho”, relata Winters. “Houve ocasiões em que eu falava com Harry e percebia depois que ele não tinha ouvido uma palavra sequer do que eu havia dito, e isso não foi porque ele tivesse deficiência auditiva.

Corrigimos esse problema alguns dias depois.” Mas o problema tornou a aparecer. Havia simplesmente muita disponibilidade de bebida, e os jovens guerreiros estavam sob muita tensão, para que se recorresse a qualquer solução simples para isso.

Em 10 de junho, o praça Alton More pediu a Malarkey que o acompanhasse numa expedição a Ste.-Mère-Eglise para procurar uns bornais de provisão que ele tinha visto empilhados lá num terreno baldio. More era uma espécie de John Wayne grosseiro, filho de um botequineiro em Casper, Wyoming.

Ele havia se casado com a namorada da escola, e o primeiro filho deles tinha nascido quando ele estava na Inglaterra. Malarkey concordou em ir com ele, mas, quando chegaram lá, sentiu certo mal-estar quando percebeu que os bornais

de provisão tinham sido tirados de pára-quedistas mortos. Apesar disso, ele se juntou a More no esvaziamento dos bornais, virando-os de cabeça para baixo e pegando barras de chocolate, artigos de toalete, rações e dinheiro.

Mas, de repente, Alton caiu de joelhos e, num tom de voz quase inaudível, disse: — Vamos dar o fora daqui. — Malarkey virou o rosto para o lado e viu que More estava olhando para um par de sapatinhos de bebê, de crochê. Eles abandonaram o que tinham recolhido e voltaram para St.-Côme-du-Mont, decididos, dali por diante, a terem mais respeito para com os colegas mortos.

Os soldados alemães mortos eram outro problema. Quando vinha um período de calmaria, a caça a suvenires começava. As Lugers eram o item favorito, além de relógios, punhais, bandeiras, qualquer coisa que tivesse a suástica.

Quando, finalmente, quatro dias após o Dia D, Rod Strohl juntou-se a eles nessa prática, Liebgott o viu e foi correndo falar com ele. “Ei, Strohl, Strohl, veja só o meu.” Ele mostrou ao colega um anel que tinha arrancado do dedo de um alemão que ele tinha matado com sua baioneta.

A essa altura, a 29ª Divisão, vindo do Oeste, da Praia de Omaha, tinha tomado Isigny, situada a 12 quilômetros de Carentan, que, com uma população de cerca de 4 mil habitantes, a cidade era cortada pela principal rodovia que ligava Cherbourg a Caen e St.-Lô. A linha férrea Paris-Cherbourg passava por ela. O 6º

Regimento Pára-quedista Alemão, uma vez que tinha fracassado em manter o planalto ao Norte, estava defendendo Carentan agora. O coronel von der Heydte tinha ordens do marechal-de-campo Erwin Rommel para “defender Carentan até o último homem”.27

Em 10 de junho, a 29ª Divisão, procedente de Omaha, fez ligação com a 101ª, a nordeste de Carentan. Isso tornou a cabeça-de-praia segura, mas esta não podia ser estendida continente adentro até que os americanos expulsassem os alemães de Carentan. O avanço era penosamente lento, por conta de três importantes fatores: a falta de unidades blindadas ou de artilharia suficiente, a habilidade e a determinação dos defensores e as sebes. Geralmente com 2 metros de altura, ou até mais, com ruelas estreitas que mais pareciam trincheiras, tão compactas que podiam deter um tanque, cada sebe era uma posição inimiga difícil de vencer. E havia muitas delas. Tomava-se uma sebe, depois de um esforço máximo, e lá estava outra, 50 metros ou menos adiante. A região era o pior lugar em que se

podia pensar em organizar uma tropa de assalto, tão ruim quanto livrar uma cidade de todos os inimigos casa por casa ou cômodo por cômodo, ou quanto atacar o inimigo no sistema de trincheiras da 1ª Guerra Mundial. Mas isso tinha de ser feito.

O general Col ins tinha o VII Corpo de Exércitos atacando ao Norte, na direção de Cherbourg (a maior cidade portuária da Normandia e importante objetivo estratégico), e a Oeste, no sentido da costa (com o objetivo de isolar os alemães em Cotentin e cortar-lhes a linha de comunicação), mas os ganhos eram limitados e pouco progresso poderia ser esperado até que o gargalo em Carentan fosse destruído. A 101ª foi incumbida de cumprir essa tarefa.

O general Taylor resolveu atacar a partir de três direções diferentes ao mesmo tempo. O 327° Regimento de Infantaria Transportada por Aeroplanos chegou do Norte, e o 501° do Nordeste, ao passo que o 506° se mobilizaria em marcha noturna, contornando Carentan, quase sitiada então, em demanda do 27 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 166.

Sudoeste. Ataques coordenados estavam programados para começar de madrugada, às 5 horas do dia 12 de junho.

O capitão Sobel tinha providenciado para que a Companhia E passasse por treinamentos noturnos durante meses. Marchas noturnas através de campos e florestas, com o enfrentamento de problemas de localização geográfica e todo tipo de dificuldade de movimentação e controle de tropas. A tropa se sentia totalmente à vontade em trabalhar à noite. Aliás, alguns soldados insistiam em afirmar que conseguiam enxergar melhor no escuro do que à luz do dia.

De acordo com Winters (que, a essa altura, era o comandante de fato da companhia; Meehan ainda era considerado soldado desaparecido em combate, em vez de morto), os que não conseguiam adaptar-se a operações noturnas eram os oficiais do estado-maior do regimento. Eles não haviam ido “muito bem” nos treinamentos e não fizeram os exercícios noite após noite que os soldados e os graduados haviam feito. O resultado disso apareceu na noite do Dia D, conta Winters:

“Eles foram os que tiveram problemas de orientação e localização de objetivos. Tiveram grande dificuldade para passar pelas sebes. Os graduados e os recrutas tinham achado, sem nenhuma ajuda, o caminho e o objetivo que lhes diziam

respeito sem dificuldade e sem mapa.”

Essa deficiência dos oficiais tornou a ficar evidente na marcha noturna dos dias 11 e 12 de junho. A Companhia F seguiu na vanguarda, secundada pela Companhia E. Elas partiram com destino a Carentan através de um pântano, uma ponte e campos, até alcançarem uma estrada de ferro. Era penoso atravessar pântanos e sebes. As companhias foram perdendo contato. A Companhia F

alcançava uma região difícil, atravessava-a com esforço e depois prosseguia em marcha acelerada, sem considerar os elementos da retaguarda, empenhados em atravessar esse mesmo terreno difícil. O QG do regimento mudava freqüentemente as ordens da área de ação do 1º e 2º Batalhões. As companhias paravam, entrincheiravam-se, montavam metralhadoras e depois recebiam ordens para deslocar-se outra vez.

Houve importantes batalhas ao longo da rota que o 2º Batalhão estava seguindo. A região estava coberta de corpos, de americanos e alemães, armas e equipamentos, difíceis de serem vistos com clareza na escuridão. Depois de ter atravessado o rio Douve, seguindo em demanda da estrada de ferro, a Easy perdeu contato com a Companhia F. — Eu sabia que não conseguiríamos achar o caminho para o nosso objetivo atravessando aquele estranho terreno sozinhos

— observa Lipton — e que estávamos alinhados numa formação sem defesa.

Winters tentou contatar o batalhão pelo rádio. Os operadores procuraram falar amortecendo o tom de voz. Apesar do cuidado, não conseguiram evitar que uma MG 42 (a melhor metralhadora alemã do mundo) abrisse fogo, lançando várias rajadas curtas de algum ponto à esquerda. Lipton deslocou-se para o seu operador de metralhadora e sussurrou-lhe que montasse a metralhadora voltada para a direção dos disparos feitos contra eles. Ele se lembrou de que, enquanto se movia silenciosamente para posicionar o resto do pelotão, “quase morri de susto quando [o sujeito] começou a carregar a metralhadora. O barulho de uma metralhadora leve sendo carregada, com o ferrolho sendo puxado duas vezes para trás e depois solto, pode ser ouvido a meio quilômetro de distância numa noite silenciosa. Todas as tentativas de mantermos silêncio e surpreendermos os alemães foram desperdiçadas por nada”.

Mas não houve outros ataques do inimigo, e Lipton ficou um pouco aliviado.

O contato foi restabelecido. A Easy retomou o avanço. Pelo caminho,

encontraram um alemão morto, com a mão direita estendida para cima. Todos passaram por cima dele, mas, quando o praça Wayne “Skinny” Sisk alcançou o corpo, estendeu a mão e apertou a do defunto, enquanto pisava em seu estômago inchado. O corpo do soldado morto produziu um ruído esquisito.

— Lamento, amigo — Sisk disse em voz baixa e seguiu adiante.

Chegaram a um trecho do caminho em que este dobrava abruptamente para a direita. Carson lembra-se de que “havia um alemão lá com um fuzil apontado diretamente para nós. Ele deve ter assustado metade da companhia. Eu disse comigo mesmo: ‘Por que esse merda não atira e acaba logo com tudo?’ Mas ele estava morto, e a rigidez cadavérica tinha se estabelecido. Ele tinha ficado ali como se fosse uma estátua”.

A Easy alcançou a estrada de ferro e estabeleceu outra posição de defesa.

Então, chegou-lhe a informação de que era certa a vinda de blindados alemães.

Lipton posicionou Tipper e sua bazuca na rampa da estrada, sem nenhuma linha de retirada possível: era uma situação de matar ou morrer.

— Tipper — sussurrou Lipton —, estamos em suas mãos. Não erre.

— Não errarei.

Tipper teve um problema logo em seguida. Seu carregador de munição, o praça Joe Ramirez, parecia muito nervoso. — Ficaremos bem, Joe — Tipper disse a ele. — Apenas não deixe de ficar com duas cargas de munição prontas para usar, sem nenhuma perda tempo, nem mesmo uma fração de segundo. —

Ramirez saiu dali e voltou com duas cargas de bazuca, tropeçando e trombando em toda parte. Para espanto de Tipper, ele disse que tinha removido os pinos (sem o pino de segurança, um projétil de bazuca armada explodiria se o deixassem cair da altura de um metro ou pouco mais).

— Ponha esses pinos no lugar — disse-lhe Tipper, em tom de sussurro.

— Eu lhe direi quando for necessário tirá-los.

— Não sei onde eles estão — tornou Ramirez, segurando as cargas com as mãos

estendidas e o corpo inteiro tenso. — Eu os joguei fora.

— Meu Deus! Trate de achá-los. — Ramirez não conseguiu achá-los.

Tipper se pôs de quatro no chão para ajudar a procurá-los. Eles acabaram achando-os. Os braços de Ramirez ficaram tremendo enquanto Tipper procurava reinserir os pinos cuidadosamente. — Quando o desarme foi conseguido — contou Tipper —, Joe acalmou-se, e sua tremedeira cessou. A minha começou nesse instante.

Não houve ataque do inimigo. Isso ocorreu porque o coronel von der Heydte, com pouca munição depois de seis dias de pesados combates e sem que suprimentos chegassem até ele, tinha tirado a maior parte de suas forças de Carentan. Ele deixou atrás de si uma companhia para defender e manter o controle da cidade por tanto tempo quanto possível, enquanto ele se ressupria e preparava um contra-ataque a partir do Sudoeste. Os 50 membros da companhia em Carentan mantinham uma posição de metralhadora para lançar disparos diretamente ao longo da estrada que conduzia ao Sudoeste e morteiros de 80

milímetros com a mira assestada contra um crítico encontro de vias em forma de T, situado num ponto do perímetro da cidade.

A Easy retomou o avanço em demanda do Nordeste. Lá pelas 5h30, o 2º

Batalhão da 506a estava em posição para atacar Carentan. O objetivo era a encruzilhada em forma de T, defendida pela companhia do 6º Regimento de Pára-quedistas. Os últimos 100 metros ou mais da estrada que terminava na encruzilhada eram retos, com um pequeno declive. Havia trincheiras rasas em ambos os lados. A Companhia F estava no flanco esquerdo, enquanto a Companhia E seguia diretamente pela estrada, com a Companhia D de prontidão.

As ordens eram para que entrassem em Carentan e se juntassem ao 327°, que viria do Norte.

O silêncio era total; nenhum disparo. O tenente Lavenson, que fora membro da Companhia E, mas que agora fazia parte do setor administrativo do batalhão, foi até um campo para defecar. Como estivesse amanhecendo, os combatentes conseguiam ver seu traseiro branco no meio do mato. De repente, um atirador de

elite alemão fez um disparo e atingiu Lavenson nas nádegas. (Ele foi evacuado para a Inglaterra; mais tarde, enquanto era transportado por via aérea de volta para os Estados Unidos, seu avião caiu no meio do Atlântico.) A essa altura, Winters estava furioso. O regimento precisou de uma noite inteira para pôr seus homens em posição. Foram tantas as vezes que pararam, moveram-se, pararam, moveram-se, que a tropa ficou esgotada. — Não deveria ter sido assim — avalia Winters. — Não era uma tarefa tão difícil assim.

Tínhamos desperdiçado a noite, apenas tentando assumir posições. — Não havia tempo para uma operação de reconhecimento; a Easy não tinha idéia do que havia adiante dela. Não houve preparação de artilharia, nem ataques aéreos.

Mas a ordem chegou: atacar às 6 horas.

Winters tinha posicionado seu antigo pelotão, o 1º, sob o comando do tenente Welsh, no lado esquerdo da estrada, pouco além da curva, que depois se estendia em linha reta, com o 2º Pelotão à direita e o 3º Pelotão de prontidão. A tropa mantinha-se deitada nas trincheiras em ambos os lados da estrada, aguardando ordens. Os defensores alemães não tinham revelado a posição de sua metralhadora nem haviam disparado nenhum morteiro. Tudo estava calmo.

Às 6 horas, Winters ordenou: — Vamos lá. — Welsh deu o sinal de avanço, saindo em disparada pela estrada em direção à encruzilhada em T, distante dele uns 50 metros, com seu pelotão vindo logo atrás. A metralhadora alemã abriu fogo, direto pela extensão da estrada. Estava posicionada num local perfeito, na hora certa, para varrer a companhia.

Os tiros da metralhadora dividiram o pelotão. O sétimo homem atrás de Welsh permaneceu na trincheira. E o restante do pelotão fez o mesmo, quase 30

homens. Eles estavam deitados de bruços nas trincheiras de ambos os lados da estrada, tentando manter-se o mais rente possível ao o solo.

Winters saltou para o meio da estrada, muito agitado, gritando: —

Movam-se! Movam-se! — Em vão; a tropa continuou no mesmo lugar, com a cabeça enfiada na trincheira.

Da retaguarda, Winters ouviu o tenente-coronel Strayer, os tenentes Hester e

Nixon e outros membros do QG do batalhão berrar “faça-os mover-se, Winters, faça-os mover-se”.

Winters livrou-se do equipamento, pegou seu M-1 e correu para o lado esquerdo, “gritando como um louco, ‘movam-se!’”. E começou a chutar os homens nas nádegas. Depois, correu para o outro lado e repetiu a ordem e os chutes que dera nos outros soldados.

— Eu estava possuído — confessa Winters. — Ninguém jamais tinha me visto desse jeito. — Ele tornou a correr para o outro lado, com balas de metralhadora zunindo pela estrada. “Meu Deus, estou tendo um momento abençoado. Estou divinamente protegido”, Winters pensou consigo mesmo.

Mas ele estava desesperado também. Seu melhor amigo, Harry Welsh, estava lá na frente, tentando enfrentar a metralhadora. “Se eu não fizer algo”, Winters pensou consigo mesmo, “ele morre. Não duvido disso.”

Mas os soldados não se moviam. Eles chegaram a levantar a cabeça.

— Jamais me esquecerei da surpresa e do medo estampado naqueles rostos voltados para mim — contou Winters. O operador da metralhadora alemã

parecia estar tentando fixar a mira nele, já que Winters estava mostrando-se um alvo tentador. — As balas continuavam a passar por mim e a ricochetear em vários pontos da estrada.

— Todos pareciam congelados — observou Strohl. — Ninguém conseguia mover-se. Mas Winters levantou-se no meio da estrada e gritou: —

Vamos! Movam-se! Agora!

E funcionou. Nunca membro algum da companhia tinha ouvido Winters gritar. — Isso era tão incomum no comportamento dele — comenta Strohl —que saímos dali como se fôssemos um único homem.

De acordo com Winters:

— Foi ali que a disciplina mostrou o seu valor. A tropa entendeu a mensagem e avançou.

Quando o sargento Talbert passou por Winters, perguntou, em voz alta:

— Que direção devemos tomar quando alcançarmos a encruzilhada?

— Sigam para a direita — ordenou Winters.

(Em 1981, Talbert disse, numa carta enviada a Winters: “Jamais me esquecerei de você no meio daquela estrada. Você foi toda a minha inspiração.

Todos os meus homens tiveram a mesma experiência.”) Enquanto isso, Welsh estava conseguindo neutralizar a metralhadora.

— Estávamos inteiramente sós — lembrou-se ele —, e eu não conseguia entender onde estavam todos. — Graças à distração causada pelas corridas de Winters de um lado para o outro, o operador da metralhadora alemã tinha perdido a localização de Welsh e seus seis homens. Welsh lançou algumas granadas contra a metralhadora, que foram seguidas por séries de disparos de seu mosquetão. Os homens dele fizeram o mesmo. A metralhadora silenciou28.

O restante dos membros da Companhia E avançou para a encruzilhada a toda velocidade e tomou as posições do inimigo ali. Winters enviou o 1º Pelotão para a esquerda, o 2º para a direita, e procurou destruir as posições inimigas dentro das casas, com um homem lançando granadas pelas janelas, enquanto outro aguardava do lado de fora da porta. Logo depois da explosão, o segundo 28 Winters escreveu em 1990: “Mais tarde, na guerra, ao lembrar esse combate com o major Hester, ele me contou algo que sempre me fez sentir orgulho da atuação da Companhia E naquele dia. Como membro do setor de operações e treinamento do estado-maior, Hester estivera numa situação em que vira outra companhia enfrentar um combate semelhante, apanhada pelos disparos de uma metralhadora. A unidade gelou de medo, empacou e depois sofreu muitas baixas. Mas a Companhia E não. Ela conseguiu avançar e fez o seu trabalho. A metralhadora não lhe causou baixas.”

homem arrombava a porta com o pé para procurar sobreviventes e matá-los.

Tipper e Liebgott livraram uma das casas da presença do inimigo.

Quando Tipper saiu pela porta da frente, “fui atingido por um ‘trem’, que me lançou lá para os fundos da casa. Não ouvi nenhum barulho, não senti dor, mas,

não sei como, continuei de pé e cambaleante, e na posse de meu M-1”. O alemão da retaguarda estava pondo em ação seus morteiros, previamente assestados.

Liebgott segurou Tipper firmemente e o ajudou a sentar-se, chamou um socorrista e procurou convencer Tipper de que ele ficaria bem.

Welsh veio em socorro de Tipper e aplicou-lhe um pouco de morfina, embora ele insistisse que era capaz de andar sem ajuda. Tolice dele; suas pernas estavam quebradas, e ele tinha um grave ferimento na cabeça. Welsh e Liebgott arrastaram-no até a rua, onde “lembro-me de que fiquei deitado junto à base do muro com explosões na rua e estilhaços zunindo e chocando-se contra a parte do muro acima de minha cabeça”. Welsh levou Tipper para o posto de socorro que estava sendo montado num celeiro a cerca de 20 metros na retaguarda.

Projéteis de morteiro continuavam a chegar, juntamente com as balas de atiradores de elite. Lipton levou o 3º Pelotão para a encruzilhada e separou-se dele, seguindo para a direita. Projéteis explodiram na rua; ele se encolheu contra um muro e ordenou aos gritos que seus homens o seguissem. Um projétil de morteiro caiu a cerca de 2 metros na frente dele, o que fez com que alguns de seus fragmentos lhe atingissem a bochecha esquerda, o pulso direito e a perna direita, perto da virilha. Ele largou o fuzil, que caiu na rua. Depois, deixou-se cair ao chão, levou a mão esquerda ao rosto e sentiu que havia ali um enorme buraco, mas sua maior preocupação era com a mão direita, já que o sangue saía dela em esguichos. O sargento Talbert correu para ajudá-lo e pôs um torniquete no braço dele.

Somente então Lipton sentiu a dor perto da virilha. Ele esticou a mão para avaliar o ferimento e, quando a trouxe de volta, viu que estava toda ensangüentada.

— Talbert, devo ter sido atingido muito gravemente — ele disse. Talbert rasgou-lhe uma das pernas das calças com seu canivete, deu uma olhada e disse:

— Você ficará bem.

— Que alívio foi ouvir isso — disse Lipton. Os estilhaços dos dois projéteis tinham perfurado a parte superior da perna dele, mas “não atingiram o que importava realmente”.

Talbert pôs Lipton por cima de um dos ombros e levou-o até o posto de socorro.

Lá, os socorristas deram-lhe uma dose de morfina e fizeram curativos nele.

Malarkey contou que, durante “esse tiroteio intenso, ouvi alguém rezando uma Ave-Maria. Olhei de relance para cima e vi o capelão John Maloney segurando o rosário e seguindo para o meio da estrada para dar a extrema-unção aos moribundos na encruzilhada”. (Maloney foi condecorado com a Cruz de Serviços Notáveis.)29

Winters foi atingido por uma bala ricocheteada, que lhe perfurou a bota e atingiu a perna. Ele continuou em combate o tempo suficiente para checar sua munição e consultar-se com Welsh (que tentara extrair a bala com sua faca, mas desistira), com o intuito de estabelecer uma posição de defesa para o caso de um contra-ataque inimigo.

A essa altura, eram 7 horas, e a área tinha sido conquistada. Nesse ínterim, a Companhia F havia atingido o ponto de contato com o 327°. Carentan tinha sido capturada. O tenente-coronel Strayer entrou na cidade, onde se encontrou com o comandante do 3º Batalhão do 327°. Eles entraram numa loja de vinhos e abriram uma garrafa para comemorar a vitória.

29 Distinguished Service Cross. (N.T.)

Winters voltou para o posto de socorro do batalhão. Dez de seus homens estavam lá, recebendo primeiros socorros. Um médico examinou a perna de Winters com uma pinça, extraiu a bala, limpou o ferimento, aplicou um pouco de pó de sulfa nele e fez um curativo.

Winters circulou entre os feridos para conhecer-lhes o estado. Um deles era o praça Albert Blithe.

— Como você está, Blithe? Qual o seu problema?

— Estou cego, senhor. Estou cego.

— Acalme-se, relaxe. Você está com a passagem nas mãos para sair daqui; tiraremos você daqui rapidamente. Você será levado de volta para a Inglaterra. E ficará bem. Relaxe — disse Winters, e voltou a caminhar.

Nisso, Blithe começou a levantar-se. — Acalme-se — Winters tornou a dizer-

lhe. — Procure ficar quieto.

— Estou conseguindo ver, estou conseguindo, senhor! Eu o estou vendo!

Blithe se levantou e voltou a juntar-se à companhia. — Nunca vi nada assim — disse Winters. — Ele ficou com tanto medo que perdeu momentaneamente a visão. Assustado. Era como se simplesmente evitasse ver a realidade, e tudo de que ele precisava era alguém para conversar com ele por algum tempo e acalmá-lo.

O contra-ataque dos alemães era certo e, certamente também, viria do Sudoeste, pela estrada que a Easy tinha usado para entrar na cidade. O terreno ditava o eixo do avanço; uma península de terreno elevado conduzia a Carentan dessa direção. Ao Norte, além da estrada de ferro, havia uma região alagada, assim como ao sul da estrada. O general Taylor resolveu avançar com suas tropas vários quilômetros para o Oeste e estabelecer uma posição de defesa no planalto.

Winters recebeu-lhe as ordens. A Easy se posicionaria num ponto extremo à direita, ao longo da estrada de ferro. Ele checou a munição. Leo Boyle e alguns outros do 1º Pelotão depararam e "libertaram" uma carroça de duas rodas carregada de munição e levaram-na para o celeiro, situado nas cercanias da cidade, que estava sendo usado como posto de socorro. Quando Boyle estava preparando-se para levá-la para o destino visado, ouviu um grito: — Tanque inimigo!

— Olhei cautelosamente pelo vão da porta e vi o contorno meio indistinto da torre de um tanque numa sebe a alguns metros de distância. Antes que eu pudesse reagir, um bala da metralhadora do tanque atingiu minha perna esquerda num ponto acima do joelho e me derrubou. — Boyle foi levado de caminhão para a Praia de Utah, de forma que pudesse ser evacuado para a Inglaterra. Ao longo do caminho, "encontramos o capitão Sobel, que estava transportando de jipe suprimentos para a frente de batalha".

Mas, de repente, fogo de bazuca fez o tanque recuar. Winters providenciou a reorganização da companhia e avançou para sudoeste, ao longo da estrada de ferro. A companhia avançou 3 quilômetros sem deparar resistência significativa. Winters estabeleceu uma posição de defesa atrás de uma sebe.

Os alemães estavam bem na frente deles, atrás da sebe seguinte, lançando-lhes tiro de inquietação. Qualquer um que se movesse atraía tiros do inimigo. Quando

a noite começou a cair, a companhia foi reabastecida de ração e munição e tratou de acomodar-se para pernoitar. Winters recebeu ordens do batalhão para lançar um ataque ao amanhecer, às 5h30.

Por volta das 24h30 do dia 13 de junho, os alemães enviaram uma patrulha até uma área no campo entre as sebes. Não uma patrulha silenciosa para obter informações em apoio do serviço de inteligência, mas alguns esquadrões, com homens notoriamente bêbados, fazendo disparos com suas pistolas automáticas e gritando imprecações contra os americanos. — Isso nos deixou muito assustados — contou Winters. — Não fazia sentido. — Ele temia sofrer um ataque noturno, mas os alemães voltaram para o lugar donde tinham vindo tão rapidamente quanto vieram.

Gordon, com sua metralhadora, Sisk e Guth estavam no posto avançado, num ponto extremo à direita, junto à estrada de ferro. Gordon sentia-se “pouco à vontade e com muito medo”, já que havia pouco que servisse para ocultar-lhes as posições, e achava que estava “muito exposto”. O sargento Talbert examinou as posições dos fuzileiros, achou que eles realmente estavam muito expostos e os fez retroceder para a linha de defesa principal.

O sargento Talbert ficou indo a noite inteira de uma extremidade à outra da linha, fazendo o revezamento da tropa, de maneira que os combatentes pudessem ter alguns minutos de sono. Em dado momento, fez que seus fuzileiros calassem as baionetas. Era uma noite fria; Talbert pegou do chão um poncho alemão e o vestiu. Perto das 3 horas, cutucou o praça George Smith com o cano da pistola, para acordá-lo e fazê-lo entrar em serviço. Smith estava como que em estado de coma. Quando, finalmente, acordou, deparou, banhada pela luz pálida da Lua, o que lhe pareceu uma figura estranha, usando poncho alemão, parada diante dele ameaçadoramente e cutucando-o com a ponta da pistola.

Smith levantou-se de um salto com o fuzil nas mãos e a baioneta calada e começou a desferir estocadas contra Talbert. Este tentou pará-lo gritando: —

Smith, é o Tab, não faça isso! — Mas Smith continuou a dar estocadas, até que acabou atingindo Talbert no tórax. Felizmente, o golpe não alcançou os pulmões nem o coração, mas Talbert foi tirado de combate.

Ele teve de ser arrastado e carregado por 3 quilômetros até o posto de socorro.

Por volta das 5h30, Winters tinha a companhia preparada para o ataque.

Assim que ele deu a ordem para o avanço, o coronel von der Heydte empregou seu 6º Regimento de Pára-quedistas no contra-ataque. Ambos os lados abriram fogo com tiros de artilharia, morteiros, metralhadoras e fuzis, com tudo que tinham. A confusão era enorme. O fogo inimigo chegando implacavelmente, soldados extremamente cansados, que tinham esgotado sua adrenalina havia muito tempo, Taylor exigindo mais velocidade da tropa, homens gritando; em dado momento, houve um tiroteio entre os membros da Easy e de outra companhia da 101ª Divisão, com alguns tanques Sherman se aproximando como elementos de apoio, mas disparando contra unidades amigas à esquerda. Um caos completo.

Sob fogo intenso, a Companhia F, posicionada no flanco esquerdo da Easy, dispersou-se e retirou-se. (O comandante da companhia foi substituído ali mesmo pelo coronel Strayer.) Isso expôs o flanco direito da Companhia D.

Assim, ela se retirou também, e a Easy ficou inteiramente só, isolada, com seu flanco direito voltado para a estrada de ferro e seu flanco esquerdo totalmente exposto.

Mas a Easy se manteve firme em sua posição. Gordon montou sua metralhadora num portão de uma sebe, voltada para o campo (ele tinha perdido o tripé no Dia D) e atirou sem parar. Em dado instante, um projétil de morteiro caiu a 10 metros na frente dele. Gordon foi abatido pelos estilhaços, que lhe atingiram o ombro e uma das pernas. O mesmo morteiro feriu Rod Strohl.

Apesar disso, eles continuaram na linha e a atirar. Winters, Compton, Welsh e os outros oficiais corriam de um lado para o outro da linha, incentivando a tropa, endireitando as coisas, providenciando para que nada deixasse de ser feito e os alemães fossem detidos.

Um tanque alemão começou a tentar atravessar uma sebe no flanco esquerdo da Easy, exatamente onde a Companhia F deveria estar. Welsh pediu ao praça John McGrath que lhe trouxesse a bazuca e fosse para onde ele estava. Os dois correram para o campo aberto, agacharam-se, montaram a bazuca, e Welsh ordenou que McGrath fizesse o disparo. O projétil atingiu a torre de tiro giratória, mas apenas ricocheteou. O tanque alemão voltou seu canhão de 88 milímetros para Welsh e McGrath e disparou. O projétil passou zunindo por cima da cabeça deles e, por uma questão de centímetros, não os atingiu. O operador do canhão do blindado não conseguia baixar o cano suficientemente,

pois o condutor do tanque estava com o veículo inclinado contra a sebe, num esforço para rompê-la e atravessá-la. Welsh começou a recarregar a bazuca. McGrath repetia o tempo todo:

— Tenente, o senhor vai me fazer morrer. O senhor vai me fazer morrer.

— Mas ele se manteve em sua posição, procurou mirar bem contra o tanque, que estava no ápice de sua escalada, com o canhão apontando para cima e o enorme veículo prestes a tombar para adiante na tentativa de superar a sebe, e fez o disparo. O projétil atingiu em cheio a área visada por ele, como seja, a parte inferior do tanque, sem blindagem, e explodiu com grande impacto e profusão de chamas.

Esse foi o momento crítico da batalha. Os condutores de tanques alemães enfileiraram seus veículos atrás do que McGrath tinha atingido, engataram a marcha à ré e começaram a retirar-se. Enquanto isso, o quartel-general do batalhão tinha interrompido a retirada das Companhias D e F, reunira-as e as fez avançar uns 150 metros, fechando um pouco a lacuna existente no flanco esquerdo.

Ainda assim, os alemães continuaram a vir. Eles tentaram um ataque de flanco, pelo outro lado (norte) da estrada de ferro. Winters providenciou o disparo de alguns tiros de morteiro e conseguiu anular essa tentativa. A Easy manteve suas posições. A companhia tinha sofrido dez baixas no dia 12 de junho, no ataque a Carentan, e outras nove no dia 13, na defesa da cidade.

Gordon saiu da formação e foi procurar Winters. Um estilhaço de explosão tinha entrado por um lado da batata de uma de suas pernas e havia saído pelo outro; ele estava sangrando também por conta do ferimento causado por outro estilhaço, que lhe atingira um dos ombros. Mas aquilo que o estava incomodando mesmo era uma bolha que se lhe havia desenvolvido na canela, logo acima do cano da bota. A dor era insuportável. Ele disse a Winters que precisava pedir a alguém que cortasse a bolha. Winters disse a ele que fosse ao posto de socorro.

No posto, o socorrista fixou o olhar no soldado ensangüentado na perna e no ombro, com a aparência de alguém que não dormia havia três dias e tinha acabado de chegar de uma batalha intensa, e perguntou-lhe:

— Você está ferido?

— Bem, estou — Gordon respondeu —, mas esse não é o problema.

Meu problema é esta bolha. Cuide dela. — O socorrista lancetou a bolha e depois examinou as outras feridas. Ele disse que o ferimento não era preocupante,

“mas o ferimento em sua perna é grave”. Os dois lados do ferimento tinham fechado, e a perna de Gordon estava começando a ficar roxa. — Você terá problemas sérios com isso — advertiu o socorrista. — Temos de evacuá-lo.

— De jeito nenhum — protestou Gordon. — Eu não disse ao tenente Winters que faria isso.

— Eu informarei a ele; não se preocupe com isso. — Assim, Gordon acabou concordando em ser evacuado.

Às 16h30, 60 tanques da 2ª Divisão Blindada, acompanhados por uma unidade de infantaria estreante da 29ª Divisão, chegaram para render a Easy.

Winters lembrou-se de que “foi maravilhoso ver aqueles tanques despejando tiros profusamente contra os alemães com aquelas metralhadoras pesadas, de 50

milímetros, e simplesmente seguindo direto de nossas fileiras de encontro às sebes dos alemães, com todos aqueles soldados de infantaria dispostos e vigorosos marchando ao lado dos tanques”.

— Ah, que estrago eles fizeram! — observou Welsh, esfregando as mãos de alegria enquanto pensava nisso quase 47 anos depois.

Às 23 horas, a Easy e o restante do 506° Regimento foram levados para a reserva da divisão em Carentan. Os oficiais providenciaram alojamento para eles nas casas que permaneceram de pé. Winters achou abrigo num hotel abandonado.

Antes de ir para a cama, os oficiais procuraram saber como a tropa estava. Welsh voltou de suas rondas para o hotel, sentou-se na escada e dormiu ali mesmo.

Winters dormiu entre lençóis. Foi um período de sono de que ele jamais se esqueceu.

No dia seguinte, 14 de junho, os salões de barbeiro abriram, e os soldados fizeram filas para cortar os cabelos (eles se serviam das bebidas, dos alimentos ou de qualquer coisa nas lojas e casas abandonadas, mas pagavam pelos serviços que recebiam). Winters foi até o posto de socorro para tratar a perna; durante os cinco dias seguintes, tudo correu tranqüilo para ele. Foi durante esse período que ele fez as anotações em seu diário sobre suas experiências com o Dia D, citadas no capítulo anterior. Welsh ficou no comando da companhia. O

coronel Sink fez uma rápida visita a Winters, para agradecer-lhe o excelente trabalho que a Easy tinha feito no dia 13 de junho, quando defendeu o flanco direito e impediu a ruptura de suas fileiras pelos alemães, o que, se tivesse ocorrido, poderia ter sido decisivo para os combates pelo controle de Carentan.

Sink disse também que estava recomendando a concessão a Winters da Medalha Congressual de Honra ao Mérito pelo combate em Brécourt Manor no Dia D.

Winters achou isso muito bom, mas se perguntou por que não a concediam também à tropa, em vez de somente a ele.

Quanto ao combate em Carentan, o coronel Sink disse ao repórter Walter McCallum, do Star, de Washington: “Foi o espírito de liderança pessoal do tenente Winters que manteve aquela posição fundamental na linha de frente e causou o rechaço do inimigo com fogo de morteiros e metralhadoras. Ele agiu como um excelente soldado nessa batalha. Sua bravura e conhecimento de combate serviram para manter uma posição crucial quando as coisas estavam realmente difíceis.”30

A companhia estabeleceu uma posição defensiva ao sul de Carentan. No segundo dia dessa situação passiva, um soldado se aproximou deles seguindo ao longo da sebe e perguntou por Don Malarkey e Skip Muck. Era Fritz Niland. Ele achou Muck, conversou com ele e depois achou Malarkey também. Teve tempo apenas para despedir-se deles; estava prestes a voltar de avião para casa.

Alguns minutos depois de Niland partir, Muck procurou Malarkey, “com seu sorriso maroto de irlandês substituído por um semblante fechado”. Teria Niland explicado a Malarkey por que estava indo para casa? Não. Muck contou-me a história.

No dia anterior, Niland tinha ido até a 82ª para ver seu irmão Bob, o sujeito que havia dito a Malarkey em Londres que, se ele, Bob, quisesse ser herói, os

alemães teriam de sentir o gosto da determinação dele, e rapidamente, o que levara Malarkey a concluir que Bob Niland tinha perdido a coragem. Fritz Niland havia acabado de saber que seu irmão tinha sido morto no Dia D. O pelotão de Bob sofrera um cerco, e ele era o operador de metralhadora que atacou os alemães com tiro de inquietação até seu pelotão conseguir furar o cerco. Ele esgotara várias caixas de munição antes de ser morto.

Depois disso, Fritz Niland pegou uma carona para alcançar a posição da 4ª Divisão de Infantaria e visitar o outro irmão, que era líder de pelotão. Esse também tinha sido morto no Dia D, na Praia de Utah. Na época em que Fritz 30 Star, Washington, de 25 de junho de 1944.

voltou para a Companhia E, o capelão Francis Sampson estava procurando por ele, para dizer-lhe que um terceiro irmão dele, piloto no teatro de operações China-Burma-Índia, tinha sido morto naquela mesma semana. Fritz era o único sobrevivente entre tantos irmãos, e o exército queria tirá-lo da zona de combate o mais rapidamente possível.

A mãe de Fritz tinha recebido todos os três telegramas do Ministério da Guerra no mesmo dia.

O capelão Sampson acompanhou Fritz até a Praia de Utah, onde um avião levou Fritz para Londres, a primeira escala de sua viagem para os Estados Unidos.

A companhia entrincheirou-se. Nenhum dos lados beligerantes estava realizando operações de assalto ao sul de Carentan, mas o envio e a chegada de correspondência eram grandes, uma vez que ambos os lados estavam recebendo reforços em artilharia e armas pesadas; os americanos, pela praia; os alemães, pelo interior da França.

Em suas trincheiras, os membros da Easy mantinham-se agachados, prontos para rechaçar qualquer ataque por terra e, a não ser por isso, permaneciam fora do alcance da vista do inimigo durante o dia. O tenente Nixon, oficial do serviço de inteligência do batalhão (S-2), quis saber o tamanho da força da infantaria alemã posicionada de frente para as trincheiras da Easy. Winters percorreu a linha de frente, pedindo que alguém se apresentasse como voluntário para uma missão de patrulha ao meio-dia. Ninguém respondeu à solicitação dele.

Diante disso, ele designou Guarnere como o chefe da missão. Guarnere recebeu

instruções de Nixon, que lhe deu um mapa que apresentava todas as sebes do lugar e um aglomerado de edificações agrícolas de uma fazenda que parecia servir como o posto de comando dos alemães, situado a quase um quilômetro de distância dali.

Guarnere, os praças Blithe e Joseph Lesniewski, de Erie, Pensilvânia, e dois outros partiram em missão. Usando as sebes para ocultar seus movimentos, eles avançaram. Blithe seguiu na frente. Em dado instante, alcançou a última sebe cuja extremidade dava nas edificações da fazenda. De repente, foi atingido no pescoço pela bala de um atirador de elite alemão.

— Vamos dar o fora daqui — gritou Guarnere. Quando a patrulha começou a retirar-se, os alemães abriram fogo com suas pistolas automáticas.

Quando a patrulha alcançou a linha de frente da Easy, as metralhadoras da companhia responderam ao fogo inimigo.

Mais tarde, Malarkey liderou outra missão de patrulha, como outra tentativa para obter informações sobre o inimigo. A certa altura da missão, quando o praça Sheehy, que seguia na vanguarda, aproximou-se de uma sebe, Malarkey fez o mesmo, juntando-se a ele, mas, ao avançar, pisou num galho de árvore e o quebrou. Logo depois disso, viram o capacete de um alemão aparecer do outro lado da sebe. Sheehy atingiu o alemão em cheio no rosto com um disparo de seu fuzil-metralhadora Thompson.

Quando avistaram mais alemães, Malarkey fez que a patrulha se retirasse dali a toda pressa. Mas Rod Bain, que carregava um rádio, teve dificuldade para acompanhá-los. Depois que conseguiram voltar em segurança para o ponto de onde haviam saído, Bain disse: — Pelo visto, missões de patrulhamento são muito necessárias, mas parece-me também um excelente meio de se ter o traseiro arrancado com um tiro.

O dia seguinte foi relativamente tranqüilo. Gordas vacas normandas pastavam no campo que havia atrás da posição da companhia. O praça Woodrow Robins, operador de metralhadora do 1º Esquadrão, estava numa trincheira distante uns 5 metros da trincheira de Christenson.

— Ei, Chris — falou, em voz alta —, vamos pegar um pouco daquela carne no campo! — Christenson não quis sair da trincheira, mas Bill Howel juntou-se a

Robbins quando este tomou a iniciativa e se aproximou rastejando de uma das vacas e atirou nela. Eles abateram de vez o animal e depois retornaram com uma parte do traseiro dele. Robbins cortou a carne em bifes para o esquadrão inteiro. Eles fritaram os bifes em fogueiras improvisadas em suas trincheiras. À noite, Robbins e Howell amarraram o que sobrou da carcaça numa árvore atrás das trincheiras.

Eles a cobriram com um poncho; durante alguns dias, o esquadrão fez de conta que estava comendo carne, em vez de rações K. Mas aquilo com que não contaram foram os estilhaços que voavam em todas as direções, resultantes dos tiros de barragem incessantes. Eles penetravam na carne. No banquete seguinte, foram muitos e freqüentes os casos de membros do esquadrão que cortaram as gengivas ao morder pedaços de carne com estilhaços.

Vinte e três de junho. Um atirador de elite disparou contra Christenson de 600 metros de distância. Chris se jogou atrás de uma sebe e pediu a Robbins que cravejasse de balas a área de onde fora feito o disparo. Este fez 50 disparos contra as árvores distantes. — Ouvi resmungos de nervosismo vindo dos soldados posicionados na linha — disse Christenson. — A tensão sempre aumentava quando, rompendo um silêncio total, uma metralhadora fazia tantos disparos assim. — Em seguida, ouviram, de uma distância considerável, os disparos troantes de morteiros: romp, romp, romp, romp. — Esse barulho, de abalar os nervos, confirmava que quatro projéteis de morteiro estavam vindo em nossa direção. A tensão da espera é terrível. Indescritível. Angustiante. Em seguida: Bum, o primeiro explodiu a não mais de uns dois metros do canhão de Robbins e Howell. Howell deixou sua posição de um salto e correu para a trincheira de Christenson, enquanto o segundo projétil explodia quase no mesmo lugar que o primeiro, “tão perto que podíamos como que sentir o gosto acre de pólvora”. Howell pulou dentro da trincheira de Christenson. — Eu fiquei com o corpo inteiramente dobrado e incapaz de mover-me — Chris relata —, por causa desse mau jeito e do aperto. Era difícil respirar, mas mesmo assim fiquei rindo histericamente, pois os olhos de Howel estavam tão arregalados que pareciam xícaras de chá. Ele ficava murmurando coisas como: “Jesus Cristo, oh, meu Deus”, a cada projétil que explodia. A pressão que esse sujeito, com seu corpo enorme, exercia sobre mim me fez entrar em repentino estado de pânico, já que eu estava sufocando. — Felizmente, o ataque cessou.

Depois de duas semanas na linha de resistência principal (LRP), os membros da Easy fediam tremendamente. Eles não haviam tomado um único banho sequer

nem tiveram como barbear-se. Muitos deles tiveram disenteria; todos passaram o tempo inteiro encharcados de suor. Seus cabelos haviam endurecido com a mistura de terra e poeira, situação agravada pelo suor em profusão, causado pelo fato de que usavam o capacete o tempo todo e pelas roupas ensopadas, que vinham usando desde 6 de junho. Sua aparência lembrava a dos personagens Wil y e Joe, criados pelo cartunista Bill Mauldin.

Em 29 de junho, a 83a Divisão de Infantaria chegou para render a 101ª.

— Estavam todos muito limpos e asseados — conta Christenson —, e todas as unidades estavam completas. Até mesmo a tinta nos capacetes deles dava a impressão de que tinham acabado de sair da embalagem. A cena inesperada, de ver um grupo de homens tão barbados, desalinhados e sujos como o nosso, foi chocante para eles.

Para a Easy, sair da linha de frente, ainda que fosse por alguns dias, foi como renascer. A idéia de uma noite de sono completa e sem interrupções, sem os sobressaltos causados pelos tiros de canhões ou ser enviado em missão de patrulha, de conseguir ter algo quente para comer, de dormir num lugar seco e, sobretudo, poder tomar banho era algo tão bom que não havia palavras para descrevê-lo.

A Easy tinha saltado na Normandia em 6 de junho com 139 oficiais e soldados. A unidade foi tirada da linha de frente em 29 de junho com 74

membros, entre oficiais e soldados, em condições de combate. (O 506° sofrera o maior número de baixas entre todos os regimentos da companhia: um total de 983ºu por volta de 50%). Os membros da Easy mortos em combate foram os tenentes Thomas Meehan e Robert Mathews, os sargentos William Evans, Elmer Murray, Murray Robert, Richard Owen e Carl Riggs, os cabos Jerry Wentzel, Ralph Wimer e Hermin Collins, os praças Sergio Moya, John Miller, Gerald Snider, William McGonigal, Ernest Oats, Elmer Telstad, George Elliott e Thomas Warren.

Para a 101ª, Carentan foi o último local de combate na campanha da Normandia. A divisão foi transferida aos poucos para um acampamento militar completo ao norte da Praia de Utah, com rádio, telefone, quadro de avisos e desfile militar. Lá, cumpriu tarefas de policiamento da área, de limpeza de armas e um programa de exercícios militares. Para compensar isso, havia banhos quentes e

oportunidades quase ilimitadas para defraudar o exército.

O praça Alton More era o mestre da defraudação da Companhia E. Ele achou um meio de entrar no principal depósito de suprimentos perto da Praia de Utah. Em sua primeira pilhagem, apareceu carregando duas caixas de papelão, uma com coquetéis de frutas; e a outra, cheia de abacaxis. — Era como se tivéssemos comido a coisa mais gostosa de nossas vidas — relata-nos Harry Welsh —, e jamais fiquei tão enjoado em minha vida. Não estávamos acostumados com esse tipo de alimento. — Dali por diante, More passou a trazer, de suas expedições de rapinagem diárias, alimentos mais variados para os colegas.

O general Taylor foi lhes fazer uma visita, para felicitar a companhia por sua atuação solitária no flanco direito em Carentan. Os soldados quiseram saber sobre o "dêem-me três dias e três noites de combates árduos, e eu os tirarei daqui" da promessa do general feita no dia anterior ao Dia D.

O general Omar Bradley compareceu à cerimônia de entrega de medalhas.

De pé num pequeno palanque montado no campo, ele leu em voz alta as citações de concessão da Cruz de Serviços Notáveis a 11 soldados, inclusive ao general Taylor, ao capelão Maloney e ao tenente Winters. — Foi um momento de orgulho — observou Winters. Ele disse que, depois da cerimônia, Bradley ordenou que a tropa saísse de forma e se reunisse em volta dele. — Há algum repórter aqui, algum correspondente? — perguntou. — Se houver, não quero que isso seja registrado.

— O que quero dizer — ele prosseguiu — é que as coisas estão indo muito bem, e, na minha opinião, existe a possibilidade, a esta altura, de que talvez consigamos estar em Berlim no Natal.

Winters pensou consigo mesmo: "Deus, eu consigo fazer isso até o Natal.

Pelo menos, deixem-me passar o Natal em casa."

No dia 1º de julho, Winters recebeu a notícia de sua promoção para capitão. Em 10 de julho, a companhia seguiu para a Praia de Utah, com o objetivo de preparar-se para embarcar com destino à Inglaterra. — Ver a praia pela primeira vez — contou Winters —, com aquela frota de navios [que se estendia] até onde os olhos podiam ver, em todas as direções, e ver a bandeira americana na praia, me fez ficar com as pernas trêmulas por alguns instantes e encheu meus olhos de

lágrimas.

O praça More fez uma última investida contra o enorme depósito de suprimentos. Ele arrombou a porta do principal setor de veículos motorizados e roubou uma motocicleta, com carrinho lateral e tudo. Ele a escondeu numa duna de areia. Depois, perguntou ao capitão Winters se a podia pôr no LST e levá-la para a Inglaterra. — A decisão é sua — respondeu Winters.

No dia seguinte, enquanto a companhia subia a bordo pela rampa do gigantesco LST, More levou a motocicleta para o lado da duna oposto ao lado mais próximo da praia. Ele tinha combinado com Malarkey que faria um sinal, pelo aceno de uma das mãos, quando todos estivessem a bordo e houvesse chegado a hora de ele poder embarcar com o veículo. Malarkey informou à tripulação o que ele tinha combinado com More. No momento apropriado, Malarkey, de pé na rampa, deu o sinal, e More assomou na duna pilotando a motocicleta e entrou na embarcação com ela.

No LST, o capitão do navio perguntou a Welsh: — Tenente, o que os seus homens gostariam de comer: carne ou frango? Sorvete? Ovos?

Navegando em comboio, o LST aportou em Southampton na noite do dia 12 de julho. Na manhã do dia seguinte, um trem levou a tropa (exceto More e Malarkey, que partiram de motocicleta) para Aldbourne. — Foi maravilhoso estar de volta — conta Winters. — Todos ficaram felizes por nos ver. Foi como ter voltado para casa.



7

Curando Feridas e Missões Canceladas

ALDBOURNE

13 de julho-16 de setembro de 1944

— Foi a única vez em que vi o exército fazer alguma coisa correta —disse

Gordon Carson. — Eles nos puseram naqueles LSTs, nos levaram para Southampton e depois de volta para Aldbourne, nos deram dois conjuntos completos de uniformes novos em folha, todo o nosso pagamento atrasado, 150

dólares ou mais, sete dias de licença e, lá pelas 7, 8 horas, estávamos de volta a Londres.

Os membros da Easy não se lembravam muito bem dessa semana que passaram em Londres. Os pára-quedistas americanos foram os primeiros soldados oriundos da Normandia a voltar para a Inglaterra; os jornais tinham dado amplo destaque e cobertura à atuação deles; todos na cidade queriam pagar-lhes uma refeição ou uma cerveja — nos primeiros dias. Mas os jovens heróis passaram da conta. Beberam demais, quebraram muitas janelas e cadeiras, meteram-se em muitas brigas com outros tipos de soldados. Foi uma das semanas mais turbulentas na história de Londres. Um jornal comparou os prejuízos causados à cidade aos que resultaram dos bombardeios sofridos por ela na 2ª Guerra. Corria pela cidade a seguinte piada: a de que os soldados americanos da 101ª receberiam uma homenagem do presidente pelo cumprimento do dever além do que se exigia deles durante a semana que ficaram em Londres.

Nem todos foram para Londres. Harry Welsh seguiu para a Irlanda, a fim de visitar parentes. Winters ficou em Aldbourne para descansar, refletir e enviar cartas aos parentes dos soldados mortos ou feridos em combate. Gordon e Lipton, depois de se recuperarem dos ferimentos, foram para a Escócia, com o intuito de conhecerem suas paisagens.

No hospital, depois da evacuação da Normandia, Gordon fora submetido a enxerto de pele; depois, teve a perna engessada da cintura à ponta do dedão do pé. Ele era o único homem ferido em combate na enfermaria; os outros estavam doentes ou tinham se ferido em acidentes na Inglaterra. Ele era, portanto, “alvo de grande respeito. Eles me reverenciavam”. Em três ocasiões, oficiais foram visitá-lo para pôr uma Purple Heart31 no travesseiro dele. — Eu baixava os olhos em sinal de modéstia e agradecia em voz baixa ao pequeno grupo que se reunia para ver o herói. — Depois, ele escondia a medalha e ficava esperando a próxima.

Após oito semanas no hospital, ele voltou para a Companhia E. (Era parte da política dos comandos das unidades aerotransportadas fazer soldados feridos em combate voltar para sua companhia de origem; na infantaria, quando os feridos

se recuperavam e ficavam prontos para voltar ao serviço, eram encaminhados para onde quer que fossem necessários. A política dos aeronautas era, na opinião de todos os pára-quedistas, uma das coisas mais sábias que seus comandantes tinham feito; já a política para a infantaria era, na opinião de todos, uma das maiores idiotices criadas pelo exército.) O sargento Talbert voltou para a Easy no mesmo dia que Gordon. Uma 31 Pequena medalha parecida com uma moeda, dada a soldados norte-americanos feridos em combate. (N.T.)

vez que seu ferimento tinha sido infligido pela baioneta do praça Smith, em vez de pelo inimigo, ele não teve direito a receber a Purple Heart. Gordon disse a ele que não se preocupasse, pois ele mesmo poderia condecorá-lo com uma das medalhas que recebera. O 3º Pelotão reuniu-se e preparou uma cerimônia digna para Talbert. Gordon e Rogers tinham feito um poema para imortalizar Talbert, Smith "e a baioneta que se interpusera entre eles". O título do poema era "A Noite da Baioneta"; felizmente para a posteridade, o poema não foi preservado (ou talvez seus autores tenham se recusado a repassá-lo a mim para incluí-lo neste livro). — Eu poderia ter dado uns seis tiros no filho da mãe quando ele tentou furar-me com aquilo, mas decidi que não podíamos nos dar ao luxo de perder um único homem sequer então — declarou Talbert, indignado.

Alguns dos feridos se mostravam preocupados com a possibilidade de ficarem incapacitados para sempre. Malarkey descobriu isso quando ele e Don Moone estavam sentados no salão do rancho, e Lipton passou por eles. — Fala, aleijão — exclamou Malarkey. Lipton se virou e agarrou os dois pelo pescoço, levantou-os das cadeiras, e os fez saber que os enfrentaria ali mesmo, um de cada vez ou os dois juntos. Eles ficaram pálidos e disseram que não haviam tido a intenção de ofendê-lo tanto assim com a piada. Mais tarde, Lipton retornou, com a face enrubescida, e pediu desculpas por ter perdido o controle. Acrescentou que estava com medo de que o ferimento na mão se revelasse um prejuízo permanente, que o impedisse de jogar futebol na faculdade.

Por trás da tentativa inconsciente de liberação da tensão em Londres, ou das ineficazes tentativas de Gordon de criar um ambiente de descontração, estava a realidade que esses homens tinham enfrentado e sua apreensão em relação àquilo que ainda enfrentariam.

O sargento Martin deu uma olhada nos alojamentos do 1º Pelotão em sua primeira noite de retorno da Normandia e viu que metade dos combatentes que

tinham estado lá de setembro de 1943 a maio de 1944 se haviam ido. Ele disse a Guarnere: — Meu Deus, Bill, temos aqui alojamentos apenas com a metade da tropa e nem começamos a combater para valer ainda. Não temos a menor chance de conseguirmos sair vivos desta coisa.

— Se perdemos metade dos alojamentos numa maldita e insignificante operação na Normandia — Guarnere ajuntou —, esqueça mesmo isso, pois jamais voltaremos para casa.

Eles passaram seus dias de licença na Escócia, onde fizeram tatuagens e ficaram imaginando: mesmo "tendo perdido tantos homens assim numa missão insignificante como essa e mesmo com praticamente a guerra inteira pela frente, por que não?".

O praça David Kenyon Webster tinha saltado com a Companhia do QG

do 2º Batalhão no Dia D. Alguns dias depois, foi ferido, evacuado para a Inglaterra e levado de volta para Aldbourne antes de o batalhão retornar. Ele se escondeu atrás da cabana da Cruz Vermelha quando "a estreita coluna de sobreviventes cansados se aproximou da área marchando", na esperança de que ninguém o olhasse na cara e perguntasse: "Onde você estava, Webster, quando os Krauts 32 lançaram o grande contra-ataque no outro lado de Carentan, a Companhia F cedeu terreno e o flanco da Companhia E ficou exposto?"

Embaraço à parte, Webster ficou muito feliz ao ver os amigos voltarem.

"Você conhece todo mundo de vista no batalhão", ele escreveu, "quando não pelo próprio nome, e você se sente como se fizesse parte de uma grande família.

Ficamos ligados a esses homens tal como a nenhum outro civil."

Ele fez requerimento para voltar para a Companhia E, pois, na Companhia do QG, atuara como carregador de munição durante a maior parte 32 "Azedos", termo pejorativo pelo qual os americanos designavam os alemães. De Sauer Kraut ("repolho azedo", em conserva). (N.T.)

de seu tempo de serviço. Ele fizera disparos em sua metralhadora somente uma vez na Normandia, mas "ardia em mim o desejo de combater. Eu queria acabar logo com a guerra; queria combater como fuzileiro numa companhia da linha de

frente”. Ele foi engajado no 1º Pelotão.

Webster achava que, tal como dissera numa carta enviada aos pais, “ainda estou vivo por sorte. Acho que não sobreviverei ao próximo salto. Se eu não voltar, tentem não se deixar afetar tanto por causa disso. Gostaria de conseguir persuadi-los a considerar a morte algo tão normal quanto a consideramos aqui.

No calor da batalha, sempre esperamos sofrer baixas, sabemos que alguém morrerá e não ficamos surpresos quando um amigo leva uma rajada de metralhadora na cara. Temos de continuar a combater. Não é como a vida de civil, na qual morte súbita é algo tão inesperado”.

Quando a mãe dele lhe enviou uma carta para dizer quanto ficara alarmada com a atitude dele (e para falar das preocupações dela pelo irmão mais novo dele, que tinha acabado de entrar para uma unidade de pára-quedistas), Webster foi incisivo em sua resposta: “Você gostaria que fosse o filho de outra pessoa a morrer na lama? Você quer que vençamos a guerra, mas, aparentemente, não quer que seus filhos se envolvam no derramamento de sangue diretamente.

É uma atitude estranhamente contraditória.

Alguém tem de ir lá e matar o inimigo. Alguém tem de fazer parte da infantaria e das unidades aerotransportadas. Se o país inteiro tivesse uma atitude como a sua, ninguém lutaria; todo mundo iria para o serviço de intendência. E

que espécie de país seria o nosso?”

Lipton achava que, “quando os soldados entram em combate, a realidade se impõe como algo inevitável. Eles estão lá, e não há nada que possam fazer para mudar isso. Assim, eles a aceitam. Acostumam imediatamente os sentidos ao cheiro da morte, dos corpos, da destruição, da matança, do perigo. Os corpos e os ferimentos do inimigo não os afetam. Os ferimentos dos próprios colegas e os corpos dos amigos lhes causam apenas uma impressão passageira, e, nessa impressão, há um sentimento fugaz de triunfo ou de façanha, por não terem sido eles as vítimas. [Graças a Deus que foi ele e não eu é um sentimento comum a muitos combatentes quando seus colegas tombam; depois, isso pode gerar um sentimento de culpa.] Ainda há trabalho a ser feito, uma guerra a ser vencida, e eles pensam nisso”.

Uma vez fora da linha de frente e de volta a um acampamento para descansar,

prossegue Lipton, “eles começam a pensar. Lembram-se da forma pela qual seus amigos foram feridos ou mortos. Lembram-se das vezes em que estiveram a metros ou segundos da própria morte. Longe dos combates, morte e destruição não são mais inevitáveis — a guerra pode acabar, as missões podem ser canceladas. Com esses pensamentos, os soldados ficam nervosos diante da idéia de ter de voltar a combater. Assim que voltam a lutar, porém, as dúvidas e o nervosismo desaparecem. O endurecimento do caráter e dos sentimentos, a frieza, a calma retornam. Mais uma vez, há trabalho a fazer; a velha confiança e a excitação provocada pelos combates retornam, e a motivação para superar-se e vencer volta a tomar conta deles”.

Talvez isso pareça romanceado, mas é inevitável; foi assim que Lipton e muitos outros da Easy, muitos outros das unidades aerotransportadas e de todo o exército americano — e, por falar nisso, dos exércitos alemão e soviético também

—, enfrentaram a guerra. Mas a análise de Lipton não se aplica, absolutamente, a todos os soldados. Milhões de soldados combateram na 2ª Guerra Mundial.

Nenhum deles pode falar por todos. Apesar disso, a análise que Lipton fez do estado emocional do combatente nos fornece um meio de nos orientar a tentativa de entender a forma pela qual a tropa enfrentava e suportava as situações de combate.

Depois da experiência na Normandia, muitos dos membros da Easy passaram a combater os alemães aguerridamente e absolutamente convictos de que os Aliados venceriam a guerra. “Espero voltar logo”, Webster disse aos pais,

“pois devo aos alemães várias balas e todas as granadas de mão que eu puder lançar.” Os alemães haviam cortado o pescoço de pára-quedistas presos no arnês do pára-quedas, mataram-nos com suas baionetas e suas armas, arrancaram-lhes as entranhas, alvejaram-nos, arrasaram um posto de socorro dos americanos. Por causa dessas atrocidades, “não teremos misericórdia deles”. Quanto ao desfecho da guerra, “depois de ver aquela cabeça-de-praia, um quadro de poder militar de tirar o fôlego, sei que não podemos perdê-la. Quanto aos pára-quedistas, estão sedentos do sangue inimigo. Espero voltar a participar da matança”.

As promoções vieram. Welsh e Compton passaram de segundos a primeiros-tenentes. O regimento precisava de novos graduados para substituir baixas;

Winters recomendou a promoção do sargento James Diel, que tinha atuado como primeiro-sargento de uma companhia na Normandia. O coronel Sink aprovou a idéia. Com isso, Diel tornou-se segundo-tenente e foi designado para servir em outra companhia do 506°. Winters conseguiu a promoção de Lipton, para torná-lo o primeiro-sargento da companhia. Leo Boyle foi transferido para a Companhia do QG como segundo-sargento. Bil Guarnere tornou-se segundo-sargento. Don Malarkey, Warren Muck, Paul Rogers e Mike Ranney passaram diretamente de praça para sargento (Ranney tinha sido sargento, mas fora rebaixado para cabo durante o motim de Sobel). Pat Christenson, Walter Gordon, John Plesha e Lavon Reese foram promovidos de praça a cabo.

Webster queria ser escritor, era ávido leitor do melhor da literatura de língua inglesa, estudante de Harvard, combatente veterano que elogiava e, ao mesmo tempo, amaldiçoava o exército com base em observação pessoal e capacidade de análise profunda. As cartas que enviou à família são verdadeiras fotografias de alguns dos membros da Companhia E, logo depois da primeira experiência de combate da unidade.

O praça Roy Cobb, que tinha sido atingido por disparos do inimigo no vôo do avião de Harry Welsh sobre a Normandia e que, portanto, não saltou,

“era um velho soldado que tinha a seu favor nove anos de bons serviços prestados. Ele conseguia manter-se bem à frente dos demais em sua presença no exército. Sua variada e rica carreira militar nos tempos de guerra incluía até então: 1) um salto numa operação de assalto na África com a 1ª Divisão Blindada; 2) um cerco feroz e uma evacuação para os Estados Unidos num contratorpedeiro depois que seu navio de transporte de tropas foi torpedeado; 3) vários meses de treinamento na Escola de Pára-quedistas; e 4) um ferimento na perna que demorou a cicatrizar, causado por fogo antiaéreo na Normandia. Ele era um sujeito alto, esguio, determinado e sempre bem-humorado”.

O 1º Esquadrão do 1º Pelotão era “liderado pelo pequeno Johnny Martin, excelente soldado, embromador de primeira e sujeito de raciocínio muito rápido que conseguia resolver qualquer problema de combate ou de guarnição que aparecia e sempre tinha o equipamento bom, o alimento bom e um bom lugar para descanso”.

O outro líder de esquadrão era “Bul ” Randleman, que vivia reclamando, mas que podia “ser muito caxias, como eu mesmo pude comprovar na ocasião em

que me delatou ao primeiro-sargento por eu ter rido dele quando ele me pediu que tirasse o gorro de lã no salão do rancho. Bul era considerado um tipo de soldado muito aceitável pelos oficiais, que não gostavam da atitude leviana do sargento Martin".

O líder de esquadrão de Webster era o sargento Robert Rader. "Acho que Rader nunca deixou de cumprir com o dever na vida; ele era o soldado de guarnição ideal, do tipo que conhece todos os comandos dos exercícios de formação e desfile militar e que sente orgulho de manuais militares vistosos, que não tem paciência com os soldados que pautam a vida pela cartilha da simulação de doenças e acabam conseguindo abster-se de enfrentar as dificuldades dos combates noturnos."

Os ajudantes de líderes de esquadrão, os cabos William Dukeman, Pat Christenson e Don Hoobler, "geralmente deixavam o trabalho nas mãos dos segundos e terceiros-sargentos. Dukeman tinha um jeito pessoal de evitar situações de combate noturnas e dar escapulidas para Londres no fim de semana que era simplesmente maravilhoso de ver". Christenson era o ajudante de Randleman, o qual Webster considerava um "sujeito bem-mandado", pois Randleman, assim como Rader, era muito consciencioso. Christenson "era de estatura mediana e corpo atlético, com cabelos dourados e encaracolados, a única atração da Companhia E. Hoobler era o oposto dele em todos os aspectos.

Hoobler era a única pessoa que conheci que realmente gostava de combater; ele se divertia com a guerra. Jovem despreocupado e que ostentava um dente de ouro, ele se oferecia como voluntário em todas as missões de patrulha nos combates e para ajudar em todos os trabalhos leves da guarnição. Ele era um dos melhores e mais populares soldados da companhia".

Na opinião de Webster (e ele tinha sido membro da Companhia do QG

durante um bom tempo), os membros do 1º Pelotão da Companhia E eram

"mais jovens, mais inteligentes do que os membros das outras companhias". Pela primeira vez no exército, e para a alegria dele, ele conheceu homens que falavam em ir para a faculdade depois da guerra, inclusive o cabo Dukeman e os sargentos Muck, Carson e Malarkey.

Todos esses soldados eram o que Webster chamava de os "novos graduados do exército". A idade média deles era de 21ªnos. Eles não conheciam os Artigos de

Guerra de cabo a rabo, não se importavam com “o Livro que regulava a vida de tantos membros do exército regular”. Eles simplesmente se misturavam com os seus homens; eles não serviram no Panamá, nem no Havaí, nem nas Filipinas. “Eles eram soldados cidadãos. Foram eles que salvaram os Estados Unidos.”

Webster ficou impressionado também com alguns dos oficiais. Ele descreveu Winters como “um sujeito de estatura considerável, muito atlético, que acreditava na conveniência da ginástica entre os membros de guarnições e na agressividade nos combates”. Welsh era agora o subcomandante de Winters; Webster o descreveu como um sujeito “baixo, moreno, indolente, de raciocínio rápido, o único oficial do 2º Batalhão que conseguia fazer uma preleção interessante e instrutiva a respeito dos últimos acontecimentos”. Ele considerava o tenente Compton, líder do 2º Pelotão, um sujeito amigável e genial, o favorito de todos. Ele tinha convencido o grupo de aspirantes ao acesso à faculdade de que a UCLA era a única instituição na qual valia a pena estudar.

O 1º Pelotão era liderado pelo tenente Thomas Peacock, um oficial substituto. Webster escreveu que “ele sempre obedecia a ordens sem contestar, argumentar ou refletir”. Webster achava que Peacock “era muito estimado por seus superiores, mas cordialmente detestado por seus subordinados. Ele era caxias demais”. Certa vez, o pelotão voltou para Aidbourne de uma marcha de dez horas pelos campos; Peacock fez a tropa jogar uma partida de beisebol, pois fazia parte do programa. “Peacock acreditava que devia ater-se à letra do regulamento; como oficial de intendência do batalhão na Normandia, ele estava em seu meio, mas, como líder de pelotão, seus homens não suportavam nem olhar para ele.”

O ajudante de Peacock era o tenente Bob Brewer. Muito jovem, excelente atleta, Webster o descreve como um sujeito “grandalhão, jeitão de menino”.

No verão de 1944, a Companhia E conseguiu excelentes alojamentos por meio de boleto. Os oficiais ficaram num casa de tijolos ingleses encantadora perto do parque do lugarejo em que estavam; nos fundos, havia estábulos, que a tropa limpou e ocupou. Os estábulos tinham uma série de baias, em cada uma das quais quatro soldados se acomodoram confortavelmente e em discreta e bem-vinda privacidade. Ali, eles tinham como se esconder; foram tantos os que fizeram isso quando os treinamentos noturnos recomeçaram que Winters foi forçado a habituar-se a examinar as baias para ter certeza de que não havia

nenhum deles escondido atrás de beliches ou de pé entre as roupas que penduravam em ganchos. Além de servir de acomodação e esconderijo, todas as baias tinham um fogão, uma porta grande, espessa e à prova de som, e um pé-direito alto e arejado. Havia espaço suficiente para pendurar uniformes e mochilas e ainda para jogar pôquer ou dados.

Como forma de entretenimento, a tropa podia ouvir a rádio da Rede de Radiodifusão das Forças Armadas (RFA). Ela irradiava das 7 às 23 horas, com uma retransmissão ocasional do programa de Bob Hope, além de transmitir noticiário de hora em hora da BBC e sessões de swing. Os soldados gostavam muito mais de ouvir música do que os noticiários da BBC, embora tivessem de ouvir as exortações do SHAEF33 para que se mantivessem limpos, batessem continência mais freqüentemente ou que evitassem brigas entre si. (“Lembrem-se, soldados: se estiverem procurando briga, esperem pelos alemães!”) 33 Supremo Quartel-General das Forças Expedicionárias Aliadas. (N.T.) Quando não gostavam da música que tocava na RFA, podiam recorrer à rádio alemã e ouvir o programa de Axis Sally 34 e Lord Haw Haw. 35 Esses propagandistas tocavam músicas populares em suas rádios, entremeadas de mensagens tão malfeitas que sempre provocavam o riso entre os soldados americanos.

Além do rádio, tinham também duas sessões de cinema semanais, geralmente de filmes de faroeste, que, raramente, eram lançamentos.

Ocasionalmente, um show da United Service Organizations (USO)36 aparecia na região, mas, geralmente, as grandes estrelas atinham-se a Londres.

34 “Sally do Eixo”, alcunha de Mildred Gillars. Cidadã americana que atuou na Alemanha como radialista difusora da propaganda nazista durante a 2” Guerra Mundial e que se apresentava como “Sally” durante as transmissões. Milhares de soldados americanos ouviam sua voz insidiosa durante a transmissão de canções americanas de apelo nostálgico para eles, e durante a qual ela fazia insinuações sobre a fidelidade das esposas e namoradas deles deixadas nos Estados Unidos. Em 1946, foi localizada por um agente de contra-espionagem americano em Berlim. Foi presa eventualmente e deportada para seu país de origem, onde foi condenada por traição a cumprir de 10 a 30 anos de prisão. Em 1961, depois de 12ªnos presa, obteve livramento condicional e entrou para o convento de uma ordem religiosa católica romana em Columbus, Ohio. (N.T.) 35 Apelido dado pelos britânicos ao americano William Joyce, cuja família se mudara para a Inglaterra em 1921. Juntou-se ao movimento nazista inglês nos meados da

década de 30

e fugiu para a Alemanha em 1939, pouco antes do início da guerra. Lá, tornou-se imediatamente difusor da propaganda nazista de Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda. Seu programa de rádio foi transmitido semanalmente para a Inglaterra de 1939 a 1945. Fez de Hamburgo, bêbado, sua última transmissão radiofônica na noite de 30

de abril de 1945 — um discurso de despedida, enquanto as forças aliadas entravam na cidade, e, simultaneamente, em Berlim, Hitler se despedia de seus comparsas, em antecipação do próprio suicídio, horas depois. Capturado pelos britânicos, foi levado a julgamento por traição. A corte rejeitou o argumento de sua nacionalidade americana, pois ele tinha passaporte britânico. William Joyce foi condenado e enforcado em 3 de janeiro de 1946. (N.T.)

36 Sigla da outrora United Service Organization for National Defense, Inc. (1941-1951).

Atualmente, é a United Service Organizations, Inc., USO. Agência de serviços sociais privada, sem fins lucrativos e mantida por voluntários, provedora de serviços de bem-estar social e entretenimento aos membros das forças armadas americanas e às suas famílias em viagens pelos Estados Unidos e a serviço no exterior. Atualmente, tem mais de 120 centros espalhados pelo mundo. (N.T.)

Glenn Miller era uma exceção. “A grande atração do verão”, nas palavras de Malarkey, apareceu em 25 de julho, ocasião em que ele foi um dos seis membros da companhia a comprar um bilhete para um concerto feito por Miller e sua Army Air Force Band em Newbury. Quarenta e sete anos depois, Malarkey ainda se lembrava do programa; Miller iniciou a apresentação com Moonlight Serenade (de acordo com Malarkey, “o tema musical mais provocador de reflexões de todos os tempos”), seguida de In the Mood.

Nos fins de semana, quando não estavam numa área de manobras ou sob alerta, a tropa recebia licença. Malarkey e More subiam na motocicleta e seguiam para o litoral sul — Brighton, Bournemouth ou Southampton — para nadar ou bronzear-se. Ao voltar de um desses passeios, receberam uma mensagem do capitão Sobel. Ele queria que Malarkey e More soubessem que ele sabia que eles tinham a motocicleta e que ela era roubada, mas que não faria nada a respeito disso, embora pretendesse confiscá-la na próxima vez em que a companhia

travasse combate com o inimigo. Malarkey achou que a atitude razoavelmente sensata de Sobel resultou de seu desejo de evitar um confronto com o capitão Winters.

Coisa que eles não consideravam tão agradável quanto os alojamentos, o rádio ou os fins de semana era o treinamento. “Tive a impressão de que estávamos sendo punidos por irmos para a Normandia”, escreveu Webster. Eles eram submetidos a uma cansativa e enfadonha série de desfiles, inspeções, preleções sobre problemas de campanha e de combates noturnos e idas ao campo de tiro.

Winters tinha contrabandeado alguma munição da Normandia de volta para Aldbourne. Ele a usava para fazer os substitutos terem uma idéia mais realista de um avanço contra o inimigo sob tiro de proteção. A idéia era arriscada, principalmente, claro, para a tropa participante de manobras, mas também para o próprio Winters, já que isso não era permitido, e, se alguém se houvesse ferido, a culpa teria sido dele. Mas ele achava que o risco valia a pena, pois tinha aprendido em 6 de junho em Brécourt Manor que a chave de um ataque bem-sucedido era estabelecer uma base de tiro boa e constante e depois avançar diretamente sob a cobertura dela. Realizada corretamente, a operação teve um desfecho com poucas baixas.

Os exercícios de treinamento eram necessários para fazer os substitutos da companhia (quase metade da unidade era composta de recrutas a essa altura, que tinham acabado de chegar dos Estados Unidos, depois de completar o curso na escola de pára-quedismo) sentirem a impressão resultante de tiros feitos com munição real e ajudá-los a integrar-se à companhia. Mas, necessários ou não, eles eram odiados. Ainda assim, comparado com a experiência de 1943 em Aldbourne, o verão de 1944 foi uma festa. Malarkey explica isso:

— Não estávamos mais sujeitos à disciplina e à vingatividade de Herbert Sobel e do sargento Evans. Com Dick Winters, justiça e compaixão substituíram a insensatez de seu antecessor. O espírito de equipe da companhia aumentou muito.

Ajudava o moral do pessoal o fato de que, por mais rigoroso que o programa de treinamento fosse, a Easy estava passando o verão em Aldbourne, em vez de na Normandia. “Agradeço a Deus e ao general Eisenhower o fato de que voltamos para a Inglaterra”, disse Webster na carta que escreveu aos pais,

“toda vez que penso nos rapazes do Pacífico, vivendo em florestas e em ilhas áridas, e nos membros da infantaria na França, lutando duramente para seguirem adiante, sem música nem nenhum tipo de diversão, até serem mortos ou feridos.”

Todos os soldados presentes em Aldbourne tinham perfeita consciência de que a 4ª Divisão de Infantaria, cujos membros foram seus parceiros no Dia D, ainda estava na linha de combate, sofrendo baixas, dormindo em trincheiras, alimentando-se de rações K, sem jamais tomar banho.

Os boatos eram freqüentes. Em 10 de agosto, o próprio Eisenhower inspecionou a divisão, o que convenceu a todos de que o próximo salto de uma missão de combate viria logo em seguida, convicção reforçada no dia 12 de agosto, no qual equipamentos novos em folha foram distribuídos. Uns diziam ter certeza de que seria no Pacífico Sul; outros achavam que seria na Índia; outros diziam que seria em Berlim.

Esses rumores eram ridículos, logicamente, mas o que os alimentava era o fato de que a divisão fizera planos para 16 operações naquele verão, e todos eles foram cancelados. O problema foi que, até o fim de julho, a linha de frente na Normandia não tinha avançado quase nada, praticamente; então, o I Exército, comandado por Bradley, rompeu o cerco inimigo em St.-Lô; o III Exército, comandado por Patton, seguiu para a Normandia, e as forças terrestres americanas ocuparam as zonas de salto antes que os pára-quedistas conseguissem terminar seus planos e realizar o salto.

Em 17 de agosto, a Easy foi alertada e orientada para saltar perto de Chartres, para erguer barreiras de modo que interrompessem o fornecimento de suprimentos e reforços aos alemães na Normandia e bloqueassem sua rota de fuga. A companhia, juntamente com o restante do batalhão, foi levada de ônibus para a praça de armas, no aeródromo de Membury, fora do perímetro urbano de Aldbourne. Receberam como refeição bife e ovos, frango frito, pão branco, leite e sorvete. Depois, checaram suas armas e seu equipamento, receberam instruções, discutiram o objetivo a alcançar.

Os recrutas estavam excitados, tensos, ávidos, nervosos. Os veteranos estavam preocupados. “Detesto pensar na idéia de partir novamente”, escreveu Webster em seu diário. O que mais o preocupava era a idéia de ser morto enquanto estivesse descendo com o pára-quedas, com seu corpo balouçando impotente no ar, ou de ficar preso numa árvore ou num poste telefônico e ser atacado de

baioneta ou com arma de fogo antes que pudesse livrar-se do arnês.

Ele tinha conseguido uma pistola automática .45, mas a arma não era páreo para uma metralhadora. Ele achava que, se conseguisse completar o salto sem problema, teria como enfrentar o que viesse depois.

Em conversa com os veteranos à volta dele no aeródromo, ele percebeu que “os rapazes não estão tão entusiasmados ou ansiosos por terminar logo a missão quanto estavam antes da Normandia. Ninguém quer combater mais”.

Rumores esperançosos chegaram a circular entre eles por conta do fato de que, já que Patton estava atravessando rapidamente a França, que os Aliados realizavam uma ofensiva na Itália, que o Exército Vermelho seguia avançando implacavelmente na linha de frente da Europa Oriental e que o alto comando das Wehrmacht caíra em estado de crise e confusão depois do atentado, em 20 de julho, contra a vida de Hitler, a Alemanha poderia sucumbir a qualquer momento.

A maioria da tropa teria ficado muito contente com um acontecimento desses, mas Webster não ficou e disse na carta enviada aos pais:

“Não consigo entender por que vocês nutrem a esperança de que a guerra termine logo. A menos que levemos os horrores da guerra para dentro da própria Alemanha, a menos que combatamos em suas próprias cidades, que façamos explodir suas próprias casas, que invadamos suas adegas, que matemos seu gado para conseguir alimento, a menos que emporcalhemos suas ruas com corpos alemães em horrível estado de putrefação, tal como fizeram na França, os alemães tornarão a se preparar para a guerra, inconscientes de seus horrores. A derrota deve ser levada para dentro da própria Alemanha antes que essa confusão possa ter um fim; uma vitória rápida agora, uma derrocada súbita, deixará o interior do país relativamente intacto e seu povo sedento de vingança. Desejo que a guerra termine tão rapidamente quanto o desejam todos, mas não quero que o núcleo de outra guerra permaneça intacto.”

O dia 19 de agosto foi o Dia D para Chartres. Estava programado para ser um dia de salto diurno. Nos primeiros clarões do dia, os soldados em toda a Membury começaram a acordar, depois de uma noite mais ou menos insone, passada principalmente em seus beliches, com muito suor, imaginando todo tipo de possibilidades. Eles se vestiram em silêncio. Estavam psicologicamente

distantes e abatidos. Ninguém tinha cortado os cabelos à Ia mohawk. Não se ouviram gritos de “Mãe, se você já rezou por mim, reze agora também”.

Mas, de repente, ouviram boas notícias pelo rádio! Os tanques do III Exército, comandado por Patton, tinham acabado de tomar a região da zona de salto em Chartres! O salto estava cancelado! A tropa começou a gritar, a pular, a rir de alegria. Abençoou Patton e seus operadores de tanque. Comemorou e dançou. À tarde, voltou para Aldbourne.

Na manhã de domingo, dia 28 de agosto, o 506° providenciou um ofício religioso em homenagem aos soldados mortos na Normandia. Quando se anunciou que a tropa teria de abrir mão da manhã de domingo, houve muitos resmungos e queixas; um dos pára-quedistas chegou a dizer que homenagearia os mortos no sábado de manhã ou mesmo durante uma segunda-feira inteira.

Contudo, não faria isso de jeito nenhum em suas horas de folga. Mas foi apenas conversa de um soldado exercendo seu direito inalienável de reclamar. Ele acabou pondo seu melhor uniforme e foi juntar-se aos outros.

A Companhia E foi levada de ônibus para o QG do regimento na propriedade de Lorde Wills em Littlecote, nas cercanias de Chilton Foliat, onde se juntou a outras companhias num campo de relva macia e pujante. Uma banda de música tocou a marcha fúnebre numa cadência tão lenta que todos erraram o passo, mas, assim que o regimento se posicionou, com 2 mil jovens guerreiros americanos espalhados como um sólido tapete marrom pelo gramado, diante do grandioso castelo, formou-se uma cena inspiradora.

O capelão McGee fez um discurso em que disse que os mortos eram verdadeiros heróis, que valia mesmo a pena morrer pelos Estados Unidos, que os que tinham tombado não tinham morrido em vão, e assim por diante. Mas a tropa ficou mais impressionada com a prece do regimento, composta pelo tenente James Morton e lida pelo capelão:

“Deus Todo-Poderoso, ajoelhamo-nos diante de Ti e pedimos que faças de nós o instrumento de Tua ira para a derrota das forças malignas que trouxeram morte, miséria e degradação aos povos da Terra. . Sê conosco, Deus, quando saltarmos de nossos aviões no abismo escuro e de pára-quedas descermos à Terra em meio ao fogo inimigo. Dá-nos vontade férrea e toda coragem quando sairmos do arnês de nossos pára-quedas para pegar em armas e combater. Pai, as legiões do mal

são muitas; abençoa nossas armas para que as encontremos e derrotemos em Teu nome e em nome da liberdade e da dignidade do homem. . Faz com que nossos inimigos que vivem pela espada abandonem a violência para que não pereçam pela espada também. Ajuda-nos a servir-Te bravamente e sermos humildes na vitória."

O general Taylor discursou em seguida, mas seu discurso foi abafado pela formação de C-47s que passou bem acima deles. Em seguida, fizeram a leitura em voz alta da lista de mortos e desaparecidos em combate. A lista parecia não terminar nunca — havia 414 nomes nela —, e cada um deles fez os sobreviventes de esquadrão, de

pelotão, de companhia

inspirarem

profundamente. Toda vez que ouvia o nome de um soldado que conhecia, Webster pensou na "família dele, sentada em silêncio num lar que jamais estaria completo novamente". A leitura dos nomes cessou abruptamente, com a citação do nome de um praça que começava com a letra Z. O regimento saiu marchando do campo entoando "Avante, soldados de Cristo".

A 101ª Divisão Aerotransportada fazia parte agora do I Exército Aerotransportado dos Aliados, que incluía a 17ª, 82ª e 101ª Divisões Aerotransportadas (juntas, essas unidades americanas formavam o XVIII Corpo de Exércitos Aerotransportados), a 1ª Brigada Pára-quedista Polonesa e a 1ª e a 6ª

Divisões Aerotransportadas Britânicas, além da 52ª Lowlanders (divisão aerotransportada escocesa). O general Matthew Ridgway comandava o XVIII Corpo de Exércitos; o general Lewis Brereton comandava o I Exército Aerotransportado. O general Taylor continuava no comando da 101ª; o general James Gavin comandava a 82ª. Todos esses generais, e seus subordinados mais experientes, estavam ávidos por fazer o I Exército entrar em combate, mas, toda vez que criavam um plano, instruíam a tropa, transportavam-na para suas praças de guerra e faziam preparativos para embarcar, as forças terrestres ocupavam a região da zona de salto visada, e a missão era cancelada.

Isso aconteceu outra vez no fim de agosto. No dia 30, à meia-noite, Taylor

ordenou que as companhias entrassem em forma. A tropa recebeu ordens para arrumar as mochilas, de modo que pudesse partir às 8 horas para Membury.

No aeródromo, em meio a todas as outras atividades, o câmbio de moedas correu solto; libras esterlinas eram trocadas por francos belgas. Com isso, a tropa sabia de seu objetivo antes mesmo de receber instruções sobre a missão ("É uma pena", oficiais intendentes diziam aos que não tinham cédulas de libra esterlina).

A ZS era perto de Tournai, Bélgica, do outro lado da fronteira, em frente da cidade francesa de Lille. O objetivo era abrir caminho para o II Exército Britânico em seu avanço através do Canal de Escaut em direção à Bélgica.

Seguiram-se dois dias de intenso repasse de instruções, preparativos frenéticos e comida de excelente qualidade. Mas, em 2 de setembro, a Divisão Blindada da Guarda do II Exército Britânico capturou Tournai, e a operação foi cancelada. A tropa experimentou um alívio igual ao que teve quando o salto em Chartres foi cancelado, mas a determinação do alto comando de fazer com que os pára-quedistas entrassem em combate era tão evidente para eles que, já nos ônibus que os levavam de volta para Aldbourne, comentaram entre si que chegaria a ocasião em que não voltariam do aeroporto.

Os exércitos dos Aliados continuaram a avançar através da França e da Bélgica. O alto comando do I Exército Aerotransportado ficou ainda mais ansioso pelo início dos combates. Suas melhores tropas estavam no TOGE, e ele tinha os melhores comandantes, o mais alto moral, uma capacidade de mobilização inigualável, equipamentos excelentes. Seus oficiais e seus soldados eram veteranos experientes que queriam outra chance para mostrar o que os pára-quedistas podiam fazer na guerra moderna. O I Exército Aerotransportado era, de longe, um dos maiores recursos de Eisenhower ainda sem emprego. Ele queria manter a força do avanço, queria aproveitar o momento para dar um golpe decisivo nos alemães antes que eles conseguissem recuperar-se de sua retirada da França, feita seis semanas antes. Quando Montgomery propôs o emprego do I Exército Aerotransportado numa operação complexa, ousada e perigosa, mas potencialmente decisiva, de travessia do Reno (do trecho austral do rio), Eisenhower concordou prontamente, o que contentou muito o alto comando do I Exército.

A operação recebeu o codinome de MARKET-GARDEN. O objetivo era fazer o II Exército Britânico, com a Divisão Blindada da Guarda Nacional Britânica na

vanguarda, atravessar a Holanda e o Reno tomando a seguinte rota: Eindhoven-Son-Veghel-Grave-Nijmegen-Arnhem.

Os

tanques

britânicos

avançariam para o Norte por uma única estrada, seguindo pelo caminho aberto pelos pára-quedistas americanos e britânicos, que tomariam e defenderiam as muitas pontes entre o ponto de partida e Arnhem.

A 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, reforçada pelos poloneses, estaria no extremo oposto da linha de avanço proposta, em Arnhem. A 82ª

Divisão Aerotransportada conquistaria Nijmegen e a defenderia. A tarefa da 101ª

era saltar ao norte de Eindhoven, com o objetivo de capturar a cidade e, ao mesmo tempo, avançar através de Son em direção a Veghel e a Grave, para abrir a extremidade sul da linha de avanço. A tarefa do 2º Batalhão do 506° RIP era tomar a ponte sobre o Canal de Wilhelmina, em Son, sem destruí-la, e depois juntar-se ao 3º Batalhão no ataque a Eindhoven, onde ele defenderia a cidade e suas pontes até que a Divisão da Guarda Britânica pudesse passar por lá e avançar.

Era um plano complicado, mas brilhante. O sucesso dependeria da execução do plano num sincronismo de quase uma fração de segundo, com ataques-surpresa, combates árduos e sorte. Se tudo funcionasse, a recompensa seria o avanço das forças blindadas britânicas para a planície setentrional alemã, do outro lado do Reno, com uma estrada aberta para o acesso a Berlim. Se a operação falhasse, o custo disso seria o desperdício dos recursos do I Exército Aerotransportado, o fracasso da abertura do porto de Antuérpia (Eisenhower teve de concordar em adiar o emprego de tropas necessárias à abertura desse porto para que pudesse montar a MARKET-GARDEN), uma crise de abastecimento em todo o TOGE e o prolongamento da guerra até o inverno de 1944-45.

Além de ter tido que adiar a abertura do porto de Antuérpia, Eisenhower teve de fazer Patton parar a leste de Paris, a fim de obter combustível suficiente para o II

Exército Britânico, de modo que pudesse montar a operação MARKET-GARDEN. Em suma, a operação era como um jogo de dados, com os Aliados apostando todas as suas fichas.

Em 14 de setembro, a Easy voltou de ônibus para a praça de armas de Membury. No dia seguinte, a companhia recebeu instruções para a primeira missão. Foi algo tranqüilizante para a tropa. Disseram a ela que esse deveria ser o maior salto de pára-quedas da história, com a participação de três divisões. Seria um salto diurno. Diferentemente da Normandia, esse viria para os alemães como uma surpresa. O fogo antiaéreo do inimigo seria pouco intenso, e a resistência terrestre inicial dele quase inexistente.

Na praça de armas, no aguardo da hora de partir, houve muito jogo a valer dinheiro entre os soldados. Um dos recrutas, o praça Cecil Pace, era jogador fanático. Para vergonha dos veteranos, ele ganhou mil dólares no jogo de dados.

O coronel Sink fez ao regimento uma preleção preparatória. — Vocês depararão tanques britânicos — ele disse. — Alguns deles Shermans, e outros Cromwel s. Não confundam os Cromwells com tanques alemães.

— E aquelas divisões da Guarda — são boas unidades. As melhores do exército britânico. Você não pode entrar para elas a menos que tenha ‘Sir’ antes do nome e uma árvore genealógica com um metro de altura. Mas não riam deles.

São bons combatentes.

— Outra coisa — ele prosseguiu, esfregando o rosto. — Não quero ver nenhum de vocês circulando pela Holanda usando gorros de lã. O general Taylor pegou um membro do 506° usando um desses gorros na Normandia e me fez passar o diabo por causa disso. Bem, agora não quero mais passar o diabo e sei que vocês também não. Portanto, se tiverem de usar um gorro de lã, usem-no por baixo do capacete. E não deixem o general Taylor pegá-los sem o capacete.

— Sei que vocês, homens, podem sair-se bem. Portanto, sobre combate não preciso falar. Esta unidade é boa o bastante para receber uma Medalha Congressual de Honra ao Mérito 37 na Normandia. Agora, vocês, veteranos, cuidem dos substitutos, e nós nos sairemos bem.

Webster registrou em seu diário que era sempre um prazer ouvir Sink falar, pois

ele fazia uma abordagem sensata, realista, bem-humorada, a respeito da questão do combate. O general Taylor era o oposto dele; na opinião de Webster, Taylor tinha “uma atitude de líder de torcida feminina, repulsivamente otimista.

O coronel Sink sabia que a tropa detestava combater. Até o fim da guerra, o general Taylor insistiu em achar que seus rapazes estavam sempre ávidos por matar alemães. Preferíamos o coronel Sink”.

Em 16 de setembro, o praça Strohl, que havia ficado no hospital desde o dia 13 de junho, conseguiu um dia de alta dos médicos. Ele pegou carona para Aldbourne, onde deparou o capitão Sobel, que estava levando bagagem para Membury. Sobel disse a Strohl que a companhia estava prestes a entrar em combate; Strohl respondeu dizendo que queria juntar-se a eles e pediu uma carona até o campo de aviação.

— Você será advertido por haver se ausentado sem permissão — avisou Sobel. Strohl argumentou que não achava que entraria em apuros se optasse por juntar-se à companhia e entrar em combate. Diante disso, Sobel disse a ele que subisse.

— Foi uma atitude estúpida — avaliou Strohl quatro décadas depois. —

Eu estava fraco como um gatinho. — Mas ele não queria deixar os amigos entrar em combate sem ele. Ele tratou de equipar-se e embarcou num C-47.

37 Em inglês, The Presidential Distinguished Unit Citation. Instituída em 26 de fevereiro de 1942, foi renomeada depois The Distinguished Unit Citation. É uma condecoração concedida pelo presidente dos Estados Unidos em nome do Congresso norte-americano a unidade militar do exército americano e de nações co-beligerantes por heroísmo extraordinário em situações de combate extremamente difíceis e perigosas em que a unidade tenha exibido coragem, determinação e espírito de corpo de natureza tal que a distinga e ponha acima das outras unidades participantes da mesma campanha militar.

(N.T.)

Popeye Wynn, que tinha levado um tiro nas nádegas quando ajudava a destruir uma bateria em Brécourt Manor no dia 6 de junho, havia sido submetido a uma operação e recuperava-se num hospital no País de Gales quando lhe disseram que, se ele ficasse longe da companhia por mais de 90 dias, seria designado para

servir em outra unidade quando o considerassem pronto para voltar a combater. Wynn não queria saber disso. Ele persuadiu um sargento que estava encarregado da liberação dos pacientes a enviá-lo de volta para Aldbourne na posse de documentos que declarassem que ele estava apto a realizar tarefas leves. Ele chegou no dia 1º de setembro, jogou os documentos fora e tornou a juntar-se ao 3º Pelotão.

Mas Wynn não estava totalmente recuperado. Durante o vôo para a Holanda, ficou de pé no fim da fila de salto, já que ainda sentia muitas dores no local da operação. Mas ele estava lá, onde queria estar, indo para o combate com os amigos da Companhia E.



8

"A Rodovia do Inferno"

HOLANDA

17 de setembro-1º de outubro de 1944

Era um belo dia de fim de verão no Noroeste da Europa, com um céu muito azul, sem nuvens e vento. O ataque aéreo dos Aliados foi uma surpresa para os alemães; não havia aviões da Luftwaffe para enfrentar sua frota aérea.

Assim que alcançaram o território holandês, houve algum fogo antiaéreo, que se intensificou quando estavam a cinco minutos da ZS, mas não houve rompimento da formação nem manobras de evasão por parte dos pilotos como houvera nos céus da Normandia.

O pessoal da Easy aterrissou exatamente no local programado. Tal foi o caso também de praticamente todas as outras companhias da divisão. A aterrissagem foi suave, em campos de cultivo que tinham acabado de ser arados.

Aliás, essa foi a mais suave da história da Easy, de acordo com a lembrança de seus membros. "Foi o campo de aterrissagem mais perfeitamente plano que já vi.

Basicamente, a Holanda é apenas um grande, glorioso campo de salto", escreveu Webster na carta enviada aos pais. A história oficial da 101ª dá conta de que essa foi "a aterrissagem mais bem-sucedida da Divisão, tanto entre as de treinamento quanto entre as de combate".38

O único problema em que Winters conseguiu pensar foi a necessidade de os soldados saírem da ZS o mais rapidamente possível para evitar serem atingidos por equipamentos lançados no salto e pelos pára-quedistas aterrissando.

— Estava simplesmente chovendo equipamento — ele disse. — Capacetes, armas, fardos. — Malarkey lembrou-se de que saiu correndo do campo em demanda do ponto de ligação das tropas (indicado por granadas de fumaça). De repente, ele ouviu um barulho que parecia vir do céu; ele olhou para cima e viu que dois planadores haviam colidido e mergulhavam em direção ao solo. Não havia alemães na área; a companhia se reuniu rapidamente e partiu em direção ao seu objetivo.

O objetivo era a ponte sobre o Canal de Wilhelmina, em Son. A rota era uma estrada que se estendia em sentido norte-sul e que ligava Eindhoven a Veghel, a Nijmegen e a Arnhem. A estrada tinha uma parte da pavimentação feita de asfalto e outra de tijolos e era larga o bastante para a passagem de dois carros lado a lado, mas muito estreita para dois caminhões. Assim como a maioria das estradas na Holanda, eleva-se a um metro ou pouco mais do nível dos campos circundantes, o que permitia que qualquer coisa que se movesse sobre ela tivesse o horizonte em perspectiva.

A estrada era fundamental para a Operação MARKET-GARDEN. A tarefa das tropas aerotransportadas americanas era assumir o controle da estrada e de muitas de suas pontes, de modo que abrissem caminho para o XXX Corpo de Exércitos Britânico, com a Divisão Blindada da Guarda Nacional Britânica na vanguarda, em seu planejado avanço para Arnhem e, conseqüentemente, a travessia do rio do Baixo Reno.

A Companhia aterrissou a 30 quilômetros atrás da linha de frente e a uns 38 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 269.

15 quilômetros ao norte de Eindhoven. O objetivo inicial do 506° era Son, depois Eindhoven, o que determinava que a marcha inicial deveria ser para o Sul.

O regimento partiu, com o 1º Batalhão atravessando o campo a oeste da estrada, o 2º Batalhão seguindo pela estrada e o 3º Batalhão na reserva. A ordem de marcha do 2º Batalhão tinha a Companhia D na vanguarda, seguida pela Companhia E e pela Companhia do QG atrás dessa unidade e a Companhia F na retaguarda.

A coluna entrou em Son. Os habitantes se haviam alinhado nos dois lados da estrada, como se para assistir a uma parada. Diferentemente da Normandia, onde a população, em sua maioria, preferiu manter-se longe das vistas das tropas, os holandeses ficaram exultantes com o fato de que estavam sendo libertados. O pároco, Hussen, de Son, distribuiu charutos. Viam-se bandeiras alaranjadas, proibidas pelos ocupantes alemães, expostas nas janelas. O

povo dava maçãs e outras frutas aos pára-quedistas que passavam. Balconistas de bares espichavam barris e distribuíam copos de cerveja. Os oficiais tiveram muito trabalho para fazer com que a tropa continuasse a avançar.

Ao sair dos arrabaldes de Son, a menos de um quilômetro da ponte, a coluna sofreu um ataque de um German 88 e de uma metralhadora, cujos disparos eram feitos ao longo da estrada. Não houve baixas. A Companhia D

cobriu o lado direito da estrada, e a Companhia E, o esquerdo. Os americanos avançaram, disparando fuzis e lançando projéteis de morteiro, o que silenciou o inimigo. Mas os alemães tinham feito o seu trabalho, atrasando o avanço p tempo suficiente para terminar seus preparativos de destruição da ponte.

Quando os primeiros elementos do avanço americano estavam a mais ou menos 25 metros da ponte, ela explodiu bem diante de seus rostos. Seguiu-se uma saraivada de pedaços de madeira e pedra. Winters, com Nixon ao lado dele, jogou-se ao chão, enquanto choviam grandes pedaços de madeira e pedras enormes em toda parte. Winters pensou consigo mesmo: “Que maneira infernal de morrer em combate!”

O coronel Sink ordenou que o 2º Batalhão fizesse tiro de proteção enquanto o 1º Batalhão tentasse achar um meio de atravessar o canal. O cabo Gordon Carson, da Easy, avistou alguns barcos a remo cheios d’água na margem oposta e decidiu agir imediatamente. Tirou toda a roupa e correu, mergulhou na água, atravessou o canal a nado e buscou um barco, com o qual foram transportados alguns membros do 1º Esquadrão até mais ou menos o meio do canal antes de afundar.

Outros membros do 1º Batalhão, mais práticos, arrancaram as portas de um celeiro que havia ali perto e, com a ajuda do sargento Lipton e de vários membros da Companhia E, apoiaram-nas sobre a estacaria da ponte. Os alemães da retaguarda, com a missão cumprida, retiraram-se.

Engenheiros do regimento aperfeiçoaram a passarela improvisada como ponte de travessia de tropas sobre o canal, mas ela era tão frágil que permitia a passagem de apenas alguns soldados por vez. O batalhão levou horas para atravessar o canal.

Estava escurecendo. Sink foi informado de que o avanço da Divisão Blindada da Guarda Nacional Britânica tinha sido detido por 88s a alguns quilômetros ao sul de Eindhoven, e ele ignorava as condições da defesa alemã na cidade. Diante disso, ordenou o interrompimento do avanço durante a noite.

Os líderes de pelotão estabeleceram postos avançados. Os que não estavam de serviço dormiram em montes de feno, telheiros, em qualquer coisa que puderam achar e na qual julgaram poder dormir. Os praças Hoobler e Webster, do 2º Esquadrão do sargento Rader, 1º Pelotão, acharam uma fazenda.

O fazendeiro holandês os recebeu bem. Ele os conduziu pelo estábulo, já ocupado pela Companhia do QG (“Vocês os matam, nós os pilhamos” era o mote dela), cujos membros não gostaram da presença deles. Seguiram para a cozinha da fazenda, na qual o holandês lhes deu meia dúzia de potes cheios de carne, pêssegos e cerejas em conserva. Por sua vez, Hoobler deu a ele alguns cigarros, e Webster ofereceu-lhe uma barra de chocolate. Ele acendeu e tragou o cigarro avidamente — o primeiro cigarro decente que desfrutava depois de cinco anos —, mas guardou o chocolate para o filho, que nunca tinha comido aquilo.

Foi ali que Webster descobriu que gostava mais dos holandeses do que dos britânicos ou dos franceses.

Na manhã seguinte, a marcha foi reiniciada, com o 2º Batalhão seguindo atrás do 1º Batalhão na estrada para o Sul. Nas cercanias de Eindhoven, cidade de 100 mil habitantes, que lhes assomou abruptamente do solo rico e escuro enquanto avançavam, o coronel Sink espalhou o regimento, enviando o 2º

Batalhão para a esquerda, com a Easy posicionando-se no flanco esquerdo. Em dado momento, Winters ordenou pelo rádio: — Tenente Brewer, providencie missões de reconhecimento e siga adiante. — Brewer espalhou os membros do

1º Pelotão tal como aprendera nos manuais de guerra, enviando grupos de reconhecimento para a linha de frente, sem aglomeração, com movimentação rápida. Em seu avanço, o pelotão passou por hortas e campos recém-arados em demanda das casas nos arrabaldes da cidade.

Mas Brewer cometeu um erro. Ele ficou na linha de frente, com a maleta de mapas ao lado e os binóculos pendurados no pescoço, indicação óbvia de que era um oficial. O pior de tudo é que ele tinha mais de 1,80 metro de altura.

Gordon achou que ele parecia um marechal-de-campo participando de uma parada. Ele era um alvo perfeito

— Volte. Recue. Recue! — Winters gritou pelo rádio, mas Brewer não pôde ouvi-lo. E continuou a avançar. Todos os membros da companhia, todos os participantes da batalha, conseguiram antever o que ocorreria.

De repente, ouviu-se um estampido. Um atirador de elite tinha disparado de uma das casas. Brewer tombou “como uma árvore derrubada por um madeireiro exímio”. Ele fora atingido na garganta, num ponto logo abaixo do queixo. Gordon e alguns recrutas correram até ele, embora tivessem ordens para continuar a avançar e deixar os feridos para os socorristas. Eles olharam para Brewer, estendido no chão, sangrando profusamente.

— Ora, droga, esqueçam-no — um deles disse. — Ele vai, ele vai morrer.

E reiniciaram o avanço, deixando Brewer estendido no chão.

Ele ouviu tudo e jamais se esqueceu disso. Jamais deixou que os companheiros se esquecessem disso depois que se recuperou e voltou para a companhia.

Depois disso, houve apenas pequena e esparsa resistência, principalmente de atiradores de elite. O 506° entrou em Eindhoven sem maiores dificuldades.

Os holandeses haviam saído às ruas para dar-lhes as boas-vindas. Muitos deles falavam inglês.

— Que bom que vocês vieram! — clamavam. — Estamos felizes por terem vindo! Esperamos tanto! — E pegaram cadeiras, chá quente, leite fresco, maçãs, peras, pêssegos. Bandeiras e braçadeiras cor de laranja escondidas durante anos passaram a ser ostentadas em todas as casas e nas mangas das camisas da

população. Os aplausos eram quase ensurdecedores; os soldados tinham de gritar uns para os outros para poder ouvir. “Foi uma das demonstrações de gratidão mais sinceras que qualquer um de nós veria”, Webster escreveu, “e isso nos deixou muito felizes.” Eles precisaram da maior parte do restante do dia para passar pela multidão e depois tratar de ocupar as pontes sobre o rio Dommel.

Mas isso não os atrapalhou, pois os tanques britânicos apareceram somente nas últimas horas da tarde. Eles pararam imediatamente, cumpriram tarefas de manutenção e depois prepararam chá.

Winters cuidou de estabelecer postos de observação avançados. Os que não estavam de serviço juntaram-se à comemoração. Eles posaram para fotos, trocaram autógrafos entre si (uns assinavam “Monty”39; outros, “Eisenhower”), tomaram uma ou duas doses de conhaque, fizeram ótimas refeições de legumes frescos, vitela assada, molho de maçã e leite. Os civis continuaram a assediá-los como se eles fossem estrelas do cinema. Winters ainda meneia a cabeça quando se lembra disso: — Foi simplesmente inacreditável.

A companhia passou a noite em trincheiras feitas às pressas em Tongelre, um subúrbio no lado leste de Eindhoven. Na manhã do dia 19 de setembro, Winters recebeu ordens de marchar para o Leste, para Helmond, de forma que ampliasse o trecho de Eindhoven do corredor e estabelecesse contato com o inimigo. Um esquadrão de tanques Cromwell dos Hussardos40 acompanhou a Easy. Alguns dos combatentes seguiram na traseira dos Cromwells. “Os tanques”, escreveu Webster, “falharam, estrepitaram, retiniram e rangeram metalicamente em sua arrancada e movimento costumeiros quando partimos.”

Winters encabeçou uma marcha forçada para Nuenen, cerca de 5

quilômetros à frente, e não encontrou oposição, mas, sim, mais uma vez, holandeses ovacionando, oferecendo-lhes comida e bebida. Webster comentou que Vincent van Gogh tinha nascido no vilarejo. — Quem é o sujeito? — Rader perguntou.

Depois de Nuenen, a festa acabou. Os alemães se haviam recuperado da surpresa e estavam começando a organizar contra-ataques. — Tanques alemães!

Tanques alemães! — Webster ouviu o praça Jack Matthews gritar.

“Ó meu Deus!”, Webster disse consigo mesmo enquanto ele e outros 39

Hipocorístico de Montgomery. (N.T.)

40 Regimento de cavalaria britânica de longa tradição. Esse regimento ficou mais conhecido pela participação na Carga da Brigada Ligeira contra as armas de Balaclava, na Guerra da Criméia. O regimento ainda existe como parte dos Dragões Ligeiros, um regimento de blindados do Exército britânico que atuou na Operação Tempestade do Deserto. (N.T.)

pulavam dos Cromwells para se atirar numa vala. A menos de 400 metros de distância, o primeiro de uma coluna de tanques alemães "avançou pelos arbustos como uma besta do inferno".

A 107ª Panzerbrigade, antes estacionada em Helmond, estava avançando para Oeste, na direção de Nuenen, com cerca de 50 tanques — "mais do que tínhamos visto antes", disse Winters. O sargento Martin viu um tanque alemão parcialmente oculto por uma cerca a uns 100 metros de distância. Um tanque britânico vinha se aproximando. Martin voltou para ele correndo, subiu a bordo e disse ao comandante que havia um tanque inimigo logo abaixo, à direita. O

tanque continuou a avançar. Martin advertiu o comandante de que, se ele continuasse a avançar, a guarnição do tanque alemão o veria logo adiante.

— Não o estou vendo, meu rapaz — o comandante respondeu —, e, se não posso vê-lo, não tenho como atirar nele.

— Você o verá logo, tenha certeza disso — tornou Martin em voz alta, saltou do tanque e se afastou.

O tanque alemão mandou fogo. O projétil penetrou a blindagem do tanque britânico. As chamas irromperam e se alastraram. A guarnição saiu às pressas pela escotilha. O atirador foi o último a sair; ele tinha perdido as pernas.

O tanque, agora inteiramente tomado pelas chamas, continuou a avançar sozinho, forçando Bul Randleman a deslocar-se na direção do inimigo para evitar ser atropelado por ele. Um segundo tanque britânico avançou. Ele também foi atingido. Ao todo, quatro dos tanques britânicos foram tirados de combate pelos Germans 88. Os dois tanques restantes deram meia-volta e trataram de retornar para Nuenen. A Companhia E os acompanhou na retirada.

O sargento Rogers tinha sido ferido e sangrava intensamente. — Parece que eles pintaram você um pouco, não é, Paul? — gracejou Lipton.

— Rogers soltou uma série de palavrões durante um minuto — disse Lipton ao recordar-se da ocasião. — Muito incomum no caso dele.

O tenente Buck Compton foi atingido nas nádegas. O socorrista Eugene Roe correu em auxílio de Compton. Malarkey, o praça Ed Heffron e outros mais acorreram para ajudar também.

Quando Heffron fez menção de ajudar, Compton olhou para cima e resmungou:

— Ela sempre dizia que meu enorme traseiro acabaria me atrapalhando.

E depois passeou o olhar entre os cinco combatentes reunidos em volta dele.

— Saiam daqui — ordenou Compton. — Deixem os alemães cuidarem de mim.

Ele era um homem corpulento, e os disparos eram tantos que os soldados tiveram vontade de fazer isso mesmo. Mas Malarkey, Guarnere e Joe Toye arrancaram uma porta do anexo de uma fazenda e puseram Compton deitado nela de bruços. Em seguida, com ele em cima da porta, arrastaram-no pelo rego da beira da estrada até um dos tanques britânicos em retirada e o puseram de bruços na traseira da viatura.

A bala que feriu Compton entrou pela parte lateral de sua nádega esquerda, saiu, alcançou a nádega direita e saiu por ali também. Lipton olhou para ele e não conseguiu evitar o riso. — Você é o único sujeito em minha vida que vi ser atingido por uma bala e ficar com quatro buracos — ele disse a Compton.

— Se eu pudesse sair deste tanque, eu o mataria — resmungou Compton, tomado de raiva.

Outros combatentes inspiraram-se no que os colegas tinham feito com Compton e subiram também na traseira dos tanques em retirada. Strohl e Gordon, que haviam estado num dos flancos, Strohl com um morteiro, e o colega com sua metralhadora, tiveram de atravessar um campo aberto para voltar a juntar-se à unidade. O peso das armas atrasou os passos deles. A areia do solo, atingido pelas balas, voava pelos ares próximo aos pés deles. Havia entre eles e a estrada uma cerca de quase um metro de altura. — Nós a transpomos como se fôssemos

dois cavalos — comentou Strohl. Seguros do outro lado, eles pararam para tomar fôlego.

— Nós jamais faremos isso novamente — observou Strohl.

— Na verdade, acho que nós não fizemos isso — replicou Gordon. Eles trataram de seguir para os tanques e os alcançaram. Gordon subiu na traseira de um deles. Mas Strohl estava exausto. Ele estendeu a mão; Gordon a agarrou quando Strohl deu mostras de que iria desmaiar. Gordon guindou-o a bordo e o pôs em segurança.

Randleman, que estivera na vanguarda, foi atingido no ombro e viu-se obrigado a separar-se do esquadrão. Ele seguiu para um estábulo. Um soldado alemão veio correndo atrás dele. Randleman atacou o inimigo com sua baioneta, matou-o e o cobriu com feno. Em seguida, cobriu-se com feno também para esconder-se.

Assim que chegou à cidade, a tropa conseguiu abrigo nos edifícios, que usou como cobertura para mover-se e estabelecer algo que se parecesse com fogo de revide. A Companhia E conseguiu deter os alemães, mas não pôde fazê-los recuar. O sargento Chuck Grant e muitos outros foram alvejados. O praça Robert Van Klinken foi morto por uma rajada de metralhadora quando tentava avançar correndo com uma bazuca. O praça James Miller, um substituto de 19

anos de idade, morreu quando uma granada de mão explodiu à altura de seus rins.

O praça Ray Cobb teve uma crise de tremedeira. Webster ouviu o sargento Martin consolando-o “como uma mãe conversando com o filho assustado por um pesadelo: ‘Está tudo bem, Cobb, não se preocupe. Não vamos voltar lá. Relaxe, Cobb, acalme-se’”.

Martin correu para os lados de um Cromwell, escondido atrás de um edifício. Ele apontou para o campanário de uma igreja e pediu que o comandante o destruísse, já que os alemães o estavam usando como posto de observação.

— Sinto muito, soldado. Não podemos fazer isto — o comandante respondeu. — Temos ordens para não destruir propriedades em demasia. País amigo, sabe.

Os alemães continuavam a pressionar. O objetivo deles era alcançar a rodovia

que ligava Eindhoven a Nijmegen — a “Rodovia do Inferno”, tal como a 101ª a apelidara — e atravessá-la. Mas eles não conseguiram atravessar Nuenen.

Winters tinha decidido retirar-se aproveitando a escuridão da noite, mas, antes de ceder terreno, queria fazer um prisioneiro para interrogá-lo. Ele pediu que alguém se apresentasse para uma missão de patrulha. Ninguém se ofereceu.

— Sargento Toye — demandou em voz alta.

— Sim, senhor. Às ordens.

— Preciso de dois voluntários.

Toye escolheu o cabo James Campbell e um praça, e partiram. Eles tropeçavam em corpos de britânicos e americanos enquanto avançavam na direção de um bosque próximo. De repente, um soldado alemão disparou contra eles. Nisso, Toye disse à tropa que ficasse onde estava. Ele entrou rastejando no bosque, contornou a posição do alemão, pôs-se atrás dele e encostou levemente a ponta da baioneta nas costas do inimigo. O soldado alemão não deu trabalho a Toye. Fazendo o alemão seguir na frente dele, Toye voltou através do bosque e entregou o prisioneiro.

A companhia retirou-se para Tongelre. Winters notou que o povo holandês, que de manhã ficara aplaudindo e comemorando a chegada deles, estava fechando as janelas, recolhendo as bandeiras, parecendo triste e deprimido, movido pela certeza de que os alemães iam reocupar Eindhoven. — Nós estávamos nos sentindo muito mal também — observou Winters. — Pois estávamos voltando para a cidade.

Depois de providenciar para que seus homens se acomodassem e se alimentassem, Winters foi ao QG do batalhão. Lá, encontrou o tenente-coronel Strayer e seu estado-maior rindo muito, fazendo uma baita refeição, em clima de descontração. Strayer viu Winters chegar, virou-se e, com um grande sorriso, perguntou-lhe: — Como foi o dia hoje, Winters?

Com os lábios cerrados, Winters respondeu:

— Sofri 15 baixas hoje e levei uma tremenda surra. — A conversa no recinto foi interrompida abruptamente.

A Easy teve folga nesse dia. A companhia dormiu em Tongelre. Portanto, assistiu, em vez de ser o alvo dela, a uma missão de bombardeio da Luftwaffe contra a coluna de suprimentos dos britânicos em Eindhoven. Uma vez que os Aliados não tinham armas antiaéreas na cidade, os alemães puderam lançar foguetes sinalizadores noturnos fumígenos, de um amarelo vivo, e depois fizeram uma aproximação após a outra e despejaram suas bombas. A cidade foi duramente atingida. Mais de 800 habitantes ficaram feridos, e 227 morreram.

Na manhã seguinte, Strayer levou suas duas outras companhias para Nuenen. Lá, encontraram o sargento Randleman defendendo o forte. Os tanques alemães tinham saído da cidade e seguido para o Noroeste, em direção a Son. A Companhia E montou defesas cerradas em torno de Eindhoven e ficou lá por dois dias.

Na manhã do dia 22 de setembro, Winters recebeu ordens para pôr seus homens em caminhões. O 506° iria para Uden, pela Rodovia do Inferno, para defender a cidade contra um ataque de Panzer que, segundo a resistência holandesa, procederia de Helmond. A Companhia do QG, com o tenente-coronel Charles Chase (o subcomandante do 506°) no comando, acompanhou a Easy e três tanques britânicos como destacamento precursor.

Havia caminhões suficientes apenas para cerca de 100 membros da Companhia do QG, além de um pelotão da Easy. Winters, o tenente Welsh e o capitão Nixon juntaram-se ao comboio.

Os caminhões atravessaram Veghel e entraram em Uden sem encontrar resistência. Winters e Nixon subiram até o topo da torre da igreja para dar uma olhada nas redondezas. Quando chegaram ao campanário, a primeira coisa que viram foram tanques alemães seguindo pela rodovia que liga Veghel a Uden. Em seguida, Winters viu uma patrulha vindo em direção a Uden. Ele desceu as escadas correndo, reuniu o pelotão e disse: — Soldados, não temos motivos para alegria. A situação é normal; estamos cercados. — Ele tratou de organizar um ataque. Depois, partiu de encontro à patrulha alemã e a atingiu duramente, fazendo com que recuasse. O coronel Chase disse a Winters que montasse um sistema de defesa. A Easy, com a ajuda da Companhia do QG, montou bloqueios em todas as estradas que levavam a Uden.

Winters disse ao sargento Lipton que pegasse todos os soldados que pudesse achar, independentemente da unidade, e os pusesse na linha de frente.

Lipton viu dois soldados britânicos passando. Ele segurou um deles pelo ombro e ordenou: — Vocês dois, venham comigo.

O sujeito olhou Lipton de cima a baixo calmamente e disse: — Sargento, é assim que você se dirige a oficiais no exército americano? — Lipton olhou mais atentamente para ele e viu que, em seu uniforme de combate britânico, havia uma insígnia de major. — Não, senhor — tornou ele gaguejante. — Desculpe-me. —

O major lhe sorriu por um dos cantos da boca e se afastou.

Os alemães não atacaram. Tivessem eles sabido que havia menos de 130

homens em Uden e apenas três tanques, certamente teriam invadido a cidade, mas é óbvio que o rápido contra-ataque que Winters lançara contra a patrulha deles convenceu os alemães de que Uden estava sendo defendida por um efetivo enorme. Ainda que não tenham sido essas as razões deles, o fato é que deslocaram o foco do ataque de Uden para Veghel.

Winters e Nixon subiram ao campanário outra vez. Lá, tinha-se uma visão perfeita de Veghel, ao Sul, distante uns 6 quilômetros dali. — Foi fascinante

— observa Winters — ficar atrás das fileiras alemãs, observar os tanques se aproximarem de Veghel, os aviões da força aérea lançando ataques ferozes e intensos em vôos rasantes, em meio a um tiroteio terrível. — Os membros da Easy que estavam em Veghel lembram-se da ocasião como uma situação infernal, como o bombardeio mais intenso que sofreram.

Foi uma batalha desesperadora, a maior de que o 506° tinha participado.

Foi decisiva também. “A travessia que o inimigo fez da estrada não significou simplesmente que houvesse atravessado a pé uma faixa de asfalto”, informam os registros históricos da divisão. “Essa estrada estava cheia de veículos de transporte britânicos de todo tipo. A travessia da estrada significou fogo e destruição para os veículos que foram surpreendidos. Significou o congestionamento de toda a extensão da estrada com veículos que, de um momento para outro, não tinham para onde ir. Para a tropa em Nijmegen e Arnhem, a travessia que o inimigo fez foi como cortar uma artéria. O produto da vida — alimentos, munição, suprimentos médicos deixaram de fluir para o norte.”41

Webster estava em Veghel. Quando os tiros da artilharia alemã

começaram a chegar, ele se abrigou num porão, na companhia de meia dúzia de membros da Easy, além de alguns civis holandeses. “Foi uma situação muito deprimente”, ele escreveu, “ouvir os civis gemer, gritar, entoar hinos e rezar.”

41 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 359

O praça Don Hoobler estava com o 3º Esquadrão, 1º Pelotão, escondido numa passagem. Ele resolveu fazer uma brincadeira com o praça Farris Rice imitando com perfeição o ruído sibilante de um projétil em queda. Rice se atirou de cara no chão. Isso fez Hoobler cair na gargalhada: — Ah! Ah! Ah! Ah! Cara, desta vez eu peguei você!

— Merda, Hoobler, isso não se faz.

Vrrruuummm. . BUM! Um projétil explodiu perto deles. Hoobler parou de rir.

O coronel Sink chegou num jipe, saltou rapidamente e começou a dar ordens em voz alta, a torto e a direito. Ele pegou os membros da Easy e os das Companhias D e F para estabelecer um sistema defensivo no perímetro urbano e deu ordens para que atirassem em tudo que se movesse.

Webster e os outros saíram do porão e foram para um pomar. Webster e o praça Don Wiseman começaram a trabalhar duramente para fazer uma trincheira com cerca de 60 centímetros de largura, quase 2 metros de comprimento e 1,20 metro de profundidade. Eles queriam que ela fosse mais profunda, mas a água começou a brotar.

Ficar preso e sem poder fazer praticamente nada no meio de intenso fogo de artilharia é uma experiência infernal, é experimentar o que os combates têm de pior. Os projéteis vinham de três em três. “Wiseman e eu ficamos encolhidos e xingando em nosso buraco. Toda vez que ouvíamos um projétil vindo para o nosso lado, fechávamos os olhos e enfiávamos a cabeça entre as pernas. Toda vez que os projéteis explodiam e nada nos acontecia, levantávamos a cabeça e sorríamos um para o outro.

Sentia-me mal por dentro. Eu disse que daria um pé para sair daquele lugar. Sentimos o cheiro repulsivo de pólvora quando uma densa nuvem de fumaça

envolveu nossa trincheira. Um sinistro pedaço de aço quente de uns 3

centímetros quadrados caiu no colo de Wiseman. Ele sorriu.

Mais três. E depois mais três, e mais três. Não admira que os soldados acabem tendo fadiga de combate.” Webster disse depois noutra carta enviada aos pais: “A artilharia nos tira a alegria de viver.”

As coisas se acalmaram o suficiente para que o pessoal da intendência aparecesse com um pouco de ração britânica. Webster pediu aos gritos que Hoobler jogasse uma lata para ele. Hoobler estava sentado fora da trincheira, rindo e pilheriando, fazendo um piquenique com outros quatro ou cinco soldados. — Venha buscá-la — tornou ele. — Os 88s deram um tempo.

Nisso, o projétil de um 88 explodiu perto deles. Hoobler pulou para dentro da trincheira, acompanhado dos colegas, que se empilharam em cima dele.

A tropa passou a noite nas trincheiras. Chuviscava, e o ar estava gelado.

Os soldados ficaram sentados com a cabeça entre os joelhos, com as capas de chuva sobre os ombros, e dormiram da melhor maneira possível.

Quando voltaram para Uden, Winters e Nixon perderam sua vista privilegiada. Um atirador de elite alemão os avistou e abriu fogo. Um de seus tiros atingiu o sino do campanário. O som metálico e ressonante, mais a surpresa, fez com que os dois oficiais descessem as escadas quase voando. — Acho que nossos pés não tocaram nos degraus mais de duas ou três vezes — declarou Winters.

Ele estabeleceu seu posto de comando numa loja no entroncamento rodoviário na parte sul da cidade. Os donos, a família Van Oer, que morava lá, lhes deram as boas-vindas e depois desceram para o porão. Winters ordenou a seus homens que arredassem os móveis e os tapetes e depois levaram para dentro da casa as metralhadoras, munição, coquetéis Molotov e explosivos e prepararam-se para defender-se de ataques. Seu plano, caso os alemães viessem com tanques, era lançar cargas de explosivos plásticos C4 e coquetéis Molotov contra os tanques das janelas do segundo andar — uma forma de defesa contra tanques à Ia soviéticos.

Com a posição estabelecida, Winters foi para a outra extremidade da cidade, para

o setor noroeste. No lado esquerdo da estrada que entrava na cidade, havia um solar, com uma taverna do outro lado. Winters disse a Welsh que pusesse o bloqueio de estrada entre os dois edifícios, reforçado atrás por um dos tanques britânicos, e que ele estabelecesse o posto de comando no solar.

Winters inspecionou as condições dos outros bloqueios e depois, às 22

horas, voltou para o setor noroeste da cidade para dar uma olhada ao redor. O

tanque britânico estava onde se esperava que estivesse, mas não havia ninguém nele ou perto dele. Também havia membros da Companhia E no bloqueio.

Muito agitado, Winters correu até o solar e bateu à porta. Uma empregada atendeu. Ela não falava inglês, e ele não falava holandês, mas ela conseguiu entender que ele queria ver “os soldados”. Ela o conduziu por um corredor e abriu uma porta que dava para uma sala de estar grande e luxuosamente mobiliada.

— A cena que me surpreendeu os olhos me deixou mudo — conta Winters. — Sentados no piso, na frente de uma fogueira grande e chamejante de um lareira, havia uma bela jovem holandesa, fazendo uma refeição de presunto e ovos com um tenente britânico. — Ela sorriu para Winters. O tenente virou a cabeça e perguntou:

— Meu tanque ainda está lá fora?

Winters explodiu de raiva. O tenente tratou de se mexer. Winters voltou à rua para procurar Welsh e seus homens.

— Onde será que o Harry está? — Ele olhou para a taverna do outro lado da rua, e a pergunta respondeu por si mesma. Ele foi lá e deparou Welsh e seus homens dormindo em cima do balcão do bar.

— Harry e eu discutimos a situação sem conflitos — disse Winters. —

Satisfeito com o fato de que podíamos ter um bom bloqueio de estrada e que eu podia ter uma boa noite de sono sem ter de preocupar-me com o rompimento do bloqueio, eu saí.

Em Veghel, os alemães continuaram a atacar durante a noite e estenderam os

ataques até a manhã. Mas, por fim, aviões e tanques britânicos conseguiram repeli-los. O 506° partiu novamente e chegou a Uden na tarde do dia 24 de setembro. Os membros da Companhia E que tinham ficado encurralados em Veghel acharam que a pequena força isolada em Uden tinha sido aniquilada; da mesma forma, os colegas em Uden acharam também que o restante da companhia em Veghel tinha sido aniquilado. Quando os dois grupos se reuniram e souberam que a companhia inteira se havia saído muito bem no enfrentamento do inimigo, a alegria foi geral.

A companhia se preparou para passar a noite em Uden. Os soldados que haviam estado lá ficaram pasmos quando os colegas que tinham sofrido o bombardeio em Veghel fizeram trincheiras com pouco mais de 1,20 metro de profundidade; eles tinham feito um buraco no solo de apenas 15 centímetros de profundidade e não se importaram em ir além disso. Os oficiais conseguiram alojamento nas casas de Uden. O tenente Peacock, 1º Pelotão, foi à trincheira de Webster e disse a ele que o acompanhasse. Webster saiu de lá, e os dois seguiram a pé para o alojamento de Peacock, em cima de uma loja de bebidas na praça da cidade.

— Pegue aquela vassoura e varra este recinto — Peacock ordenou.

— Sim, senhor — Webster respondeu, pensando consigo mesmo: “Que tipo de homem é este? Preferiria morrer de fome como mendigo comum a ser um soldado raso do exército.”

Os alemães tinham perdido Uden e Veghel, mas estavam longe de entregar os pontos. Na noite do dia 24 de setembro, atacaram a Rodovia do Inferno procedentes do Oeste, um trecho dela ao sul de Veghel, e conseguiram estabelecer um saliente que cortava a rodovia. Mais uma vez, a estrada tinha sido bloqueada.

Mas ela tinha de ser desbloqueada. Embora o objetivo estratégico da MARKET-GARDEN tivesse sido perdido a essa altura (em 20 de setembro, os alemães tinham retomado a ponte em Arnhem do coronel John Frost, comandante de um batalhão da 1ª Divisão de Blindados Britânica, e a divisão, como um todo, tinha sido posta na defensiva, e a Divisão de Blindados da Guarda Britânica tinha sido detida em 22 de setembro a uns 5 quilômetros ao sul de Arnhem), ainda era fundamental manter a estrada aberta. Dezenas de milhares de soldados dos Aliados dependiam totalmente dela para receber suprimentos.

As unidades ao norte de Veghel incluíam a 101ª, em Uden, e a 82ª, em Nijmegen, ambas americanas, a 1ª Divisão Aerotransportada, estacionada ao norte do Baixo Reno, nas cercanias de Arnhem, a Divisão de Blindados da Guarda e a 43a Divisão de Wessex, todas britânicas, o regimento de pára-quedistas polonês e os regimentos britânicos 4o Dorset e 2° Household Cavalry, todos eles estacionados entre Nijmegen e Arnhem. Se a 101ª não conseguisse retomar o controle da estrada e mantê-la desimpedida, aquilo que já era uma grande derrota se transformaria num desastre irremediável, de proporções catastróficas.

O general Taylor ordenou que o coronel Sink destruísse o saliente alemão ao sul de Veghel. Às 24h30 do dia 25 de setembro, Sink ordenou que seus batalhões se preparassem para partir. Às 4h45, o 506° iniciou a marcha, sob chuva intensa, do sul de Uden, em direção a Veghel. A ordem de marcha tinha o 1º Batalhão seguindo à direita, o 3º Batalhão à esquerda, com o 2º Batalhão na reserva. Por volta das 7 horas, a tropa, cansada, atravessou Veghel. Às 8h30, o 1º

e o 3º Batalhões iniciaram o ataque contra o saliente. Inicialmente, o avanço correu bem, mas logo o fogo de artilharia e morteiros alemães aumentou.

Tanques alemães, Tiger Royals com 88s novos em folha, entrincheirados ao longo da estrada, engrossaram o fogo inimigo com tiros de metralhadora e disparo de projéteis. Eles receberam o apoio do coronel von Heydte, comandante do 6º Regimento Pára-quedista, o velho inimigo da Easy nas batalhas em Ste.-Marie-du-Mont e Carentan. A concentração de forças na estreita linha de fogo era tremendamente mortífera. Por volta do meio-dia, os batalhões foram forçados a interromper o avanço e entrincheirar-se.

Sink ordenou que o tenente-coronel Strayer providenciasse para que o 2º

Batalhão fizesse uma operação de aproximação pelo flanco esquerdo. Ela seria apoiada pelos tanques Sherman britânicos. Havia um bosque de pinheiros de altura mediana ao longo do lado esquerdo (a leste) da rodovia que poderia servir de anteparo às manobras de flanqueio. A Companhia E seguiu na frente do batalhão.

O primeiro ataque da Companhia E na Holanda tinha sido feito no Sul, com o objetivo de avançar para Son e depois Eindhoven. O segundo tinha sido feito no sentido leste, com Nuenen como objetivo. O terceiro tinha sido ao Norte, com

vistas à entrada em Uden. Agora, ela atacaria a Oeste, completando a série de ataques em todas as direções. É assim que as tropas sitiadas devem combater. Foi assim que a divisão de pára-quedistas tinha sido treinada para combater.

Nixon juntou-se a Winters na exploração do terreno. Eles encontraram um caminho firme e sólido na margem do bosque que facultava tração aos tanques. Tudo muito bom até então, mas o bosque ficava a 350 metros da rodovia, deixando terreno aberto, sem cobertura nem meio de defesa para o ataque final.

Winters fez a companhia entrar em formação: despachou batedores, formou duas colunas de combatentes, espalhados, nada de aglomeração. Eles estavam a meio caminho do bosque quando os alemães abriram fogo com metralhadoras. Todos se atiraram ao chão.

Guarnere e Malarkey trataram de pôr seu morteiro de 60 milímetros em ação. Aos gritos, Guarnere indicou a distância e a direção; Malarkey era o operador do morteiro. Ele era o único homem no campo a essa altura que não estava deitado no chão. Seu primeiro disparo destruiu um ninho de metralhadora alemã.

Winters bradava ordens. Ele queria que as metralhadoras fossem postas em ação. As guarnições acharam uma pequena depressão no solo e montaram o canhão. Elas começaram a estabelecer uma base de tiro. Winters avistou um Tiger Royal com o casco desenfiado — apenas com a torre de tiro à vista — no outro lado da estrada e ordenou aos operadores de metralhadora que lançassem fogo contra ele.

Ao virar-se para a direita, Winters viu Nixon examinando o capacete, com um largo sorriso no rosto. A bala de uma metralhadora alemã da primeira rajada lançada pelo inimigo tinha perfurado a parte frontal do capacete dele e havia saído por um dos lados num ângulo de feição tal que deixara apenas uma marca de queimadura na testa dele. Não chegou nem mesmo a fazê-lo sangrar.

O fogo alemão era assaz intenso; Winters resolveu recuar com a companhia de volta para o bosque. Seu plano era manter a base de tiro com as metralhadoras enquanto os fuzileiros se retiravam do campo; quando os fuzileiros chegassem ao bosque, começariam a atirar para permitir que os operadores de metralhadora se retirassem também.

Quando Lipton alcançou Winters, na beira do bosque, Winters lhe disse:

— Eles [os operadores de metralhadora] precisarão de mais munição. Leve alguma para eles. — Lipton correu até um tanque Sherman (todos os tanques estavam atrás do bosque, fora da vista dos alemães — para grande contrariedade dos membros da Easy). Os Shermans tinham metralhadoras de 30 milímetros, iguais às metralhadoras da Companhia E. Lipton pegou quatro caixas de munição com os britânicos. Ele deu duas ao sargento Talbert e ficou com duas. Ambos correram até o meio do campo, ao encontro dos operadores de metralhadora, que atiravam sem parar, largaram as caixas perto deles, fizeram alguns movimentos e depois voltaram correndo para a beira do bosque. — Os alemães não eram bons atiradores — avaliou Lipton. — Nós dois conseguimos voltar.

Assim que os pára-quedistas alemães começaram a lançar projéteis de morteiro contra as posições das metralhadoras, os fuzileiros da Easy entraram em ação, e os operadores conseguiram retirar-se.

Winters voltou correndo para os tanques. Ele subiu no tanque da vanguarda “para ficar cara a cara com o comandante”. Ele disse ao comandante que havia um Tiger Royal entrincheirado no outro lado da estrada. — Se você se puser atrás do aclive perto da beira do bosque, você ficará com o casco desenfiado e poderá atingi-lo. — Quando Winters desceu, esse tanque e outro à esquerda ligaram o motor e foram direto para o aglomerado de pequenos pinheiros e os derrubaram ao avançar.

Quando o primeiro tanque alcançou a borda do bosque, virou-se para a esquerda de modo que se posicionasse bem para disparar contra o Tiger. Mas, de repente, cabum! O Tiger disparou um 88 contra o tanque dos Aliados. O tiro atingiu o cano do canhão e depois ricocheteou na blindagem. Estava claro que o comandante tinha disparado às cegas, baseando-se nas árvores que estavam sendo derrubadas.

O comandante britânico tinha engatado a ré de seu tanque, mas, antes que conseguisse retirar-se, o Tiger atingiu-lhe com seu 88 bem no meio da torre de tiro. O projétil perfurou a blindagem. As mãos do comandante foram arrancadas. Ele tentou sair pela escotilha com os braços, mas sua própria munição começou a explodir. A explosão o matou e lançou seu corpo para fora do tanque. O restante da guarnição morreu dentro do blindado. O tanque ficou queimando durante a tarde inteira e até a noite, com sua munição explodindo intervaladamente.

O Tiger voltou seu 88 para o outro blindado e o tirou de combate com um tiro.

A Companhia E passou o restante do dia, e a noite inteira, sob uma chuva constante e detestável, varrendo a rodovia com tiros de morteiro. A Companhia do QG trouxe morteiros de 81 milímetros para aumentar o poder de fogo. A artilharia entrou em ação em Veghel, mas cautelosamente, já que membros do 502° RIP estavam atacando o saliente a partir do Sul.

Foi uma noite longa, angustiante e perigosa para a companhia, porém, para o S-2 (inteligência), chefiado pelo capitão Nixon, a noite foi boa. Ele achou uma garrafa de Schnapps e a bebeu sozinho. Ele sabia que tinha uma desculpa perfeita — o fato de quase ter perdido a vida à tarde, quando a bala lhe perfurou o capacete. Ele ficou muito bêbado e passou a noite cantando e rindo até apagar.

Nas primeiras horas do dia 26 de setembro, os alemães abandonaram o saliente. Assim que amanheceu, o 506° avançou pela estrada, sem encontrar resistência. Mais uma vez os pára-quedistas americanos ocuparam a área depois de um tiroteio feroz com os pára-quedistas alemães.

À tarde, debaixo de chuva, o regimento marchou de volta para Uden. A Companhia E chegou depois de escurecer, com a tropa exausta. Na tarde do dia seguinte, os soldados receberam correspondência pela primeira vez desde que tinham partido da Inglaterra, dez dias antes. Isso fortaleceu a impressão de que, pelo menos para os americanos, a campanha na Holanda havia terminado.

Essa suposição acabou sendo desfeita, mas era verdade que a fase ofensiva da campanha havia terminado. E fracassado também.

Para a Easy, assim como para a 101ª, a 82ª e as unidades de infantaria e de blindados britânicas envolvidas na Operação MARKET-GARDEN, a experiência tinha sido desanimadora. Para a 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, tinha sido um desastre. Seus 10.005 homens tinham aterrissado no lado norte do Baixo Reno no dia 17 de setembro. Em 26 de setembro, havia apenas 2.163 de seus homens para serem evacuados. Quase 8 mil deles tinham sido mortos, feridos ou capturados. Não tinha havido nenhum ganho estratégico ou tático para compensar essas perdas, agora que os Aliados tinham para defender um saliente que não levava a lugar nenhum. Era como um dedo fino apontado para a linha de frente alemã, cercado pelos três lados por uma força inimiga superior, dependente da vulnerável Rodovia do Inferno para a obtenção

de suprimentos.

Dez dias antes, a euforia no acampamento dos Aliados era muito grande.

Mais uma operação e a guerra terminaria, era o que todos achavam. Os alemães estavam recuando desde a retirada na Normandia, do início de agosto até meados de setembro. Os Aliados achavam que a coesão de suas unidades tinha acabado, que seus blindados estavam acabados, que sua munição havia acabado, que seu moral também tinha acabado. Essa suposição foi um dos maiores erros do serviço de inteligência na guerra.

Em verdade, nos meados de setembro, os alemães estavam muito próximos de realizar aquilo que ficou conhecido como o Milagre do Ocidente.

Eles reuniram e recuperaram suas unidades, ressupriram-nas e reequiparam-nas com o necessário, providenciaram tropa substituta, estabeleceram um linha de defesa coesa. Eisenhower aprendeu com essa experiência. Em março de 1945, ele disse na carta enviada à esposa: “Nunca conto meus alemães antes que estejam em nossas prisões ou enterrados!”42

A MARKET-GARDEN foi uma operação de alto risco que fracassou.

Foi realizada em prejuízo de duas outras ofensivas possíveis que tiveram de ser adiadas porque Eisenhower desviou suprimentos para a MARKET-GARDEN.

A primeira foi um ataque pelos canadenses nos acessos a Antuérpia, o maior porto da Europa e fundamental ao apoio de qualquer ofensiva lançada pelos Aliados através do Reno. Depois que a operação foi iniciada, o porto de Antuérpia ficou fechado e inoperante até o fim de 1944, o que fez com que a Força Expedicionária dos Aliados (FEA) combatesse com armas inadequadas durante o outono inteiro. A segunda ofensiva adiada foi a do III Exército, de Patton, ao sul das Ardenas. Patton acreditava que, se ele tivesse recebido os suprimentos que Monty providenciara para a MARKET-GARDEN, poderia ter cruzado o Reno no outono e depois teria o caminho livre até Berlim. Tenho dúvidas em relação a isso, mas nunca saberemos se teria sido possível ou não, pois nunca se tentou fazê-lo.

Até o fim da vida, Eisenhower insistiu em dizer que a MARKET-GARDEN era um risco que eles tinham de ter enfrentado. Em minhas entrevistas com ele, feitas entre 1964 e 1969, conversamos sobre a operação inúmeras vezes. Ele

sempre acabava tocando no seguinte ponto: a primeira regra a observar na perseguição de um inimigo derrotado é nos mantermos no encalço dele, em contato com ele, pressioná-lo, explorarmos todas as oportunidades que aparecerem. O caminho mais curto para chegarmos à Alemanha era pelo norte, pelo terreno mais apropriado para operações ofensivas (assim que o Reno tivesse sido cruzado). Eisenhower achava que, considerando-se quanto haviam chegado perto do sucesso da operação 42 John S. D. Eisenhower, org., Letters to Mamie (Garden City, N. Y.: Doubleday & Co., 1978), p. 244.

MARKET-GARDEN, teria sido um crime para ele não ter tentado esse caminho.

Até antes de eu iniciar as pesquisas sobre a Companhia E, concordava com essa opinião dele. Agora, tenho dúvidas sobre isso. A Companhia E era tão boa quanto qualquer outra companhia da FEA. Tinha conseguido vitórias maravilhosas na Normandia. Seu moral estava alto, a situação de seu equipamento era boa depois de lançado sobre o solo holandês. Tinha uma boa combinação de veteranos e recrutas, mãos experimentadas e soldados em plena forma. Seus oficiais eram hábeis e determinados, bem como corajosos. Os graduados eram notáveis.

Apesar disso, nos primeiros dez dias na Holanda, tal como Winters contou a Strayer na noite do ataque em Neunen, ela levou uma baita surra. Não conseguiu tomar a ponte em Son, fracassou em sua tentativa de atravessar Nuenen no caminho para Helmond e, pela primeira vez, foi forçada a retirar-se.

Fracassou também em seu avanço para Uden, bem como em seu ataque inicial ao saliente alemão ao sul de Veghel.

As causas desses fracassos foram muitas. A primeira e mais crítica delas foi o fato de que, sob todos os aspectos, as forças de oposição alemãs eram maiores que as da companhia em efetivo e armamentos. Os pára-quedistas não tinham a artilharia nem a força humana necessárias para lançar um ataque contra os blindados alemães e serem bem-sucedidos. Segundo, esses soldados eram o melhor da tropa alemã, e entre eles estava o regimento de pára-quedistas de elite.

O número de seus elementos não era maior do que o da Easy, mas esses homens combatiam tão bem quanto os americanos. Terceiro, a coordenação entre os tanques britânicos e a infantaria americana era ruim. Nem a Companhia E nem a Divisão Blindada da Guarda tiveram nenhum treinamento conjunto. Essa

deficiência prejudicou a Easy em Nuenen, em Uden e também em Veghel. Em Brécourt Manor e em Carentan, na Normandia, a Easy tinha atuado eficientemente com tanques americanos. Na Holanda, não se saiu bem com tanques britânicos.

De um modo geral, o problema com a MARKET-GARDEN foi que ela era uma ofensiva para uma linha de frente pequena demais. O avanço em linha através do Reno era vulnerável a ataques pelos flancos. Os alemães perceberam essa vulnerabilidade e se aproveitaram dela com contra-ataques ferozes ao longo de toda a linha e a atingiram de todos os lados.

Considerando o passado, a idéia de uma força de várias divisões, composta de soldados britânicos, americanos e poloneses, que poderia ter sido suprida por uma rodovia, somente poderia ter sido aceita por líderes culpáveis por excesso de confiança. A Easy foi uma das cerca de 150 companhias que pagou o preço por esse excesso de confiança. Ela saltou na Holanda em 17 de setembro com 154 soldados e oficiais. Dez dias depois, estava reduzida a 132

homens.



9

A Ilha

HOLANDA

2 de outubro-25 de novembro de 1944

A Companhia E, assim como todas as unidades das divisões aerotransportadas americanas, tinha sido treinada como uma unidade de tropas de assalto leve, com ênfase em mobilização rápida, manobras ousadas e combate com armas de fogo portáteis. Ela tinha sido empregada para atuar dessa forma na Normandia e durante os dez primeiros dias na Holanda. Do início de outubro até quase o fim de novembro de 1944, porém, ela participou de uma guerra estática, de trincheira, mais característica da 1ª Guerra Mundial do que da 2ª Guerra.

A área na qual ela combateu era uma “ilha” de 5 quilômetros de largura, que ficava entre o Baixo Reno, ao Norte, e o rio Waal, ao Sul. As cidades de Arnhem, no Baixo Reno, e Nijmegen, no Waal, assinalavam o limite oriental das linhas da 101ª; as pequenas cidades de Opheusden, no Baixo Reno, e Dodewaard, no Waal, eram o limite ocidental. Os alemães controlavam o território setentrional, do Baixo Reno, e o ocidental, do eixo Opheusden-Dodewaard.

A Ilha era uma área agrícola plana, abaixo do nível do mar. Os diques de 7 metros de altura que havia ali eram largos o bastante no topo para serem usados como estradas de duas pistas e reter as águas das cheias. Os lados dos diques eram íngremes em certos pontos, mas, em sua maior parte, apresentavam inclinações de variação tão gradual que os faziam ter 60 metros ou mesmo pouco mais de 90 metros de largura na base. Entrecortando toda a área, havia inúmeros regos de escoamento. Colinas elevavam-se do lado norte do Baixo Reno, o que dava aos alemães grande vantagem no avistamento de artilharia inimiga.

Aparentemente, eles tinham munição ilimitada (o coração industrial alemão ficava a apenas 50 quilômetros do rio Reno), o suficiente, enfim, para permitir que disparassem 88s profusamente contra pessoas isoladas e surpreendidas em campo aberto. Todo movimento na Ilha ocorria à noite; durante o dia, a tropa ficava nas trincheiras, em postos de observação ou em casas e celeiros. O tempo outonal no noroeste da Europa estava péssimo, como sempre: frio, úmido, chuvoso, cenário ideal para um filme da 1ª Guerra Mundial.

Havia regimentos inteiros de artilharia britânica na Ilha, lançando fogo contra o inimigo em apoio à 101ª. Isso fez com que as batalhas na Ilha fossem verdadeiros duelos entre as artilharias de ambas as partes, nos quais o principal papel da infantaria americana era estar preparada para repelir qualquer assalto de forças terrestres alemãs e servir como unidade observadora de artilharia avançada.

Patrulhas partiam em missão todas as noites, para explorar e reconhecer as posições do inimigo e manter contato com ele. De um modo geral, porém, a Easy e as outras companhias da 101ª mantiveram-se firmes em suas posições e enfrentaram o inimigo da melhor forma possível, tal como seus ancestrais tinham feito em 1918. A impossibilidade da tropa de fazer algo contra o fogo da artilharia inimiga aumentava o sentimento de frustração generalizado e insuperável.

Mas, logicamente, aquilo não era 1918. Na Ilha, os membros da Easy viram aviões a jato em ação. Ficavam observando os vapores dos V-2ºs primeiros mísseis balísticos de alcance médio do mundo, quando passavam por sobre suas cabeças, a caminho de Londres. Aliás, tal como tinha sido o caso dos soldados na linha de frente da Europa entre 1914 e 1917, eles combateram sem o apoio de tanques, já que estes seriam alvos muito fáceis na Ilha.

As rações reforçavam a idéia de que a Easy participava de um filme da 1ª

Guerra Mundial, em vez de uma batalha real, em 1944. A companhia obtinha suas rações dos britânicos, e elas eram péssimas. De acordo com o cabo Gordon, as britânicas 14-em-ls "sustentam a vida, mas o moral não". Os itens mais detestados eram carne enlatada e pudim Yorkshire43, bem como sopa de rabada, que a tropa chamava de "ossos boiando em graxa". A maioria da tropa costumava jogar tudo que havia nas 14-em-ls numa panela grande e acrescentava todas as ervas e legumes que conseguisse filar de propriedades rurais, com os quais faziam uma espécie de ensopado. Felizmente, havia frutas frescas em abundância, principalmente maçãs e peras. As vacas urgentemente necessitadas de ordenha eram aliviadas do leite que lhes pejava e intumescia as tetas, e isso ajudava, mas não havia café, e a tropa enjoou logo do chá.

Mas o pior de tudo eram os cigarros britânicos. O cabo Rod Bain os considerava "uma espécie de mistura de pequena porção de tabaco e uma quantidade intragável de palha". O que mais apreciavam era a ração diária de rum britânico. A segunda coisa mais desejada era achar rações alemãs. Os biscoitos eram duros como concreto, mas a carne em conserva e o queijo Limburger eram saborosos e nutritivos.

Tal como ocorrera com as cidades da França de ambos os lados da linha de frente na Europa na 1ª Guerra, os habitantes da Ilha foram evacuados (e a Holanda é o país de maior densidade demográfica do mundo). Isso deu à tropa oportunidades quase ilimitadas para saques, oportunidades que foram prontamente aproveitadas. "Os civis vivem sob a apreensão de que somente 43 Massa cremosa, enformada, feita de farinha de trigo, sal, ovos e leite, cozida ao forno na gordura que ressuma da carne ao assar. (N.T.)

alemães e russos vasculham suas gavetas, armários e galinheiros, mas todos os soldados que conheço adquiriram o hábito de fazer isso", escreveu Webster.

Relógios de pulso, relógios de parede, jóias, pequenas (e grandes) peças de mobília e, logicamente, bebidas desapareciam rapidamente — mas o que havia sobrado, pois os britânicos já tinham pilhado as casas da região.

No que diz respeito à sua estagnada linha de frente, os combates ali se pareciam muito com os da 1ª Guerra Mundial. A Easy passou quase dois meses lá, em combates diários. Ela empreendeu quase 100 missões de patrulha. Repeliu ataques. Usou uma quantidade incrível de munição. Sofreu baixas. Mas, quando, finalmente, foi substituída, repassou à unidade que a substituiu posições da linha de frente que não representavam um centímetro de avanço sequer.

A companhia chegou à Ilha em 2 de outubro, de caminhão, através da magnífica ponte de Nijmegen (ainda de pé) que tinha sido capturada pela 82ª no dia 20 de setembro, às 20 horas. Assim que atravessaram o Waal, os caminhões transportaram a tropa por mais uns 15 quilômetros, passando por dezenas de peças de artilharia britânicas camufladas, em demanda do vilarejo de Zetten.

Eles chegaram à noite, para substituir a 43a Divisão Britânica. O 506°

RIP estava assumindo o controle de uma faixa de linha de frente que estivera sob a defesa de uma divisão inteira. Ela tinha quase 10 quilômetros de largura. O 2º

Batalhão do 506° ficou na extremidade direita (oriental) da linha, enquanto a Easy posicionou-se na extremidade esquerda, com o 501° RIP à sua direita. A Easy tinha de cobrir quase 3 quilômetros com apenas 130 fuzileiros.

Soldados britânicos encontraram-se com a companhia em Zetten e escoltaram os elementos da vanguarda até as novas posições deles. — Como estão as coisas aqui? — perguntou Webster.

— Isto aqui é um verdadeiro buraco do inferno, chapa — foi a resposta.

As inúmeras crateras produzidas por projéteis de canhões de 105 milímetros e 88s davam a Webster, que duvidara da sinceridade do soldado britânico, a impressão de que tinham acabado de serem abertas. Depois de três horas de marcha, a patrulha alcançou seu objetivo, um aglomerado de casas situadas ao lado de um enorme dique. O Baixo Reno ficava do outro lado do dique, separado deste por cerca de um quilômetro de terras planas alagadas e cobertas de relva. A área estava cheia de animais mortos, casas incendiadas e fitas de metralhadora e caixas de munição vazias. Era uma terra de ninguém.

Para cobrir o seu setor da linha de frente, ao longo do lado sul do dique, Winters pôs nela o 2º e o 3º Pelotões e deixou o 1º Pelotão na reserva. Ele não tinha efetivo suficiente para defender a linha a contento. Desse modo, estabeleceu postos avançados ao longo do dique em pontos que considerou os mais prováveis de sofrer tentativas de infiltração do inimigo. Ele se manteve em contato com os postos avançados via rádio, telefone e patrulhas. Além disso, enviou patrulhas de três soldados à margem do rio, para observar eventuais movimentações do inimigo e para que atuassem como observadores de artilharia avançados. Ele montou seu posto de comando em Randwijk.

Às 3h30 do dia 5 de outubro, Winters enviou o sargento Art Youman em missão de patrulha, com ordens para ocupar um posto avançado num edifício perto do moinho na margem sul do dique. Na companhia de Youman, estavam os praças James Alley, Joe Lesniewski, Joe Liebgott e Rod Strohl. O edifício ficava à beira de uma estrada que ligava o Sul ao Norte, ponto em que havia uma estação de barcas, que faziam transporte regular até o vilarejo de Nijburg, ao Sul.

Quando a patrulha alcançou a estrada, Youman disse a Lesniewski que fosse até o topo do dique para observar as redondezas. Quando chegou ao topo do dique, Lesniewski viu algo inesperado, a silhueta de uma metralhadora alemã

montada no ponto em que a estrada, vindo da estação de barcas, cruzava o dique.

Atrás da metralhadora, ele conseguiu divisar, na escuridão, o vulto de um alemão que se preparava para lançar uma granada de mão na patrulha de Youman, posicionada na base sul do dique.

Os outros membros da patrulha ouviram vozes de alemães vindas do lado norte do dique. Liebgott, que estava rastejando, gritou: — É você, Youman?

O alemão lançou uma granada enquanto Lesniewski dizia algo em sinal de advertência. Nisso, outros alemães lançaram granadas também por sobre o dique. Lesniewski foi atingido no pescoço por um estilhaço. Alley foi jogado ao chão por uma explosão, que lançou estilhaços em todas as direções e que lhe causaram 32 ferimentos no lado esquerdo do corpo, do rosto, do pescoço e do braço. Strohl e Liebgott sofreram ferimentos leves; o rádio de Strohl foi destruído.

Eles tinham deparado uma companhia inteira de soldados das SS. Ela tinha atravessado o rio de barca nessa noite e estava tentando infiltrar-se pelo sul do

dique, para realizar um assalto diversionário, em apoio de um ataque maior da 363a Divisão de Volksgrenadier, que estava programado para ser lançado ao amanhecer contra o flanco esquerdo do 506° em Opheusden. Embora a patrulha não soubesse disto, outra companhia das SS tinha atravessado o dique e estava livre para agir atrás das linhas americanas. E, embora a divisão ainda não soubesse disto também, o ataque contra o 1º e o 2º Batalhões do 506° era muito mais do que um simples contra-ataque local; o objetivo alemão era livrar a Ilha inteira das tropas aliadas.

Depois da escaramuça com a primeira companhia das SS, a patrulha da Companhia E retirou-se. O caminho de volta ao posto de comando de Winters tinha um quilômetro. — Vamos, Al ey — Strohl dizia o tempo todo. — Temos que tirar nossos traseiros daqui.

— Estou indo, estou indo — respondia um Alley coxeante.

Às 4h20, Strohl chegou ao posto de comando e relatou a penetração dos alemães.44 Winters organizou uma patrulha imediatamente, com um esquadrão e metade do 1º Pelotão, que estava na reserva, mais o sargento Leo Boyle, do quartel-general, com um rádio.

O sargento Talbert voltou correndo para o estábulo em que seus homens estavam dormindo. — Acordem! Todos vocês! — disse aos gritos. — Os Krauts romperam a linha! Vamos, porra, saiam da cama. — Webster e os outros se esforçaram por levantar-se, pegaram seus fuzis e saíram.

Winters e sua patrulha de 15 homens avançaram rapidamente, ao longo do lado sul do dique. Enquanto se aproximavam da companhia das SS, ele viu balas traçantes partindo em direção ao Sul. Esses tiros não faziam sentido para ele; ele sabia que não havia nada naquela direção e achou que os alemães deviam estar nervosos e confusos. Ele resolveu interromper o avanço da patrulha e fazer ele mesmo o reconhecimento.

Depois de deixar a patrulha sob o comando do sargento Boyle, ele rastejou até o topo do dique. Do outro lado (norte), viu que havia um canal de escoamento de um metro de profundidade, que se estendia paralelamente ao dique. Poderia servir como cobertura para uma aproximação da estrada. Ele voltou para a patrulha, ordenou que dois de seus homens continuassem onde estavam, como proteção de retaguarda e do flanco direito, e conduziu o restante deles até o topo

do dique, de onde seguiram para a trincheira, no lado norte.

Então, o grupo avançou cautelosamente pelo canal em direção à estrada.

44 Veja o que foi dito na entrevista coletiva que fiz com Strohl e Winters no verão de 1990; a conversa ocorreu como segue:

Ambrose: — Então, Rod volta e lhe diz: “Temos uma penetração aqui.” Continue a história.

Winters: — Vou-lhe dizer quando ele voltou. Ele estivera combatendo. Está ofegante, e você olha para ele e sabe que o sujeito acabou de ficar cara a cara com a morte. Não há dúvida quanto a isso.

Strohl: — Eu não fiquei tão mau assim.

Winters: — Você não tem que sentir vergonha disso. De alguém ter atirado em você.

Strohl: — Ele está querendo dizer que caguei nas calças de medo. Isso nunca.

Quando estava a 200 metros da estrada, Winters interrompeu o avanço da patrulha novamente e avançou sozinho um pouco, para avaliar a situação.

Quando se aproximou da estrada — que se elevava a um metro ou mais do nível do solo —, pôde ouvir vozes, que vinham do outro lado. Ao olhar para a direita, viu a silhueta de soldados alemães de pé no topo do dique, ao lado da posição da metralhadora, em contraste com o céu noturno. Eles estavam usando longos sobretudos de inverno e os inconfundíveis capacetes de aço alemães. Winters estava a uns 25 metros deles, no canal de escoamento. Ele pensou consigo mesmo: “Tal como no filme Sem Novidades no Front.”

Ele voltou para a patrulha, explicou a situação e emitiu ordens. — Temos de subir lá de rasto sem fazer nenhum barulho, nos mantermos agachados e nos apressarmos. Não teremos a cobertura da noite a nosso favor durante muito tempo.

A patrulha alcançou um ponto em que ficou a 40 metros da metralhadora, no topo do dique. Winters se aproximou de cada um dos homens e indicou-lhes

particularmente o alvo cochichando-lhes aos ouvidos que podiam ser os fuzileiros ou a guarnição da metralhadora. Winters disse a Christenson em voz baixa que montasse sua metralhadora calibre 30 e concentrasse os disparos na MG 42, metralhadora alemã. Atrás de Christenson, o sargento Muck e o cabo Alex Penkala montavam o morteiro de 60 milímetros.

Após dar um passo para trás, Winters emitiu a ordem: — Preparar, apontar, fogo! — num tom de voz baixo, calmo, como se estivesse num estande de tiro passando instruções. Doze fuzis foram disparados simultaneamente.

Todos os sete fuzileiros alemães tombaram. Christenson abriu fogo com sua metralhadora; ele estava usando balas traçantes e viu que seus disparos estavam muito altos, mas, quando baixou a mira, Muck e Penkala acertaram em cheio a metralhadora alemã com um tiro de morteiro. O sargento Boyle ficou "pasmo com o fogo pesado e preciso que lançamos contra o inimigo". Depois, ele disse a Lipton que esses haviam sido os melhores disparos que tinha visto.

A patrulha começou a atrair alguns tiros de fuzil da estrada que ligava o dique à estação de barcas. Winters a conduziu de volta pelo canal por cerca de 200 metros, até o ponto em que o canal se coligava a outro, que se estendia perpendicularmente a ele, do dique até o rio. Fora do alcance do fogo alemão, ele pegou o rádio de Boyle e contatou o tenente Welsh.

— Envie o restante do 1º Pelotão — ordenou — e o setor de metralhadoras leves da Companhia do QG engajado à Companhia E.

Enquanto a patrulha esperava a chegada de reforços, o sargento Wil iam Dukeman ficou de pé para ordenar que a tropa se espalhasse (nas palavras de Gordon Carson, ao lembrar do incidente, ele disse que "os homens chegarão num minuto"). Três alemães, escondidos numa galeria de esgoto que corria por baixo da estrada, arremessaram uma granada de fuzil. Dukeman deu um suspiro e tombou para frente como um tronco de árvore. Ele foi o único a ser atingido; um pedaço de aço perfurou-lhe a omoplata e saiu pelo coração, matando-o. Os sobreviventes abriram fogo com seus fuzis contra os alemães no esgoto e os mataram por sua vez.

Winters, enquanto esperava a chegada do restante do pelotão, saiu ao campo que separava as duas linhas para ficar só e avaliar a situação. Três fatos o preocupavam: o inimigo estava atrás de um boa e sólida barreira de estrada,

enquanto seus homens estavam num canal raso, sem nenhuma rota de fuga segura; o inimigo estava em uma posição em que poderia aproximar-se da patrulha pelo flanco direito e pegá-la em campo aberto; e não havia nada ao sul da barreira que pudesse impedir que os alemães seguissem pela estrada sem sofrer o ataque do posto de comando do 2º Batalhão, em Hemmen. Em face das circunstâncias, ele chegou à conclusão de que não tinha escolha, a não ser atacar.

Eles estavam em plena luz do dia.

Ao voltar para a patrulha, viu que os reforços tinham chegado. Agora, ele tinha quase 30 homens. Reuniu-se com os tenentes Frank Reese e Thomas Peacock e o sargento Floyd Talbert e emitiu suas ordens:

— Talbert, siga com o 3º Esquadrão para a direita. Peacock, leve o 1º

Esquadrão para a esquerda. Eu seguirei com o 2º Esquadrão por entre as colunas.

Reese, posicione suas metralhadoras entre nossas colunas. Quero fogo de cobertura até que alcancemos aquela rodovia. Em seguida, suspendam fogo, avancem e juntem-se a nós. — Ele ordenou que Talbert e Peacock fizessem que seus homens calassem as baionetas.

Quando seus subordinados partiram para executar suas ordens, Winters reuniu o pessoal do 2º Esquadrão e explicou o plano. O praça Hoobler estava de pé à direita dele. Quando Winters disse: — Calem suas baionetas — Hoobler engoliu seco. Winters viu seu pomo-de-adão subir e descer. A adrenalina nele estava a mil.

— Minha taxa de adrenalina estava lá em cima também — revelou Winters. A um sinal dele, as metralhadoras começaram a criar uma base de tiro, e todas as três colunas iniciaram, o mais rapidamente possível, a travessia dos 200

metros do campo plano, mas alagadiço, que havia entre elas e a estrada, fazendo o melhor para manterem-se agachadas.

A essa altura, Winters não tinha certeza de quantos alemães havia no outro lado da estrada que ligava o dique à estação de barcas, estrada elevada o bastante para bloquear-lhe a visão. Tampouco os alemães sabiam que os americanos estavam chegando; depois de haver perdido seus operadores de metralhadora e seus

fuzileiros no primeiro confronto, eles cometeram o erro imperdoável de ter deixado de criar um posto de observação avançado na estrada ou em cima do dique.

Seguindo na vanguarda da coluna, Winters foi o primeiro a alcançar a barreira da estrada e a escalou. Bem na frente dele, a apenas alguns metros de distância, estava uma sentinela alemã com a cabeça abaixada, procurando desviar-se dos tiros da metralhadora de Reese. À direita dele, Winters avistou pelo canto do olho um grupo de alemães, mais de 100 deles, compactamente reunidos, deitados no cruzamento do dique com a estrada. Eles estavam com a cabeça abaixada também para evitar os tiros da metralhadora. Todos estavam usando seu longo sobretudo de inverno e traziam nas costas as mochilas de campanha. Todos estavam de frente para o dique; Winters estava atrás deles. Os inimigos encontravam-se a apenas 15 metros de distância.

Winters virou-se e tornou a descer pela barreira ocidental da estrada, tirou o pino de uma granada de mão e a lançou na direção da sentinela solitária.

Num ato simultâneo, a sentinela lançou também uma granada de mão contra ele.

No instante em que Winters arremessou a granada, percebeu que tinha cometido um grande erro; ele se havia esquecido de tirar a fita adesiva em torno da alça da granada, que costumava pôr nesses artefatos para evitar acidentes.

Antes que a granada de mão alemã explodisse, Winters tornou a escalar a barreira e alcançar o leito. A sentinela estava agachada, cobrindo a cabeça com os braços, esperando que a granada de Winters explodisse. O alemão estava a apenas pouco menos de 3 metros de distância. Winters atirou nele com o seu M-1 da cintura.

O tiro sobressaltou a companhia inteira. Os soldados das SS começaram a levantar-se e voltar-se para Winters, em massa. Ele virou-se rapidamente para a direita e abriu fogo contra a massa compacta.

Winters nos dá uma descrição do que aconteceu em seguida:

— Os movimentos dos alemães pareciam irreais para mim. Quando se levantaram, tudo me pareceu lento demais; quando se voltaram para olhar para mim por sobre os ombros, seus movimentos foram lentos; quando começaram a

erguer seus fuzis para disparar contra mim, fizeram isso lenta, lentamente. Eu esvaziei o primeiro pente [oito tiros] e, ainda de pé no meio da estrada, pus um segundo pente na arma e, ainda atirando da cintura, esvaziei esse pente na massa.

Tombaram alguns alemães. Outros começaram a mirar seus fuzis em Winters. Outros se puseram a correr dele. Mas todos os seus movimentos eram estabanados, dificultados por seus longos sobretudos. Winters tornou a descer pela barreira ocidental da estrada. Quando olhou para a direita, viu Talbert correndo agachado e seguindo na frente da coluna. Ela ainda estava a 10 metros da estrada. A coluna de Winters, avançando pelo meio, se esforçava para vencer o campo. A coluna de Peacock, à esquerda, estava a 20 metros da estrada, atrapalhada em seu avanço pelo arame farpado estendido através do campo.

Winters pôs um terceiro pente no M-1 e começou a atirar, acertando um ou dois alvos, e depois voltou a descer a barreira. Os alemães estavam fugindo o mais rapidamente e da melhor forma possível quando as outras colunas americanas alcançaram a estrada.

— Atirem à vontade — bradou Winters.

Eram alvos incertos. Os alemães estavam fugindo. Os fuzileiros da Companhia E atiravam neles sem sofrer revide. — Acertei um! — Webster ouviu Hoobler gritar. — Ah, acertei outro! — Segundo Webster: — Hoobler estava em seu elemento; ele adorava isso.

Um grupo de alemães se separou da massa principal e escondeu-se entre gramíneas de grande altura. Christenson os avistou. — Alguém aqui fala alemão?

— perguntou. Webster se apresentou. — Heraus! — exclamou. — Schnell!

Hände hoch! Schnell! Schnell!45 — Um após o outro, 11 alemães saíram do meio do mato. Robustos, frios, alegaram que eram poloneses. Christenson os levou 45 “Saiam! Rápido! Mãos para o alto! Rápido! Rápido!” (N.T.) para a retaguarda.

Webster voltou para a estrada para engrossar os tiros contra o inimigo.

Nisso, um alemão voltou-se para atirar. “Algo que me pareceu um golpe de bastão de beisebol atingiu minha perna direita”, escreveu Webster, “me fez girar

e me derrubou.” Tudo em que pôde pensar foi: “Eles me acertaram!”, o que, naquela situação, pareceu-lhe “um clichê irrelevante e sem graça”. (Como todo escritor, ele ia fazendo a descrição dos acontecimentos à medida que iam ocorrendo.)

Foi um ferimento relativamente leve. A bala entrou por um lado da batata da perna de Webster e saiu pelo outro, sem atingir nenhum osso. Um ferimento de um milhão dólares. Consegui, pensou consigo mesmo. Quando o socorrista Eugene Roe chegou para atendê-lo, Webster tinha um grande sorriso no rosto. Roe fez um curativo nele e disse a Webster que se retirasse. Webster deu seus boldriês a Martin, “que continuava calmo e despreocupado; ele era a pessoa mais calma e destemida que conheci”, e suas granadas a Christenson, mas ficou com a pistola e o M-1 e seguiu mancando para a retaguarda.

Winters avistou mais soldados alemães a uns 100 metros de distância, a companhia das SS que havia passado despercebida, vindo por sobre o dique do lado sul. Eles se juntaram aos colegas em apressada retirada para o Leste, para longe dos tiros da Companhia E. Isso tornou o alvo maior. O tenente Reese tinha levado as metralhadoras para a linha de fogo a essa altura; o praça Cobb montou a sua e começou a disparar contra os alemães em debandada.

Os sobreviventes alemães alcançaram um grupo de árvores, onde havia outra estrada que levava ao rio. Winters ficou observando-os virar para a esquerda e começar a seguir por essa estrada em direção ao rio.

Em seguida, pôs-se ao rádio e solicitou fogo de artilharia. Os canhões britânicos começaram a martelar o corpo principal da força alemã em retirada.

Winters teve vontade de descer até o rio pela estrada em que estava, para deter os alemães ali, mas 35 combatentes tinham poucas chances contra cerca de 150

sobreviventes alemães. Ele se pôs ao rádio novamente para pedir apoio ao QG

do batalhão. O QG prometeu enviar um pelotão da Companhia Fox.

Enquanto aguardava reforços, Winters fez a contagem da tropa e a reorganizou. Ele tinha um homem morto (Dukeman) e quatro feridos. Onze alemães haviam se rendido. Liebgott, levemente ferido no braço, era baixa que podia andar. Winters ordenou que ele levasse os prisioneiros para o posto de comando do

batalhão e depois procurasse tratamento com o Dr. Neavles.

Pouco depois, lembrou-se de que Liebgott, bom combatente, tinha a fama de "ser muito duro com os prisioneiros". Além disso, ouviu Liebgott responder à sua ordem com as palavras: — Ah, ótimo! Eu cuido deles.

— Temos 11 prisioneiros — Winters disse a ele —, e quero 11

prisioneiros entregues ao batalhão. — Liebgott começou a dar sinais de que teria um acesso de raiva. Winters baixou seu M-1 até a cintura, tirou o dispositivo de segurança, apontou-o para Liebgott e disse: — Liebgott, jogue toda a sua munição no chão e esvazie o fuzil. — Liebgott xingou e resmungou, mas obedeceu à ordem.

— Agora — prosseguiu Winters — você pode pôr uma bala no fuzil. Se matar um prisioneiro, o restante saltará em cima de você. — Winters percebeu que um oficial alemão ficara andando de um lado para o outro, obviamente nervoso e preocupado com a euforia de Liebgott quando ele recebeu a incumbência. Ficou claro que o oficial entendia inglês; quando ele ouviu as outras ordens de Winters, relaxou.

Liebgott levou todos os 11 prisioneiros para o QG do batalhão. Winters confirmou isso junto a Nixon horas depois.

O sistema de travessia de barcas que os alemães tinham usado com o objetivo de ir para o lado do rio em que estavam, e de que precisariam agora para voltar para o outro, ficava no fim da estrada em que a Companhia E estava.

Winters queria chegar lá antes deles. Quando o pelotão da Companhia Fox chegou, trazendo mais munição, Winters a distribuiu e em seguida deu novas ordens. Ele estabeleceu uma base de tiro com metade dos cerca de 60 homens sob seu comando e depois fez a outra metade avançar 100 metros, parar e estabelecer sua própria base de tiro e passar à frente do primeiro grupo posicionado na estrada. Ele pretendia repetir a manobra nos cerca de 600 metros de extensão do rio.

A cerca de 200 metros do rio, a unidade de Winters deparou alguns galpões industriais. A artilharia alemã tinha começado a trabalhar. As tropas das SS, desesperadas para alcançar a estação de barcas, prepararam um ataque com 75 homens contra o flanco direito dos americanos. Winters percebeu que tinha

exagerado. Era hora de retirar-se, para que pudessem combater outro dia. A unidade voltou para o dique.

Assim que os últimos homens cruzaram o dique, os alemães atacaram com uma terrível concentração de fogo de artilharia no ponto em que ele era cortado pela estrada. Eles enquadraram o alvo perfeitamente. Os pára-quedistas espalharam-se para a esquerda e para a direita, mas não antes de sofrerem muitas baixas.

Winters pegou o rádio e contatou o QG do batalhão para pedir socorristas e ambulâncias. O Dr. Neavles foi até o rádio para saber o número de baixas.

— Dois times de beisebol — respondeu Winters.

Neavles não sabia nada sobre esporte. Ele pediu que Winters o informasse em linguagem clara.

— Saia desse rádio para que eu possa pedir mais apoio da artilharia —

tornou Winters, aos berros — senão, precisaremos de uma quantidade suficiente para três times de beisebol.

Nisso, Boyle “ouvi[u] projéteis de morteiro se aproximando. Podia-se ver que cairiam perto”. Boyle não estava conseguindo mover-se muito rapidamente, já que estava exausto, como resultado da recuperação insatisfatória do ferimento que sofrera na Normandia. — Fui jogado para a frente no dique. Um projétil atingiu um ponto à esquerda logo atrás de mim, e um estilhaço rasgou-me a perna esquerda, da coxa até o joelho, e foi isso. Um golpe terrível, mas nenhuma dor. — Pouco antes de perder a consciência, Winters deu-lhe um tapinha no ombro e disse-lhe que eles cuidariam dele.

Guarnere e Christenson arrancaram uma das pernas das calças dele e aplicaram sulfa em pó no horrível ferimento (quase toda a carne no lado esquerdo da coxa de Boyle tinha sido arrancada). Em seguida, deram-lhe morfina e providenciaram para que padioleiros o levassem para a retaguarda.

Webster estava tentando atravessar, sozinho, um campo aberto para chegar a um posto de socorro. Ele avançava agachado por um caminho marcado pela passagem do gado, de uma forma mais retraída do que costumava fazer nos treinamentos, vencendo poças de lama e esterco de vaca. A certa altura do

avanço, teve as calças rasgadas numa cerca de arame farpado. Após vencer o obstáculo, arriscou-se a ficar de pé e cobrir mancando os quase 100 metros que o separavam de um lugar seguro. Um observador alemão o viu e solicitou disparos de 88. Três explosões, uma em cada um dos lados dele, outra atrás, fizeram Webster ficar “apavorado e ciente” da realidade do perigo. Ele conseguiu sair do campo antes que o 88 acertasse o alvo.

Alguns membros da Companhia F o ajudaram a alcançar um cruzamento rodoviário. Dois socorristas num jipe, que voltavam do dique, recolheram-no, puseram-no no capô e “disseram-me que relaxasse.

Avisaram-me que iam correr, pois o homem na traseira, sobre a maca, o sargento Boyle, estava gravemente ferido e necessitando de atendimento médico urgente”.

Ao todo, os dois pelotões das Companhias Easy e Fox sofreram 18

baixas nesse bombardeio da artilharia alemã. Não houve baixa fatal.

Winters criou fortificações para cobrir o lugar em que a estrada atravessava o dique. O capitão Nixon apareceu. — Como estão indo as coisas?

— perguntou.

Pela primeira vez desde que os combates tinham começado, Winters se sentou. — Dê-me um pouco d’água — ele disse. Quando esticou o braço para pegar o cantil de Nixon, viu que sua mão estava tremendo. Ele estava exausto.

E Christenson também. Ele não conseguia entender a situação, até fazer as contas. Viu que tinha usado um total de 57 pentes de M-1, ou seja, que havia feito 456 disparos. À noite, enquanto tentava manter-se acordado em seu posto de observador avançado e procurava acalmar-se, depois de tanta agitação, Christenson urinou 36 vezes.

Com 35 homens, um pelotão da Companhia E tinha posto em debandada duas companhias alemãs com cerca de 300 soldados. As baixas americanas (incluindo as da Companhia Fox) foram de um morto e 22 feridos.

As baixas alemãs foram de cinqüenta mortos, onze prisioneiros e por volta de cem feridos.

Tempos depois, Winters reconheceu que ele e seus homens tinham tido

“muita, muita sorte”. Numa análise que fez da situação, disse que a principal causa do sucesso deles foi a baixa qualidade da liderança dos alemães. Estes tinham deixado os membros do 1º Esquadrão ficar sentados no campo enquanto aguardavam a chegada de reforços. Eles tinham se reunido numa massa grande e compacta, algo injustificável na opinião de Winters. Haviam se deixado imobilizar pelos disparos de duas metralhadoras enquanto as três colunas da Easy atravessavam correndo os quase 200 metros do campo para atacá-los com baionetas. Tinham reagido muito lentamente quando Winters atirou neles da estrada. Deixaram de estabelecer uma base de tiro bem-organizada quando o tiroteio começou.

Ao contrário deles, a Easy fez quase tudo corretamente. Winters chamou isso de “o ponto alto de todas as ações da Companhia E na guerra inteira, e melhor do que no Dia D, pois demonstrou, de um modo geral, a superioridade da Easy em todos os aspectos da tática de infantaria: patrulhamento, defesa, ataque sob a cobertura de uma base de tiro, retirada e, principalmente, pontaria superior no uso de fuzis, metralhadoras e morteiros”.

Entretanto, podemos dizer mais sobre ela. Por exemplo, a boa forma física dos membros dessa companhia era inigualável. Eles gastavam mais energia do que um boxeador peso-pesado numa luta de 15 rounds pelo título, e muito mais; gastavam mais energia que um jogador de futebol americano gasta em três partidas consecutivas, cada uma com duração de 60 minutos. Notável também era o sistema de comunicação da companhia, com mensagens de rádio, mensageiros e sinalização com as mãos usados eficientemente. Os avanços e retiradas puseram em prática o treinamento a que seus membros tinham sido submetidos em Toccoa e foram feitos exatamente como rezam os manuais de guerra. A evacuação dos feridos era feita também com a mesma e tranqüila eficiência. A coordenação das ações com a artilharia britânica era excelente.

Tal era o caso de Winters. Ele tomava uma decisão acertada após a outra, às vezes instintivamente; doutras, depois de cuidadosa deliberação. A melhor delas foi a decisão de que atacar era sua única opção. Ele tinha não apenas inteligência, mas também um espírito de liderança singular. — Sigam-me — era sua palavra-chave. Ele mesmo matou mais alemães e correu mais riscos do que qualquer outro.

Mas, por melhor que a Companhia E, uma das companhias do 506°, fosse — e não existia companhia de infantaria melhor do que ela no exército —, não havia nada que ela pudesse fazer contra o terror dos campos de batalha: a artilharia moderna. A Companhia E tinha de atravessar o dique para chegar a seu objetivo. Ela não podia ficar no campo aberto, pois seria massacrada. Porém, quando atravessou o dique, a unidade ficou exposta à artilharia alemã, que tinha o campo sob mira. Alguns minutos de terror total, e a companhia sofreu mais baixas do que nos recontros que teve com as centenas de fuzileiros alemães horas antes.

“A artilharia é uma coisa terrível”, escreveu Webster. “Deus, eu a odeio.”

O Escritório de Relações Públicas da 101ª Divisão Aerotransportada deu ampla cobertura à atuação da companhia, usando a linguagem típica dos tempos de guerra: “A ordem de Winters tinha de ser, e foi, para um ataque de baionetas.

Como resultado dessa ordem ousada, duas companhias das SS foram duramente castigadas e forçadas a retirar-se, sem que conseguissem uma oportunidade para iniciar seu ataque, que estava programado para começar justamente naquela hora.”

Uma vez que a 363a Divisão de Volksgrenadier lançou um grande ataque em Opheusden contra o flanco esquerdo do 506° no amanhecer desse dia, a pequena batalha no dique pode ter sido fundamental. Tivessem as companhias das SS continuado no lado sul do dique sem topar resistência, teriam conseguido atacar o QG do regimento justamente no momento em que o coronel Sink tivesse de concentrar sua atenção em Opheusden.

Sink reconheceu a boa atuação do pelotão da Easy. Ele emitiu uma Ordem Geral na qual citou a bravura em combate do pelotão da companhia.

Depois de descrever o ataque com baionetas, ele disse na Ordem-”Com esse ato de bravura e essa manobra habilidosa contra uma força numericamente superior”, o pelotão “causou pesadas baixas ao inimigo” e anulou a tentativa dele de atacar o QG do batalhão a partir da retaguarda.

Alguns dias depois do ataque de baionetas, o coronel Sink fez uma visita a Winters. — Você acha que pode sair-se bem no batalhão? — ele perguntou, dando a entender que estava pensando em tornar Winters o subcomandante do 2º Batalhão. (O major Oliver Horton tinha morrido na batalha de Opheusden em 5 de outubro.)

Winters, então com 26 anos e meio de idade, capitão e comandante de uma companhia havia apenas três meses, engoliu seco e respondeu: — Sim, senhor. Sei que posso comandar nosso batalhão no campo de batalha. O

combate não me preocupa. A administração sim. Nunca tive experiência com administração.

— Não se preocupe — assegurou-lhe Sink. — Cuidarei dessa parte. —

Em 9 de outubro, ele tornou Winters o subcomandante do 2º Batalhão.

O substituto de Winters no comando da Companhia E não se mostrou à altura do antecessor. Ele veio de outro batalhão. O praça Ralph Stafford foi contundente na descrição que fez dele: “Realmente, ele era um fiasco.

Ele não apenas não sabia o que fazer; não se preocupava em aprender.

Ficava na cama, não fazia inspeções e mandava buscar mais ameixas.” Ele foi substituído logo.

Outros oficiais substitutos fracassaram também. — Indecisão era o nome dele. . Nos combates, ele ficava totalmente desorientado e congelava. Nós, os graduados do pelotão, assumíamos o comando e fazíamos o trabalho; e ele jamais reclamava, pois reconhecia a própria incapacidade para comandar sob pressão —comentou Christenson a respeito de um deles.

Webster escreveu sobre um líder de pelotão na batalha de Nuenen:

“Nunca o vi combater. Ele nunca vinha para a linha de frente. Não agia à altura de suas responsabilidades; os veteranos do pelotão jamais o perdoaram. Um recruta fracassar numa situação grave era ruim, mas num oficial, do qual se esperava que liderasse seus homens, isso era imperdoável.”

Malarkey contou que, nesse combate, Guarnere “repreendeu acerbamente certo oficial que cuidava de preservar-se do perigo, como se fosse avestruz, a esconder a cabeça na terra, dizendo-lhe que deveria estar liderando o pelotão. . Mais tarde, esse mesmo oficial foi visto num posto de socorro com um tiro na mão, suspeito de ter ele mesmo causado o ferimento”.

Uma mistura de novos oficiais e soldados que não tinham sido treinados pelos padrões do grupo original de Currahee, os rigores dos ataques constantes da artilharia inimiga e o perigo das patrulhas noturnas estavam minando as forças da Companhia E. As doenças pioraram a situação.

Paul Fussell nos dá uma descrição dos dois estágios de racionalização pelos quais o combatente passa — isso não pode ocorrer comigo; e, depois: isso pode ocorrer comigo, a não ser que eu seja mais cuidadoso — seguido por um estágio de "percepção exata da realidade: vai acontecer comigo, e somente a minha ausência [da linha de frente] pode evitar isso".46 Alguns nem chegam a ter essa percepção; para outros, isso ocorre quase imediatamente. Quando ocorre com um membro de uma companhia de fuzileiros na linha de combate, é quase impossível fazê-lo ficar lá e cumprir o seu dever. Sua motivação tem de ser interior. A amizade é, de longe, a maior das motivações — ele não quer desapontar os amigos, não quer parecer covarde aos olhos dos homens que ele preza e respeita mais que quaisquer outros. A disciplina não consegue fazer isso, pois implica punição, e não existe punição pior que o exército possa aplicar num

46 Paul Fussell, Wartime, p. 282.

soldado da linha de frente que a de pô-lo ali.47

Uma das causas disso é o que Glenn Gray chama de "a tirania do presente" na trincheira. O passado e, o mais importante, o futuro não existem.

Ele explica dizendo que há "mais tempo para pensar e mais solidão nas trincheiras na linha de frente do que na segurança do lar e que o tempo não é medido com relógios e calendários, mas de diferentes formas".48 Para o soldado sob o fogo inimigo e que chegou ao limite de resistência, até mesmo a mais tétrica cela de prisão militar parece aconchegante. O que importa é que o minuto seguinte chegue logo.

Gray acha que é por isso que os soldados fazem qualquer coisa para obter suvenires. Em Brécourt Manor, Malarkey foi correndo até um campo que estava sendo varrido por tiros de metralhadora para pegar o que achava que era uma Luger de um alemão morto. Na Holanda, no dia 5 de outubro, enquanto voltava mancando para a retaguarda, Webster avistou, num campo sob o fogo de um German 88, "um poncho de camuflagem alemão, um suvenir ideal". Ele parou para "pegá-lo". Gray explica o fenômeno: "Essencialmente, suvenires pareciam

dar ao soldado alguma certeza em relação ao futuro, em relação a um tempo distante do ambiente destruidor do presente. Era como se representassem a garantia da sobrevivência dele.” É quase impossível pensar em algo que não seja a própria sobrevivência numa situação em que se está arriscado a morrer, o que explica o fenômeno oposto, o da coleta de suvenires — a atitude 47 Exceto a da pena de morte certa. Na Normandia, por exemplo, as Wehrmacht faziam com que sargentos alemães ficassem atrás dos recrutas estrangeiros. Na Praia de Omaha, os Aliados conseguiram fazer prisioneiro um polonês combatente das Wehrmacht. No interrogatório, perguntaram-lhe como os soldados da linha de frente se mantiveram firmes diante do massacrante ataque aéreo e naval. “Suas bombas eram muito persuasivas”, ele respondeu, “mas o sargento atrás de mim, com uma pistola na mão, era mais convincente.”

O exército americano não fazia coisas dessa espécie.

48 Gray, The Warriors, p. 119.

despreocupada do soldado para com seus pertences, sua atitude de indiferença em relação ao dinheiro. “Em campanhas de risco extremo”, Gray escreve, “os soldados aprendem mais facilmente do que os civis que tudo que é material é substituível, mas a vida não.”49

Insubstituível é a amizade dos colegas, mas, para o substituto, recém-chegado, não existe amizade. Portanto, não há nada que o prenda ao seu posto. Gray conta a história de um desertor com o qual topou num bosque da França em novembro de 1944. O jovem era das montanhas da Pensilvânia; estava acostumado a acampar; ele estava lá havia algumas semanas e pretendia ficar ali até o fim da guerra. — Todos os homens que eu conhecia e com os quais treinei foram mortos ou transferidos — o desertor explicou. — Estou só. . Os projéteis parecem cair cada vez mais perto, e não consigo suportá-los. — Ele implorou que Gray o deixasse ficar ali. Gray recusou-se a fazer isso. Disse que teria de levá-lo de volta, mas prometeu que ele não seria punido. O soldado disse que já conhecia a história; ele previa, com amargura, que “eles” simplesmente o poriam na linha de combate outra vez — e foi exatamente isso o que ocorreu quando Gray o levou de volta.50

Na frente de batalha, não ocorre apenas o relaxamento na observância da disciplina rígida. Ordens também podem ser ignoradas, já que na supervisão não

é exatamente onde está o perigo da morte. “Os veteranos aprenderam amargamente a ser independentes e a tomar suas próprias decisões”, Webster disse na carta enviada aos pais logo depois de ter sido ferido. “Certa vez, nosso tenente disse ao meu líder de esquadrão que pegasse seus oito homens e destruísse alguns canhões antiaéreos que estavam sendo disparados contra um grupo de planadores. Nove homens armados com fuzis para combater 88s e 49 Gray, The Warriors, p. 82.

50 Gray, The Warriors, pp. 17-8.

canhões de 40 milímetros! O sargento disse ‘sim’ (censurado). Baseando-se no próprio discernimento, ele salvou nossas vidas numa situação em que um novato agiria com temeridade. Esse mesmo tenente ordenou depois que dois soldados fossem explorar a posição alemã, mas eles, com uma visão mais clara da situação, foram (censurado).”

Os veteranos tentavam ajudar os substitutos, mas também evitavam conhecer-lhes o nome, já que esperavam que se fossem logo. Não que os veteranos não tivessem simpatia pelos recrutas. “Nossos novos colegas”, disse Webster numa carta enviada à família, “representantes do recrutamento militar, eram tão jovens e aparentavam tanto entusiasmo que achávamos um crime enviá-los para a batalha. Nós, pára-quedistas, obtemos os melhores homens do exército, mas é um destino terrível para alguém que nunca esteve longe de casa ou da escola vir para cá.”

Nenhum membro da Companhia E participara de combates antes de 6

de junho de 1944, porém, em outubro, todos os soldados que partiram de avião da Inglaterra na noite de 5 de junho e que ainda estavam vivos na Holanda tinham passado por dois saltos de missão de combate e duas campanhas. Muitos deles haviam se ferido; alguns dos feridos tinham saído do hospital sem autorização para voltar para a Holanda. Não porque amassem o combate, mas porque sabiam que, se não fossem à guerra com a Easy, seriam enviados para a batalha com estranhos, já que a única forma de um fuzileiro sair da guerra no TOGE era a morte ou sofrer um ferimento grave o bastante, que lhe fizesse perder um membro ou o tornasse inválido. Já que tinham de lutar, decidiam que isso tinha de ser feito com os amigos.

Raramente, os substitutos alcançavam esse grau de identificação. Além disso,

uma vez que o exército estava acelerando o processo de treinamento de modo que pudesse fornecer tropas mais rapidamente para a batalha, os substitutos não tinham a qualidade dos combatentes originais de Currahee. Em Veghel, Webster viu um substituto chamado Max “gemendo e segurando firme a mão direita”.

— Ajudem-me! Ajudem-me! Alguém me ajude!

— Que há de errado? Foi atingido em outro lugar também?

— Não, não. É que dói.

— Por que você não se levanta e sai correndo daqui?

“Ele não conseguia fazer isso. Ele ficou tão traumatizado que só o que conseguia fazer era ficar lá gemendo. . O trauma é uma coisa engraçada. Alguns jovens podem ter o próprio pé arrancado por uma explosão e voltar mancando para o posto de socorro movido por esforço pessoal, enquanto outros, como Max, empacam ao ver sangue e se recusam a ajudar a si mesmos. Dizem que o trauma é, principalmente, um fenômeno físico, mas me parece que a atitude mental do sujeito tem muito a ver com isso. Max não era agressivo, não era durão, não era bem-treinado”, comentou Webster.

Admirável não é o fato de que esses oficiais e esses combatentes ruíam diante de pressão, tensão e vulnerabilidade constantes, mas o fato de que, com muitos deles, isso não acontecia.

Com a transferência do substituto de Winters, o primeiro-tenente Fred

“Moose” Heyliger assumiu o comando da companhia. Heyliger era um aspirante-a-oficial que tinha liderado o pelotão de morteiros da Companhia do QG do 506° na Normandia (onde ele foi promovido a primeiro-tenente) e na Holanda. Ele fizera parte da Companhia E nos Estados Unidos. Winters gostava muito dele, desde que o conhecera.

Heyliger era um bom comandante. Ele visitava postos de observação avançados à noite. Participava de missões de patrulha. Providenciava para que a tropa tivesse o melhor possível. Como os combatentes que ficavam nas trincheiras, ele jamais relaxava. A tensão estava sempre lá. Os membros de sua companhia estavam muito bem distribuídos, para impedir que patrulhas alemãs penetrassem a linha, e um possível perigo de outra ruptura do tamanho da de 5

de outubro estava em sua mente o tempo todo. Ele se desincumbiu bem de sua responsabilidade, suportou a pressão, cumpriu seu dever.

De acordo com o cabo Walter Gordon, “os britânicos são mestres na intriga. Não gostaria de tê-los num de meus flancos para lançar um assalto contra um objetivo qualquer, mas certamente aceitaria com prazer um plano deles para isso, pois são muito bons em planejamento”.

Ele estava se referindo ao “Resgate”, que foi feito à meia-noite do dia 22

para 23 de outubro. Uma semana antes, o coronel Dobey (que tinha o apelido de

“O Louco Coronel de Arnhem”), da 1ª Divisão Aerotransportada Britânica, que havia fugido de um hospital alemão depois de ter caído prisioneiro, atravessou o Reno a nado e contatou o coronel Sink. Dobey disse a ele que havia 125 soldados britânicos, cerca de 10 combatentes da resistência holandesa procurados pelos alemães e 5 pilotos americanos escondidos com a resistência holandesa no lado norte do Baixo Reno. Ele queria trazê-los de volta e precisava de ajuda. Sink concordou em ajudar. Uma vez que o ponto de travessia cruzava a posição da Easy, Sink ofereceu Heyliger para comandar a patrulha de resgate. Ou, nas palavras de Gordon, “nós forneceríamos os soldados; os britânicos dariam a idéia e, acho, os curativos. Uma troca justa, segundo os padrões britânicos”.

Dobey entrou em contato com os combatentes holandeses do outro lado do rio via telefone (não se sabe por quê, mas os alemães nunca cortaram essas linhas). Ele fixou a noite de 22 para 23 de outubro como o dia da operação. O

81° Batalhão de AA-AT dispararia projéteis traçantes por sobre o rio de seus canhões Bofor51 para assinalar o local aonde os holandeses deveriam levar os 51 Canhão automático de 40 milímetros usado principalmente como arma antiaérea. (N.T.) homens à espera do resgate. Para diminuir a desconfiança dos alemães, o 81° fez esses disparos à meia-noite em vários dias antes da operação.

Na noite da operação, Heyliger, os tenentes Welsh e Edward Shames e 17

combatentes escolhidos por Heyliger seguiram em fila do dique para o rio, onde barcos infláveis britânicos tinham sido escondidos na noite anterior. Como sempre, a noite foi sombria, com uma garoa aumentando a obscuridade. Trêmula de frio, a tropa arrastou os barcos até a água. À meia-noite, os Bofors

começaram a disparar os projéteis traçantes direto para o Norte. Os combatentes da resistência holandesa fizeram o sinal de V de vitória com lanternas de luz vermelha da margem setentrional. A tropa começou a atravessar o rio remando o mais silenciosamente possível.

Os combatentes fizeram a travessia com o coração acelerado, mas não houve incidente. Ao se aproximarem da margem, saltaram dos barcos e avançaram. Gordon posicionou a metralhadora para o flanco esquerdo; ele a montou e preparou-se para defender os colegas de um possível ataque. O cabo Francis Mellett montou sua metralhadora no flanco direito. O praça Stafford seguiu na parte da coluna que procurava estabelecer contato com os holandeses, com Heyliger indo logo atrás dele.

Stafford avançou silenciosamente. Não havia fogueiras, nem iluminação.

O território era do inimigo, totalmente desconhecido para os americanos, e estava escuro como breu.

— O silêncio absoluto foi quase paralisante para mim — confessa Stafford ao lembrar-se do aspecto medonho da ocasião.

Stafford fez outro avanço cuidadoso. Nisso, um grande pássaro alçou vôo a não mais que uns 30 centímetros na frente dele.

— Cheguei a achar que meu coração havia parado de bater — ele acrescentou. — Destravei o dispositivo de segurança de meu M-1 e estava prestes a atirar quando o tenente Heyliger disse serenamente: “Calma.”

Eles continuaram avançando e logo depois encontraram os soldados britânicos. O primeiro que Stafford viu “abraçou-me e me deu sua boina vermelha, que ainda tenho”. Um brigadeiro britânico deu um passo adiante e apertou a mão de Heyliger, dizendo que ele era o melhor americano que ele tinha visto.

Heyliger fez sinal para os britânicos de forma que seguissem para os barcos em fila e pediu que fizessem silêncio. Mas eles simplesmente não conseguiram. O praça Lester Hashey lembrou-se de um que disse, em dado instante na operação de travessia: — Nunca pensei que ficaria contente em ver um maldito ianque. — O tenente Welsh, que estava no comando e ficara tomando conta dos barcos, exasperou-se com os britânicos, que diziam em voz alta: — Deus os abençoe, ianques — e disse a eles que todos seriam mortos se não se calassem.

Os britânicos embarcaram; Heyliger fez seus homens voltar para o rio à Ia eixo-badeixo; em pouco tempo, todos estavam prontos para partir. Gordon foi o último a voltar, e, na fila de barcos que atravessava o rio, “havia um clima de ansiedade e preocupação”, contou-me. Ele guardava no íntimo a certeza de que os alemães afundariam todos a qualquer momento. Mas não foram notados pelo inimigo. Por volta de lh30, todo o grupo estava seguro na margem sul e atravessando a terra de ninguém em demanda da linha de frente americana atrás do dique.

No dia seguinte, o coronel Sink fez uma menção honrosa pela coragem demonstrada na operação. Ele declarou que “a coragem e a calma demonstradas pela força de apoio foram fatores primordiais nessa operação bem-sucedida. Essa operação foi tão bem organizada e executada que o inimigo jamais soube que uma evacuação tinha sido feita.

Todos os membros dessa força de apoio recebem esta menção honrosa por sua agressividade, determinação, pronta obediência a ordens e dedicação ao dever. Seus nomes vêm a seguir”.

O nome de Gordon estava lá. Quando eu disse que ele deve ter ficado orgulhoso por ter se oferecido como voluntário para participar dessa operação arriscada e por tê-la executado bem, ele respondeu que a única razão pela qual participara dela foi que Heyliger o selecionara.

— Não foi uma operação formada por voluntários. Não estou dizendo que eu não me teria oferecido como voluntário; estou dizendo apenas que não fiz isso.

Em 28 de outubro, a área de responsabilidade da 101ª Divisão foi ampliada. O 506° transferiu-se para um trecho oriental da margem do rio bem na frente de Arnhem. A Easy ficou num setor da linha de frente perto da vila de Driel, ou seja, na extremidade leste do eixo de avanço dos Aliados em direção à Alemanha. Ela estava substituindo uma unidade britânica.

Enquanto a companhia se deslocava para suas novas posições, o sargento Lipton e Winters, o subcomandante do batalhão, conversaram com o comandante britânico. Ele disse que viu alemães movendo-se ao longo da rodovia que havia a Leste e que estavam abrindo trincheiras ali. (A Easy ainda estava no flanco direito do 506°, em Driel, num ponto em que a linha formava um ângulo reto com o outro segmento, o que fez com que um pelotão ficasse voltado para o

norte; outro ficasse de frente para o Leste, e um terceiro na reserva.)

— Bem, quando você os vê, por que não atira neles? — Winters perguntou.

— Porque, quando atiramos neles, eles simplesmente revidam. Winters e Lipton olharam um para o outro em muda descrença. A Easy sempre tentava manter os alemães com a cabeça abaixada e na defensiva quando ia para a linha de combate.

Ela fez isso em Driel e manteve patrulhamento constante. A artilharia não parou de atirar. Os alemães tinham como vantagem o fato de que estavam ocupando um planalto ao norte do rio. Com isso, a movimentação da tropa de dia era impossível. Os pelotões da linha de fogo ficaram entrincheirados. Chovia o tempo todo. Ninguém conseguia ficar seco. Não havia como fazer a barba, como tomar banho, como relaxar. Uma vida muito dura.

Na retaguarda, nos postos de comando e um pouco mais atrás, as condições melhoraram um pouco. A artilharia era um problema, logicamente, mas havia comida quente e outras compensações. A tropa ouvia “Arnhem Annie”, um programa da propaganda nazista, no rádio. Nos intervalos das sessões de música americana, ela sugeria que os americanos atravessassem o rio e se entregassem, para viver em segurança, até que a guerra acabasse. O pessoal da intendência conseguia trazer exemplares da Yank e da Stars and Stripes para a tropa. O boletim noticioso da 101ª, The Kangaroo Khronicle, voltou a ser publicado. Os alemães lançavam panfletos com o título Por que Lutar pelos Judeus?. A Equipe de Interrogatório de Prisioneiros de Guerra do 506° também enviava por sistemas de alto-falantes convites de rendição aos alemães.

Mas o único efeito que a propaganda de ambos os lados conseguia era provocar boas gargalhadas.

Winters estava entediado. Para ele, ser subcomandante “foi uma decepção, uma grande decepção. Meu momento mais divertido no exército, a coisa mais satisfatória que fiz, foi quando fui comandante de companhia. A vida de subcomandante era difícil, pois você tinha de lidar com ambos os lados, com os soldados e com o capitão Sobel. Mas, como comandante de companhia, eu fazia minha festa particular. Ficava na linha de frente tomando muitas decisões ali mesmo, decisões importantes para o bem-estar da companhia, e providenciando para que o dever de todos pudesse ser cumprido”.

Como subcomandante de batalhão, “era um administrador e não tomava decisões de comando ou coisa desse tipo, mas apenas fazia recomendações ao comandante do batalhão, ao serviço de inteligência da unidade”.

Observei que talvez alguns soldados tivessem ficado aliviados com a mudança.

— Eu não fiquei — tornou Winters.

O 2º Pelotão, comandado pelo primeiro-tenente Harry Welsh, tinha ocupado o setor da linha que ficava de frente para o Leste. O posto de comando do tenente era num celeiro situado a uns 50 metros a oeste das linhas ferroviárias, onde os alemães tinham os postos de observação deles. O efetivo de seu pelotão tinha sido reduzido para duas dúzias de homens; mesmo que ele tivesse mantido metade dele sob alerta, isso o teria deixado com 12 homens para cobrir uma linha de combate de 1.500 metros. Com uma lacuna de mais de 200 metros entre postos avançados, era relativamente fácil para as patrulhas alemãs penetrar pela linha à noite. E elas faziam isso regularmente, não para montar um ataque — como os Aliados, os alemães tinham aceitado a situação de imobilidade, e suas fileiras estavam parcamente constituídas também —, mas para terem certeza de que os americanos não estavam recebendo reforços.

Depois de suas experiências em 5 de outubro, Winters ficou preocupado com essa situação de falta de solidez na linha de frente. Quando ouviu um membro da missão de resgate de 22-23 de outubro relatar a penetração das fileiras alemãs sem serem notados e classificar isso como algo “fantástico”, ele desdenhou o fato:

— Os alemães fizeram a mesma coisa conosco. Eles conseguiram passar por nossa linha de frente com duas companhias, e nós não disparamos um tiro sequer contra eles até que tivessem chegado ao dique. Portanto, que há de mais nisso?

Winters se sentia frustrado em seu novo posto. Ardia nele o desejo de combater, e ele ficava irritado com as penetrações dos alemães. Na tarde do dia 31 de outubro, contatou Heyliger por telefone para sugerir que, à noite, os dois fizessem uma inspeção dos postos avançados. Heyliger aceitou a sugestão. Às 21

horas, Winters chegou ao posto de comando da Easy. Heyliger telefonou para Welsh, a fim de informá-lo de que ele e Winters estavam seguindo para lá em visita de inspeção.

— Moose e eu seguimos pelo caminho que levava ao posto de comando de Welsh ombro a ombro praticamente — observou Winters —, já que ele tinha apenas cerca de l,80m de largura e era ligeiramente elevado. Em cada lado, havia uma barreira de mais ou menos um metro, em cuja base corria um canal de escoamento.

De repente, em meio à escuridão, soou uma ordem: “Halt!”

Heyliger era um homem calmo e despreocupado, um comandante que não perdia a calma à toa. Desse modo, quando Winters percebeu que ele respirou fundo, ficou tenso. Winters calculou que Heyliger tinha esquecido a senha.

Heyliger tentou dizer “Moose”, mas, antes que ele terminasse de fazer isso, bam, bam, bam — um M-1 cuspiu três balas de uma distância de quase 10

metros.

Heyliger caiu na estrada gemendo. Winters jogou-se para o canal do lado esquerdo da estrada. O receio deles era de que houvessem deparado uma patrulha alemã, pois os disparos do M-1 tinham sido tão rápidos que poderiam ter sido de uma pistola automática alemã. Em seguida, ouviu passos de alguém que se retirava correndo do local.

Winters voltou rastejando para o caminho, pegou Heyliger e puxou-o para um dos lados. Ele tinha sido atingido no ombro direito, um ferimento razoavelmente leve, e na perna esquerda, cujo ferimento era grave — a impressão que se tinha era de que a batata da perna dele havia sido arrancada. Winters tratou de enfaixar-lhe a perna.

Alguns minutos depois, Winters ouviu passos de alguém correndo na direção dele. Quando se moveu para pegar o fuzil, ouviu Welsh chamando em voz baixa:
— Moose? Dick?

Welsh e dois de seus homens ajudaram a fazer um curativo em Heyliger.

Aplicaram doses de morfina nele e o levaram para o posto de comando do batalhão. Quando chegaram lá, ele tinha perdido tanto sangue e havia recebido tantas doses de morfina que sua palidez deu a Winters a impressão de que ele não sobreviveria.

Mas ele sobreviveu. Uma semana depois, estava num hospital na Inglaterra. Enquanto ficou lá, foi promovido a capitão e recebeu a Cruz Militar Britânica por conta da missão de resgate bem-sucedida. Porém, para Heyliger, a guerra tinha terminado.

O soldado atirou em Heyliger porque tinha ficado tenso, com medo, inseguro. O incidente o deixou psicologicamente arrasado. Ele era veterano, e não um recruta. Winters decidiu não puni-lo. Logo depois, ele foi transferido.

Em 7 de novembro, Heyliger escreveu uma carta a Winters em sua cama de hospital. “Caro Dick: Estou deitado na cama, enfrentando a situação com tranqüilidade. Gostaria de agradecer-lhe por ter cuidado de mim na noite em que fui ferido. Certamente, foi um jeito ridículo de ser posto fora de combate.

Cheguei aqui limpinho da silva. Sem nada. Sei que você está com minhas asas e minha pistola, mas também sinto muita falta das roupas em meu colchonete de campanha e dos rolos de filme em meu bornal de provisões. .

Meu Deus, Dick, eles engessaram meus ferimentos, e o fedor aqui é tanto que parece que um gato defecou em minha cama. Não tenho como livrar-me deste fedor.

Bem, são poucas linhas, mas é que meu braço direito está muito fraco.

Dê lembranças minhas a todos.”

O substituto de Heyliger como comandante da Easy foi o primeiro-tenente Norman S. Dike, Jr. Ele veio do QG da divisão. Alto, esguio, boa aparência, era educado e falava num tom de voz militar. Causava boa impressão.

O posto de subcomandante punha Winters em contato diário com Nixon, que agora era do S-3. As diferenças que havia entre os dois não podiam ser maiores. Winters cresceu num lar de classe média; já o pai de Nixon era muito rico. Winters não saíra da Pensilvânia na adolescência; Nixon tinha morado em várias partes da Europa. Winters se formara numa faculdade modesta; Nixon havia estudado em Yale. Winters jamais bebia; Nixon era alcoólatra. Mas eles eram grandes amigos, pois tinham em comum a dedicação ao cumprimento do dever e uma capacidade notável para cumpri-lo. Todos os membros da Easy cuja entrevista faz parte deste livro disseram que Winters foi o melhor comandante que viram na vida e que Nixon foi o mais brilhante oficial de estado-maior que

conheceram na guerra. De acordo com Winters:

— Era difícil fazer Nixon levantar-se de manhã.

Num dia de novembro, Winters quis partir cedo. Porém, como sempre, não conseguiram convencer Nixon a levantar-se. Winters foi até onde ele estava deitado, segurou-lhe pelos pés enquanto ele ainda dormia em seu saco de dormir e os apoiou sobre o ombro.

— Vai levantar ou não?

— Vá embora. Deixe-me em paz.

Nisso, Winters notou que a jarra estava com água até a metade. Ainda apoiando os pés de Nixon no ombro, ele pegou a jarra e começou a despejar o conteúdo no rosto de Nixon, que arregalou os olhos, horrorizado. — Não, não!

— implorou. Tarde demais, o conteúdo tinha sido despejado. Somente então Winters percebeu que Nixon não havia ido lá fora para livrar-se da urina resultante da bebida que tinha ingerido, mas que usara a jarra para fazer isso.

Nixon gritou e xingou, mas depois começou a rir. Os dois resolveram ir a Nijmegen para investigar os rumores de que os oficiais estavam podendo tomar banho quente lá.

A campanha se arrastava penosamente. O frio, cada vez mais intenso, piorava a situação desagradável produzida pela chuva diária. Finalmente, no fim de novembro, unidades canadenses começaram a substituir a 101ª. A vez da Easy chegou na noite de 24 para 25 de novembro, quando se retirou da linha de frente.

De manhã, a tropa embarcou em caminhões numa viagem de volta para a França com o intuito de descansar, reequipar-se, receber substitutos e tomar banho, coisa que os combatentes não faziam havia 69 dias.

A Easy tinha saltado em 17 de setembro com 154 oficiais e soldados. Ela saiu da Holanda com 98 membros, entre oficiais e combatentes. Os tenentes Brewer, Compton, Heyliger e Charles Hudson tinham sido feridos, além de 45

recrutas. Os membros da Easy mortos em combate foram William Dukeman, Jr., James Campbel , Vernon Menze, Wil iam Miller, James Miller e Robert Van

Klinken. A companhia sofrera 65 baixas na Normandia. Com isso, seu total de baixas no fim de novembro foi de 120 (alguns desses soldados tinham sido feridos em ambas as campanhas), dos quais nenhum caiu prisioneiro de guerra.

Quando os caminhões tornaram a passar pela Rodovia do Inferno, os holandeses ladearam as ruas para ovacionar seus libertadores. — Dezessete de novembro — clamaram quando o comboio passou por Nijmegen, Uden, Veghel e Eindhoven.



Os membros da Easy não se sentiam como heróis libertadores. O

sargento Lipton resumiu-lhes o sentimento: — Arnhem Annie dizia pelo rádio:

“Vocês podem ouvir nossa música, mas não podem circular por nossas ruas.”

Ela estava certa. Nós não entramos em Arnhem.

10

Descansando, Recuperando-se e

Ressuprindo-se

MOURMELON-LE-GRAND

26 de novembro-18 de dezembro de 1944

Às 4 horas do dia 26 de novembro, a Companhia E chegou ao quartel de Mourmelon, nas cercanias da vila de Mourmelon-le-Grand (perto do vilarejo de Mourmelon-le-Petit), situado a uns 30 quilômetros de Reims, conhecida como a capital do champanhe e também por conta de sua famosa catedral gótica. Então, a vila de Mourmelon contava pelo menos 1.998 anos como praça de guerra —

Júlio César e suas legiões romanas a haviam usado como área de estacionamento em 54 a.C. O exército francês teve quartéis lá durante centenas de anos e ainda faz isso, na década de 1990. Localizada na planície entre o rio Marne, ao Sul, e o rio Aisne, ao Norte, no tradicional eixo de invasão que se estende em direção a Paris (ou em direção ao Reno, dependendo de quem estivesse na defensiva), Mourmelon ficava numa área que testemunhou muitas batalhas através dos séculos. Pouco tempo antes, entre 1914 e 1918, a região tinha sido arrasada. As crateras abertas pela artilharia e as trincheiras da guerra mundial anterior estavam em toda parte. Os recrutas americanos tinham lutado perto dali em 1918, em Château-Thierry e Bel eau Wood.

A passagem de serviço na linha de frente para o de praça de guerra foi rápida. A maior novidade do primeiro dia de estacionamento foi o banho quente e a oportunidade de lavar roupas. No segundo dia, a companhia fez um exercício de marcha; no dia seguinte, simulou uma formação de retirada regular com tiros de canhão, e depois houve inspeção de tropas. Em 30 de novembro, a correspondência finalmente alcançou a tropa, aumentando-lhe 100% o moral.

Talvez muitos achem que, depois de mais de dois meses na linha de frente, os pára-quedistas iriam querer dormir durante uma semana. Mas, após uma ou duas experiências desse verdadeiro milagre que é uma noite de sono para o soldado, os rapazes precisaram de um meio para poder gastar sua energia e de uma forma incomum para liberar a tensão acumulada. Em 1º de dezembro, todos conseguiram licença para distrair-se em Reims. Foi o caso também dos membros da 82ª DIA, estacionada perto dali. A mistura era explosiva. Embora Reims estivesse cheia de membros da polícia do exército, já que era o local do QG de Eisenhower, havia muita bebida e, portanto, muitos bêbados e homens inclinados a envolver-se em brigas.

— Por que aquela águia está gritando? — costumava perguntar a um dos colegas um membro da 82ª quando deparavam algum soldado que trouxesse ao ombro a insígnia da Screaming Eagles.

— Socorro! Socorro! Socorro! — era a resposta. E começava a briga. Em 4 de dezembro, todas as licenças para Reims foram suspensas, pois, nas palavras de um soldado, “os rapazes não se comportam na cidade”.

A divisão tentava gastar um pouco o excesso de energia com a realização de marchas de 5 quilômetros, paradas e muitos exercícios físicos. Organizava também jogos de beisebol, basquete e futebol americano. Ela pegou emprestado equipamento de futebol americano da Força Aérea, trazido de avião da Inglaterra, e organizou uma peneira para uma partida entre os melhores dos melhores entre os membros do 506° e do 502° e que ela chamou de Champanhe Bowl de Natal; os escolhidos para formar os times praticavam durante três ou mais horas por dia.

Como outras formas de entretenimento, a divisão montou três cinemas e abriu um clube da Cruz Vermelha. A comida era excelente.

Vários dias após a chegada a Mourmelon, a tropa recebeu o pagamento no salão do rancho, no fim do jantar. O sargento Malarkey pegou o soldo e, quando estava prestes a sair, viu uma partida de dados a valer em andamento.

Um jogador sortudo tinha conseguido acumular um volumoso maço de notas.

Malarkey achou que o lançador não podia continuar a ganhar indefinidamente.

Confiante na sorte, fez uma aposta contra ele.

Poucos minutos depois, ele tinha perdido seus três meses de salário. E

deixou o refeitório achando-se um idiota — não por ter apostado, mas por ter perdido tudo sem que tivesse lançado os dados uma vez sequer.

De volta ao alojamento, topou com Skip Muck. Havia um jogo de dados em andamento ali também. Malarkey perguntou a Muck se ele pretendia participar do jogo; não, respondeu Muck, pois estava cansado de ficar sem dinheiro o tempo todo. Além disso, ficara apenas com 60 dólares depois de pagar suas apostas de jogos anteriores. Logo em seguida, Malarkey o convenceu a emprestá-lo os 60 dólares e entrou no jogo. Quinze minutos depois, tinha acumulado um bolo de cédulas de francos franceses, libras esterlinas, dólares americanos, francos belgas e florins holandeses. (Eram acaloradas as discussões envolvendo taxa de câmbio entre os participantes; a maioria desses homens

detestava matemática quando esteve na escola e tinha sido reprovada nessa matéria, mas, não se sabe como, acabavam conseguindo entender-se a respeito da taxa.)

Malarkey seguiu com o dinheiro para o clube dos recrutas e entrou num jogo do qual participavam cerca de 20 jogadores. Ele pegou 60 dólares e casou sua aposta — a quantia que ele tinha pegado emprestado de Muck. E ganhou.

Lançou os dados e ganhou outra vez. E outra. E mais outra. No último lance, estava com 3 mil dólares. E ganhou de novo.

Ele ficou receoso de sair do jogo com mais de 6 mil dólares, quantia que era quase o pagamento da companhia inteira. Então, resolveu pôr as notas de franco de maior valor nos bolsos e continuou no jogo até perder todo o dinheiro americano, britânico, holandês e belga. Quando voltou para o alojamento, devolveu a Muck os 60 dólares e deu-lhe uma gratificação de 500 dólares. Ainda lhe restaram 3.600 dólares.

Os soldados foram postos para trabalhar na melhoria dos alojamentos.

Seus ocupantes mais recentes então tinham sido duas divisões de infantaria alemãs e vários esquadrões de cavalaria leve. Ordens do dia alemãs, pôsteres de propaganda ideológica e coisas semelhantes cobriam as paredes. Eles removeram tudo, limparam o estrume de cavalos, restauraram beliches e repararam latrinas e estradas. “E, entremeando todas as tarefas”, informava o Currahee, o álbum de recortes do 506°, “havia a expectativa da folga em Paris. De manhã à noite e a qualquer lugar que se fosse, era só no que se ouvia falar.”

De acordo com a política da divisão, somente uma companhia de cada vez poderia ir a Paris, e não membros de várias unidades ao mesmo tempo. Os membros das companhias que iam lá voltavam com histórias que superavam as que seus pais lhes contaram depois de visitar Paris na 1ª Guerra. Os que ficavam esperando a vez discutiam o tempo todo o que fariam quando chegassem à cidade.

Entre os que fizeram a visita, houve alguns casos de puro e simples desperdício da folga. Dick Winters foi um dos que conseguiram licença; ele foi para Paris, pegou o metrô e seguiu até o fim da linha. Lá, descobriu que tinha pegado o último trem do dia. E tinha anoitecido. A cidade estava sob regime de blecaute. Ele voltou a pé para o hotel e só chegou lá depois da meia-noite. No dia

seguinte, voltou para Mourmelon de trem.

— Essa foi minha grande noite em Paris.

O praça Bradford Freeman, de Lowndes County, Mississípi, obteve sua licença também. Ele nos fala do dia de folga que passou na Cidade Luz:

— Não achei interessante o que vi. E voltei para o acampamento. Eles não pareciam ter pressa em visitar Paris, já que a impressão geral era de que os pára-quedistas ficariam no estacionamento até que o tempo bom, propício à retomada da campanha, retornasse na primavera. A expectativa deles era de que, quando o tempo melhorasse, saltariam na Alemanha, no outro lado do Reno. Ela foi reforçada quando o general Taylor voltou de avião para os Estados Unidos com o intuito de participar de conferências que tratavam das propostas de mudanças envolvendo a organização e o equipamento das divisões aerotransportadas americanas. E se transformou em certeza no dia 10 de dezembro, quando o assessor de Taylor, o general-de-brigada Gerald Higgins, seguiu de avião para a Inglaterra com cinco oficiais superiores da 101ª para dar uma série de palestras sobre a MARKET-GARDEN. O comando foi passado para o general-de-brigada Anthony McAuliffe, o comandante da artilharia da divisão.

Os veteranos estavam voltando do hospital, e novos recrutas chegavam.

Buck Compton voltou para a companhia, depois de recuperar-se do ferimento que sofrera na Holanda. O tenente Jack Foley, que havia sido engajado como substituto na última semana das tropas na Holanda, tornou-se assistente de líder do 2º Pelotão, comandado pelo tenente Compton. Os combatentes, nas palavras de Foley, “eram uma mistura de experientes veteranos, alguns dos quais contando apenas a campanha na Holanda em seu histórico de guerra, e, logicamente, de substitutos inexperientes”.

Os substitutos, jovens com 18 e 19 anos de idade vindos direto dos Estados Unidos, ficaram espantados. Embora os veteranos fossem apenas um ou dois anos mais velhos do que eles, pareceram assustadores aos recrutas. Eles haviam sido instruídos para entregar a munição quando saíram da Holanda, mas quase nenhum deles fez isso. Circulavam por Camp Mourmelon com granadas de mão penduradas no cinto, pentes de munição no arnês, e traziam suas facas de campanha presas à cintura (sem permissão). Aos recrutas, pareciam um bando de assassinos da Legião Estrangeira. Aos veteranos, os recrutas pareciam

“molengas”. O tenente Dike, comandante de companhia, Welsh, Shames, Foley, Compton e outros oficiais empenharam-se em integrar os recrutas às unidades, para fazê-los alcançar o padrão de equipe e capacidade individual da Easy, mas isso foi difícil, já que os veteranos não conseguiam levar a sério as manobras de instrução.

No fim da segunda semana de dezembro, a companhia tinha recuperado os 65% de seu efetivo de recrutas. Seu contingente de oficiais era de 112,5%, com Dike no comando, Welsh no posto de subcomandante e dois tenentes por pelotão, além de um na reserva. Em outras palavras, os comandantes da divisão achavam que as baixas no combate seguinte seriam as mais altas entre os graduados. Welsh era então o mais velho oficial da companhia e não estivera em Toccoa. Apenas Welsh e Compton haviam estado na Normandia com a Easy; Welsh, Compton, Dike, Shames e Foley haviam passado algum tempo na Holanda.

Eram os graduados que davam continuidade à companhia e mantinham-na coesa. Entre os graduados que tinham começado em Toccoa como soldados estavam Lipton, Talbert, Martin, Luz, Perconte, Muck, Christenson, Randleman, Rader, Gordon, Toye, Guarnere, Carson, Boyle, Guth, Taylor, Malarkey e outros. O fato de que muitos oficiais de Toccoa estavam no 506° ou no estado-maior do 2º Batalhão ajudava a Easy a manter a coesão da unidade. Entre eles, estavam o major Hester e o capitão Matheson (S-3ºperações e treinamento, e S-4, setor de logística e suprimento do batalhão) e os capitães Winters e Nixon (subcomando e S-2, inteligência do estado-maior do batalhão).

De um modo geral, porém, e depois de meio ano de combate, a Easy recebeu novos oficiais e novos soldados. Mas seu núcleo, formado pelos graduados, ainda era composto pelos homens de Toccoa que tinham subido e descido o monte Currahee nos dias quentes de agosto de 1942 na companhia e sob as ordens de Sobel.

Muitos dos soldados com os quais eles tinham subido o Currahee correndo estavam no hospital, na Inglaterra. Alguns deles jamais correriam novamente. Outros, com ferimentos apenas no corpo, estavam em vias de recuperação. No Hospital Geral americano da 110a, situado nas cercanias de Oxford, três membros do 1º Pelotão, da Companhia E, estavam na mesma enfermaria. Webster, Liebgott e o cabo Thomas McCreary tinham sido feridos em 5 de outubro: Webster, na perna; Liebgott, no cotovelo; e McCreary, no pescoço. Webster andava às voltas com a arte de escrever: em seu diário, ele fez uma

descrição dos colegas: “Liebgott, 55 quilos, ex-motorista de táxi de São Francisco, era o mais magro e, quando não se tratava de dinheiro, o mais engraçado da Companhia E. Ele tinha a qualidade especial de ser um dos poucos judeus entre os pára-quedistas. Além disso, tanto ele quanto McCreary, antiquadões na faixa dos 30 anos, eram os coroas da companhia. McCreary era um sujeito alegre e bem-humorado, que, nas palavras dele, tinha sido criado com uma mamadeira de cerveja e havia sido educado no ‘Motor Inn’, em Pittsburgh.”

De acordo com Webster, “o lugar mais alegre no hospital da 110a era a enfermaria dos amputados, onde a maioria dos jovens, sabendo que a guerra tinha terminado para eles, riam, contavam piadas e falavam sobre a família”.

Webster estava certo quando disse “a maioria”, em vez de “todos”, já que alguns dos que tinham sofrido o chamado “ferimento de um milhão de dólares” não teriam dado um centavo sequer para consegui-lo. Leo Boyle, internado em outra enfermaria do hospital da 110a, disse numa carta enviada a Winters: “Prezado senhor, agora que cheguei até aqui, que se dane se sei escrever ou não!

Depois de duas experiências, posso dizer que não é o trauma do ferimento em si que você carrega consigo mesmo. É a consciência de que você ficará fora do quadro (combate) durante algum tempo — em meu caso, durante longo tempo.

Não tenho esperança de poder estar de pé antes do Natal. Mas tenho certeza de que ficarei bom algum dia, como se fosse uma nova pessoa Não sofri lesão óssea, apenas muscular e tecidual, e tenho uma grande área difícil de enxertar.

E, senhor, cuide-se (e faça isso mais do que faz exercícios), pelo motivo de que existem poucos como o senhor e, certamente, nenhum que possa substituí-lo.”

Ele disse ainda que Webster, Liebgott, Leo Matz, Paul Rogers, George Luz e Bil Guarnere, todos internados também durante mais ou menos tempo no hospital da 101ª, tinham ido visitá-lo.

Quarenta e quatro anos depois, Boyle escreveu: “Jamais me conformei totalmente com a separação que sofri da vida de pára-quedista — separado que fui de meus amigos, sem jamais poder saltar novamente. Eu era ‘ligado’ a essa vida ou viciado nela. Senti-me enganado e fiquei quase invariavelmente irascível e mal-humorado por causa disso nos 12 meses de recuperação que passei nos hospitais.”

Liebgott requereu, e obteve, uma dispensa do serviço e depois a permissão para voltar. Foi o caso também de McCreary, Guarnere e outros.

Como foi dito, isso não era porque ardia neles o desejo de combater, mas porque sabiam que teriam de lutar com outros e queriam que esses fossem os membros da Companhia E. “Se eu tivesse escolha”, disse Webster em carta enviada aos pais, “jamais voltaria a combater. Mas, por não ter escolha, voltarei para a Companhia E e me prepararei para outro salto. Se eu morrer, espero que seja rápido.” Em outra carta, ele disse: “Saber que não se tem como fugir disto, que teremos de saltar na Alemanha e que depois seremos levados direto para o Pacífico, a fim de lutar na China, deixa-nos sem motivo para ser otimistas. Como a infantaria, nossa única saída é ser ferido ou evacuado.”

Webster foi levado para uma enfermaria de reabilitação. Depois, no fim de dezembro, para o 12° Posto de Substituição, em Tidworth, Inglaterra. Esse posto, tal como o 10°, era notoriamente conhecido no TOGE pelo sadismo de seu comandante, sua ineficiência, seu ambiente mesquinho, sua sujeira, sua péssima comida e suas condições gerais, que praticamente em nada superavam as de uma prisão do exército. Era óbvio que o exército queria tornar as coisas tão ruins que os veteranos recuperados de seus ferimentos, ou pelo menos em parte, ou capazes de andar sem ajuda, achariam melhor voltar para a linha de combate.

Jim Alley, ferido na Holanda, recuperou-se num hospital na Inglaterra, deixou o 12° Posto de Substituição sem autorização e pegou carona para Le Havre e depois para Mourmelon, aonde chegou em 15 de dezembro. Guarnere e outros fizeram o mesmo.

Webster não. Havia muito que ele tinha adotado como preceito pessoal em sua vida de militar jamais fazer algo voluntariamente. Ele era intelectual, bem como observador e cronista dos fenômenos presentes na vida de soldados profissionais. Ele era um dos únicos soldados originários de Toccoa que não se tornou graduado. Vários oficiais quiseram fazer dele líder de esquadrão, mas ele recusou a oferta. Ele estava ali para cumprir seu dever e o cumpriu — jamais desapontou um amigo em combate, na França, na Holanda ou na Alemanha —, mas nunca se apresentava como voluntário para nada e rejeitava promoções.

A euforia era grande em Mourmelon. Agora que a Easy estava num estacionamento mais ou menos permanente, a tropa podia contar com a chegada de mais correspondência e nutrir a esperança de que caixas de presente de Natal

chegariam até ela. Dominava no ambiente a expectativa da folga em Paris; com um pouco de sorte, a Easy poderia estar em Paris na véspera do Ano-Novo.

Havia também a proximidade do Champanhe Bowl, programa para o Natal, com uma ceia de peru logo em seguida. Já então eram pesadas as apostas envolvendo o vencedor dessa partida de futebol, e as sessões de treinamento iam ficando cada vez mais longas e duras.

O futuro depois do Natal parecia muito promissor, do ponto de vista de uma companhia de fuzileiros no meio da maior guerra de todos os tempos. Não haveria combate para a Easy até pelo menos os meados de março. Depois, viria o salto em território alemão e, em seguida, a transferência para o Pacífico, com o objetivo de travar combate na China ou de realizar um salto no Japão. Mas tudo isso ainda estava muito distante. A Easy tratava era de preparar-se para o Natal.

Os sargentos tinham os próprios alojamentos em Mourmelon. Na noite de 16 de dezembro, Martin, Guarnere e alguns outros conseguiram uma caixa de champanhe e a levaram para os alojamentos. Eles não estavam acostumados com a bebida espumante. Martin incumbiu-se de abrir algumas garrafas; os outros sargentos estendiam o braço com o caneco na mão e o deixavam encher até a beira.

— Ei, chapa — queixou-se Christenson —, pelo amor de Deus, isto é refrigerante!

Eles beberam um dos melhores champanhes do mundo como se fosse refrigerante, com resultados inevitáveis. E veio a briga:

— Tenho de admitir que participei dela — Martin confessou —, e destroçamos todos aqueles beliches, e, com seus pregos expostos, furei o pé.

Olha, foi uma verdadeira guerra aquilo lá.

O primeiro-sargento Carwood Lipton foi até os alojamentos, deu uma olhada e começou a gritar:

— Esperamos de vocês o comportamento de líderes. Um grupo de sargentos fazendo uma bagunça destas. — Ele os fez limpar a sujeira antes de deixar que fossem dormir e ficassem livres do efeito da bebida.

Nessa mesma noite, Winters e Nixon eram os únicos oficiais do estado-maior do QG do batalhão. Os outros tinham ido para Paris. O soldado Joe Lesniewski foi ver um filme num dos cinemas de Mourmelon, cuja estrela principal era Marlene Dietrich. Gordon Carson tratou de ir dormir cedo, já que tinha um treinamento para a partida de futebol na manhã seguinte.

Winters e Nixon souberam pelo rádio que todas as licenças haviam sido canceladas. No cineteatro, as luzes foram acesas, e um oficial subiu ao palco para anunciar que os alemães tinham rompido a linha de defesa americana nas Ardenas. Nos alojamentos, Carson, Gordon e outros foram acordados pelo guarda dos alojamentos, que acendeu as luzes e relatou a ruptura. — Cale-se — tornaram os colegas, aos gritos. — Cai fora daqui! — Isso era problema do VIII Corpo de Exércitos, do I Exército. Eles voltaram a dormir.

Mas, de manhã, quando a companhia entrou em forma, depois da alvorada, o tenente Dike disse a eles: — Depois do rancho, continuem firmes. —

Ele não ia levá-los para treinar, como de costume. Com essa ordem, ele quis dizer

“estejam a postos”. Dike disse a eles que matassem o tempo limpando os alojamentos. Obviamente, o que estava acontecendo nas Ardenas acabaria mesmo sendo problema da 82ª e da 101ª DIA.

Hitler lançou sua última ofensiva em 16 de dezembro, nas Ardenas, numa escala muito maior do que a ofensiva de 1940, no mesmo lugar e contra o exército francês. Ele conseguiu surpreender totalmente o inimigo. O Serviço de Inteligência Americano nas Ardenas calculou que as forças alemãs que enfrentariam o VIII Corpo de Exércitos eram de quatro divisões. Em verdade, por volta do dia 15 de dezembro, as Wehrmacht tinham 25 divisões no maciço de Eifel, do outro lado das Ardenas. A surpresa lograda pelos alemães é comparável à da Operação Barbarossa, em junho de 1941, ou à do ataque a Pearl Harbor.

Essa surpresa foi conseguida, tal como ocorre com a maioria das operações militares dessa espécie, porque a ofensiva não fazia sentido. Foi tola a idéia de Hitler de usar todo o seu efetivo de blindados numa ofensiva que não tinha nenhum objetivo estratégico genuíno, ofensiva que ele não tinha como manter, a menos que suas guarnições de tanques tivessem a grande sorte de capturar importantes depósitos de combustíveis americanos intactos.

Essa surpresa foi lograda, tal como ocorre com a maioria das operações militares dessa espécie, porque os defensores estavam tomados de um excesso de confiança grosseiro. Mesmo depois do fiasco da operação MARKET-GARDEN, os Aliados acreditavam que os alemães estavam praticamente acabados. No QG

de Eisenhower, os oficiais tratavam de pensar no que os exércitos aliados poderiam fazer aos alemães e não no que os alemães poderiam fazer a eles. A idéia dominante era que, se conseguíssemos fazê-los sair de trás da Linha Siegfried, terminaríamos o trabalho. Essa idéia predominava do alto comando aos recrutas. O sargento George Koskimaki, membro da 101ª, escreveu em seu diário em 17 de dezembro: “Foi outro domingo tranqüilo. . O rádio anunciou um grande ataque alemão contra as fileiras do I Exército. Isso vai acabar com o que resta das forças alemãs.”52

A surpresa ocorreu, tal como ocorre com a maioria das operações militares desse tipo, porque as forças ofensivas fizeram um bom trabalho de ocultação e dissimulação. Os alemães reuniram dois exércitos no maciço de Eifel sem que o Serviço de Inteligência dos Aliados os visse uma vez sequer. Por meio de judicioso emprego que fizeram das comunicações via rádio, induziram o G-2

de Eisenhower a fixar a atenção nas Ardenas, à espera de um possível contra-ataque alemão (ninguém entre os Aliados pensou um minuto sequer na idéia de que uma contra-ofensiva alemã fosse possível). Seis meses antes, na véspera do Dia D, Eisenhower e seus oficiais conseguiram fazer uma interpretação quase perfeita da ordem de batalha alemã na Normandia. Já em dezembro, na véspera do ataque alemão, a interpretação que Eisenhower e seus oficiais conseguiram fazer da ordem de batalha dos alemães foi grosseira e imprecisa.

Além disso, os Aliados deixaram-se enganar profundamente quanto à vontade de lutar dos alemães, à situação de seus equipamentos bélicos, à ousadia de Hitler e à capacidade dos oficiais alemães em manobras ofensivas (os generais americanos no acampamento dos Aliados não tinham nenhuma experiência em operações de defesa contra ofensivas alemãs).

O resultado disso foi a maior das batalhas na linha de frente da Europa Ocidental na 2ª Guerra e o maior de todos os confrontos experimentados pelo 52 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 422.

exército americano. As perdas humanas foram assustadoras: dos 600 mil

soldados americanos envolvidos, quase 20 mil foram mortos, outros 20 mil foram capturados e 40 mil foram feridos. Duas divisões de infantaria foram aniquiladas; numa delas, a 106ª, 7.500 soldados se renderam, a maior rendição em massa na guerra contra a Alemanha. Quase 800 tanques americanos Sherman e outras viaturas blindadas foram destruídos.

A batalha começou no amanhecer frio e nevoento de 16 de dezembro.

Os alemães lograram rupturas em muitos pontos nas fileiras escassamente defendidas do VIII Corpo de Exércitos. Hitler contara com o mau tempo para anular a maior vantagem dos Aliados, o poderio aéreo (em terra, tanto em número de homens quanto em veículos blindados, os alemães superavam os americanos). Hitler contava também com o fator surpresa, que foi alcançado, como disse, e com uma reação lenta por parte dos americanos. Ele calculou que Eisenhower levaria dois ou três dias para conhecer a magnitude do esforço que os alemães estavam fazendo, mais dois ou três para persuadir seus superiores a deslocar as forças ofensivas dos Aliados do norte e do sul das Ardenas e depois mais dois ou três para começar a receber reforços significativos para a batalha. A essa altura, ele esperava que as forças blindadas alemãs estivessem em Antuérpia.

Mas suas últimas suposições estavam erradas. Na manhã do dia 17 de dezembro, Eisenhower tomou decisões críticas para a batalha inteira e fez isso sem consultar ninguém fora de seu corpo de assessores. Ele determinou que os cruzamentos rodoviários da cidade de Bastogne eram pontos que deveriam ser defendidos a qualquer custo. (Bastogne fica numa área relativamente plana na região predominantemente acidentada e montanhosa das Ardenas, razão pela qual as estradas da região convergem para aquela cidade.) Por causa de suas ofensivas no norte e no sul das Ardenas, Eisenhower não dispunha de nenhuma reserva estratégica, mas tinha a 82ª e a 101ª, unidades que estavam descansando e ressuprindo-se, e das quais, portanto, ele podia dispor. Então, ele decidiu usar os pára-quedistas para tapar os buracos em suas fileiras e defender Bastogne.

Eisenhower acabou de vez com as suposições de Hitler pondo em jogo sua arma secreta. Numa época em que a maior parte do exército alemão ainda era movida a tração animal, os americanos tinham milhares e milhares de caminhões e carretas na França. Eles estavam sendo usados para transportar tropas, material bélico e gasolina das praias da Normandia para a frente de batalha. Eisenhower ordenou que interrompessem tudo que estivessem fazendo e começassem a levar

reforços para as Ardenas.

O cumprimento dessa ordem só pode ser considerado incrível. Só em 17

de dezembro, 11 mil caminhões e carretas transportaram 60 mil soldados, além de munição, gasolina, medicamentos e outros materiais, para as Ardenas. Na primeira semana de batalha, Eisenhower conseguiu levar 250 mil soldados e 50

mil veículos para a batalha. Essa operação foi uma mistura de mobilização e vingança. Foi um cometimento sem precedentes na história das guerras. Nem mesmo no Vietnã, nem mesmo na Guerra do Golfo, em 1991, o exército americano conseguiu mobilizar tantos soldados e tantos equipamentos tão rapidamente.

A Companhia E teve o seu papel nesse drama gigantesco graças ao Corpo de Transportes e seus motoristas, a maioria deles soldados negros do famoso Red Bal Express. Às 20h30 do dia 17 de dezembro, as ordens de Eisenhower para que a 82ª e a 101ª seguissem para o norte, em demanda de Bastogne, chegaram ao QG das divisões. Elas foram repassadas aos regimentos, batalhões e companhias — preparem-se para o combate, os caminhões chegarão pela manhã; vamos partir.

— Eu não — disse Gordon. — Estou me preparando para jogar a partida de futebol no Natal.

— Não, você não vai jogar — tornou o tenente Dike. E os preparativos começaram num ritmo frenético. Mourmelon não tinha depósito de munição; a tropa ficara apenas com a munição que havia trazido da Holanda, mas agora não havia nenhuma. A Easy não tinha ainda todo o seu efetivo ou seu equipamento completo. Alguns soldados não tinham capacete (mas tinham capacete para jogar futebol americano, embora não fosse de aço). A companhia estava precisando de algumas metralhadoras e operadores. A tropa não tinha recebido roupas de inverno. Suas botas não eram forradas ou resistentes a intempéries. Não tinha também ceroulas de inverno ou meias de lã longas. Ela tratava de arranjar o que fosse possível, mas não conseguia muito. Até mesmos as rações K eram escassas.

Desse modo, quando a Easy partiu de encontro às Wehrmacht para enfrentar a última e maior das ofensivas alemãs, a companhia estava estressada,

inadequadamente equipada e insuficientemente armada.

Além disso, tinha saído no cumprimento de uma operação às cegas. Uma vez que nem mesmo o general McAuliffe sabia o destino da 101ª até então, obviamente o coronel Sink não tinha informações para repassar ao capitão Winters, que, por sua vez, não tinha como fazer isso em relação ao tenente Dike.

Tudo que sabiam era que os alemães tinham provocado um enorme buraco na linha, que as forças americanas estavam em retirada, que alguém tinha de tapar esse buraco e que esse alguém era o Corpo de Exércitos Aerotransportados.

O tempo impossibilitava uma operação de salto, e, em todo caso, era de duvidar que fosse possível reunir um número suficiente de C-47s com bastante rapidez para suprir essa necessidade. Mas o Corpo de Transporte de Tropas, agindo com o máximo de presteza, reuniu seus caminhões espalhados por toda a França, principalmente na região entre Le Havre e Paris. A polícia do exército parava os caminhões, as tropas do Serviço de Intendência os descarregavam, e os motoristas — muitos dos quais havia muito que estavam na estrada e precisavam urgentemente de descanso — recebiam ordens de que deveriam seguir para o quartel de Mourmelon sem parar para nada.

A operação iniciou-se ao anoitecer do dia 17 de dezembro. Por volta das 9 horas do dia seguinte, os primeiros caminhões e as carretas começaram a chegar a Mourmelon. O restante dos 380 caminhões necessários ao transporte dos 11 mil soldados da 101ª chegou ao acampamento às 17h20. Em torno das 20

horas, o último combatente foi embarcado.

Pouco antes de a Easy partir, Malarkey entrou em pânico. Ele se lembrou de que tinha 3.600 dólares na pochete. Ele pediu ajuda ao tenente Compton; este o pôs em contato com um oficial-fiscal da divisão, que disse a ele que depositaria o dinheiro e que, se ele fizesse isso, Malarkey somente poderia reavê-lo quando fosse dispensado. Malarkey achou isso ótimo; ele entregou o dinheiro e pegou o recibo. Depois, subiu no caminhão feliz com a idéia de que, depois da guerra, poderia voltar para a University of Oregon sem ter de lavar pratos para poder estudar.

— Ficamos espremidos como sardinhas enlatadas — observou o praça Freeman.

O capitão Winters propôs uma imagem diferente:

— Você ficava como um animal lá dentro; eles nos espremiam na carreta como se ela fosse um vagão de transporte de gado.

Quando os caminhões partiram, Carson começou a pensar no treinamento para a partida de futebol, que ele aguardava com grande expectativa e satisfação, em contraste com a situação então, e começou a cantar What a Difference a Day Makes.

Os caminhões não tinham assentos, e muito pouco do que se poderiam chamar de amortecedores. Toda curva que eles faziam jogava os soldados de um lado para o outro; e toda irregularidade da estrada jogava estes para cima. Isso lhes castigava os rins — o alívio vinha somente quando os caminhões paravam para coligar o comboio — e as pernas. Os caminhões seguiram com as luzes acesas até alcançar a fronteira com a Bélgica, risco calculado assumido em prol da velocidade.

Enquanto os pára-quedistas transportados por caminhões estavam na estrada, o comando do VIII Corpo de Exércitos decidiu onde empregá-los. A 82ª

iria para o setor norte da penetração, perto de St.-Vith. A 101ª seguiria para Bastogne.

Os caminhões que transportavam a Easy pararam a alguns quilômetros de Bastogne. Os soldados saltaram — saíram pela retaguarda, segundo eles —, fizeram suas necessidades, relaxaram, resmungaram e formaram colunas para marchar até Bastogne. De onde estavam, podiam ouvir o tiroteio. — Lá vamos nós outra vez — disse o praça Freeman.

As colunas seguiram pelas beiras da estrada, em direção à linha de batalha; em dado momento, viram as tropas americanas derrotadas vindo na direção delas pelo meio da estrada, fugindo da frente de batalha desordenadamente, como uma turba em polvorosa. Muitos desses soldados tinham jogado fora seus fuzis, seus casacos, tudo que lhes fosse estorvo. Alguns estavam em pânico, cambaleantes, exaustos, e gritavam:

— Corram! Corram! Eles os matarão! Matarão vocês! Eles têm tudo, tanques, metralhadoras, poderio aéreo, tudo!

— Eles não sabiam o que estavam dizendo — ponderou o capitão Richard Winters. — Foi patético. Ficamos envergonhados.

Quando a Easy e as outras companhias do 2º Batalhão entraram e saíram marchando de Bastogne (seus habitantes lhes ofereceram café quente, não mais que isso), a preocupação dominante na mente dos soldados era a munição. —

Onde está a munição? Não podemos lutar sem ela. — Eles conseguiram alguma com os combatentes em debandada. — Você tem munição? — perguntavam os pára-quedistas aos que não se revelavam vítimas de pânico total. — Claro, amigo, com todo prazer. (Gordon viu com ironia o fato de que, quando entregavam a munição, a tropa em retirada se eximia de qualquer obrigação de ficar e lutar.) —

Ainda assim, a Easy marchou sem munição suficiente em direção aos estampidos da batalha.

Nas cercanias de Bastogne, lançados para o norte, os ribombos do fogo da artilharia aumentavam. Em pouco tempo, começaram a distinguir os tiros de armas leves. — Onde está essa porcaria de munição?

O segundo-tenente George C. Rice, do S-4 da Equipe Desobry do Comando de Combate B, 10a Divisão Blindada (que tinha ficado para trás em razão da forte pressão que sofrera de Noville a Foy), soube da falta de munição.

Ele subiu em seu jipe e foi até Foy, onde encheu o veículo com caixas de granadas de mão e munição de fuzis M-1; depois partiu e encontrou a coluna quando ela saía de Bastogne. Quando distribuía o material enquanto os soldados passavam por ele, percebeu que a necessidade da tropa era muito maior. Ele voltou para o depósito de munição em Foy, achou um caminhão, encheu-o e ao jipe com armas e mais munição, voltou ao encontro da coluna e fez que seus homens as distribuíssem à vontade. Oficiais e soldados puseram-se de quatro para pegar os pentes de M-1. O barulho do tiroteio combinado com o pânico estampado no rosto dos soldados americanos em retirada deixou claro que eles precisariam de todas as balas que pudessem pegar. O tenente Rice providenciou para que elas continuassem a chegar até que todos os soldados tivessem tudo que pudessem carregar.53

À medida que a Easy se aproximava de Foy, o barulho dos disparos ia aumentando. O 1º Batalhão do 506° estava lá na frente, em Noville, envolvido

53 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 462.

num combate feroz, tomando uma surra. O coronel Sink decidiu levar o 3º

Batalhão para Foy e usar o 2º Batalhão para proteger seu flanco direito. A Easy entrou numa área de bosques e campos abertos, com seu flanco esquerdo voltado para o lado leste do eixo Bastogne-Foy-Noville. A Companhia Fox estava à sua direita, com a Dog na reserva.

Ribombos e estampidos tornavam-se mais intensos. Na retaguarda, ao sul de Bastogne, os alemães estavam prestes a cruzar a rodovia e fechar o cerco da região de Bastogne. A Easy não tinha o apoio de artilharia nem de forças aéreas.

Sua comida, sua munição e outros equipamentos necessários eram escassos, e ela não tinha nenhuma roupa de inverno, embora a temperatura tivesse começado a cair para abaixo de zero. Mas, graças ao segundo-tenente Rice, ela dispunha de granadas e munição de M-1.

O Currahee fala sobre isso pela Easy, pelo 2º Batalhão, pelo 506°: “Não estamos lá muito contentes por estar aqui. Correm boatos de que os Krauts estão em toda parte e golpeando firme. Nem nos passa pela cabeça a idéia de uma retirada. Isso não existe mesmo. Portanto, você abre sua trincheira com cuidado e boa profundidade e espera, não pelo super-homem mítico, mas pelo inimigo que você derrotou duas vezes e derrotará novamente. Primeiro, você olha para a esquerda; depois, para a direita, para os colegas, que também se preparam. Você se sente confiante com o Bill ao lado, pois sabe que pode confiar nele.”



11

“Eles nos Cercaram — Esses Coitados”

BASTOGNE

19-31 de dezembro de 1944

Em 19 de dezembro, a Easy foi para a linha de fogo ao sul de Foy como parte do anel de defesa de Bastogne. Aliás, ela foi um dos postos de suprimento no anel. Dentro do anel, estavam a 101ª DIA, o Comando de Combate B da 10a Divisão

Blindada, além do 463° Batalhão de Artilharia de Campanha. Os alemães lançaram contra essa força nada menos que 15 divisões, quatro delas blindadas, apoiadas por artilharia pesada.

O combate foi furioso e de alto custo. Nos dias 19 e 20, o 1º Batalhão do 506°, apoiado pela Equipe Desobry da 10ª Divisão Blindada, travou combate com a 2ª Divisão de Panzer em Noville, a nordeste de Foy. Quando, no dia 19, o batalhão se retirou, tinha perdido 13 oficiais e 199 recrutas (de cerca de 600).

Juntamente com a Equipe Desobry, ele destruíra pelo menos 30 tanques do inimigo e causara-lhe entre quinhentas e mil baixas. Porém, o mais importante de tudo é que deteve o inimigo por 48 horas, enquanto a defesa era estabelecida em torno de Bastogne.

A Easy e outras companhias precisavam muito desse tempo, já que a situação no perímetro da defesa era instável e confusa. O lado esquerdo da Easy ficava voltado para o eixo Bastogne-Noville e se ligava ao 3º Batalhão, do outro lado. A Companhia Dog, posicionada no flanco direito do 2º Batalhão, tinha seus membros distribuídos até a estação ferroviária de Halt, mas não estabeleceu contato com o 501° RIP. Winters preocupava-se com o fato de que talvez o batalhão não estivesse na posição certa; ele enviou Nixon de volta ao QG do regimento para confirmar isso; Nixon voltou dizendo que o batalhão estava no lugar esperado.

A posição da Companhia E era num bosque que dava vista para um campo de pasto que se inclinava na direção da vila de Foy, distante dali cerca de um quilômetro. As árvores eram pinheiros, que tinham de 20 a 25 centímetros de diâmetro, enfileiradas. A tropa abriu trincheiras para formar uma Linha de Resistência Principal (LRP), que se estendia alguns metros pelo bosque adentro, com postos avançados na beira. Winters estabeleceu o QG do batalhão logo atrás da companhia, na borda sul do bosque. A primeira noite na LRP foi tranqüila, pacífica mesmo; o combate ocorria ao Norte, em Novil e, a 4 quilômetros dali.

Ao amanhecer do dia 20 de dezembro, uma neblina pesada caiu sobre o bosque e os campos. Winters se levantou e olhou em volta. À esquerda, viu um soldado alemão com seu longo sobretudo invernal surgir do bosque. Ele não tinha fuzil, nem mochila. Ele caminhou até o centro de uma clareira. Dois homens que acompanhavam Winters levaram seus fuzis ao ombro, mas ele lhes fez sinal para que não atirassem. Os americanos ficaram observando o alemão e o viram tirar o

sobretudo, arriar as calças, agachar-se e defecar. Quando ele terminou, Winters bradou, usando o melhor de seu alemão: ‘“Kommen sie hier!”54 O soldado pôs as mãos ao alto e caminhou até eles para se render.

Winters examinou-lhe os bolsos; tudo o que ele tinha eram algumas fotografias e a ponta de uma bisnaga de pão de centeio duro.

54 “Venha aqui!” (N.T.)

— Imagine só — Winters observou. — Nas primeiras horas da manhã, um soldado alemão sai para dar uma cagada, perde-se no bosque, atravessa nossas linhas, passa pelo posto de comando (PC) da companhia e acaba indo parar atrás do posto de comando do batalhão! Uma senhora linha de defesa aquela que estabelecemos naquela primeira noite!

Não foram somente os soldados alemães que se perderam nesse dia. O

socorrista Ralph Spina e o praça Ed “Babe” Heffron voltaram a Bastogne para arranjar alguns suprimentos médicos. No posto de socorro, Spina conseguiu parte daquilo de que precisava (a 101ª já estava ficando sem suprimentos médicos, um problema grave). Os dois membros da Companhia E conseguiram uma refeição quente e, embora odiassem a idéia de afastar-se do fogão, com a noite chegando, partiram de volta para a linha.

Heffron sugeriu que pegassem um atalho através de um bosque. Spina aceitou a sugestão. Heffron seguiu na frente. De repente, ele caiu num buraco.

Houve um grito de surpresa. Em seguida, ouviram uma voz soar alto por baixo de Heffron: — Hinkle, Hinkle, ist das du?55

Heffron saiu rapidamente da trincheira e voltou correndo por onde viera, gritando: — Hinkle é o seu rabo, seu Kraut! — Ele e Spina conseguiram reorientar-se e acabaram achando o posto de comando da Companhia E.

(Spina, lembrando-se do incidente, disse: — Até hoje, toda vez que me encontro com Babe, pergunto a ele como Hinkle tem passado ou se ele o tem visto ultimamente.)

Os socorristas eram os soldados mais populares, respeitados e admirados na

companhia. Suas armas eram kits de primeiros socorros; sua posição na linha de combate era qualquer lugar em que houvesse o chamado de socorro de um soldado ferido. O tenente Foley fez um elogio especial ao praça Eugene Roe.

55 “Hinkle, Hinkle, é você?” (N.T.)

— Ele estava lá quando se precisava dele, e como ele chegava “lá”

ninguém sabia. Ele jamais foi reconhecido por sua bravura, pelo atendimento heróico que prestava aos feridos. Eu o indiquei para receber a condecoração de uma Estrela de Prata depois de um tiroteio devastador, no qual os feitos dele foram notáveis. Talvez eu não tenha usado as palavras corretas ou me expressado bem; talvez o tenente Dike não tenha aprovado a indicação, ou pode ser que ela tenha sido rejeitada ao longo do trâmite concessionário. Não sei. Tudo que sei é que, além dos que lutaram contra a neve e o frio e nos muitos ataques através de campos abertos e em bosques, se existe alguém que merece tal medalha, esse alguém era o nosso socorrista, Gene Roe.

Em 20 de dezembro, o que restou do 1º Batalhão do 506° e da Equipe Desobry se retirou de Noville e seguiu para a reserva. A Companhia E ficou aguardando um ataque que não veio; os prejuízos causados pelo 1º Batalhão foram tão grandes que os alemães lançaram seus ataques em outros setores do perímetro defensivo. A Companhia E sofreu bombardeios de artilharia e de morteiros, mas nenhum ataque de infantaria.

Em 21 de dezembro, nevou, neve suave, seca. E não parou: 15

centímetros, 30 centímetros. A temperatura caiu bem abaixo de zero, o vento aumentou, mesmo no bosque. Os soldados sentiam frio como jamais haviam sentido em suas vidas. Tudo que tinham como agasalho eram suas botas de pára-quedista e fardamento de batalha, com sua jaqueta de trincheira. Nada de meias de lã, nada de longas ceroulas. Alguns mensageiros foram até Bastogne e voltaram com sacos de farinha e lençóis, que agasalhavam um pouco e serviam como camuflagem. Nas trincheiras e nos postos avançados, os combatentes envolviam o corpo em cobertores e enchiam as botas de estopa. A estopa sorvia a neve, as botas ficavam encharcadas, as meias umedeciam, o frio chegava até os ossos. Tremer de frio era tão comum quanto respirar. Os soldados pareciam as tropas de George Washington em Valley Forge, à exceção do fato de que o inimigo estava atirando contra eles, de que não tinham cabanas e de que não

podiam nem pensar em ter fogueiras para se aquecer.56

O coronel Ralph Ingersol , oficial do serviço de inteligência do I Exército, nos fala do frio penetrante: — Num giro de viatura pelas Ardenas, usei roupas íntimas de lã e um uniforme também de lã, um macacão e uma jaqueta de campanha das unidades blindadas com punhos de elástico, uma suéter, um cachecol, uma capa de campanha impermeável e densamente forrada, dois pares de grossas meias de lã e botas de combate com galochas por cima — e não consigo lembrar-me de ter me sentido agasalhado.

Para os membros da Companhia E, sem meias decentes e galochas, com os pés sempre frios e úmidos, o pé-de-trincheira tornou-se um problema rapidamente. O cabo Carson lembra-se de que lhe haviam ensinado que o pé-de-trincheira podia ser evitado fazendo-se massagem nos pés. Assim, em certa ocasião, ele tirou as botas e começou a massageá-los. Nisso, o inimigo disparou um projétil que atingiu uma árvore cujos galhos ficavam acima de sua trincheira.

Lascas de madeira rasgaram-lhe os pés e perfuraram sua coxa. Ele foi evacuado para Bastogne.

No hospital montado na cidade, “olhei em volta e jamais vi tantos homens feridos. Chamei um socorrista e disse a ele: ‘Ei, por que temos tantos feridos aqui? Ninguém está sendo evacuado?’”

— Você não soube? — respondeu o socorrista.

— Não soube de nada.

— Eles nos cercaram — esses coitados.

O general McAuliffe providenciou para que os feridos tivessem bebida alcoólica para aliviar-lhes o sofrimento. Um socorrista deu a Carson uma garrafa 56 Ralph Ingersoll, Top Secret (Nova York: Harcourt Brace, 1946).

de crème de menthe.

— Eu nem sequer sabia o que era aquilo, mas até hoje gosto de crème de menthe.

A Luftwaffe bombardeou a cidade à noite. Carson lembra-se de que ficou de quatro para se proteger da concussão e do que sentira por isso.

— Agradeço a Deus por aquele capacete. Eu já tinha tomado a metade daquele crème de menthe. Ficou tudo verde no meu capacete.

Durante a maior parte do tempo, tudo o que os membros da Companhia E tiveram para comer foram rações K, e apenas uma quantidade insuficiente delas tinha sido distribuída em Mourmelon. Os cozinheiros da companhia tentavam levar-lhes refeições quentes ao anoitecer, mas, quando chegavam às trincheiras, a comida estava fria. Elas consistiam, principalmente, de feijão-branco, que, de acordo com o sargento Rader, "causava ânsia de vômito que era difícil de controlar". O cozinheiro Joe Domingus achou um pouco de manteiga e fubá, com os quais fez bolinhos fritos, que também chegavam às trincheiras duros como pedras por causa do frio. A tropa misturava com neve o conteúdo do pacotinho de limonada de suas rações K para fazer sobremesa.

Na linha de frente, os dias eram horríveis, e as noites, ainda piores. Os bombardeios não eram contínuos, os tiros de metralhadora feitos contra os americanos eram esporádicos, mas os atiradores de elite atuavam o dia inteiro. À

noite, o silêncio sinistro era interrompido pelos enervantes e arrasadores morteiros do inimigo, seguidos pelos gritos dos feridos e de tomada de posições como preparativo para o lançamento de um ataque. Em seguida, o silêncio sinistro voltava a imperar.

A cada duas horas, os sargentos de pelotão acordavam dois combatentes na trincheira e os levavam até o posto de comando para render os soldados de serviço.

— As idas até o PC eram sempre sinistras — avalia Christenson. — Você olhava para todas as silhuetas com desconfiança, receoso de todos os ruídos.

Relutante, você se aproximava do PC. As silhuetas dos combatentes em suas posições não permitem que os reconheçamos. . São alemães? O suspense é sempre o mesmo. . Por fim, você reconhece um capacete americano. Sentindo-se um tanto ridículo, mas também aliviado, você se vira e volta para a linha principal, apenas para repetir todo o processo duas horas depois.

Nas trincheiras, os soldados tentavam dormir um pouco, mas isso era entre difícil e impossível, em razão da exigüidade do espaço (geralmente, elas tinham 1,82 metro de comprimento por 60 centímetros de largura, com pouco mais de 90 centímetros ou 1,21 metro de profundidade, para dois soldados). Pelo menos, o fato de ficarem juntos ajudava os combatentes a se aquecer. Heffron e o praça Al Vittore conseguiram dormir a segunda noite inteira. Heffron acordou quando o praça Vittore jogou a pesada perna sobre o corpo dele. Quando Vittore começou a alisar o tórax de Heffron, este lhe deu uma cotovelada no estômago.

Vittore acordou e exigiu um explicação para o que estava acontecendo. Quando Heffron começou a soltar o verbo nele, Vittore sorriu e disse que estivera sonhando com a esposa.

— Al — replicou Heffron —, não posso ajudá-lo, já que estou com botas de combate, calças de pára-quedistas e o casaco de campanha, e não consigo tirá-los.

Em outras trincheiras, a tropa conversava para aliviar a tensão. O

sargento Rader e o praça Don Hoobler eram da mesma cidade, situada às margens do rio Ohio.

— Don e eu conversávamos a noite inteira sobre o lar, nossas famílias, pessoas e lugares, e nos perguntávamos o que estávamos fazendo num apuro como aquele.

Spina lembra-se de que conversava com o colega de trincheira sobre

“política, sobre problemas mundiais e também sobre os problemas de nosso país.

Desejosos de poder tomar um drinque ou comer uma refeição quente, de preferência nessa ordem. Conversávamos sobre o que faríamos quando voltássemos para casa, sobre uma viagem a Paris dali a algumas semanas, para a farra. Mas falávamos principalmente de casa”.

O sargento Toye, de volta do hospital, não gostava do silêncio noturno entre os intervalos dos ataques de morteiro. Para quebrar o silêncio, ele cantava.

I’ll Be Seeing You era a favorita dele. Heffron dizia a ele que parasse com aquilo, pois os Krauts o ouviriam com certeza. Toye continuava a cantar. De

acordo com Heffron, “Joe era muito mais soldado do que cantor”.

Ficar nas trincheiras da linha de combate era ruim; ficar no posto de observação (PO) era pior, mas participar de uma missão de patrulha à procura de combates era pior que tudo. No entanto, isso tinha de ser feito. Foi a incapacidade do VIII Corpo de Exércitos de realizar missões de patrulha agressivas, em razão de sua insuficiência de efetivo, que resultou na surpresa de 16 de dezembro, quando os alemães atacaram com uma força muito maior do que alguém entre os Aliados conseguira prever.

Em 21 de dezembro, o tenente Peacock enviou o sargento Martin a várias trincheiras do 1º Pelotão. Com todas elas abrigando um sargento e um cabo, Martin anunciava: — Quero que todos os graduados voltem para o PC —agora.

Os combatentes se reuniram. O tenente Peacock, o líder do pelotão, tenso como sempre, acabou com as reclamações: — Descansar. O batalhão quer que um pelotão participe de uma missão de patrulha, e nós fomos o pelotão escolhido — anunciou e fez uma pausa. Ninguém disse nada. Peacock prosseguiu: — Sabemos que os Krauts estão no bosque na frente de nossa LRP, mas ignoramos quantos eles são ou onde estão situados sua LRP e seus POs.

Nossa missão será obter essas informações e fazer alguns prisioneiros, se possível.

Nisso, lançaram sobre ele uma saraivada de perguntas. — Qual o plano de ataque? — perguntou o sargento Christenson, líder do 1º Esquadrão.

— Como os esquadrões serão posicionados? — perguntou o sargento Muck, do esquadrão de morteiros.

— O que acontece quando perdemos contato naquele bosque? —indagou o sargento Randleman, líder do 2º Esquadrão.

Peacock não tinha resposta pronta. — Vocês saberão mais a respeito do que faremos quando alcançarmos o bosque — foi tudo em que pôde pensar para dar como resposta. “Filho da mãe”, pensou Christenson consigo mesmo. Vai ser outra operação confusa, sem o mínimo de informação.

— Partiremos às 13 horas — Peacock disse por fim.

“Merda”, pensou Christenson. “Estamos sendo liderados pelo Senhor Indecisão em pessoa; penetrar nas linhas alemãs sem um bom plano é um erro tático tremendamente grosseiro.” Mas, quando ele se juntou ao seu esquadrão, guardou seus pensamentos para si mesmo. Ele disse à tropa que pegasse munição e estivesse preparada para partir às 13 horas.

Às 12 horas, o 1º Pelotão recuou alguns metros da LRP e reuniu-se em torno do capelão Maloney, que tinha iniciado a comunhão. Ele anunciou que estava ministrando a remissão de pecados. Depois de dar a hóstia aos soldados que quiseram recebê-la, desejava-lhes “boa sorte”.

Pouco antes das 13 horas, o pelotão se reuniu no bosque atrás da LRP.

De repente, Peacock olhou para Christenson “como um coelho assustado”. Ele não tinha ordens especiais para dar nem apresentou nenhum esclarecimento sobre um possível plano. Ele simplesmente anunciou: — É isso aí, pessoal, vamos lá.

O pelotão seguiu para a extremidade do flanco direito do batalhão, ao longo da estrada de ferro. Ele atravessou a posição da Companhia D e começou a avançar em direção aos alemães, com a estrada de ferro à direita e o bosque à esquerda. Seu avanço era lento, em coluna, com paradas freqüentes. Quando estavam a uns 200 metros além da LRP, Peacock chamou os graduados e lhes transmitiu suas ordens: cada um dos esquadrões deveria formar colunas de dois homens, ombro a ombro, despachar dois batedores na frente e seguir para o bosque até que o contato fosse feito.

O pelotão lançou-se rapidamente bosque adentro. Logo depois, as colunas perderam contato entre si, e os esquadrões, com os batedores. A neve estava fofa e não produzia ruído. O silêncio era total. Mas foi interrompido pela rajada de uma metralhadora alemã. O praça John Julian, batedor do 2º Esquadrão, foi atingido no pescoço, e o praça James Wel ing, batedor do 3º Esquadrão, também foi ferido.

Os operadores de metralhadora da Easy montaram suas armas e prepararam-se para revidar. O praça Robert Burr Smith, do 1º Esquadrão, abriu fogo, lançando uma rajada de metralhadora na direção da base de tiro do alemães.

Quando fez uma pausa, os alemães revidaram, outra rajada. Nisso, Christenson chamou Martin aos gritos. Não houve resposta. Randleman. Também não.

Peacock. Nada. A resposta que recebeu foi apenas mais disparos das armas alemãs.

“O 1º Pelotão foi dizimado!”, pensou Christenson. Ele gritou novamente.

Bull Randleman avançou pelo bosque para responder-lhe. — Você viu Martin ou Peacock? — Randleman respondeu que não. Outra rajada de metralhadora entre as árvores.

— Temos que fazer algo — advertiu Randleman. Ele se juntou a Chris nas chamadas a Martin. Nenhuma resposta. — Vamos dar o fora daqui — Chris sugeriu. Bull concordou com ele. Eles deram a ordem à tropa e bateram em retirada para a estrada de ferro. Lá, encontraram Martin. Peacock e o restante do pelotão.

A missão de patrulha não tinha tido muito sucesso. O 1º Pelotão descobrira a LRP dos alemães e soube que os POs destes estavam escassamente guarnecidos e dispersos, mas ele havia tido uma baixa fatal (Julian) e uma por ferimento e não tinha conseguido fazer um prisioneiro. A unidade passou a noite tremendo de frio nas trincheiras, comendo feijão frio e bolinhos fritos, perguntando-se se o tempo melhoraria, de forma que a 101ª pudesse ser reabastecida por via aérea.

Os dias seguintes foram quase a mesma coisa. A Companhia E enviava missões de patrulha, e os alemães faziam o mesmo. Ataques ocasionais com morteiros. Fogo de metralhadora esporádico. Frio cortante. Suprimentos médicos inadequados. Comida fria e insuficiente. A tremedeira constante provocava gasto de energia, que não era reposta. Os soldados não tinham períodos de sono satisfatório. Os graduados quase não dormiam. A situação era de sobrevivência ou morte, e as reações eram lentas, em razão dos membros quase congelados.

A explosão de projéteis entre as árvores lançava uma chuva de lascas, galhos, troncos e metal sobre as trincheiras. Para proteger-se, a tropa tentou cobri-las com troncos de árvore, mas, já que não tinha machados, a tarefa era muito difícil. Um dos soldados resolveu o problema pondo um ou dois

“presuntos” alemães sobre sua trincheira.

Contudo, o fato mais inquietante era a incapacidade da artilharia americana para revidar o bombardeio alemão ou anular as ações do inimigo. Os homens do PO da Companhia E ficavam observando com inveja os caminhões e tanques

alemães chegar à linha de frente e depois se retirar, trazendo projéteis e comida, de que os americanos sentiam tanta falta. Em Bastogne, os americanos tinham muitas armas, inclusive obuses de 105 e 155 milímetros. Eles foram usados durante os primeiros dias do cerco, com disparos feitos em todas as direções, para deter as tentativas dos alemães de atravessar a LRP. Mas, lá pelo vigésimo terceiro dia, os americanos ficaram praticamente sem munição. Winters lembrou-se da ocasião em que lhe disseram que, da munição da única peça de artilharia que cobria o eixo formado pela estrada Foy-Bastogne — seu flanco esquerdo —, restavam apenas três projéteis. Eles estavam sendo poupados para o caso da necessidade de enfrentar um ataque de tanques alemães lançado pela estrada. Ou seja, nem a Easy nem o 2º Batalhão tinham apoio de artilharia. E isso num momento em que a munição dos membros da companhia chegou a ser reduzida a apenas seis projéteis por morteiro, uma cartucheira por fuzileiro e uma caixa de balas para cada metralhadora.

Porém, no dia em que a neve parou de cair e o céu clareou, C-47s lançaram suprimentos, medicamentos, comida e munição. A artilharia americana voltou a entrar em ação, reduzindo a atividade diurna dos alemães e aumentando o moral na LRP. Rações K foram distribuídas, juntamente com munição. Mas as balas calibre .30 para as metralhadoras leves e os M-1s eram insuficientes para a necessidade da tropa, e as 24.406 rações K bastaram apenas para um ou dois dias.

Além disso, a quantidade de cobertores lançada não foi suficiente para agasalhar toda a tropa.

Os oficiais ficavam atentos a sinais de quebra da resistência física e psicológica. Quando Winters percebeu que o praça Liebgott estava no limite, levou-o de volta para o PC para torná-lo seu mensageiro. Isso deu a Liebgott uma chance para descansar e ficar livre da tensão reinante na LRP. “O fato de você ficar mesmo que a apenas 50 metros de distância da linha de frente fazia enorme diferença na tensão”, Winters escreveu.

A tentação de permanecer no posto quando uma patrulha partia em missão era muito forte; e ainda mais forte era a tentação de se apresentar no posto de socorro com pé-de-trincheira ou os pés e as mãos congelados, ou como um caso extremo de diarréia. “Se todos os combatentes que tinham uma justificativa legítima para deixar a LRP e voltar para o posto de socorro de Bastogne se houvessem aproveitado dessa situação”, Winters escreveu,

“simplesmente não haveria linha de frente. Nós teríamos uma linha de postos avançados.”

Era grande também a tentação de sair definitivamente da guerra por meio de um ferimento auto-infligido. A luz do dia aparecia somente às 8 horas. E a noite vinha às 16 horas. Durante as 16 horas de noite, era impossível, naquelas trincheiras congelantes (que, aliás, encolhiam à medida que a noite avançava e o solo congelava e se expandia), manter longe do pensamento a idéia de quanto era fácil dar um tiro no próprio pé.

Um pouco de dor — não muito num pé tão gelado que não se podia sentir a presença dele — e depois a evacuação para Bastogne, para um posto de socorro aconchegante, comida quente, uma cama, a fuga.

Nenhum membro da Companhia E se deixou levar por essa tentação, tentação que todos eles tiveram. Embora um deles tivesse chegado, sim, a tirar as botas e as meias para sofrer ulceração nos pés e conseguir sair dali. Mas, quanto aos outros, ou eles saíam de lá de forma legítima, ou não saíam. “Quando um soldado sofria um ferimento grave o bastante para ser evacuado, geralmente ele ficava muito feliz, e nós ficávamos felizes por ele também — ele conseguia uma passagem de ida para o hospital ou até mesmo, talvez, uma passagem de volta para casa — vivo.

Quando um deles morria — parecia ‘muito tranqüilo’. Seu sofrimento terminava”, escreveu Winters.

Às primeiras luzes da manhã da véspera de Natal, Winters fez a inspeção de sua LRP. Ele passou pelo cabo Gordon, “com a cabeça envolta numa grande toalha e o capacete por cima. Walter estava sentado na beira de sua trincheira, atrás de sua metralhadora leve. Ele dava a impressão de que estava congelado, com o olhar fixo e perdido no bosque à frente. Eu parei e voltei o olhar para ele, e, de repente, me ocorreu: ‘Caramba! Gordon amadureceu! Ele é um homem!’”

Meia hora depois, às 8h30, Gordon fez um pouco de café. Ele guardava pó de café na caixa de sua granada de mão “e eu derreti a neve com meu pequeno fogão a gás e fiz um excelente café”. Quando ele começou a bebericar, o pessoal dos postos de observação chegou com a informação de que uma força alemã estava tentando infiltrar-se nas fileiras da Companhia E. Seu líder de esquadrão, sargento Buck Taylor, disse a ele que fosse “para a metralhadora”.

Gordon tirou a neve de sua arma e da caixa de munição posta ao lado da metralhadora e disse ao seu ajudante, o praça Stephen Grodzki, que olhasse firme, que prestasse atenção nos detalhes. De repente, ouviu-se o estampido de um fuzil alemão. A bala entrou no ombro esquerdo de Gordon e saiu pelo direito. Ela atingiu sua medula espinhal, e ele perdeu os movimentos do pescoço para baixo.

Ele caiu na trincheira.

— O caneco caiu junto comigo, e a bebida quente derramou-se em meu colo. Até hoje, vejo a fumaça subindo.

Taylor e Earl McClung foram à caça do atirador de elite que atingira Gordon. Eles o acharam e mataram. Shifty Powers estava na trincheira seguinte.

Tal como Shames previra, ele havia se recuperado totalmente. Shifty era da Virgínia, homem das montanhas, parcialmente descendente de índios. Quando jovem, passava horas caçando esquilos. Ele conseguia perceber o menor movimento que fosse na floresta. De repente, ele viu um alemão numa árvore, ergueu seu M-1 e o matou.

Paul Rogers, o melhor amigo de Gordon, Jim Alley e outro membro do 3º Pelotão correram até a trincheira em que Gordon caíra. Eles o tiraram de lá e o arrastaram de volta para o bosque, tal como, nas palavras de Gordon, “se um gladiador estivesse sendo tirado da arena”. Num lugar protegido, eles o deitaram para examiná-lo. O socorrista Roe apareceu, deu uma olhada rápida e disse que o ferimento era grave. Roe aplicou morfina em Gordon e fez os preparativos para administrar plasma.

O sargento Lipton apareceu também para ver o que podia fazer.

— O rosto de Walter estava pálido como o de um defunto, e seus olhos estavam fechados — contou Lipton. — Ele parecia mais morto do que vivo.

Fazia tanto frio que Lipton teve a impressão de que o plasma fluía muito lentamente. Diante disso, ele pegou o frasco de Roe e o pôs debaixo do braço, por dentro das roupas, para aquecê-lo.

— Quando olhei para o rosto de Walter, ele abriu os olhos de repente.

“Walter, como se sente?”, perguntei. “Lipton”, ele disse num tom de voz surpreendentemente forte, “você está pisando na minha mão.” Pulei para trás, olhando para baixo. Ele estava certo. Eu estava pisando na mão dele. Um jipe, chamado pelo rádio, veio e evacuou Gordon para o posto de socorro.

O ataque alemão continuou, intensificou-se e, finalmente, foi rechaçado, com pesadas baixas, graças à combinação do fogo de fuzil e metralhadora, morteiros e granadas da Easy, habilmente apoiado pela artilharia. Depois, Lipton contou 38 corpos de alemães mortos no bosque. O tenente Welsh foi ferido e evacuado.

Na tarde da véspera de Natal, os combatentes receberam os votos de feliz Natal do general McAuliffe. ‘“Que há de feliz em tudo isto?”, vocês perguntam”, ele disse na abertura do discurso. “Simplesmente isto: nós detivemos tudo que lançaram contra nós a partir do Norte, Leste, Sul e Oeste.

Temos a identificação de quatro divisões de Panzer, duas divisões de infantaria e uma divisão aerotransportada alemãs. . Os alemães nos cercaram, seus rádios anunciaram a nossa derrocada. O comandante deles exigiu nossa rendição nos seguintes e arrogantes termos.” (Seguiu-se a mensagem de quatro parágrafos “. .

ao comandante dos Estados Unidos da América do Norte na cidade sitiada de Bastogne” do “comandante alemão”, exigindo uma “rendição honrosa para poupar de aniquilação as tropas americanas sitiadas”, datada de 22 de dezembro.) McAuliffe disse ainda no discurso: “O comandante alemão recebeu a seguinte resposta: ‘22 de dezembro de 1944. Ao comandante alemão: NECA! O

Comandante Americano.’

Estamos dando ao nosso país e aos nossos entes queridos em casa um valioso presente de Natal, e ter o privilégio de participar deste valoroso feito de armas é o mesmo que dar a nós mesmos um Feliz Natal. A. C. McAuliffe, comandante.”57

Os combatentes da linha de frente não estavam tão otimistas quanto o general McAuliffe. Eles comeram feijão-branco frio na ceia de Natal, enquanto o estado-maior da divisão teve uma ceia de peru, servido numa mesa com pano, uma pequena árvore de Natal, garfos, facas e pratos.58

Na LRP, o sargento Rader estava se sentindo péssimo com a idéia de pôr 57 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 545.

58 A página 549 de Rendezvous with Destiny tem uma fotografia dessa ceia. Os oficiais parecem tristes, mas os pracinhas que foram membros da Easy chamaram minha atenção para o ambiente opulento (embora tudo seja relativo, eles reconhecem). Um desses oficiais do estado-maior era o tenente-coronel (depois general-de-divisão) Harry W. O. Kinnard.

Vinte anos depois, numa entrevista sobre a Batalha das Ardenas, Kinnard disse: “Jamais acháramos que seríamos derrotados. Estávamos rechaçando tudo que eles lançavam contra nós. Tínhamos as casas e ficávamos aquecidos. Eles estavam fora da cidade, na neve e no frio.” Todos os sobreviventes da Companhia E me enviaram uma cópia desse artigo de jornal, com comentários abrasivos, dos quais o mais suave foi: “De que batalha ele estava participando?”

soldados de serviço no PO na véspera de Natal. Seu amigo de infância, o cabo Don Hoobler, lhe fez a seguinte sugestão: — Por que não assumimos aquele posto esta noite e deixamos a tropa dormir? Podemos dar isso a ela como uma espécie de presente de Natal. — Rader concordou com ele.

A ceia de Winters nessa noite consistiu de “cinco grãos de feijão-branco e um caneco de caldo de carne frio”.

Quando anoiteceu, eles foram para o PO. Estava muito frio lá, com um vento cortante, que dava a impressão de que a temperatura estava bem abaixo de zero.

— Passamos a noite falando de nossos lares — conta-nos Rader —, de nossas famílias, e sobre como elas estavam passando o dia de Natal. Don tinha certeza de que todos estavam numa igreja rezando por nós.

No dia de Natal, os alemães voltaram a atacar, mas, felizmente para a Companhia E, no outro lado de Bastogne. No dia seguinte, o III Exército, comandado por Patton, com o tenente-coronel Creighton Abrams, do 37°

Batalhão de Tanques, na vanguarda, rompeu as fileiras alemãs. A 101ª não estava cercada mais; ela tinha agora contato terrestre com o depósito de suprimentos americano. Pouco tempo depois, os caminhões começaram a chegar com quantidades adequadas de comida, medicamentos e munição. Os feridos foram evacuados para a retaguarda.

O general Taylor voltou dos Estados Unidos. De acordo com Winters, ele

inspecionou as linhas “muito animadamente. Suas instruções antes de partir foram: ‘Cuidado com aquele bosque lá na frente!’ Que merda ele acha que ficamos fazendo quando ele estava em Washington?”

(Winters tinha a sua opinião a respeito de Taylor. Numa entrevista, ele observou:

— . . e aí tivemos a visita do general Taylor, de volta de sua folga natalina em Washington. .

— Isso não é justo. É? — interpus. — Bem, ele recebeu ordens para voltar e apresentar relatórios. .

— Não quero ser justo — tornou Winters, cortando-me a palavra.) A ruptura do cerco permitiu a chegada de jornais. Os membros da 101ª

souberam que se haviam tornado um mito durante a batalha. Na história da divisão, constava que o mito “foi alimentado pela universalidade da imprensa e do rádio, de 10 mil mapas diários mostrando um foco de resistência em meio à contramaré humana da pior debandada de militares americanos dos tempos modernos. Ele foi alimentado também por uma nação preocupada e desejosa de encorajamento e esperança; durante várias manhãs, essa foi a perspectiva encorajadora que se lhes deparou aos olhos. E o Ministério da Guerra, mais cedo do que de costume, conseguiu identificar a divisão que estava dentro da cidade.

Portanto, antes mesmo que o sanguinário mês dessa unidade na cidade terminasse, para o mundo os membros da 101ª se tornaram os Batidos Bastardos do Baluarte de Bastogne. Todos os elementos dramáticos estavam presentes ali

— coragem em meio a sofrimento físico, frio e uma insuficiência de suprimentos quase fatal; uma exigência de rendição e uma carta de recusa com quatro letras; e amizade sincera. . Coragem e amizade combinaram-se para formar um conjunto que os alemães não conseguiram vencer.”59

Logicamente, o Comando de Combate B da 10a Divisão Blindada também estava em Bastogne, mas não foi identificado pela imprensa. E, obviamente, a 82ª DIA travou também uma batalha árdua e desesperada no setor norte das Ardenas, batalha que foi, no mínimo, tão significativa quanto a que havia sido travada em Bastogne. Mas ela não sofreu cerco e jamais ganhou a publicidade que a 101ª recebeu.

59 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 586.

Ainda assim, a 101ª teve do que se queixar. A história da Batalha das Ardenas que se narra hoje dá conta de que George Patton e seu III Exército partiram em socorro da sitiada 101ª, como se ele fosse a cavalaria mobilizada para salvar colonos encurralados em seu anel de carroças. Nenhum membro da 101ª

jamais concordou com a idéia de que a divisão precisara ser socorrida!

Com o rompimento do cerco, os membros da 101ª esperavam voltar para Mourmelon e desfrutar a bajulação do mundo e talvez comemorar o Ano-Novo em Paris. Mas a façanha heróica em Bastogne tinha sido um ato defensivo; para vencer a guerra, os Aliados teriam de retomar a ofensiva; os alemães haviam saído de suas posições físicas da Linha Siegfried e ficaram vulneráveis; Eisenhower queria aproveitar-se disso. Mas o problema de insuficiência de tropas nos meados de dezembro continuou inalterável no fim do mês. A dura realidade era que os alemães superavam numericamente os Aliados na frente de batalha da Europa Ocidental. Os Estados Unidos não tinham formado uma quantidade suficiente de divisões de infantaria para combater numa guerra com duas frentes.

Isso era conseqüência da decisão tomada pelo governo antes da guerra de ser generoso com a liberação do uso de mão-de-obra na indústria e na agricultura e de abster-se de recrutar pais de família. Havia também escassez de projéteis de artilharia, provocada por uma decisão tomada em setembro — quando se achava que a guerra na Europa terminaria numa questão de semanas — de rebaixar a importância da produção de projéteis na lista de prioridades industriais. Para passar a uma ofensiva geral, tal como decidira fazer, Eisenhower precisava da 101ª e da 82ª na linha de frente.

Era uma questão de tempo. Eisenhower queria atacar antes mesmo da véspera do Ano-Novo, mas Monty, comandando as forças (todas americanas) no setor norte das Ardenas, mostrou-se indeciso, estremeceu e apresentou pretextos.

Assim, não houve o ataque.

Para a Companhia E, isso significou a necessidade de ficar na linha. As condições melhoraram um pouco — a tropa recebeu galochas e ceroulas, e, de

vez em quando, comida quente. Mas o frio continuou, a neve não foi embora, os alemães atacaram a companhia com fogo de morteiro e artilharia diariamente, missões de patrulha tiveram de ser montadas, e patrulhas alemãs rechaçadas.

Em 29 de dezembro, a Companhia E encontrava-se no mesmo bosque que ocupara durante nove dias. Com o tempo claro, a tropa em serviço no PO

conseguia ver Foy e Novil e lá embaixo, separadas por campos abertos e ao longo da estrada de cerca de 2 quilômetros ao norte.

Shifty Powers deixou um PO e foi apresentar um relatório ao primeiro-sargento Lipton. — Sargento — ele disse —, há uma árvore em Noville que não estava lá ontem. — Powers não tinha binóculos, mas Lipton sim. Ao usá-lo para verificar o que Powers relatara, Lipton não viu nada de estranho, mesmo depois que Powers lhe indicou com exatidão o local.

Um das razões pelas quais Lipton teve dificuldade para localizar a árvore era que ela não estava sozinha; havia outras ao longo da estrada naquela área.

Lipton ficou em dúvida, mas Powers insistia em dizer que ela não estava lá no dia anterior. Diante disso, Lipton estudou mais detidamente o local com os binóculos. E acabou vendo certo movimento perto da árvore e depois mais algum debaixo de outras árvores ao redor dela. Foi quando viu canos de canhões

— aparentemente, de 88s, já que estavam mais voltados para o céu e que os 88s, além de serem usados como peça de artilharia terrestre, eram a arma antiaérea alemã mais comum. Lipton percebeu que os alemães estavam montando uma bateria antiaérea entre as árvores e haviam usado a árvore que Powers avistara como parte da camuflagem deles.

Lipton pediu a presença de um observador de artilharia avançado pelo rádio. Quando ele chegou, viu o que Powers e Lipton tinham visto. Ele pegou o rádio e entrou em contato com a guarnição de uma bateria de canhões de 105

milímetros em Bastogne. Quando fez a descrição do alvo, não teve o menor problema em obter autorização para lançar contra o inimigo todo o fogo possível da bateria, apesar da pouca quantidade de munição de projéteis de artilharia.

Para lograr um tiro certeiro, o observador usou seu mapa, conseguiu localizar a posição colimada e solicitou um disparo contra ela, que ficava a cerca de 300

metros das árvores, à direita. Um canhão fez o disparo e acertou o alvo.

Depois, o observador voltou a atenção para um alvo a 300 metros à esquerda e pediu que todos os canhões da bateria assestassem a mira baseando-se nas mesmas coordenadas. Quando recebeu o informe de que estava tudo pronto, solicitou que todos os canhões fizessem vários disparos.

Os projéteis começaram a explodir profusamente ao redor dos alemães.

Lipton ficou observando com os binóculos os esforços desordenados dos alemães para sair de lá, procurando salvar o que fosse possível de suas armas e ajudando a levar os feridos para a retaguarda. Uma hora depois, o lugar era um deserto.

— Isso tudo aconteceu — comentou Lipton, lembrando-se da ocasião

— porque Shifty vira uma árvore situada a pouco mais de 1,5 quilômetro, mas que, no dia anterior, não estava lá.

A bateria de Germans 88 estivera sendo montada como parte da renovada pressão que os alemães estavam fazendo contra Bastogne. Depois de fracassados em seu plano original de travessia do rio Mosa, os alemães precisavam de Bastogne e da rede de estradas para manter sua posição nas Ardenas e estar preparados para a necessidade de uma retirada. Eles lançaram ataques furiosos contra o estreito corredor que conduzia à cidade a partir do Sul e aumentaram a pressão em todas as direções. No fim do ano, oito divisões alemãs, inclusive três divisões das SS Panzer, estavam combatendo na região de Bastogne. Patton e seu III Exército estavam atacando ao Norte, em direção a Bastogne; o I Exército Americano, sob o comando do general Courtney Hodges (que estava sob as ordens de Monty nessa época), tinha sido designado para lançar um ataque ao sul “a qualquer momento”. Se lograssem estabelecer contato a tempo, conseguiriam deter os alemães no saliente das Ardenas. Se os alemães conseguissem deter o avanço de Patton e tomar Bastogne, assumiriam o controle da rede de estradas, que lhes facultaria a fuga.

Esse era o quadro da guerra na véspera do Ano-Novo. À meia-noite, para comemorar a chegada do ano da vitória e para demonstrar quanto as coisas tinham mudado em Bastogne nos últimos dias, todos os canhões de Bastogne e todos os morteiros da LRP combinaram seu poder de fogo para lançar uma saraivada de projéteis de grande poder de destruição contra os alemães.

O cabo Gordon, juntamente com os mais de uma dúzia de feridos da Easy, foram evacuados para a retaguarda. Outros sete membros da companhia foram enterrados em covas rasas no bosque. A Easy tinha posto 121 soldados e oficiais nos caminhões na viagem de volta para Mourmelon 12 dias antes. Sua força de combate tinha sido reduzida para menos de cem soldados.

Gordon foi levado de ambulância para Sedan e depois transferido de avião para a Inglaterra, e, de lá, para um hospital no País de Gales. Ele estava intensamente sedado, imóvel, em estado alucinatório, e tinha sido engessado da cintura até o topo da cabeça; somente o rosto ficou sem gesso. Mas o gesso que o mantinha imobilizado impedia o tratamento de seus ferimentos, causados pela bala que entrou e saiu pelas costas dele. Por isso, o gesso foi tirado e substituído por um aparelho chamado prótese de tração cervical de Crutchfield. O aparelho era posto no paciente por meio de perfuração de dois pontos transversalmente opostos nos lados da cabeça, nos quais era inserido depois um par de pinças de aço em forma de arco. Um cordão preso a polias produzia tração e, ao mesmo tempo, impedia qualquer movimento, sem a necessidade de engessamento. Ele ficou deitado de costas, olhando para o teto, durante seis semanas.

Paulatinamente, começou a voltar a sentir um pouco as extremidades dos membros.

O médico, major M. L. Stadium, disse a ele que, se o ângulo de trajetória da bala tivesse sido dois ou três graus maior em relação a ele, não teria sido atingido; em caso contrário, o ferimento teria sido fatal. Gordon achou que teve

“sorte, muita sorte. O ferimento de um milhão de dólares”. Somente um combatente que esteve na linha de batalha em Bastogne poderia falar desse ferimento com essas palavras.



12

O Grau de Resistência

BASTOGNE

1°-13 de janeiro de 1945

Durante o cerco, a Companhia E ficara na defensiva, segurando o inimigo. A maior desvantagem de terem ficado na defensiva num bosque foi o fato de que os pinheiros e seus galhos aumentavam a capacidade de destruição dos projéteis de artilharia. Mas, sob outros aspectos, o fato de terem ficado na defensiva proporcionou-lhes algumas vantagens decisivas. Perto do Ano-Novo, a neve tinha chegado a pouco mais de 30 centímetros de altura em alguns lugares, e sua superfície congelara, tornando-se escorregadia. Mesmo os mínimos movimentos da infantaria eram feitos sob a mais penosa das condições. Para avançar, o soldado tinha de chafurdar através da neve, além de ter de curvar-se e desviar-se para evitar a derrubada de neve de galhos e, com isso, revelar sua posição. A visibilidade no solo limitava-se a alguns metros. O combatente tinha pouco contato com a tropa à esquerda e à direita e não conseguia ver a posição de uma metralhadora ou de uma trincheira até que estivesse praticamente em cima delas. Não havia estradas, casas ou pontos de referência no bosque. Desse modo, uma força em avanço informava sua posição pelo rádio apenas com base em estimativas. Os esquadrões em operação de ataque tinham de mover-se orientando-se apenas por meio de bússola, até que topassem com alguém, amigo ou inimigo. Caixas de munição eram carregadas para as trincheiras nos serviços de suprimento, como sempre, mas, nesse caso, a tropa não tinha o menor sentido de direção.

A realização de ataques em campos de pasto abertos era também assustadora. Havia apenas uma estrada, que formava o eixo Novil e-Foy-Bastogne e estava coberta por uma camada de neve, com outra, de gelo fino e transparente, por baixo. Os Germans 88 tinham a mira assestada na estrada, que estava minada também. Mas a alternativa à opção de atacar pela estrada era atravessar os campos, que não ofereciam nenhuma proteção.

O bosque cultivado que tinha servido como abrigo à Companhia E

durante 12 dias era chamado de Bois Jacques. Ele se estendia por alguns quilômetros à direita (Leste) da companhia e avançava para além da estrada de ferro. À frente dela (Norte), um campo aberto e inclinado descia até a vila de Foy.

Os alemães tinham o controle do setor nordeste do Bois Jacques. A posição deles tinha a forma de cunha voltada para as fileiras da 101ª; era o ponto mais próximo

de Bastogne ocupado por eles, a apenas 3 quilômetros de distância da cidade.

Antes que a 101ª pudesse empreender uma ofensiva, seus membros teriam de expulsar os alemães do Bois Jacques e tomar Foy. O objetivo seguinte seria o altiplano ao redor de Novil e.

O Ano-Novo foi tranqüilo, mas, à noite, o comando da divisão incumbiu o 2º Batalhão do 506° da tarefa de atacar e varrer o inimigo do Bois Jacques, e alguns aviões alemães lançaram bombas contra a Companhia E. O sargento Toye foi atingido por um estilhaço no pulso. Esse foi seu terceiro ferimento; ele tinha sido ferido na Normandia e, depois, na Holanda. Como fosse um ferido em condições de andar, o socorrista o enviou ao posto de socorro para ser atendido.

Antes de partir, Toye informou isso ao sargento Malarkey, que disse, antes de ele ir: — Seu filho da mãe sortudo!

Para realizar o ataque, ao amanhecer de 2 janeiro o batalhão deslocou-se para a estrada de ferro, à direita; o 1º Batalhão, então na reserva do regimento, ocupou a antiga posição do 2º Batalhão. O 2º Batalhão formou linhas de escaramuça no eixo rodoviário Foy-Bizory, ficando de frente para o bosque denso, a Nordeste, aguardando a ordem para partir. (Esse foi o mesmo lugar do qual o 1º Pelotão partira em missão de patrulha em 22 de dezembro.) Um batalhão do 501° ficou no flanco direito do 2º Batalhão. Ele faria ataques como unidade de apoio.

Winters deu o comando: — Vamos lá! — A tropa iniciou o avanço. O

movimento através daquele bosque denso era um processo exaustivo na melhor das circunstâncias, ainda mais quando se carregavam fuzis, metralhadoras, morteiros, granadas, facas, munição e rações. O esforço para avançar através dele provocava suor intenso, o que não era problema até que o soldado parasse; depois de alguns minutos de parada, porém, a umidade por baixo das roupas podia gelar o corpo até os ossos.

Logo depois da entrada no bosque, os pelotões perdiam o contato entre si, ou até mesmo os esquadrões e, às vezes, um soldado com outro. A neve e as árvores abafavam todo ruído. Com isso, até mesmo o barulho metálico de equipamentos, sinal de que os combatentes de ambos os lados estavam avançando com você, era inaudível. A sensação de isolamento combinava-se com o estado de tensão e criava uma penosa expectativa de uma reação inevitável do inimigo.

De repente, tiros de metralhadora diretamente à frente da Companhia E

caíram sobre ela. Simultaneamente, projéteis de artilharia de apoio americana começaram a sibilar por sobre a cabeça da tropa. A artilharia alemã revidou imediatamente, mas não como fogo de contrabateria; os projéteis alemães estavam caindo entre os pára-quedistas e sobre eles. Tão rapidamente quanto haviam começado, os disparos cessaram. Segundo a análise do sargento Christenson, “a densidade do bosque causou perplexidade e confusão entre os Krauts, cuja visibilidade não era melhor do que a nossa. Tivessem eles sabido que dois batalhões estavam avançando em direção à posição deles em gigantescas linhas de escaramuça, o bombardeio e o fogo de metralhadora teriam sido muito mais intensos”.

O avanço foi retomado. Novamente, iniciaram-se os disparos de metralhadora quando os elementos da vanguarda começaram a topar os POs dos alemães. A artilharia americana voltou a atirar, lançando uma rajada após a outra.

O tiro de revide dos alemães intensificou-se. Ouviam-se gritos de “Fui atingido!”

e de pedidos da ajuda de socorristas em toda a linha de ataque. Apesar disso, o avanço continuou. Os combatentes lançavam granadas e disparavam seus fuzis contras os alemães em retirada pelo bosque.

Depois de avançar entre 800 e 900 metros (os membros da Companhia E

chamam essa ocasião de “ataque de mil metros”), os combatentes chegaram a um estrada que atravessava o bosque e cuja pavimentação era com toras de árvore. A maioria deles parou ali, mas outros seguiram alguns metros bosque adentro pelo outro lado para verificar se havia alemães escondidos lá. Christenson estava de pé na estrada com alguns de seus homens do 1º Pelotão quando, de repente, à direita, viu a mais improvável das cenas: um soldado alemão, montado a cavalo, saindo do bosque.

O fato é que, quando os americanos o viram, ele os viu também. Ele virou o cavalo às pressas e tratou de retirar-se. O cabo Hoobler fez três disparos rapidamente, sorriu e começou a pular, gritando: — Eu o acertei! Acertei! — Por outro lado, Christenson percebeu que nutrira no íntimo o estranho desejo de que o cavaleiro conseguisse fugir.

Do outro lado da estrada, à esquerda, o praça Ralph Trapazano gritou: —

Ei, Chris, peguei um alemão. — Christenson seguiu na direção dele, avançou 5

metros além do lugar em que estava e entrou no bosque, com o seu fuzil em posição de atirar e sem o pino de segurança. Ele se aproximou do alemão pelo lado direito. — Deparei um soldado das SS muito forte, vestindo a jaqueta de camuflagem, com a submetralhadora na mão esquerda e os braços abaixados.

Mas sua arma estava apontada para Trap. Este estava deitado de costas com o M-1ªpontado para o peito do Kraut. Não havia o menor sinal de medo no rosto do soldado das SS.

Christenson apontou seu M-1 para o peito do alemão e disse a ele, em seu alemão aprendido na escola, que largasse a arma. O alemão olhou Christenson nos olhos e viu que ele tinha mesmo a intenção de atirar. Depois, olhou para o fuzil de Christenson e notou que ele estava começando a pressionar o gatilho. Nisso, ele largou a submetralhadora e levantou as mãos.

— Na próxima vez em que você ficar frente a frente com um filho da mãe arrogante como este, atire no maldito — Christenson sugeriu a Trapazano.

Até então, a Companhia E teve sorte. À sua direita, o 501° sofrera uma investida do inimigo quando estava atacando. O 26° Regimento de Granadeiros das SS Panzer da 12ª Divisão das SS (Hitlerjugend) atacou-o com tanques, artilharia e infantaria, causando-lhe muitas baixas. No flanco esquerdo da Easy, tanques e infantaria da 9a Divisão das SS arremeteram contra as outras companhias do 502°. Mas, no setor da Easy, as coisas estavam relativamente tranqüilas.

A noite estava chegando. Espalhou-se pelas fileiras a ordem de entrincheiramento. A tropa era fustigada por fogo esporádico de metralhadoras e barragens de artilharia ocasionais, o que a induziu a cortar galhos das árvores mais próximas e a cobrir as trincheiras com eles. Isso era perigoso e difícil, pois implicava a necessidade de o soldado se expor. Quando tiros de metralhadora ou de artilharia recomeçavam, estourava uma corrida louca e desesperada em demanda das trincheiras, com a adrenalina correndo a mil pelo corpo dos combatentes. Quando terminava de abrir sua santa e protetora trincheira, o soldado estava exausto, com as roupas e o corpo encharcados de suor. Então, ele se sentava, para se refrescar, e o frio aumentava, aumentava, até ele começar a tremer.

— Quando você ficava convicto de que seu corpo não podia suportar mais —

comentou Christenson —, descobria que ele podia.

Hooble ficou exultante depois que matou o cavaleiro. Ele ia de posição em posição, com as mãos no bolso, procurando matar o tempo com qualquer um que estivesse disposto a conversar. No bolso direito, trazia uma Luger que tinha recolhido do campo de batalha. De repente, um tiro. Ele disparou a Luger acidentalmente. A bala perfurou sua coxa direita e rompeu a artéria principal.

Tomado de enormes dores, Hoobler ficou rolando no chão, pedindo ajuda aos gritos. O praça Holland, o socorrista do 1º Pelotão, tentou fazer um curativo no ferimento. Dois soldados carregaram Hoobler até o posto de socorro, mas ele morreu logo depois de chegar lá.

A noite era de muito frio e aparentemente interminável. A luz do dia chegou lentamente. Não havia fogueira. O sargento Martin apareceu caminhando entre as fileiras do 1º Pelotão. Embora tivesse a reputação de alguém que raramente erguia o tom de voz e jamais dava ordens com rispidez, dessa vez ele disse asperamente, como que mordendo as palavras: — Quero que todos os graduados do 1º Pelotão estejam no PC em dez minutos.

Os sargentos Rader, Randleman, Muck e Christenson e os cabos Robert Marsh e Thomas McCreary reuniram-se no PC. Martin sugeriu que todos se sentassem. Os tenentes Stirling Horner, Peacock e Foley estavam lá. Horner falou primeiro: — Ao seu comandante de pelotão, o tenente Peacock, foi concedida uma licença de 30 dias nos Estados Unidos. Ele parte hoje. — Ele explicou que o relações-públicas do QG da divisão achara que seria uma grande idéia enviar aos Estados Unidos um oficial de cada um dos regimentos envolvidos na defesa heróica de

Bastogne para participar de uma campanha de venda de bônus de guerra e outros objetivos publicitários. O coronel Sink decidiu realizar a seleção fazendo um sorteio. O capitão Nixon ganhou, e Peacock foi o segundo sorteado no 506°.

Nixon disse que já tinha visitado os Estados Unidos e que não queria ir. Com isso, Peacock foi no lugar dele.

Todos voltaram os olhos para Peacock, que disse, gaguejando: — Tenho certeza de que ganhei esta licença por causa do grandioso trabalho que vocês fizeram na Holanda e aqui, e a única coisa que posso dizer é obrigado.

O sargento McCreary subiu na tribuna, correu até Peacock, apertou-lhe a mão

efusivamente e disse: — Puxa, fico contente em saber que você vai para casa, tenente! Esta é a melhor notícia que tivemos depois que partimos de Mourmelon.

Sem entender nada, Peacock corou. Ele disse que não sabia o que dizer, que elogios vindos de um dos soldados eram os maiores que ele podia receber.

Os sargentos sorriram uns para os outros. Eles estavam sentindo-se tão felizes quanto Peacock, como se fossem eles mesmos que estivessem indo. Os graduados achavam que ele tinha carregado sua cruz pela Holanda e pelas Ardenas. — Ninguém se esforçou mais do que Peacock — declarou Christenson

—, mas era um serviço para o qual ele não fora feito.

Peacock anunciou que o tenente Foley assumiria o comando do pelotão.

Depois, ouviram dele um animado “Boa sorte a todos vocês”, e ele se foi.

Quando Peacock partiu, o capelão John Maloney levou Joe Toye de volta do posto de socorro de Bastogne em seu jipe para a linha de frente. Ele deixou Toye à beira da estrada. Quando Toye começou a atravessar o campo em direção à linha, Winters o viu, com o braço numa tipóia.

— Aonde você está indo? — Winters perguntou. — Você não precisa voltar para a linha.

— Quero ficar com os meus amigos — Toye respondeu e continuou caminhando.

À tarde, dia 3 de janeiro, Winters tirou da vanguarda o 2º e 3º Pelotões, além de uma equipe de bazuca subordinada à 10a Divisão de Blindados. Ele deixou o 1º Pelotão, subordinado temporariamente à Companhia D, que, como a maioria das companhias da 101ª, tinha perdido 50% ou mais de seu efetivo e precisava ajudar a manter a LRP. O 2º e 3º

Pelotões começaram a marchar de volta para sua antiga posição no setor do bosque voltado para Foy.

Eram cerca de 15h30. As unidades da vanguarda resolveram tomar um atalho através de um campo aberto para chegar às trincheiras antes de anoitecer.

As outras unidades seguiram o mesmo caminho. Mas os alemães as viram.

Quando a tropa entrou no bosque, percebeu imediatamente que os alemães tinham assestado a mira de sua artilharia na posição dela. Havia buracos abertos pela explosão de projéteis e galhos arrancados e despedaçados das árvores em meio às trincheiras. Os buracos eram grandes e indicavam o emprego de artilharia pesada, provavelmente canhões de 170 milímetros. Ninguém teve de dar ordens; todos os combatentes começaram a trabalhar imediatamente para reforçar a cobertura de suas trincheiras.

O sargento Lipton pegou um machado e correu até as árvores menores mais próximas, situadas a 50 metros de sua trincheira. De repente, ouviu canhões alemães abrir fogo a certa distância. Não houve tempo para voltar para sua trincheira. Assim, ele pulou dentro de uma pequena trincheira que alguém tinha começado a abrir e depois abandonara. Ela era tão rasa que, mesmo com Lipton deitado colado ao chão, a cabeça dele ficou acima do nível do solo. Desse modo, ele viu os primeiros projéteis explodir entre as árvores.

O barulho era ensurdecedor e terrível. O solo estremecia e elevava-se, como se num terremoto. Os soldados da equipe de bazuca não tinha trincheiras; dois deles foram mortos imediatamente, e outros mais se feriram.

O sargento Joe Toye estava em campo aberto, bradando ordens a seus homens para que procurassem proteger-se.

— Eles sempre diziam que, se você conseguisse ouvir os projéteis chegando, conseguiria sair-se bem — relatou o sargento. — Eu não ouvi o projétil chegar. — Ele explodiu logo acima dele. Estilhaços, lançados em todas as direções, arrancaram sua perna direita e o atingiram no estômago, no peito e em ambos os braços. (O estilhaço que lhe penetrou a região do tórax foi removido depois em duas operações separadas, na última das quais ele foi extraído pelas costas.)

O bombardeio cessou tão subitamente quanto começara. Tinha sido o pior bombardeio sofrido pela Easy na guerra. No bosque inteiro, ouviam-se os combatentes pedindo a assistência de um socorrista. Lipton voltou correndo para a trincheira, a fim de pegar seu fuzil, movido pela expectativa de sofrer um ataque de infantaria. De repente, ouviu alguém gemendo na trincheira ao lado; uma árvore com 40 centímetros de diâmetro tinha caído sobre ela. Lipton tentou removê-la, mas não conseguiu. A ajuda chegou. Os soldados escavaram em

torno da árvore, e o praça Shep Howell saiu de lá sorrindo.

Toye pediu ajuda; ele queria que alguém o arrastasse para dentro de sua trincheira. O sargento entrou na trincheira de Toye primeiro e depois começou a puxá-lo para dentro.

O bombardeio recomeçou. Os alemães tinham planejado bem. Como haviam previsto, a pausa nos disparos tinha feito os americanos sair das trincheiras para ajudar os feridos. Inopinadamente, um projétil explodiu acima de Guarnere. Estilhaços atingiram-lhe a perna direita, retalhando-a. Alguns minutos depois, o bombardeio cessou.

Lipton saiu da trincheira. O tenente Dike gritou o nome dele.

— Ainda posso ouvir a voz possante dele — relembra-se Lipton. — Ele estava a uns 25 metros de distância, sem o capacete e desarmado. “Sargento, Lipton”, ordenou-me, em voz alta, “organize as coisas aqui, que vou buscar ajuda.” Com isso, partiu.

Lipton começou a reunir os soldados que não tinham sido atingidos.

— Alguns deles estavam a ponto de sofrer uma crise de nervos; outros estavam surpreendentemente calmos.

Ele ordenou que alguns deles cuidassem dos feridos e que outros se organizassem para enfrentar o ataque da infantaria inimiga, já que tinha certeza de que ela viria. Depois, ele foi ver como Guarnere e Toye estavam.

Quando se aproximou deles, Lipton olhou para Guarnere. Este olhou para cima e disse: — Lip, eles pegaram o velho Guarnere desta vez. — Nisso, Malarkey chegou. Segundo ele, Guarnere e Toye estavam conscientes e calmos, sem gritar.

— Dê-me um cigarro, Malark — disse-me Joe. E eu acendi um cigarro para ele.

Houve uma pausa em nossa entrevista. Eu pedi que ele prosseguisse.

— Não quero falar sobre isso — tornou Malarkey. Outra pausa, e depois ele prosseguiu. — Joe deu uma tragada, olhou para mim e perguntou: “Meu Deus, Malark, o que um homem tem que fazer para ser morto aqui?”

Os padioleiros levaram Guarnere primeiro. Quando estava sendo carregado, ele disse a Toye: — Eu disse que voltaria para os Estados Unidos antes de você!

O tenente Buck Compton comandava o 2º Pelotão. Ele era muito ligado a seus homens, ligado até demais na opinião dos oficiais.

— Compton era um grande amigo meu — observou Malarkey. — Ele não gostava do símbolo de status no exército. Ele era mais amigo dos alistados do que dos oficiais. — Seus laços de amizade mais fortes eram com Guarnere e Toye.

Quando ele saiu da trincheira, Compton viu que ele tinha ferimentos pelo corpo inteiro. Os feridos mais próximos eram seus amigos Guarnere e Toye, com suas pernas como que penduradas em seus corpos e seu sangue tingindo de vermelho a neve em torno deles.

Compton começou a correr para a retaguarda, pedindo aos gritos a presença de socorristas ou algum tipo de ajuda. No posto de socorro, acabou se acalmando; descobriu-se que ele era um caso grave de pé-de-trincheira. Ele foi evacuado.

Compton tinha ganho uma Estrela de Prata em Brécourt Manor em 6 de junho de 1944. Mais tarde, na Normandia, ele fora ferido, e depois também na Holanda. Ele resistira a tudo que os alemães lançaram contra ele de 17 de dezembro a 3 de janeiro. Mas a cena de dizimação de seu pelotão, de seus dois amigos despedaçados, o abalou.

Com a viagem de Peacock, com Dike fora de combate, com a ausência de Compton, oficial substituto que se havia apresentado no posto de socorro com pé-de-trincheira (mal que, a essa altura, afetava quase todos os membros da companhia), e também outro, sobre o qual pesava a suspeita de que tinha dado um tiro na própria mão, o comandante do batalhão teve de passar a preocupar-se com o problema da resistência do combatente. Winters falou de seus sentimentos em relação a isso numa entrevista:

— Eu tinha chegado a um estado em Bastogne no qual tinha certeza de que seria ferido. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria atingido. Esperava pelo menos que não fosse muito grave. Mas jamais me senti tomado pelo receio de que acabaria sofrendo uma crise de nervos. Apenas achava que mais cedo ou mais tarde sofreria um ferimento. Mas uma crise nervosa não.

Depois de refletir um pouco, ele prosseguiu.

— Mas você não vê pessoas à sua volta sendo feridas todo dia, todo dia, sem parar — sem saber quanto tempo isso durará. Isso vai durar para sempre?

Será que voltarei para casa?

O oficial — ele acrescentou —, com o peso adicional de ter de tomar decisões constantemente, sob pressão e com a privação do sono e alimentação inadequada, não se surpreendia quando os soldados sofriam uma crise nervosa.

Era política do exército americano manter suas companhias de fuzileiros na linha de batalha durante longos períodos, continuamente no caso das companhias de divisões de infantaria, compensando perdas de efetivo com substitutos. Isso quer dizer que os substitutos iam para a batalha não com os soldados com os quais haviam treinado e embarcado para além-mar, mas com estranhos. Além disso, levava o veterano a ter como alternativa para livrar-se dos perigos que o ameaçavam somente a morte ou ferimento grave. Isso criava nele uma sensação de ver-se numa situação infindável e desesperadora, tal como assinalou Winters.

A guerra é um mundo às avessas. Estranhos fazem tudo para matá-lo; se conseguem fazer isso, longe de serem punidos por tirarem vidas, eles são recompensados, honrados, felicitados. Na guerra, a tropa fica entrincheirada durante o dia e faz seu trabalho à noite. A boa saúde é uma maldição; pé-de-trincheira, pneumonia, diarréia grave e incontrolável, uma perna quebrada são presentes inestimáveis.

Mas é limitada a capacidade do combatente de conseguir atuar eficientemente nesse mundo às avessas. Para alguns, a crise nervosa vem logo; psiquiatras do exército descobriram que, na Normandia, de 20% a 30% dos membros das companhias de fuzileiros sofreram algum tipo de distúrbio mental durante a primeira semana e fugiram ou foram tirados da linha (logicamente, muitos voltaram para suas unidades depois). Para outros, o colapso visível de suas forças nunca ocorria, mas a eficiência diminuía. As experiências do combatente em ação geram sentimentos mais fortes do que as que os civis podem imaginar, sentimentos de terror, pânico, ódio, tristeza, perplexidade, impotência, inutilidade, e todos esses sentimentos minavam as forças e o equilíbrio mental deles.

“Não existe o que se chama de ‘acostumar-se com os combates’”, os psiquiatras

do exército declararam num relatório oficial em Combat Exhaustion.

“Todos os momentos do combate impõem uma tensão tão grande que os combatentes acabam sofrendo um crise nervosa diretamente relacionada com a intensidade e duração de sua exposição. . baixas psiquiátricas são tão inevitáveis quanto ferimentos de tiros e estilhaços de explosão durante a guerra. . a maioria da tropa perdia a eficiência depois de 180 ou até mesmo 140 dias. O consenso era que o combatente atingia o ápice de eficiência nos primeiros 90 dias de combate, que, depois disso, sua eficiência começava a diminuir e que, daí por diante, ele ia ficando cada vez menos eficiente, até tornar-se inútil.”60

Em 3 de janeiro de 1945, a Companhia E contava 23 dias de permanência na Normandia, 78 dias na Holanda e 15 dias na Bélgica, um total de 116 dias na guerra. Estatisticamente, a companhia inteira corria o risco de sofrer uma crise nervosa a qualquer momento.

60 Citado em Keegan, The Face of Battle, pp. 335-6.

Os alemães não completaram o ataque com uma investida de infantaria à noite, nem na manhã do dia seguinte. Os socorristas removeram os feridos. Os corpos dos mortos ficaram no mesmo lugar, congelados, por vários dias. O

tenente Dike reapareceu. As coisas voltaram ao normal.

Em 5 de janeiro, a Companhia E voltou para a reserva do regimento, ao sul de Foy. Lá, dois homens, o comandante do batalhão e o primeiro-sargento da Companhia E, pensavam no mesmo problema: os oficiais da companhia.

Nas palavras de Winters, “eu olhava para os subalternos e os comandantes de minha companhia e rilhava os dentes. Basicamente considerados, nossos tenentes eram fracos. Eu não confiava neles. E o que posso fazer a respeito disso?” Ele sabia que, se, com muita sorte, conseguisse obter outros oficiais, eles seriam substitutos recém-chegados dos Estados Unidos, depois de haverem completado um treinamento corrido. Quanto ao comandante da companhia, Winters declarou categoricamente: — Dike foi enviado para a nossa unidade como um protegido de alguém do QG da divisão, e com isso ficamos com as mãos atadas. — Winters não via uma solução a curto prazo. Enquanto não lhe era possível achar uma, ele chegou à conclusão de que, “em situações difíceis, [devemos] conversar com os sargentos”.

Seu primeiro-sargento queria mesmo conversar. Além disso, Lipton solicitou uma conversa em particular. Winters disse que se encontrasse com ele à noite, no bosque, atrás do PC do batalhão.

No encontro, Lipton falou de sua preocupação pelo comandante da companhia. Ele descreveu as atitudes de Dike, ou a falta delas, detalhadamente. E

terminou dizendo: — O tenente Dike vai levar muitos membros da Companhia E à morte.

Winters ouviu-o com atenção, fez algumas perguntas, mas guardou suas impressões para si mesmo.

E vieram os substitutos.

— Eu não conseguia acreditar naquilo — disse John Martin. — Eu não conseguia acreditar que eles nos dariam substitutos e nos poriam no ataque.

Pensei: “Meu Deus, eles vão nos tirar daqui e nos dar algumas roupas ou algo assim.” Mas, não, eles nos deram alguns substitutos e disseram: “Vamos, rapazes, vamos partir.” E foi então que começamos a atacar.

Ele estava certo. O bosque forma um U em torno de Foy, com a vila bem no meio. No ataque de 3 de janeiro, os americanos tinham assumido o controle da parte direita do U. Depois disso, eles fariam um ataque na parte esquerda.

Em 9 de janeiro, a companhia participou de uma operação de limpeza na parte do bosque a oeste de Foy. A resistência foi pequena. A companhia alcançou seu objetivo e entrincheirou-se.

De repente, um projétil explodiu entre as árvores; depois, outro e mais outro. E continuaram a vir. O cabo George Luz foi surpreendido em campo aberto. Ele começou a correr em direção à sua trincheira. Nisso, o sargento Muck e o praça Alex Penkala disseram aos gritos que ele pulasse para dentro da trincheira deles, mas ele resolveu seguir para a sua mesmo e, ainda que com projéteis explodindo em toda parte e lascas, galhos e árvores inteiras caindo e voando em todas as direções, conseguiu alcançar seu objetivo e se entrincheirou.

Lipton estava dividindo uma trincheira com o sargento Bob Mann, o operador de

rádio do QG da companhia. De repente, os alemães mandaram um recado. Um projétil falhado caiu a poucos metros da trincheira deles. Lipton olhou para ele, enquanto Mann acendia um cigarro. Lipton nunca tinha fumado, mas pediu um ao colega. Foi a primeira vez que ele fumou.

Luz foi verificar as condições de Muck e Penkala, os soldados que o tinham convidado para compartilhar a trincheira com eles. Ela tinha sido atingida em cheio. Luz começou a cavar freneticamente. Acabou encontrando alguns pedaços de corpos e uma parte de um saco de dormir.

Agora, a 101ª controlava todo o bosque que rodeava Foy do Leste, do Oeste e do Sul. Mas Foy, no fundo de um pequeno vale, não era o objetivo; Novil e e o planalto eram o objetivo deles. O general Taylor queria prosseguir com o ataque de 9 de janeiro diretamente para Noville, mas, para isso, precisava do apoio de tanques, e, uma vez que estes podiam operar somente na estrada, ele teve de tomar Foy. A vila já tinha trocado de mãos quatro vezes.

O 2º Batalhão do 506° foi o escolhido para tomar Foy. Ele foi tirado da linha de combate a oeste de Foy e deslocado de volta para o sul da vila. Winters escolheu a Companhia E para empreender o assalto. A operação foi simples e brutal. Uma arremetida através de um campo aberto e coberto de neve medindo cerca de 200 metros e que se estendia até a vila, onde todas as janelas podiam ser um ninho de metralhadora, onde todos os alemães tinham proteção de alvenaria, era a única alternativa que tinham. Nenhuma sutileza, nenhuma manobra, apenas arremeter contra o inimigo e aproximar-se ao máximo dele para usar granadas e tirá-lo das edificações. A chave do sucesso da operação era atravessar o campo rapidamente. Se os combatentes forçassem o ataque, se o tiro de cobertura fosse intenso o bastante, seu sucesso seria relativamente fácil. Se eles parassem, o preço disso poderia ser alto.

A divisão ordenou que o ataque começasse às 9 horas. Winters não gostou do horário. Ele apresentou argumentos a favor de um ataque inicial leve, mas foram ignorados.

Winters ficou observando a Easy entrar em formação para o ataque. De pé, atrás dele, estava um líder de pelotão da Companhia Dog, o primeiro-tenente Ronald C. Speirs.

Speirs era um oficial de boa reputação. Sujeito de beleza máscula, esguio,

relativamente alto, cabelos escuros, implacável, Speirs cultivava a imagem de líder e agia à altura disso. Um de seus colegas subalternos da Companhia D, o tenente Tom Gibson, o descreveu como “um líder de pelotão de fuzileiros enérgico, agressivo, corajoso e talentoso”. Seus apelidos eram “Faísca” (entre seus colegas oficiais) e “Sanguinário” (entre os recrutas). Ele tinha liderado um ataque de baionetas e ganhara a Estrela de Prata na Normandia.

Havia muitas histórias a respeito dele. A fábrica de rumores sobre o tenente Speirs prosperava. Não havia quem tivesse visto com os próprios olhos

“a coisa” acontecer, mas constava que alguém tinha. Talvez fossem apenas histórias, mas os membros da Companhia E acreditavam nelas, ou pelo menos em parte.

Uma dessas histórias era sobre uma ocasião na Normandia em que Speirs teve um problema grave com bebidas em seu pelotão. Ele impôs a lei seca na unidade. Nada de vinho. Nenhuma gota. No dia seguinte, topou com um graduado bêbado. Ele deu uma ordem; o graduado o respondeu com insolência.

Ele sacou a pistola e acertou um tiro no meio da testa do combatente.

E consta que a moral da história é mais ou menos esta: “E ele jamais teve problema com bebidas depois disso.”

Outra dessas histórias que corria dava conta do incidente ocorrido na Normandia, quando Speirs caminhava por uma estrada sozinho e passava por dez prisioneiros de guerra alemães. Eles estavam sob guarda e trabalhando na abertura de uma trincheira de beira de estrada. Speirs resolveu parar, abriu um pacote de cigarros e deu um maço a cada um dos prisioneiros. Eles ficaram tão agradecidos que ele entrou na trincheira e deu-lhes o pacote inteiro. Então, ele estendeu o isqueiro e acendeu o cigarro de cada um deles. Depois, voltou para a estrada e os ficou observando fumar e conversar.

De repente e sem avisar, ele pegou a submetralhadora Thompson que sempre carregava e disparou contra o grupo. E continuou a crivar o local de balas até que todos os prisioneiros estivessem mortos. O guarda ficou assombrado.

Speirs virou-se e foi embora.

Tom Gibson, que me contou essa história (eu a ouvi também de muitas outras

fontes, embora ninguém tivesse visto isso acontecer), fez o seguinte comentário:

— Acredito firmemente que somente um combatente tem o direito de julgar outro combatente. Somente um fuzileiro de companhia sabe quanto é difícil manter a lucidez, cumprir seu dever e sobreviver com algo semelhante a dignidade. Você tem de aprender a perdoar os outros, e a si mesmo, por algumas das coisas que são feitas.

Gibson disse que tinha contado essa história várias vezes com o passar dos anos, sem jamais citar nomes, mas usando-a como exemplo daquilo que pode acontecer numa guerra.

— Todos sabemos que histórias de guerra parecem ter uma espécie de vida própria. Elas acabam crescendo, sendo embelezadas. Quer seus detalhes sejam precisos, quer não sejam, deve haver uma base de verdade em histórias como essas para que tenham começado a ser contadas — argumentou Gibson.

Winters não estava pensando em Speirs e em sua fama. Ele estava observando a Companhia E atacar. Speirs e outros oficiais de companhias não engajadas ficaram atrás dele. Winters tinha empregado as duas seções de metralhadora do QG numa operação de tiro de cobertura sobre os campos abertos que se estendiam ondulantemente diante deles por cerca de 200 metros ao longo da fileira de árvores até o perímetro urbano.61 Havia algumas árvores e 61 Quando Winters, presente no local em 1991 comigo, Lipton e Malarkey, ocasião em que ele disse que tinha montado uma metralhadora ali, apontou para os pés de Moira, minha esposa, ela olhou para baixo, abaixou-se e pegou um cartucho de uma bala calibre .30 e a entregou a ele. (Esse campo foi cultivado recentemente.) alguns montes de feno dispersos no campo.

O tenente Foley, que liderara o 1º Pelotão no ataque, fez uma descrição da situação:

— Sabíamos que Foy não tinha sido testada no dia anterior nem fora explorada à noite. Nos dias anteriores, ficamos bem-informados das idas e vindas de caminhões e tanques. Testemunhamos muitos ataques e contra-ataques.

Tínhamos visto a Companhia F ser destroçada em seu esforço para defender o lugar. Agora, ela era comandada por um segundo-tenente. Portanto, tínhamos o desconhecido pela frente.

A companhia partiu, em fileira dupla. O tiro de cobertura começou. Da vila, lançavam contra eles apenas alguns tiros esporádicos de fuzil. Apesar disso,

“foi difícil o avanço da tropa através da neve em forma de escaramuça, mas a linha conseguiu manter uma boa formação e avançar com certa rapidez”, relatou Winters.

O 1º Pelotão, que seguia no flanco esquerdo, chegou a um lugar em que havia alguns currais e pequenas edificações. Foley examinou os barracões.

Enquanto os membros do pelotão (apenas 22 deles) faziam o seu trabalho, três alemães foram vistos disputando afobadamente o refúgio de um dos barracões.

Foley providenciou-lhe o cerco, derrubou-lhe a porta e depois disse com o melhor de seu alemão: — Saiam com as mãos para cima! — Não obteve resposta.

Foley tirou o pino de uma granada de fragmentação e a jogou dentro do barracão. Depois da explosão, os alemães apareceram, tremendo e sangrando.

Um deles era primeiro-tenente, e os outros dois eram sargentos. Foley começou a interrogá-los a respeito do paradeiro de outros soldados alemães. Nisso, um dos sargentos alemães levou a mão para dentro do casaco aberto. Outro fez um movimento parecido. O terceiro gritou: Dummkopf!62

Um dos homens de Foley anulou a ação dos alemães com uma rajada de submetralhadora.

— Não fizemos prisioneiros — comentou Foley —, mas ficamos com as pistolas escondidas nos casacos. — O pelotão tratou de apressar-se para juntar-se aos demais.

Dike olhou para a esquerda e não viu seu 1º Pelotão. Seus outros dois pelotões estavam avançando com regularidade e, embora sob o fogo do inimigo, não tinham sofrido baixas. Mas, à esquerda, Dike seguia desprotegido, ou pelo menos era o que ele achava. Ele tomara uma decisão desastrosa, do tipo que leva os combatentes à morte. Ele fez um sinal para que o 2º e 3º Pelotões se juntassem ao setor do QG da companhia, situado atrás de dois montes de feno.

Nas palavras de Winters, “de repente, a linha parou a cerca de 75 metros do

perímetro da vila. Todos se agacharam atrás das medas e ficaram lá sem nenhuma causa aparente. Não obtive resposta do tenente Dike pelo rádio. A companhia parecia um bando de patinhos de tiro ao alvo sobre a neve". Sua preocupação era saber durante quanto tempo ele conseguiria manter o tiro de proteção.

O 1º Pelotão alcançou a companhia, reunida atrás dos montes de feno.

Foley aproximou-se de Dike para colher ordens, mas este não sabia o que fazer.

Foley insistiu que algo tinha de ser feito; Lipton e os outros sargentos o apoiaram com firmeza.

Dike acabou criando um plano. Ele consistia em empregar o 1º Pelotão numa manobra de flanqueamento pela esquerda, para cercar a vila e lançar um ataque de uma das extremidades da linha. Enquanto isso, ele lançaria fogo de metralhadora e morteiro das medas contra o inimigo. Para isso, Dike disse que 62 "Idiota!" (N.T.)

manteria os operadores de metralhadora e morteiros com ele, de forma que participassem do tiro de proteção. Portanto, 18 fuzileiros do 1º Pelotão partiram através da neve para tentar entrar em Foy pela extremidade oposta do setor do avanço.

O tenente Foley e o sargento Martin tinham apenas alguns minutos para planejar a rota que os levaria a uma posição de assalto. Eles escolheram um caminho que tinha, a cada 10 metros mais ou menos, uma árvore atrás da qual o combatente podia esconder-se. A fileira de árvores estendia-se a perder de vista.

Eles partiram, um após o outro. Em poucos minutos, atiradores de elite começaram a disparar, e ouviram-se gritos de "Socorrista!" de uma ponta à outra da linha. O pelotão revidou, mas não houve resultados aparentes. Foley foi até o ferido mais próximo.

— Seu nome era Smith, da Califórnia. Ele gemia e resmungava quando abri o kit de primeiros socorros, e, antes de eu conseguir achar o ferimento dele, ele começou a "confessar". Imagine! E sua confissão foi que ele e outros dois amigos tinham topado com um fardo de ração e se apossaram dele. Ele consistia de barras de chocolate Hershey e maços de cigarro! Eu disse a ele que não estava

morrendo quando rasguei uma das pernas de suas calças, apliquei sulfa em pó no ferimento e enfaixei-lhe a perna.

Martin disse ao praça Frank Perconte que se pusesse atrás de outra árvore e começasse a atirar contra os edifícios de lá.

— Assim, Frank se põe atrás de uma árvore cujo tronco era um pouco mais largo que sua cabeça, mas não largo o suficiente para o seu traseiro. E eles acertaram um tiro justamente ali.

(Horas depois, quando Lipton viu Perconte, ele estava estendido na neve em meio a uma poça de sangue, mas ainda consciente e forte. Lipton perguntou-lhe: — Perconte, qual a gravidade do ferimento? — Ele sorriu e respondeu: — Lip, que sorte, que sorte!)

Martin fez o praça Harold Webb deslocar-se para uma árvore e indicou-lhe onde atirar. Foley pôs-se ao rádio. — Estamos impedidos de avançar por causa dos disparos de um atirador de elite. Não conseguimos localizar o lugar de onde partem os disparos. Perdemos cinco homens. Você sabe de onde vêm os tiros? Informe-nos.

Alguém do PC da companhia retornou o contato para dizer que a primeira meda à direita de Foley poderia ser o ponto de onde estavam sendo feitos os disparos. Foley respondeu: — Varram aquele monte maldito — no exato momento em que seu pelotão começou a disparar contra ele.

Na opinião de Lipton, o tenente Dike tinha sofrido um “choque”. Ele

“congelou” atrás dos montes de feno, não tinha um plano, não sabia o que fazer.

Para Winters, que observava tudo, isso era óbvio.

— Ele tinha feito todo mundo se agachar na neve e ficar lá sem nenhum motivo aparente.

Winters ficou frustrado com a incapacidade dele de chamar Dike pelo rádio. — Mexam-se — ele gritava. — Não fiquem aí parados. — Nenhuma reação. A Companhia E estava sofrendo baixas que podiam ser evitadas. Tudo de que ela precisava era o empurrão de um líder para atravessar o último espaço aberto e entrar na cidade. Mas a liderança simplesmente não existia.

Winters pegou um M-1 e começou a atravessar o campo correndo na direção da companhia empacada e seu 1º Pelotão, preso a ela. Ele pretendia assumir o comando, fazer com que aqueles soldados se mexessem. Mas, enquanto se deslocava, ele pensou, meu Deus, não posso fazer isso. Estou no comando do batalhão. Não posso envolver-me nisso. Ele se virou e voltou correndo.

— E, enquanto eu me aproximava de onde tinha saído, deparei Speirs de pé, bem na minha frente. “Speirs! Substitua Dike, assuma o comando daquela companhia e providencie a retomada do ataque.”

Speirs partiu às pressas. Winters cuidou de voltar a atenção para o próprio dever. O tenente Foley nos dá uma descrição do resultado disso:

— Winters ordenou que os operadores de metralhadora preparassem uma base de tiro de proteção, de modo que nós [o 1º Pelotão] pudéssemos terminar o que tínhamos começado a fazer e que o pessoal dos morteiros concentrasse seu poder de fogo nos montes de feno. Um lançador de granadas fez vários ataques, e, quando os montes começaram a pegar fogo, os dois atiradores tornaram-se baixas.

O regimento pôs a Companhia I (25 homens) à direita, na linha de ataque.

Mas o sucesso ou o fracasso dependiam da atuação da Companhia E. Esse era um teste decisivo para a unidade. Sua capacidade de combate tinha alcançado um ponto crítico. Nem os oficiais nem os combatentes estavam, de um modo geral, à altura dos padrões da companhia que tinha saltado na Normandia. Nenhum dos oficiais que haviam atuado como líderes no Dia D estava na companhia em 1945.

Mais da metade dos recrutas eram novatos. O que restava do núcleo da velha companhia era composto então apenas pelos graduados. Eles eram os homens de Toccoa e tinham mantido a coesão da companhia desde a época em que Dike assumira o comando, na Holanda.

Eles viviam em estado de alerta máximo e grande tensão. E sobreviviam, combatiam e tentavam esconder suas impressões, sempre presentes no íntimo, impressões que John Keegan chama de produtos “de um dos maiores receios do homem: o medo dos ferimentos, da morte, de pôr em perigo a vida daqueles por cujo bem-estar ele é responsável. Eles experimentaram também algumas das mais violentas paixões do homem: ódio, fúria e o desejo de matar”.63

63 John Keegan, The Face of Battle (New York: Penguin Books, 1976), p. 16.

Nessa torrente de paixão, pensamentos incontroláveis agitavam suas mentes. Eles tinham visto seus oficiais fugir, sofrer uma crise nervosa, simplesmente acovardar-se ou cair em mudez (como foi o caso do tenente Dike nesse momento de crise). Embora não tivessem a opção de fugir, tinham a opção de não liderar. Ninguém podia forçá-los a liderar.

Assim como não podiam forçar Dike a agir. Esses graduados eram homens de Toccoa, tudo que sobrara da Easy do quente verão de 1942 e do capitão Sobel. Eles tinham mantido a coesão da companhia durante um longo período de comando inepto e de pesadas baixas entre os recrutas.

Portanto, esse era o teste. Em 1942ª questão era: pode um exército de cidadãos ser treinado e preparado de forma satisfatória para combater alemães numa campanha demorada no noroeste da Europa? Hitler não tinha sido o único que havia dito “não”. Mas a resposta que contava mesmo viria nos campos cobertos de neve da Bélgica em janeiro de 1945; para a Easy, o teste tinha começado.

Os sargentos estavam preparados para ele. O núcleo de Toccoa da companhia estava preparado para ser liderado e liderar. Nesse ínterim, Speirs chegou, ofegante. Ele conseguiu dizer a Dike, com dificuldade: — Estou assumindo o comando.

O sargento Lipton e outros o inteiraram da situação. Depois disso, ele começou a dar ordens, enviando o 2º Pelotão numa direção, o 3º Pelotão noutra, e fez que os morteiros começassem a trabalhar e as metralhadoras lançassem todo o seu poder de fogo contra o inimigo. E ele partiu, sem olhar para trás, confiante de que a tropa o seguiria. Ela o seguiu.

“Lembro-me dos campos amplos e abertos de Foy”, Speirs escreveu numa carta em 1991, “nos quais qualquer movimento atraía o fogo inimigo. Um German 88 disparou contra mim quando atravessei a área aberta sozinho. Isso me impressionou.”

Numa visita ao local em 1991ªcompanhado de Winters e Malarkey, Lipton lembrou-se da apressada travessia de Speirs. Lembrou-se também de que, quando eles foram para os anexos de uma fazenda em Foy, Speirs quis saber onde a Companhia I estava.

— Assim, ele simplesmente continuou correndo e atravessou as fileiras alemãs, saiu do outro lado, conversou com o comandante da Companhia I e voltou correndo. Caramba, isso foi impressionante.

Quando os pelotões sob o comando de Speirs partiram, o 1º Pelotão seguiu atrás deles. O sargento Martin fez uma inspeção de última hora. Ele percebeu que o praça Webb estava em posição de tiro atrás de uma árvore, sem se mover. — Vamos, Webb, vamos logo; saia daí, vamos! — Não obteve resposta.

— Bem, eles ainda estavam atirando. Diante disso, corri até a árvore, que era um pouco mais larga que uma mão. E pulei bem em cima dele, já que seria ruim pôr-me deitado ao lado. Quando o virei, vi que o tinham acertado bem no meio da testa.

A companhia arremeteu contra Foy. Seus combatentes atacaram com todas as armas de que uma companhia de fuzileiros dispunha: M-1s, submetralhadoras Thompson, bazucas, metralhadoras leves, morteiros e granadas.

Eles tiveram o apoio da artilharia e fizeram um barulho tremendo, com balas ricocheteando nas edificações e explosões de granadas dentro delas, o ribombo dos disparos de morteiros e o estrondo dos projéteis quando atingiam o alvo, lançando pedaços de tijolos e poeira pelo ar.

Mesmo assim, a resistência foi intensa. Atiradores de elite alemães, superados na primeira arremetida, começaram a causar baixas. Havia um deles que ninguém conseguia localizar de jeito nenhum e que tinha interrompido com apenas dois tiros o avanço dos americanos numa esquina. Então, Shifty Powers, o sujeito que tinha passado a infância localizando esquilos na fronde das árvores das montanhas da Virgínia, exclamou: — Eu o localizei! — e atirou.

— Não fomos detidos mais — observa Lipton — e aí continuamos a atacar. Todos retomaram o avanço e o ataque com as armas. Embora fosse forte a resistência, os alemães — a 6ª Companhia do 10° Regimento de Panzergrenadier da 9ª Divisão Panzer — estavam apenas empreendendo uma operação de retaguarda para dar cobertura a uma retirada para Noville. Não obstante, lutaram tenaz e habilmente, sem pânico, para manter aberta a rota de fuga. Mas, quando Speirs avançou com seus homens e ameaçou obstruir a estrada atrás da posição alemã, três tanques Tiger trataram de retirar-se. O

equivalente a um pelotão de infantes os tirou de ação. Cerca de 100 alemães, a

maioria deles feridos, se renderam. A Companhia E tinha passado no teste de força de vontade. Ela tinha tomado Foy.

Lipton e Popeye Wynn foram dar uma olhada no lugar a partir do qual o atirador de elite alemão havia detido o avanço deles, o sujeito contra o qual Powers tinha disparado. Eles encontraram o atirador com uma bala bem no meio da testa.

— Sabe — Wynn comentou —, não vale a pena ficar atirando em Shifty quando ele tem um fuzil nas mãos.

Era o início da tarde. Uma equipe de cinegrafistas tinha chegado para filmar a vitória. No espinhaço do terreno à beira do bosque, Winters viu dois fotógrafos tirando fotografias dos padioleiros transportando os feridos do 1º

Pelotão. — Quando o grupo atingiu um ponto a uns 25 metros do bosque, bem longe do perigo de serem notados, um fotógrafo baixou a câmera e correu para ajudar a carregar o soldado. Ele o segurou de tal forma que pudesse manchar de sangue o mais possível a manga e o peitilho de seu casaco novo, limpo e densamente forrado. Depois, esse sujeito se virou para o amigo, que ainda estava tirando fotografias, e começou a fingir que estava exausto, enquanto se esforçava para vencer os metros finais que o separavam do bosque. Quando chegou lá, encerrou a encenação imediatamente.

A noite, o coronel Sink convocou uma reunião no QG do regimento de todos os principais participantes do ataque. Sink iniciou a reunião com uma pergunta a Winters: — O que você fará em relação à Companhia E?

— Tirarei o tenente Dike do comando e porei o tenente Speirs no lugar dele — Winters respondeu.

Sink concordou com a decisão, e a reunião terminou. O tenente Foley concordou com ela também. “Estamos contentes em ver Dike partir, não apenas porque ele fracassou no comando do 1º Pelotão, mas até mesmo no bosque, quando o 2º Pelotão foi atingido com aquelas explosões entre as árvores, e ficou evidente que o ‘Foxhole Norman’64 não nasceu para ser o nosso comandante”, ele escreveu.

Em pouco tempo ficou claro que Speirs, sim, era talhado para ser o comandante deles, que, aliás, já tinha demonstrado isso na arremetida contra Foy.

64 Algo como “Norman Trincheirinha”. Apelido posto em Dike por seus

comandados logo depois que ele assumiu o comando da companhia, em razão do fato de que ele sempre corria à procura de abrigo toda vez que a artilharia alemã entrava em ação. (N.T.)



13

ATAQUE

NOVILLE

14-17 de janeiro de 1945

— Quando a ordem de ataque chegou, fiquei irritado — revelou Winters.

— Não conseguia acreditar que, depois daquilo pelo qual tínhamos passado e fizéramos, depois de todas as baixas que sofrêramos, eles iam nos enviar para uma operação de ataque. Tinha o sabor de um afago no ego para o general Taylor, uma jogada para mostrar a Eisenhower que, agora que Taylor estava de volta, seus soldados iriam tirar o traseiro da cadeira e seguir para um ataque.

Não é uma observação justa no que diz respeito ao general Taylor. O

ataque fazia parte de uma ofensiva geral planejada para fazer as forças aliadas avançar para o Norte e estabelecer contato com o I Exército Americano, de modo que os tanques alemães ficassem encurralados na ponta do saliente. Ou quantos deles restassem, depois da indecisão de Monty em relação ao cometimento de uma contra-ofensiva. Os alemães tinham começado a fazer a retirada de seus tanques. Podia-se esperar deles um combate com tudo o que eles tinham para manter a rota de fuga aberta.

Quanto à idéia de pôr uma companhia tão estropiada quanto a Easy num ataque frontal através de um campo coberto de neve em plena luz do dia, ela não surgiu porque Taylor estivesse em busca de glória, mas porque Eisenhower precisava de soldados. Ele não tinha forças de reserva para empregar no ataque, mas aquele era o momento de atacar, e ele tinha de atacar com o que havia nas linhas

de combate. Ou seja, a Easy estava pagando o preço da política de mobilização limitada. Simplesmente não havia tropas suficientes para empregar nos combates.

Depois da queda de Foy, a Easy e outras companhias do 2º Batalhão foram postas na reserva do regimento, ao sul da vila. Às 4hl5 do dia seguinte, 14

de janeiro, os alemães lançaram um contra-ataque a Foy com seis tanques e uma companhia de infantaria. Mas foram rechaçados, embora, em seguida, outro ataque, com 14 tanques e um batalhão, tivesse forçado o 3º Batalhão do 506° a sair de Foy. A Easy foi alertada, mas, com a ajuda da artilharia do 3º Batalhão, conseguiu organizar seu próprio e bem-sucedido contra-ataque e, às 9h30, estava de volta à vila.

Essas operações foram executadas sob péssimas condições. Outra frente fria tinha passado pela região. A média da temperatura diária era de quase 8 graus negativos; à noite, a temperatura despencava para quase 18 graus abaixo de zero.

A neve caía quase que diariamente. Era difícil para a divisão levar suprimentos até a estrada Bastogne-Foy por causa de nevascas e necessidades alhures. Como resultado disso, os membros da Companhia E ficaram numa situação tão ruim quanto a que enfrentaram durante a primeira semana do cerco. Não havia comida suficiente, nem galochas, cobertores e sacos de dormir. Lençóis eram usados como camuflagem.

Além disso, o terreno que a companhia tinha pela frente era difícil. A unidade precisava atravessar um campo aberto para chegar a Noville e varrer o inimigo de um bosque denso. Os alemães tinham o controle do planalto, e as resistentes edificações belgas de Noville serviam como posições para atiradores de elite e metralhadoras alemães, além de esconderijo para os tanques inimigos.

O coronel Sink disse a Winters que o 2º Batalhão teria a honra de liderar o ataque a Novil e. Ele deveria partir às 12 horas do dia 14 de janeiro, deslocando-se do bosque ao sul de Foy para uma área à esquerda (a Oeste), tentar ocupar o vilarejo de Recogne e depois empreender um ataque, através de um campo aberto e coberto de neve, contra Cobru, outro povoado, distante cerca de um quilômetro de Noville. À esquerda de Winters, o 1º Batalhão deveria seguir para o Norte e passar pelo bosque para livrá-lo do inimigo.

Winters não gostou das ordens. Ele teria de atravessar 2 quilômetros de campo aberto e coberto de neve para chegar a Cobru. O dia estava ensolarado.

Por que atacar ao meio-dia? Se tivesse sido possível, Winters teria preferido esperar o amanhecer do dia seguinte para atravessar o campo. Mas Eisenhower queria ação, Monty queria ação, Taylor queria ação, Sink queria ação. Assim, o QG do 2º Batalhão e as Companhias Easy, Dog e Fox teriam de agir.

Havia um terraço de topo de encosta que se estendia para sudoeste a partir de Noville, perto de Recogne. Winters viu que, se fizesse seus homens avançar diretamente para esse terraço, eles ficariam cada vez mais protegidos à medida que se aproximassem de Noville. Ele fez que o batalhão formasse uma fila indiana para atravessar a neve, movimento perigoso, mas rápido.

Quando a Easy e o restante do 2º Batalhão partiram, o 1º Batalhão fez o mesmo, pela esquerda. Os tanques alemães em Noville avistaram o 1º Batalhão e dispararam alguns projéteis de 88. Mas eles não viram o 2º Batalhão marchando em direção a Noville ao abrigo do terraço.

Winters olhou para a esquerda. Os 88s estavam destroçando o 1º

Batalhão.

— Os soldados voavam pelos ares — descreveu Winters. — Anos depois, no filme Doutor Jivago, vi soldados atravessando campos cobertos de neve, sendo alvos de tiros de canhão disparados da borda do bosque, e homens voando pelos ares. Essas cenas me pareceram muito reais.

A Companhia E estava tendo seus próprios problemas. Metralhadoras alemãs em Noville abriram fogo contra a companhia numa bacia de drenagem e num riacho, que atrasaram o avanço dos americanos e os fizeram ficar expostos.

Speirs ordenou a montagem de duas metralhadoras para responder ao fogo inimigo. Quando os operadores de metralhadora americanos disparavam uma rajada, um grupo de oito ou dez combatentes atravessava o riacho correndo.

O riacho era tão estreito que a maioria da tropa podia vencê-lo de um salto. Mas o praça Tony Garcia caiu no riacho, já que estava carregando um saco de munição com seis projéteis de morteiro. Ele ficou encharcado. Quando o grupo dele alcançou Novil e, “minhas roupas tinham congelado, produzindo estalos

quando eu caminhava. Isso me poupou de participar, porém, de uma missão de patrulha planejada para o estabelecimento de contato com uma de nossas unidades. O sargento do pelotão disse que eu poderia ser ouvido durante o avanço até Berlim e que eu ficasse por ali mesmo".65

Por volta das 15h30, o batalhão tinha atravessado o campo e se encontrava protegido pelo talude do terraço. Quando anoiteceu, seus homens tinham avançado até uma bacia a sudeste de Cobru.

Speirs fez uma reunião com os oficiais e o primeiro-sargento Lipton. Ele esboçou o plano de ataque para a manhã seguinte, pelo qual eles seguiriam dali para Noville, com o 2º Pelotão à esquerda e o 3º à direita. O plano contava com a vinda de tanques amigos pela direita, como força de apoio na estrada Foy-Novil e.

Depois da reunião, Speirs ordenou a Lipton que liderasse o 2º Pelotão no ataque.

65

Garcia tem outra lembrança marcante desse dia: "Um dos incidentes mais perturbadores que me afetaram foi ver um cavalo em pé na neve e impotente, com uma das patas frontais despedaçada pelo estilhaço de um projétil. Num ato de misericórdia, um dos graduados acabou com o sofrimento do animal com alguns tiros na cabeça. Embora a brutalidade de um homem contra outro seja algo muito trágico, ver animais impotentes sofrendo pelas ações dele é mais trágico ainda."

Lipton reuniu o 2º Pelotão para instruir a tropa. Winters ficou a um canto, ouvindo. Lipton disse a eles que a distância que os separava da cidade era de aproximadamente 800 metros, que eles deveriam mover-se rapidamente para vencer a estrada e alcançar o abrigo proporcionado pelas edificações, que deveriam livrá-las da presença do inimigo num trabalho de equipe usando fuzis e granadas, que o pessoal dos morteiros deveria estar preparado para lançar projéteis contra fortificações alemãs, que os operadores de metralhadora deveriam estabelecer uma base de tiro como apoio, que deveriam evitar ajuntamentos e assim por diante. O único comentário de Winters foi que a distância que os separava da cidade era, na verdade, de quase um quilômetro.

Quando a reunião terminou, a tropa ouviu motores de tanques sendo ligados, e esses veículos começarem a mover-se. Não era possível determinar se eram alemães em retirada ou americanos chegando à estrada Foy-Novil e.

Winters lembra-se dessa noite como a mais fria de sua vida. Havia pouco abrigo; apenas trincheiras abertas às pressas. Os soldados tinham suado muito para chegar a Cobru. Tremeram de frio a noite inteira. Eles se deitavam e adormeciam, mas acordavam tremendo de frio por causa das roupas, que congelavam. A maioria desistiu de tentar dormir. A situação ficou tão grave que, a certa altura, Winters pensou em ordenar a realização de um ataque noturno, mas acabou desistindo da idéia por causa do perigo de eles atirarem uns nos outros em meio à confusão.

Lipton estava apreensivo com a tarefa de liderar o 2º Pelotão num ataque sem saber o que encontraria pela frente. Com isso, decidiu avançar com um operador de rádio para explorar a situação em Novil e. Os dois toparam com um celeiro nos arrabaldes do vilarejo, entraram por uma porta traseira e seguiram tateando até uma porta que dava para um pátio perto da estrada principal, que levava a Noville. Estava tudo tranqüilo. Lipton chamou Speirs pelo rádio para dizer ao comandante onde ele estava e pedir permissão para explorar a cidade.

Ele disse que podia ver alguns tanques Sherman mais adiante e perguntou se Speirs sabia se os blindados americanos já tinham tomado a cidade. Speirs respondeu que não sabia e disse a Lipton que desse uma olhada.

Lipton avançou silenciosamente para os tanques. Eles estavam fora de combate. Havia corpos americanos congelados e espalhados ao redor deles. Eles tinham sido deixados lá quando a Equipe Desobry se retirou de Noville, em 20

de dezembro, quase um mês antes. Os alemães ainda controlavam a cidade.

Lipton e seu operador de rádio se retiraram.

As forças de ataque partiram ao amanhecer do dia 15 de janeiro. Houve resistência, a mais forte no lado direito da estrada, contra o 3º Pelotão. O 2º

Pelotão chegou rapidamente ao centro de Novil e e aos Shermans destruídos. O

3º Pelotão entrou num edifício parcialmente destruído e estabeleceu um PC.

Nisso, chegou uma mensagem pelo rádio: “Viaturas blindadas amigas à direita.”

Quando o tenente Shames e o sargento Al ey receberam a mensagem, ouviram o movimento de tanques do lado de fora. Ansioso por ter diante dos olhos a bela cena da chegada dos tanques pela estrada, Alley disse a Shames que estabeleceria contato com eles. Shames resolveu juntar-se a ele. Eles passaram por vários edifícios destruídos e contornaram uma esquina para chegar à estrada principal. Mais adiante, entre dois edifícios, com uma parte dele oculta, estava o tanque que eles procuravam.

Alley se aproximou e se pôs ao lado do tanque. O comandante do tanque estava de pé na torre de tiro olhando para o outro lado. Assim, Alley disse-lhe em voz alta, em meio ao barulho do motor: — Venha por aqui. — O comandante do tanque se virou, e Alley viu que tinha achado que o tanque alemão era um tanque americano. O alemão esbravejou, entrou no tanque e começou a girar a torre de tiro em direção a Alley e Shames.

Eles não trocaram entre si uma palavra sequer. Em vez disso, trataram de fugir tão rapidamente que quase jogaram neve na cara do alemão, com a força de tração que aplicaram aos pés para iniciar a fuga. O tanque foi atrás deles. Os americanos contornaram uma esquina correndo. De repente, Shames viu uma janela aberta e mergulhou de cabeça através dela. Alley interrompeu a corrida uns 3 metros além de Shames e jogou-se por uma porta com o fuzil pronto para disparar contra os infantes que, com certeza, pensou, estariam com o tanque.

O tanque virou a esquina e passou por Shames e Alley. Ele chegou ao local em que o 2º Pelotão realizava uma operação de limpeza das edificações, perto dos Shermans destruídos. Lipton e alguns de seus homens pularam para baixo dos Shermans, enquanto outros se lançaram atrás de paredes para se proteger. O alemão parou e, girando a torre de tiro, disparou um projétil contra cada um dos Shermans para impedir que alguém usasse seus canhões e atirasse contra o tanque dele enquanto ele seguisse adiante.

— Quando aqueles projéteis atingiram os Shermans, tivemos a impressão de que eles saltaram uns 30 centímetros acima do solo — observou Lipton.

O tanque saiu da cidade e seguiu para o norte, em busca de refúgio. Mas um caça P-47 o avistou, veio ao encontro dele num vôo rasante e lançou uma bomba contra o blindado, destruindo-o.

Alley foi procurar Shames. Ele ouviu gemidos e gritos de socorro.

Quando chegou à janela através da qual Shames se lançara, olhou para dentro e caiu na gargalhada. Ele viu seu tenente preso entre armações de camas, molas e móveis amontoados num porão cuja existência Shames não percebera.

Lá pelo meio-dia, o 2º Batalhão tinha o controle de Noville e havia montado um sistema de defesa perimetral. A vila e as colinas que a rodeavam haviam sido o objetivo da 101ª desde 20 de dezembro. Finalmente, ela caiu nas mãos dos americanos.

"Ficáramos olhando para o norte de Noville de nossas posições nas cercanias de Foy desde o instante em que chegamos a Bastogne", escreveu Lipton, "e tínhamos ficado convictos de que seria o nosso objetivo final na campanha de Bastogne." Mas havia mais um ataque a fazer; o general Taylor queria que o 2º Batalhão seguisse para o Norte, na direção de Houffalize, para livrar o vilarejo de Rachamps da presença do inimigo.

Rachamps ficava num vale vicinal à rodovia, à direita (a Leste). Sua localização era no centro de uma área cujo solo ao redor apresentava ligeiro declive quando se via a cidade a distância, dando a impressão a quem atacava de que estava se deslocando da borda de um pires para o centro dele. O 2º Batalhão atacou do Sul e do Sudoeste, enquanto o 1º Batalhão desceu, pela esquerda, do norte do vilarejo. A tropa estava bem distribuída e avançou sem entraves. Os alemães ofereceram alguma resistência, principalmente de artilharia, com o emprego de projéteis carregados de fósforo branco. Mas, quando os membros do 506° chegaram aos arredores da vila, a maioria dos alemães que a defendiam fugiu. Quando os americanos entraram na vila, os alemães começaram a bombardeá-la.

O sargento Earl Hale foi um dos primeiros a entrar em Rachamps. Ele e Liebgott entraram num celeiro, onde surpreenderam seis oficiais das SS e os fizeram prisioneiros. Hale os pôs em fila com os narizes praticamente se tocando e disse a eles que, se ele e Liebgott fossem mortos, levariam os alemães com eles.

Hale os ameaçou com sua submetralhadora para mostrar que estava falando sério.

Mas, de repente, um projétil explodiu lá fora. Hale estava em pé perto da porta. Ele foi atingido por um estilhaço e caiu. Um dos oficiais das SS tirou a faca da

bota e cortou a garganta de Hale. Ele não conseguiu romper nenhuma artéria nem cortar a traquéia dele, mas cortou-lhe o esôfago. O sangue esguichou.

Liebgott matou o oficial que o atacou e depois os outros. O socorrista Roe aplicou sulfa em pó no ferimento de Hale. Um jipe o evacuou para Luxemburgo, onde o médico, perplexo, cuidou dele. mas não pôde evitar que ele ficasse com o esôfago deformado. Por causa do problema de Hale, o esculápio lhe deu uma ordem médica por escrito declarando que ele não podia usar gravata. (Algum tempo depois, Hale foi parado por um general Patton irado, que o repreendeu pelo fato de que não estava usando gravata. Hale apresentou-lhe o documento triunfalmente e. dessa vez, deixou Patton mudo.)

A fácil vitória em Rachamps mostrou quanto fora incontestável a valorosa atuação da 101ª DIA nas batalhas corpo-a-corpo que vencera, nas lutas que empreendera contra uma dúzia do melhor das divisões blindadas e de infantaria dos alemães. Os americanos tinham atravessado um mês sob condições muito piores do que as dos alemães, que desfrutavam de uma rota de ressuprimento desimpedida e movimentada. Cercada, a 101ª não recebeu suprimentos na primeira semana, e depois disso seus suprimentos foram insuficientes. Foram semanas que puseram à prova a alma de homens mal-alimentados, malprovidos de roupas e uniformes e precariamente armados.

Foi guerra no que ela tem de pior, algo horrível de enfrentar. A 101ª, faminta, com frio, sem armamento adequado, combateu as melhores unidades que a Alemanha nazista conseguira criar nesse estágio da guerra. Essas tropas das Wehrmacht e das SS estavam bem-alimentadas, agasalhadas, cabalmente armadas e eram muito superiores em número à 101ª.

Foi um teste da força de exércitos, de determinação e de sistemas nacionais, um confronto do melhor dos nazistas com o melhor dos americanos e no qual todas as vantagens estavam do lado alemão. A 101ª não apenas resistiu ao ataque inimigo; ela prevaleceu sobre ele. É um épico nascido tanto daquilo que esse confronto revelou quanto daquilo que aconteceu. A derrota dos alemães na maior de suas ofensivas na 2ª Guerra no teatro de guerra da Europa — e a transformação dessa derrota numa grande oportunidade “para matar alemães a oeste do Reno”, nas palavras de Eisenhower — foi um feito de armas sublime.

Com isso, os americanos estabeleceram superioridade moral sobre os alemães.

Essa vitória não se baseou em equipamentos ou quantidade de armas, mas em trabalho de equipe, capacidade de coordenação, liderança e confiança mútua numa linha de frente que se estendia do QG de Ike até a Companhia E. Os alemães tinham pouca coisa parecida com essas qualidades. A superioridade moral assentava em métodos de treinamento melhores, em métodos de seleção para posições de comando mais criteriosos, enfim, principalmente na característica de um exército mais aberto, que era o reflexo de uma sociedade mais aberta. A democracia mostrou-se mais capaz do que a Alemanha nazista de produzir jovens que podiam ser transformados em excelentes soldados.

Que tipo de veteranos de grandes campanhas esses soldados alemães eram ficou evidente num pequeno incidente em Rachamps. O sargento Rader nos fala sobre isso:

— Quase matei um Kraut feito prisioneiro, pelo fato de que riu de mim quando cheguei à cidade, apenas porque alguém pegou meu M-1 e gritou:

“Sargento, ele não tem lábios nem pálpebras!” Ele os tinha perdido na frente de batalha na União Soviética.

A batalha transformou a 101ª num mito. O mito que nasceu na Normandia, cresceu na Holanda e atingiu o auge em Bastogne. A 101ª DIA era a mais famosa e admirada de todas as 89 divisões que o exército americano tinha levado à 2ª Guerra Mundial. Desde então, seus membros usam a Screaming Eagles no ombro esquerdo com o maior orgulho.

Em Rachamps, Speirs estabeleceu o PC da companhia num convento.

Era a primeira vez que o PC ficava num edifício desde que a Easy partira de Mourmelon, um mês antes. À noite, as freiras levaram para o grande salão um grupo de meninas com 12 e 13 anos de idade para cantar uma serenata para os membros da Companhia E. O programa incluía canções belgas e francesas, várias em inglês, e a marcha alemã “Lili Marlene”.

Na manhã seguinte, 17 de janeiro, a 17ª DIA rendeu a 101ª DIA na linha de batalha. A Companhia E embarcou em caminhões e foi levada para a Alsácia.

Os caminhões passaram com os combatentes pela mesma rodovia que tinham controlado durante quatro semanas e os levaram para Bastogne. Essa era apenas a segunda vez que a maioria deles veria Bastogne — a primeira fora em 19 de

dezembro, quando atravessaram a cidade marchando, enquanto soldados americanos apavorados fugiam às pressas da arremetida alemã; a segunda, em 17

de janeiro, quando a cidade foi tomada.

Embora a tropa tivesse visto pouco de Bastogne, seu nome — e a experiência que ele lembrava — ficaria com eles para sempre. Dali por diante, toda vez que um combatente da Easy sentia frio, fome ou necessidade de dormir, ele procurava lembrar-se de Bastogne e de que tinha passado por coisas bem piores.

As perdas da Easy foram grandes. É impossível chegar a números exatos; na apressada movimentação para deixar Mourmelon, a lista de chamada da companhia não estava completa; substitutos chegavam individualmente ou como pequenos grupos e não eram adequadamente arrolados na lista; os feridos saíam da linha de tiro e voltavam alguns dias depois. Uma estimativa dá conta de que a Easy entrou na Bélgica com 121 oficiais e soldados, recebeu por volta de duas dúzias de substitutos e saiu de lá com 63 homens. Os membros da Easy mortos em combate na Bélgica foram o sargento Warren Muck, o cabo Francis Mellett e os praças A. P. Herron, Kenneth Webb, Harold Webb, Carl Sowosko, John Shindell, Don Hoobler, Harold Hayes, Alex Penkala e John Julian.

A melhor descrição do custo de participação da Companhia E na Batalha das Ardenas foi feita pelo praça Webster, que foi reengajado na companhia durante a viagem de caminhão para a Alsácia. Ele tinha sido ferido no início de outubro; agora, eles estavam nos meados de janeiro. Ele escreveu: “Quando vi o que restou do 1º Pelotão, quase chorei; de 40, sobraram apenas 11 soldados.

Nove deles eram velhos combatentes que tinham saltado na Holanda, na Normandia ou em ambos os lugares: McCreary, Liebgott, Marsh, Cobb, Wiseman, Lyall, Martin, Rader e Sholty. Embora os outros dois pelotões estivessem mais bem supridos que o 1º, seu efetivo estava tão reduzido que, combinado com o 1º, ele não comporia um pelotão comum, e muito menos uma companhia.”

Além dos mortos e feridos, todos os combatentes presentes em Bastogne sofreram. Combatentes que escapavam de estilhaços e de balas eram baixas por alguma razão. Não havia soldados sem ferimentos em Bastogne. Nas palavras de Winters, “não tenho certeza se alguém que passou por ali não levava consigo as marcas da experiência ocultamente. Talvez esse seja o fator que ajuda a manter

os membros da Easy tão fortemente unidos”.

Eles se conheciam de uma forma tão profunda que somente aqueles que combateram juntos em várias situações táticas conseguem conhecer-se, tal como somente os que suportaram juntos o extremo sofrimento resultante da combinação de frio, insuficiência alimentar e poucas horas de sono e vivendo sob tensão constante são capazes de se conhecer.

Eles conheceram o medo juntos. Não apenas o medo da morte ou de ferir-se, mas também o medo de que aquilo tudo não valia a pena. Glenn Gray escreveu: “O maior medo que tive em meus anos de guerra, medo que ainda me acompanha, era de que todos esses acontecimentos não tivessem sentido. .

Foram muitas as vezes em que escrevi em meus diários de guerra que, a menos que meu dia tivesse algum significado positivo para minha vida futura, ele não valia a dor que me custava.”66

Eles venceram nas Ardenas porque se haviam tornado um grupo de irmãos. A companhia mantivera a coesão nesse momento crítico na neve, nas cercanias de Foy, porque o primeiro-sargento Lipton e seus colegas graduados, quase todos homens de Toccoa, tinham espírito de liderança, persistência e união.

Apesar de um novo comandante, de novos oficiais e novos recrutas, o espírito da Companhia E estava vivo, graças aos sargentos. A atuação de Winters como subcomandante do 2º Batalhão e, geralmente, como comandante de fato dessa unidade (o tenente-coronel Strayer passou a maior parte do mês no QG do regimento, trabalhando para o coronel Sink como membro do setor de operações e treinamento — S-3) foi de grande ajuda. E Speirs estava mostrando-se um excelente comandante de companhia, capaz de tirar o melhor da unidade.

Esse espírito foi bem descrito por Webster. A essa altura, Webster tinha se ferido duas vezes e voltara para a linha de combate nas duas ocasiões. Ele não queria deixar que seus pais usassem a influência deles para tirá-lo das linhas de frente. Ele não aceitava nenhum posto ou responsabilidade na Companhia E. Ele era um intelectual de Harvard que se havia decidido a respeito de sua opinião sobre o significado da 2ª Guerra Mundial e mantinha-se fiel a ela.

Ele era um homem de livros e bibliotecas, leitor e escritor, sensível, judicioso, arguto, observador, ponderado e educado. E atiraram-no na mais liberal promiscuidade (espremido num caminhão aberto em viagens por estradas

escorregadias de uma região montanhosa; períodos de sono em trincheiras na companhia de outros recrutas) com caipiras grosseiros, fazendeiros do Sul, mineradores, lenhadores, pescadores e outros tipos mais, que eram maioria entre os recrutas da companhia. Dos que haviam freqüentado a universidade, a maioria 66 Gray, The Warriors, p. 24.

buscara especialização em administração comercial e pedagogia. Em suma, Webster foi posto no meio de homens com os quais não tinha nada em comum.

Em sua vida de civil, ele não teria tido especial simpatia ou antipatia por esse ou aquele; ele simplesmente não os teria conhecido.

Apesar disso, foi nesse grupo de homens que Webster encontrou seus melhores amigos e saboreou ao máximo o senso de identificação com outras pessoas.

A descrição que ele faz da viagem para a Alsácia no caminhão com o seu pelotão merece uma citação completa:

“Patinhamos através da lama em direção aos caminhões e embarcamos.

McCreary e Marsh acenderam cigarros. Martin fez uma piada de um oficial que passava. Perguntei o que tinha acontecido com Hoobler. Morto em Bastogne.

Pobre Hoobler, que saiu da guerra dessa maneira, morto na neve. E os outros?

Muck e seu amigo Penkala, que tinha a trincheira mais profunda em determinada posição, fora atingido em cheio por um projétil. Sowosko levou um tiro na cabeça no ataque a Foy. E assim por diante. Alguns substitutos que tinham chegado depois da campanha da Holanda tinham morrido também. Muitos soldados tinham sido evacuados por causa do pé-de-trincheira, e muitos deles, considerou McCreary. O pelotão já não era o mesmo.”

Webster achava que era. Ele percorrera um longo e complicado caminho pelos postos de substituição para reengajar-se à companhia, um tempo de frustração e solidão para ele entre soldados enfadonhamente parecidos e trajando uniforme cáqui. Agora ele estava em seu meio, de volta ao 1º Pelotão, de volta à Companhia E.

“Foi bom voltar para a companhia de colegas que eu conhecia e nos quais podia

confiar", ele escreveu. "Ouvir as conversas no caminhão me fez sentir-me bem e relaxado por dentro, como uma criança perdida que tivesse voltado para um lar radiante, cheio de amor, depois de vagar numa floresta escura e fria."

Algumas cadeiras desse lar estavam vazias. Elas eram ocupadas pelos homens que tinham sido mortos ou gravemente feridos ou que haviam sofrido uma crise nervosa. Mas, como a reação de Webster indica, embora a Easy perdera muitos membros e ganhara outros, graças aos antigos oficiais da companhia então engajados no estado-maior de um batalhão ou de um regimento e aos graduados, a unidade continuou como um organismo íntegro.



14

A Patrulha

HAGUENAU

18 de janeiro-23 de fevereiro de 1945

Em meados de janeiro, desesperados para salvar o que lhes fosse possível de suas tropas e de seus equipamentos nas Ardenas, os alemães empreenderam uma operação diversionária na Alsácia, codinominada Nordwind (Vento Norte), numa tentativa de fazer as tropas americanas sair da região das Ardenas. Tal como haviam feito no ataque dos meados de dezembro nas Ardenas, eles atacaram um setor da linha de frente americana precariamente defendido.

(Quando o III Exército, comandado por Patton, deixou a Alsácia para seguir em demanda das Ardenas, o VII Exército se deslocou para a esquerda para ocupar a posição dele, bem como para assumir a sua mesma.) Quando a operação Nordwind começou, Eisenhower enviou a 101ª para a Alsácia com o objetivo de fortificar a linha.

Quando os pára-quedistas receberam a notícia de que seriam levados para a Alsácia de caminhão, ela chegou acompanhada de um boato que acabou mostrando-se exagerado: o de que os alemães tinham realizado uma ruptura das

fileiras inimigas. Diante disso, Winters pensou: “Meu Deus, eles não têm outra unidade neste exército para fechar essa ruptura?”

Foi uma longa viagem. A Alsácia ficava a uns 257 quilômetros ao sul e mais ou menos a leste de Bastogne. Os dias eram frios e inclementes. com a neve caindo. As estradas estavam escorregadias e perigosas. Os caminhões avançavam em ritmo de caminhada; a tropa conseguia saltar, aliviar-se e alcançar o veículo para tornar a embarcar sem dificuldade. Na maioria das vezes, porém, o processo era engraçado, pois, por dentro e por fora, o combatente estava usando calças-balão, calças verde-oliva, ceroulas e cuecas verde-oliva. Todas tinham botões — nenhum fecho ecler. O combatente tentava abrir tudo sem tirar as luvas. Às vezes, parecia levar um eternidade.

O comboio saiu de Bastogne e passou por Bellefontaine, Virton, Etain, Toul, Nancy, Drulingen, chegando em 20 de janeiro. O 506° RIP foi para a reserva.

Durante a viagem, o sargento ficou doente, com tremedeira e febre alta.

Em Drulingen, ele fez uma visita ao médico, que o examinou e declarou que ele tinha pneumonia e precisava ser evacuado para um hospital. Lipton disse que era o primeiro-sargento da Companhia E e que não podia abandoná-la. O médico disse a ele que voltasse na manhã seguinte, já que não poderia evacuá-lo à noite.

O tenente Speirs e o sargento Lipton conseguiram um quarto numa casa alemã para passar a noite. (A Alsácia, na fronteira entre a França e a Alemanha, muda de mãos a cada nova guerra. Em 1871, tornou-se território alemão; os franceses a recuperaram em 1919; em 1940, voltou para as mãos dos alemães; em 1945, foi a vez de os franceses a recuperarem.) O quarto tinha apenas uma cama.

Speirs disse a Lipton que ele podia dormir nela. Lipton respondeu que isso não era correto; já que era recruta, ele dormiria no piso, em seu saco de dormir. Para resolver a questão, Speirs respondeu, simplesmente: — Você está doente.

Lipton deitou-se na cama. O casal de idosos que morava na casa deu um pouco de Schnapp67s e Apfelstrudel.68 Lipton nunca tinha tomado bebida alcoólica, mas bebericou o Schnapps até ingerir todo o conteúdo de um copo grande e comeu a torta. E caiu em sono profundo. De manhã, sua febre tinha diminuído, e seu vigor voltara. Ele voltou ao oficial-médico, que não conseguiu acreditar na melhora. O médico classificou como milagrosa a recuperação dele.

Speirs, exultante com a melhora do colega, disse que ele e Winters tinham recomendado Lipton para o recebimento de uma promoção e que o coronel Sink queria conversar com ele. Lipton foi até o regimento, onde Sink lhe submeteu, durante uma hora, a um tormentoso interrogatório a respeito de suas experiências como combatente.

A Easy ficou na reserva por quase duas semanas, movendo-se quase diariamente de uma vila para outra. O tempo esquentou. O sol brilhou. A neve começou a derreter-se, e o solo cobriu-se de lama. Um caminhão de suprimentos chegou trazendo uma carga de botas de cano longo térmicas e impermeáveis, além de meias e palmilhas de feltro. — Onde vocês estavam seis semanas atrás, em Bastogne, quando precisávamos de vocês? — clamaram os combatentes contra os motoristas. Roupas sujas, cobertores e sacos de dormir foram recolhidos pela Companhia de Intendência e enviada para a lavanderia. Chuveiros coletivos portáteis capazes de atender 215 homens por hora foram trazidos também; a Easy passou por eles como uma companhia inteira. A água não era quente, mas, pelos menos. não chegava a ser fria. Muito sabonete e espuma, esfrefa-esfrega — foi necessário um esforço muito grande para remover seis semanas de sujeira e suor.

Trouxeram filmes também, entre eles Rhapsody in Blue, Buffalo Bil e Our Hearts Were Young and Gay. Stars and Stripes, Yank e Kangaroo Khronicle 67 Gim holandês. (N.T.)

68 “Torta de maçã”. (N.T.)

traziam notícias do mundo lá fora (não tão bem-vindas como seriam de esperar, pois as notícias do Pacífico mostravam que a guerra ali tinha ainda um longo caminho pela frente; isso gerou boatos de que a 101ª seria embarcada com destino ao Pacífico para “o grande salto” no Japão).

Em 5 de fevereiro, a Easy seguiu para a linha de batalha, quando o 506°

rendeu o 313° de Infantaria da 79ª Divisão na cidade de Haguenau. A população era de quase 20 mil habitantes, o que foi a causa do melhor momento dos pára-quedistas na Europa. Carentan tinha cerca de 4 mil habitantes; Mourmelon, por volta de 4.500, e Bastogne, talvez uns 5.500. Haguenau abrangia as duas margens do rio Moder, tributário do Reno. A posição da Easy ficava na extremidade do flanco direito do 506°, na junção do Moder com um canal que

atravessava a cidade para quebrar uma alça do Moder.

— Nossa posição era algo parecido com um ponto nas fileiras alemãs —observa o tenente Foley. A Easy ocupou os edifícios da margem sul: os alemães ocupavam os edifícios da margem setentrional. O rio estava acima de seu nível normal, com forte correnteza. Sua largura variava de 30 a 100 metros, o que era muito para permitir o lançamento de granadas de uma margem à outra, mas não para os tiros de metralhadoras, fuzis e morteiros. Ambos os lados tinham o apoio de artilharia. Alguns quilômetros atrás de suas fileiras, os alemães tinham um gigantesco canhão ferroviário (talvez de 205 milímetros) remanescente da 1ª

Guerra Mundial. Ele lançava projéteis tão grandes quanto os dos canhões navais de 16 polegadas que haviam apoiado os americanos na Praia de Utah.

Os pára-quedistas se instalaram em edifícios que tinham sido ocupados pela 79ª Divisão. Webster e cinco outros membros do 1º Pelotão ocuparam um edifício no encontro do Moder e do canal. “Seguindo a melhor tradição dos pára-quedistas de confiar em loucos, em vez de no poder de fogo”, escreveu Webster, “seis de nós, com um B.A.R.69, rendemos 18 empavonados da 79ª

Divisão com uma metralhadora .50 resfriada a água e uma metralhadora calibre .30 resfriada a ar”. Os membros da 79ª Divisão disseram ao 1º Pelotão que o setor era tranqüilo, sem ofensivas empreendidas por nenhum dos lados, mas Webster notou que eles partiram às pressas depois de lhes passarem o mais breve dos informes.

O edifício que o 1º Esquadrão do 1º Pelotão ocupou era praticamente um monte de ruínas. Parte de suas paredes tinha sido derrubada; o telhado fora parcialmente destruído por projéteis de morteiros; todas as janelas estavam quebradas; os pisos entulhados de gesso, tijolos e vidro quebrados até a altura do joelho, corrimãos arrancados, para serem usados em lareiras, privadas entupidas de fezes; o porão era um esgoto de cinzas, excremento e latas de ração.

Depois de examinar o local, o cabo Tom McCreary expressou o sentimento geral de seu esquadrão: — Entramos pelo cano.

Essa era a primeira vez que os membros do esquadrão tinham ficado num abrigo de alvenaria na linha de batalha. E trataram de pôr mãos à obra para melhorar suas acomodações. Eles reorganizaram o sótão, pondo os beliches e as rações C num cômodo e transferindo o lixo para outro. Acharam alguns lampiões a gás e

um fogão que ainda funcionava. Eles invadiram um sistema de telefonia de campanha alemão e estabeleceram contato com o PC do 1º Pelotão.

Quando precisavam defecar ou urinar, iam até o terceiro andar, “onde a privada estava cheia somente até a metade”.

George Luz, operador de rádio do PC do 1º Pelotão, lhes fez uma visita.

O esquadrão de McCreary mostrou-lhe suas acomodações com orgulho. — Se acham isto bom — observou Luz —, deveriam ver a Companhia do QG. Eles 69 Também grafado como BAR. Acrônimo de Browning Automatic Rifle. Fuzil totalmente automático, resfriado a ar, capaz de efetuar de 200 a 350 tiros por minuto. (N.T.) estão vivendo como reis. — Ele olhou em volta novamente e acrescentou: —

Aqueles filhos da mãe.

(Webster nutria os mesmos sentimentos de Luz. Ele voltou para o PC da companhia o mais cedo possível, pois “havia nobreza demais naquele lugar; um soldado não tinha chance lá”.)

Tal como ocorrera na Ilha, movimentos diurnos eram impossíveis.

Atiradores de elite estavam sempre prontos para destroçar qualquer um pego em áreas abertas. O menor movimento atraía projéteis de morteiro; dois ou três soldados do lado de fora justificavam o disparo de projéteis de 88 contra eles.

Por causa disso, escreveu Webster, “nossa maior distração era comer.

Passávamos mais tempo preparando, cozinhando e ingerindo comida do que qualquer outra coisa”.

A missão da companhia era defender e manter a linha, despachar patrulhas para manter contato com os alemães e atuar como observadores de artilharia avançados. O esquadrão de McCreary guarnecia o posto de observação número 2. Dois combatentes, um deles na janela do terceiro andar, o outro no porão, com o telefone, ficavam de serviço durante uma hora cada. Da janela, os combatentes tinham uma bela vista do setor alemão da cidade. Eles podiam solicitar fogo de artilharia praticamente sempre que quisessem, um luxo antes desconhecido. Os alemães davam o troco.

Era difícil dizer o que era mais perigoso: morteiros, as balas precisas dos atiradores de elite, rajadas de metralhadora, projéteis de 88 ou o enorme canhão ferroviário. Um fato interessante sobre o monstruoso canhão era que, embora estivesse tão distante na retaguarda que a tropa não conseguia ouvir seus disparos, ela ouvia o projétil, de baixa velocidade, vindo ao longe. Parecia um trem locomovendo-se. Shifty Powers lembrou-se da ocasião em que estava atuando como observador numa janela do terceiro andar. Quando ouviu o projétil chegando, ele teve tempo de correr para o andar inferior e entrar no porão antes de ele cair.

Embora os combatentes vivessem sob constante perigo — um tiro direto do canhão ferroviário podia destruir edifícios inteiros —, eles eram espectadores da guerra, em certo sentido. Glenn Gray disse em seus escritos que as "atrações secretas da guerra" são "a satisfação de observar, a satisfação da amizade, a satisfação de ver destruição". E acrescenta: "A guerra, como espetáculo, como algo para se ver, nunca deveria ser subestimada."70 Gray nos faz lembrar que o olho humano padece da concupiscência pelo ineditismo; ele anseia pelo novo, pelo incomum, pelo espetacular.

A guerra fornece mais elementos para a satisfação desse anseio do que qualquer outra atividade humana. As exibições pirotécnicas são muito mais duradouras e sensacionais do que o mais elaborado dos festejos de 4 de Julho é capaz de oferecer. Do PO 2, Webster pôde ver "os projéteis explodindo tanto nas zonas amigas quanto nas zonas inimigas de Haguenau e observar ataques rasantes de P-47s em toda parte". À noite, os quilômetros de baterias antiaéreas atrás da linha de tiro voltaram seus holofotes para o céu, de maneira que a luz refletida nas nuvens iluminasse a frente de batalha. Ambos os lados lançavam foguetes de sinalização toda vez que um observador solicitava o disparo deles; o combatente surpreendido fora de seu abrigo quando um deles era disparado tinha de ficar imóvel até que ele se apagasse. Todas as metralhadoras disparavam balas traçantes, o que aumentava o espetáculo.

Os grandes projéteis de artilharia provocavam incêndios crepitantes e intensos, que iluminavam o campo. "Incêndios em combates causam uma impressão sinistra", Webster observou. "As chamas enormes e vigorosas parecem tão estranhas e gritantes que nenhum dos lados ousa expor a mais 70 Gray, The Warriors, pp. 28-9.

diminuta chama de um palito de fósforo.”

A guerra não satisfaz apenas a concupiscência dos olhos; ela consegue criar, mais ainda do que os rigores coletivos do treinamento, um sentimento de amizade. Em 9 de fevereiro, Webster escreveu numa carta enviada aos pais:

“Voltei para casa outra vez.” A descrição que ele faz da vida no PO 2 inclui os perigos enfrentados por ele, mas também enfoca os sentimentos que ele tem por seus colegas de esquadrão. “Como o perigo derruba as barreiras do eu e dá ao homem um sentimento de comunidade?”, Gray pergunta. E ele mesmo responde que é a “força de união entre os colegas. Em momentos [de perigo], muitos têm uma vaga noção de quanto suas vidas foram distantes e isoladas até então e de quanto perderam com isso. . Com as fronteiras do eu ampliadas, eles experimentam um sentimento de afinidade jamais visto”.71

(Webster e o praça Bob Marsh receberam ordens certa noite para montar a metralhadora na sacada de seu edifício, de forma que dessem tiro de cobertura a uma patrulha, se necessário. Eles estavam tão expostos que, caso atirassem, a guarnição de um canhão motorizado alemão do outro lado do rio os avistaria sem o auxílio de observadores. Mas eles decidiram que, se a patrulha fosse atacada, abririam fogo com tudo que tivessem, “pois a vida de cerca de 20

soldados poderia depender de nós”. Webster, que jamais se ofereceu como voluntário, comentou: — Essa foi uma das ocasiões em que eu nos via dando uma de heróis mesmo que isso significasse a nossa morte.) A terceira “delícia” de Gray proporcionada pela guerra é a satisfação pela destruição. Não se pode negar que a tropa gosta de ver edifícios, veículos e equipamentos serem destruídos. A multidão que se reúne em qualquer cidade em 71 Gray, The Warriors, pp. 43-6.

que um edifício esteja prestes a ser demolido ilustra a idéia. Para o combatente, é um espetáculo agradável ver ser riscado do mapa pela artilharia amiga um edifício que talvez esteja sendo usado como refúgio pelo inimigo. Em seu diário da 1ª

Guerra Mundial, o soldado alemão Ernst Juenger falou do “monstruoso desejo de aniquilação que pairava sobre o campo de batalha. . Talvez um observador neutro tenha acreditado que estávamos tomados de um excesso de felicidade”.72

A preocupação do combatente é com a morte, não com a vida, com a destruição, não com a construção. A maior das destruições é o ato de matar outro ser humano. Quando os atiradores de elite americanos atingiam um alemão do outro lado, gritavam “Peguei! Eu o peguei!” e dançavam de alegria. O praça Roy Cobb avistou um alemão caminhando atrevidamente de um lado para o outro na frente de uma cabana a algumas centenas de metros. Ele o atingiu logo no primeiro disparo. O praça Clarence Lyall, observando a cena com binóculos, disse que o semblante de dor e perplexidade no rosto do alemão era algo interessante de ver. Quando o soldado inimigo tentou arrastar-se para dentro da cabana, Cobb acertou mais dois tiros nele. Em cada uma das vezes que ele foi atingido, ouviram-se hurras e vivas.

Como sempre, na linha de frente, não havia passado nem futuro, mas apenas o presente, um presente sempre tenso, em razão da eterna ameaça de que a morte violenta poderia vir a qualquer momento. “A vida se tornou uma questão de sobrevivência diária ou de hora após hora”, Webster disse em carta enviada aos pais.

Os substitutos chegavam. Isso era inquietante, pois, quando uma divisão aerotransportada, que, organizada geralmente com sua força máxima em bases aéreas como preparativo do salto seguinte, recebia reforços enquanto ainda na linha de frente, significava que a divisão iria continuar lutando. No PO 2, “quatro 72 Citado em Gray, The Warriors, p. 52.

soldados muito jovens e assustados, recém-saídos da escola de pára-quedismo”, foram engajados no esquadrão. “Senti um aperto no coração. Por que o exército, com todos aqueles brutamontes maduros no escalão da retaguarda e aqueles palermas da Força Aérea Americana na Inglaterra, optam por enviar seus membros mais jovens e inexperientes direto de treinamentos básicos para o serviço mais detestável do mundo, como seja o da infantaria da linha de batalha?”, comentou Webster.

Um dos substitutos era o segundo-tenente Hank Jones, formado em West Point (da turma de Eisenhower, de 6 de junho de 1944), que tinha terminado o curso na escola de pára-quedismo no Forte Benning no fim de dezembro. Ele partiu de Nova York nos meados de janeiro, aterrissou em Le Havre e chegou a Haguenau em meados de fevereiro.

— A maneira mais rápida de substituir baixas era ensiná-los a dizer

“sigam-me” e enviá-los para além-mar — observou o tenente Foley. Jones era autoconfiante, bem-apessoado e afável. Ele estava ávido para provar o seu valor.

Ele conseguiria essa oportunidade rapidamente, pois o chefe do setor do serviço de inteligência do regimento, capitão Nixon, precisava fazer alguns prisioneiros para interrogatório. Em 12 de fevereiro, ele pediu que Winters providenciasse a captura de alguns alemães. Winters ainda era capitão, uma desvantagem óbvia no trato com os outros dois comandantes do batalhão, que eram tenentes-coronéis. Mas ele tinha amigos no estado-maior do regimento, onde o coronel Strayer era subcomandante, e Nixon e o chefe do S-4 (Matheson) eram ex-membros da Companhia E. Matheson conseguiu apossar-se de alguns botes de borracha infláveis para fazer a patrulha atravessar o rio. Winters escolheu a Companhia E para a missão.

Seria uma grande patrulha, com 20 soldados, tirados de cada um dos pelotões e do QG da companhia, mais dois membros do S-2 do regimento que falavam alemão. O tenente Foley escolheu Cobb, McCreary, Wynn e Sholty no 1º

Pelotão. Assim que atravessasse o rio, a patrulha se dividiria em duas partes, uma liderada pelo sargento Ken Mercier, a outra, pelo tenente Jones.

Os soldados escolhidos para participar da patrulha passaram dois dias nas cercanias de Haguenau praticando o manuseio dos botes de borracha infláveis.

Em 14 de fevereiro, Winters e Speirs visitaram o PO 2, o que muito afligiu os membros do 1º Esquadrão, pois ficaram na frente do PO estudando a posição dos alemães com binóculos, gesticulando e brandindo um mapa. — Praguejamos muito por dentro — relatou Webster —, com medo de que um observador alemão nos avistasse e solicitasse fogo de artilharia contra nosso canto aconchegante.

O plano que Winters e Speirs conceberam contava com o uso das muitas habilidades da Easy, habilidades conquistadas duramente. O batedor da vanguarda seria o cabo Earl McClung, soldado parcialmente descendente de índios e que tinha a fama de ser capaz de “sentir o cheiro de Krauts”. A patrulha se reuniria num PO da Companhia D, onde a tropa tomaria café e ficaria comendo sanduíches até as 22 horas. A patrulha levaria a ponta de uma corda até a outra margem do rio, onde a prenderia num poste telefônico no lado norte, para

que os outros pudessem atravessar o rio puxando-a. Assim que alcançasse as linhas alemãs, a patrulha se dividiria em duas seções; a sob o comando do tenente Jones seguiria para a cidade; a outra, sob o comando do sargento Mercier, para uma casa na margem do rio suspeita de ser um posto avançado alemão.

Conseguisse ou não fazer prisioneiros, a patrulha teria muito apoio em sua retirada, ocasião em que teria de atravessar o rio novamente. Se alguma das seções tivesse problemas ou conseguisse fazer prisioneiros, a seção líder faria soar um apito para indicar que a retirada estaria em andamento. Esse seria o sinal para ambas as seções se reunirem nos barcos e para o tenente Speirs e o sargento Malarkey iniciarem o tiro de cobertura.

O tiro de cobertura tinha sido planejado nos mínimos detalhes. Todas as posições alemãs conhecidas e presumidas seriam cobertas com o relevante fogo de fuzil, metralhadora, artilharia e morteiro. Um canhão antitanque de 57

milímetros foi tomado emprestado de uma divisão e assentado numa plataforma para disparar contra o porão de uma casa que não podia ser atingida por tiros indiretos de artilharia. A Companhia D assentara uma metralhadora calibre .50

(tomada da 10ª Divisão de Blindados Alemã em Bastogne) para varrer as posições alemãs. O 1º Pelotão montaria sua metralhadora calibre .30 na sacada do edifício do PO 2 onde ficaria pronta para crivar de balas os refúgios alemães do outro lado do rio, se necessário (a travessia seria feita bem na frente do PO 2).

A noite do dia 15 de fevereiro estava calma e escura. Os morteiros alemães dispararam apenas alguns foguetes de sinalização e um ou dois 88s. A artilharia americana silenciara, aguardando o apito. Os holofotes estavam apagados, tal como Speirs solicitara. Os americanos não dispararam nenhum sinalizador. Não houve tiroteios de armas leves, nem lua cheia, nem estrelas.

O primeiro barco atravessou o rio sem problema. Os outros dois também. O quarto barco, com McCreary e Cobb a bordo, virou. Eles boiaram uns cem metros rio abaixo, conseguiram desvirar o barco e tentaram novamente, mas viraram outra vez. Acabaram desistindo e voltaram para o PO 2.

Jones e Mercier reuniram os soldados que conseguiram fazer a travessia, dividiram-nos e trataram de cumprir a missão. Mercier tinha em sua companhia um substituto da Companhia F recém-chegado. Sem que Speirs ou Winters

soubessem, o jovem oficial — vibrante e leal, mas ingênuo e ávido por mostrar o seu valor — tinha se engajado à patrulha. Quando subia atrás de Mercier a margem setentrional do rio, ele pisou numa mina Schu73 e morreu. Havia menos de 24 horas que ele estava na linha de combate.

Mercier continuou em direção ao alvo colimado, com oito homens acompanhando-o. Quando chegou perto o bastante do posto avançado alemão, ele disparou uma granada de bocal contra a janela do porão. Quando ela explodiu, a tropa arremeteu contra o edifício e lançou granadas contra o porão também.

Quando estas explodiram, Mercier entrou com seus homens no porão, tão imediatamente após a explosão que o praça Eugene Jackson, substituto que tinha sido engajado na Holanda, foi atingido no rosto e na cabeça por fragmentos de estilhaço. No porão, os americanos acharam três alemães ainda vivos, em estado de choque. Eles pegaram um ferido e dois incólumes e saíram às pressas para a rua. Mercier fez soar o apito.

O sinal provocou o início de um tiro de barragem colossal, que fez tremer o solo. O fogo de artilharia pesada da retaguarda foi engrossado por tiros de morteiros e pelo canhão antitanque. Webster, que observou os fatos da sacada do PO 2, nos dá uma descrição deles: “Vimos uma cortina de chamas; depois, uma bola vermelha entrar no porão de uma habitação do outro lado do rio. Os projéteis de artilharia produziam clarões alaranjados nas estradas e nas fortificações alemãs. Uma casa começou a pegar fogo a uns 800 metros de distância frontal de nossa linha. A Companhia D abriu fogo com a .50 atrás de nós e manteve um disparo regular de rajadas. Um consistente rastro de projéteis traçantes inflamou o trecho do rio, provocando um duelo de pistolas automáticas 73 Difíceis de detectar, as minas Schu eram uma verdadeira invenção do demônio.

Recipiente de madeira do tamanho de uma caixa de fósforos de cozinha, era simples, de fácil fabricação, barata e mortal. Ela continha cerca de cem gramas de TNT, explosivo que se assemelhava a sabão na aparência e na consistência. Quando alguém pisava nela, fazia com que um prego penetrasse num detonador, o que provocava uma explosão que podia arrancar um pé ou causar mutilação ainda pior. Havia milhares de minas Schu sob lamaçais e enterradas nos campos e nas cidades ao longo da Linha Siegfried. (Soldados Cidadãos, Bertrand Brasil, p. 471, do mesmo autor.) (N.T.) com os alemães, que lançavam em revide de seu refúgio num porão incólume um verdadeiro rio de traçantes igualmente

consistente contra a Compahia D.”

Mercier e seus homens correram de volta para os barcos, onde encontraram Jones e sua seção. Quando iniciaram a travessia, chegaram à conclusão de que o estado do soldado alemão ferido se havia agravado demais para que pudesse ser útil. Assim, resolveram abandoná-lo na margem do rio. Um dos substitutos, o praça Allen Vest, sacou uma pistola para matar o soldado, mas recebeu ordens para não atirar. O alemão ferido não poderia fazer nenhum mal a eles. e não havia sentido em revelar a posição deles. Alguns dos combatentes atravessaram o rio usando a corda; outros fizeram a travessia nos barcos.

Assim que atravessaram o rio, os membros da patrulha seguiram às pressas para o porão do PO 2, empurrando os dois prisioneiros na frente.

Quando chegaram ao porão, projéteis da artilharia alemã começaram a explodir no quintal, como o início de uma barragem que abarcava toda a extensão da linha de frente da Companhia E.

No porão, os membros da patrulha reuniram-se em volta dos prisioneiros.

Os americanos estavam exaltados, muitos deles conversando — ou melhor, gritando em meio ao barulho intenso — tentando descrever suas experiências pessoais. O sangue deles fervia.

— Deixe-me matá-los, deixe-me matá-los — clamou Vest, arremetendo contra os prisioneiros com a pistola na mão. Um colega o deteve.

— Saia daqui, Vest. Eles querem estes filhos da mãe no batalhão — um deles exclamou.

De acordo com Webster, os prisioneiros “eram dois graduados muito calmos,

um

Unteroffizier

(terceiro-sargento)

e

um

Feldwebel,

ou

segundo-sargento. Continuaram calmos, de pé, como rochas, num cômodo quente, fedorento, cheio de combatentes querendo matá-los, mas eles não moveram um dedo sequer nem franziram o semblante. Eles eram os sujeitos mais controlados que eu já tinha visto".

Quando as explosões lá fora aumentaram, o praça Jackson, que tinha sido ferido na missão de patrulha, começou a gritar: — Matem-me! Matem-me!

Alguém me mate! Não suporto isto. Deus, não suporto isto. Matem-me, pelo amor de Deus, matem-me! — Seu rosto estava coberto de sangue, pois um fragmento de granada tinha perfurado seu crânio e se alojara em seu cérebro.

— Logicamente, ninguém iria matá-lo, pois sempre há esperança, e aquele maldito prisioneiro me deixou tão louco que comecei a chutar o filho da mãe, e quero dizer que chutei o filho da mãe de todas as maneiras possíveis —conta o sargento Martin. — Estávamos todos muito exaltados — concluiu, pouco convincentemente.

Alguém telefonou para pedir a presença urgente de um socorrista e de padioleiros. Roe disse que estaria lá num piscar de olhos.

Jackson continuou a gritar.

— Matem-me! Matem-me! Quero falar com Mercier! Onde Mercier está?

— clamou, soluçante.

Mercier foi até ele e segurou-lhe a mão.

— Está tudo bem, amigo, tudo bem. Você ficará bom.

Alguém aplicou uma injeção de morfina no braço de Jackson. A essa altura, ele estava sentindo tanta dor que teve de ser deitado e preso no beliche.

Roe chegou com outro socorrista e um padioleiro. Quando eles levaram o paciente para o posto de socorro, Mercier seguiu ao lado do padioleiro, segurando a mão de Jackson. Jackson morreu antes de chegar lá.

“Ele não tinha nem 20 anos de idade”, escreveu Webster. “Sua vida mal tinha começado. Gritando e gemendo, ele perdeu a vida numa maca. Nos Estados Unidos, o padrão de vida continuava a crescer. Lá, as pistas de corrida floresciam, as casas noturnas obtinham os maiores lucros da história. A Praia de Miami enchia tanto que você não conseguia um espaço vago em parte alguma.

Poucas pessoas pareciam importar-se. Ora, isso era crescimento, era prosperidade, era o jeito de fazer guerra. Lemos a respeito de restaurantes operando com mercadorias negociadas no mercado negro, do apelo de um industrial para o início imediato da reversão gradual da condição de comercialização de seus produtos à dos tempos de paz, e ficamos nos perguntando se as pessoas saberiam um dia quanto de terror, de derramamento de sangue e de mortes horríveis e agonizantes é necessário para se vencer uma guerra.”

Durante uma pausa no tiro de barragem alemão, os guardas escoltaram os prisioneiros até o QG do capitão Winters. Mercier sorriu de orelha a orelha quando entregou os dois prisioneiros. O terceiro-sargento falou longamente, mas o segundo-sargento continuou calado.

A noite já não era tranqüila. Ambos os lados disparavam tudo que tinham.

Fogaréus irrompiam ao longo do rio, e projéteis traçantes cruzavam-no em todos as direções.

Toda vez que uma calmaria sobrevinha, os combatentes no PO 2 ouviam alguém do outro lado do rio com a respiração ofegante, gorgolejante, como se estivesse sufocando. O soldado alemão ferido abandonado pela patrulha tinha sido atingido nos pulmões. Webster e seus amigos discutiram o que fazer, se deviam matar o soldado e livrá-lo de seu sofrimento ou deixá-lo morrer em paz.

Webster mostrou-se a favor de matá-lo, pois achava que, se ele fosse deixado nesse estado, os alemães enviariam uma patrulha para buscá-lo, e ele poderia relatar tudo o que estava acontecendo no PO 2. — Com isso, eles nos bombardearão mais intensamente — advertiu Webster.

Webster acabou decidindo que seria melhor atravessar o rio usando a corda que estava estendida de uma margem à outra e esfaquear o inimigo.

McCreary vetou essa idéia. Ele disse que os alemães poderiam estar usando o soldado ferido como isca. Webster concordou com isso. Uma granada de mão seria melhor.

Acompanhado pelo praça Bob Marsh, ouvindo a respiração dificultosa do soldado inimigo, que babava e gorgolejava horrivelmente, Webster desceu cuidadosamente a margem do rio. “Fiquei com pena dele”, escreveu Webster,

“morrendo inteiramente só e lentamente numa região distante de casa, sem esperança ou amor, na margem de um pequeno e imundo rio, sem ajuda.”

Marsh e Webster tiraram o pino de suas granadas e as lançaram de modo que caíssem ao lado do alemão. Uma explodiu; a outra falhou. O estertor continuou. Os americanos voltaram para o posto de observação, pegaram mais granadas e tentaram novamente. O estertor continuou. Eles desistiram; deixaram-no entregue a si mesmo, para que morresse com o tempo.

Quando, pouco antes do amanhecer, a barragem finalmente cessou, a vasca continuava, deixando todo mundo nervoso. Cobb decidiu que não suportava mais isso. Ele pegou uma granada, foi até a margem do rio, lançou-a para o outro lado e, finalmente, matou o alemão.

À noite, o sargento Lipton tinha sido atingido pela explosão de um projétil de morteiro. Um fragmento feriu-lhe a bochecha direita, perto da orelha, e o outro atingiu o cachaço dele. Ele foi para o posto de socorro e recebeu tratamento. (Trinta e quatro anos depois, submeteu-se a uma operação para remover o pedaço de metal no pescoço quando começou a incomodá-lo.) No dia seguinte, 16 de fevereiro, Winters chamou Lipton ao QG do batalhão para entregar-lhe sua Dispensa Honrosa como recruta, emitida em 15 de fevereiro, e uma cópia das ordens em que lhe concediam uma promoção a segundo-tenente, que vigoraria a partir de 16 de fevereiro.

— Quando fui ferido, eu era um civil! — observou Lipton. — Eu já tinha sido dispensado, e minha promoção não tinha sido efetivada ainda. Eu me pergunto freqüentemente como isso teria sido feito se eu tivesse sido morto pela explosão daquele projétil de morteiro. — Ele fez uma pausa. Depois, acrescentou: —

Sempre achei que obter uma promoção no campo de batalha foi a maior honraria que já tive.

Na opinião de todos, o tenente Jones saiu-se bem em sua primeira missão de patrulha — ou seja, aparentemente, ele teve a sábia atitude de deixar que Mercier tomasse as decisões. Uma semana depois, Jones partiu, depois de ter sido promovido a primeiro-tenente.

— Após uma missão de patrulha! — comentou o tenente Foley, indignado. — Jones veio da academia militar de West Point e era membro da WPPA, a West Point Protective Association, conhecida pelo anel que seus membros usam. "Você não é ninguém se não tiver esse anel!" — Jones foi transferido para um posto junto ao estado-maior do regimento. "Corria o boato de que o desfecho da guerra estava se aproximando rapidamente e de que o pessoal de West Point, que comporia o exército no período de paz, estava sendo protegido", escreveu Malarkey.

*

O coronel Sink ficou tão satisfeito com o sucesso da patrulha que ordenou a realização de outra na noite seguinte. Nevou, porém, no intervalo entre a última patrulha e a seguinte, e a neve congelou na superfície, tornando-se quebradiça e ruidosa. O ar frio tinha dispersado as nuvens do céu, e a Lua brilhava. Winters achava que uma missão de patrulha nessas circunstâncias era suicídio. Desse modo, resolveu desobedecer às ordens.

Sink e alguns oficiais do estado-maior foram até o PC do 2º Batalhão para observar a operação. Eles tinham uma garrafa de uísque com eles. Winters disse que ia descer até a margem do rio para supervisionar a patrulha. Quando chegou ao posto avançado, ele ordenou à tropa que continuasse onde estava. Em pouco tempo, assim que o uísque fizesse efeito, Sink estaria pronto para ir dormir. O pessoal da patrulha poderia informar de manhã que tinha atravessado o rio e seguira para as linhas alemãs, mas que não tinha conseguido capturar um prisioneiro.74

Alguns soldados quiseram beber também. Assim, Cobb e Wiseman partiram numa missão diurna para filar bebida, embora tivessem ordens para jamais expor-se durante o dia. Eles acharam uma adega cheia de Schnapps. Cada um

deles pegou duas garrafas, e, quando os atiradores de elite alemães começaram a disparar contra eles, saíram correndo pelo meio da rua, como se fossem estudantes que houvessem roubado maçãs.

Wiseman levou um tiro no joelho. Ele tropeçou e caiu, quebrando as garrafas. Cobb conseguiu salvar as suas. Os dois entraram num porão e começaram a saborear os Schnapps. — Você reúne um grupo de recrutas —observou Martin —, e nada melhor do que tomar um gole de Schnapps. Você tem que ingerir tudo antes de desistir. — Wiseman e Cobb tomaram uma garrafa cada um. Quando voltaram para o QG do 1º Pelotão, completamente bêbados, Cobb envolveu-se numa briga com Marsh.

O tenente Foley os apartou e repreendeu Cobb por ter posto os pés onde não podia, desobedecer a ordens, embebedar-se, causar confusão *etc*. Cobb 74 “Para o cumprimento de ordens nas quais ele não acredita, dadas por homens que, geralmente, estão muito longe das realidades com as quais as ordens se relacionam…

temos o conhecido combatente… Mas é um grande privilégio nas posições da frente de batalha o fato de que, muitas vezes, a desobediência é possível, já que a supervisão não é muito rigorosa onde o perigo de morte existe. Muitos soldados conscientes descobriram que poderiam reinterpretar ordens militares por si mesmos antes de cumpri-las”, escreveu Glenn Gray. The Warriors, p. 189.

enfureceu-se e soltou o verbo. Ele ignorou a ordem de Foley para calar-se. Em vez disso, arremeteu contra Foley. Os dois homens o agarraram e derrubaram.

Nisso, o sargento Martin sacou sua pistola .45. Foley disse a ele que guardasse a arma, ordenou a prisão de Cobb e fez que o levassem para o regimento e fosse encarcerado.

Enquanto isso, Wiseman rejeitava aos gritos a ordem de evacuação do socorrista Roe. Ele dizia que ia ficar com os amigos.

Foley acalmou os membros do pelotão e depois foi para o QG do regimento, a fim de redigir os documentos com que levaria Cobb à corte marcial.

Depois de várias horas dedicadas a isso, levou os documentos ao coronel Sink e contou a ele os detalhes. Quando Foley estava retirando-se, Sink lhe disse: —

Foley, você poderia ter nos poupado muito trabalho. Você deveria tê-lo matado.

Wiseman, ainda bêbado, recusou toda ajuda para tratar seu ferimento e disse que conversaria com o sargento Rader, e com ninguém mais. Rader tentou chamá-lo à razão, sem sucesso. Ele foi levado à corte marcial também.

— Essa experiência penosa foi outro golpe em meu espírito — disse Rader —, depois que Hoobler morreu, e Howel foi ferido em Bastogne.

Em 20 de fevereiro, a Easy foi para a reserva, já que o 3º Batalhão do 506° assumiu sua posição. Horas depois da partida da Easy, os alemães desfecharam um tiro certeiro contra o PO 2. Winters obteve sua promoção para major nesse dia. Em 23 de fevereiro, a 36ª Divisão rendeu a 101ª. A divisão aerotransportada transferiu-se para Saverne, na retaguarda, como preparativo de seu retorno para Mourmelon.

Raras tinham sido as vezes em que a 101ª ficara num setor de retaguarda.

Aquilo que viram lá os fez perguntar-se como os suprimentos conseguiam chegar à frente de batalha. Em duas ocasiões em Haguenau, eles receberam um ração de cerveja de três garrafas para cada um. Os cigarros que recebiam eram Chelseas ou Raleighs, marcas detestadas. E nada de sabão, apenas um pacote ocasional de goma de mascar, um pouco de pasta de dente uma vez — com exceção das rações C e K e de munição, isso era tudo que chegava às linhas de frente. Uma vez que agora estavam perto de um depósito de munições na retaguarda, a tropa soube o porquê disso. Os batalhões da região do porto que descarregavam os navios vindos dos Estados Unidos pegavam sua parte, os batalhões da estrada de ferro se serviam das barras de chocolate Milky Way e das caixas de cerveja Schlitz, as quais gizavam como “quebradas”, os motoristas de caminhão pegavam as caixas de Lucky Strike (de longe a marca mais apreciada), e, quando o quartel-mestre da divisão e os S-4s do regimento e do batalhão se apoderavam do melhor que sobrava, os fuzileiros da linha de frente tinham a sorte de receber rações C e cigarros Raleigh.

Shifty Powers conseguiu um novo M-1. Isso foi bom e, ao mesmo tempo, ruim. Ele vinha usando o que tinha recebido nos Estados Unidos. Ele adorava o velho fuzil. — Era como se tudo que eu precisava fazer era apontar para que ele acertasse o alvo. Foi o melhor fuzil que já tive. Mas, toda vez que tínhamos uma inspeção, eu era repreendido, pois ele tinha um escarvalho no cano. E, sabe, não

há como tirar escarvalhos do cano. Eles estão lá e pronto. — Ele se cansou de ser repreendido, entregou o velho fuzil e pegou um novo M-1. — E digo a você: eu não conseguia acertar um celeiro com aquele fuzil. Aquilo era a pior arma que eu já tinha visto. — Mas, pelo menos, ele não tornou a ser repreendido.

O coronel Sink emitiu ordens para que eles seguissem o mais rigoroso treinamento enquanto estivessem na reserva. Speirs achou isso uma idiotice e não se esforçou nem um pouco para ocultar seus sentimentos. Ele disse aos membros da Companhia E que acreditava em treinamentos duros e sensatos em centros militares, mas achava que a reserva não era lugar para isso.

Apesar disso, Speirs não pôde livrar a companhia de duas formações compulsórias. A primeira foi feita para a realização de um sorteio que daria direito a 30 dias de licença nos Estados Unidos a um combatente de cada companhia. O ganhador tinha de ter estado na Normandia, na Holanda e em Bastogne, e não ter nenhum registro negativo em sua ficha de serviço: nenhum caso de doença venérea, nenhum abandono de posto e nada de corte marcial.

Somente 23 membros da Easy estavam aptos para participar. Speirs misturou as papeletas com os nomes dos combatentes num capacete de aço e tirou o de Forrest Guth. Os colegas aplaudiram o sorteado educadamente. Speirs disse que detestava ficar sem Guth, mas lhe desejou boa sorte. Alguns colegas lhe apertaram a mão. Segundo Webster, o restante se retirou tristemente, “como homens que tivessem visto brevemente o paraíso quando a caminho do inferno”.

A segunda formação foi para uma revista do batalhão. A filosofia de Speirs era evitar o desnecessário, mas fazer com presteza o que fosse certo e indispensável. Ele disse aos soldados que queria que a aparência deles ficasse impecável. Os fuzis deveriam ser limpos. As roupas de combate teriam de ser lavadas. Para isso, providenciaram uma caldeira enorme, onde as ferviam com barras de sabão. Como a lavagem fosse demorada, o praça Hudson decidiu que não lavaria as suas. Quando ele se apresentou para a formação trajando o uniforme sujo, Speirs o repreendeu violentamente. Foley, seu comandante de pelotão, o censurou com veemência. O sargento Marsh, que era seu líder de esquadrão, tentou fazê-lo entender o tamanho da ofensa dele. Hudson sorriu timidamente e disse: — Caramba, meu Deus, por que todo mundo está me criticando?

O general Taylor chegou para a revista das tropas, acompanhado de um relações-públicas fotógrafo. Por ironia do destino, ele parou diante de Hudson e

conversou com ele. O relações-públicas tirou uma fotografia dos dois juntos, anotou o nome de Hudson e de sua cidade de origem e enviou a fotografia para o jornal local e uma cópia para os pais do combatente. Logicamente, em vez de com um grupo de soldados da retaguarda engomadinhos, ficava bem para o general aparecer na fotografia conversando com um combatente endurecido pelas batalhas e recém-saído das linhas de frente. — Portanto — Webster comentou —, o único membro da Companhia E com o uniforme sujo foi o único a tirar fotografia com o general.

— Não nos tínhamos dado conta disso ainda — disse Winters —, mas todos nós começamos a caminhar com mais cuidado, olhando em todas as direções, para evitar que o inimigo nos tirasse de combate. — Depois de Haguenau, "passamos a ter, de um momento para outro, um forte pressentimento: 'Tenho fé em Deus de que vou sair daqui vivo!'"



15

"A Melhor Sensação do Mundo"

MOURMELON

25 de fevereiro-2 de abril de 1945

Em 25 de fevereiro, os membros da Companhia E tiveram uma experiência singular para eles, embora comum para seus pais, como seja a de terem sido transportados através da França em "48s": vagões ferroviários capazes de transportar 40 pessoas ou 8 cavalos. Foi a primeira viagem dos membros da companhia durante a guerra, e eles gostaram muito disso. O dia estava quente e ensolarado, os vagões tinham feno até a altura dos joelhos, havia muita comida, e ninguém atirou neles.

"Enquanto avançávamos pela França", escreveu Webster, "balançando as pernas sentados na porta do vagão, acenando para os fazendeiros e tomando uns goles de uma garrafa de Schnapps, vi que não há coisa melhor do que se afastar da linha de frente. Foi a melhor sensação do mundo."

Eles estavam voltando para Mourmelon, mas não para o quartel. Dessa vez, estacionaram num acampamento, em grandes barracas verdes que acomodavam 12 soldados, situado a uns 800 metros fora do que Webster chamou de “a patética e miserável praça-forte de Mourmelon, castigada por soldados desde os tempos de César, que tinha seis bares, dois prostíbulos e um pequeno clube da Cruz Vermelha”. Na opinião crítica e contundente de Webster,

“Mourmelon era pior do que Fayetteville, na Carolina do Norte”.

A primeira coisa a fazer era limpar-se. Havia chuveiros no lugar, embora a água fosse morna, no máximo. Mas, para homens que não tinham tido um banho adequado desde a partida de Mourmelon, dez semanas antes, a chance de ensaboar-se e esfregar-se, esfregar-se e ensaboar-se, cobrir-se de espuma, enxaguar-se e repetir o processo era alegria pura. Depois disso, eles ganhavam roupas limpas e um novo uniforme Classe A. Porém, quando foram pegar seus sacos de campanha, deixados para trás quando a companhia foi para Bastogne, a alegria deles se transformou em fúria. Os “guardas” dos escalões da retaguarda tinham aberto o depósito para a 17ª DIA quando a divisão seguiu para as Ardenas, e os jovens da 17ª pilharam-no, como se os donos dos pertences não fossem voltar para pegá-los. Haviam sumido com macacões de salto, camisas, insígnias do regimento, botas de pára-quedista, macacões de salto britânicos, células de pára-quedas usados na Normandia e na Holanda, Lugers e outros suvenires de valor inestimável.

O regime imposto pelo major Winters aumentou ainda mais a insatisfação deles. Novos recrutas tinham chegado, e, para integrá-los à companhia, Winters instituíra um rigoroso programa de treinamento. Era como se tivessem de passar pela instrução básica novamente. Eles detestavam isso.

Webster ficou tão farto disso “que, às vezes, em momentos de distração, sentia vontade de voltar para a liberdade relativa dos combates”.

Um desses novos recrutas era o praça Patrick S. O’Keefe. Ele entrara para o exército quando tinha 17 anos de idade, passara pela escola de pára-quedismo e partira de Nova York a bordo do Queen Elizabeth no fim de janeiro. — Eu estava num sono profundo quando passamos pela Irlanda — disse O’Keefe, lembrando-se da ocasião, fato que o desapontou, já que seus pais nasceram em County Kerry, o primeiro porto de escala nas viagens transatlânticas. Ele chegou

a Mourmelon logo depois que a companhia voltou para lá. Sua primeira impressão em relação aos combatentes era que “eram todos durões e velhos e tinham cabelos grisalhos. Pensei: ‘Você quis abraçar o mundo com as pernas, O’Keefe’”. Ele foi engajado no 1º Pelotão, unidade sob o comando do tenente Foley e do sargento Christenson.

Em sua terceira noite em Mourmelon, O’Keefe participou de um treinamento noturno, iniciado à meia-noite. Quando caminhavam no escuro em fila indiana, ele perdeu de vista o soldado que seguia na frente dele. Ele respirou fundo. E ficou tenso, olhando em volta.

Foi quando uma voz tranqüila vindo da retaguarda disse: — Tudo bem, filho. Basta ajoelhar-se e olhar para cima que você conseguirá avistá-lo, pelo contraste do solo com o céu. — Foi o que O’Keefe fez. Ele os viu, disse

“Obrigado” e continuou a marcha. Depois, descobriu que o conselho tinha vindo do major Winters. Então, lá estava Winters, o oficial do estado-maior do batalhão divertindo-se em Paris, liderando um exercício de instrução para recrutas.

O’Keefe assumiu a posição de batedor da vanguarda pouco antes do amanhecer. Às primeiras luzes do dia, eles fariam a simulação de um ataque contra uma posição inimiga fixa no lado oposto de um campo aberto. O’Keefe avançou até a última ondulação do terreno antes do alvo. Embora nervoso com o fato de que um jovem de 18 anos de idade estivesse liderando um grupo de veteranos experientes, ele fez sinal com a mão para que o batalhão parasse e para que o segundo batedor, que estava atrás dele, avançasse, movido pela idéia de que talvez o outro novato pedisse para trocar de lugar com ele. O praça Hickman aproximou-se correndo e, antes que O’Keefe conseguisse articular algo, o recruta disse, inseguro: — Cara, estou contente que você esteja aqui. Estou nesta unidade há apenas três semanas.

O’Keefe recuperou a lábia quando notou que o batalhão estava cheio de substitutos. — OK, jovem — ele disse a Hickman. — Vou atravessar a ponte para ver o que há do outro lado. Trate de voltar e esteja pronto para repassar o meu sinal quando eu o der.

Alguns minutos depois, O’Keefe estava de volta à massa de terreno, segurando o fuzil com ambas as mãos para dar o sinal: — Inimigo à vista. —

Foley avançou com o seu pelotão para a linha de início da operação, gritou

“Estabeleçam um campo de tiro!”, e o ataque começou. Depois de alguns minutos de tiroteios intensos e contínuos, Joe Liebgott se pôs de pé de um salto, deu um grito de guerra indígena, arremeteu contra o objetivo e atacou o ninho de metralhadora com a baioneta calada, dilacerando os sacos de areia, fazendo o papel de herói. O’Keefe e os outros substitutos ficaram muito impressionados com isso.

*

Em 8 de março, o coronel Sink adotou uma política de troca contínua de postos entre os oficiais que vinham atuando nas operações de combate e administrativas por no mínimo dois meses. O tenente-coronel Strayer tornou-se subcomandante de regimento. O major Winters assumiu o posto de comandante do 2º Batalhão. Houve algum remanejamento, com o major Matheson sendo transferido do S-4 para o S-3 do regimento, como substituto do capitão Nixon, que saiu do S-3 do regimento e foi para o S-3 do 2º Batalhão. O tenente Welsh, recuperado do ferimento que sofrera na véspera do Natal, tornou-se membro do S-2 do 2º Batalhão. O capitão Sobel substituiu Matheson como chefe do S-4 do regimento.

O rebaixamento de Nixon como oficial de regimento para oficial de batalhão ocorreu por causa de sua bebedeira. Assim como todos que o conheciam, Sink sabia que Nixon era um gênio, além de soldado corajoso e sensato, mas Sink — ele mesmo um beberrão incontrolável (chamavam-no, pelas costas, de “Bob Uísque”) — não conseguia suportar as bebedeiras noturnas de Nixon. Ele perguntou a Winters se este conseguiria controlar Nixon. Winters disse que tinha certeza de que conseguiria, já que os dois eram excelentes amigos.

Em março, os antigos oficiais da Companhia E estavam ocupando postos no regimento (S-3 e S-4) e no batalhão (o comandante do 1º Batalhão era o tenente-coronel Hester; Winters era o comandante do 2º Batalhão, onde o S-2 e o S-3 eram formados com oficiais da Easy). Um desses homens, Matheson, acabou chegando ao posto de general-de-divisão e comandante da 101ª DIA no Vietnã. Infelizmente, quanto ao capitão Sobel, somos obrigados a dizer, ainda que pela última vez, que andou aprontando alguma no verão de 42 em Toccoa.

Não se pode dizer o mesmo em relação a Winters, cujos sentimentos por Sobel jamais foram amenizados. Aliás, a volta de Sobel proporcionou a Winters um

dos momentos mais satisfatórios de sua vida. Certa vez, quando passava a pé por uma rua de Mourmelon, o major Winters viu o capitão Sobel vindo em direção contrária a ele. Sobel viu Winters também, baixou a cabeça e passou por ele sem bater continência. Quando ele deu mais um ou dois passos adiante, Winters disse, em voz alta: — Capitão Sobel, devemos bater continência para os oficiais, e não para os soldados.

— Sim, senhor — respondeu Sobel e bateu continência com presteza e vigor.

Webster e Martin, parados nas imediações, se deliciaram com a cena ("Gosto de ver oficiais se impondo sobre seus subordinados", comentou Webster), mas não tanto quanto o próprio Winters. (Winters teve outra causa de satisfação em Mourmelon, dessa vez diariamente. Prisioneiros de guerra alemães estavam trabalhando num hospital; todos os dias, ao anoitecer, eles voltavam marchando para o alambrado de prisioneiros. Durante a marcha, cantavam canções marciais. "Eles cantavam e marchavam com orgulho e vigor", escreveu Winters, "e isso era bonito. Meu Deus, eles eram soldados!") O soldado que tinha substituído Sobel e Winters como comandante da Easy, o capitão Speirs, continuava a impressionar tanto os oficiais quanto os recrutas. "O capitão Speirs promete ser um oficial tão bom quanto Winters", escreveu Webster. Ele percebeu que muitos discordavam dele, homens "que detestavam Speirs em razão de ele ter matado um de seus próprios subordinados na Normandia, por achar que ele era obstinado e de caráter duvidoso, porque acreditava que coisas como fadiga de combate não existiam". Mas, para Webster,

"ele era corajoso nos combates; aliás, um verdadeiro bárbaro, um homem que havia ganho sua Estrela de Prata, sua Estrela de Bronze e três Purple Hearts legitimamente. Speirs acredita em coisas como consenso, graduados e em instrução com ênfase em simulações de batalha, em vez de em manuais de guerra.

Gosto de Speirs".

Houve mudanças importantes entre os graduados. O sargento Talbert substituiu o tenente Lipton como primeiro-sargento. Homem genial, Talbert era admirado pelos recrutas porque desprezava burocracia e fazia as coisas baseado no senso comum, em vez de em manuais de guerra. Carson tornou-se escrevente da companhia; Luz passou a mensageiro de pelotão; os sargentos de pelotão, todos praças em Toccoa e feridos pelo menos uma vez, eram Charles Grant (segundo),

Amos Taylor (terceiro) e Earl Hale (primeiro).

A promoção de Hale causou rumores de insatisfação no 1º Pelotão. A tropa não tinha nada contra ele, exceto o fato de que era forasteiro (ele servira no QG da companhia como operador de rádio). A tropa fez que circulasse o boato de que Hale se havia queixado a Winters de que sua esposa estava cobrando dele a conquista de uma divisa e de que Winters tinha dado a ele o comando do 1º

Pelotão como resultado disso. A causa da insatisfação entre os membros do pelotão foi a forma pela qual Johnny Martin fora desconsiderado. — Acho que os oficiais não gostaram dessa atitude leviana — observou Webster —, pois ele tinha um raciocínio rápido e era o maior líder entre nós, naturalmente talhado para ser o sargento do pelotão.

Martin era da mesma opinião. Depois de sobreviver a três campanhas sem se ferir, ele decidiu informar aos socorristas que tinha uma cartilagem problemática num dos joelhos que o incapacitava como combatente. Em pouco tempo, ele voltou para os Estados Unidos.

“Os homens de Toccoa estavam escasseando como as folhas de bordos em novembro”, escreveu Webster. “Um sentimento de impotência e irritação tomou conta dos veteranos em Mourmelon. Lá estávamos nós, atravessando campinas e pântanos, ainda quebrando cercas e pisando em rutabagas, ainda nos campos fazendo exercícios.”

Os veteranos tentaram abster-se de participar das manobras de simulação de batalha. De manhã, eles se apresentavam simulando doença. Speirs perguntava qual era o problema, resmungava e os encaminhava para o posto de socorro. Lá, eles os internavam no hospital por um dia. Um dia em que não faziam nada; ficavam deitados, lendo revistas. Era fácil conseguir isso. Todos faziam isso, mas nunca mais de duas vezes. Até mesmo Webster preferiu participar da simulação de combates a ler ou não fazer nada.

O dia 15 de março foi de merecida recompensa para os membros da 101ª

DIA. Houve um desfile militar diante das mais altas patentes que os soldados tinham visto. O general Eisenhower estava lá, juntamente com o general Taylor, os generais-de-divisão Sir Frederick Morgan e Lewis Brereton, Stephen Early, assessor do presidente Roosevelt, o general-de-brigada Matthew Ridgway e

outros.

Nos preparativos para o desfile, “todos esfregaram e lavaram, poliram e abrilhantaram, desmontaram, limparam e remontaram todas as armas”, disse o tenente Foley, lembrando-se da ocasião. — Tiraram as condecorações do baú e as puseram caprichosamente na camisa. — Além disso, pintaram o capacete, estamparam-lhe a insígnia do 506° num dos lados e, quando ela secou, aplicaram óleo nela até que brilhasse sob a luz do sol e ensaiaram para o desfile.

Logicamente, os oficiais puseram os combatentes na praça de armas três horas antes da chegada de Ike e sua comitiva; obviamente, os soldados xingaram o exército e seu jeito de fazer as coisas.

Eisenhower finalmente chegou. Ele passou numa viatura diante da divisão inteira e depois subiu no estrado de revista de tropa para fazer um discurso. Então, anunciou que a divisão tinha recebido a Medalha Congressual de Honra ao Mérito,75 a primeira vez na história do exército que uma divisão inteira recebia uma honraria desse tipo, por seu desempenho em Bastogne. Num pequeno discurso, Ike foi generoso em elogios: — Vocês tiveram uma oportunidade maravilhosa [em Bastogne] e venceram todas as provações. . Estou muito orgulhoso de vocês.

Ele terminou o discurso com um misto de elogio e exortação: — Esta grande honra vem acompanhada de certa responsabilidade. Assim como uma nova tradição que se inicia, vocês precisam entender, todos vocês, de agora em diante, que a luz dos holofotes incidirá sobre vocês com um brilho especial. Toda vez que disserem que são soldados da 101ª Divisão, todos, seja na rua, seja na 75 Em inglês, The Presidential Distinguished Unit Citation. Instituída em 26 de fevereiro de 1942, foi renomeada depois The Distinguished Unit Citation. É uma condecoração concedida pelo presidente dos Estados Unidos em nome do Congresso norte-americano a unidade militar do exército americano e de nações co-beligerantes por heroísmo extraordinário em situações de combate extremamente difíceis e perigosas, em que a unidade tenha exibido coragem, determinação e espírito de corpo de natureza tal que a distinga e ponha acima das outras unidades participantes da mesma campanha militar.

(N.T.)

cidade, seja na linha de frente, esperarão uma conduta excepcional de vocês. Sei que vocês vencerão todas as provações futuras, como o fizeram em Bastogne.76

Webster, que estava ficando cada vez mais cínico em relação ao exército e exercitando vigorosamente o direito do soldado de reclamar, ficou impressionado.

— Até mesmo os novos recrutas, como eu, sentiram grande orgulho em participar dessa revista — comentou o praça O'Keefe.

O tenente Foley teve "a maior de todas as surpresas". De pé atrás do general Taylor, estava o ajudante dele, ninguém menos que o capitão Norman Dike.

O sargento Hale, que tinha sofrido um corte na garganta nas Ardenas e tivera permissão médica para comparecer ao desfile sem gravata, recebeu sua Estrela de Bronze das mãos do general Eisenhower. Ike quis saber por que ele não estava usando gravata. Hale explicou-lhe por quê. Quando o general Taylor confirmou a história de Hale, Ike soltou sua gargalhada típica e disse que Hale foi o único combatente em todo o Teatro de Guerra Europeu a sair-se com essa.

E vieram as licenças, que foram desfrutadas na Inglaterra, na Riviera, em Paris e em Bruxelas, e folgas noturnas em Reims. O capitão Speirs teve de ir à Inglaterra, onde se casara com uma britânica que acreditava que o marido tinha sido morto no norte da África. Foley foi a Paris e, quando voltou, disse que não se lembrava de nada do que vira. Houve alguns espetáculos patrocinados pela USO, com artistas famosos, inclusive Marlene Dietrich.

A vida na base era tranqüila, mas tinha seu preço. Para elevar o nível da disciplina e da aparência ao do padrão de um escalão da retaguarda, o exército tinha de achar um meio de fazer com que regras e regulamentos fossem cumpridos. Ameaçar membros de uma companhia de fuzileiros que tinha acabado de sair da linha de tiro e estava prestes a voltar depois de uma visita ao

76 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, pp. 697-9.

alambrado de prisioneiros de guerra não passou de uma promessa. Porém, tirar dinheiro das mãos de homens tomados pela expectativa de desfrutar sua licença em Paris lhe pareceu interessante.

Os praças da 101ª tinham um salário-base de 50 dólares por mês, mais 50

dólares de bonificação por serviço perigoso e um adicional de 10 dólares por ficar em zona de combate. O general Taylor criou um tribunal especial em Mourmelon, e começou a impor pesadas multas por violação das regras e dos regulamentos. O combatente pego usando fardamento inadequado recebia uma multa de 5 dólares. O que levasse uma Luger no bolso era multado em 25 dólares.

Nos casos de excesso de velocidade com jipes ou caminhões, a multa era de 20

dólares. Atitudes desordeiras eram infrações que o faziam ser multado em 25

dólares.

O treinamento prosseguiu. Foi estendido dos esquadrões aos pelotões; dali, às companhias e, depois, aos batalhões. A divisão estava preparando-se para uma missão de salto diurna, chamada Operação Eclipse, um salto em Berlim e em seu entorno.

Ninguém saltaria em Berlim até que os exércitos dos Aliados atravessassem o Reno. Durante meses, os membros da Easy ficaram na expectativa de um salto no outro lado do rio, mas, quando o dia dele chegou, a unidade não participou da missão. Eisenhower resolveu poupar a 82ª e a 101ª

para missões em Berlim. Ele deu à 17ª DIA a chance de participar de uma missão de salto e a incluiu na Operação Varsity, a maior operação de emprego de tropas aerotransportadas de todos os tempos (com a participação da 17ª, da 1ª Britânica e da 6ª DIAs).

Não participar da Operação Varsity foi frustrante para muitos dos substitutos, que tinham passado pelos rigores da escola de pára-quedismo, foram engajados na mais famosa divisão aerotransportada do mundo na Bélgica ou na Alemanha e jamais haviam participado de uma operação pára-quedista. Em Mourmelon, uma unidade do Comando de Tropas Aerotransportadas tornou possível a realização de alguns saltos para os combatentes que desejassem isso, de modo que conquistassem o direito de receber a bonificação de pára-quedista ou apenas para se divertir mesmo. O tenente Foley fez dois. Mas esses saltos não eram como os saltos reais.

Assim, em 24 de março, os membros da Companhia E ficaram observando com sentimentos conflitantes um C-47 após outro avançar pela pista de um campo de

aviação nas proximidades, voar em círculo e entrar na formação em V ou Vs, de nove em nove, e seguir para o Nordeste. — Foi uma bela cena

— Foley relata. — Fazia o coração bater mais rápido, e, no meu caso, de alguém que tinha sido engajado numa companhia que participara de duas operações pára-quedistas, achei que tinha perdido a última oportunidade.

Alguns dos velhos soldados eram da mesma opinião. Para espanto dele, Webster acabou surpreendido pelo desejo de que gostaria de ter seguido viagem e ter participado da operação com a 17ª. ‘Teria sido divertido.” Mas ele ficou em terra com os amigos, torcendo pelos que haviam partido, fazendo o V de vitória e gritando: “Acabem com eles, rapazes! Mandem-nos para o inferno!” Então, Webster escreveu: “Fiquei observando-os desaparecer no horizonte junto com o ronco dos motores e, de repente, me senti só e abandonado, como se tivesse sido deixado para trás.”

Um dos membros do 506° que não foi deixado para trás foi o capitão Nixon. O general Taylor o escolheu para saltar com a 17ª como observador avançado da 101ª. Felizmente para Nixon, ele foi designado como mestre de salto de seu avião. Mas o avião foi atingido; apenas Nixon e três outros conseguiram saltar antes de o avião chocar-se contra o solo. O engajamento de Nixon na 17ª durou apenas uma noite; em 25 de março, ele foi levado para o outro lado do Reno, e, de lá, seguiu viagem num pequeno avião especial de volta para o 2º Batalhão, em Mourmelon. O salto deu a Nixon o direito de ser um dos dois membros do 506° a usar três estrelas em suas asas de pára-quedista — pela participação de combates na Normandia, na Holanda e na Operação Varsity. O

outro foi o sargento Wright, dos Pathfinders, que fora membro da Companhia E

em Toccoa.

A resistência alemã contra a Operação Varsity foi feroz. Enquanto os combates prosseguiam, o I Exército Americano atravessava rapidamente o Reno pela Ponte Ludendorff, em Remagen, capturada pouco tempo antes, e depois seguia para o Norte, de forma que pudesse cercar as tropas do exército alemão que defendiam o coração industrial da Alemanha no Ruhr.

Eisenhower precisava fortalecer o cerco no Ruhr. Ele podia dispor da 82ª

e da 101ª. As ordens para empregá-las foram emitidas no fim de março. A companhia avançava, de volta para a frente de batalha, dessa vez no rio Reno.

Os veteranos decidiram não correr nenhum tipo de risco. O fim da guerra estava próximo, e agora eles sabiam que não podiam acreditar em Bastogne, que eles iam conseguir sobreviver. Em segurança. Mais ou menos intactos. Eles queriam fugir do tédio do quartel. Eles sabiam cuidar de si mesmos, estavam prontos para

fazer seu trabalho, mas não para ser heróis.

Ao contrário dos veteranos, os substitutos achavam Mourmelon um lugar fantástico. Eles treinaram com os veteranos, dia e noite, enfrentando problemas reais, todos sob o olhar atento de um homem que era um mito na Companhia E: o major Winters. Eles tinham aprendido lições de salvamento de vidas. Eles passaram a ser considerados e aceitos como veteranos. Tinham orgulho de fazer parte da companhia, do regimento, da divisão, e estavam ansiosos por mostrar que tinham competência para fazer parte dessas unidades.

Portanto, a Easy ficou pronta para os combates no fim de março, quando chegaram as ordens para os preparativos da partida. Eles viajariam para o Reno de caminhão. Webster estava muito contente por sair de Mourmelon, mas apreensivo e ansioso por voltar a combater e frustrado com o fato de que não ia entrar nas batalhas por meio de uma operação pára-quedista. “Eu nutrira a esperança de que faria outro salto”, ele escreveu, “em vez de seguir para a linha de frente em caminhões, pois as operações pára-quedistas são imprevisíveis — elas podem ser difíceis; elas podem ser fáceis; existe a chance de não se deparar nenhum inimigo —, o que me atrai mais do que um ataque de infantaria sem graça, contra um inimigo que sabe onde você está e quando você chegará.”

O praça O’Keefe estava prestes a participar de seu primeiro combate. Ele guarda uma lembrança viva da ocasião:

— Trazíamos suéteres leves por baixo do casaco de campanha, as calças enfiadas no cano das botas, a faca de campanha presa à perna direita, o bornal de provisões preso a cartucheiras de pistola, uma granada de fósforo e uma granada de mão comum presa com fita adesiva ao arnês, na altura do tórax, cantis, um kit de primeiros socorros, os bolsos cheios de rações K, o capacete de aço e o fuzil.

Levávamos nossos pentes de fuzil num cinturão de lona, no lugar das antigas cartucheiras. Em nossos bornais de provisão, levávamos o mínimo possível de cuecas, meias, material de barbear, um kit de costura, cigarros *etc.* — depois de assistirem à missa celebrada pelo capelão John Maloney e receber a remissão dos pecados, O’Keefe subiu num caminhão e partiu para a Alemanha.

A Companhia E estava prestes a entrar em seu quinto país. Os soldados gostaram muito dos britânicos e do povo inglês. Mas não gostaram dos franceses, que lhes pareceram ingratos, carrancudos, preguiçosos e sujos. Eles fizeram uma amizade

especial com os belgas por causa de seu relacionamento intenso e estreito com os civis de Bastogne, que tinham feito todo o possível para apoiar os americanos.

Eles adoraram os holandeses. Corajosos, talentosos, profundamente gratos, com o melhor movimento de resistência da Europa, depósitos cheios de comida escondida dos alemães, mas dada aos americanos, limpos, trabalhadores, honestos eram apenas alguns dos elogios com que os combatentes cumulavam os holandeses.

Agora, eles conheceriam os alemães. Pela primeira vez, estariam nas linhas de frente do território inimigo, convivendo com civis inimigos. E, se o boato tivesse fundamento, boato que dizia que, em vez de se enfurnarem em trincheiras, eles receberiam acolhida nas casas alemãs, teriam a oportunidade de conhecer intimamente os alemães. Esse seria o caso principalmente quando o bolsão de resistência do Ruhr fosse eliminado e o avanço pelo centro da Alemanha começasse. A cada noite, ficariam numa casa diferente, em condições que seus ocupantes saberiam de sua chegada com apenas alguns minutos de antecedência.

Eles chegariam como conquistadores aos quais havia sido dito que desconfiassem de todos os alemães e aos quais tinha sido proibido, por uma política de não-confraternização, manter qualquer contato com civis alemães.

Mas, com exceção de Liebgott e outros mais, eles não sentiam ódio imortal pelos alemães. Muitos admiravam os soldados alemães que tinham combatido. Webster não era o único a achar que a maior parte das atrocidades de que tinham ouvido falar era apenas propaganda. De qualquer forma, em pouco tempo eles veriam por si mesmos se todos os alemães eram nazistas e se os nazistas eram tão maus quanto a imprensa e o sistema de radiodifusão dos Aliados os fizeram crer.



16

Conhecendo o Inimigo

ALEMANHA

2-30 de abril de 1945

As reações dos membros da Companhia E em seu contato com o povo alemão dependeram de seus diferentes preconceitos e de suas experiências.

Alguns encontraram motivos para reforçar seu ódio; outros adoraram o país e seu povo; quase todos acabaram mudando de idéia em relação a eles; todos ficaram fascinados.

A história mais corriqueira da impressão que o recruta americano teve em seu contato com os povos estrangeiros durante a 2ª Guerra Mundial é mais ou menos assim: ele achou os árabes desprezíveis, mentirosos, ladrões, sujos, feios, sem nenhum traço de personalidade compensador. Os italianos eram mentirosos, ladrões, sujos, mas maravilhosos, com muitas características compensadoras, embora os considerassem indignos de confiança. Os camponeses franceses eram carrancudos, lerdos e ingratos, ao passo que os parisienses eram gananciosos, astutos, indiferentes ao fato de enganar alemães ou americanos. O povo britânico era corajoso, engenhoso, graciosamente antiquado, tedioso. Os holandeses eram considerados, como foi dito, simplesmente encantadores em todos os aspectos (mas o soldado comum nunca esteve na Holanda; apenas as tropas pára-quedistas).

A conclusão dessa experiência, pois, é esta: surpresa das surpresas, o recruta achava que o povo de que ele mais gostou, com o qual ele se identificou mais, com o qual mais gostou de conviver, foi o alemão. Limpos, trabalhadores árduos, disciplinados, educados, com estilo de vida e gostos de classe média (muitos recrutas notaram, até onde lhes foi possível, que os únicos povos do mundo que consideravam necessários uma privada com descarga e papel higiênico macio eram os alemães e os americanos), os alemães pareceram a muitos soldados americanos pessoas “iguais a nós”.

Além disso, os recrutas viram, e aprovaram isto, que os alemães começavam a recolher o entulho na manhã seguinte aos combates, ao contrário dos franceses, entre os quais não viram ninguém se importar em limpar a bagunça provocada pela guerra. Obviamente, viram também com bons olhos as jovens alemãs e a ausência de competição no que diz respeito a elas por parte dos rapazes alemães. Eles adoraram a comida e a cerveja alemãs. Mas adoraram, sobretudo, os lares alemães.

Eles ficaram em muitas casas, do Reno à Baviera e à Áustria, às vezes em uma casa diferente a cada noite. Invariavelmente, encontravam água encanada e aquecida, luz elétrica, privadas e papel higiênico decentes, carvão para os fogões.

“Baixar a guarda em sua própria casa era um sensação sem igual no exército. Deixávamos a negra e hostil escuridão para trás quando abríamos a porta. Além das cortinas de blecaute, havia luz e, quando pendurávamos nossos fuzis no cabide para chapéus e tirávamos a capa de chuva, ouvíamos a conversa descontraída na cozinha, e isso nos transmitia calma e bem-estar. Um bule de café esquentando no fogão — bastava que nos servíssemos. Reese falava do caso que tivera em Londres, enquanto Janovek, Hickman, Collette e Sholty jogavam vinte-e-um. Lavávamos as mãos na pia. Isso era um lar. Era o nosso meio. Um grupo pequeno, sociável, limpo, numa casa bem-iluminada, uma xícara de café —o paraíso”, Webster escreveu.

Melhor que isso era o fato de que os combatentes não estavam sendo atacados pelo inimigo, nem estavam atacando. Não admira que tantos deles gostaram muito dos alemães. Mas, como observou Webster, “ao explicar a afeição superficial dos recrutas pelos alemães, talvez seja bom ressaltar o conforto que eles não tiveram em nenhum outro lugar no exército, exceto no território inimigo”.

As experiências dos membros da Companhia E na Alemanha mostram que, durante a guerra, a situação do povo alemão foi bem melhor do que a dos britânicos, franceses, belgas e holandeses. Logicamente, nas grandes cidades alemãs o que havia em meados de abril de 1945 era um verdadeiro Götterdämmerung?77 mas, no campo e nos vilarejos, nos quais, embora houvesse sempre alguma destruição nos principais cruzamentos rodoviários, de um modo geral as casas estavam intactas, ainda com todo o conforto que a maioria das pessoas achava que, em 1945, existia apenas nos Estados Unidos.

Nem todos os recrutas, porém, foram seduzidos pelos alemães. Webster entrou na Alemanha com uma idéia fixa: ele não gostava de alemães, achava que todos eram nazistas, mas decidiu considerar propaganda as histórias sobre campos de concentração e outras atrocidades. Pelo menos no semblante, o povo alemão lhe pareceu “muito insensível”. Para ele, os franceses estavam “morrendo e apodrecendo”, mas os alemães eram apenas um “tigre ferido, lambendo as próprias feridas, descansando, com um ódio abrasador no peito, preparando-se

para atacar novamente. E eles atacarão”.

Embora involuntariamente, Webster sentiu-se atraído pelo povo. “Os alemães que vi até agora me impressionaram como pessoas limpas, eficientes e 77 “O crepúsculo dos deuses”, o “fim do mundo” na mitologia nórdica. (N.T.) honestas”, afirmou na carta enviada aos pais em 14 de abril. Eram religiosos praticantes. “Na Alemanha, todos saem de suas casas e trabalham e, ao contrário dos franceses, que não parecem inclinados a sequer levantar um dedo para se ajudarem, os alemães enchem de terra as trincheiras que seus soldados tenham aberto em seus campos. Eles são mais limpos, mais progressistas e mais ambiciosos do que os ingleses ou os franceses.”78

As ordens vindas dos altos escalões de mando determinavam que o soldado deveria assumir uma atitude de não-confraternização. Os recrutas não deveriam conversar com nenhum alemão, mesmo que fossem crianças, exceto nas situações de assuntos oficiais. O cumprimento dessas ordens absurdas, ordens que iam tão flagrantemente contra a natureza humana, era impossível. Os oficiais, principalmente os que odiavam os alemães, tentavam fazer isso mesmo assim. Webster ria-se da intensidade dos sentimentos do tenente Foley. Ele escreveu que Foley “tinha se tornado tão radical no cumprimento da política de não-confraternização que ordenou que livrassem os campos de todas as guimbas de cigarro (ou seja, que fossem destruídas e que espalhassem as sobras pelo solo) de modo que os alemães não usufruíssem o mínimo que fosse do tabaco americano”.

Webster lembrou-se também da ocasião em que ele e Foley estavam escolhendo casas para pernoitar. “Quando seguimos para o quintal, com o objetivo de fazermos uma inspeção mais detalhada, deparamos um espetáculo horrível para Foley, que acendeu nele todo o fervor de não-confraternização: dois 78 Em seus escritos sobre a experiência dos recrutas americanos com o povo alemão e o resultado disso, de achar que os alemães são “iguais a nós”, Glenn Gray ressalta que “o inimigo não poderia ter se transformado tão rapidamente, de animal, num ser humano afável. Portanto, somos praticamente forçados a concluir que os recrutas tinham sido enceguecidos pelo medo, pelo ódio e pela propaganda de seu próprio país”. Gray, The Warriors, p. 152.

infantes conversavam amigavelmente com duas Fräulein. 79 Indescritível, escandaloso, antimilitar, proibido. O tenente Foley os repreendeu duramente e

fez sinal para que seguissem o caminho deles. Com a aparência resignada de pessoas que reconhecem a futilidade da política de não-confraternização, os galantes soldados retiraram-se, contrariados.”

Vale a pena fazermos uma pausa aqui para vermos os americanos como conquistadores, pelo exemplo relativamente diminuto da Companhia E. Seus membros obtinham o que quisessem, mas não estupravam, roubavam, pilhavam, incendiavam propriedades em seu avanço pela Alemanha. Embora não respeitassem o direito de propriedade, no sentido de que exigiam alojamento para passar a noite sem compensação, pelo menos, quando os alemães voltavam para suas casas depois que os soldados partiam, elas estavam mais ou menos intactas.

Logicamente, houve alguns estupros, alguns casos de maus-tratos contra alemães e alguns saques. É fácil dizer que outros exércitos invasores na 2ª Guerra, talvez a maior parte dos soviéticos, mas também os japoneses e os alemães, tenham agido diferentemente.

A esse respeito, Webster nos conta uma história muito relevante.

— Reese, que estava mais inclinado a procurar mulheres do que negociar a obtenção de ovos, e eu fizemos outra expedição até um vilarejo maior a uns dois quilômetros a Oeste, localidade em que não havia recrutas. Assim como McCreary, Reese costumava ser impaciente com galinhas, mas tinha grande interesse por um rabo-de-saia; independentemente de idade e aparência, ele me dizia: “Veja que beleza aquela. Amigo, aquilo é uma doçura. Caramba, uma espécime e tanto!” Mas, como eu era tímido e aquelas jovens pareciam invariavelmente tão sociáveis quanto um bloco de gelo, não liguei para os anelos sensuais dele. Além do mais, as Fraus não podiam ser amigáveis em público, 79 “Senhoritas, jovens”. (N.T.)

onde os vizinhos pudessem vê-las. Talvez dentro de casa ou à noite. Acabamos chegando a uma fazenda, onde uma jovem camponesa de seios fartos nos cumprimentou. Reese sorriu. Depois que peguei alguns ovos, Reese, que continuava piscando para ela, deu-lhe um cigarro e uma barra de chocolate, e, enquanto o amor florescia no jardim da ração D [um novo pacote de comida recém-distribuído então] e cigarros Chelsea, saí de costas pela porta e fiquei esperando ao sol. Nada feito, Reese disse depois. Voltei para o alojamento com o

capacete cheio de ovos; Reese voltou com o coração partido. Mas o lugar era, nas palavras dele, “uma região boa para confraternização”. Ele tentou confraternizar-se novamente antes das seis, antes do toque de recolher. Não teve sorte.

Se Reese fosse um soldado soviético, alemão ou japonês, talvez esse pequeno incidente teria tido outro rumo.

A companhia seguiu de caminhão de Mourmelon para o bolsão de resistência do Ruhr. A 101ª tomou posições na margem ocidental do Reno, de frente para Düsseldorf. O setor do 2º Batalhão ia de Stürzelberg, ao Norte, a Worringen, ao Sul, com a 82ª DIA posicionada no flanco direito do batalhão. A 82ª estava de frente para Colônia.

Era mais uma posição de ocupação do que uma linha de frente. Os pelotões mantinham postos avançados na margem do rio, enquanto o restante da tropa se alojou nas casas de várias vilas. Houve algum fogo de artilharia, de ambos os lados, mas não muito. Não houve tiros de armas leves.

Os soldados se revezavam nos postos avançados todas as noites. Foi ali que o praça O’Keefe começou sua experiência real de combatente. Certa noite, ele estava num posto de observação avançado, numa trincheira recém-aberta, ao lado do dique, com o praça Harry Lager, que também tinha acabado de engajar-se na companhia, em Mourmelon. De repente, ouviram bum, bum, bum.

Foi quando O’Keefe disse a Lager, em voz baixa: — Fique na trincheira, mas deixe espaço para que eu possa pular dentro dela rapidamente. Vou lá em cima naquele dique para ver se consigo saber o que está se aproximando.

— Não consegui ver nada, mas o barulho estava praticamente no pé de meus ouvidos. De repente, a ponta do canhão de um pequeno tanque assomou em meio à neblina. Aí, gritei: “Pare; quem vem lá?”, mas disse isso já preparado para voltar às pressas para a trincheira — conta-nos O’Keefe, lembrando-se do incidente.

— Somos apenas dois britânicos e estamos perdidos — tornou um dos ocupantes do tanque. O’Keefe ordenou que o homem saísse de lá para ser inspecionado. Um sargento britânico saiu do blindado, dizendo: — Meu Deus, ianque, estamos felizes por vê-lo! Partimos daquele maldito dique à meia-noite e não

conseguimos achar a saída.

— O que está provocando esse barulho? — perguntou O’Keefe.

— Ah, isso — respondeu o britânico. — É uma de nossas lagartas. Ela partiu-se. Podemos nos deslocar a apenas 2 quilômetros por hora. A lagarta gira, mas golpeia o solo a cada rotação. — O’Keefe sugeriu ao sargento que fizesse seu colega de guarnição seguir na frente do tanque, a pé, pois, do contrário, eles poderiam sofrer um ataque no próximo posto de controle. O sargento respondeu que faria isso. O’Keefe voltou para a trincheira e ficou contente com o fato de que Lager mantivera-se atento, dando-lhe cobertura o tempo todo com o M-1. O

pequeno incidente fez que Lager e 0’Keefe passassem a ter confiança em si mesmos e um no outro. Chegaram à conclusão de que tinham pegado o jeito da coisa.

Em outra noite e noutro lugar ao longo do rio, O’Keefe se encontrava num posto avançado com um novo recruta, o praça James Welling. Oriundo da Virgínia Ocidental, Welling tinha 30 anos de idade, o que praticamente o tornava o membro mais velho da companhia. O’Keefe era o mais jovem membro da unidade. Embora Wel ing tivesse acabado de engajar-se na companhia, ele era um combatente veterano que tinha sido ferido na Batalha das Ardenas, se havia oferecido como voluntário para integrar a tropa pára-quedista depois de receber alta de um hospital na Inglaterra, fizera num único dia todos os cinco saltos que o habilitavam como pára-quedista e agora era membro da 101ª.

No posto avançado, eles estavam em pé dentro de uma trincheira quando viram uma carreta de 10 toneladas avançando com certa velocidade pela estrada.

— Pare! — O’Keefe gritou, três vezes. Ninguém o ouviu. Um comboio de nove caminhões, colados na traseira um do outro, passaram por ele, fazendo grande barulho.

— O que você faz quando grita “Pare!” e percebe que ninguém o ouvirá?

— perguntou O’Keefe a Welling.

— Praticamente, não há nada que se possa fazer — ele respondeu. Meia hora depois, os caminhões voltaram, a toda velocidade, com a diferença de que eram oito deles agora.

— Jim, o que é aquilo na estrada? — O’Keefe perguntou.

— Não sei; ninguém disse o que é.

Quinze minutos depois, o capitão Speirs apareceu, “louco de raiva”, e dirigiu-se a Wel ing aos berros. — Por que você não parou aqueles caminhões? A ponte lá embaixo foi destruída, e agora um deles está pendurado lá! — Uma vez que ouvira várias histórias sobre o temperamento de Speirs, O’Keefe esperou pelo pior. Mas Welling replicou imediatamente aos berros também:

— Como, porra, iríamos parar nove caminhões avançando a toda velocidade? E por que alguém não disse a nós que a ponte tinha sido destruída?

Ora, nem sabíamos que havia uma ponte lá.

— Onde está o outro guarda? — indagou Speirs.

O’Keefe apareceu de entre as sombras com o M-1 posicionado à altura da cintura, apontado para o oficial, e disse, tão ameaçadoramente quanto possível: — Aqui, senhor. — Speirs resmungou e se retirou.

Uma noite ou mais depois, um jipe apareceu, com as luzes apagadas.

Wel ing gritou: — Pare! — O jipe levava o capitão Speirs, outro capitão e um major no banco traseiro. Welling falou a senha. Speirs deu a contra-senha num tom de voz despreocupado. Welling não conseguiu entender o que ele dissera e repetiu o pedido de senha. Speirs respondeu da mesma maneira; mais uma vez, Wel ing não conseguiu ouvi-lo bem. Tenso e um tanto confuso, O’Keefe mirou o M-1 contra as costas do major. Ao fazer isso, ele olhou bem e viu que era Winters.

Wel ing fez o pedido de senha pela terceira vez. O capitão que estava na direção do jipe percebeu finalmente que Wel ing não tinha ouvido e gritou a contra-senha. Speirs saltou do jipe e começou a xingar Welling.

Wel ing cortou-lhe a palavra. — Quando digo “Pare!”, você tem que parar! Quando dou a senha, espero ouvir a contra-senha. — Quando Speirs começou a dizer o que faria com Welling, Winters o interrompeu. — Vamos, capitão — disse em voz baixa. Quando o jipe ia saindo, Winters disse a Welling em voz

alta: — Bom trabalho.

*

Houve missões de patrulha através do Reno, operações raramente perigosas, a não ser pela forte correnteza, com o rio em cheia, ocasião em que chegava a ter 350 metros de largura. Quando, em 8 de abril, Winters recebeu ordens para enviar uma patrulha ao outro lado do rio, resolveu controlar a operação de um posto de observação para evitar que alguém se ferisse. Winters definiu os objetivos e controlou a concentração do fogo de cobertura da artilharia e depois monitorou o avanço da patrulha passo a passo pela margem oriental do rio. O tenente Welsh, do S-2 do batalhão, o acompanhou e ficou enojado com os limites de segurança que Winters insistiu em estabelecer. —

Participamos de uma dessas patrulhas — lembrou-se Winters — e não achamos nada. Todos retornaram em segurança.

A maioria da missões de patrulha foi igualmente malsucedida. Malarkey nos fala do caso de um oficial substituto que partiu em missão de patrulha, atravessou o rio, avançou vários metros terra adentro, atraiu o fogo de um único fuzileiro inimigo, informou pelo rádio que tinha deparado forte resistência e retirou-se para território amigo, para o alívio e, ao mesmo tempo, a indignação de seus homens.

Alguns dias depois, as coisas não funcionaram tão bem. O líder da patrulha era o major Wil iam Leach, que tinha acabado de ser promovido e fora feito membro do S-2 do regimento por Sink. Haviam zombado muito dele em Mourmelon quando chegou o informe de sua licença: — Quando você chefiará uma missão de patrulha, Leach? — seus colegas oficiais perguntaram. Ele nunca tinha participado de combates e, conseqüentemente, não tinha medalhas. Tido por Winters como “bom oficial do estado-maior, que ascendera a hierarquia militar por conta de sua personalidade e tato social”, Leach queria fazer carreira fora do exército. Para isso, achava que precisava de uma condecoração.

Na noite de 12 de abril, Leach partiu em missão como líder de uma patrulha de quatro membros do S-2 do QG do regimento. Mas ele cometeu um erro fatal: deixou de informar a alguém que realizaria a tal patrulha. Os membros da Companhia E de serviço no posto avançado ouviram o barulho produzido na água pelo movimento do barco que a patrulha estava usando para atravessar o

rio.

No que diz respeito a eles, estavam treinados para considerar a presença de qualquer barco no rio uma operação de transporte de tropas inimigas, a não ser que tivessem sido previamente informados de que uma patrulha americana seria iniciada em tal e tal hora. Portanto, abriram fogo contra o barco; logo depois, as metralhadoras engrossaram os disparos. Os tiros destroçaram o barco e atingiram todos os homens a bordo, inclusive Leach. Ignorando os gritos deploráveis dos feridos, que iam se afogando no rio, os operadores de metralhadora continuaram a lançar rajadas contra eles até seus corpos começarem a boiar rio abaixo. Os corpos foram recolhidos alguns dias depois num trecho do rio a jusante. Na opinião da companhia, Leach e quatro soldados tinham "morrido de uma forma perfeitamente evitável e injustificável porque ele cometera um erro gritante e imperdoável".

Nesse dia, a companhia recebeu a notícia de que o presidente Roosevelt tinha morrido. Winters escreveu em seu diário: "O sargento Mal ey [da Companhia F] — notícia boa — tornou-se primeiro-sargento. O presidente morreu — notícia ruim."

"Sempre achei que teríamos Roosevelt conosco", Webster disse em carta enviada aos pais, "como temos os lírios na primavera e na Páscoa, e, agora que ele partiu, sinto-me um tanto perdido."

Eisenhower ordenou que todos os comandantes de unidades providenciassem um pequeno culto em memória de Roosevelt no domingo, dia 14 de abril. Todos os pelotões da Companhia E fizeram um culto em separado.

O tenente Foley, "que nunca morrera de amores por Roosevelt", reuniu seu pelotão. Ele tinha um Missal de São José no bornal de provisões; ele o folheou, escolheu uma prece e a leu em voz alta para os soldados. Mais tarde, alegou que tinha sido "o único homem que sepultara Franklin D. como católico".

De um modo geral, o tempo que a Easy passou no Reno, defendendo o vale do Ruhr, foi tedioso. "O tempo se arrastava tão penosamente", escreveu Webster, entediado, "que começamos a ter inspeções diárias de fuzis. Afora isso, não fazíamos nada, senão montar guarda nas encruzilhadas à noite e ouvir durante o dia uma breve preleção do tenente Foley sobre os últimos acontecimentos." Com o grande vigor que tinham e o pouco que as circunstâncias estavam exigindo

deles, os combatentes voltaram-se para os esportes. Eles acharam algumas raquetes e bolas e resolveram jogar tênis numa quadra no quintal de uma propriedade ou softball 80num campo próximo.

Webster não era nenhum atleta, mas era muito curioso. Um dia, realizou

“o maior desejo de sua vida”, quando ele e o praça John Janovek escalaram a chaminé de 76 metros de altura de uma fábrica. Quando chegaram ao topo, tiveram uma grandiosa vista da região situada além do rio. Para Webster, “o Ruhr parecia totalmente sem vida”, embora “para onde quer que olhássemos, víamos fábricas, fundições e usinas siderúrgicas, de açúcar e de laminados de aço. Parecia Chicago, Pittsburgh e St. Louis descentralizados”.

Em 18 de abril, toda resistência alemã que havia no vale do Ruhr acabou.

Mais de 325 mil soldados alemães se renderam.

A Easy foi encarregada de policiar um campo de deslocados de guerra em Dormagen. Havia no campo poloneses, tchecos, belgas, holandeses, franceses, russos e pessoas de outras nacionalidades de diferentes partes da Europa ocupada pelos nazistas, dezenas de milhares delas. Elas viviam num alojamento comunitário, separadas por sexo, espremidas, praticamente mortas de fome em muitos casos e representadas por todas as faixas etárias. Assim que foram libertadas, seu primeiro impulso foi compensar a necessidade de descanso e diversão, o que muito lamentavelmente lhes faltara nos últimos anos anteriores à sua libertação. Webster conta que era causa de satisfação para elas o fato de que

“não estavam fazendo nada. Elas tinham trabalhado arduamente para os alemães 80 Forma modificada de beisebol, jogada com bola mais macia e maior. (N.T.) e comido pouco. Agora, descansariam”.

A felicidade, a cantoria e a benevolência que demonstravam ao prestar favores aos soldados as fizeram granjear a afeição dos membros da Companhia E.

Serviço de rancho agora era coisa do passado. Nenhum membro da Easy jamais descascou uma batata sequer depois da libertação dessa gente, nem varreu um quarto, lavou pratos ou policiou a área. Para isso, havia sempre um deslocado de guerra, principalmente porque os americanos eram muito generosos no pagamento.

Vários foram os combatentes que passaram a ter como companhia um misto de filho e empregado. Luz praticamente adotou um garotinho franzino, chamado Muchik, que usava sapatos surrados e muito grandes para ele. Seus pais haviam morrido num dos campos de escravidão. Os olhos grandes e escuros e o jeito vigoroso e animado de Muchik foram irresistíveis para Luz. Ele arranjou uma espécie de uniforme para Muchik e o levou para um passeio pela Alemanha, ensinando-lhe os rudimentos do jargão indecoroso da vida militar enquanto passeavam. “Embora ordens rigorosas tivessem sido emitidas determinando que ninguém deveria andar na companhia de deslocados de guerra, alguns membros da tropa falavam um inglês muito rudimentar, jamais apareciam nas formações e pareciam fazer muito serviço de rancho”81, informam os registros históricos da divisão.

Ou seja, o fato era que a Easy estava prestes a iniciar um passeio pela Alemanha em acomodações de primeira classe em todos os aspectos. Casas confortáveis para pernoites, excelente comida e bons vinhos, o privilégio de poder pegar quase tudo que quisessem, enquanto eram levados prazerosa e despreocupadamente por uma auto-estrada reservada para eles numa viatura com pneus de borracha, através de belas paisagens, com os emocionantes Alpes de um 81 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 715.

lado e, do outro, a dramática desintegração daquele que tinha sido o mais temido exército do mundo, acompanhados de ajudantes jovens para cuidar de todas as necessidades deles.

Exceto uma. Eles teriam adorado ter podido levar algumas das jovens deslocadas de guerra com eles, mas não se saíram melhor com elas do que se haviam saído com as jovens alemãs. Assim como os recrutas em toda parte, eles achavam que uma ração D e alguns Chelseas eram a chave de acesso ao coração das mulheres, mas tudo que conseguiam com isso era frustração.

A segunda geração de tchecos e poloneses da companhia foi o grupo de combatentes que ficou mais entusiasmado. Eles gastavam todo o tempo deles, dia e noite, usando suas parcas habilidades lingüísticas para cortejar as jovens camponesas baixas, peitudas e robustas das terras natais de seus pais. Porém, ao contrário das expectativas deles, as jovens, educadas por pais católicos no ambiente da Europa Central, eram castas.

Para Webster, o efeito do campo de deslocados de guerra serviu para aumentar o ódio que ele tinha pelos alemães. “Por que estas pessoas estão aqui?”, perguntou a si mesmo com respeito aos deslocados de guerra. Elas não tinham feito nada, não tinham motivação política, não haviam cometido nenhum crime e nada possuíam. Elas estavam lá porque os nazistas haviam precisado da força de trabalho delas.

“Aí estava a Alemanha e tudo o que ela representava”, concluiu Webster.

“Os alemães tiraram essas pessoas de seus lares e as condenaram a trabalhar perpetuamente numa fábrica do Terceiro Reich. Crianças de colo e mulheres idosas, pessoas inocentes condenadas a viver em alojamentos atrás de arame farpado, a mourejar como escravas 12 horas por dia para um patrão sem sentimento ou consideração, a comer sopa de beterraba, batatas podres e pão de centeio. Esse era o Terceiro Reich, essa era a Nova Ordem: trabalhe até morrer.

Com frieza e deliberação, os alemães escravizaram as populações da Europa.” Na opinião de Webster, “os alemães eram culpados, todos eles”.

O serviço de guarda do campo durou apenas alguns dias. De volta ao Reno, Winters instituiu um programa de treinamento que incluía revista, inspeção, ginástica e exercícios de marcha sob formação compacta, manobras táticas de esquadrão, leitura de mapas e assim por diante. O dia terminava com uma retirada. Era como se tivessem voltado para a instrução básica, do que se ressentiam muito.

Como sempre, no setor de um escalão de retaguarda, as patentes se impunham e faziam valer seus direitos, o que aumentava a distância entre os recrutas e os oficiais. O tenente Ralph D. Richey, oficial substituto zeloso e impetuoso, membro do S-1 do batalhão, era excepcionalmente chato. Um dia, ele resolveu fazer a companhia entrar em forma para uma inspeção. Então, uma senhora alemã passou inocentemente de bicicleta pelas fileiras. Richey ficou tão furioso com isso que desferiu um golpe na velha, que a fez cair da bicicleta. Ela começou a chorar; ele se lançou contra ela com uma saraivada de repreensões e ordenou que ela saísse dali. A tropa ficou enojada com a atitude dele.

No dia seguinte, a companhia fez uma marcha forçada a um ritmo de 8km/h, com o tenente Richey encabeçando-a. Os soldados arregaçaram as mangas e carregaram as armas o mais confortavelmente possível. Richey exasperou-se

com isso também. Ele fez a companhia parar e a repreendeu duramente. — Jamais vi uma companhia tão desleixada como esta — bradou ele.

— Esta companhia tem 120 soldados, e vejo que seus membros carregam os fuzis de 120 maneiras diferentes. E vocês ainda acham que são soldados!

O incidente fez Webster prorromper em indignada diatribe em seus escritos. “Eis aqui um homem que nos fez sentir vergonha de nosso uniforme, ralhando conosco por ficarmos à vontade numa marcha acelerada”, comentou.

“Isso era o exército. Os oficiais são cavalheiros; faço o que eu quiser. Nada de contestação. Você é um recruta. Não pode pensar. Se você fosse bom nisto, seria um oficial. Aqui, carregue meu saco de dormir. Varra meu quarto. Limpe meu mosquetão. Sim, senhor. Por que não bateu continência? Você não me viu! Ora, volte e bata continência direito. Deus abençoe os tenentes. Privilégios acima de responsabilidades.”

Nem todos os oficiais eram como Richey. O capitão Speirs, apesar da fama e veemência, se importava com a tropa. Quando percebeu seu tédio, providenciou um passeio turístico a Colônia. Ele queria que os soldados vissem a cidade e os efeitos dos bombardeios aéreos (Colônia foi uma das cidades que mais sofreram bombardeios na Alemanha).

Duas coisas impressionaram muito a tropa. A primeira delas foi a extensão da destruição da cidade. Todas as janelas estavam quebradas, todas as igrejas tinham sido atingidas, todas as ruas vicinais estavam bloqueadas por entulhos. A magnífica catedral no centro da cidade tinha sido danificada, mas ficou de pé. A gigantesca estátua de Bismarck montado num cavalo manteve-se firme, mas a espada dele, apontando para a França, tinha sido decepada por um estilhaço.

Um grupo de membros da Companhia E seguiu para o Reno, onde começou a apontar para as ruínas grotescas da Hängebrücke, ou ponte levadiça, e a rir dela. Um casal de idosos alemães estava em pé ao lado dela. Para a vergonha dos americanos, os alemães começaram a chorar e a menear a cabeça. Todas as belas pontes deles tinham sido deformadas e destroçadas, e lá estavam os rapazes americanos rindo-se disso.

A segunda forte impressão não foi causada pela destruição, mas pela atitude do povo. O tenente Foley observou que “os habitantes, por livre e espontânea

vontade, mostravam-se determinados a limpar e varrer as ruínas da guerra. Na maioria das ruas, viam-se pilhas uniformes de pedras de pavimentação aproveitáveis. Eles trabalhavam nas casas para remover escombros. As casas ainda estavam em péssimo estado, embora já dessem a impressão de que estavam quase prontas para ser reconstruídas. Impressionante” .

O dia 19 de abril foi um grande dia para a companhia. O quartel-mestre da divisão distribuiu 34 pares de meia por pelotão, ou um par para cada combatente em média, além de três garrafas de Coca-Cola (acompanhadas de ordens rigorosas para a devolução das garrafas) e duas de cerveja americana para cada um. A tropa recebeu o pagamento dos meses de fevereiro e março, na forma de Marcos Militares dos Aliados; esses foram os primeiros marcos da tropa, e ela recebeu ordens para trocar por marcos todo o dinheiro francês, britânico, holandês, belga e americano que tivesse.

Em 22 de abril, a companhia embarcou na versão alemã dos 48s, os vagões ferroviários franceses que transportavam 40 pessoas ou 8 cavalos. Os vagões tinham sido dedetizados, e seu piso recebera uma camada de palha. Cada um dos combatentes recebeu cinco rações K.

Eles partiram para a Baviera e os Alpes. Bradley tinha subordinado a 101ª

ao VII Exército Americano. Seus objetivos eram Munique, Innsbruck e o Passo de Brenner. O propósito disso era ocupar os Alpes com tropas americanas antes que os alemães conseguissem criar um reduto lá, a partir do qual pudessem prosseguir com a guerra. O Ninho da Águia, fortaleza de Hitler em Berchtesgaden, era o suposto QG desse esforço de resistência desesperada e de onde os alemães iniciariam uma guerra de guerrilha contra as forças de ocupação do país. O maior receio de Eisenhower era que Hitler conseguisse instalar-se no Ninho da Águia, onde ficaria bem protegido e teria instalações de radiodifusão para poder falar ao povo alemão e continuar a resistência ou iniciar a guerra de guerrilha.

Mas o que aconteceu foi que os alemães não tinham planos concretos nem recursos suficientes para construir um reduto nas montanhas. Não nos devemos esquecer, porém, de que haviam transcorrido apenas quatro meses desde a época em que todos achavam que o exército alemão estava arruinado, mas acabaram sendo surpreendidos pela Batalha das Ardenas. Portanto, o receio ainda existia,

mas o fato era que, em seu esforço de avançar para Berchtesgaden, a Easy estava 160 quilômetros atrás da linha de frente, numa posição de reserva, em que jamais fora ameaçada. A viagem da companhia pela Alemanha foi mais um passeio turístico do que uma manobra de combate.

Esse avanço começou com uma viagem de trem de 200 quilômetros por quatro países. Tão grande foi a destruição das forças aliadas imposta ao sistema ferroviário alemão que, para ir do Ruhr ao sul da Alemanha, era necessário passar pela Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França. Os fuzileiros viajaram em vagões abertos e dormiam, cantavam, balançavam as pernas sentados à porta e tomavam sol no telhado dos 48s. Popeye Wynn puxava coros intermináveis com o tema musical do TOGE, Roll Me over in the Clover.

O trem passou a 40 quilômetros de Bastogne. “Os indícios ocasionais dos combates renhidos de três meses antes eriçavam os pêlos do pescoço de muitos veteranos de Bastogne. Mas, ao mesmo tempo, com a neve, o frio, a escuridão e árvores de aspecto agourento os únicos elementos presentes em suas recordações, eles ficaram surpresos com a beleza das terras ondulantes tapizadas pelo verde renovado, trazido pela primavera”82, observaram os responsáveis pelo registro histórico oficial da divisão.

Eles voltaram a entrar na Alemanha e depois na região do Reno, em Ludwigshafen, onde desembarcaram do trem e foram transferidos para um veículo chamado DUKW: D [(d)ate — data, ano de criação — 1942], UK

82 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 723.

[(u)tility truc(k) — utilitário anfíbio com tração dianteira] e W [dual rear (w)heel axle drive — tração traseira de eixo duplo]83. Os DUKWs vieram com a invasão do sul da França. Eram os primeiros que a Companhia E tinha visto. O DUKW

era notável em todos os aspectos, mas, pelo fato de que era híbrido, nem a guerra em si nem o Ministério da Marinha foram fatores de estímulo a seu desenvolvimento. Apenas 21 mil deles foram fabricados durante a guerra.

O desejo dos combatentes da Companhia E era de que houvesse 210 mil desses veículos ou mesmo 2,1 milhões deles. O DUKW era capaz de transportar 20 fuzileiros totalmente equipados e com algum conforto. Podia fazer 5 nós em condições de navegação moderadas e alcançar 80km/h em terra rodando com

pneus de tamanho extra. Era um veículo confortável, sem os solavancos da carreta de transporte de tropa de duas toneladas e meia ou a dureza barulhenta do jipe. Webster conta que o DUKW “sobe e desce suavemente, como um barco a vela sobre ondas tranqüilas”.

Eles atravessaram o Reno pela Ponte Ernie Pyle, uma ponte flutuante construída pelos engenheiros-oficiais, e seguiram para Munique. Passaram por Heidelberg, e Webster ficou fascinado com o lugar. “Quando vimos todos aqueles edifícios intactos e o calçadão fluvial, onde civis cordiais passeavam ao sol, senti vontade de ficar em Heidelberg para sempre.

As colinas verdejantes, o sol quente, o rio de águas refrescantes e convidativas, o ambiente aristocrático, oloroso e suave — Heidelberg era sinônimo de paraíso em todos os idiomas.”

Dali por diante, o comboio seguiu por caminhos tortuosos, pelas encostas de montanhas, tanto por estradas principais quanto por caminhos vicinais. “Ficávamos, o tempo todo”, escreveu Webster, “maravilhados com a 83 Apelidado de “Duck” (“Pato”) pelos recrutas americanos na 2’ Guerra, talvez também por ser homófono do acrônimo DUKW. (N.T.)

beleza estonteante da Alemanha. Como disse um articulista no New Yorker, era uma pena desperdiçar a Alemanha com os alemães.”

No meio da tarde, Speirs despachava os sargentos Carson e Malarkey em missões de destacamento para estabelecer um PC da companhia nesse ou naquele vilarejo. A tarefa deles consistia em escolher a melhor casa e reservar o melhor quarto de dormir para o capitão Speirs.

Carson falava um alemão de ensino médio. Ele escolhia o lugar, batia à porta e dizia aos alemães que eles tinham cinco minutos para sair e que não deveriam levar nenhuma roupa de cama com eles. Dê mais cinco minutos a eles, Speirs lhe dissera, que levam tudo consigo.

Certa vez, o destacamento foi parar num condomínio de apartamentos de três andares, perfeito para ser usado como QG e acomodar a maior parte da companhia. Carson bateu às portas e disse aos ocupantes: Raus in fünf minuten.

Eles saíram às pressas, chorando, lamentando-se, amedrontados.

— Bati numa das portas — conta Carson —, e uma senhora idosa atendeu. Olhei para ela, e ela me fitou. Meu Deus, era a imagem de minha avó.

Nosso olhar se encontrou, e eu disse: “Bleib hier”, ou seja, a senhora pode ficar.

Malarkey continuou a história. — Então, Speirs finalmente aparecia, e você ficava sem vê-lo umas duas ou três horas. Ele era o pior saqueador que conheci. Ele não conseguia dormir de noite pensando que havia um colar ou algo do gênero por perto. — Na primeira oportunidade, ele enviava o saque para a esposa na Inglaterra. Ele precisava do dinheiro que conseguia com a venda; sua esposa tinha acabado de ter um filho.

Quase todos os membros da Companhia E, assim como quase todos os combatentes no TOGE, participavam de saques. Era um fenômeno da guerra.

Milhares de homens que jamais tinham pegado algo de valor em suas vidas que não lhes pertencesse começaram a achar normal que tudo que desejassem podia ser deles. O saque era lucrativo, divertido, envolvia pouco risco e estava em perfeita conformidade com as práticas de guerra de todos os exércitos conquistadores desde a época de Alexandre, o Grande.

Lugers, insígnias nazistas, relógios de pulso, jóias, as primeiras edições de Mein Kampf, bebida alcoólica estavam entre os itens mais cobiçados. Qualquer coisa que pertencesse a soldados alemães e que fosse tirada deles era considerada jogo limpo; os que pilhavam pertences de civis recebiam o olhar de reprovação dos colegas, mas isso acontecia mesmo assim. Não se dava muito valor a dinheiro. O sargento Edward Heffron e o socorrista Ralph Spina surpreenderam meia dúzia de soldados alemães numa casa. Os alemães se renderam; Heffron e Spina pegaram os relógios deles, um belo par de binóculos e assim por diante. De repente, viram um cofre na estante. Spina o abriu; havia nele um maço de cédulas de pagamento das Wehrmacht. Os fuzileiros ficaram com o dinheiro. Nas palavras de Spina, “dois jovens de South Phil y fizeram um verdadeiro assalto com um mosquetão e uma pistola”.

De volta ao apartamento, Heffron e Spina discutiram sobre o que fazer com o dinheiro enquanto esvaziavam uma garrafa de conhaque. De manhã, foram à missa na igreja católica e distribuíram o dinheiro entre os devotos, “mas não de algumas cédulas de grande valor, que dividimos entre nós”, Spina confessa. — Não estávamos tão bêbados assim a ponto de não ficarmos com nada.

Eles tomavam todos os veículos, de todos os tipos, particulares e militares. O praça Norman Neitzke, que iniciara sua experiência como combatente em Haguenau, lembrou-se da ocasião em que os membros de seu esquadrão, logo depois de saírem com uma ambulância alemã, viram que havia um médico alemão e uma gestante na traseira prestes a dar à luz. Os americanos abandonaram a ambulância.

Na manhã seguinte, o tenente Richey tomou a câmera de uma alemã que estava fotografando o comboio. Mas, em vez de ficar com ela, ele a jogou ao chão e atirou na câmera com sua pistola. Essa atitude o fez ganhar o apelido de

“O Matador de Câmeras”.

O contato com o inimigo se intensificou quando o comboio seguiu para o Sudeste, mas não envolveu ações de combate. Os americanos começaram a ver pequenos grupos de soldados alemães, tentando render-se. Depois, grupos maiores. Por fim, a quantidade de alemães em uniformes cinza de campanha que apareceram querendo render-se foi maior do que qualquer um poderia ter imaginado.

A Companhia E estava no meio de um exército alemão em processo de franca dissolução. Seu sistema de ressuprimento estava arruinado. Tudo que os soldados alemães queriam era o acesso seguro a um cercado de prisioneiros de guerra. “Não conseguia refazer-me do assombro de ver alemães, que havia apenas algum tempo tinham sido tão difíceis de capturar, virem das colinas como cordeiros e se entregar”, escreveu Webster. Quando o comboio alcançou a auto-estrada que levava a Munique, a Leste, a estrada foi interditada e reservada ao tráfego das viaturas militares dos Aliados. Em sentido contrário dos veículos dos Aliados, seguiam os alemães, em marcha para o Oeste, em demanda do cativeiro. Gordon Carson contou que “a coluna de prisioneiros alemães, portando armas e munição, se estendia pelo canteiro a perder de vista. Ninguém parava para fazer-lhes a rendição. Nós simplesmente acenávamos”.

Webster achou a cena dos alemães marchando pelo canteiro “um espetáculo emocionante”. Eles avançavam “em grupos gigantescos. Vimos a cena inacreditável de dois recrutas vigiando cerca de 2.500 inimigos”. Nessa ocasião, os membros da companhia perceberam que o colapso das forças alemãs era completo e que, nessa primavera, elas não se recuperariam, como ocorrera no

outono anterior.

Havia ainda alguma resistência esparsa e esporádica. Todas as pontes eram destruídas por engenheiros alemães quando os Aliados se aproximavam. De vez em quando, uma unidade fanática das SS fazia disparos de sua margem do rio.

Era um perigo mais irritante que ameaçador. Quando isso ocorria, os americanos traziam para a vanguarda algumas peças de artilharia leve, expulsavam as tropas das SS do local e ficavam esperando os engenheiros consertarem a velha ponte ou construírem uma ponte nova.

Winters ficou impressionado com o fanatismo dos alemães, a disciplina que levava os engenheiros alemães a explodir suas próprias pontes quando a inutilidade da destruição delas era óbvia para qualquer idiota e com "toda a futilidade da guerra. Lá estava um exército alemão tentando render-se e seguindo a pé para o Norte pela auto-estrada, enquanto, ao mesmo tempo, outro grupo destruía as pontes para atrasar a rendição".

Em 29 de abril, a companhia parou para pernoitar em Buchloe, no contra-forte dos Alpes, perto de Landsberg. Ali, seus membros viram um campo de concentração pela primeira vez. Era um campo de escravos, e não um campo de extermínio, um da meia dúzia ou mais que faziam parte do complexo de Dachau. Embora fosse relativamente pequeno e criado para produzir bens de guerra, era tão horrível que era impossível avaliar a enormidade do mal causado por ele. Prisioneiros com uniformes listrados, três quartos deles esfomeados e macilentos, milhares deles; corpos, pouco mais que esqueletos, às centenas.

Winters achou pilhas de queijo no porão de um edifício que ele estava usando como o PC do batalhão e ordenou que fossem distribuídos entre os prisioneiros dos campos. Ele entrou em contato com o regimento pelo rádio para descrever a situação e pedir ajuda.

A companhia ficou em Buchloe por duas noites. Portanto, estava presente na manhã em que o povo de Landsberg saiu às ruas, carregando ancinhos, vassouras e pás, e marchou em direção ao campo. Ocorre que o general Taylor tinha ficado tão indignado com a cena que decretou lei marcial e ordenou que todos entre 14 e 80 anos de idade fossem reunidos e enviados para o campo, para enterrar os corpos e limpar o local. As pessoas voltaram do campo à noite, ainda vomitando.

"A lembrança de homens macilentos e estuporados", Winters escreveu,

“que baixavam os olhos e a cabeça quando olhávamos para eles através do alambrado, como cães que se encolhem ao serem espancados e maltratados, imprime em nós sentimentos indescritíveis, que jamais se esquecem. O choque de ver essas pessoas atrás daquela cerca me fez dizer comigo mesmo: ‘Agora sei por que estou aqui!’”



17

Bebendo o Champanhe de Hitler

BERCHTESGADEN

l°-8 de maio de 1945

A companhia deixou Munique e, nos dois primeiros dias de maio, seguiu viagem para o Sul, movendo-se lentamente através do fluxo de soldados alemães que marchavam na direção oposta. Quase sempre, maior era o número de soldados alemães seguindo para o Norte com suas armas que o de americanos viajando para o Sul. — Olhávamos uns para os outros com grande curiosidade

— disse Winters. — Tenho certeza de que ambos os exércitos queriam a mesma coisa — deixe-me em paz. Tudo que eu quero é que isto acabe logo e voltar para casa.

Em 3 de maio, o coronel Sink recebeu ordens para fazer com que o 506°

estivesse preparado para partir às 9h30 do dia seguinte. Objetivo: Berchtesgaden.

Berchtesgaden era como um ímã que atraía tropas de todos os exércitos do sul da Alemanha, da Áustria e do norte da Itália. Ao sul de Salzburg, Berchtesgaden, cidade das montanhas da Baviera, era o Valhala dos deuses, das autoridades e dos empresários nazistas. Hitler tinha uma casa lá e uma fortaleza no topo de uma montanha chamada Aldershorst (Ninho da Águia), a mais de 2.400 metros de altitude. Graças a uma obra de engenharia rodoviária notável, os carros podiam chegar a um estacionamento situado a algumas centenas de metros do Aldershorst. Lá, um túnel levava ao centro da montanha, onde havia um

elevador que conduzia ao Aldershorst. As paredes do elevador eram folheadas a ouro.

Foi a Berchtesgaden que os líderes europeus tinham ido no fim da década de 30 para serem humilhados por Hitler. Daladier, da França, Mussolini, da Itália, Schuschnigg, da Áustria, Chamberlain, da Grã-Bretanha, e outros. Eles temiam Hitler, já que ele tinha o mundo nas mãos. Agora que Hitler estava morto, esse temor já não existia, mas isso serviu apenas para realçar o fascínio por Hitler e seu refúgio favorito, que parecia guardar uma das chaves de acesso ao seu caráter.

Foi em Berchtesgaden que o mais alto escalão da liderança nazista se refugiara, para ficar perto do Führer. Himmler, Goering, Goebbels, Martin Bormann tinham casas na região. Havia ali um fabuloso condomínio de apartamentos para os membros das SS.

Foi para Berchtesgaden que a maior parte do produto dos saques feitos pelos nazistas em toda a Europa tinha sido levada. O lugar estava abarrotado de dinheiro, tanto na forma de ouro quanto em moeda corrente de uma dúzia de países, além de tesouros artísticos (somente a coleção de Goering contava com cinco Rembrandts, um Van Gogh, um Renoir e muito mais). Estava cheio também de bebidas finas, jóias e carros magníficos.

Portanto, Berchtesgaden era, de fato, um ímã por dois motivos: o abrigo simbólico da louca ânsia de Hitler pelo poder e o melhor da Europa em matéria de pilhagem. Todos queriam chegar lá — os franceses avançando lado a lado com a 101ª, os britânicos vindo da Itália, os líderes alemães que queriam recuperar seus objetos de valor e todos os militares americanos presentes na Europa.

A Companhia E foi a primeira a chegar lá.

Em 4 de maio, a 101ª partiu em comboio pela auto-estrada que ligava Munique a Salzburg, com o 2º Batalhão na vanguarda. Os americanos passaram por Rosenheim e pelo lago Chiem. Em Siegsdorf, viraram à direita e seguiram pela estrada que levava direto a Berchtesgaden. Depois de percorrer cerca de 14

quilômetros de estrada, encostaram nas últimas fileiras da 2ª Divisão Blindada Francesa, a primeira divisão a entrar em Paris, com seu famoso comandante, o general Jacques Philippe Leclerc.

Provavelmente, a 2ª Divisão Blindada estivera no flanco direito da 101ª

americana na semana anterior, mas os americanos não tinham conseguido acompanhá-la. Em dado momento, os franceses estavam perto deles; noutro, já não estavam. Até onde os americanos puderam saber, os franceses iam saqueando as regiões da Alemanha pelas quais passavam. Quando enchiam de pilhagem um ou dois caminhões, eles a enviavam para a França. Agora, estavam ansiosos por chegar a Berchtesgaden, distante deles apenas uma hora ou mais nas montanhas ao Sul, de carro. Mas os franceses tiveram seu avanço interrompido pela destruição de uma ponte que se estendia sobre um desfiladeiro profundo.

Eles não tinham equipamento de reparo ou de construção de pontes, e alguns fanáticos das SS resistiam no lado sul do desfiladeiro, usando armas automáticas e morteiros.

A Companhia E e o restante do 2º Batalhão começaram a misturar-se aos franceses, com todos posicionados aqui e ali enquanto observavam um tiroteio inútil, de disparos feitos de longa distância, e aguardavam a chegada dos engenheiros da 101ª. Winters perguntou a Sink se ele queria enviar um pelotão numa operação de ataque de flanco contra a barricada alemã. — Não — respondeu Sink —, não quero que ninguém se fira.

Foi uma decisão sensata. Não havia sentido em sofrer baixas a essa altura da guerra. Mas Berchtesgaden estava logo depois da barricada alemã, quase ao alcance das mãos. Sink acabou mudando de idéia. — Leve o 2º Batalhão de volta para a auto-estrada — ordenou a Winters —, e veja se consegue atacar essa barricada de flanco e chegar a Berchtesgaden. — Caso Winters conseguisse fazer isso, Sink queria que ele lhe reservasse o famoso Hotel Berchtesgaden para servir de QG do regimento.

Winters conduziu o batalhão até a auto-estrada pelo mesmo caminho que tinham trilhado e depois seguiu para Bad Reichenhall, a Leste, onde outra ponte destruída fez os americanos interromper o avanço durante a noite. Na manhã

seguinte, 5 de maio, com a Companhia E encabeçando a coluna, o 2º Batalhão avançou até Berchtesgaden sem encontrar resistência e tomou a cidade sem fazer um único disparo.

O lugar era como um conto de fadas. As montanhas cobertas de neve, as

florestas de um verde-escuro, o murmúrio de córregos gelados, as casas vistosas e de bom gosto, as vestes típicas e coloridas dos nativos eram um deleite para os olhos. A comida, as bebidas, as acomodações e um grande número de jovens fardadas da Luftwaffe e das Wehrmacht, além de criados de vários tipos, eram um alívio para o corpo.

A exigência de acomodações foi a primeira ordem das forças de ocupação. Winters e o tenente Welsh foram para o Hotel Berchtesgaden.

Quando passaram pela porta principal do hotel, ainda conseguiram ver as costas do pessoal do serviço saindo de cena. Eles seguiram para o restaurante principal, onde viram um garçom guardando uma enorme baixela de prata numa caixa de mais de um metro de comprimento e forrada de veludo.

Nem precisaram emitir ordens. Winters e Welsh simplesmente caminharam na direção do homem, que se retirou. Os americanos dividiram a prataria entre si. Quarenta e cinco anos depois, ambos ainda usam a prataria do Hotel Berchtesgaden em suas casas.

Depois de obter do lugar aquilo que mais desejavam, Winters reforçou a guarda no hotel “para impedir mais saques”, nas palavras ditas por ele — com a cara mais séria do mundo — em uma de nossas entrevistas. Mas ele se autocensurou por isso.

— Que idiota eu fui por não ter aberto as portas do hotel para o 2º

Batalhão. — Quando o QG do regimento e depois o da divisão chegaram, levaram tudo que puderam carregar.

Winters escolheu uma das casas dos oficiais nazistas, situada na encosta de um vale nas redondezas de Berchtesgaden, para instalar o QG do batalhão.

Ele ordenou ao tenente Cowing, o chefe de seu S-4, que fosse até a casa e informasse aos ocupantes que tinham 15 minutos para abandoná-la. Cowing era um oficial substituto que se havia engajado na unidade em meados de fevereiro, em Haguenau. Ele não fora endurecido pelos rigores dos combates e voltou alguns minutos depois para informar a Winters que “as pessoas disseram que não, não vão sair”.

— Siga-me — tornou Winters. Ele se dirigiu à porta da frente, bateu e, quando

uma mulher atendeu, anunciou: — Nós vamos entrar. Agora! — E ele e seu estado-maior fizeram exatamente isso, enquanto os alemães sumiam do lugar.

— Eu me senti culpado por isso? — Winters perguntou-se na entrevista.

— Fiquei com um peso na consciência por ter tomado aquela bela casa? Não!

Tínhamos nos acomodado em trincheiras na Normandia, ficáramos mergulhados na lama na Holanda e enfrentamos a neve em Bastogne. Apenas alguns dias antes, víramos um campo de concentração. Essas pessoas eram a causa de todo aquele sofrimento. Eu não tinha nenhuma simpatia pelo problema delas, tampouco achava que lhes devia uma explicação.

Os recrutas também não tiveram o menor problema, físico ou psicológico, em tomar os alojamentos de membros das SS, um condomínio de apartamentos de estilo alpino que era a última palavra em matéria de design, encanamento e decoração de interiores. Os oficiais e os sargentos conseguiram suntuosas casas de oficiais nazistas nas encostas das montanhas que davam vista para Berchtesgaden.

Winters montou guarda em torno da cidade, principalmente para orientar o tráfego e recolher as tropas alemãs que se rendiam, e enviá-las para cercados de prisioneiros de guerra na retaguarda. O praça Heffron estava no comando de um posto de controle de uma encruzilhada quando um comboio de 31 viaturas desceu a montanha. Na dianteira, seguia o general Theodor Tolsdorf, comandante do LXXXII Corpo de Exércitos. Ele era um tremendo figurão, um prussiano de 35 anos de idade que quase batera o recorde de promoções nas Wehrmacht. Ele se ferira 11 vezes e era conhecido entre seus homens como Tolsdorf, o Louco, por causa da temeridade em relação à própria vida e à de seus subordinados. Mas o fato de maior interesse para a Companhia E no que diz respeito a ele era que esse oficial estivera no comando da 340a Divisão de Volksgrenadier em 3 de janeiro, nos encarniçados combates no Bois Jacques e nas cercanias de Foy e Noville.

Tolsdorf esperava poder entregar-se com todas as honras e depois ter permissão de viver num campo de prisioneiros com certa classe. Seu comboio estava carregado de pertences pessoais, bebidas, charutos e cigarros, além de muitas acompanhantes. Heffron foi o primeiro americano com o qual Tolsdorf topou. Ele parou o comboio; Tolsdorf disse que desejava render-se; Heffron solicitou a

presença de um segundo-tenente, que estava próximo; Tolsdorf recusou-se a falar com o tenente e pediu que ele fosse em busca de um oficial de um posto à altura da patente dele; enquanto isso, Heffron aproveitou a oportunidade para saquear a Luger e a maleta do general Tolsdorf. Na maleta, ele achou algumas Cruzes de Ferro e 500 fotografias pornográficas e pensou consigo mesmo: “Um garoto de South Phil y fazendo um general alemão render-se; isso é bom demais.”

Todos estavam fazendo saques num ritmo frenético. Os soldados alemães estavam em toda parte — membros do exército, das Waffen SS, da Luftwaffe, oficiais, graduados, praças —, procurando alguém para se render, e as Companhias Dog, Easy e Fox, do 506° Regimento, foram as primeiras a chegar até eles. Desses soldados, Webster disse na carta enviada aos pais, em 13 de maio,

“conseguimos pistolas, facas, relógios de pulso, casacos forrados de pele, jaquetas de pára-quedista camufladas. A maioria dos alemães encara tudo isso com muito bom humor, mas, de vez em quando, deparamos um ou outro sujeito que se recusa a ser aliviado do excesso de peso que é o seu relógio. Uma pistola apontada para o rosto, porém, persuade qualquer um. Agora tenho uma Luger, duas pistolas automáticas P-38, uma submetralhadora Schmeissere, dois macacões de pára-quedista, um casaco camuflado, várias bandeiras nazistas com cerca de um metro de comprimento por 60 centímetros de largura e um relógio de pulso”.

O Ninho da Águia fora totalmente destruído pela Força Aérea do Exército.84 O elevador que dava acesso a ele tinha sido desativado. Mas, para os soldados que tinham subido e descido o Currahee inúmeras vezes, a escalada até o topo era mais passeio que desafio. Alton More foi um dos primeiros a chegar lá.

Em meio aos escombros, ele achou dois álbuns de fotografia de Hitler cheio de fotografias de políticos europeus famosos que tinham sido hóspedes do ditador.

Um oficial da companhia exigiu que More lhe entregasse o álbum. More recusou-se a fazer isso. O oficial ameaçou levá-lo à corte marcial.

More fazia parte do pelotão de Malarkey. Este correu até o QG do 84 Designação de grande unidade militar do exército americano durante a 2” Guerra Mundial. Compreendia quase toda a aviação e todo o pessoal e equipamento de

guerra aeronáutica dos Estados Unidos então. Tornou-se parte da Força Aérea Americana em 26

de julho de 1947, ocasião em que esta foi criada. (N.T.) batalhão para falar com Winters e explicar a situação. Winters disse ao seu motorista de jipe que “levasse Malarkey de volta para o alojamento e retornasse com o praça More e todo o equipamento”. Quando More chegou, Winters o levou de carro para o QG do batalhão. Desse modo, More pôde levar os álbuns para Casper, Wyoming.

Com os alojamentos providenciados e depois de ter pilhado mais do que podiam carregar ou mais do que poderiam ter a esperança de levar para casa, a próxima coisa de que esses jovens americanos precisavam eram veículos motorizados. Sem problema. Nos estacionamentos na cidade e ao redor dela havia caminhões militares alemães, sedas, Volkswagens e outros mais, enquanto, espalhados pela cidade e nas garagens anexas a casas nas montanhas, havia automóveis de luxo. O sargento Hale conseguiu um carro de bombeiro Mercedes, com sino, sirene, holofote giratório azul e tudo mais. O sargento Talbert pegou um dos carros dos assessores de Hitler, com portas e janelas blindadas. O

sargento Carson ficou com o carro de Hermann Goering, “o carro mais bonito que já vi. Éramos os Reis da Estrada. Encontramos o capitão Speirs. Ele assumiu a direção imediatamente, e lá fomos nós; passamos por Berchtesgaden, seguimos pelas estradas das montanhas e atravessamos o interior do país, com suas fazendas de cartão-postal”.

Quando, nos dias 7 e 8 de maio, mais oficiais chegaram a Berchtesgaden, foi mais difícil para os capitães se apossarem de um Mercedes. Speirs recebeu ordens para entregar o seu ao regimento. Carson e Bil Howel estavam perto do carro quando Speirs deu a triste notícia.

Carson perguntou a Howell se ele achava que as janelas do carro eram realmente à prova de bala. Howel tinha dúvidas a respeito disso também. Assim, eles recuaram uns 10 metros da janela traseira esquerda, miraram seus M-1s contra ela e atiraram. A janela quebrou-se em mil pedaços. Eles recolheram os cacos e se retiraram assim que um capitão do regimento foi pegar o carro.

Antes de entregar o seu Mercedes, Talbert fez também algumas experiências. Ele chegou a informar a Winters que as janelas eram à prova de bala, mas, acrescentou, se usassem munição de perfuração de blindagem, elas não

resistiriam. Winters agradeceu-lhe pelo teste, concordando com ele que não era possível saber quando esse tipo de informação poderia ser útil.

Os soldados fizeram outro teste. Eles drenaram a água do radiador do Mercedes, para ver se ele conseguia rodar sem ela. No caso de um terceiro carro de luxo, decidiram ver se ele conseguia ficar inteiro ao cair de uma altura de 30

metros antes de entregá-lo aos oficiais. Desse modo, jogaram-no num precipício.

Portanto, os oficiais obtiveram automóveis de luxo sem janelas nem água no carburador, ou verdadeiras “sucatas” (o Mercedes de Talbert “fundiu” o motor na tentativa de subir a ladeira que conduzia ao Ninho da Águia). Os combatentes acabaram ficando com caminhões, motocicletas, Volkswagens, viaturas de escolta e coisas semelhantes, o que foi bom o bastante para eles, já que, assim como o veículo, o combustível era gratuito. Os americanos simplesmente enchiam o tanque e partiam.

— Era uma sensação inigualável — observou Winters. — Você não pode imaginar quanto poder nós tínhamos. Podíamos pegar simplesmente tudo que quiséssemos.

Com a conquista de alojamentos e meio de transporte, o próximo objetivo foram as bebidas. Em todas as adegas havia algum vinho, mas a maior de todas foi descoberta por um dos poucos membros do batalhão que não bebia, o major Winters. Em 6 de maio, numa exploração solitária da região, ele achou os aposentos e o clube de Goering. Num dos quartos, deparou um general alemão morto, trajando uniforme de gala completo, com um tiro na cabeça, que a atravessou de orelha a orelha, e uma pistola na mão. Ele era um general de duas estrelas, identificado depois como Kastner.

Winters circulava pelo local, arrombando portas com o pé, quando, inopinadamente, “meu Deus! Nunca tinha visto algo assim antes”. Numa adega medindo 15 metros de comprimento por 10 de largura e com o teto abobadado, havia prateleiras e mais prateleiras de bebidas que iam do piso ao teto.

Praticamente todas as grandes marcas do mundo estavam ali. A última estimativa dava conta de que a adega guardava 10 mil garrafas. Winters pôs dois guardas na entrada do clube de oficiais e outros dois na adega, e ordenou que ninguém bebesse mais, que todos os membros do batalhão se abstivessem de consumir bebida alcoólica durante sete dias.

— Ora, não sou idiota. Não se pode esperar que uma ordem dessas seja obedecida rigorosamente, mas a mensagem foi clara — controlem-se. Não quero saber de brigas por causa de bebedeiras! — explicou Winters em 1990, referindo-se à ordem inesperada.

À tarde, Nixon solicitou a presença do capitão Nixon. — Nix — ele disse

—, fique sóbrio, que lhe mostrarei algo que você nunca viu na vida.

Na manhã seguinte, 7 de maio, Nixon apresentou-se a Winters, sóbrio, e perguntou-lhe: — O que era aquilo que você disse ontem que iria mostrar-me?

— Winters pegou um jipe, e ambos seguiram para o clube dos oficiais. Quando Winters abriu a porta da adega, “Nixon achou que tinha morrido e havia ido para o paraíso”.

Ele deve ter tido certeza disso quando Winters lhe disse: — Pegue o que quiser e depois providencie para que cada companhia e QG de batalhão traga um caminhão e o encha de bebidas. Você manda.

Foi como a realização do sonho de um alcoólatra, a chegada a um paraíso indescritível. A primeira decisão de seu encargo foi escolher o que havia de melhor nesse acervo de bebidas que reunia grandes marcas de fama mundial e depois dar uma chance a seus amigos de pegar tudo que quisessem, para que aproveitassem com Nixon essa oportunidade perfeita para comemorar o fim da guerra e o fato de que ele ainda estava vivo.

Se quiser saber as conseqüências disso, veja a fotografia de Nixon na manhã de 8 de maio.

Para a companhia como um todo, a comemoração foi grandiosa e irresistível. Apesar das ordens de Winters e do revezamento de serviço da guarda do local, eles fizeram uma festa. E tinham de fazer mesmo: no dia 7 de maio, os alemães se renderam em Reims ao general Eisenhower, e correram rapidamente pela Europa a ordem para cessar fogo e a informação de que as cortinas de blecaute podiam ser removidas, para que a luz da paz pudesse irradiar-se.

Notícias da rendição dos alemães, Winston Churchill disse, foram “o sinal para a maior explosão de alegria na história da humanidade”. E os membros da Companhia E não deixaram de providenciar para que Berchtesgaden participasse

plenamente dessa festa.

Carson lembrou-se da ocasião em que, assim que a distribuição das bebidas de Goering começou, “ouvíamos o espocar da abertura de garrafas de champanhe o dia inteiro”. Quando a comemoração ganhou mais animação, o capitão Speirs começou a ficar mais preocupado com possíveis excessos. O

sargento Mercier, lembrado pelo praça O’Keefe como “o mais profissional de nossos soldados”, entrou no espírito festivo do momento quando pôs um uniforme de oficial alemão completo, coroando a brincadeira com um monóculo no olho direito. Na ocasião, alguém teve a brilhante idéia de fazê-lo marchar até a sala da ordenança da companhia e entregá-lo como prisioneiro, sob a mira de um fuzil, ao capitão Speirs.

Mas alguém informou Speirs do que estava acontecendo antes de Mercier aparecer na sala. Quando os soldados puseram Mercier diante da mesa de Speirs, espetando-o ligeiramente com as baionetas, Speirs nem se deu ao trabalho de levantar a cabeça. Um dos soldados bateu continência e declarou: — Senhor, capturamos este oficial alemão. Que devemos fazer com ele?

— Leve-o lá para fora e mate-o — Speirs respondeu, sem erguer os olhos.

— Senhor — exclamou Mercier —, por favor, senhor, sou eu, o sargento Mercier.

— Mercier, tire esse uniforme idiota — Speirs ordenou.

Logo depois, ele reuniu a companhia. Disse que notara que os soldados relativamente novos na unidade estavam comemorando em desproporção com a contribuição que tinham dado à consecução da vitória e que queria que moderassem sua atitude. Não queria mais, por exemplo, que fizessem disparos de arma de fogo, principalmente de armas alemãs, pois estas deixavam todos sobressaltados quando eram usadas.

Mas tentar parar a comemoração era como tentar deter uma correnteza.

Nem mesmo Speirs pôde resistir a ela. No QG da companhia, ele e o sargento Carson sentaram-se na sala da ordenança e abriram várias garrafas de champanhe.

Eles jogavam as garrafas vazias pelas portas francesas. Em pouco tempo, havia uma pilha de garrafas lá fora. Speirs e Carson foram até a varanda para tomar um pouco de ar fresco. Eles olharam para as garrafas.

— Você é bom com essa pistola .45? — perguntou Speirs. Carson disse que era.

— Vejamos se você consegue arrancar o gargalo de uma delas. — Carson mirou, disparou e despedaçou uma das garrafas. Speirs fez a sua tentativa, mas obteve o mesmo resultado. Em pouco tempo, eles estavam atirando sem parar.

O sargento Talbert chegou correndo, rosto afogueado, pronto para atirar nos transgressores da ordem emitida pelo comando da companhia. O primeiro que ele viu foi Carson. — Carson, vou arrancar seu traseiro por isso — bradou Talbert. Assim que ele começou a explicar que o capitão Speirs não queria saber de tiroteios, Speirs apareceu por trás de Carson com a .45 na mão, fumegante.

Depois de alguns segundos de silêncio, Speirs falou: — Desculpe, sargento. Eu provoquei isto. Esqueci minha própria ordem.

Enquanto isso, Webster, Luz e O'Keefe acharam a adega de Goering.

Mas chegaram tarde; os outros membros da Easy já haviam estado lá, e Winters tinha retirado os guardas, abrindo as portas da adega para todos. Quando Webster, Luz e O'Keefe se dirigiam para o local no Volkswagen de Luz, viram um fluxo contínuo de caminhões alemães, Volkswagens e até mesmo carros blindados subindo a estrada sinuosa da montanha em demanda do clube dos oficiais.

O último contingente de membros da Companhia E levava consigo um caixote, o qual encheu de garrafas. — Fiquei chocado ao ver que a maior parte do champanhe era nova e de qualidade medíocre — observou Webster. — Não havia nenhuma garrafa de conhaque Napoleão, e a champanhe era de uma safra do fim da década de 30. Fiquei desapontado com Hitler.

Webster deixou de levar em consideração o fato de que Nixon tinha chegado lá antes dele, que Nixon era um conhecedor de bebidas finas e que ele as tinha selecionado e enchido cinco caminhões com elas para ele e os outros oficiais bem antes de Webster, também um pretenso entendido do assunto, chegar.

— Nessa ocasião — comentou Nixon espirituosamente —, o homem de Yale

[Nixon] fez valer sua condição de oficial sobre o jovem de Harvard.

Do lado de fora do clube, Webster, Luz e O'Keefe depararam um grupo de soldados franceses, que bebiam e gritavam "La guerre est finis! La guerre est finis!" enquanto faziam disparos com suas submetralhadoras para o alto, davam tapinhas nas costas dos americanos, pediam-lhes cigarros e ofereciam drinques a eles.

Os americanos distribuíram cigarros, apertaram mãos em toda parte e partiram o mais rapidamente possível em demanda do apartamento deles. E lá, escreveu Webster, "iniciamos uma festa sem igual, com a abertura e o derramamento de champanhe e a quebra de garrafas, acompanhados de risadas sonoras, gritos estridentes, receios e frases balbuciadas. — Mais um poco. Ei, eu abro ixo — é a minha vex. Não é uma maravia? Divetido. Enche. Cadê o Hitler?

Temos que agradecer a Hitler, exe filho da mãe. Bershteshgaden, eu amo você.

— E assim foi o fim da guerra.

Todos na Europa comemoravam, os vitoriosos e os vencidos. Os que comemoravam mais intensamente eram os jovens fardados. Eles tinham sobrevivido; agora, viveriam. Eles tinham o melhor dos motivos para comemorar.

Na manhã do dia 8 de maio, O'Keefe e Harry Lager saíram à procura de ovos. Depois de algum tempo, depararam uma chácara numa clareira, com fumaça saindo da chaminé. Eles arrombaram a porta com os pés, invadiram-na impetuosamente com os fuzis prontos para atirar e quase mataram de susto dois desertores italianos, que se puseram de pé num pulo e congelaram de medo.

Havia uma garrafa de champanhe sobre uma mesa. Com um movimento rápido, o italiano mais próximo dela agarrou-a pelo gargalo, estendeu o braço bruscamente na direção de O'Keefe, cujo fuzil estava apontado diretamente para o estômago dele e lhe ofereceu um gole, dizendo — Pax!

A tensão se desfez. Eles fizeram um brinde à paz. Os americanos partiram, para continuar sua busca por ovos. Mais adiante, depararam uma cabana no bosque. "Ela estava muito bem situada", escreveu O'Keefe. "Um homem beirando os 30 anos em trajes civis estava em pé na varanda. Quando nos aproximamos da escada que dava acesso a ela, ele desceu com um sorriso e disse, em inglês: — A

guerra acabou. Ouvi a notícia no rádio.

Ele se mantinha aprumado, mas podia-se notar que tinha um problema na perna esquerda. Quando olhei para ela, ele explicou o que acontecera: — Eu era membro dos Afrika Corps, fui atingido gravemente por uma bala, e me enviaram para casa. Eu fui soldado.

Ele nos convidou para entrar e tomar um copo de vinho. Nós recusamos, mas ele disse: — Esperem! Vou buscá-lo —, e se foi. Ele reapareceu depois com três copos de vinho. Nós os erguemos para brindar quando ele disse: — Ao fim da guerra. — Repetimos o brinde e bebemos. Foi um gesto militarmente solene e digno."

Eles acabaram conseguindo alguns ovos, voltaram para o apartamento e comemoraram o fim da guerra com ovos mexidos e o champanhe de Hitler.



18

"A Vida de Sonhos do Soldado"

ÁUSTRIA

8 de maio-31 de julho de 1945

No fim da tarde de 8 de maio, Winters recebeu ordens para preparar o 2º

Batalhão para partir à noite rumo a Zel am See, Áustria, cidade situada a cerca de 30 quilômetros de Berchtesgaden, onde a unidade realizaria serviço de ocupação.

Às 22 horas, o comboio partiu, com os faróis altos. Na traseira, a tropa continuava a festa, bebendo, cantando, jogando. Quando, de manhã, o comboio chegou a Zell am See, a tropa estava suja, com a barba por fazer e as calças e camisas de serviço do exército imundas.

Havia soldados alemães em toda parte. Zel am See era o último ponto ao Sul

para o qual fora possível às Wehrmacht se retirarem; além, ficavam os picos dos Alpes, e, mais adiante, a Itália. Todos os desfiladeiros estavam bloqueados pela neve. A tropa fora informada de que havia por volta de 25 mil soldados alemães armados na área de responsabilidade do 2º Batalhão, que tinha menos de 600 homens.

O disparidade na aparência era quase tão grande quanto a disparidade numérica. Os soldados do exército conquistador pareciam desleixados, amadores, indisciplinados; os soldados do exército vencido eram elegantes, com uma aparência militar impressionante e uma disciplina patente. Winters teve a impressão de que os soldados alemães e os civis austríacos devem ter se perguntado, enquanto fitavam, fascinados, os primeiros soldados americanos a chegar à região, como fora possível terem sido derrotados por esses homens.

Winters estabeleceu o QG do batalhão na vila de Kaprun, 4 quilômetros ao sul de Zell am See. O vale em que se situava era uma das mais famosas estâncias de veraneio de montanha do mundo, muito apreciada principalmente pelos alemães ricos. As acomodações, que iam dos Zimmer frei85 nas chácaras ao conforto de hotéis de luxo, eram estupendas. Todos os quartos estavam ocupados por soldados alemães feridos. Mas eles tiveram de sair, de forma que fossem enviados de caminhão ou trem para cercados de prisioneiros na região de Munique. Os americanos se instalaram nos quartos.

O trabalho deles era manter a ordem, recolher todos os soldados alemães, desarmá-los e enviá-los para campos de prisioneiros. Winters começou a trabalhar na manhã de 9 de maio, logo depois de chegar. Ele ordenou que levassem à presença dele o comandante geral alemão da região.

— Eu tinha 27 anos de idade — conta-nos Winters —, e, como todos os soldados, estava usando calças e um casaco de serviço de campanha sujo e muito surrado e trazia um balde na cabeça como capacete. Eu me senti um tanto ridículo em dar ordens a um coronel alemão 20 anos mais velho do que eu e que estava usando um uniforme de campanha limpo, com todas as suas medalhas cobrindo-lhe o peito.

Mesmo assim, Winters transmitiu as ordens. Ele ordenou que o coronel providenciasse que recolhessem todas as armas existentes na região e que as empilhassem no aeroporto, na escola e no pátio da igreja. Permitiu que os oficiais levassem armas à cintura e que a polícia militar alemã continuasse com

suas armas. Depois, disse que, no dia seguinte, inspecionaria os campos, as tropas e as 85 “Quartos vagos. Alugam-se quartos”. (N.T.)

cozinhas alemães.

Na manhã seguinte, 10 de maio, Winters e Nixon foram inspecionar três locais de jipe, onde havia uma verdadeira montanha de armas. Winters viu então que tinha cometido um erro quando disse “todas as armas”. Ele se havia referido a armas militares, mas o coronel tomara suas ordens ao pé da letra. Entre outras, havia uma coleção fantástica de espingardas de caça, fuzis, facas de caça, armas antigas de todo tipo, bem como todo o estoque de armas de uma divisão militar inteira. Parecia o suficiente para iniciar a 3ª Guerra Mundial.

Quando inspecionou os campos e as cozinhas, Winters achou tudo muito bem organizado. A tropa estava enfileirada para revista, exibindo um capricho de desfile militar na aparência, limpa, bem-vestida, em excelente forma física. As cozinhas estavam em ordem; os cozinheiros viam-se às voltas com enormes caldeiras de sopa de batata ao fogo.

Dali por diante, Winters passou a tratar com um oficial de estado-maior alemão que falava inglês, que comparecia todas as manhãs ao seu QG para apresentar relatórios e receber ordens. Não houve problemas; nas palavras de Winters, “nós os deixávamos à vontade; eles nos respeitavam”. O oficial de estado-maior alemão tinha o costume de contar histórias sobre seu turno de serviço na frente de batalha na Europa Oriental e os combates contra a 101ª em Bastogne. “Nossos exércitos deveriam unir forças e varrer o exército soviético do mapa”, ele disse a Winters.

— Não, obrigado — Winters respondeu. — Tudo o que quero é sair do exército e voltar para casa.

Isso era o que quase todos queriam, tanto quanto os soldados alemães.

Mas, antes que algum deles pudesse ser solto, tinha de passar por uma triagem.

Os acampamentos alemães estavam cheios de nazistas, muitos dos quais tinham passado a usar uniformes de recruta para impedir sua identificação. (O mais notório deles foi Adolf Eichmann, que usou um uniforme de recruta da Luftwaffe num campo perto de Berchtesgaden. Ele conseguiu fugir antes de ser

identificado, foi para a Argentina com a família e viveu sem problema até 1960, quando agentes israelenses descobriram seu paradeiro, capturaram-no numa ousada operação de seqüestro, levaram-no para Israel a fim de que pudesse ser julgado e enforcaram-no.)

O tenente Lipton estava servindo como líder de um pelotão de metralhadoras na Companhia do QG do 2º Batalhão. Winters o incumbiu de supervisionar um campo com várias centenas de prisioneiros. Um desses prisioneiros era Ferdinand Porsche, projetista da Volkswagen e dos tanques Panther e Tiger. Em meados de maio, Lipton libertou cerca de 150 prisioneiros.

O oficial alemão de patente mais alta, um coronel, pediu permissão para fazer-lhes um discurso antes que partissem. Lipton deu-lhe a permissão.

— O discurso dele foi longo e bom — afirma Lipton. — Ele disse a eles que a Alemanha tinha perdido a guerra, que tinham sido bons soldados, que estava orgulhoso deles e que deveriam voltar para seus lares e reconstruir suas vidas. Disse também que todos eram necessários à reconstrução da Alemanha.

Quando terminou, a tropa o aplaudiu ruidosamente. — E partiu.

Outros oficiais alemães de alta patente, homens que tinham bons motivos para ter receios de que seriam acusados de crimes de guerra, estavam escondidos nas montanhas. Deslocados de guerra falaram a Speirs sobre o nazista que tinha sido o comandante dos campos de escravos da região e havia cometido muitas atrocidades. Ele investigou, fez perguntas e acabou se convencendo de que os deslocados estavam dizendo a verdade. Investigações mais profundas revelaram que esse homem estava morando numa pequena fazenda nas redondezas.

Speirs solicitou a presença de seu primeiro-sargento, Lynch. Ele explicou a situação e depois deu a ordem: — Pegue Moone, Liebgott e Sisk, achem-no e matem-no.

Lynch reuniu a tropa, explicou-lhe a missão, providenciou uma viatura de armamentos e partiu montanha acima. Durante a viagem, Moone ficou pensando na situação difícil em que se encontrava. Estava certo de que o capitão Speirs não tinha a autoridade para ordenar a execução com base no testemunho dos deslocados de guerra. Mas Speirs era o comandante da companhia, e Moone era apenas um recruta cumprindo ordens. “Não vou fazer essa besteira. Se alguém tiver de cumprir essa execução, não serei eu”, disse consigo mesmo.

Eles chegaram à fazenda e, sem esforço, tomaram o nazista como prisioneiro. Liebgott o interrogou durante 30 minutos e depois declarou que não podia haver dúvida: aquele era o homem que estavam procurando e era culpado do que estava sendo acusado. Os americanos levaram o sujeito sob a mira de armas para a viatura de armamentos e partiram. A certa altura do caminho, Lynch parou ao lado de uma ravina. Nisso, eles cutucaram o alemão com as armas, de forma que ele saísse do veículo. Liebgott sacou a pistola e deu dois tiros nele.

O prisioneiro desatou a gritar, virou-se e começou a subir a montanha.

Lynch ordenou que Moone o matasse.

— Mate-o você — respondeu Moone. — A guerra acabou.

Skinny Sisk adiantou-se, mirou o M-1 no homem em fuga e o matou.

*

Depois que os prisioneiros e os deslocados de guerra foram submetidos a uma triagem e removidos da região, a tarefa seguinte foi separar e recolher todo equipamento alemão capturado e o equipamento do exército americano que não fosse mais necessário, em razão do fim dos combates. Quando o material foi recolhido e catalogado, comboios de caminhões o levaram para depósitos na França.

Os oficiais tiveram ordens para devolver o mapa de seda de fuga da França que tinham recebido antes das operações de salto na Normandia, pois, do contrário, seriam multados em 75 dólares. Uma vez que esses mapas eram quase sagrados para os veteranos do Dia D, a desobediência à ordem foi geral. Quando recebeu a notificação para o pagamento da multa, Winters respondeu pelo batalhão inteiro, imitando o general McAuliffe em sua maneira singular de recusa de rendição ao oficial do exército alemão: — Neca. — O intendente do regimento, o capitão Herbert Sobel, desistiu de continuar cobrando a multa.

Em face da ausência de resistência — em verdade, por causa do entusiasmo dos alemães e dos austríacos com a presença dos Aliados —, lá pelo fim da terceira semana de maio havia pouco trabalho de fato a ser feito pelos americanos. Todo o serviço de cozinha, toda lavagem de roupa, limpeza de acomodações ou tarefas de construção eram feitos pelos habitantes locais ansiosos por ganhar algum

dinheiro ou receber alimento ou cigarros. As horas estavam pesando muito no espírito dos jovens soldados, ansiosos pelo retorno ao lar.

Winters providenciou a construção de uma pista de atletismo, uma quadra de tênis e um campo de beisebol; depois, um campo de provas para fuzileiros. Competições entre companhias, batalhões e regimentos foram organizadas em todo o TOGE. Além disso, Winters os submetia diariamente a marchas em formação compacta.

Alguns soldados adoravam isso. Para os atletas sérios, os que nutriam esperanças de se tornar atletas universitários ou se profissionalizar no futuro, era uma maravilhosa oportunidade para treinar. Eles eram dispensados de todos os serviços, dormiam num dormitório reservado exclusivamente para atletas e passaram a treinar ou competir todo dia. Para os poucos que pretendiam continuar no exército e seguir carreira, era uma chance de praticar a profissão.

Mas, para a maioria, tanto para recrutas quanto para militares de carreira, a ocasião era entediante. Eles fugiam disso de quatro maneiras: como turistas nos Alpes, caçando, bebendo e cortejando mulheres. O Zeller See, um lago com cerca de 4 quilômetros de comprimento e 2 de largura, era de uma beleza de tirar o fôlego e muito agradável para nadar nos dias longos e ensolarados do fim de maio e início de junho. “Meu calção de banho está sendo muito usado”, disse Webster na carta enviada à mãe em 20 de maio. “A senhora poderia fazer o favor de enviar-me um de Abercrombie e Fitch com cores bem alegres o mais rapidamente possível? Número 32, bermuda de preferência, sunga não.”

Na montanha atrás de Kaprun havia um chalé de esquiadores. O

teleférico que levava os hóspedes até o chalé fora destruído, mas podia-se chegar lá seguindo por uma trilha. Winters criou um programa para que os pelotões se revezassem no uso das acomodações do chalé a cada três dias. No chalé, havia empregados e cozinheiros austríacos, instrutores de esqui e guias de caça. As condições para a prática de esqui eram fabulosas; muito boas também eram as ocasiões de caça aos cabritos monteses.

Numa parte mais baixa da montanha, havia cervos, centenas deles, já que essa era uma excelente área de caça da aristocracia européia. A 101ª estava na extremidade final da via de distribuição de alimentos. O pessoal dos portos de Cherbourg e Le Havre era o primeiro a tirar a sua parte ao longo da via, e todos

tinham namoradas civis para manter e um florescente mercado negro para tentá-los. Com isso, não chegava comida suficiente aos Alpes. Os pára-quedistas resolveram formar grupos de caça de cervos; a carne de veação tornou-se elemento básico na alimentação deles. O praça Freeman conseguiu uma espingarda de caça Browning e com isso suplementou a veação com codorna e carne de outros pássaros.

“Garotas, mulheres, matronas, vadias, moderninhas, mocinhas, prostitutas, beldades, frauleins, mademoiselles: era isso que os rapazes queriam”, Webster escreveu. E ele fala do resultado disso: “Os cozinheiros tinham amantes; os galãs do pelotão estavam freqüentando o celeiro; McCreary tinha uma mulher casada na cidade; Reese instalou a amante numa casa particular; Carson alimentava uma loura polonesa educada, bela e sofisticada (com a qual ele se casou depois); o pessoal do estado-maior do pelotão visitava um campo de deslocados de guerra todas as noites; e, em Zell am See, cidade natal das mais belas mulheres da Europa, os jovens acompanhados de louras bronzeadas realizavam seus sonhos — depois de falar sobre mulheres durante três anos, agora eles tinham o que desejavam. A política de não-confraternização fracassou totalmente.”

Para os que quiseram e estavam em condições de tê-las, Londres, Paris, a região ao longo do Ruhr tinham lá as suas mulheres, mas, nas palavras de Webster, “na Áustria, onde as mulheres eram mais limpas, mais louras, mais bem-feitas de corpo e mais propensas a aceitar galanteios do que em qualquer outra parte da Europa, os recrutas tiveram seus dias de glória”.

O fluxo de bebidas era interminável. “Desde que saímos de Berchtesgaden, tomamos um porre toda noite. Dois dias atrás, pilhamos um armazém das Wehrmacht embalados pelo consumo de algumas caixas de gim —48 garrafas ao todo. Portanto, o pacote com laranja em pó que vocês me enviaram foi muito oportuno”, disse Webster na carta enviada aos pais em 28 de maio.

O capitão Speirs tinha emitido apenas uma ordem com relação à bebida

— nada de bebedeiras fora do quartel. Essa ordem era rigorosamente cumprida pela atuação dos sargentos, que não queriam saber de incidentes com jovens soldados bêbados em serviço de guarda ou simplesmente andando pelas ruas e pelas montanhas. Nos alojamentos, porém, a tropa tinha liberdade para beber tudo que conseguisse arranjar. A maioria bebia mais do que isso.

O esquadrão de Webster tinha sempre à mão uma jarra cheia de chá com gelo e gim. Todas as noites, ele escreveu, “lá pelas 20 horas, Matthews já estava gaguejando e enrolando a língua; Marsh ficava gabando-se de seu esquadrão e quanto seus homens eram obedientes; Sholty permanecia sentado tranqüilamente na cama, sorrindo; Winn ria, gritava e falava sobre Bastogne; McCreary vangloriava-se da própria coragem (‘Amigo, este pelotão não tem ninguém mais corajoso do que eu), sem nenhuma modéstia, embora dissesse a verdade; Gilmore passava roupas freneticamente, manifestação singular e muito bem-vinda de seu alto-astral; Hale esvaziava o copo e tornava a enchê-lo; Chris, que nunca brigava com ninguém, recostava-se a um canto em frio silêncio; a essa altura, Rader tinha apagado, sentado na cadeira; e eu, que também apagara educadamente, sem brigar com ninguém, estava em sono profundo”.

Os rapazes se livravam da ressaca com um pouco de natação à tarde ou uma partida de softball. Winters era abstêmio e não tinha nada contra nem a favor do consumo de bebidas; seus dois melhores amigos, Welsh e Nixon, eram beberrões. Ele jamais ralhou com alguém por embriagar-se fora do serviço.

Como contraponto às ocasiões em que se sentia tentado a fazer isso, era lembrado todas as tardes da razão pela qual esses excessos aconteciam. Os rapazes usavam bermudas e nada mais para jogar softbal sob o sol quente. Quase todos tinham pelo menos uma cicatriz. Alguns tinham duas, três ou até quatro cicatrizes no tórax, nas costas, nos braços ou nas pernas.

— E considere o fato — ele concluiu — de que, em Kaprun, observei somente os soldados que não tinham sofrido ferimentos graves.

Houve outra coisa que lembrou o preço que a Companhia E e as outras unidades tinham pago para chegar aonde estavam. Às 22 horas do dia 5 de junho, a tropa comemorou o primeiro aniversário do salto que fez na Normandia.

Webster ficou impressionado com o contraste da situação. Um ano antes, também às 22 horas, “meu coração parecia o tambor de Gene Krupa, e meu estômago estava doendo e muito vazio. . Agora, estou instalado numa casa aconchegante nos Alpes austríacos. Tenho um grande copo de chá com gelo e gim numa das mãos e a caneta na outra. Muitos dos rapazes que decolaram daquele aeroporto de Devonshire estão mortos, enterrados em cemitérios encantadores em Ste.-Mère-Eglise, Son e na Bélgica, mas ainda estou aqui e muito grato por isto. Nesta noite, lembraremos deles de uma maneira que

achariam muito apropriada — com uma festa animada e barulhenta".

Os oficiais estavam tendo a sua festa também. Speirs tinha conseguido algumas caixas de excelente conhaque, que saboreou em seus aposentos com uma bela deslocada de guerra polonesa e seu filho pequeno. O coronel Sink deu festas memoráveis em seu QG, o Hotel Zel . Certa noite, ele convidou todos os 506 oficiais a reunir-se com o general Taylor e seu estado-maior. Foi uma farra.

O coronel Strayer, que, segundo o tenente Foley, "bebia muito às vezes", empolgou-se um pouco e acabou se envolvendo numa briga com um general. Foi quando o tenente Foley e outros mais tiveram uma brilhante idéia. Eles foram até o estacionamento e tiraram a maior parte da gasolina da Mercedes de Taylor (o carro pertencera a Hitler). Acharam que seria muito engraçado quando ele ficasse sem gasolina no caminho de volta para Berchtesgaden no meio da noite.

Na manhã do dia seguinte, domingo, o coronel Sink emitiu uma ordem para uma reunião especial com os oficiais. Eles se reuniram no lado de fora do hotel. Sink os censurou duramente. Ele disse que o comportamento deles fora vergonhoso. Ele os repreendeu principalmente por causa da briga e da peça que pregaram em Taylor. Ele tinha acabado de falar com o general Taylor ao telefone, cujo carro ficara sem gasolina e o fizera esperar sentado durante horas enquanto seu motorista procurava um galão de gasolina. Foley, que não admitiu a própria culpa, contou que "Sink não dava a mínima ao fato de que nós, recrutas, estávamos lá para ouvi-lo, e também nem se incomodou com o fato de que alguém o estivesse ouvindo ralhar conosco".

Sink jamais ficava contrariado durante muito tempo. Uma semana depois, ele organizou uma grande comemoração de 4 de Julho. Mas, no dia 4, choveu, e também no dia 5. Tudo bem. O dia 6 foi um belo dia, e a comemoração começou. Foi o dia do "Sink no seis", disse a tropa, espirituosamente.

Eles organizaram também eventos esportivos de toda espécie. Planadores cruzaram o lago, aproveitando as correntes de ar da montanha. O Comando do Transporte Aéreo de Tropas emprestou um C-47 ao regimento para participar das comemorações à tarde, e 12 pára-quedistas saltaram no lago. A comida e a bebida abundavam. No parque, músicos, usando bermudas de couro típicas, tocaram melodias monótonas. A tropa pediu que tocassem música popular americana, mas os austríacos não tinham muito jeito para isso. Todos dançaram.

Todas as jovens usaram braçadeiras de deslocadas de guerra (a política de não-confraternização aplicava-se somente aos alemães e aos austríacos; os DGs não precisavam usá-las; as braçadeiras que as DGs usaram para distingui-las das demais foram distribuídas generosamente entre as jovens das montanhas locais), mas, nas palavras do tenente Foley, “nenhum deslocado de guerra participou das comemorações”.

Clima de montanha, prática de esportes à vontade, mulheres e bebida, serviços leves, boa caça e um coronel severo, mas que todos adoravam, Zel am See era, na opinião de Webster, “a vida de sonhos do soldado”.

Esse deveria ter sido o melhor verão de todos para os membros da Companhia E. Mas, transcorridas as primeiras semanas, a maioria passou a detestá-lo. Eles ficaram frustrados com a burocracia do exército, e, entediados, passaram a beber em excesso e desejaram voltar para casa.

A volta para casa dependia da conquista de pontos, o que se tornou, praticamente, o único assunto das conversas e causou muito ressentimento. O

sistema de pontuação criado pelo exército dava pontos ao soldado pelos meses de serviço ativo, pela participação em campanhas, por medalhas, pelo fato de ser casado. A pontuação mágica era 85. Os que a alcançassem ou fossem além dela conquistavam o direito de embarcar imediatamente para casa e de dispensa do serviço militar. Aqueles cuja pontuação ainda estivesse abaixo disso tinham de permanecer na divisão, talvez até o Grande Salto na China ou no Japão.

Assim, pela primeira vez em sua carreira militar, os oficiais e a tropa passaram a preocupar-se seriamente com a conquista de medalhas. Uma Medalha de Bronze valia cinco pontos. O sistema hierárquico e burocrático do exército tinha, inevitavelmente, os seus favoritos. O tenente Foley lembrou-se do caso de

“um ajudante do regimento que conseguiu uma Medalha de Bronze por — de acordo com os boatos — ter escolhido o Hotel Zell para ser o QG de Sink”.

Já os combatentes se sentiram enganados de outra maneira: entre os pára-quedistas, fora quase impossível a conquista de uma medalha que não fosse a Purple Heart. “Na 101ª, por exemplo”, escreveu Webster, “apenas dois soldados tinham sido condecorados com a Medalha de Honra — um praça e um tenente-coronel do 502° — e ambos morreram em combate. O major Winters, que tinha conquistado uma legitimamente num confronto com uma bateria alemã

na Normandia, usava a única Cruz de Serviços Notáveis no 2º Batalhão. Na Companhia E, o capitão Speirs e mais dois ou três tinham a incontestável Estrela de Prata, e cerca de 12 combatentes ostentavam no peito Estrelas de Bronze.

Purple Hearts havia muitas, mas não eram condecorações, e sim apenas uma insígnia: de infantaria."

A maioria dos membros da Companhia E tinha como condecoração somente as quatro estrelas em sua fita do TOGE, indicativa da presença do soldado no teatro de operações apenas como elemento administrativo, que jamais deixou a base para combater. "Vejam o caso de MacClung, por exemplo", protestou Webster. "Ele era tranqüilo, magro e sem atrativos. Ninguém ligava para ele. Mas seus amigos do 3º Pelotão juraram que o Velho Lung tinha matado mais alemães do que qualquer outro membro do batalhão o havia feito.

MacClung era capaz de como que farejar a presença de alemães; ele os caçava; ele os perseguia em ataques matutinos e em patrulhas noturnas; ele se esforçava para matá-los; arriscou-se mais e se ofereceu como voluntário para participar de mais operações perigosas do que qualquer outro membro da Companhia E. MacClung combateu todos os dias na Normandia, na Holanda e em Bastogne, e o que ele tem para mostrar como prova disso? Uma fita do TOGE e quatro estrelas de combatente."

Tal foi o caso também do sargento Shifty Powers. Soldado tão bom quanto qualquer outro da 101ª, ele não ganhou nenhuma medalha, nenhuma Purple Heart nem, portanto, pontos suficientes. Mas as queixas aumentaram tanto que o general Taylor resolveu fazer um sorteio em cada uma das companhias; o sorteado de cada uma dessas unidades visitaria o lar num sistema de rodízio. Powers não queria participar do sorteio. — Ora, Paul — ele disse ao sargento Rogers —, nunca ganhei nada em minha vida. — Mas Rogers o persuadiu a participar, e ele foi sorteado.

Assim que Powers foi sorteado, um soldado lhe ofereceu mil dólares por essa visita ao lar.

— Pensei nisso por um instante; mil dólares era muito dinheiro, mas, por fim, eu disse: "Não, acho que prefiro viajar mesmo." — conta-nos Powers.

Powers pegou as coisas que havia pilhado, principalmente pistolas, providenciou

sua documentação, pegou o pagamento e juntou-se aos dez outros sortudos para uma viagem até Munique. Ao fazer uma curva, o veículo em que ele estava foi atingido de frente por um dos caminhões de transporte de tropas.

Com o impacto, Powers foi lançado para fora do veículo e por cima do caminhão, caiu na estrada, quebrou alguns ossos e sofreu um grave abalo. Outro dos soldados "sortudos" morreu. Powers foi levado para o hospital, onde ladrões roubaram todo o seu salário atrasado e seus suvenires. Posteriormente, foi levado para casa num navio-hospital, meses depois dos colegas que ele tinha deixado para trás.

A negligência e o descaso no controle do sistema de pontuação aumentavam a frustração de ver cozinheiros e pessoal administrativo obter os mesmos pontos que os infantes da linha de frente. Todos os soldados passavam horas computando seus pontos, mas o segredo do sucesso nesse particular era convencer o ajudante do comandante do regimento. Webster estava convicto de que tinha 87 pontos, mas seu registro indicava que ele tinha menos de 80.

O general Taylor tentou ajudar seus veteranos. Ele determinou que todos os soldados que tivessem servido na Normandia, na Holanda e na Bélgica ou que houvessem participado de duas dessas campanhas e que deixaram de participar de uma por causa de ferimentos receberiam uma Estrela de Bronze. Todos gostaram muito disso, logicamente, mas, temporariamente, isso causou mais frustração ainda, pois levava semanas, depois da decisão de Taylor, para que a medalha e a menção honrosa — e os cinco pontos fundamentais — chegassem.

Toda essa burocracia causava grande insatisfação com o exército e sua política. Aliciadores circulavam entre os oficiais e outros soldados, tentando persuadi-los a juntar-se ao exército regular. Quase ninguém fez isso. Webster expressou o sentimento da maioria de seus colegas soldados: "Odeio este exército com uma intensidade tão grande e imorredoura que jamais falarei bem dele enquanto eu viver", desabafou na carta enviada aos pais. "Considero 90% do tempo que passei no exército um desperdício." A única coisa em relação ao exército que ele admitia considerar positiva era que "aprendi a relacionar-me bem com as pessoas". Quando Sink ofereceu um posto de oficial a Webster, este pensou no assunto durante um ou dois minutos e depois disse que preferia não aceitá-lo.

O que aumentava também os problemas de frustração e ódio em relação ao exército causado pelo sistema de pontuação era a combinação do excesso de

bebida alcoólica, armas e veículos confiscados. Os acidentes automobilísticos foram tão perigosos para a 101ª na Áustria quanto o fora o exército alemão na Bélgica. Somente nas três primeiras semanas na Áustria, houve 70 acidentes, e outros mais nas seis semanas entre junho e julho. Vinte combatentes morreram, e quase 100 deles ficaram feridos.

Certa noite, o sargento Robert Marsh pegou de carro o praça John Janovek num posto de controle numa estrada vicinal para levá-lo de volta ao alojamento. Janovek seguiu viagem reclinado na porta do caminhão, a qual não era muito confiável. De repente, eles colidiram com uma tora de árvore. O praça perdeu o equilíbrio, caiu e bateu com a cabeça no chão. Marsh o levou às pressas para o posto de socorro do regimento em Zell am See, mas ele morreu no caminho por conta de uma fratura no crânio. O capitão Speirs juntou os poucos pertences dele, um relógio de pulso, sua insígnia de pára-quedista, sua carteira e seu cachecol de pára-quedista, e os enviou para os pais dele. “Ele tinha vencido muitas dificuldades”, escreveu Webster. “Havia saltado na Holanda e lutado na Bélgica e em Bastogne. Ele odiava o exército, e agora, quando a guerra terminou e a perspectiva dourada da volta ao lar estava à vista, ele morreu.”

E Marsh não tinha bebido. A Companhia E tinha orgulho de sua história no que diz respeito a serviços de guarda ou de guarnecimento de postos de controle com soldados sóbrios e responsáveis e que nunca dirigiam bêbados.

Outras unidades não eram tão cuidadosas. O praça 0’Keefe lembrou-se da noite em que ficou num posto de controle com o praça Lloyd Guy num ponto equidistante do caminho que ligava Saalfelden a Zell am See.

— Uma viatura de oficiais sem capota vinha pela estrada em grande velocidade, sem contar com a possibilidade de ter de parar. Guy e eu pulamos na frente dela e a fizemos parar. O veículo levava dois homens usando uniformes alemães, ambos bêbados. “Porra, por que vocês nos pararam? Estamos do seu lado.”

Eles eram pára-quedistas, mas de outra companhia. Nós dissemos a eles:

“Porra, vocês poderiam perder suas cabeças!”

Eles acabaram prometendo reduzir a velocidade ao retomar a viagem.

Nós lhes dissemos que o posto de controle seguinte ficava a cerca de 17

quilômetros adiante, que se mantivessem atentos, pois logo se aproximariam dele, e que reduzissem a velocidade ao máximo quando chegassem lá. Eles prometeram ir com calma.

Mas, quando voltamos, soubemos que esses dois idiotas tinham passado direto e a toda velocidade pelo posto de Welling, mesmo com ele gritando

“Parem! Parem!”. Depois da terceira advertência, Wel ing fez um disparo e atingiu o motorista. — Algum tempo depois, Wel ing visitou o soldado ferido no hospital; ele disse que não guardava rancor de Welling, que ele teria feito a mesma coisa.

O sargento “Chuck” Grant, combatente oriundo de Toccoa, era um californiano sorridente, atlético, de cabelos louros e sujeito respeitado — ele tinha destruído um 88 na Holanda — e estimado por todos. Certa noite, ele levou alguns praças de carro para um posto de controle a fim de fazer a troca de guarda. Quando chegaram lá, depararam certa agitação no lugar.

Um recruta bêbado, com uma pistola na mão, tinha aos pés dois alemães mortos por ele. O recruta havia parado a viatura e exigira gasolina de seus ocupantes, já que a dele tinha acabado. Mas ele não falava alemão, tampouco eles, por sua vez, falavam inglês. Por causa disso, ele achou que eles estavam resistindo e os matou.

Durante a discussão, um major britânico do serviço de inteligência passava de carro pelo local. Ele e seu sargento pararam o jipe e saltaram para ver o que estava acontecendo. O recruta bêbado apontou a pistola para eles e os advertiu que recuassem.

Nesse ínterim, em que Grant passava de carro pelo local também, o bêbado fez um disparo na direção dele, mas errou o alvo. O major tentou desarmar o soldado, porém este se virou para ele e o matou, e depois seu sargento. Grant lançou-se impetuosamente contra o agressor; o bêbado atirou nele e o atingiu no cérebro. Em seguida, fugiu.

Speirs tinha grande afeição por Grant. Quando soube o que acontecera, ele e o tenente Foley subiram no jipe, foram até o local, puseram Grant numa maca e partiram às pressas em demanda do posto de socorro do regimento. O

médico do posto era uma desgraça, barba crescida, desleixado, com uma camisa muito manchada. Ele deu uma rápida olhada em Grant e disse que “não há esperança”.

— Besteira — retrucou Speirs, e pôs Grant de volta na maca e tornou a partir às pressas, dessa vez com destino a Saalfelden. Speirs soubera que havia alguns especialistas alemães lá. Um deles, de Berlim, era especialista em cérebro.

Ele submeteu Grant a uma operação imediatamente e salvou a vida dele.

A notícia das mortes espalhou-se rapidamente pelos alojamentos. A Companhia E partiu em massa à procura do culpado. Acharam-no tentando estuprar uma jovem austríaca em Zell am See. Ele era um substituto que tinha acabado de engajar-se na Companhia I. Apesar da manifesta contrariedade de muitos da tropa, ele foi levado vivo para o QG da companhia.

Ele chegou a desejar que não o tivessem levado vivo para lá. Metade da companhia cercou-o, fez-lhe ameaças, chutou-o e jurou vingança. Antes que algo mais sério acontecesse, o capitão Speirs veio correndo do hospital, para intervir, pressuroso.

— Onde está a arma? — bradou Speirs contra o prisioneiro.

— Que arma?

Speirs sacou a pistola, virou-a na mão para segurá-la pelo cano e golpeou o sujeito na têmpora com a coronha. E começou a gritar: — Quando falar com um oficial, chame-o de “senhor” — e o golpeou novamente.

O recruta ruiu sobre uma cadeira, atordoado. O praça Hack Hansen, do 2º Pelotão, comandado por Grant, e amigo íntimo dele, irrompeu no recinto. E

sacou a pistola. — Seu filho da mãe — disse. — Matei homens melhores do que você. — Nisso, pôs o cano da pistola contra o rosto do recruta. Quatro homens seguraram Hansen por trás e tentaram apartá-lo, enquanto gritavam que a morte era algo bom demais para um covarde como aquele, mas ele apertou o gatilho. A pistola falhou.

— Você deveria ter visto o semblante do sujeito — Gordon Carson observou.

Depois disso, eles surraram o soldado até ele desmaiar e em seguida o levaram para a prisão do regimento e o entregaram ao sargento da polícia militar.

Quando ele recobrou os sentidos, o sargento o golpeou até que ele sangrasse.

Sink dirigiu-se ao QG da companhia. Quando chegou, perguntou ao sargento Carson: — Cadê o Speirs?

— No segundo andar, senhor.

Sink subiu e inteirou-se dos fatos com Speirs. A conversa durou quase uma hora. Depois, Sink partiu, e Speirs desceu.

— Como foi a conversa? — perguntou Carson.

— Muito difícil.

— Bem, mas o que ele disse?

— Disse que eu deveria ter matado o filho da mãe.

O fato de ele não ter feito isso foi surpreendente. Uma das explicações disso que obtive de alguns soldados dava conta de que Speirs talvez não tivera certeza de que o soldado que eles haviam prendido era o homem certo. Quando perguntei a Speirs sobre isso, ele respondeu:

— Quanto ao atentado contra a vida do sargento Grant, você está certo.

Talvez eu tenha ficado em dúvida mesmo, pois nunca tive problema em agir sumariamente.

Mas eu me pergunto se não houve outro fator influenciador da atitude deles. Speirs não foi o único homem que teve a chance de matar o covarde.

Grant teve uma oportunidade quando tudo começou. O soldado que achou o bêbado da Companhia I poderia tê-lo matado imediatamente, e quase todos os membros da companhia entrevistados por mim disseram que gostariam que isso tivesse sido feito. No entanto, muitos deles estavam no QG da companhia quando chegaram com o recruta e tinham suas pistolas na cintura, mas apenas um deles tentou matar o sujeito, e ele foi impedido de fazer isso por outros

quatro.

Quase todos os combatentes naquele recinto tinham matado alguém. O

sangue deles fervia. Seu ódio era grande, e sua frieza também. Mas o que chama a atenção no incidente não são os espancamentos com as armas e as surras, e sim o freio a que submeteram as próprias atitudes.

Eles estavam fartos de mortes.

Pouco tempo depois do incidente, o capitão Speirs enviou uma longa carta ao sargento Forrest Guth, que estava num hospital na Inglaterra e que havia enviado uma carta a Speirs em que expressava seu receio de ser transferido para outra divisão. Speirs gostava de Guth, achava que ele era um bom soldado e admirava a capacidade dele de manter todas as armas em excelente estado. Ele tinha especial admiração pelo fato de que Guth era capaz de pegar uma lima e trabalhar no mecanismo de disparo de um M-1 e torná-lo totalmente automático.

(Winters ganhou uma dessas armas especiais de Guth. Ele a guardou e, quando partiu para a Guerra da Coréia, levou-a consigo. Infelizmente, Guth não conseguiu lembrar-se de como fazia isso.)

Na carta que enviou como resposta, Speirs revelou seu outro lado. Foi uma longa e expressiva missiva sobre os feitos da Companhia E desde que Guth fora enviado para o hospital, cheia do tipo de informação de que Guth mais gostava de saber: “Luz caiu da motocicleta e machucou o braço — nada sério, mas o sargento Talbert não gostou da idéia de ser o primeiro-sargento. Diante disso, dei-lhe o comando do 2º Pelotão, e o sargento Lynch (2º Pelotão) é o primeiro-sargento agora. O sargento Alley tomou um porre outra vez, e tivemos de rebaixá-lo. O tenente Lipton está de licença na Escócia e muito satisfeito. Não vejo a hora de conseguir licença e ir à Inglaterra para ver minha esposa e meu filho. O sargento Powers estava a caminho de casa, quando o caminhão dele capotou e ele fraturou o crânio. Ele está hospitalizado. O sargento Strohl (3º

Pelotão) está a caminho de casa, nos Estados Unidos. Chuck Grant entrou na frente de uma bala disparada por um americano bêbado, e sua cabeça não está muito bem — ele está internado num hospital alemão perto daqui e vai se recuperando. O sargento Malarkey acabou de sair de uma longa internação hospitalar. O sargento Rhinehard chegou há pouco da Riviera. McGrath não sairá de licença — ele está fazendo economias.”

Speirs transmitiu a Guth os detalhes concernentes à Estrela de Bronze a que ele tinha direito por sua participação na campanha na Normandia, Holanda e Bélgica e prometeu informá-lo a respeito disso assim que ela chegasse. “Clark é armeiro atualmente — enviei Burlingame de volta para o pelotão dele; ele não conseguia manter seu gerador alemão funcionando! Temos eletricidade e água quente aqui na Áustria.

A propósito, você pode usar a ‘Medalha Congressual de Honra ao Mérito’ e as Folhas de Carvalho sobre ela, independentemente do traje que vestir

— você a conquistou com a 101ª A/B.”

A companhia estava sendo desativada. O general Taylor ordenou que todos os soldados com alta pontuação e que ainda não tivessem feito uma visita ao lar fossem transferidos para o 501°, estacionado em Berchtesgaden. O 501°

estava sendo desativado e seria usado como meio de transferência de volta para os Estados Unidos de todos os soldados da divisão com muitos pontos, de modo que pudessem ser dispensados. Outros da velha companhia estavam no hospital ou já tinham sido dispensados. Recrutas que haviam sido engajados em Mourmelon ou em Haguenau eram considerados veteranos agora.

O general Taylor fez uma viagem aos Estados Unidos; quando, no fim de junho, ele voltou, anunciou que a 101ª deveria ser transferida para o Pacífico, depois de uma licença invernal nos Estados Unidos. Enquanto isso, o Ministério da Guerra insistia na idéia de que a divisão deveria ser submetida a um regime de treinamento completo. Um dos aspectos críticos desse processo era a volta aos combates, já que mais de três quartos da divisão eram compostos de recrutas.

Portanto, treinamentos e ginástica tornaram-se a ordem do dia novamente, juntamente com a terminologia técnica do M-1 e com a terminologia e o funcionamento do BAR e do mosquetão. Marchas rodoviárias. Sinalização com armas e mãos. Táticas de esquadrão. Inspeção de quartéis. Inspeção de kits de ração. Cortesia, respeito e disciplina militares. Primeiros socorros e saneamento. Checagem de roupas. Leitura de mapas. Corridas com o fuzil. Uma semana de sólida instrução sobre triangulação geodésica. Treinamento no campo de tiros. “E lá foi ela”, Webster escreveu, “e eu também, cada vez mais enojado.”

O tenente Peacock voltou, mais “cocô de galinha” do que nunca.

“Sofremos tanto pelo excesso de treinamentos”, Webster escreveu, “que os soldados que o conheceram na Holanda e em Bastogne não suportavam nem olhar para ele. Fiquei tão louco e exasperado com isso que, se tivesse menos de 85 pontos, eu me teria oferecido como voluntário para seguir direto para o Japão e combater, em vez de suportar mais um dia de instrução básica sob as ordens de Peacock.”

Nos meados de julho, todos os veteranos que tinham combatido na Normandia haviam partido, com exceção do longamente sofrido Webster, que ainda não tinha conseguido convencer o ajudante a aceitar sua pontuação. O

coronel Sink fez um discurso de despedida aos soldados que tinham alcançado a pontuação necessária: “É com o coração dividido que o comandante do regimento vê a partida de seus excelentes oficiais e soldados. Ele está feliz por todos vocês. Vocês trabalharam, lutaram e conquistaram o direito de voltar para seus lares e seus amigos.

Lamento vê-los partir, pois vocês são amigos e colegas de armas.

A maioria de vocês foi duramente repreendida ou punida por mim uma vez ou outra. Espero que considerem isso apenas uma repreensão justa. Minha intenção jamais foi outra.

Eu disse a vocês que procurassem conquistar Medalhas Congressuais de Honra ao Mérito, e foi o que vocês fizeram. Elas sempre servirão para assinalar o valoroso serviço e a honra de vocês.

Que Deus os ponha a caminho de casa; que o mesmo Amigo que os conduziu pela mão na Normandia, na Holanda, em Bastogne e na Alemanha olhe gentilmente por vocês e os guarde até o último grande salto!”

No fim de julho, a divisão foi transferida em 48s para a França. A Companhia E aquartelou-se em Joigny, uma pequena cidade ao sul de Paris.

Winters, Speirs, Foley e outros tiraram licença e foram para a Inglaterra. Em 6 de agosto, a bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima, o que pôs fim aos receios de outra campanha no Pacífico. Depois disso, houve uma profunda modificação na divisão aerotransportada, em que soldados com poucos pontos foram transferidos para a 17ª Divisão Aerotransportada, enquanto outros seguiram para a 82ª. A revista da 101ª, a Screaming Eagle, queixou-se de que “a

unidade parece mais um posto de substituição do que uma divisão militar”.86

Em 11 de agosto, o coronel Sink foi promovido a ajudante do comandante da divisão. Em 22 de agosto, o general Taylor deixou a 101ª, ou o que sobrou dela, para tornar-se superintendente em West Point. Logo depois disso, o 506° levantou acampamento e partiu, para juntar-se à 82ª DIA em Berlim. Segundo consta, o general Sink chorou quando seus rapazes partiram em marcha com destino ao posto de Joigny para embarcar e juntar-se à 82ª. Webster achou pertinente a reação dele, já que ele era “o coração e a alma de nosso regimento”. Em seus escritos em 1946, Webster disse: “A bela bandeira azul-escura de nosso regimento com o monte Currahee, um raio e seis pára-quedas bordados nela está enrolada em sua caixa, pegando poeira no Arquivo Nacional de Washington.”

Em 30 de novembro de 1945, a 101ª foi desativada. A Companhia E não existe mais.

A companhia tinha sido criada em julho de 1942, em Toccoa.

Essencialmente, ela deixou de existir quase três anos depois em Zell am See, Áustria. Nesses três anos, os soldados tiveram mais experiências, suportaram 86 Rapport e Northwood, Rendezvous with Destiny, p. 775.

mais situações difíceis e deram mais de si do que a maioria dos homens comuns consegue experimentar, suportar e dar de si em suas vidas.

Eles acharam o exército entediante, insensível e mesquinho e o odiavam.

Eles consideravam a guerra uma coisa horrenda, destruidora e mortal. Qualquer outra coisa era melhor que o derramamento de sangue e o morticínio, a sujeira, os esforços físicos impossíveis de realizar — qualquer outra, exceto desapontar os amigos.

Ademais, na guerra, descobriram um senso de amizade que nunca tinham visto antes. Eles descobriram o altruísmo. Descobriram que podiam amar o outro na trincheira mais do que a si mesmos. Descobriram na guerra homens que amavam a vida, mas que eram capazes de perder a vida por eles.

Eles tiveram três colegas notáveis como comandantes de companhia: Herbert Sobel, Richard Winters e Ronald Speirs. Todos causaram enorme impressão,

mas Winters, que estivera ligado à companhia do 1º ao 1.095° dia, foi o que causou a mais profunda de todas. Na opinião dos que serviram na Companhia E, essa foi a companhia de Dick Winters.

Os graduados eram os que mais sustentavam essa opinião. Os que serviram como cabos e sargentos nos combates tinham sido praças em Toccoa.

Eles passaram seus três anos inteiros na Companhia E. Oficiais, com exceção de Winters, vinham e iam. Muitos dos oficiais continuaram indiretamente ligados à companhia, como membros do estado-maior do batalhão ou do regimento, mas somente Winters e os graduados estiveram presentes em todos os dias de existência da companhia ou escreveram-lhe a história nos combates (ou no hospital). Eles se mantiveram unidos, principalmente nos terríveis bombardeios nos bosques de Bastogne e naquele momento crítico do ataque em Foy, antes de Speirs substituir Dike. Os líderes reconhecidos pelos graduados, tanto formalmente como de fato, foram os primeiros-sargentos Wil iam Evans, James Diel, Carwood Lipton e Floyd Talbert.

Em 30 de setembro de 1945, o sargento Talbert encontrava-se num hospital no Fort Benjamin Harrison, Indiana. De lá, enviou uma carta a Winters.

Como escritor, ele não era nenhum Webster, mas escreveu com o coração e falou em nome de todos os soldados que haviam servido na Companhia E.

Ele disse que gostaria que eles pudessem reunir-se para conversar, já que havia muitas coisas que queria dizer a Winters. “A primeira coisa que tentarei explicar é. . Dick, você é querido e nunca será esquecido por nenhum soldado que serviu sob suas ordens, ou talvez eu deva dizer com você, pois era assim que você comandava a unidade. Para mim, você é o maior soldado que eu poderia desejar conhecer.

O homem pode conseguir coisas na guerra que são impossíveis de conseguir em outra situação. Acho que eu sempre fortalecia minha confiança em mim mesmo ou algo assim. Não sei por que lhe estou dizendo isto. Você já sabe de tudo.

Bem, vou ficando por aqui. Você é o melhor amigo que já tive e gostaria que tivéssemos sido amigos em outra situação. Você foi o meu modelo de soldado e minha força nos combates. O pequeno major que ambos conhecemos o resumiu em poucas palavras — ‘o soldado mais corajoso que ele conheceu’. Eu respeitava muito a opinião dele. Ele foi um grande soldado também, e eu dizia a

ele que você era o maior de todos. Bem, agora sabe por que eu o acompanharia até o inferno. Quando eu estava com você, eu sabia que estava tudo sob controle.”

*

Tal como seus subordinados em relação a ele, Winters tinha seus soldados em alta conta. Em 1991, ele fez uma avaliação da história de sua companhia e de seu significado: “A 101ª DIA foi composta de centenas de companhias boas e coesas. Porém, a Companhia E, 506° RIP, se destaca de todas as outras por causa de um laço muito especial, que unia seus membros entre si.

Esse sentimento especialíssimo, íntimo, nasceu sob a tensão que o capitão Sobel provocava em Toccoa. Sob esse estado de tensão, a única forma pela qual a tropa conseguia sobreviver era manter-se unida. De vez em quando, os graduados tinham de unir-se e amotinar-se.

A tensão nos treinamentos foi seguida pela tensão na Normandia, em face do planejamento da principal missão de combate para o controle da Praia de Utah. Nos combates, a recompensa pelo trabalho bem-feito é a incumbência da missão difícil seguinte. E a Companhia E continuou a cumprir bem o seu dever nas campanhas na Holanda, em Bastogne e na Alemanha.

O resultado do compartilhamento de toda aquela tensão nos treinamentos e nos combates foi a criação de um laço de amizade entre os membros da Companhia E que durará para sempre.”



19

Carreiras no Pós-Guerra

1945-1991

Quarenta e oito membros da Companhia E deram suas vidas por seu país.

Mais de cem deles se feriram, muitos gravemente, alguns duas vezes, uns poucos três vezes, um deles quatro vezes. A maioria foi vítima de tensão, geralmente grave. Todos dedicaram à guerra o que consideravam os melhores anos de suas vidas. Tornaram-nos matadores, acostumados a carnificina e a reações rápidas e violentas. Poucos deles tinham algum conhecimento universitário antes da guerra; a única habilidade que a maioria deles tinha era a de combatente de infantaria.

Eles saíram da guerra determinados a compensar o tempo perdido. E

correram para a universidade, lançando mão da Bill of Rights dos Pracinhas, unanimemente elogiada pelos veteranos, considerada por eles o melhor conjunto de leis que o governo norte-americano criara até então. Eles se casaram e tiveram filhos o mais rapidamente possível. Depois, iniciaram o esforço de construção da própria vida.

Seu sucesso foi notável, principalmente por causa de sua determinação, ambição e trabalho árduo, mas também, até certo ponto, graças àquilo que tinham conseguido com sua experiência positiva no exército, onde haviam aprendido a ser autoconfiantes, disciplinados e obedientes; que eram capazes de suportar mais do que achavam que era possível, que podiam trabalhar com outras pessoas como parte de uma equipe. Eles se haviam alistado como voluntários no corpo de pára-quedistas porque queriam estar com os melhores e tornar-se os melhores possíveis. E conseguiram. Não desejaram menos que isso em sua vida de civis e foram bem-sucedidos nela também.

O caráter deles era como a rocha, esses que nasceram entre 1910 e 1928.

Eles foram os filhos da Depressão, combatentes da maior guerra da história, realizadores e participantes do surto econômico do pós-guerra. Eles aceitaram o incentivo e amparo da Carta de Direitos Fundamentais, mas jamais aceitaram esmola. Eles abriram seu próprio caminho. Alguns deles enriqueceram; outros se tornaram poderosos, quase todos construíram casas, cumpriram seu dever, criaram famílias e tiveram vida decente, aproveitando-se inteiramente da liberdade que ajudaram a preservar.

Parece-me apropriado começar pelos que sofreram ferimentos graves. O

cabo Walter Gordon tinha levado um tiro nas costas em Bastogne e ficou paralítico. Depois de seis semanas de internação num hospital na Inglaterra,

imobilizado na cama e com uma prótese Crutchfield, ele começou a sentir um pouco a extremidade dos membros. Ele havia sido tratado pelo Dr. Stadium, que costumava pôr-se ao pé da cama dele e provocá-lo:

— Você não passa de um maldito enrolão, Gordon. — Gordon ficava tenso, retrucava e se irritava. Stadium jamais perdeu a esperança de recuperá-lo.

— Jamais me ocorreu que eu poderia tornar-me um aleijão inútil —contou-me Gordon.

Quando a prótese foi retirada, Stadium conseguiu fazê-lo andar, ou pelo menos arrastar-se. Na primavera de 1945, Gordon foi classificado como “ferido capaz de andar” e enviado num navio-hospital para os Estados Unidos, onde se recuperou lentamente no Lawson General Hospital, em Atlanta. Ele estava lá quando a guerra na Europa acabou. Ele caminhava com dores nas costas, sentava-se com dores nas costas e ia dormir sentindo dor. Qualquer esforço físico estava muito além de suas possibilidades; era óbvio que ele não era mais útil ao exército. Nos meados de junho, seu pai exigiu saber quando ele seria dispensado. — Não sei — foi tudo que Gordon conseguiu dizer.

Em 16 de junho, Gordon foi submetido a um exame. Então, o jovem médico lhe disse que ele seria transferido para o Forte Benning, dado como apto para serviços limitados. Até onde Gordon pôde entender, ele fez isso porque

“lesões nervosas levam tempo para curar, e dispensar um veterano com o meu grau de incapacidade justificaria a concessão de uma compensação significativa.

Se me mantivessem no exército por mais alguns meses, meu estado certamente melhoraria”.

Gordon telefonou para o pai, a fim de dar-lhe a notícia. Seu pai o repreendeu duramente.

— Ele frisou que eu tinha sido ferido duas vezes e que, agora, eu era um aleijado. Ele achava que eu tinha feito a parte que me cabia e que a hora de eu voltar para casa havia chegado. — Depois, deu uma ordem ao filho para que a repassasse ao médico do exército.

Gordon fez o que o pai lhe ordenara, embora com certo constrangimento. Ele iniciou a conversa com o médico explicando que a mensagem era de seu pai e

que se eximia de qualquer responsabilidade por ela.

— Vamos logo com isso! — bradou o médico, mostrando quanto estava ocupado.

— Meu pai pediu que eu lhe dissesse que, se eu for enviado para qualquer lugar que não seja a minha casa, ele virá buscar-me para levar-me de avião para Washington, D. C, e, se necessário, despir-me até a cintura diante do senado.

O médico ficou pasmo. Gordon teve a impressão de que isso quis dizer:

"Ó meu Deus, aquilo de que menos preciso é um senador do Mississípi no meu caso. Isso seria uma passagem para o Pacífico. Tirem-no daqui."

Ele disse, em voz alta: — OK, dispensa imediata e invalidez total. — Ele arranjou um novo uniforme para Gordon, levou-o ao dentista para que este lhe obturasse um dente e providenciou-lhe o pagamento.

Gordon entrou para a faculdade de direito da Cumberland University, em Lebanon, Tennessee. Com a invalidez total rendendo-lhe 200 dólares por mês, além dos benefícios da Carta de Direitos Fundamentais, "eu era um aluno rico".

E um bom aluno também. Ele tornou-se advogado no Mississípi antes de terminar o curso de advocacia.

— Portanto, eu era um advogado inscrito no foro que ainda freqüentava a faculdade. — Depois de formado, ele trabalhou para várias empresas importantes no ramo da indústria petrolífera no sul de Louisiana. Em 1951, conheceu Betty Ludeau em Acapulco, México, em viagem de férias. Eles se casaram um ano depois, mudaram-se para Lafayette, Louisiana, e deram início ao que se tomou uma família com cinco crianças, quatro delas meninas. — Percebi que meu salário não era suficiente para sustentar Betty do jeito que ela queria —contou-me Gordon. — Dessa forma, passei a trabalhar por conta própria.

Ele entrou para um ramo de negócio de alto risco, que envolvia o arrendamento de bens da indústria petrolífera e a especulação com títulos de longo prazo. E foi bem-sucedido. Hoje, os Gordons têm uma casa em Lafayette e apartamentos em Pass Christian, Mississípi, Nova Orleans e Acapulco. Ele ainda sente dores,

caminha com certa dificuldade, mas os Gordons foram abençoados com filhos e netos, ainda estão apaixonados e adoram contar piadas sobre si mesmos; têm tido uma vida boa.

— E o que o exército significou para você? — perguntei-lhe no fim de nossos três dias de entrevistas.

— Foram os três anos mais significativos de minha vida — ele respondeu.

— A influência que ele exerceu sobre mim é espantosa. Fiz amizades que até hoje são as mais importantes que tive. Sou incrivelmente sortudo por ter saído de lá vivo e mais ainda por ter feito parte desse grupo de homens notáveis.

Em dezembro de 1991, Gordon leu uma história no Sun Herald, de Gulfport. Ela dava conta de que o prefeito Jan Ritsema, de Eindhoven, Holanda, tinha se recusado a encontrar-se com o general H. Norman Schwarzkopf, pois o comandante das forças das Nações Unidas presente na Guerra do Golfo tinha

“sangue demais nas mãos”. “Foi ele quem criou a maneira mais eficiente possível para matar o maior número de pessoas”, disse Ritsema a respeito de Schwarzkopf.

Gordon enviou uma carta ao prefeito Ritsema: “Em 17 de setembro de 1944, participei da grande operação aérea realizada para libertar seu país. Como membro da Companhia E, 506° RIP, aterrissei perto da pequena cidade de Son.

No dia seguinte, seguimos para o Sul e libertamos Eindhoven. Durante o cumprimento de nosso dever, sofremos baixas. Essa é a expressão militar para designar derramamento de sangue. Ocupamos várias posições defensivas durante dois meses. Qual fôssemos animais, vivemos em buracos, celeiros, e da melhor forma possível. O tempo era frio e úmido. Apesar das condições adversas, defendemos o território pelo qual lutamos muito arduamente para conquistar.

Naquela época, os cidadãos holandeses não tiveram essa aversão que você tem agora a derramamento de sangue quando o derramado foi o dos alemães que ocupavam sua cidade. Como nossa memória é curta. A história mostrou mais de uma vez que a Holanda poderia ser conquistada outra vez caso seus vizinhos, os alemães, tivessem um fim de semana tedioso e os campos de golfe estivessem cheios.

Por favor, não deixe que seu país seja engolido por Liechtenstein ou pelo Vaticano, já que não pretendo voltar. A partir de agora, vocês terão de se virar sozinhos.”

O sargento Joe Toye nos fala de suas experiências: — Depois de ser atingido (minha quarta Purple Heart) em Bastogne, fui submetido a uma série de operações. A principal delas foi a amputação de minha perna direita, num ponto acima do joelho. Depois, tive duas outras operações; estas duas foram para extrair estilhaços da parte superior do tórax — para conseguir isso, o cirurgião fez uma incisão em minhas costas.

Eu me casei em 15 de dezembro de 1945, enquanto ainda estava no hospital, em Atlantic City. Fui dispensado do exército em 8 de fevereiro de 1946.

Ele recebeu um atestado de 80% de invalidez. Antes da guerra, fora modelador numa fundição, mas agora, com uma perna de pau, não podia fazer o trabalho. Ele conseguiu trabalho numa indústria têxtil em Reading, Pensilvânia.

Depois, trabalhou 20 anos para a Bethlehem Steel como esmerilhador.

Ele tem três filhos e uma filha. — Eu costumava levar os meninos para caçar, pescar, mas jamais levei uma arma — tinha medo de tropeçar. Esta perna artificial, se travar em algo, você já era, sabe. Por isso, jamais carregava uma arma.

Mas eu os levava para caçar cervos e pescar. Todos os anos, eu ia acampar com eles no Canadá.

De 1946 para cá, as pernas artificiais se modernizaram muito. Toye acha que os médicos dos hospitais da Veteran’s Administration87 fizeram um bom trabalho e o mantiveram atualizado a respeito das últimas próteses lançadas no mercado. Mas ele tem do que se queixar. Ele quer duas pernas, uma delas ligeiramente maior no ponto de contato com a parte que restou da perna amputada. Porém, uma vez que os médicos dizem que uma só basta, “não me 87 Instituição governamental norte-americana que cuida da previdência social, educação, pensão *etc.* dos pracinhas americanos. (N.T.)

atrevo a ganhar ou perder peso, pois, do contrário, pode não caber em mim.

O sargento Bil Guarnere perdeu parte de uma das pernas também, num ponto acima do joelho, em Bastogne. Depois de ter sido dispensado, no verão de 1945, recebeu um atestado de 80% de invalidez. Ele se casou, teve um filho e trabalhou como tipógrafo, vendedor, funcionário da VA e carpinteiro, apesar da perna artificial. Houve certa confusão envolvendo seus documentos, fato que lhe custou dinheiro e levou a muitas disputas com a VA. Em 1967, finalmente obteve atestado de invalidez total e conseguiu aposentar-se. Ele jogou fora a perna artificial e, nos últimos 24 anos, tem usado muletas. Ele consegue mover-se mais rapidamente do que a maioria dos jovens que têm as duas pernas. Mora em South Philly, onde foi criado, com sua esposa Fran. O casal tem cinco filhos; o mais velho foi pára-quedista no Vietnã. Ele é membro muito ativo da Associação da 101ª e nas reuniões dos membros da Companhia E que ele organiza.

O sargento Chuck Grant, atingido no cérebro pela bala disparada pelo recruta bêbado na Áustria depois da guerra, teve a vida salva por um médico alemão. Ele se recuperou lentamente, embora tivesse ficado com certa dificuldade para falar e com paralisia parcial no braço esquerdo. Depois da dispensa médica, com invalidez total, ele foi morar em San Francisco, onde tinha uma pequena charutaria. Durante alguns anos, freqüentou regularmente as reuniões da Companhia E e foi membro ativo da Associação da 101ª. Mike Ranney o nomeou o representante do 506° no quadro de diretores da Associação; ele foi eleito e serviu com grande orgulho. Morreu em 1984.

O tenente Fred “Moose” Heyliger, atingido duas vezes por tiros de seus próprios homens na Holanda, foi levado de avião para um hospital em Glasgow e depois embarcado no Queen Elizabeth com destino a Nova York. Nos dois anos e meio seguintes, foi transferido mais três vezes. Ele foi submetido a enxerto de pele e nervos antes de ser dispensado, em fevereiro de 1947.

Beneficiado pela Carta dos Direitos Fundamentais, entrou para a Universidade de Massachusetts, onde se formou em 1950 e obteve diploma em horticultura ornamental. Nos 40 anos seguintes, trabalhou para várias empresas paisagísticas e em campos de golfe, como consultor e fornecedor de materiais. Ele tem dois filhos e uma filha e continua com seus passatempos, como a caça, a observação de pássaros e o camping.

O sargento Leo Boyle foi dispensado em 22 de junho de 1945, depois de nove

meses em hospitais na Bélgica, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ele obteve um atestado de 30% de invalidez e conseguiu um emprego como guarda-freios de uma ferrovia, mas suas pernas não suportaram o esforço.

Depois, passou a trabalhar nos correios, classificando correspondência, mas ali também suas pernas entregaram os pontos.

— A essa altura, eu já estava tão mal e confuso que me internei no hospital da VA. Vários dias depois, uma junta de três médicos declarou que eu tinha 50% de invalidez e me deu alta, sem nenhuma orientação sobre minhas possibilidades de trabalho.

Boyle lançou mão dos benefícios da Bill of Rights para freqüentar a University of Oregon, onde estudou ciência política e obteve diploma de M.A., com honras. Ele passou a dar aulas em escolas de ensino médio e, posteriormente, começou a trabalhar com deficientes físicos.

— Foi uma carreira excepcionalmente compensadora. Entre o professor e o deficiente, existe sempre um sentimento bom e afetuoso. — Quando, em 1979, ele se aposentou, ganhou a Phi Delta Kappa Service Key por Liderança e Pesquisa em Educação para Deficientes.

Dois outros membros da companhia, um deles seu último primeiro-sargento, o outro, comandante original da companhia, também foram vítimas da guerra.

O sargento Floyd Talbert sofreu ferimentos e ganhou cicatrizes, seqüelas que encarou sem dificuldade, e lembranças, que o deprimiam. Ele se tornou errante e beberrão. Para sobreviver, trabalhou como pescador, caçador, preparador de armadilhas de caça e guia no norte da Califórnia. Ele teve vários ataques cardíacos.

Talbert foi um dos poucos membros da companhia que simplesmente saiu de cena. Em 1980, Gordon solicitou a ajuda de seu deputado e de Steve, filho de George Luz, para localizar Talbert. O sargento Mike Ranney juntou-se ao esforço deles. Eles acabaram conseguindo localizá-lo em Redding, Califórnia, e o persuadiram a participar em 1981 da reunião da companhia em San Diego.

Ranney repassou o endereço dele a outros colegas. Winters e outros lhe escreveram. Na resposta manuscrita de três páginas enviada a Winters, Talbert

falou das lembranças das experiências deles. “Lembra-se da ocasião em que você estava nos levando para Carentan? Vê-lo no meio da estrada querendo avançar foi demais!. . Lembra-se daquela nossa retirada na Holanda? O tenente Peacock jogou seu mosquetão na estrada. E não conseguia sair do lugar. Francamente, eu disse a ele que pegasse o mosquetão e se mexesse, senão eu atiraria nele. Ele me obedeceu. Eu gostava dele; ele era um oficial sincero e correto, mas não era soldado. Desde que passou a deixar que eu chefiasse a tropa, ele e eu nos demos bem.

Dick, isto aqui pode continuar indefinidamente. Jamais falei sobre estas coisas com alguém neste mundo. As coisas que tivemos são quase sagradas para mim.” Ele terminou a carta: “Seu dedicado soldado, para sempre.”

Talbert incluíra uma fotografia recente. Ele parecia um homem das montanhas. Na resposta que enviou a ele, Winters lhe disse que tirasse a barba e que cortasse os cabelos se tivesse a intenção de ir a San Diego. Ele fez isso, mas, mesmo assim, apareceu trajando andrajosas roupas de caçador. Já na primeira manhã de sua chegada, Gordon e Don Moone levaram-no a uma loja de roupas masculinas e compraram roupas novas para ele. Ele morreu no fim do ano.

Gordon compôs o epitáfio dele: “Quase todos os membros da Companhia E sofreram ferimentos mais ou menos graves. Aleijões alguns, outros com a visão ou a audição prejudicadas, mas, quase sem exceção, modificamos nossas vidas para nos adaptarmos às seqüelas. Tab continuou em conflito diário com um demônio no íntimo. Ele pagou um alto preço pelo serviço que prestou a este país. Não poderia ter feito mais que não fosse a perda da própria vida.”

Dick Winters fez-lhe o último tributo: “Se eu tivesse de escolher um único homem para acompanhar-me numa missão de combate, esse homem seria Talbert.”

*

O capitão Herbert Sobel não sofreu ferimentos físicos, mas lesões mentais profundas. Ele também sumiu de cena. Ele se casou, teve dois filhos, divorciou-se e depois se afastou do contato com os filhos. Trabalhou como contador numa empresa de eletrodomésticos em Chicago. No início da década de 60, o major Clarence Hester foi a Chicago em viagem de negócios e combinou almoçar com o capitão. Ele achou Sobel amargo em relação à Companhia E e à vida em geral.

Vinte anos depois, Guarnere tentou localizar Sobel. Ele acabou conseguindo achar a irmã dele, que lhe disse que Sobel estava com problemas mentais e que voltava seu ódio aos membros da Companhia E. Apesar disso, Guarnere pagou à Associação da 101ª as mensalidades atrasadas de Sobel, na esperança de vê-lo participar da organização. Porém, nada aconteceu. Logo depois disso, o capitão tentou matar-se com um tiro, mas não conseguiu. Ele acabou morrendo em setembro de 1988. Seu funeral foi um acontecimento triste.

Sua ex-esposa não compareceu, nem seus filhos, nem nenhum membro da Companhia E.

O sargento Skinny Sisk também teve dificuldade em lidar com as lembranças da guerra. Em julho de 1991, ele enviou uma carta explicativa a Winters. “Minha vida após a guerra resumiu-se a tentar esquecer com bebedeiras a multidão de alemães cujo avanço detive na Holanda e os aguerridos nazistas que deparei e matei nos Alpes da Baviera. O velho Moe Alley havia dito que todas as mortes que eu tinha provocado me visitariam em minhas noites de sono algum dia, e isso aconteceu mesmo. Depois da guerra, tive muitos lampejos retrospectivos dos combates e comecei a beber. Ah! Ah!

Então, a filhinha de minha irmã, de 4 anos de idade, entrou em meu quarto (eu era insuportável demais para o restante da família, de ressaca ou bêbado) e me disse que Jesus me amava e ela também, e que, se eu me arrependesse, Deus me perdoaria por todos os homens que eu ficava tentando matar outra vez.

Essa garotinha mexeu comigo. Eu a pus para fora do quarto, disse-lhe que fosse procurar a mãe. E foi ali mesmo, naquele momento, que apoiei a cabeça sobre o velho colchão de penas de minha mãe e me arrependi, e Deus me perdoou pela guerra e por todas as outras coisas ruins que eu tinha feito com o passar dos anos. Iniciei meu ministério no segundo semestre de 1949 e creia-me, Dick, flagelei apenas um homem desde então, mas ele precisou disso. Tenho quatro filhos, nove netos e dois bisnetos.

Com a permissão de Deus e a bênção de Jesus, espero vê-los todos na próxima reunião. Quando não, espero vê-los no último salto. Sei que vocês não empacarão de medo na porta.”

A contribuição da Companhia E para a defesa da nação não acabou com a extinção da unidade. Alguns de seus membros continuaram no exército. O

tenente S. L. Matheson, um dos oficiais originais da companhia que ascendera rapidamente ao posto de membro do estado-maior de regimento, tornou-se general de duas estrelas e comandante da 101ª. Bob Brewer chegou a coronel e passou a maior parte do tempo trabalhando para a CIA no Extremo Oriente. Ed Shames tornou-se coronel da reserva.

O sargento Clarence Lyal fez carreira no corpo de pára-quedistas. Ele fez dois saltos na Coréia e, em 1954, foi designado para servir no 29° Regimento Pára-quedista francês como conselheiro. O 29° estava em Dien Bien Phu. Lyal deixou a unidade duas semanas antes de a guarnição se render. Ele faz parte de um pequeno grupo de soldados que realizaram quatro saltos de combate; e certamente é uma pessoa ímpar, em razão de sua participação na Batalha das Ardenas e do Cerco de Dien Bien Phu.

O sargento Robert “Burr” Smith também continuou no corpo de pára-quedistas, onde se tornou oficial e depois tenente-coronel. Ele comandou uma unidade das Forças Especiais da Reserva em San Francisco. Em dezembro de 1979, enviou uma carta a Winters: “Minha comissão na reserva acabou levando-me a uma nova carreira numa agência do governo, que, por sua vez, me fez passar oito anos no Laos como conselheiro civil junto a uma grande força irregular. Continuei a saltar regularmente até 1974, quando a falta de interesse me levou a passar a voar de asa-delta, e essa tem sido a minha grande paixão desde então. . Atualmente, sirvo como assessor especial do comandante da Delta Force, a força-tarefa antiterrorista do Forte Bragg. Minhas especialidades são (surpresa!

Surpresa!): operações aéreas, armas leves e operações com pequenas unidades.

Meu escritório fica em Buckner Road, de frente para a rua em que estávamos pouco antes de partirmos para a Inglaterra. Os antigos edifícios se encontram exatamente como você os viu na última vez e ainda estão sendo usados. .

Engraçada essa coisa de ‘Exército Moderno’, Dick. Fui designado para servir numa unidade tida como a melhor do exército dos Estados Unidos, a Delta Force, e acredito que seja mesmo. Ainda assim, levando em conta o aspecto individual de seus membros, eu ficaria com minha companhia de pára-quedistas da época da guerra em qualquer situação! Tivemos uma coisa ali durante três anos que jamais se conseguirá igualar.”

Ele foi incluído no grupo que seguiria em missão para o Irã com o objetivo de resgatar reféns em 1980, mas, quando a CIA soube disso, proibiu-o de ir, pois ele sabia de muitos segredos. “Portanto, perdi o que certamente teria sido a última aventura de minha vida”, ele disse na carta enviada a Winters.

“Convivi, trabalhei e treinei com a Delta Force todos os dias, durante dois anos, Dick, e odiava ser deixado para trás.”

Isso fez Smith falar sobre liderança. “Você foi abençoado (alguns diriam recompensado) com o respeito constante e a admiração de 120 soldados, essencialmente civis uniformizados, que certamente o teriam seguido até a morte.

Fui soldado durante a maior parte de minha vida adulta. Nesse período, conheci apenas um punhado de grandes soldados, e, desse grupo, apenas metade ou pouco menos nas situações vividas por mim na 2ª Guerra Mundial, e dois deles vieram da velha Easy — você e Bil Guarnere. O restante de nós era bom. . Bons soldados de um modo geral, e alguns eram melhor do que a média, mas, como a maioria da tropa, conheço o valor de se ter ‘coragem sob pressão’ e muito mais do que alguns. Você tinha esse valor.”

Em 1980, ao voar com uma asa-delta experimental, Smith sofreu um acidente e foi vítima de ferimentos graves. Ao submetê-lo a uma operação nos pulmões, os médicos descobriram que ele tinha câncer. Rader, que havia tirado Smith de um campo alagado em 6 de junho de 1944, visitou-o no hospital. Rader resolveu fazer uma brincadeira com ele — um novo jogo no qual um deles diria o nome de um membro de Toccoa, enquanto o outro faria um breve resumo das qualidades dele. Logo depois disso, Smith morreu.

O sargento Amos “Buck” Taylor passou 25 anos trabalhando para a CIA, servindo na Divisão do Extremo Oriente da Diretoria da Operação Covert, às vezes em Washington, e muitas vezes além-mar. Ele não fala muito a respeito do que fez, exceto que “a grande ameaça ao nosso país naquela parte do mundo era a China comunista e, logicamente, a União Soviética. Isso pode dar-lhe uma idéia do objetivo de meu trabalho”.

Quando o capitão Speirs voltou para a Inglaterra no verão de 1945, descobriu que a “viúva” inglesa com a qual ele se havia casado e que lhe tinha dado um filho não era viúva em verdade. O marido dela reapareceu, depois de sair de um

campo de prisioneiros. Ela preferiu ficar com ele, em detrimento de Speirs, e o casal apossou-se de toda a pilhagem que Speirs tinha enviado para a Inglaterra. Speirs resolveu continuar no exército. Ele fez um salto na Coréia e comandou uma companhia de fuzileiros na linha de frente nessa guerra. Em 1956, fez um curso de idioma para aprender russo em Monterey, Califórnia, e depois foi enviado para Potsdam, Alemanha Oriental, como oficial de ligação junto ao exército soviético. Em 1958, tornou-se o diretor americano da Prisão de Spandau, em Berlim, onde Rudolf Hess cumpria prisão perpétua. Em 1962, foi para o Laos com a missão americana de apoio ao Exército Real Laosiano.

Quando antigos membros da Companhia E telefonam para ele hoje e iniciam a conversa dizendo: — Talvez você não se lembre de mim, mas estivemos juntos na guerra — Speirs responde: — Qual? — Seu filho Robert, nascido na Inglaterra durante a guerra, é major de infantaria no Corpo de Fuzileiros Reais, os “Green Jackets”, e “o orgulho e a alegria” de Speirs.

David Webster não conseguia entender como alguém era capaz de continuar no exército. Ele queria ser escritor. Ele se mudou para a Califórnia e, para pagar suas contas, passou a fazer biscates enquanto escrevia e submetia artigos e um livro sobre suas experiências durante a guerra à apreciação de alguns setores da mídia. Conseguiu publicar muitos de seus artigos, dos quais o melhor foi o veiculado no The Saturday Evening Post, mas não achou ninguém que se interessasse pela publicação de seu livro. Então, tornou-se repórter, inicialmente no Daily News, de Los Angeles; depois, no The Wall Street Journal. Em 1951, casou-se com Barbara Stoessel, artista e irmã de Walter J. Stoessel, Jr, que foi embaixador americano na Polônia, na União Soviética e na Alemanha Ocidental.

Webster sempre teve fascinação por tubarões. “O tubarão tornou-se, para ele, um símbolo de tudo que é misterioso e feroz no mar. Ele começou a reunir material para publicar seu próprio livro sobre o assunto. Suas pesquisas duraram anos. Ele estudou os tubarões diretamente, em sessões de mergulho, e nadou entre eles; e também capturou muitos, com sua vara de pesca em seu barco a vela de 11 pés, que ele batizou de Tusitala, que significa ‘Contador de Histórias’”, escreveu Barbara. Ele escreveu o livro e o apresentou a 29 editores, mas não conseguiu convencer nenhum deles de que o público teria interesse em leitura sobre tubarões.

Em 9 de setembro de 1961, Webster zarpou de Santa Mônica com iscas de lula, vara e linha de pesca grossa para pescar tubarão. E não voltou mais. O

pessoal de uma busca feita no dia seguinte achou o Tusitala à deriva a cerca de 8

quilômetros da costa. O barco estava sem um remo e a cana do leme. Seu corpo nunca foi encontrado.

Barbara conseguiu publicar seu livro sobre tubarões (Myth and Maneater, W. W. Norton & Co., 1963). A obra ganhou uma edição britânica, e uma brochura foi publicada na Austrália. Quando o filme Tubarão estreou, em 1975, a Dell lançou uma edição em brochura para o grande público.

Três dos sargentos enriqueceram. John Martin freqüentou a Ohio State University com a ajuda em dinheiro a que tinha direito pela Bill of Rights e depois voltou para seu emprego na estrada de ferro. Lá, tornou-se supervisor, tinha carro, secretária e aposentadoria privada e estava ganhando dinheiro por fora com a construção especulativa de casas. Em 1961ªbandonou tudo e, mesmo com os intensos protestos da esposa e dos filhos, então cursando o ensino médio, mudou-se para Phoenix, Arizona, e recomeçou a construção de casas. Ele tinha um capital de 8 mil dólares, e todos achavam que estava louco. No fim do primeiro ano, estava pagando mais impostos do que ganhava quando trabalhava para a estrada de ferro. Em pouco tempo, passou a construir condomínios de apartamentos e creches. Ele estendeu suas atividades ao Texas e a Montana. Em 1970, comprou um rancho nas montanhas do oeste de Montana. Hoje, é multimilionário. Ainda gosta de correr riscos, embora não salte mais de aviões.

Ele resistiu a várias ofertas de compra de seu negócio; hoje, o presidente da Martin Construction é John Martin, enquanto sua esposa, Patricia, é a vice-presidente e tesoureira da empresa. Eles são também os diretores da empresa e seus únicos acionistas.

Don Moone usou os benefícios da Bill of Rights para estudar no Grinnel College e depois entrou para o ramo da publicidade. Ele subiu rapidamente na carreira. Em 1973, tornou-se o presidente da Ketchum, MacLeod & Grove, Inc., importante empresa publicitária de Nova York. Quatro anos depois, aos 51ªnos de idade, aposentou-se, construiu uma casa na Flórida e mora lá desde então com certo esplendor.

Carwood Lipton formou-se em engenharia na Marshall College (agora universidade), e sua esposa, Jo Anne, lhe deu três filhos. Lipton foi trabalhar para a Owens-Illinois, Inc., onde ascendeu sem muito esforço; em 1971, mudou-

se para Londres como diretor de produção de oito fábricas de vidro da Inglaterra e da Escócia. Em 1974, foi para Genebra, Suíça, onde assumiu a chefia das operações na Europa, no Oriente Médio e na África. Em 1975, Jo Anne morreu de um ataque cardíaco. No ano seguinte, Lipton casou-se com uma viúva chamada Marie Hope Mahoney, cujo marido havia sido amigo íntimo de Lipton, assim como Marie fora amiga íntima de Jo Anne. Por solicitação do presidente da United Glass, Ltd., ele criou um folheto intitulado Liderando Pessoas. Era assunto que ele conhecia bem.

Lipton aposentou-se em 1983. “Atualmente, desfruto de uma aposentadoria generosa em Southern Pines, Carolina do Norte, onde decidi que moraria algum dia na ocasião em que estávamos treinando em Camp Mackall.

Meus passatempos são muitas viagens pelo mundo, golfe, miniaturismo, trabalho em madeira e leitura.

Lewis Nixon sempre foi rico. Ele assumiu o controle do vasto império industrial e agrícola do pai e passou a administrá-lo enquanto viajava pelo mundo.

Seu principal passatempo atualmente é a leitura.

O tenente Buck Compton passou a trabalhar para o serviço público.

Portanto, ficou mais famoso do que rico. Ele foi detetive do Departamento de Polícia de Los Angeles de 1947 a 1951; depois passou 20 anos trabalhando como promotor da promotoria da cidade e por fim tornou-se assessor do chefe da promotoria. Em 1968, chefiou as investigações do caso Sirhan Sirhan88 e depois conduziu o processo. Em 1970, o governador Ronald Reagan o nomeou juiz adjunto do Tribunal de Apelação da Califórnia. Ele e sua esposa, Donna, têm duas filhas e uma neta. Ele ainda tem a fama de melhor atleta da companhia; e dizem que é ótimo jogador de golfe.

O sargento Mike Ranney formou-se em jornalismo pela University of 88 O jordaniano Sirhan Bishara Sirhan, de 25 anos, assassino do senador Robert Kennedy, condenado à morte na câmara de gás da prisão de San Quentin, após três meses de julgamento em Los Angeles. Sirhan matou Bob Kennedy na noite de 5 de junho de 1968.

(N.T.)

North Dakota e depois teve uma carreira de sucesso como repórter, editor de jornal e consultor de relações públicas. Ele e a esposa, Julia, tiveram cinco filhas e têm cinco netos. Em 1980, ele começou a publicar o que intitulou “O

Inconstante Boletim Informativo da Companhia E”. Eis a seguir alguns trechos extraídos dele.

Março de 1982: “O contingente da Pensilvânia reuniu-se na casa de Dick Winters para fazer uma festa de surpresa a Harry Welsh. Fenstermaker, Strohl, Guarnere, Guth se divertiram muito.”

1980. “A reunião neste verão, em Nashville, vai tomando a forma de uma das grandes assembléias da história da Compania E. Uma lista parcial de participantes — Dick Winters, Harry Welsh, Moose Heyliger e Buck Compton, entre os oficiais; Chuck Grant, Paul Rogers, Walter Scott Gordon; Tipper, Guarnere, Rader, Heffron, Ranney, Johnny Martin, George Luz, Perconte, Jim Alley e ninguém menos que o figurão Burr Smith.”

1983. “Don Moone deixou o ramo da publicidade para aposentar-se e agora leva uma vida boa e tranqüila na Flórida. Ele, Gordon e Carwood Lipton tiveram uma reunião em Nova Orleans.”

Com apenas algumas exceções, esses homens não tinham nenhuma relação comercial ou profissional entre si. Nenhum deles vivia na mesma cidade que o outro, e poucos moravam no mesmo estado (exceto na Pensilvânia).

Apesar disso, mantinham contato uns com os outros. Em janeiro de 1981, Moone enviou uma carta a Winters para agradecer-lhe um presente de Natal e inteirar-lhe das últimas: “Ótima notícia o fato de que Talbert foi localizado.

Telefonei para ele imediatamente e, depois de uma troca de insultos, conversamos. Sempre gostei de Tab. Ele cuidou muito bem de mim nos velhos tempos. Às 6 horas do último Ano-Novo, Tab telefonou-me para me desejar feliz Ano-Novo. Ele tinha bebido, mas estava consciente. Admite que teve problemas com a bebida, tal como suspeitávamos, mas ele bebia apenas em ocasiões especiais. Acho que a véspera do Ano-Novo foi uma dessas ocasiões

‘especiais’.

Don Malarkey telefonou para mim às 3 horas da véspera de Ano-Novo e ele

também estava bem de vida.”

Ranney aposentou-se para escrever poesia e suas memórias, mas, em setembro de 1988, ele morreu, antes de poder iniciar o seu projeto.

Além de Heyliger, Martin, Guarnere e Toye, alguns ex-combatentes entraram para o ramo da construção ou da indústria. O capitão Clarence Hester tornou-se empreiteiro do ramo de telhados em Sacramento, na Califórnia. O

sargento Robert “Popeye” Wynn trabalhou como especialista de estruturas de ferro de edifícios e pontes. O praça John Plesha foi funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Washington. O sargento Denver “Bull” Randleman foi superintendente de uma empresa de engenharia civil pesada em Louisiana. O sargento Walter Hendrix passou 45 anos trabalhando com polimento de granito. O sargento Burton “Pat” Christenson trabalhou 38 anos para a Pacific Telephone and Telegraph Company, instalando novas linhas, e acabou tornando-se supervisor e professor. O sargento Jim Alley foi carpinteiro e depois trabalhou na construção de uma represa na fronteira do estado de Washington com o Canadá. Por fim, conseguiu montar sua própria empresa de construção na Califórnia.

Leo Boyle e outros tornaram-se professores. Depois de 20 anos no exército, o sargento Leo Hashey passou a dar aulas de segurança aquática para a Cruz Vermelha de Portland, Oregon. Depois, tornou-se gerente de programas de saúde e segurança. O sargento Robert Rader deu aulas a deficientes físicos na Paso Robles High School, na Califórnia, por mais de 30 anos. O capitão Harry Welsh casou-se logo assim que chegou aos Estados Unidos com sua noiva Kitty Grogan, trajando um vestido feito com o pára-quedas de reserva que ele usara no Dia D e que mantivera consigo durante o restante da guerra. Ele entrou para a faculdade, deu aulas, obteve diploma de M.A. e tornou-se supervisor de uma escola de ensino médio e depois administrador. O sargento Forrest Guth deu aulas de tipografia, marcenaria, eletricidade, eletrônica, e cuidou dos projetos de cenografia e acústica de peças teatrais de escolas em Norfolk, Virgínia, e em Wilmington, Delaware, até se aposentar. O praça Ralph Stafford nos fala um pouco de suas experiências: “Formei-me em 1953 e comecei a lecionar para a sexta série em Fort Worth. Dei aulas por três anos e fui diretor de escola do ensino fundamental durante 27 anos. Eu adorava isso. Era a minha verdadeira vocação. Fui eleito presidente da Associação de

Professores do estado do Texas, Distrito V (Dallas-Ft. Worth, 20 mil associados).

Em 1950, fui caçar pássaros com alguns colegas do corpo de bombeiros.

Matei um pássaro e fiquei com remorso quando olhei para baixo e o vi no chão; o pássaro não me havia feito mal algum, nem poderia. Fui para o caminhão e fiquei lá até os outros voltarem. Jamais voltei a caçar."

O sargento Ed Tipper estudou na University of Michigan, onde obteve o diploma de bacharel em ciências humanas, e depois na Colorado State, onde fez o seu mestrado. Ele lecionou em escolas do nível médio nos subúrbios de Denver durante quase 30 anos. Depois da aposentadoria: "Fui à Costa Rica visitar um de meus antigos alunos. Lá, conheci Rosy, 34 anos de idade. Após um namoro à moda antiga, que durou quase um ano, nos casamos, mesmo diante de grande oposição da maioria das pessoas que eu conhecia, com exceção de Dick Winters. Foi difícil discordar deles, principalmente do argumento de que o casamento de uma mulher com um velho de 61 anos de idade implicaria, talvez, o sacrifício de toda esperança de termos uma família, questão fundamental quando se trata de mulheres latinas. Nossa filha Kerry nasceu quase 10 meses depois do dia de nosso casamento. Rosy entrou para uma escola de medicina de Guadalajara e, em 1989, obteve diploma", ele escreveu.

Por causa de um câncer, ele foi submetido a uma operação recentemente.

— Minha esposa, minha filha e eu acabamos de nos mudar para uma casa nova. Pode parecer estranho uma pessoa de 71 anos de idade comprar uma casa, mas o lema de nossa família é: "Nunca é tarde demais."

O sargento Rod Bain formou-se na Western Washington Col ege (agora University) em 1950, casou-se nesse mesmo ano, teve quatro filhos e passou 25

anos trabalhando como professor e administrador em Anchorage, Alasca. Ele passa o verão "pescando com rede de arrasto o esquivo salmão-do-pacífico".

Ed Tipper faz um resumo das opções de vida de todos com uma pergunta: — Teria sido casual o fato de que muitos ex-pára-quedistas da Companhia E se tenham tornado professores? Talvez, para alguns deles, um período de violência e destruição em determinada época os atraiu o interesse depois para alguma coisa criativa, como forma de compensar algo em outra parte de suas vidas. Parece também que temos uma quantidade desproporcional de construtores de

casas e outras coisas no grupo que vemos em reuniões.

*

O praça Bradford Freeman voltou para a vida na fazenda. Em 1990, Winters enviou-lhe uma carta, na qual disse que ia freqüentemente ao Sul para visitar Walter Gordon e que gostaria de fazer-lhe uma visita breve um dia desses para ver a fazenda de Freeman. Na carta que enviou como resposta, Freeman disse: "Seria uma grande honra tê-lo como visita aqui no Mississípi. Temos boa sombra no verão e um bom aquecedor no inverno. Tudo que faço é jardinagem e colher feno para as vacas no verão e alimentá-las no inverno. Pesco e caço durante o restante do tempo. O Tombigbee fica perto daqui, e fico observando as chatas subir e descer o rio. Estou enviando-lhe uma fotografia da casa e das vacas. Tenho um bom lugar na varanda para me sentar. Fico por aqui, na esperança de que você venha um dia desses."

Winters foi. Tiveram um ótimo encontro. Ele pediu que Freeman fizesse um relato por escrito do que fizera após a guerra, como contribuição para este livro.

— O que escrevi [sobre a guerra] não parece muita coisa, mas me diverti muito e não trocaria de lugar com ninguém.

O major Richard Winters também fez um relato por escrito de sua vida após a guerra: "Ao ser dispensado do serviço, em 29 de novembro de 1945, Lewis Nixon convidou-me a ir para Nova York conhecer seus pais. O pai dele me ofereceu um emprego, e tornei-me gerente de departamento pessoal da Nixon Nitration Works, em Nixon, New Jersey. Enquanto trabalhava, aproveitei os benefícios oferecidos pela Bill of Rights e fiz cursos de administração comercial e gerenciamento de pessoal na Rutgers University. Em 1950, fui promovido a gerente-geral da Nixon Nitration Works.

Casei-me com Ethel Estoppey em 1948. Temos dois filhos. Tim tem diploma de mestre em Literatura Inglesa pela Penn State, e Jil é bacharel em ciências humanas pela Albright College.

Fui reconvocado pelo exército para servir na Guerra da Coréia. Em Fort Dix, New Jersey, fui posto no estado-maior do regimento como oficial de planejamento e treinamento. Depois de ter sido dispensado, voltei para a Pensilvânia, para o campo, onde passei a vender produtos de saúde animal e pré-

misturas vitamínicas às indústrias de ração animal. Em 1951, comprei uma fazenda no sopé das Blue Mountains — situada a pouco mais de 11 quilômetros a leste de Indiantown Gap. Foi onde achei a paz e a tranqüilidade que me prometi no Dia D.”

É uma atitude de moderação típica de Winters. Ele vive modestamente, em sua fazenda e numa pequena casa da cidade de Hershey, mas é um homem rico que chegou ao sucesso pela criação e comercialização de uma nova e revolucionária ração para gado e rações para outros animais.

Além disso, é uma pessoa muito sensível. Em julho de 1990, quando terminou de descrever-me a ocasião em que praticamente varrera do mapa uma companhia de fuzileiros alemães inteira no dique holandês, em 5 de outubro de 1944, iniciamos uma caminhada até o lago da fazenda dele. De repente, uma revoada de talvez 30 gansos canadenses; um deles ficou para trás, grasnando queixosamente contra os outros. Winters explicou-me que o pássaro tinha uma asa quebrada.

Sugeri que ele pegasse uma arma e matasse o ganso antes que uma raposa fizesse isso.

— E guarde-o para o Dia de Ação de Graças.

Ele olhou para mim indignado.

— Eu jamais faria isso! — replicou, horrorizado com a idéia.

Ele é incapaz de um ato de violência, jamais levanta o tom de voz, detesta exageros, soberba e afetação. Ele conseguiu tudo que quis da vida, a paz e a tranqüilidade que prometera a si mesmo quando se deitou para dormir um pouco na noite de 6 para 7 de junho de 1944, e o amor e o respeito imorredouros dos soldados que comandou na Companhia E na 2ª Guerra Mundial.

Num de seus últimos boletins, Mike Ranney escreveu: “Quando penso nos velhos tempos da Companhia E, lembro-me da resposta que dei ao meu neto quando ele me perguntou: ‘Vovô, você foi herói de guerra?’ ‘Não’, respondi, ‘mas servi numa companhia de heróis.’”



Agradecimentos e Fontes das Informações

No outono de 1988, os veteranos da Companhia E, 506° Regimento de Infantaria Pára-quedista, 101ª Divisão de Infantaria Aerotransportada, realizou uma reunião em Nova Orleans. Juntamente com meu diretor-assistente do Eisenhower Center da University of New Orleans, Ron Drez, fui até o hotel em que eles estavam para gravar em fita de áudio uma entrevista coletiva com eles sobre sua experiência no Dia D, como parte do Projeto Dia D do Centro, que consistia na coleta de relatos verbais dos combatentes participantes do Dia D. A entrevista com a Companhia E foi particularmente boa, pois a unidade realizara um ataque ousado e bem-sucedido contra uma bateria alemã assentada perto da Praia de Utah.

Quando o major Richard Winters, membro original da companhia, que depois se tornou comandante da unidade e, por fim, comandante do 2º Batalhão, leu o transcrito da entrevista, ficou surpreso com algumas declarações presentes nele, consideradas por ele imprecisas e exageradas, e sentiu-se tomado pelo desejo de corrigir isso. Em fevereiro de 1990, Winters, Forrest Guth e Carwood Lipton foram a Pass Christian, Mississípi, para visitar Walter Gordon. Moro na pequena cidade de Bay St. Louis, em frente da cidade de Pass Christian, do outro lado da baía. Portanto, Gordon é meu vizinho. Ele me telefonou para perguntar se os veteranos da Companhia E poderiam participar de uma entrevista complementar à feita anteriormente. Claro, eu disse, e os convidei para vir jantar conosco. Passamos a tarde em meu escritório, com mapas abertos sobre a mesa e o gravador ligado. Mais tarde, num churrasco preparado por minha esposa, Moira, os ex-combatentes descreveram-me suas experiências após o Dia D na Normandia, Holanda, Bélgica, Alemanha e Áustria. Todos tinham lido meu livro Pegasus Bridge, que o Eisenhower Center dá a todo veterano que faz uma entrevista conosco. Winters sugeriu que a história da Companhia E poderia ser assunto para um bom livro.

Na época, eu estava trabalhando no terceiro e último volume da biografia de Richard Nixon. A idéia de Winters me interessou por várias razões. Quando terminei o livro sobre Nixon, tive vontade de voltar a tratar de assuntos sobre história militar. Planejei escrever um livro sobre o Dia D, mas não queria começar a escrevê-lo antes de 1992, pois tinha a intenção de publicá-lo no 50°

aniversário desse dia, ou seja, 6 de junho de 1994. Cheguei a um ponto em minha vida em que, quando não escrevo algo todos os dias, sinto-me infeliz. Por isso, eu estava tentando achar um assunto para um pequeno livro sobre a 2ª Guerra Mundial que tivesse ligação com o Dia D.

A história da Compania E serviu-me perfeitamente. Eu conhecia a história da 6ª Divisão de Infantaria Aerotransportada Britânica no Dia D, no flanco esquerdo das tropas em avanço, graças à pesquisa e às entrevistas que fiz para escrever Pegasus Bridge. Conhecer a história da atuação de uma companhia da 101ª no flanco direito era tentador.

Havia um fator mais interessante ainda. Percebia-se uma ligação tão forte entre os veteranos sentados à nossa mesa de jantar que, se não muito singular, considerando-se minha experiência de 25 anos de entrevistas com veteranos, era certamente incomum. A medida que conversavam a respeito de outros membros da companhia, sobre as várias reuniões feitas no transcurso de décadas, foi ficando óbvio que eles continuavam a ser um grupo de amigos. Embora se houvessem espalhado por toda a América do Norte e por terras além-mar, conheciam as esposas, os filhos, os netos, os problemas e os sucessos de uns e outros. Eles se visitavam regularmente, mantinham afetuoso contato pelo correio e por telefone. Ajudavam-se mutuamente em emergências e em tempos difíceis.

E a única coisa que tinham em comum era sua experiência na 2ª Guerra Mundial, quando foram reunidos casualmente pelo exército americano.

Fiquei muito curioso com a forma pela qual essa amizade intensa e admirável se desenvolveu. É algo que todos os exércitos tentaram criar ao longo da história, mas poucos conseguiram, e, desses, nenhum superou a Easy nesse particular. A única maneira de satisfazer minha curiosidade era realizar pesquisas e escrever a história da companhia.

Em maio de 1990, Drez participou da reunião da companhia feita em Orlando, Flórida, onde gravou em videoteipe a entrevista coletiva, que durou oito horas. Nesse mesmo mês, fiz três dias de entrevistas com Gordon em meu escritório. Em julho, fui à fazenda de Winters, na Pensilvânia, onde o entrevistei durante quatro dias. No quarto dia, meia dúzia de veteranos da companhia que moravam na Costa Leste foi de carro até a fazenda para uma entrevista coletiva.

Meses depois, passei um fim de semana na casa de Carwood Lipton em Southern

Pines, onde Bill Guarnere se juntou a nós. Depois disso, segui de avião para o Oregon com o intuito de passar outro fim de semana com veteranos, dessa vez com Don Malarkey e um grupo que morava na Costa Oeste.

Entrevistei outra dúzia de membros da companhia por telefone e me correspondi com quase todos os outros membros dela ainda vivos. Com incentivos meus, dez desses homens escreveram suas memórias sobre a guerra, obras que tinham de 10 a 200 páginas. Recebi cópias de cartas, diários e recortes de jornal do período da guerra.

Em novembro de 1990, Moira e eu fizemos uma excursão pelos locais das batalhas da Easy na Normandia e na Bélgica. Entrevistei franceses da região em que a companhia combateu e que moravam lá na época. Em julho de 1991, visitamos as muitas áreas de várias partes da Europa em que a Easy combateu junto com Winters, Lipton e Malarkey. Winters, Moira e eu passamos uma tarde com o barão e coronel Frederick von der Heydte em sua casa perto de Munique.

A Sra. Barbara Embree, viúva do praça David Webster, deu-me cópias das cartas que ele enviou aos pais e do volumoso manuscrito das memórias dele da 2ª Guerra Mundial. Webster era observador arguto e excelente escritor. Sua contribuição foi inestimável.

Currahee!, o álbum de recortes de jornais e revistas criado pelo tenente James Morton e publicado pelo 506° RIP em 1945, foi inestimável também. Don Malarkey me deu uma cópia dele, o que foi muito generoso da parte dele, já que se trata de obra rara. Rendezvous with Destiny, a história da 101ª, escrito por Leonard Rapport e Arthur Northwood, forneceu-me um quadro amplo da guerra, além de ilustrações, de outros detalhes, do ânimo dos combatentes e de outras coisas mais. Cito também outras fontes de informação neste livro.

Quando escrevi Pegasus Bridge, resolvi não mostrar o manuscrito ao major John Howard, o comandante da Companhia D, Regimento de Infantaria Leve Oxfordshire e Buckinghamshire, ou a qualquer outro dos 30 soldados britânicos de unidades transportadas por planadores que entrevistei. Eu tinha um prazo para colher informações que tornava isso impossível, já que eu levaria meses para mostrá-lo a todos. Foram muitas as vezes em que os veteranos contradisseram uns aos outros a respeito de pequenas questões e, muito raramente, sobre questões importantes. Nenhum deles teria aceitado o que escrevi como algo absolutamente preciso, e eu temia que, se vissem o manuscrito, eu poderia ser

alvo de intermináveis contestações com relação a quando isso ou aquilo aconteceu, ou ao que aconteceu, ou a por que aconteceu.

Achei que cabia a mim discernir da melhor forma possível o que fosse verdadeiro, que tivesse sido fruto de uma falha de memória, que tivesse sido exagerado por velhos soldados ao contar suas experiências na guerra, ou que fossem atos de heroísmo subestimados por um combatente modesto demais para gabar-se deles.

Em suma, embora a história fosse deles, o livro era meu. John Howard ficou frustrado por não ter podido sugerir alterações e correções. Desde a publicação de Pegasus Bridge, ele me convenceu de que ele estava certo e de que eu estava errado. Se eu tivesse tido tempo e permitido que John e outros fizessem correções, críticas e sugestões, este teria sido um livro mais preciso e melhor.

Assim, fiz que circulasse entre os antigos membros da Companhia E o manuscrito desta obra. Recebi, como resultado disso, muitas críticas, correções e sugestões. Winters e Lipton, principalmente, o compulsaram linha após linha.

Este é, portanto, um esforço de equipe. Não temos a pretensão de achar que esta é a história completa da companhia; algo impossível, aliás, em vista dos caprichos da memória e da inexistência de testemunhos de pessoas mortas na guerra ou que foram morrendo desde então.

Mas achamos que, por meio de verificações e de confirmações, dos telefonemas que fizemos e das correspondências que trocamos, de nossas visitas ao local das batalhas, chegamos o mais perto possível da história real da Companhia E.

Foi uma experiência inesquecível para mim. Eu tinha 10 anos de idade quando a 2ª Guerra Mundial terminou. Assim como muitos outros americanos da minha idade, sempre admirei — não, reverenciei mesmo — recrutas. Eu achava que o que eles tinham feito estava além de qualquer elogio. E ainda acho que está.

Chegar a conhecer tão bem alguns dos que serviram na mais famosa divisão de todas, a Screaming Eagles, foi um privilégio. Sinto orgulho em dizer que eles me tornaram membro honorário da companhia. E, já que sou membro honorário da Companhia D do Ox and Bucks89 também, tenho ambos os flancos protegidos.

Realmente, meu cálice transborda.

Stephen E. Ambrose Eisenhowerplatz, Bay St. Louis Outubro de 1990 - Maio de 1991

The Cabin, Dunbar, Wisconsin

Maio - Setembro de 1991

89 Forma abreviada de “2nd Battalion Oxfordshire and Buckinghamshire Light Infantry”.

(N.T.)







O coronel Robert F. Sink (topo, à esquerda),

o primeiro e único comandante do 506° RIP:

o

capitão

Herbert
Sobel
(abaixo,
à
esquerda),
o
primeiro
comandante
da
Companhia E; e o tenente Richard Winters
(abaixo), comandante de pelotão na Easy. A
companhia, formada em Toccoa, Geórgia,
em julho de 1942, foi treinada e posta em
forma por esses homens. Sink e Winters
eram durões, mas justos e respeitados;
Sobel era severo, burocrático e detestado
por todos. Apesar disso, nas palavras do
praça Rod Strohl, ditas 49 anos depois,
“Herbert Sobel fez a Companhia E”. O
rigoroso treinamento nos Estados Unidos
salvou muitas vidas nos combates

na

Europa.







Na Inglaterra, no inverno de 1943 -

1944, o treinamento foi intensificado.

Quando, em março, Eisenhower e Churchill inspecionaram a Companhia E, a tropa estava em forma e ávida por partir. No emtardecer do dia 5 de junho, a companhia seguiu marchando para os aviões de transporte C-47 no campo de aviação de Uppottery. Em seguida, embarcou para o seu primeiro salto de combate - aquele no qual “seus problemas começam depois que você aterrissa!”

Corpo de
Sinaleiros
do Exército.


A.P. CHRISTENSON

O sargento Burton Christenson, da Companhia E, fez este esboço do momento em que saltou. O tenente Winters foi o primeiro a saltar; Christenson seguiu logo atrás dele. Além do luar, os tiros e as explosões iluminavam o céu. Os pára-quedistas foram alvo do fogo inimigo dentro dos aviões, enquanto desciam e quando aterrissaram.







O praça Forrest Guth (à direita) e os praças John Eubanks e Walter Gordon (ao centro) exibem seus suvenires em 6 de junho de 1944. Embaixo: em 7 de junho, na praça de Ste.-Marie-du-Mont, os praças Guth, Frank Mellet, David Morris, Daniel West, Floyd Talbert e C. T. Smith, da Companhia E, posam com três soldados de infantaria da 4a Divisão (fileira de trás) que tinham vindo da Praia de Utah.





Carentan, onde a Easy travou a primeira grande batalha da qual saiu intacta. Vindo da esquerda, Winters seguiu à frente dos combatentes pela estrada para lançar um ataque frontal contra a posição da metralhadora alemã, num edifício à direita.

Depois de tomar Carentan, a Easy pôs-se na defensiva fora da cidade, onde rechaçou vários contra-ataques alemães. Aqui, Walter Gordon e Frank Mellet guarnecem sua metralhadora, posicionada na linha de resistência principal.







O povo de Eindhoven dá as boas-

vindas

aos

seus

libertadores,

os

membros da Companhia E e do 506°,

em 18 de setembro de 1944.

Acima: O praça David Webster em

Eindhoven.

Webster

fora

aluno

de

Literatura Inglesa em Harvard. Queria

ser escritor. Foi sensível e arguto

observador da guerra.

O capitão Winters do lado de fora do

QG do coronel Strayer na Holanda, em

outubro de 1944. Ele estava lá para

planejar

uma

ousada

operação

de

resgate de pára- quedistas britânicos do

outro lado do Reno, perto de Arnhem,

operação que foi realizada com sucesso

na noite de 22 para 23 de outubro.







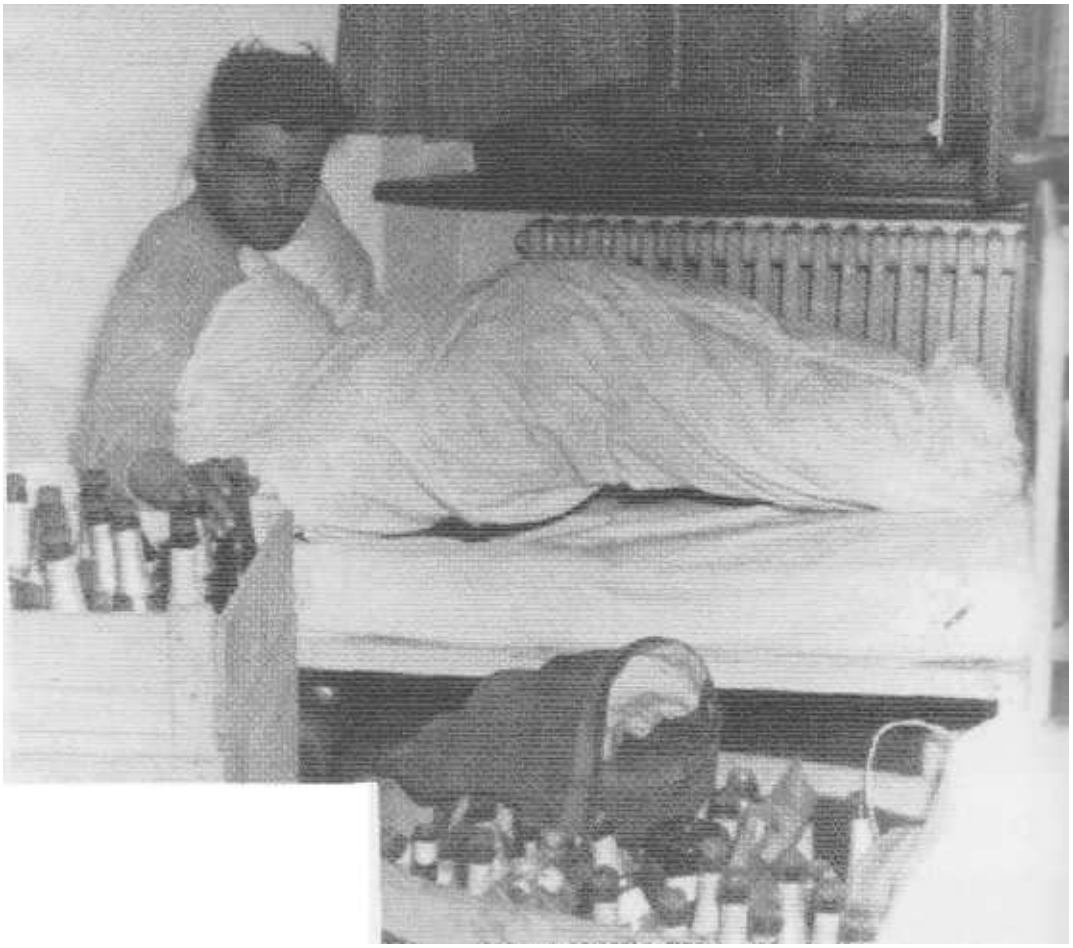
O 3o Pelotão da Companhia E embarca em carretas de 10 toneladas em Mourmelon na tarde de 18 de dezembro. Os alemães haviam rompido as fileiras americanas nas Ardenas. Com escassez de comida, munição e roupas

de inverno, a Easy ainda tinha de chegar a Bastogne antes dos alemães.

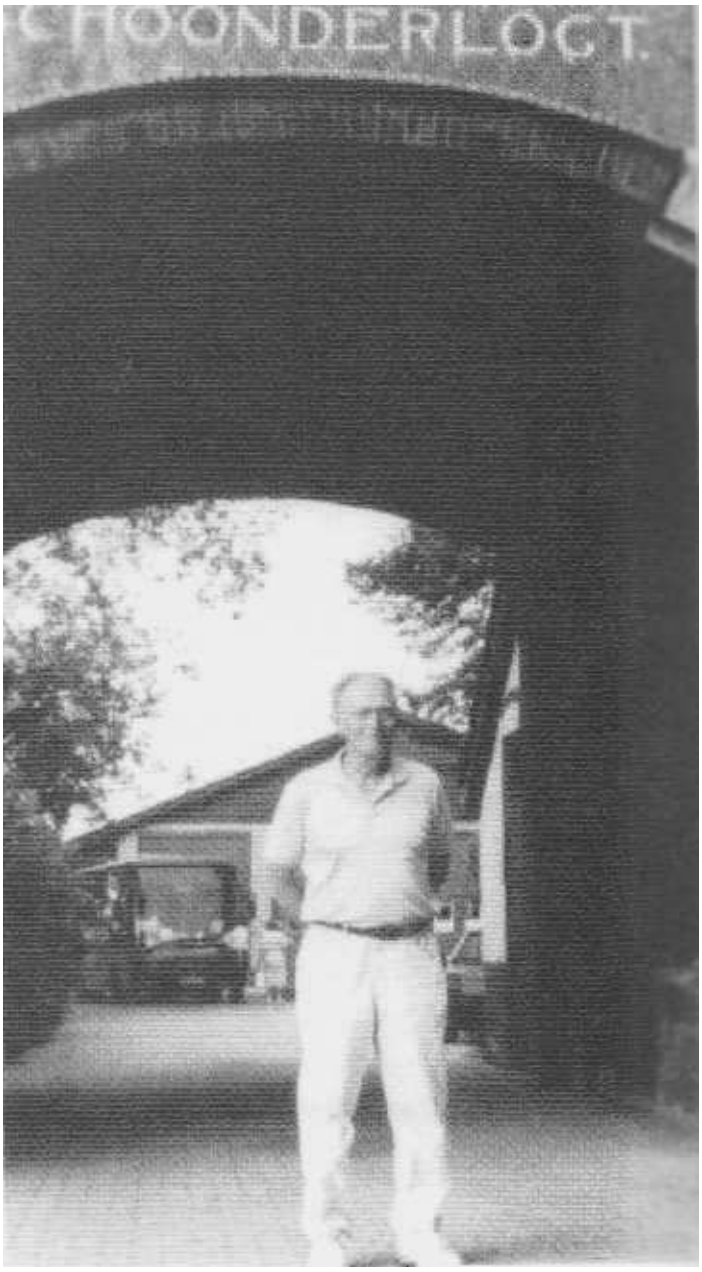
Acima: O primeiro-sargento Carwood Lipton em sua trincheira em Bastogne. A Companhia E ficou nessa posição por quase um mês, revidando tudo que as divisões das SS Panzer lançavam contra ela e suportando o frio. Mas ela acabou prevalecendo.

Em meados de janeiro, os americanos iniciaram o contra-ataque. Numa crise durante o ataque em Foy, o capitão Ronald Speirs assumiu o comando da companhia e seguiu à frente dela até o vilarejo. Ele era mais implacável do que aparenta, um comandante de companhia notável, muito respeitado por seus

homens.







O Capitão Lewis

Nixon na manhã do

Dia V-E.

O primeiro-sargento Floyd Talbert no carro oficial de

Hitler.

Antes
de
cumprir
a
ordem
de
devolvê-lo
aos
oficiais,
Talbert
fez
uma
experiência para saber se as janelas eram de
O major Winters na Holanda 47
anos depois, no mesmo portão
fato à prova de balas. Ele descobriu que elas
não resistiam a munição de perfuração de
diante
do
qual
estivera

em

blindagem. Em seguida, tirou toda a água do

outubro de 1944.

radiador. Somente então, ele o devolveu ao

estado-maior do regimento.